

BestBolso

Nova Ortografia

Ken Follett



O VOO DA ÁGUIA

História verdadeira
do ousado resgate de
dois reféns no Irã

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Nova Ortografia BestBolso

Ken Follett



O VOO DA ÁGUIA

História verídica
do ousado resgate de
dois reféns no Iraã



O Vôo da Águia

KEN FOLLETT

Tradução de

A.B. Pinheiro de Lemos

8a Edição

Editora RECORD

Rio de Janeiro • São Paulo

Título original norte-americano

ON WINGS OF EAGLES

Copyright © 1983 by Petancor B. V.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Follett, Ken, 1949-

F724v

O vôo da águia / Ken Follett; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos 8a ed. - 8a ed. - Rio de Janeiro : Record, 1998.

Título Original: On wings of eagles

Bibliografia

ISBN 85-01-02277-2

1. Ficção norte-americana. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de), 1938- . II. Título.

CDD-813

93-0052

CDU - 820(73)-3

O contrato celebrado com o autor proíbe a exportação deste livro para Portugal.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 -Tel.: 585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Personagens

Dallas

Ross Perot, presidente do Conselho de Administração da Electronic Data Systems Corporation, de Dallas, Texas.

Merv Stauffer, braço direito de Perot.

T. J. Marquez, vice-presidente da EDS.

Tom Walter, o principal homem de finanças da EDS.

Mitch Hart, ex-presidente da EDS, com boas ligações no Partido Democrata.

Tom Luce, fundador do escritório de advocacia Hughes & Hill, de Dallas.

Bill Gayden, presidente da EDS World, uma subsidiária da EDS.

Mort Meyerson, um vice-presidente da EDS.

Teerã

Paul Chiapparone, gerente local da EDS Corporation do Irã; Ruthie Chiapparone, sua mulher.

Bill Gaylord, o assistente de Paul; Emily Gaylord, sua mulher.

Lloyd Briggs, o terceiro homem de Paul.

Rich Gallagher, o assistente administrativo de Paul; Cathy Gallagher, a esposa de Rich; Buffy, o *poodle* de Cathy.

Paul Bucha, ex-gerente local da EDS Corporation do Irã e agora baseado em Paris.

Bob Young, gerente local da EDS no Kuwait.

John Howell, advogado da Hughes & Hill.

Keane Taylor, gerente do projeto do Banco Omran.

A equipe

Coronel Arthur D. "Bull" Simons, no comando.

Jay Coburn, o segundo no comando,.

Ron Davis, vanguarda.

Ralph Boulware, espingarda.

Joe Poché, motorista.

Glenn Jackson, motorista.

Pat Sculley, flanco.

Jim Schweback, flanco e explosivos.

Os iranianos

Abolhasan, substituto de Lloyd Briggs, o mais antigo empregado iraniano.

Majid, assistente de Jay Coburn; Fara, filha de Majid.

Rashid, Seyyed, o "Moto-Homem", engenheiros de sistemas estagiários.

Gholam, agente de pessoal e de compras sob as ordens de Coburn.

Hosain Dadgar, autoridade que preside o inquérito.

Na Embaixada dos Estados Unidos

William Sullivan, embaixador.

Charles Naas, ministro-conselheiro, substituto de Sullivan.

Lou Goelz, cônsul geral.

Bob Sorenson, funcionário da embaixada.

Ali Jordan, funcionário iraniano da embaixada.

Barry Rosen, adido de imprensa.

Istambul

"Sr. Fish", eficiente agente de viagens.

Ilsman, funcionário do M.I.T., a agência de informações turca.

"Charlie Brown", intérprete.

Washington

Zbigniew Brzezinski, assessor de Segurança Nacional.

Cyrus Vance, Secretário de Estado.

David Newsom, Subsecretário do Departamento de Estado.

Henry Precht, diretor da Seção Iraniana do Departamento de Estado.

Mark Ginsberg, elemento de ligação entre a Casa Branca e o Departamento de Estado.

Almirante Tom Moorer, ex-Comandante-Chefe dos Estados Maiores Conjuntos das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Prefácio

Esta é uma história verdadeira sobre um grupo de pessoas que, acusadas de crimes que não cometeram, resolveram fazer a sua própria justiça.

Quando a aventura terminou, houve uma ação judicial e eles foram absolvidos de todas as acusações. O processo não é parte da minha história, mas, como ficou definida a inocência deles, incluí detalhes sobre as conclusões dos tribunais como um apêndice a este livro.

Ao relatar a história, tomei duas pequenas liberdades com a verdade.

Diversas pessoas são mencionadas por pseudônimos ou apelidos, geralmente para protegê-las da vingança do governo do Irã.

Os nomes falsos são: Majid, Fara, Abolhasan, Sr. Fish, Deep Throat (Garganta Profunda), Rashid, o Moto-Homem, Mehdi, Malek, Gholam, Seyyed e Charlie Brown. Todos os outros nomes são verdadeiros.

Ao recordar conversas ocorridas há três ou quatro anos, as pessoas raramente se lembram das palavras exatas que foram usadas.

Além disso, as conversas da vida real, com seus gestos, interrupções e frases inacabadas muitas vezes não fazem sentido quando são escritas.

Assim, os diálogos neste livro são ao mesmo tempo reconstituídos e editados. Mas cabe ressaltar que cada conversa reconstituída foi mostrada a pelo menos um dos participantes, para correção ou aprovação.

Com essas duas restrições, creio que cada palavra do que se segue é verdadeira. Não se trata de uma "ficcionalização" ou de um

"romance de não-ficção". Não inventei coisa alguma. O que você está prestes a ler é o que realmente aconteceu.

UM

1

Eu vos levei nas asas das águias e vos trouxe para mim.

Êxodo, 19:4.

Tudo começou no dia 5 de dezembro de 1978.

Jay Coburn, diretor de pessoal da EDS Corporation do Irã, estava sentado em sua sala, na parte alta de Teerã, com muitos problemas a preocupá-lo.

A sala ficava num prédio de concreto de três andares, conhecido como Bucareste (porque ficava numa viela que começava na Rua Bucareste). A sala de Coburn era no segundo andar, bastante grande, pelos padrões americanos. O assoalho era de parquet, a escrivaninha de madeira era elegante e havia um retrato do Xá na parede. Jay estava sentado de costas para a janela. Através da porta de vidro, podia observar os seus funcionários, ocupados em máquinas de escrever e telefones. A porta de vidro tinha cortinas, mas Coburn nunca as fechava.

Estava frio. Estava sempre frio: milhares de iranianos estavam em greve, o abastecimento de energia elétrica à cidade era intermitente e o aquecimento ficava desligado por muitas horas, na maioria dos dias.

Coburn era um homem alto, de ombros largos, com quase 1,80m de altura, pesando 90 quilos. Os cabelos castanho-avermelhados eram cortados bem curtos, ao estilo dos homens de negócio, meticulosamente penteados, repartidos. Embora ele tivesse apenas

32 anos, parecia ter quase 40. Num exame mais atento, a juventude ficava evidente no rosto franco e atraente, no sorriso fácil. Mas ele

dava a impressão de uma maturidade precoce, a aparência de um homem que crescera muito depressa.

Arcara com responsabilidades por toda a sua vida: quando menino, trabalhando na loja de flores do pai; aos 20 anos, como piloto de helicóptero no Vietnam; como um jovem marido e pai; e agora como diretor de pessoal, tendo em suas mãos a segurança dos 131

funcionários americanos e seus 220 dependentes numa cidade em que a violência da multidão dominava as ruas.

Naquele dia, como em todos os outros, ele estava telefonando para todos os pontos de Teerã, tentando descobrir onde se estava lutando no momento, onde a luta irromperia em seguida e quais seriam as perspectivas para os próximos dias.

Ele ligava para a embaixada dos Estados Unidos pelo menos uma vez por dia. A embaixada tinha um centro de informações que funcionava 24 horas por dia. Americanos ligavam de áreas diferentes da cidade para comunicar manifestações e distúrbios, a embaixada espalhava a notícia de que este ou aquele bairro da capital devia ser evitado. Mas Coburn constatava que a embaixada era quase inútil em termos de informações e conselhos antecipados. Nas reuniões semanais de análise da situação, a que comparecia fielmente, ele era sempre informado de que os americanos deveriam se manter em casa ao máximo possível e evitar as multidões a qualquer custo, mas que o Xá continuava no controle e que a evacuação ainda não era recomendada. Coburn podia compreender o problema deles: se a embaixada dos Estados Unidos declarasse que o Xá estava em perigo, então ele inevitavelmente cairia. Mas eles eram tão cautelosos que mal forneciam qualquer informação.

Desiludida com a embaixada, a comunidade financeira americana em Teerã montara a sua própria rede de informações. A maior corporação americana na cidade era a Bell Helicopter, cuja operação no Irã era dirigida por um general reformado, Robert N.

Mackinnon. Ele contava com um serviço de informações de primeira classe e partilhava tudo o que descobria. Coburn conhecia também alguns agentes militares de informações dos Estados Unidos e também os procurava.

Naquele dia, a cidade estava relativamente tranqüila. Não havia maiores manifestações. O último distúrbio de proporções mais amplas ocorrera três dias antes, a 2 de dezembro, o primeiro dia da greve geral, quando 700 pessoas haviam morrido em conflitos nas ruas, segundo as melhores informações. Segundo as fontes de Coburn, podia-se esperar que a trégua se prolongasse até 10 de dezembro, o dia sagrado muçulmano de Ashura.

Coburn estava preocupado com o Ashura. O feriado muçulmano de inverno não tinha qualquer semelhança com o Natal. Era um dia de jejum e lamentação pela morte de Husayn, neto do Profeta, e sua tônica era o remorso. Havia gigantescas procissões pelas ruas, durante as quais os crentes mais devotos iriam se açoitar. Num clima assim, a histeria e a violência poderiam irromper bem depressa.

E Coburn temia que naquele ano a violência pudesse ser dirigida contra os americanos.

Uma sucessão de incidentes desagradáveis convencera-o de que o sentimento antiamericano estava crescendo rapidamente. Um cartão fora empurrado por baixo de sua porta, dizendo: "Se preza a sua vida e os seus bens, saia do Irã." Amigos seus haviam recebido cartões similares. Desconhecidos haviam pintado com lata de spray no muro de sua casa: "Americanos vivem aqui." O ônibus que levava seus filhos para a Escola Americana de Teerã fora apedrejado por uma multidão de manifestantes. Outros funcionários da EDS haviam sido insultados nas ruas e seus carros danificados. Numa tarde terrível, os iranianos do Ministério da Saúde e Bem-Estar Social, o maior cliente da EDS, haviam-se revoltado, quebrando janelas e incendiando retratos do Xá. Os executivos da EDS no prédio haviam-se barricado numa sala, até que a turba fosse embora.

Sob certos aspectos, a mudança mais sinistra era na atitude do senhorio de Coburn.

Como a maioria dos americanos em Teerã, Coburn alugara a metade de uma casa para duas famílias: ele, a mulher e os filhos viviam no segundo andar, a família do senhorio ocupava o térreo.

Quando os Coburns chegaram à cidade, em março daquele ano, o senhorio os tomara sob a sua proteção. As duas famílias se tornaram amigas. Coburn e o senhorio conversavam muito sobre religião. O

senhorio dera a ele uma tradução inglesa do Corão. A filha do senhorio lia para o pai trechos da Bíblia de Coburn. Saíam juntos, nos fins de semana, em excursões pelos campos. Scott, o filho de sete anos de Coburn, jogava futebol na rua com os filhos do senhorio. Num fim de semana, os Coburns tiveram o raro privilégio de comparecer a um casamento muçulmano. Fora fascinante. Homens e mulheres ficaram separados durante o dia inteiro. Coburn e Scott ficaram com os homens, enquanto sua esposa Liz e as três filhas permaneciam com as mulheres. Coburn não chegara a ver a noiva.

Depois do verão, no entanto, a situação fora se alterando gradativamente. Os filhos do senhorio foram proibidos de brincar com Scott na rua. Todo o contato entre as duas famílias acabou cessando, mesmo nos confins da casa e do pátio. As crianças iranianas eram bruscamente censuradas pelo simples fato de dirigirem a palavra à família de Coburn.

O senhorio não começara a odiar subitamente os americanos.

Demonstrara, uma noite, que ainda gostava dos Coburns. Houvera um tiroteio na rua. Um dos filhos dele ainda estava na rua depois do toque de recolher e os soldados dispararam contra o rapaz, enquanto ele corria para casa e entrava esbaforido no pátio. Coburn e Liz, observando tudo de sua varanda no segundo andar, ficaram apavorados. O senhorio subira para informá-los do que acontecera e

garantir que estava tudo bem, tranquilizando-os. Mas ficara evidente que, pela Segurança de sua família, não podia permitir que os vizinhos pensassem que mantinha relações amistosas com os americanos. Ele já sabia para que lado vento estava soprando. Para Coburn, era outro mau Presságio.

Coburn estava agora ouvindo rumores de que se falava nas mesquitas e bazares de uma guerra santa contra os americanos, a começar no Ashura. Faltavam apenas cinco dias, mas os americanos em Teerã mantinham-se surpreendentemente calmos.

Coburn recordou quando o toque de recolher fora introduzido.

Nem mesmo interferira com o jogo de pôquer mensal da EDS. Ele e seus companheiros passaram simplesmente a levar esposas e filhos, convertendo a ocasião numa festa e todos ficando até de manhã.

Haviam-se acostumado ao som dos tiros. Os combates mais intensos eram travados no setor sul, o mais antigo da cidade, onde ficava o bazar, e na área da universidade. Mas todos ouviam tiros de vez em quando. Depois das primeiras vezes, no entanto, todos passaram a se mostrar estranhamente indiferentes. Quem estivesse falando fazia uma pausa e depois continuava, quando cessava o tiroteio, como podia acontecer nos Estados Unidos, ao passar um jato. Era como se não pudessem imaginar que os tiros talvez visassem a eles.

Coburn não era indiferente aos tiroteios. Já fora muitas vezes o alvo de disparos. No Vietnam, pilotara helicópteros armados, em missões de apoio a operações em terra, assim como aparelhos de transporte de tropas e suprimentos, pousando e decolando em campos de batalha. Matara pessoas e vira homens morrerem. Naquele tempo, o exército concedia uma Medalha do Ar para cada 25 horas de vôo em missões de combate. Coburn voltara aos Estados Unidos com 39

dessas medalhas. Também ganhara duas Cruzes do Mérito Aéreo e uma Estrela de Prata, além de uma bala na perna, a parte mais vulnerável de um piloto de helicóptero. Durante aquele ano,

aprendera que podia sair-se muito bem em ação, quando havia muito o que fazer e não se dispunha de tempo para sentir medo. Mas cada vez que voltava de uma missão, quando estava tudo acabado e podia pensar no que fizera, seus joelhos invariavelmente tremiam.

Estranhamente,

ele

sentia-se

grato

pela

experiência.

Amadurecera depressa e isso lhe proporcionara uma vantagem sobre os seus contemporâneos na vida profissional. E também lhe proporcionara um respeito profundo pelo som de tiros.

A maioria dos seus companheiros, porém, não se sentia assim.

Nem as esposas. Sempre que se falava em evacuação, todos resistiam à idéia. Tinham tempo, trabalho e orgulho investidos na EDS

Corporation do Irã e não queriam afastar-se. As esposas haviam convertido os apartamentos alugados em lares autênticos e faziam planos para o Natal. As crianças tinham suas escolas, amigos, bicicletas e animais de estimação. Todos se diziam que a crise haveria de passar, se ficassem quietos e esperassem.

Coburn tentara convencer Liz a levar as crianças de volta aos Estados Unidos, não apenas pela segurança delas, mas também porque poderia chegar o momento em que ele teria de evacuar 350

peças ao mesmo tempo e precisaria se concentrar totalmente no problema, sem se preocupar com sua própria família. Mas Liz se recusara a partir.

Ele suspirou ao pensar em Liz. Ela era alegre e exuberante, todos gostavam de sua companhia. Mas não era uma boa esposa de executivo. A EDS exigia muito de seus executivos: se era preciso trabalhar a noite inteira para se concluir um trabalho, então se trabalhava durante a noite inteira. Liz ficava ressentida com isso. Nos Estados Unidos, começando na corporação, Coburn muitas vezes ficava longe de casa de segunda a sexta-feira, viajando por todo o país. Ela detestava essa situação. Sentia-se feliz em Teerã, porque ele voltava para casa todas as noites. Se ele ia ficar ali, declarara Liz, ela também ficaria. As crianças também gostavam de Teerã. Era a primeira vez que viviam fora dos Estados Unidos, sentiam-se fascinadas pela língua e cultura diferentes do Irã. Kim, a mais velha, com 11 anos, era confiante demais para ficar preocupada. Kristi, de oito anos, mostrava-se um tanto nervosa, mas era também a mais emotiva, sempre propensa a reagir de forma exagerada. Tanto Scott, de sete anos, como Kelly, a caçula, com quatro anos, eram pequenos demais para perceberem o perigo.

E assim eles ficaram, como todos os demais, esperando que a situação melhorasse... ou piorasse.

Os pensamentos de Coburn foram interrompidos por uma batida na porta. Majid entrou na sala. Era baixo e atarracado, em torno dos 50 anos, com um imenso bigode. Já fora rico. Sua tribo possuía extensas propriedades, mas perdera tudo na reforma agrária da década de 60. Trabalhava agora para Coburn como assistente administrativo, lidando com a burocracia iraniana. Falava inglês fluentemente, era hábil e atilado. Coburn gostava muito dele. Majid se empenhara ao máximo para ser prestativo, quando a família de Coburn chegara ao Irã.

— Sente-se — disse Coburn. — O que deseja?

— Queria falar sobre Fara.

Coburn assentiu. Fara era a filha de Majid e trabalhava com o pai. Sua função era providenciar para que todos os funcionários americanos sempre tivessem vistos e permissões para trabalhar atualizados.

— Algum problema?

— A polícia pediu a ela que tirasse dois passaportes americanos de nossos arquivos sem dizer a ninguém.

Coburn franziu o rosto.

— Passaportes específicos?

— Os de Paul Chiapparone e Bill Gaylord.

Paul era o superior de Coburn, o diretor da EDS no Irã. Bill era o segundo homem no comando, o responsável pelo maior projeto, o contrato com o Ministério da Saúde.

— Mas o que está acontecendo afinal?

— Fara corre grande perigo. Recebeu instruções para não contar a ninguém. Veio pedir-me conselho. E é claro que eu não podia deixar de contar a você. Mas receio que a situação dela seja terrível.

— Espere um instante. Quero saber de tudo. Como aconteceu?

— Ela recebeu esta manhã um telefonema da seção americana do serviço de permissão de residência da polícia. Pediram-lhe que fosse até lá, informando que desejavam falar sobre James Nyfeler.

Fara pensou que fosse uma questão de rotina. Ela chegou lá às 11:30 e foi levada ao chefe da seção americana. Ele perguntou primeiro pelo passaporte e permissão de residência do Sr. Nyfeler. Fara disse que o Sr. Nyfeler não está mais no Irã. Ele perguntou

então sobre Paul Bucha. Ela respondeu que o Sr. Bucha também não se encontra mais no país.

— Ela disse isso?

— Disse.

Bucha estava no Irã, mas Fara não poderia saber disso, pensou Coburn. Bucha fora um residente em Teerã, deixara o país e voltara para uma breve estada. Deveria voar de volta a Paris no dia seguinte.

Majid continuou:

— O homem perguntou então: “Os outros dois também já foram embora?” Fara percebeu que havia quatro fichas na mesa dele e perguntou quem eram os outros dois. Ele disse que eram o Sr.

Chiapparone e o Sr. Gaylord. Ela disse que pegara a permissão de residência do Sr. Gaylord naquela manhã mesmo. O homem mandou que ela pegasse os passaportes e permissões de residência do Sr.

Chiapparone e do Sr. Gaylord e os entregasse. Deveria fazê-lo discretamente, sem causar alarme.

— E o que ela disse?

— Fara respondeu que não poderia levar os documentos hoje.

Ele determinou então que ela entregasse tudo amanhã de manhã. E disse que ela passava a ser responsável pela missão, providenciando testemunhas para as suas instruções.

— Isso não faz sentido.

— Se souberem que Fara desobedeceu...

— Pensaremos num meio de protegê-la.

Coburn estava pensando se os americanos estavam obrigados a entregar seus passaportes a pedido das autoridades. Ele o fizera recentemente, depois de um pequeno acidente automobilístico, mas fora depois informado de que não teria de fazê-lo.

— Eles não disseram para que estão querendo os passaportes?

— Não.

Bucha e Nyfeler eram os antecessores de Chiapparone e Gaylord. Isso seria uma pista? Coburn não sabia. Ele levantou-se e acrescentou:

— A primeira decisão que temos de tomar é o que Fara vai dizer à polícia amanhã de manhã. Vou conversar com Paul Chiapparone e depois chamarei você.

Paul Chiapparone estava sentado em sua sala no andar térreo do prédio. O assoalho também era de parquet, a escrivaninha de executivo, havia um retrato do Xá na parede e muitas preocupações em sua mente.

Paul estava com 39 anos, de estatura mediana e um pouco gordo, principalmente porque gostava de boa comida. Com a pele azeitonada e os cabelos pretos abundantes, parecia muito italiano. Sua missão era construir um sistema de previdência social completo e moderno num país primitivo. Não era fácil.

No início dos anos 70 Irã possuía um sistema de previdência social rudimentar, ineficiente na coleta de contribuições e tão fácil de fraudar que um homem podia receber diversos benefícios pela mesma doença. Quando o Xá resolveu gastar uma parte dos 20 bilhões de dólares que recebia anualmente da receita do petróleo para criar um estado de previdência social, a EDS obtivera o contrato. A EDS

dirigia diversos programas de assistência social e médica em estados americanos. No Irã, porém, eles tiveram de começar do nada.

Precisaram emitir um cartão de previdência social para cada um dos 32 milhões de habitantes do país, organizar os descontos em folha de pagamento para que os assalariados pagassem suas contribuições, processar os pedidos de benefícios. Todo o sistema seria controlado por computadores, a especialidade da EDS.

A diferença entre instalar um sistema de processamento de dados nos Estados Unidos e fazer a mesma coisa no Irã era, na opinião de Paul, como a diferença entre fazer um bolo de uma mistura pronta e fazer um bolo à maneira antiquada, com todos os ingredientes originais. A frustração era freqüente. Os iranianos não assumiam a atitude dos executivos americanos de que era sempre possível fazer tudo, pareciam estar sempre criando problemas, ao invés de resolvê-

los. Na matriz da EDS, em Dallas, Texas, não apenas se esperava que as pessoas fizessem o impossível, mas também se contava que tudo seria feito ontem. No Irã, porém, tudo era impossível e de qualquer forma tinha de ficar para *fardah* o que geralmente se traduzia para

“amanhã”, mas na prática significava “algum tempo no futuro”.

Paul enfrentara os problemas pela única maneira que conhecia: através do trabalho árduo e determinação. Não era um gênio intelectual. Quando menino, achava os deveres escolares muito difíceis, mas o pai italiano, com a fé característica dos imigrantes na instrução, pressionara-o a estudar e ele acabara obtendo boas notas. A persistência pura e simples sempre o servira muito bem desde então.

Podia lembrar-se dos primeiros tempos da EDS nos Estados Unidos, nos anos 60, quando cada novo contrato podia projetar ou liquidar a companhia. Ele ajudara a transformá-la numa das corporações mais dinâmicas e bem-sucedidas do mundo. Tinha certeza de que a

operação iraniana transcorreria da mesma forma, particularmente quando o programa de recrutamento e treinamento de Jay Coburn começasse a produzir mais iranianos em condições de ocupar altos postos na administração.

Ele errara totalmente e estava agora começando a compreender os motivos.

Quando ele e a família chegaram ao Irã, em agosto de 1977, o *boom* do petrodólar já terminara. O governo estava ficando sem dinheiro. Naquele ano, um programa antiinflacionário aumentara o desemprego, ao mesmo tempo em que uma colheita péssima levava mais camponeses famintos às cidades. O governo tirânico do Xá fora enfraquecido pelas políticas de direitos humanos do presidente americano Jimmy Carter. A ocasião era propícia para a agitação política.

Por algum tempo, Paul não se preocupara muito com a política local. Sabia que havia rumores de descontentamento, mas isso acontecia praticamente em todos os países do mundo. O Xá parecia segurar as rédeas do poder tão firmemente quanto qualquer outro soberano. Como o resto do mundo, Paul não percebeu o significado dos acontecimentos na primeira metade de 1978.

A 7 de janeiro, o jornal *Etelaat* publicou um violento ataque contra um sacerdote exilado, o Aiatolá Khomeini, alegando, entre outras coisas, que ele era homossexual. No dia seguinte, a 130

quilômetros de Teerã, na pequena cidade de Qom, o principal centro de instrução religiosa do país, os estudantes de teologia, indignados, promoveram uma manifestação de protesto, todos se sentando na rua para interromper o tráfego. A polícia e o exército acabaram com a manifestação, de forma sangrenta. A confrontação teve uma escalada e 70 pessoas foram mortas em mais dois dias de distúrbios. O clero organizou uma procissão memorial para os mortos 40 dias depois, de acordo com a tradição islâmica. Houve mais violência

durante a procissão e os mortos foram lembrados em outra procissão 40 dias depois... As procissões continuaram e foram-se tornando cada vez maiores e mais violentas, ao longo dos seis primeiros meses do ano.

Só posteriormente é que Paul compreendera que chamar aquelas marchas de "procissões fúnebres" fora um meio de contornar a proibição do Xá à realização de manifestações políticas. Mas, na ocasião, ele não tinha a menor idéia de que um movimento político maciço estava em progresso. Ninguém tinha.

Paul regressara aos Estados Unidos, de licença, em agosto daquele ano. (O mesmo acontecera com William Sullivan, o embaixador dos Estados Unidos no Irã.) Paul adorava todos os esportes aquáticos e fora participar de um torneio de pesca em Ocean City, Nova Jersey, com seu primo Joe Porreca. A mulher Ruthie e as filhas, Karen e Ann Marie, foram para Chicago, numa visita aos pais de Ruthie. Paul estava um pouco preocupado porque o Ministério da Saúde ainda não pagara a conta da EDS do mês de junho. Mas não era a primeira vez que eles atrasavam um pagamento e Paul deixara o problema aos cuidados do seu substituto, Bill Gaylord. Estava convencido de que Bill daria um jeito de receber o dinheiro.

Enquanto ele estava nos Estados Unidos, as notícias do Irã foram ficando cada vez piores. A lei marcial fora decretada a 7 de setembro e no dia seguinte mais de uma centena de pessoas foram mortas por soldados, durante uma manifestação na Praça Jaleh, no centro de Teerã.

Quando a família Chiapparone voltou ao Irã, o próprio ar parecia diferente. Pela primeira vez, Paul e Ruthie podiam ouvir tiros nas ruas à noite. Ficaram alarmados. Compreenderam subitamente que os problemas dos iranianos também representavam problemas para eles. O fornecimento de eletricidade era interrompido a todo instante e por isso eles jantavam à luz de velas. Paul ficava de sobretudo no escritório, a fim de se manter aquecido. Era cada vez mais difícil

sacar dinheiro nos bancos e por isso Paul iniciara um serviço de desconto de cheques no escritório para os empregados. Quando o óleo para o aquecimento em sua casa estava quase acabando, Paul tinha de andar pelas ruas até encontrar um caminhão de entrega, subornando o motorista para ir até sua casa.

Os problemas profissionais se agravaram. O Ministro da Saúde e Bem-Estar Social, Dr. Sheikholeslamizadeh, fora preso pelo Artigo 5

da lei marcial, que permitia a um promotor encarcerar qualquer pessoa sem apresentar um motivo expresso. Também na cadeia estava o Vice Ministro Reza Neghabat, com quem Paul trabalhara em estreito contato. O ministério ainda não pagara a conta de junho, ou qualquer outra desde então, e agora devia mais de quatro milhões de dólares à EDS.

Paul tentara arrancar o dinheiro por dois meses. Todas as pessoas com quem tratara anteriormente haviam sido afastadas. Os substitutos não respondiam a seus telefonemas. Às vezes alguém prometia estudar o problema e ligar em seguida. Depois de esperar por uma semana pela ligação que nunca vinha, Paul tornava a telefonar, sendo informado de que a pessoa com quem falara na semana anterior já deixara o ministério. As reuniões eram marcadas e logo depois canceladas. A dívida se elevava na base de um milhão e 400 mil dólares por ano.

A 14 de novembro, Paul escrevera para o Dr. Heidargholi Emrani, Vice-Ministro encarregado da Organização da Previdência Social, apresentando uma comunicação formal de que a EDS

suspenderia a prestação de serviços se o Ministério não pagasse dentro de um mês. A ameaça fora repetida a 4 de dezembro pelo superior de Paul, o presidente da EDS World, num encontro pessoal com o Dr.

Emrani. Isso fora no dia anterior.

Se a EDS suspendesse os seus serviços, todo o sistema iraniano de previdência social sofreria um colapso. E tornava-se cada vez mais evidente que o país estava falido e simplesmente não podia pagar suas contas. O que faria o Dr. Emrani agora?, pensava Paul.

Ele ainda estava pensando nisso quando Jay Coburn entrou na sala.

A princípio, no entanto, não ocorreu a Paul que a tentativa de confiscar seu passaporte pudesse ter como objetivo mantê-lo e à EDS

no Irã. E ele disse, depois que Coburn lhe expôs os fatos:

— Mas que diabo eles estão querendo?

— Não sei. Majid também não sabe e Fara muito menos.

Paul fitou-o atentamente. Os dois haviam-se tornado íntimos durante o último mês. Para o resto dos funcionários, Paul exibia uma atitude animadora, mas com Coburn podia ficar à porta e dizer:

“Muito bem, o que você realmente pensa?” Coburn disse:

— A primeira questão é simples: o que vamos fazer com Fara?

Ela pode estar metida numa encrenca terrível.

— Ela precisa dar alguma resposta.

— Uma demonstração de cooperação?

— Ela pode voltar e dizer que Nyfeler e Bucha não são mais residentes...

— Ela já disse isso.

— Pode levar os vistos de saída deles como prova.

— E possível — disse Coburn, hesitante. — Mas eles estão realmente interessados em você e Bill.

— Ela pode dizer que os passaportes não estão guardados no escritório.

— Talvez eles saibam que isso não é verdade. É possível até que Fara já tenha-lhes levado alguns passaportes no passado.

— Ela pode dizer que os executivos mais graduados não guardam seus passaportes no escritório.

— É possível que eles acreditem.

— Serve qualquer história convincente para provar que Fara foi fisicamente incapaz de obter o que lhe pediram.

— Está certo. Vou conversar a respeito com ela e Majid. —

Coburn pensou por um momento. — Bucha tem uma reserva num vôo que parte amanhã. Ele pode ir embora.

— É o que provavelmente vai acontecer. De qualquer forma, eles pensam que Bucha não está mais aqui.

— Você poderia ir embora também.

Foi a vez de Paul pensar por um momento. Talvez ele devesse partir agora. E o que fariam os iranianos se isso acontecesse?

Poderiam tentar deter outra pessoa.

— Não é possível. Se vamos embora, deverei ser o último a ir embora.

— E vamos embora?

— Não sei.

Todos os dias, há semanas, que eles vinham-se fazendo a mesma pergunta. Coburn elaborara um plano de evacuação que poderia ser acionado instantaneamente. Paul ainda estava hesitante, com o dedo pairando acima do botão. Sabia que o presidente da companhia, em Dallas, queria que ele determinasse a evacuação — mas isso significaria abandonar o projeto em que trabalhara com tanto afinco nos últimos 16 meses.

— Não sei — repetiu ele. — Vou entrar em contato com Dallas.

Naquela noite, Coburn estava em casa, na cama com Liz, profundamente adormecido, quando o telefone tocou. Ele pegou o fone no escuro.

— Alô?

— Aqui é Paul.

— O que foi?

Coburn acendeu a luz e olhou para o relógio de pulso. Eram duas horas da madrugada.

— Vamos evacuar.

— Está certo.

Coburn repôs o fone no gancho e sentou-se na beira da cama. De certa forma, era um alívio. Haveria dois ou três dias de atividade frenética, mas depois ele saberia que as pessoas por cuja segurança há tanto se preocupava já estavam de volta aos Estados Unidos, fora do alcance daqueles iranianos fanáticos.

Ele repassou mentalmente os planos que fizera para aquele momento. Em primeiro lugar, tinha de informar a 130 famílias que deixariam o país nas próximas 48 horas. Dividira a cidade em setores, com um líder de equipe para cada setor. Ligaria para os

líderes e eles se encarregariam de entrar em contato com as famílias. Preparara instruções para os evacuados, explicando para onde deveriam ir e o que fazer. Precisava apenas preencher os espaços em branco com datas, horários e números de vôos, depois copiar as instruções e distribuí-las.

Designara um dinâmico e imaginativo jovem engenheiro de sistemas iraniano, Rashid, para cuidar das casas, carros e animais de estimação que os americanos em fuga deixariam para trás, despachando os seus bens posteriormente para os Estados Unidos.

Designara também um pequeno grupo logístico para cuidar das passagens de avião e do transporte para o aeroporto.

E, finalmente, promovera um ensaio em pequena escala da evacuação, com algumas pessoas. Tudo funcionara perfeitamente.

Coburn vestiu-se e fez um café. Não havia nada que pudesse fazer pelas próximas duas horas, mas ele estava ansioso e impaciente demais para dormir.

Às quatro horas da madrugada telefonou para a meia dúzia de membros do grupo logístico, acordando-os e dizendo que fossem se encontrar com ele no escritório de "Bucaresta" logo depois que fosse suspenso o toque de recolher.

O toque de recolher começava às nove horas da noite e terminava às cinco horas da manhã seguinte. Coburn ficou sentado durante uma hora, à espera, fumando e bebendo muito café, enquanto repassava suas anotações.

Quando o relógio de cuco no vestíbulo assinalou cinco horas ele já estava na porta da frente, pronto para sair.

Havia um denso nevoeiro lá fora. Coburn entrou em seu carro e seguiu para o Bucaresta, arrastando-se a uma velocidade que não passava dos 25 quilômetros horários.

A três quarteirões de sua casa, meia dúzia de soldados emergiram subitamente do nevoeiro e formaram um semicírculo diante do carro, apontando os rifles para o pára-brisa.

— Mas que merda! — murmurou Coburn.

Um dos soldados ainda estava carregando sua arma. Tentava pôr o pente por trás, mas não conseguia ajustá-lo direito. Deixou-o cair e no mesmo instante se ajoelhou, tateando com a mão à procura. Coburn teria rido se não estivesse tão assustado. Um oficial gritou para Coburn em farsi. Coburn baixou a janela, mostrou o relógio de pulso para o oficial e disse:

— Já passa de cinco horas.

Os soldados fizeram uma conferência. O oficial tornou a se aproximar do carro e pediu a identidade de Coburn.

Coburn ficou esperando, ansiosamente. Seria o pior dia possível para ser preso. Será que o oficial acreditaria que o relógio de Coburn estava certo, enquanto o dele estava errado?

Os soldados finalmente saíram da frente do carro e o oficial acenou para que Coburn continuasse.

Coburn deixou escapar um suspiro de alívio e foi seguindo em frente lentamente.

O Irã era assim mesmo.

2

O grupo logístico de Coburn pôs-se a trabalhar nas reservas nos aviões, fretando ônibus para levar as pessoas ao aeroporto e tirando fotocópias das instruções. Às 10 horas da manhã, Coburn reuniu os líderes de equipe no Bucarest e mandou que começassem a telefonar para os evacuados.

Ele conseguira reservas para a maioria num vôo da Pan Am que partia para Istambul na sexta-feira, 8 de dezembro. Os demais, inclusive Liz Coburn e os quatro filhos, deixariam o Irã num vôo da Lufthansa para Frankfurt, naquele mesmo dia.

Assim que as reservas fossem confirmadas, dois altos executivos da matriz da EDS, Merv Stauffer e T. J. Marquez, partiriam de Dallas para Istambul, a fim de receber os evacuados, conduzi-los para hotéis e organizar a próxima etapa da volta aos Estados Unidos.

Durante o dia, houve uma pequena mudança nos planos. Paul ainda relutava em abandonar o seu trabalho no Irã. Propunha que um grupo de 10 funcionários mais graduados permanecesse em Teerã, a fim de manter o escritório em funcionamento, na esperança de que a situação se acalmasse e a EDS pudesse retomar seu trabalho normal mente. Dallas acabou concordando. Entre os que se ofereceram como voluntários para ficar estavam o próprio Paul, seu segundo homem Bill Gaylord, Jay Coburn e a maioria dos membros do grupo logístico de Coburn. Duas pessoas que ficariam em Teerã contra a vontade eram Cari e Vicki Commons. Vicki estava grávida de nove meses e só iria embora depois que o bebê nascesse.

Na manhã de sexta-feira, a equipe de Coburn, os bolsos cheios de notas de 10.000 riais (cerca de 140 dólares) para subornos, ocupou virtualmente uma parte do aeroporto de Mehrabad, no setor oeste de Teerã. Coburn tinha homens cuidando das passagens no balcão da Pan Am, no controle de passaportes, no saião de partida e no

despacho das bagagens. O vôo estava lotado e os subornos garantiram que ninguém da EDS tivesse a sua reserva cancelada.

Houve dois momentos especialmente tensos. Uma esposa da EDS, com um passaporte australiano, não conseguira obter um visto de saída, porque os funcionários do governo iraniano responsáveis por esse serviço estavam em greve. (O marido e os filhos tinham passaportes americanos e assim não precisavam de vistos de saída.) Ao chegar ao controle de passaportes, o marido entregou o seu e os dos filhos numa pilha com mais seis ou sete outros passaportes.

Enquanto o guarda tentava separá-los, as pessoas da EDS que estavam por trás na fila começaram a empurrar todos para a frente, causando um tumulto. Alguns dos homens da Coburn concentraram-se em torno do guarda, fazendo perguntas em voz alta e simulando estarem furiosos com a demora. Na confusão, a mulher com o passaporte australiano passou pelo salão de partida sem ser detida.

Outra família da EDS adotara um bebê iraniano e ainda não conseguira obter um passaporte para a criança. Com apenas uns poucos meses de idade, o bebê estava profundamente adormecido, de rosto virado para baixo, no colo da mãe. Outra esposa da EDS, Kathy Marketos, de quem se dizia que era capaz de tentar qualquer coisa pelo menos uma vez, ajeitou o bebê adormecido em seu braço, cobriu-o com uma capa e assim levou-o para o avião.

Contudo, passaram-se algumas horas antes que alguém embarcasse num dos aviões. Os dois vôos estavam atrasados. Não havia comida para se comprar no aeroporto e os evacuados estavam famintos. Assim, pouco antes do toque de recolher, alguns homens da equipe de Coburn saíram pela cidade, comprando qualquer coisa comestível que puderam encontrar. Adquiriram todo o estoque de diversas barracas de esquina, que vendiam doces, frutas e cigarros.

Compraram também todo o estoque de pão de um restaurante. De volta ao aeroporto, distribuindo a comida entre o pessoal da EDS no

salão de embarque, foram quase linchados por outros passageiros famintos, esperando pelos mesmos vôos. Na volta ao centro, dois deles foram apanhados e presos, por estarem na rua depois do toque de recolher. Mas o soldado que os deteve foi distraído por outro carro, que tentava escapar. Os homens da EDS se afastaram, enquanto o soldado atirava para o outro lado.

O vôo de Istambul partiu pouco depois da meia-noite. O vôo de Frankfurt decolou no dia seguinte, com 31 horas de atraso.

Coburn e a maioria da equipe passaram a noite no Bucareste.

Não tinha ninguém a esperá-los em casa.

Enquanto Coburn providenciava a evacuação, Paul ficara tentando descobrir quem queria confiscar seu passaporte e por que motivo.

Seu assistente administrativo, Rich Gallagher, era um jovem americano que possuía uma habilidade toda especial para lidar com a burocracia iraniana. Gallagher era um dos homens que se haviam oferecido como voluntários para permanecer em Teerã. Sua esposa, Cathy, também ficara. Ela tinha um bom emprego com a missão militar dos Estados Unidos em Teerã. Os Gallaghers não queriam ir embora. Além do mais, não tinham filhos com que se preocupar... mas apenas um *poodle* chamado *Buffy*.

No dia em que Fara deveria levar os passaportes à polícia iraniana, 5 de dezembro, Gallagher visitou a embaixada dos Estados Unidos com uma das pessoas cujos passaportes haviam sido pedidos: Paul Bucha, que não mais trabalhava no Irã, mas que por acaso estava em visita à cidade.

26

Reuniram-se com Lou Goelz, o cônsul-geral. Um cônsul experiente, na casa dos 50 anos, Goelz era um homem corpulento e calvo, apenas com uma orla de cabelos brancos. Daria um bom Papai Noel.

Ali Jordan, um membro iraniano da equipe consular, estava junto com Goelz.

Goelz aconselhou Bucha a embarcar em seu avião. Fara dissera à polícia, com toda inocência, que Bucha não estava mais no Irã. Ao que tudo indicava, a polícia acreditara. Era bem possível que Bucha conseguisse escapar.

Goelz também se ofereceu para guardar os passaportes e permissões de residência de Paul e Bill. Assim, se a polícia apresentasse um pedido formal dos documentos, a EDS poderia encaminhá-la à embaixada.

Enquanto isso, Ali Jordan entraria em contato com a polícia e tentaria descobrir o que estava acontecendo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, os passaportes e outros documentos foram entregues na embaixada.

Na manhã seguinte, Bucha embarcou em seu avião e escapou.

Gallagher ligou para a embaixada. Ali Jordan falara com o General Biglari, do Departamento de Polícia de Teerã. Biglari dissera que Paul e Bill não podiam deixar o país e seriam presos se tentassem escapar. Gallagher indagou o motivo.

Eles estavam sendo detidos no país como “testemunhas materiais da investigação”, pelo que Jordan fora informado.

— Que investigação?

Jordan não sabia.

Paul ficou aturdido, além de preocupado, quando Gallagher relatou a conversa. Ele não se envolvera em qualquer acidente de automóvel, não testemunhara qualquer crime, não tinha ligações com a CIA... Quem ou O Que estava sendo investigado? A EDS? Ou a

investigação seria apenas um pretexto para manter Paul e Bill no Irã, a fim de que continuassem a manipular os computadores do sistema de previdência social?

A polícia fizera uma concessão. Ali Jordan argumentara que a polícia tinha o direito de confiscar as permissões de residência, que eram de propriedade do governo iraniano, mas não podia ficar com os passaportes, que pertenciam ao governo americano. O General Biglari aceitara o argumento.

No dia seguinte, Gallagher e Ali Jordan foram à polícia para entregar os documentos a Biglari. No caminho, Gallagher perguntou a Jordan se havia alguma possibilidade, na opinião dele, de Paul e Bill serem acusados de alguma violação da lei.

— Duvido muito — respondeu Jordan.

Na chefatura, o general advertiu a Jordan que a embaixada seria responsabilizada se Paul e Bill deixassem o país por qualquer meio —

como um avião militar americano.

No outro dia, 8 de dezembro, o dia da evacuação, Lou Goelz telefonou para a EDS. Acabara de descobrir, por intermédio de uma

“fonte” no Ministério da Justiça iraniano, que a investigação em que Paul e Bill seriam supostamente testemunhas materiais era sobre acusações de corrupção contra o ex-ministro da Saúde, Dr.

Sheikholeslamizadeh, que estava preso.

Foi um alívio para Paul descobrir finalmente qual era o problema. Ele podia contar a verdade aos investigadores: a EDS não pagara qualquer suborno. Ele duvidava que alguém tivesse subornado o ministro. Os burocratas iranianos eram notoriamente corruptos, mas

o Dr. Sheik, como Paul o chamava, parecia ser de um molde diferente.

Especializado em cirurgia ortopédica, ele possuía uma mente perceptiva e uma capacidade impressionante de absorver todos os detalhes. No Ministério da Saúde cercara-se de um grupo de jovens tecnocratas progressistas, que sempre encontravam um meio de superar os entraves burocráticos e fazer as coisas. O projeto da EDS

era apenas parte de seu plano ambicioso de elevar aos padrões americanos os serviços iranianos de saúde e assistência social. Paul estava convencido de que o Dr. Sheik não aproveitava a oportunidade para encher os próprios bolsos ao mesmo tempo.

Paul nada tinha a temer... se a "fonte" de Goelz estava dizendo a verdade. Mas será que estava mesmo? O Dr. Sheik fora preso três meses antes. Seria coincidência que os iranianos constatassem de repente que Paul e Bill eram testemunhas, depois que Paul comunicara que a EDS deixaria o Irã, a menos que o ministério pagasse as suas contas?

Concluída a evacuação, os homens restantes da EDS ficariam instalados em duas casas, ali permanecendo, jogando pôquer, durante 10 e 11 de dezembro, os dias santos do Ashura. Havia uma casa de apostas altas e outra de apostas baixas. Paul e Coburn ficariam na casa de apostas altas. Como proteção, eles convidaram os "fantasmas" de Coburn, seus dois contatos no serviço de informações militar, que sempre estavam armados. Como não se permitiam armas na mesa de pôquer, os "fantasmas" teriam de deixar as suas no vestíbulo.

Ao contrário das expectativas, o Ashura transcorreu de forma relativamente pacífica. Milhões de iranianos compareceram a manifestações contra o Xá por todo o país, mas não houve muita violência.

Depois do Ashura, Paul e Bill pensaram novamente em deixar o país. Mas um choque lhes estava reservado. Como providência preliminar, pediram a Lou Goelz, na embaixada, que lhes devolvesse os passaportes. Goelz disse que, caso o fizesse, estaria obrigado a comunicar ao General Biglari. Isso equivaleria a alertar a polícia para o fato de que Paul e Bill estavam tentando escapar do Irã.

Goelz insistiu que avisara à EDS, quando recebera os passaportes para guardar, que era esse o seu trato com a polícia. Mas ele devia ter falado com extrema discrição, porque ninguém era capaz de se lembrar.

Paul ficou furioso. Por que Goelz tinha de fazer qualquer espécie de acordo com a polícia? Ele não tinha nenhuma obrigação de informar à polícia o que fazia com um passaporte americano. Não era sua função ajudar a polícia a deter Paul e Bill no Irã. Afinal, a embaixada não estava ali para ajudar aos americanos?

Goelz não poderia ignorar o seu acordo estúpido e devolver os passaportes secretamente, talvez comunicando à polícia dois dias depois, quando Paul e Bill já estivessem em segurança nos Estados Unidos? De jeito nenhum, protestou Goelz. Se ele entrasse em conflito com a polícia, isso seria prejudicial para todos os outros. Afinal, Goelz tinha de se preocupar também com os outros 12.000 americanos que ainda estavam no Irã. Além do mais, os nomes de Paul e Bill estavam agora na lista fornecida à polícia do aeroporto. Mesmo com todos os documentos em ordem, eles não conseguiriam passar pelo controle de passaportes.

Quando chegou a Dallas a notícia de que Paul e Bill estavam bem, mas impedidos de deixar o Irã, a EDS e seus advogados entraram prontamente em ação. Seus contatos em Washington não eram tão bons quanto seriam numa administração republicana, mas mesmo assim ainda tinham alguns amigos. Falaram com Bob Strauss, um assessor poderoso da Casa Branca, que por acaso era também texano; com o Almirante Tom Moorer, que já presidira o Estado-

Maior das Forças Armadas e conhecia muitos dos generais que agora dominavam o governo militar do Irã; e Richard Helms, ex-diretor da CIA e ex- embaixador dos Estados Unidos no Irã. Em decorrência da pressão que aplicaram sobre o Departamento de Estado, o embaixador americano em Teerã, William Sullivan, levantou o problema de Paul e Bill numa reunião com o primeiro-ministro iraniano, General Azhari.

Mas não houve qualquer resultado.

Os 30 dias que Paul concedera aos iranianos para pagarem suas Contas terminaram. A 16 de dezembro ele escreveu ao Dr. Emrani, Cancelando formalmente o contrato. Mas ele ainda não desistira.

Pedi a alguns executivos evacuados que voltassem a Teerã, como um sinal da disposição da EDS em resolver todas as suas dificuldades com o Ministério da Saúde. Alguns dos executivos que voltaram, estimulados pela tranqüilidade do Ashura, trouxeram até suas famílias.

Nem a embaixada nem os advogados da EDS em Teerã haviam Conseguido descobrir quem ordenara que Paul e Bill ficassem detidos no país. Foi Majid, o pai de Fara, quem acabou extraíndo essa informação do General Biglari. O investigador era Hosain Dadgar, um funcionário de nível médio da promotoria pública, de um departamento que lidava com os crimes cometidos por servidores civis e que dispunha de amplos poderes. Dadgar estava conduzindo o inquérito sobre o Dr. Sheik, o ex- Ministro da Saúde que fora preso.

Como a embaixada não era capaz de convencer os iranianos a permitirem que Paul e Bill deixassem o país e não lhes devolveria os passaportes secretamente, não poderia pelo menos dar um jeito para que Dadgar interrogasse os dois o mais depressa possível, a fim de que pudessem estar em casa até o Natal? O Natal não tinha muita significação para os iranianos, explicou Goelz, mas o Ano Novo sim.

Ele tentaria dar um jeito para que o encontro fosse antes disso.

Os distúrbios nas ruas recomeçaram na segunda quinzena de dezembro (e a primeira providência dos executivos de volta foi o planejamento de uma segunda evacuação). A greve geral continuou e as exportações de petróleo, a mais importante fonte de receita do governo, praticamente cessaram, reduzindo a zero as chances da EDS

de receber seu pagamento. Eram tão poucos os iranianos que apareciam para trabalhar no ministério que não havia nada para os homens da EDS fazerem. Paul mandou a metade passar o Natal nos Estados Unidos.

Paul fez suas malas, fechou a casa e mudou-se para o Hilton, pronto para voltar aos Estados Unidos na primeira oportunidade.

A cidade fervilhava de rumores. Jay Coburn recolhia a maioria em sua rede e transmitia os mais interessantes a Paul. Um rumor mais inquietante do que a maioria chegou por intermédio de Bunny Fleischaker, uma jovem americana com amigos no Ministério da Justiça. Bunny trabalhara para a EDS nos Estados Unidos e continuava a se manter em contato ali em Teerã, embora não estivesse mais na companhia. Ela telefonou para Coburn, avisando que o Ministério da Justiça estava pensando em prender Paul e Bill.

Paul discutiu a questão com Coburn. Isso contradizia o que estava sendo informado pela embaixada americana. Os dois concordaram que as fontes de informações da embaixada não podiam deixar de ser melhores que as de Bunny. Assim, resolveram não tomar qualquer providência.

Paul passou o dia de Natal calmamente, com alguns colegas, na casa de Pat Sculley, um jovem executivo da EDS que se oferecera para voltar a Teerã. Mary, a mulher de Sculley, também voltara e preparou a ceia de Natal. Paul sentiu saudade de Ruthie e dos filhos.

Telefonaram da embaixada dois dias depois. Havia conseguido marcar uma reunião de Paul e Bill com Hosain Dadgar.

Seria na manhã seguinte, 28 de dezembro, no prédio do Ministério da Saúde, na Avenida Eisenhower.

Bill Gaylord apareceu na sala de Paul pouco depois das nove horas, levando uma xícara de café e usando o uniforme da EDS: terno de executivo, camisa branca, gravata discreta e sapatos pretos.

Como Paul, Bill tinha 39 anos, era de estatura mediana e corpulento. Mas a semelhança terminava por aí. Paul tinha a pele morena, sobrancelhas espessas, olhos fundos e nariz grande; em trajes informais, era muitas vezes confundido com um iraniano, até que abria a boca e falava inglês com um sotaque de Nova York. Bill tinha um rosto liso e redondo, a pele muito branca; ninguém o tomaria por outra coisa que não um anglo-saxão.

Tinham muita coisa em comum. Ambos eram católicos, embora Bill fosse mais devoto. Adoravam a boa comida. Ambos eram engenheiros de sistemas e haviam ingressado na EDS em meados da década de 60, Bill em 1965 e Paul em 1966. Ambos haviam feito carreiras excepcionais na EDS, mas Paul era agora superior de Bill, embora tivesse ingressado na companhia só um ano depois. Bill conhecia o programa de saúde por dentro e por fora, era um "gerente de pessoas" de primeira classe. Mas não era tão agressivo e dinâmico quanto Paul. Bill era um pensador profundo e um organizador meticuloso. Paul nunca precisava se preocupar quando Bill tinha de fazer uma apresentação importante. Sabia que Bill pesava cuidadosamente cada palavra.

Os dois trabalhavam muito bem juntos. Quando Paul era precipitado, Bill o forçava a fazer uma pausa e refletir. Quando Bill queria planejar nos mínimos detalhes, prevendo cada buraco na estrada, Paul lhe dizia que fosse em frente de qualquer maneira.

Haviam se conhecido nos Estados Unidos, mas passaram a ser íntimos nos últimos nove meses. Quando Bill chegara a Teerã, em março último, ficara hospedado na casa dos Chiapparones, até que sua esposa Emily e as crianças chegaram. Paul sentia-se quase protetor em relação a ele. Era uma pena que Bill só tivesse encontrado problemas no Irã.

Bill estava muito mais preocupado com os distúrbios e tiroteios do que a maioria dos outros, talvez porque não estivesse no Irã há muito tempo, talvez porque fosse por natureza um homem que se preocupava em demasia. E também levava mais a sério do que Paul o problema dos passaportes. Chegara a sugerir que os dois pegassem um trem para O nordeste do Irã e cruzassem a fronteira para a Rússia, alegando que ninguém haveria de esperar que executivos americanos escapassem através da União Soviética.

Bill também sentia uma saudade imensa de Emily e das filhas.

Paul considerava de certa forma responsável, porque pedira a Bill que voltasse ao Irã.

De qualquer forma, estava quase acabando. Iriam se encontrar com Dadgar naquele dia e recuperariam seus passaportes. Bill tinha uma reserva num avião que partiria no dia seguinte. Emily estava planejando uma festa para recebê-lo, na véspera do Ano-Novo. Mais um pouco e tudo aquilo ficaria parecendo um pesadelo. Paul sorriu para Bill e perguntou:

- Está pronto para ir?
- Quando você quiser.
- Vamos chamar Abolhasan.

Paul pegou o telefone. Abolhasan era o mais antigo funcionário iraniano e dava conselhos a Paul sobre os métodos administrativos do país. Filho de um advogado eminente, era casado com uma

americana e falava inglês com perfeição. Uma de suas funções era traduzir para o farsi os contratos da EDS. Ele serviria hoje como intérprete de Paul e Bill na reunião com Dadgar.

Abolhasan foi imediatamente para a sala de Paul e os três partiram juntos. Não levaram um advogado. Segundo a embaixada, seria uma reunião de rotina, um interrogatório informal. Levar advogados não apenas seria inútil, mas também poderia despertar a hostilidade de Dadgar e levá-lo a desconfiar que Paul e Bill tinham alguma coisa para esconder. Paul gostaria de contar com a presença de um representante da embaixada, mas a idéia também fora rejeitada por Lou Goelz: não era normal enviar alguém da embaixada a reuniões assim. Mas Goelz aconselhara Paul e Bill a levarem documentos estabelecendo quando haviam chegado ao Irã, quais eram as suas posições oficiais e a extensão de suas responsabilidades.

Enquanto o carro avançava lentamente pelo tráfego quase sempre insano de Teerã, Paul foi se sentindo um tanto deprimido.

Estava contente em voltar para casa, mas detestava admitir o fracasso.

Viera consolidar as atividades da EDS no Irã e estava agora desmontando toda a operação. Qualquer que fosse o ângulo por que se olhasse, o primeiro empreendimento da companhia no exterior fora um fracasso. Não era por culpa de Paul que o governo do Irã ficara sem dinheiro, mas isso não servia muito de consolo. Desculpas não traziam lucros.

Eles desceram pela Avenida Eisenhower, arborizada, larga e reta, igual a qualquer avenida americana. Pararam no pátio de um prédio quadrado, de 10 andares, bastante recuado e guardado por soldados com rifles automáticos. Era ali a Organização de Previdência Social do Ministério da Saúde e Bem-Estar Social. Deveria ter sido o centro da nova entidade iraniana de assistência social. Ali, lado a lado, o

governo iraniano e a EDS haviam trabalhado para desenvolver um sistema de previdência social. A EDS ocupava todo o sétimo andar. O escritório de Bill era ali.

Paul, Bill e Abolhasan mostraram seus passes e entraram no prédio. Os corredores estavam sujos e mal decorados, o prédio estava frio, o aquecimento mais uma vez desligado. Foram conduzidos ao gabinete que o Sr. Dadgar estava usando.

Era uma sala pequena, com as paredes sujas. O iraniano estava sentado por trás de uma velha escrivaninha cinzenta de aço. À sua frente, em cima da mesa, havia um bloco de anotações e uma caneta.

Pela janela, Paul podia ver o centro de computação que a EDS estava instalando na sala ao lado.

Abolhasan fez as apresentações. Havia uma iraniana sentada ao lado da mesa. Era a Sra. Nourbash, a intérprete de Dadgar.

Todos sentaram-se nas velhas cadeiras de metal. O chá foi servido. Dadgar começou a falar, em farsi. A voz era suave, mas um tanto profunda a expressão era impassível. Paul estudou-o enquanto esperava pela tradução. Dadgar era baixo e corpulento, na casa dos 50

anos. Por alguma razão indefinida, fez com que Paul se lembrasse de Archie Bunker. A pele era escura e os cabelos estavam penteados para a frente, como se o objetivo fosse esconder as entradas cada vez maiores. Ele usava bigode e óculos, vestia um terno sóbrio. Dadgar terminou de falar e Abolhasan explicou:

— Ele adverte que tem autoridade para prendê-los, se considerar insatisfatórias as respostas às suas perguntas. Caso vocês não soubessem disso, ele diz que pode adiar a entrevista, a fim de dar tempo a seus advogados para providenciarem a fiança.

Paul ficou surpreso com aquele fato inesperado, mas avaliou-o rapidamente, como faria com qualquer decisão de negócios. Muito bem, pensou ele, a pior coisa que pode acontecer é Dadgar não acreditar em nós e determinar a nossa prisão; mas não somos assassinos e seremos soltos sob fiança em 24 horas. Ficaríamos então confinados ao país e teríamos de convocar nossos advogados para tentar resolver o problema... o que não é pior do que a situação em que estamos no momento.

— O que você acha? — ele perguntou a Bill.

Bill deu de ombros.

— Goelz diz que se trata de uma reunião de rotina. Essa história de fiança parece mera formalidade... como ler os direitos de cada um nos Estados Unidos.

Paul assentiu.

— E a última coisa que queremos é um adiamento.

— Pois então vamos em frente.

Paul virou-se para a Sra. Nourbash.

— Por favor, diga ao Sr. Dadgar que nenhum de nós dois cometeu qualquer crime e não temos conhecimento de outra pessoa cometendo Um crime. Sendo assim, estamos confiantes que não serão formuladas acusações contra nós. E gostaríamos que ficasse tudo resolvido ainda hoje, a fim de podermos voltar aos Estados Unidos.

A Sra. Nourbash fez a tradução.

Dadgar disse que queria primeiro entrevistar Paul sozinho. Bill deveria voltar dentro de uma hora.

Bill se retirou.

Bill foi para a sua sala no sétimo andar. Pegou o telefone, ligou para o Bucareste e pediu para falar com Lloyd Briggs. Briggs era o terceiro homem na hierarquia, depois de Paul e Bill.

Dadgar disse que tem competência para nos prender — avisou Bill. — E que podemos precisar de uma fiança. Entre em contato com os advogados iranianos e descubra o que isso significa.

— Está certo — disse Briggs. — Onde você está agora?

— Em minha sala no ministério.

— Ligarei para você daqui a pouco.

Bill desligou e ficou esperando. A idéia de ser preso era absurda.

Apesar da corrupção desenfreada do moderno Irã, a EDS nunca pagara subornos para obter seus contratos. Mas mesmo que isso tivesse acontecido, Bill não seria o responsável. Sua função era cuidar do produto e não obter a encomenda. Briggs telefonou poucos minutos depois.

— Vocês não precisam se preocupar. Na semana passada, um homem acusado de homicídio teve a sua fiança fixada em um milhão e meio de riais.

Bill fez os cálculos rapidamente. Dava 20 mil dólares. A EDS

poderia provavelmente pagar em dinheiro vivo. Há algumas semanas que eles vinham mantendo nos cofres quantias vultosas, tanto por causa da greve dos bancos como para atender às necessidades durante a evacuação.

— Quanto temos no cofre no escritório?

— Em torno de sete milhões de riais, mais 50 mil dólares.

Portanto, pensou Bill, a fiança poderá ser paga imediatamente se formos presos.

— Obrigado — disse ele. — Isso faz com que eu me sinta muito melhor.

Lá embaixo, Dadgar anotara o nome completo de Paul, data e local de nascimento, escolas cursadas, experiência em computadores e qualificações. Examinara cuidadosamente o documento que oficialmente registrava Paul como gerente geral da Electronic Data Systems Corporation do Irã. Agora, ele pediu a Paul que fizesse um relato de como a EDS obtivera o contrato com o Ministério da Saúde.

Paul respirou fundo.

— Em primeiro lugar, eu gostaria de ressaltar que não trabalhava no Irã na ocasião em que o contrato foi negociado e assinado. Portanto, não tenho conhecimento em primeira mão do fato.

Mas posso relatar o que sei a respeito.

A Sra. Nourbash traduziu e Dadgar assentiu. Paul continuou, falando bem devagar e um tanto formalmente, a fim de ajudar a intérprete:

— Em 1975, um executivo da EDS, Paul Bucha, soube que o Ministério da Saúde estava procurando uma companhia de processamento de dados com experiência em trabalho de seguro de saúde e previdência social. Ele veio a Teerã, manteve reuniões com altas autoridades do ministério e determinou a natureza e escala do trabalho a ser realizado. Foi informado que o ministério já recebera propostas para o projeto da Louis Berger & Company, Marsh & McClennar, ISIRAN e Univac. Soube também que uma quinta proposta, da Cap Gemini Sogeti, estava prestes a ser apresentada. Ele disse que a EDS

era a maior empresa de processamento de dados dos Estados Unidos e que se especializara justamente naquele serviço. Ofereceu

ao ministério um estudo preliminar gratuito. A oferta foi aceita.

Quando fez uma pausa para a tradução, Paul notou que a Sra.

Nourbash parecia dizer menos do que ele falara e que Dadgar anotava ainda menos. Ele passou a falar ainda mais devagar, fazendo pausas freqüentes.

— O ministério gostou das propostas da EDS, porque nos pediram em seguida para efetuar um estudo detalhado, por 200 mil dólares. Os resultados de nosso estudo foram apresentados em outubro de 1975. O ministério aceitou nossa proposta e começaram as negociações para o contrato. O contrato foi assinado em agosto de 1976.

— Estava tudo de acordo com as leis e regulamentos? —

indagou Dadgar, através da Sra. Nourbash.

— Claro — respondeu Paul. — Houve necessidade de mais três meses para que o contrato recebesse todas as aprovações indispensáveis de diversos departamentos do governo, inclusive da corte do Xá. Nada foi omitido. O contrato entrou em vigor ao final daquele ano.

— O valor do contrato foi exorbitante?

— Previa um lucro máximo de 20 por cento, antes da dedução dos impostos, o que é a norma em contratos desse gênero, tanto aqui como em outros países.

— E a EDS cumpriu todas as suas obrigações, nos termos do contrato?

Era uma coisa de que Paul tinha um conhecimento profundo e em Primeira mão.

— Claro que cumprimos.

— Pode apresentar provas?

— Claro. O contrato determina que eu tenha reuniões com autoridades ministeriais a intervalos regulares, a fim de analisar os progressos do trabalho. Essas reuniões foram realizadas no ministério e as minutas estão em seus arquivos. O contrato fixa o processo pelo qual o ministério pode se queixar, se a EDS deixar de cumprir as suas obrigações. Esse processo nunca foi usado.

A Sra. Nourbash traduziu, mas Dadgar não escreveu qualquer anotação. Ele já deve saber de tudo isso, pensou Paul. E acrescentou:

— Olhe pela janela. Lá está o nosso centro de computação. Pode ir ver. Há computadores lá dentro. Toque neles. Funcionam.

Produzem informações. Leia os registros. Estão sendo devidamente usados.

Dadgar fez uma anotação rápida. Paul se perguntou o que ele estaria realmente querendo. A pergunta seguinte foi:

— Qual é o relacionamento de vocês com o grupo Mahvi?

— Quando chegamos ao Irã, fomos informados de que precisaria mos de associados iranianos para fazer negócios aqui. O

grupo Mahvi é o nosso associado. Mas a função principal desse grupo é nos fornecer funcionários iranianos. Temos reuniões periódicas, mas eles praticamente não interferem com a condução de nossas operações.

Dadgar perguntou por que o Dr. Towliati, um funcionário do ministério, estava na folha de pagamento da EDS. Não haveria um

conflito de interesses? Ali estava finalmente uma pergunta que fazia sentido. Paul sabia que a atuação de Towliati podia parecer irregular.

Mas a situação era facilmente explicável.

— Pelo contrato, assumimos o encargo de providenciar consultores técnicos para ajudar o ministério a tirar o melhor proveito possível do nosso serviço. O Dr. Towliati é um desses consultores. Ele tem experiência em processamento de dados e conhece os métodos comerciais tanto iranianos como americanos. É pago pela EDS e não pelo ministério, porque os salários do ministério são baixos demais para atrair um homem de seu gabarito. Contudo, nos termos do contrato, o ministério está obrigado a nos reembolsar pelo salário dele.

Assim, não somos realmente nós que pagamos o salário dele.

Dadgar tornou a anotar muito pouco. Ele poderia ter obtido todas aquelas informações dos arquivos, pensou Paul; e talvez soubesse de tudo. Dadgar perguntou:

— Mas por que o Dr. Towliati aprova as faturas?

— Não é bem assim. Ele não aprova as faturas, nunca aprovou.

O esquema é diferente. Ele tem o encargo de comunicar ao ministério que uma determinada tarefa foi concluída, quando as especificações são técnicas demais para confirmação por um leigo.

— Paul sorriu. —

Ele leva muito a sério a sua responsabilidade com o ministério, sendo o nosso crítico mais implacável. Jamais deixa de fazer uma porção de perguntas e verificar tudo, meticulosamente, antes de atestar a conclusão de um serviço. E às vezes eu gostaria de tê-lo sob o meu controle.

A Sra. Nourbash traduziu. Paul estava pensando: O que Dadgar está querendo afinal? Primeiro, ele indaga sobre as negociações do contrato, que ocorreram antes de minha chegada ao Irã; depois, pergunta sobre o grupo Mahvi e o Dr. Towliati, como se eles tivessem unia importância excepcional. Talvez o próprio Dadgar não saiba o que está procurando... talvez ele esteja apenas sondando, esperando encontrar provas de alguma coisa ilegal.

Por quanto tempo essa farsa pode continuar?

Bill estava lá fora, no corredor, de sobretudo para se proteger do frio. Alguém lhe trouxera um copo de chá e ele esquentava as mãos enquanto bebia. O prédio estava quase às escuras, além de frio.

Dadgar impressionara Bill imediatamente como sendo diferente do iraniano médio. Era frio, mal-humorado e hostil. A embaixada dissera que Dadgar estava "favoravelmente disposto" em relação a Bill e Paul. Mas não era essa a impressão que Bill tivera.

E Bill se perguntava qual era a manobra de Dadgar. Estaria tentando intimidá-los ou estava pensando de fato em prendê-los? De qualquer forma, a reunião estava transcorrendo conforme a embaixada previra. O conselho deles, de comparecer sem advogados ou representante da embaixada, parecia agora ter sido um erro. Mas talvez eles simplesmente não quisessem se envolver. Seja como for, Paul e Bill estavam agora entregues à própria sorte. Não ia ser um dia dos mais agradáveis. Mas, ao final, eles poderiam voltar aos Estados Unidos.

Olhando pela janela, Bill percebeu que havia alguma agitação na Avenida Eisenhower. A alguma distância do prédio, os dissidentes estavam parando os carros e colando cartazes de Khomeini nos pára-brisas. Os soldados que guardavam o ministério tornavam a parar os carros e arrancavam os cartazes. Enquanto ele observava, os soldados foram-se tornando cada vez mais beligerantes. Quebraram o farol de um carro, depois o pára-brisa de outro, como

se quisessem dar uma lição aos motoristas. Em seguida, arrancaram o motorista de um carro e o esmurraram.

O carro seguinte que os soldados mandaram parar era um táxi cor de laranja, de Teerã. O táxi passou sem parar, o que não era de surpreender. Mas os soldados ficaram furiosos e saíram em sua perseguição, disparando suas armas. Táxi e soldados logo desapareceram das vistas de Bill.

Depois que terminaram o seu serviço macabro, os soldados voltaram a seus postos, dentro do pátio murado, diante do prédio do ministério. O incidente, com sua estranha mistura de infantilidade e brutalidade, parecia resumir o que estava acontecendo no Irã. O país estava se desagregando. O Xá perdera o controle e os rebeldes estavam determinados a expulsá-lo do país ou matá-lo. Bill sentia pena das pessoas nos carros, vítimas das circunstâncias, que nada podiam fazer além de torcer para que a situação melhorasse. Se os iranianos não estavam mais seguros, pensou ele, os americanos deviam então estar num perigo ainda maior. Precisamos deixar logo este país.

Dois iranianos estavam parados no mesmo corredor, observando o tumulto na Eisenhower. Pareciam tão assustados quanto Bill pelo que estavam assistindo.

A manhã se converteu em tarde. Bill tomou mais chá e comeu um sanduíche a guisa de almoço. Tentou imaginar o que estaria acontecendo na sala de interrogatório. Não estava surpreso por ser deixado a esperar. No Irã, "uma hora" não significava nada mais preciso do que "talvez mais tarde". Mas à medida que o dia foi-se arrastando, Bill tornou-se cada vez mais apreensivo. Será que Paul estava numa situação muito difícil?

Os dois iranianos permaneceram no corredor durante a tarde inteira, sem fazer nada. Bill se perguntou vagamente quem seriam.

Não falou com eles.

Gostaria que o tempo passasse mais depressa. Tinha uma reserva num avião no dia seguinte. Emily e as crianças estavam em Washington, onde residiam os pais dela e também os de Bill. Haviam planejado uma festa grande para recebê-lo, na véspera do Ano-Novo.

Ele aguardava ansiosamente o momento de rever a todos.

Deveria ter deixado o Irã semanas antes, quando começaram os atentados a bomba. Uma das pessoas que tiveram suas casas bombardeadas era uma moça com quem ele estudara na escola secundária, em Washington. Ela casara com um diplomata, que servia agora na embaixada americana em Teerã. Bill conversara com eles sobre o incidente. Por sorte, ninguém saíra machucado, mas fora uma experiência terrível. Eu deveria ter compreendido que a situação só podia se agravar e ido embora naquela ocasião, pensou Bill.

Abolhasan finalmente abriu a porta e chamou:

— Entre, por favor, Bill.

Bill olhou para seu relógio. Eram cinco horas da tarde. Ele entrou na sala.

— Está frio — comentou ele, ao sentar-se.

— Aqui dentro está muito quente — comentou Paul, com um sorriso tenso.

Bill olhou para o rosto de Paul. Ele estava visivelmente contrafeito. Dadgar bebeu um copo de chá e comeu um sanduíche, antes de começar a interrogar Bill. Observando-o, Bill pensou: “Todo cuidado é pouco. Esse cara está tentando nos meter numa armadilha, a fim de impedir a nossa saída do país.”

O interrogatório começou. Bill deu seu nome completo, data e local de nascimento, escolas que frequentou, títulos e experiência. O

rosto de Dadgar se mantinha impassível, enquanto formulava as perguntas e anotava as respostas. Era como uma máquina, pensou Bill.

Ele começou a compreender por que a entrevista com Paul demorara tanto. Cada pergunta tinha de ser traduzida do farsi para o inglês e cada resposta do inglês para o farsi. A Sra. Nourbash fazia a tradução, com Abolhasan intervindo a todo instante para esclarecimentos e correções.

Dadgar interrogou-o a respeito do desempenho da EDS no contrato com o Ministério. Bill respondeu longamente, fornecendo detalhes, embora o assunto fosse complexo e altamente técnico. Tinha certeza de que a Sra. Nourbash era incapaz de compreender o que ele estava dizendo. De qualquer forma, ninguém podia esperar absorver todas as complexidades do projeto com algumas perguntas de caráter geral. Mas que absurdo era tudo aquilo?, pensou Bill. Por que Dadgar queria passar o dia inteiro sentado numa sala gelada, fazendo perguntas estúpidas? Devia ser alguma espécie de ritual persa, concluiu Bill. Dadgar precisava preencher suas fichas, mostrar que explorara todos os ângulos, resguardar-se antecipadamente contra qualquer possível crítica por deixá-los ir embora. Na pior das hipóteses, ele poderia detê-los no Irã por mais algum tempo. De qualquer forma, era apenas uma questão de tempo.

Tanto Dadgar como a Sra. Nourbash pareciam hostis. A entrevista se tornava cada vez mais parecida com um interrogatório no tribunal. Dadgar disse que os relatórios de progressos da EDS para o Ministério eram falsos, que a EDS usara-os para fazer o Ministério pagar por serviços que não haviam sido realizados. Bill ressaltou que as autoridades do Ministério, que estavam em condições de saber, nunca haviam sequer insinuado que os relatórios não eram verdadeiros. Se a EDS estivesse falhando, não haveria reclamações?

Dadgar podia examinar os arquivos do Ministério para comprovar tudo.

Dadgar fez uma pergunta sobre o Dr. Towliati. Depois que Bill explicou a função de Towliati, a Sra. Nourbash, falando antes que Dadgar dissesse qualquer coisa, declarou que a resposta era inverídica.

Houve várias perguntas sobre assuntos diversos, inclusive uma que deixou Bill aturdido: a EDS tinha funcionários gregos? Buli respondeu que não, tentando imaginar o que isso tinha a ver com o caso. Dadgar parecia impaciente. Talvez ele tivesse esperado que as respostas de Bill estivessem em contradição com as de Paul. Agora, desapontado, ele queria logo acabar com aquilo. O interrogatório tornou-se superficial e apressado. Ele não acompanhava as respostas de Bill com novas indagações e pedidos de esclarecimentos. Encerrou a entrevista menos de uma hora depois. A Sra. Nourbash disse:

— Queiram fazer o favor agora de assinar embaixo de cada pergunta e resposta anotadas pelo Sr. Dadgar.

— Mas estão em farsi e não podemos entender uma só palavra!

— protestou Bill.

É um truque, pensou ele; estaremos assinando uma confissão de homicídio, espionagem ou algum outro crime inventado por Dadgar.

Abolhasan interveio:

— Lerei todas as anotações para verificar.

Paul e Bill ficaram esperando, enquanto Abolhasan lia as anotações. Pareceu uma verificação muito superficial. Ele pôs o bloco na mesa e disse:

— Aconselho vocês assinarem.

Bill estava convencido de que não deveria assinar., mas não tinha opção. Se quisesse voltar aos Estados Unidos, tinha de assinar.

Ele olhou para Paul, que deu de ombros.

— Acho que é melhor assinarmos.

Eles pegaram o bloco, assinando ao lado dos rabiscos incompreensíveis.

Ao terminarem, o clima na sala era de extrema tensão. Agora, pensou Bill, ele tem de nos dizer que podemos voltar para casa.

Dadgar arrumou as folhas de maneira impecável, enquanto falava a Abolhasan, em farsi, por vários minutos. Depois, ele deixou a sala. Abolhasan virou-se para Paul e Bill, com uma expressão solene, anunciando:

— Vocês estão sendo presos.

Bill sentiu um aperto no coração. Não haveria avião, Washington, Emily, festa de Ano-Novo...

— A fiança foi fixada em 90 milhões de tomans, 60 para Paul e 30 para Bill.

— Santo Deus! — exclamou Paul. — Mas 90 milhões de tomans são...

Abolhasan fez o cálculo num pedaço de papel.

— Pouco menos de 13 milhões de dólares.

— Você deve estar brincando! — protestou Bill. — Treze milhões? Mas a fiança de um assassino foi fixada em 20 mil!

— Ele quer saber se vocês estão prontos para pagar a fiança — disse Abolhasan.

Paul riu nervosamente.

— Diga a ele que estou um tanto desprevenido no momento.

Terei de passar pelo banco.

Abolhasan ficou calado.

— Ele não pode estar falando sério — acrescentou Paul.

— Mas está — garantiu Abolhasan.

Bill ficou subitamente furioso... furioso com Dadgar, furioso com Lou Goelz, furioso com o mundo inteiro. Fora uma armadilha para otários e haviam caído direitinho. Havia entrado ali por livre e espontânea vontade, comparecendo a um encontro marcado pela embaixada americana. Nada tinham feito de errado e ninguém possuía qualquer prova contra eles... apesar disso, estavam sendo presos. E, o que era pior, iam para uma prisão iraniana!

— Cada um tem permissão para dar um telefonema — informou Abolhasan.

Exatamente como nos filmes policiais da TV — um telefonema antes de levar o prisioneiro para a cela. Paul pegou o telefone e discou.

— Lloyd Briggs, por favor. Aqui é Paul Chiapparone... Lloyd?

Não poderei jantar com você esta noite. Estou indo para a cadeia.

Bill pensou: Paul ainda não acredita que esteja realmente acontecendo. Paul escutou ao telefone por um momento e depois disse:

— Que tal avisar a Gayden, para começar?

Bill Gayden, cujo nome era tão parecido com o de Bill Gaylord, era presidente da EDS World e o superior imediato de Paul. Assim que a notícia chegasse a Dallas, pensou Bill, aqueles palhaços iranianos veriam o que acontecia quando a EDS entrava em ação.

Paul desligou e Bill pegou o telefone. Discou para a embaixada americana e pediu para falar com o cônsul geral.

— Goelz? Aqui é Bill Gaylord. Acabamos de ser presos. A fiança foi fixada em 13 milhões de dólares.

— Oh, Deus! Eu...

— Não me venha com besteira! — Bill estava enfurecido com a voz controlada de Goelz. — Você arrumou essa reunião e disse que poderíamos partir em seguida.

— Tenho certeza de que, se não fizeram nada de errado...

— Que história é essa de se? — gritou Bill.

— Mandarei alguém à prisão o mais depressa possível.

Bill desligou.

Os dois iranianos que haviam passado o dia inteiro no corredor entraram na sala. Bill percebeu agora que eram altos e corpulentos.

Deviam ser policiais à paisana. Abolhasan disse:

— Dadgar falou que não haveria necessidade de algemas.

— Obrigado — resmungou Paul.

Bill lembrou de repente as histórias que ouvira a respeito da tortura de prisioneiros nas prisões do Xá. Tentou não pensar a respeito.

Abolhasan acrescentou:

— Vocês não querem me dar suas pastas e carteiras?

Eles entregaram. Paul ficou com 100 dólares.

— Sabe onde fica a prisão? — perguntou Paul a Abolhasan.

40

— Vocês vão para um Centro de Detenção Temporária, no Ministério da Justiça, na Rua Khayyam.

— Volte ao Bucareste e relate todos os detalhes a Lloyd Briggs.

— Está certo.

Um dos policiais à paisana abriu a porta. Bill olhou para Paul, que de ombros.

Eles saíram. Os policiais escoltaram-nos pela escada e os levaram para um carro pequeno.

— Acho que teremos de ficar na prisão por duas ou três horas comentou Paul. — É o mínimo que a embaixada e a EDS vão precisar para mandar alguém pagar a nossa fiança.

— Talvez já haja alguém por lá — murmurou Bill, otimista.

O maior dos dois policiais sentou-se ao volante. O companheiro sentou-se ao lado, no banco da frente. Saíram do pátio e entraram na Avenida Eisenhower, em boa velocidade. Viraram abruptamente numa rua estreita, de mão única, seguindo pela contramão, sem diminuir a velocidade. Bill agarrou-se ao encosto do banco da frente.

Derrapavam a todo instante, desviando-se dos carros e ônibus que vinham em sentido contrário, os motoristas buzinando e sacudindo os punhos.

Seguiram para o sul, um pouco para o leste. Bill pensou na chegada à prisão. Haveria gente da EDS ou da embaixada por lá, tentando negociar a redução da fiança, a fim de que eles pudessem ir para casa, ao invés de serem trancafiados numa cela? Não podia haver a menor dúvida de que o pessoal da embaixada só podia estar indignado com o que Dadgar fizera. O Embaixador Sullivan certamente interviria para que eles fossem libertados imediatamente.

Afinal, era uma iniquidade meter dois americanos numa cadeia iraniana quando nenhum crime fora cometido; e ainda por cima com uma fiança fixada em 13 milhões de dólares. Era uma situação absurda.

Só que ele estava ali, sentado no banco traseiro daquele carro, olhando em silêncio pelas janelas e imaginando o que aconteceria em seguida.

Enquanto avançavam cada vez mais para o sul, Bill foi-se sentindo mais e mais assustado pelo que via.

Na zona norte da cidade, onde os americanos residiam e trabalhavam, os distúrbios e lutas ainda eram fenômenos ocasionais.

Ali, no entanto, conforme Bill podia constatar agora, deviam ser contínuos. As carcaças enegrecidas de ônibus incendiados fumegavam nas ruas. Centenas de manifestantes corriam de um lado para outro, gritando e cantando, ateando incêndios e erguendo barricadas.

Adolescentes arremessavam coquetéis Molotov (garrafas com gasolina e pavios acesos) nos carros. Os alvos pareciam aleatórios.

Podemos ser os próximos, pensou Bill. Ele ouviu tiros, mas estava escuro e não pôde verificar quem estava atirando em quem. O

motorista não reduziu a velocidade em momento algum. Uma rua em cada duas estava bloqueada por uma multidão, uma barricada ou um carro em chamas. O motorista dava voltas intermináveis, ignorando todos os sinais de trânsito, disparando por ruas transversais e vielas, sempre numa velocidade vertiginosa, procurando contornar os obstáculos. Não vamos chegar vivos à prisão, pensou Bill. Ele tocou no rosário que tinha no bolso.

A viagem pareceu durar uma eternidade... até que, subitamente, o pequeno carro entrou derrapando num pátio circular e parou. Sem dizer nada, o corpulento motorista saltou do carro e encaminhou-se para o prédio.

O Ministério da Justiça era imenso, ocupando um quarteirão inteiro. Na escuridão — todos os lampiões da rua estavam apagados

— Bill pôde divisar o que parecia ser um prédio de cinco andares. O

motorista ficou lá dentro por 10 ou 15 minutos. Voltou e tornou a sentar-se ao volante, dando a volta pelo quarteirão. Bill presumiu que ele registrara seus prisioneiros.

Nos fundos do prédio, o motorista subiu com o carro no meio-fio e parou na calçada, ao lado de um par de portões de aço, num muro de tijolos alto e comprido. Em algum lugar, à direita, onde terminava o muro, podia-se perceber os contornos indefinidos de um parque ou jardim. O motorista saltou do carro. Uma janelinha foi aberta num dos portões de aço e houve uma conversa rápida, em farsi. Depois, os portões abriram-se. O motorista fez sinal para que Paul e Bill saíssem do carro.

Passaram pelos portões.

Bill olhou ao redor. Estavam num pequeno pátio. Ele viu 10 ou 15 guardas, munidos de armas automáticas, espalhados pelo pátio.

Havia à sua frente um caminho circular, com carros e caminhões estacionados. À esquerda, encostado no muro, havia um prédio de um só andar. À direita havia outro portão de aço.

O motorista encaminhou-se para o segundo portão de aço e bateu. Houve outra conversa rápida em farsi, também através de uma janelinha no portão. O portão foi finalmente aberto e Paul e Bill entraram.

Estavam numa pequena área de recepção, com uma mesa e algumas cadeiras. Bill olhou ao redor. Não havia ali advogados, representantes da embaixada ou executivos da EDS para evitar que ele fosse para a cadeia. Estamos entregues à nossa própria sorte e vai ser muito perigoso, pensou ele.

Havia um guarda por trás da mesa, com uma caneta esferográfica e uma pilha de formulários. Fez uma pergunta em farsi.

Adivinhando, Paul disse:

— Paul Chiapparone.

Preencher os formulários demorou quase uma hora. Um prisioneiro que falava inglês foi trazido de sua cela para servir como intérprete. Paul e Bill deram seus endereços de Teerã, telefones, datas de nascimento e relacionaram seus bens.

Tiraram o dinheiro deles e deram a cada um 2.000 riais, cerca de 30 dólares.

Foram levados a uma sala contígua e receberam ordens para tirar as roupas. Ambos se despiram, ficaram apenas de cuecas. As roupas e os corpos foram revistados. Paul recebeu ordens para se vestir de novo, mas o mesmo não aconteceu com Bill. O frio era intenso, o aquecimento ali também estava desligado. Nu e tremendo, Bill se perguntou o que aconteceria agora. Obviamente, eles eram os únicos americanos na prisão. Tudo o que lera ou ouvira falar sobre

prisões era pavoroso. O que os guardas fariam a ele e Paul? O que fariam os outros prisioneiros? Mas certamente alguém apareceria a qualquer instante agora para libertá-los.

— Posso pôr o casaco? — perguntou ele ao guarda.

O guarda não compreendeu.

— Casaco — repetiu Bill, simulando vestir um casaco.

O guarda entregou-lhe o casaco.

Outro guarda apareceu um momento depois e mandou que ele se vestisse.

Foram levados de volta à área de recepção. Mais uma vez, Bill olhou ao redor, ansiosamente, esperando deparar com advogados ou amigos; e outra vez ficou desapontado.

Passaram pela área de recepção. Outra porta foi aberta.

Desceram um lance de escada para o porão.

Era frio, escuro e sujo. Havia diversas celas, todas apinhadas de presos, todos eles iranianos. O fedor de urina levou Bill a fechar a boca com firmeza e a respirar superficialmente pelas narinas. O

guarda abriu a porta da cela número nove. Paul e Bill entraram.

Dezesseis rostos barbados olharam para eles, com uma curiosidade intensa. Paul e Bill retribuíram aos olhares, horrorizados.

A porta da cela foi fechada ruidosamente por trás deles.

DOIS

1

Até aquele momento, a vida fora excepcionalmente boa para Ross Perot.

Na manhã de 28 de dezembro de 1978, ele sentou-se à mesa para o café da manhã em sua cabana de montanha em Vau, Colorado, sendo servido por Holly, a cozinheira.

Empoleirada na encosta da montanha e parcialmente escondida pela floresta de choupos, a “cabana de troncos” tinha seis quartos, cinco banheiros, uma imensa sala de estar e uma “Sala de Recuperação” para o descanso depois de esqui, com uma piscina Jacuzzi diante da lareira. Era apenas uma casa de férias.

Ross Perot era rico.

Ele começara a EDS com mil dólares e agora as ações da companhia — mais da metade das quais ele ainda possuía pessoalmente — valiam várias centenas de milhões de dólares. Era o único dono da Petrus Oil & Gas Company, que tinha reservas no valor de centenas de milhões. Também possuía inúmeras propriedades em Dallas. Era difícil calcular exatamente quanto dinheiro ele possuía —

muita coisa dependia da maneira como se contava — mas era certamente mais de 500 milhões de dólares e provavelmente menos de um bilhão.

Nos romances, as pessoas fantásticamente ricas são apresentadas como gananciosas, sequiosas de poder, neuróticas, odiadas e infelizes

— Sempre infelizes. Perot não lia muitos romances. E era feliz.

Não achava que era o dinheiro que o fazia feliz. Acreditava em ganhar dinheiro, em negócios e lucros, porque era isso o que fazia a

América funcionar. Gostava de alguns dos brinquedos que o dinheiro podia comprar, como o iate, as lanchas, o helicóptero. Mas enrolar notas de 100 dólares para acender charutos nunca fora um dos seus Sonhos. Ele sonhara simplesmente em desenvolver uma empresa bem Sucedida, que empregasse milhares de pessoas. Mas o seu maior sonho convertido em realidade estava bem ali, diante de seus olhos.

Vestindo roupas de baixo térmicas, pronta para esquiar, estava sua família. Lá estava Ross Junior, de 20 anos. Se havia um rapaz melhor em todo o estado do Texas, Perot ainda não o conhecera. Ali estavam as suas quatro — isso mesmo, quatro — filhas: Nancy, Suzanne, Carolyn e Katherine. Eram todas saudáveis, inteligentes e adoráveis.

Perot dissera algumas vezes a entrevistadores que avaliaria seu sucesso na vida pela maneira como seus filhos seriam. Se virassem bons cidadãos, com uma profunda preocupação com as outras pessoas, ele consideraria que sua vida valera a pena. (Os entrevistadores diziam: “Acredito no que está dizendo. Mas se eu puser uma coisa assim na matéria, os leitores vão pensar que fui comprado.” Ao que Perot respondia: “Não tem importância. Eu lhe direi a verdade... e você escreve o que achar melhor.”)

Os filhos haviam-se tornado exatamente o que ele desejara, pelo menos até agora. O fato de serem criados em condições de imensa riqueza e privilégio não os estragara absolutamente. Era quase milagroso.

Correndo atrás dos filhos com tíquetes para o teleférico, meias de lã e loção de proteção contra o sol estava a pessoa responsável por aquele milagre, Margot Perot. Era bonita, adorável, inteligente, com muita classe, uma mãe perfeita. Se assim quisesse, ela poderia ter casado com um John Kennedy, um Paul Newman, um Príncipe Rainier, um Rockefeller. Em vez disso, apaixonara-se por Ross Perot, de Texarkana, Texas, com 1,70 m de altura, um nariz quebrado e

nada nos bolsos, além de esperança. Por toda a sua vida, Perot sempre se considerara um homem afortunado. Agora, aos 48 anos, ele podia olhar para trás e compreender que a coisa mais afortunada que ocorrera em sua vida fora Margot.

Era um homem feliz, com uma família feliz. Naquele Natal, porém, uma sombra se abatera sobre eles. A mãe de Perot estava morrendo de câncer ósseo. Sofrera uma queda em casa na véspera de Natal. Não fora uma queda das mais violentas, mas o câncer enfraquecera os ossos e ela fraturara a bacia sendo levada às pressas para o Hospital Baylor, no centro de Dallas.

A irmã de Perot, Bette, passara aquela noite com a mãe. No dia de Natal, Perot, Margot e os cinco filhos puseram os presentes na caminhonete e foram ao hospital. Vovó estava tão animada que todos se divertiram imensamente. Mas ela não queria vê-los no dia seguinte.

Sabia que eles haviam planejado ir esqui e insistiu que fossem, apesar de sua doença. Margot e as crianças partiram para Vail a 26 de dezembro, mas Perot ficara.

Seguira-se uma batalha de vontades, como as que Perot travara com a mãe na infância. Lulu May Perot tinha apenas quatro ou cinco centímetros acima do metro e meio e era franzina, mas não mais frágil que um sargento dos fuzileiros navais. Disse ao filho que ele trabalha muito e precisava do descanso dos feriados. Perot respondeu que não queria deixá-la. Os médicos acabaram intervindo, dizendo a ele que sua permanência não fazia muito bem à mãe, por ser contra a vontade dela. E, no dia seguinte, ele foi se encontrar com a família. A mãe vencera, como sempre acontecia quando ele era menino.

Uma das batalhas entre os dois fora causada por uma excursão dos escoteiros. Houvera uma inundação em Texarkana e os escoteiros planejavam acampar perto da área de desastre, por três dias, a fim

de ajudar no trabalho de socorro. Perot estava determinado a ir, mas a mãe sabia que ele era muito pequeno — seria apenas um fardo para o chefe dos escoteiros. Ele insistira interminavelmente, enquanto a mãe se limitava a sorrir gentilmente e dizer que não.

Ele acabara obtendo uma concessão da mãe: a permissão para ir ajudar a armar as tendas no primeiro dia, mas com a obrigação de voltar para casa antes do anoitecer. Não era muita coisa, mas ele era incapaz de desafiá-la. Limitava-se a imaginar a cena de sua volta para casa, a pensar em que palavras usar para comunicar que a desobedecera — e sabia que não poderia fazê-lo.

Ele nunca levava uma surra. Não podia sequer se lembrar de alguma ocasião em que a mãe gritara com ele. Ela não dominava pelo medo. Com seus cabelos louros, olhos azuis e natureza meiga, ela dominava o filho — e a Bette — com algemas de amor. Simplesmente o fitava nos olhos e dizia o que ele devia fazer — e ele não podia de jeito nenhum fazê-la infeliz.

Mesmo aos 23 anos de idade, quando já saíra pelo mundo e voltara para casa, a mãe ainda dizia:

— Com quem você vai se encontrar esta noite? Onde vai? A que horas voltará para casa?

E quando ele chegava em casa, sempre dava um beijo de boa-noite na mãe. A esta altura, as batalhas entre os dois eram poucas e bastante espaçadas, pois os princípios da mãe estavam tão arraigados no filho que haviam se tornado dele próprio. Ela passara a governar a família como uma monarca constitucional, usando os ornamentos do poder e legitimando os verdadeiros responsáveis pelas decisões.

Ele herdara mais do que os princípios da mãe. Também possuía a mesma vontade de ferro. E tinha o mesmo jeito de fitar as pessoas nos olhos. Casara com uma mulher que se parecia com a mãe. Loura

e de Olhos azuis, Margot possuía o mesmo tipo de natureza meiga de Lulu May. Mas Margot não dominava Perot.

A mãe de todo mundo tem de morrer e Lulu May estava agora com 82 anos. Mas Perot não podia assumir uma atitude estóica. Ela ainda ocupava uma parte muito grande de sua vida. Não mais lhe dava ordens, mas proporcionava estímulo. Encorajara-o a começar a EDS e fora a contadora da companhia durante os primeiros anos, além de diretora- fundadora. Ele podia discutir os problemas com a mãe.

Consultara-a em dezembro de 1969, no auge de sua campanha para divulgar a situação penosa dos prisioneiros de guerra americanos no Vietnã do Norte. Planejava voar para Hanói e seus companheiros na EDS ressaltaram que, se pusesse sua vida em risco, as ações da companhia poderiam cair. Ele se defrontara com um dilema moral: tinha o direito de fazer os acionistas sofrerem, mesmo pela melhor das causas? Ele apresentara o problema à mãe. A resposta fora dada sem a menor hesitação:

— Que eles vendam suas ações.

Os prisioneiros estavam morrendo e isso era muito mais importante do que as cotações das ações da EDS. Era a conclusão a que Perot teria chegado por conta própria. Sem a mãe, ele seria o mesmo homem e faria as mesmas coisas. Sentiria saudade dela e isso era tudo. Mas seria uma saudade profunda.

Mas Perot não era homem de ficar remoendo as coisas. Nada podia fazer pela mãe naquele dia. Dois anos antes, quando ela sofrera um derrame, ele revirara Dallas pelo avesso numa tarde de domingo, procurando o melhor neurocirurgião da cidade e levando-o para o hospital. Ele reagia a uma crise com ação. Mas se nada havia que se pudesse fazer, ele era capaz de afastar o problema de sua mente totalmente, esquecendo as más notícias e se empenhando na tarefa seguinte. Não iria estragar os feriados da família por se mostrar com

uma cara triste. Aderiria ao espírito de diversão e brincadeira, desfrutaria a companhia da esposa e dos filhos.

O telefone tocou, interrompendo seus pensamentos. Ele entrou na cozinha para atender.

— Ross Perot falando.

— Aqui é Bill Gayden, Ross.

— Oi, Bill.

Gayden era um veterano da EDS, na qual ingressara em 1967.

Sob certos aspectos, era o típico vendedor. Era um homem jovial, o companheiro de todos. Gostava de uma piada, um drinque, um pôquer.

Era também um mago das finanças, muito eficiente em aquisições, fusões e transações. Fora por isso que Perot o fizera presidente da EDS World. O senso de humor de Gayden era permanente. Ele sempre encontrava alguma coisa engraçada para dizer mesmo nas situações mais sérias. Agora, porém, ele parecia sombrio.

— Temos um problema, Ross.

Era uma frase característica da EDS: Temos um problema.

Significava más notícias.

— É com Paul e Bill — acrescentou Gayden.

Perot soube no mesmo instante do que ele estava falando. A maneira pela qual os seus dois homens mais importantes no Irã haviam sido impedidos de deixar o país era extremamente sinistra O

problema não saía de seus pensamentos, apesar da mãe estar agonizando.

— Mas eles deveriam receber permissão para deixar o Irã hoje.

— Eles foram presos.

A ira começou como um bolo pequeno e duro no fundo do estômago de Perot.

— Fui informado de que eles poderiam deixar o Irã assim que a tal entrevista terminasse, Bill. Quero saber exatamente o que aconteceu.

— Eles foram simplesmente levados para a prisão.

— Sob que acusações?

— Não especificaram as acusações.

— Qual foi a lei pela qual os encarceraram?

— Eles não disseram.

— O que estamos fazendo para libertá-los?

— Fixaram a fiança em 90 milhões de tomans, Ross. O que dá 12 milhões e 750 mil dólares.

— Doze milhões?

— Isso mesmo.

— Mas como isso pôde acontecer?

— Passei meia hora no telefone com Lloyd Briggs, tentando compreender, Ross. E a verdade é que Lloyd também não entende.

Perot fez uma pausa. Os executivos da EDS deveriam apresentarlhe soluções e não problemas. Gayden sabia muito bem que não devia telefonar sem ter-se informado da maneira mais meticulosa

possível. Perot não poderia saber de mais nada naquele momento. Gayden não dispunha das informações.

— Entre em contato com Tom Luce — disse Perot. — Ligue para o Departamento de Estado em Washington. Isso assume prioridade sobre tudo o mais. Não quero que eles fiquem na prisão por mais um minuto sequer. Mas que porta!

Margot aguçou os ouvidos ao ouvi-lo dizer porra. Ele não tinha o hábito de falar assim, especialmente na presença das crianças. Ele entrou na sala com uma expressão firme. Os olhos estavam tão azuis quanto o Oceano Ártico e igualmente frios. Ela conhecia aquela expressão. Não era apenas raiva, pois ele não era o tipo de homem de dissipar energia em demonstrações de ira. Era uma expressão de determinação inflexível. Significava que ele resolvera fazer uma coisa e moveria céus e terras para tanto. Ela vira aquela mesma determinação, aquela força intensa, quando o conhecera, na Academia Naval em Annapolis — será que já se haviam passado mesmo 25

anos? Era a qualidade que o distinguia do rebanho, que fazia diferente da massa de homens. É claro que ele Possuía outras qualidades: era inteligente, divertido, tinha charme para envolver qualquer pessoa.

Mas o que o tornava excepcional era a força de vontade. Quando ele estava com aquela expressão não havia qualquer possibilidade de detê-lo, assim como não se podia parar um trem descendo por uma encosta.

— Os iranianos meteram Paul e Bill na prisão — disse ele.

Os pensamentos de Margot se concentraram no mesmo instante nas esposas deles: Há anos que as conhecia. Ruthie Chiapparone era uma mulher pequena, plácida e risonha, com uma vasta cabeleira loura. Dava uma impressão de vulnerável, despertando nos homens o desejo do protegê-la. Seria um golpe terrível para ela. Emily

Gaylord era mais resistente, pelo menos na superfície. Uma loura esguia, Emily era exuberante e vigorosa. Haveria de querer embarcar no primeiro avião, a fim de tirar Bill da prisão pessoalmente. A diferença entre as duas mulheres transparecia em suas roupas: Ruthie preferia as cores suaves e os feitios discretos, Emily gostava de cores fortes e da moda mais moderna. Emily sofria por dentro.

— Vou voltar para Dallas — anunciou Ross.

— Está caindo uma nevasca — disse Margot, olhando através da janela para os flocos de neve que caíam pela encosta da montanha. Ela sabia que estava perdendo seu fôlego. O gelo e a neve não poderiam deter seu marido agora. E ela pensou mais à frente: Ross não será capaz de ficar sentado atrás de uma escrivaninha em Dallas por muito tempo, enquanto dois de seus homens estão numa prisão iraniana. Ele não vai para Dallas, mas sim para o Irã.

— Levarei o carro com tração nas quatro rodas. E poderei pegar um avião em Denver.

Margot reprimiu as apreensões que a dominavam e sorriu jovialmente.

— Dirija com cuidado, está bem?

Perot estava encolhido ao volante do GM Suburban, guiando com extremo cuidado. A estrada estava coberta de gelo. A neve se acumulava na base do pára-brisa, reduzindo o movimento dos limpadores. Ele observava atentamente a estrada à frente. Denver ficava a 170

quilômetros de Vau. O que lhe dava tempo para pensar.

Ainda estava furioso.

Não era apenas o fato de Paul e Bill estarem na prisão. Eles estavam na prisão porque haviam ido para o Irã. E haviam ido para o Irã porque Perot os mandara.

Há meses que ele estava preocupado com o Irã. Um dia, depois de passar a noite acordado pensando a respeito, chegara ao escritório e determinara:

— Vamos evacuar. Se estivermos errados, só perderemos o custo de 300 ou 400 passagens de avião. Vamos evacuar hoje.

Fora uma das raras ocasiões em que suas ordens não haviam sido cumpridas à risca. Todos haviam-se esquivado, em Dallas e Teerã. Não podia culpá-los por isso. Ele próprio carecera de determinação. Se fosse mais determinado a evacuação teria se processado naquele mesmo dia. Mas ele não fora firme e no dia seguinte os passaportes haviam sido requisitados.

De qualquer forma, ele devia muito a Paul e Bill. Sentia uma dívida especial de lealdade para com os homens que haviam arriscado suas carreiras ao ingressarem na EDS, quando ainda era uma companhia nova e enfrentando muitas dificuldades. Em muitas ocasiões encontrara o homem certo, entrevistara-o, conseguira interessá-lo e oferecera o emprego, apenas para descobrir que o homem, depois de conversar com a família, chegara à conclusão de que a EDS era muito pequena, muito nova, muito arriscada.

Paul e Bill não apenas haviam assumido o risco, como se haviam empenhado ao máximo para que a jogada desse os melhores resultados. Bill projetara o sistema básico de computador para a administração dos programas de Medicare e Medicaid, que era agora usado em diversos Estados americanos e constituía a base das operações da EDS. Ele trabalhara por horas intermináveis, passara muitas semanas longe de casa, transferira a família por todo o país, naquele tempo. Paul não fora menos dedicado. Quando a companhia dispunha de poucos homens e menos dinheiro ainda, Paul realizara o

trabalho de três engenheiros de sistemas. Perot podia lembrar o primeiro contrato da companhia em Nova York, com a Pepsico. Paul saíra de Manhattan a pé, atravessara a ponte de Brooklyn na neve e se esgueirara pelos piquetes — a fábrica estava em greve — pondo-se a trabalhar.

Perot devia a Paul e a Bill tirá-los da prisão de qualquer maneira.

Devia-lhes encontrar um meio de levar o governo dos Estados Unidos a aplicar todo o peso de sua influência sobre os iranianos.

A América pedira uma vez a ajuda de Perot. Ele dera três anos de sua vida — e muito dinheiro — à campanha dos prisioneiros de guerra. Agora, ele ia pedir a ajuda da América.

Seus pensamentos voltaram a 1969, quando a guerra do Vietnam estava no auge. Alguns dos seus amigos da Academia Naval haviam sido mortos ou capturados: Bill Leftwich, um homem gentil, afetuoso e forte, morrera em combate aos 39 anos de idade; Bill Lawrence era prisioneiro dos norte vietnamitas. Perot achava angustiante observar seu país, o maior país do mundo, perder uma guerra por falta de vontade. Era ainda mais angustiante ver milhões de americanos protestando, não sem justificativa, que aquela guerra era errada e não deveria ser vencida. E um dia, em 1969, ele conhecera o pequeno Billy Singleton, um menino que não sabia se tinha ou não um pai. O

pai de Billy desaparecera no Vietnam antes de ver o filho. Não havia como saber se ele era prisioneiro ou estava morto. Era pungente.

Para Perot, o sentimento não fora uma emoção de tristeza, mas um chamado à ação.

Ele descobrira que a situação da mãe de Bill não era singular.

Havia muitos casos, talvez centenas, de esposas e filhos que não sabiam se seus maridos e pais estavam mortos ou eram apenas

prisioneiros. Os vietnamitas, alegando que não estavam obrigados a respeitar as regras da Convenção de Genebra porque os Estados Unidos nunca haviam declarado guerra, recusavam-se a fornecer os nomes dos prisioneiros.

Pior ainda, muitos prisioneiros estavam morrendo por brutalidade e negligência. O Presidente Nixon estava planejando

“vietnamizar” a guerra e desligar-se do conflito num prazo de três anos. A esta altura, segundo relatórios da CIA, metade dos prisioneiros já teria morrido. Mesmo que o pai de Billy Singleton estivesse vivo, talvez não sobrevivesse para voltar para casa.

Perot queria fazer alguma coisa.

A EDS tinha bons contatos com a Casa Branca de Nixon. Perot fora a Washington e conversara com Henry Kissinger, o principal assessor de política externa. E Kissinger tinha um plano.

Os vietnamitas estavam afirmando, pelo menos para efeito de propaganda, que não tinha qualquer conflito com o povo americano...

mas apenas com o governo dos Estados Unidos. Além disso, estavam-se apresentando ao mundo como o oponente menor num conflito de Davi e Golias. Tudo indicava que prezavam muito a sua imagem pública. Talvez fosse possível, pensava Kissinger, constrangê-los a dispensar um tratamento melhor aos prisioneiros e fornecer os seus nomes, sob a pressão de uma campanha internacional para divulgar os sofrimentos dos prisioneiros e de suas famílias.

A campanha devia ser financiada particularmente e dar a impressão de que não tinha qualquer ligação com o governo, embora na realidade fosse orientada por uma equipe da Casa Branca e do Departamento de Estado.

Perot aceitara o desafio. (Perot podia resistir a qualquer coisa, menos a um desafio. Sua professora, Sra. Duck, compreendera isso).

— É uma pena que você não seja tão inteligente quanto seus amigos — comentara ela um dia.

O jovem Perot insistira que era tão inteligente quanto os amigos.

— Então por que não tira notas tão boas quanto eles?

Era apenas porque eles estavam muito interessados na escola, o que não era o seu caso, explicara Perot.

— Todas as pessoas são capazes de dizer que podem fazer uma coisa — continuara a Sra. Duck. — Mas vamos ser francos: seus amigos podem fazer, mas você não pode.

Perot reagira prontamente. Declarara que tiraria as melhores notas nelas seis semanas seguintes. E o conseguira, não apenas pelas seis semanas prometidas, mas pelo resto do curso secundário. A perceptiva Sra. Duck descobrira o único meio de manipular Perot: desafiá-lo.

Aceitando o desafio de Kissinger, Perot fora procurar a J. Walter Thompson, a maior agência de propaganda do mundo. Dissera o que queria fazer. Eles propuseram apresentar um plano de campanha num prazo de 30 a 60 dias e obter alguns resultados dentro de um ano.

Perot recusara. Queria começar no mesmo dia e obter os primeiros resultados amanhã. Voltara a Dallas, reunira uma pequena equipe de executivos da EDS. Eles começaram a telefonar para editores de jornais e a publicar anúncios simples, sem qualquer sofisticação, que redigiam pessoalmente.

E a correspondência fora chegando aos montões.

Para os americanos favoráveis à guerra, o tratamento dos prisioneiros mostrava que os vietnamitas eram de fato os bandidos; para os que eram contra a guerra, a situação dos prisioneiros constituía mais um motivo para se sair do Vietnã. Somente os opositores mais encarniçados ficaram ressentidos com a campanha. Em 1970 o FBI avisara a Perot que os vietcongues haviam instruído os Panteras Negras para assassiná-lo. (Ao final dos loucos anos 60, isso não parecia tão bizarro.) Perot contratara guarda-costas. Poucas semanas depois, alguns homens pularam a cerca da propriedade de 68.000m de Perot, em Dallas. Foram afugentados por cães selvagens. A família de Perot, inclusive sua mãe indômita, não admitira que ele renunciasse à campanha por causa da segurança deles.

Seu maior feito de propaganda ocorrera em dezembro de 1969, quando ele fretara dois aviões e tentara voar para Hanói, levando ceias de Natal para os prisioneiros de guerra. É claro que ele não recebera permissão para pousar. Mas, durante um período sem muitas notícias de repercussão, ele despertara uma intensa consciência internacional para o problema. Gastara dois milhões de dólares, mas calculara que tal publicidade, se comprada, custaria pelo menos 60 milhões. E uma pesquisa da Gallup que ele encomendara depois, mostrara que os sentimentos dos americanos em relação aos norte vietnamitas eram esmagadoramente negativos.

Perot usara métodos menos espetaculares em 1970. Pequenas Comunidades por todos os Estados Unidos foram estimuladas a desenvolver suas próprias campanhas pelos prisioneiros de guerra.

Levantaram fundos para enviar pessoas a Paris, com o objetivo de pressionar a delegação norte vietnamita que lá estava. Organizaram *telethons*, programas de televisão que se prolongavam por muitas horas. Construíram réplicas das jaulas em que viviam alguns dos prisioneiros. Enviaram tantas cartas de protesto a Hanói que o sistema postal norte vietnamita sofreu um colapso. Perot percorreria o país, fazendo discursos onde quer que o convidassem. Encontrara-

se com diplomatas norte vietnamitas no Laos, levando listas de seus prisioneiros no sul, correspondência deles e filmes de suas condições de vida. Levava também um dirigente da Gallup e juntos analisaram os resultados da pesquisa com os norte-vietnamitas.

Alguma coisa ou tudo dera certo. O tratamento dos prisioneiros de guerra americanos melhorara, correspondência e pacotes começaram a chegar até eles, os norte-vietnamitas passaram a fornecer os seus nomes. Mais importante ainda, os prisioneiros tomaram conhecimento da campanha, por intermédio de soldados americanos recentemente capturados, e as notícias levantaram consideravelmente o seu moral.

Oito anos depois, seguindo para Denver na neve, Perot recordou outra conseqüência da campanha, uma conseqüência que na ocasião parecera apenas um pouco irritante, mas que podia ser agora importante e valiosa. A publicidade para os prisioneiros de guerra significara, inevitavelmente, publicidade para Ross Perot. Ele se tornara nacional- mente conhecido, Seria lembrado nos corredores do poder — especial mente no Pentágono. O comitê de controle de Washington incluía o Almirante Tom Moorer, que então comandava o Estado-Maior das Forças Armadas, Alexander Haig, então assistente de Kissinger e agora Comandante-em-chefe das Forças da OTAN, William Sullivan, então um Subsecretário de Estado Assistente e agora Embaixador dos Estados Unidos no Irã, e o próprio Kissinger.

Essas pessoas ajudariam Perot a penetrar nos altos escalões do governo, descobrir o que estava acontecendo e providenciar ajuda o mais depressa possível. Ele entraria em contato com Richard. Helms, que fora diretor da CIA e embaixador dos Estados Unidos em Teerã.

Ligaria para Kermit Roosevelt, filho de Teddy, que estivera envolvido no golpe promovido pela CIA para levar o Xá de volta ao trono, em 1953...

E se nada disso funcionar?, pensou Perot. Tinha o hábito de pensar mais do que um passo adiante. E se a administração Carter não pudesse ou não quisesse ajudar? Vou tirá-los da prisão de qualquer forma, pensou ele. Mas como poderemos fazer uma coisa assim?

Nunca fizemos nada parecido. Por onde começar? Quem pode nos ajudar?

Ele pensou nos executivos da EDS Merv Stauffer e T. J.

Marquez, em sua secretária, Sally Walther, que haviam sido elementos fundamentais da campanha pelos prisioneiros de guerra. Promover coisas no outro lado do mundo pelo telefone era algo fácil para eles, mas... uma fuga da prisão? E quem se encarregaria da missão? Desde 1968 que os recrutadores da EDS davam preferência a veteranos do Vietnam. Tal política começara por motivos patrióticos e continuara quando Perot constatara que os veteranos freqüentemente se tornavam executivos de primeira classe. Mas os homens que haviam sido outrora soldados esguios, bem treinados, em perfeitas condições físicas, eram agora executivos com excesso de peso, sem boas condições físicas, mais à vontade com um telefone do que com um rifle. E quem planejaria e comandaria a expedição?

Descobrir o melhor homem para uma função era a especialidade de Perot. Embora fosse um dos mais bem-sucedidos *self-made men* da história do capitalismo americano, um homem que vencera graças a seus próprios esforços, não era o maior especialista em computadores do mundo, não era o maior vendedor do mundo, não era o mais eficiente administrador do mundo. Fazia apenas uma coisa excepcionalmente bem: escolhia o homem certo, proporcionava os recursos necessários, tratava de motivá-lo e depois o deixava cumprir suas funções em paz.

Agora, ao aproximar-se de Denver, ele perguntou a si mesmo: Quem é o maior libertador de pessoas do mundo? E foi então que pensou

em Bull Simons.

Uma lenda no exército dos Estados Unidos, o Coronel Arthur D.

“Bull” Simons alcançara as manchetes em novembro de 1970, quando comandara a expedição de um grupo de comandos à prisão de Son Tay, a 37 quilômetros de Hanói, numa tentativa de resgatar prisioneiros de guerra americanos. A expedição fora uma operação corajosa e bem organizada, mas todo o planejamento se baseara em informações falhas: os prisioneiros haviam sido transferidos, não estavam mais em Son Tay. A expedição fora considerada amplamente como um fracasso, o que na opinião de Perot era uma tremenda injustiça. Ele fora convidado a se encontrar com os membros da expedição a Son Tay, a fim de levantar o moral deles, dizendo que pelo menos um cidadão americano estava grato pela bravura que haviam demonstrado. Passara um dia inteiro em Forte Bragg, na Carolina do Norte... e ali conhecera o Coronel Simons.

Espiando pelo pára-brisa, Perot podia imaginar Simons em meio à nuvem de flocos de neve que caíam: um homem grande, em torno de 1,80 m de altura, com os ombros de um touro. Os cabelos brancos eram Curtos, ao melhor estilo militar, mas as sobrancelhas espessas ainda estavam pretas. Dois sulcos profundos desciam pelos lados do nariz grande até os cantos da boca, proporcionando-lhe uma expressão Permanentemente agressiva. Tinha a cabeça grande, orelhas grandes, queixo forte, as mãos mais poderosas que Perot já vira. O homem dava a Impressão de que fora esculpido de um bloco de granito.

Depois de passar um dia com ele, Perot pensara: Num mundo de falsificações, ele é o artigo genuíno.

Naquele dia e nos anos subseqüentes Perot aprendera muita coisa sobre Simons. O que mais o impressionava era a atitude dos homens de Simons em relação a seu líder. Ele fazia Perot se lembrar de Vince Lombardi, o lendário técnico dos Boínas-Verdes: inspirava emoções a

seus homens que variavam do medo ao amor, passando pelo respeito e admiração. Era uma presença imponente e um comandante agressivo. Praguejava muito e podia gritar para um soldado:

— Faça o que estou mandando ou cortarei a porra de sua cabeça!

Mas somente isso não poderia explicar o seu domínio sobre os corações dos seus comandos, cétricos e calejados em batalha. Sob o exterior duro havia um interior ainda mais duro.

Os que haviam servido sob seu comando adoravam contar histórias de Simons. Embora ele tivesse o físico de um touro, seu apelido não decorrera disso, segundo as lendas, mas de um jogo praticado pelos Rangers, conhecido como Cercado do Touro. Um poço era escavado, com pouco menos de dois metros de profundidade, um homem entrava nele. O objetivo do jogo era descobrir quantos homens eram necessários para arrancar o primeiro homem do poço.

Simons achava que o jogo era uma tolice, mas certa ocasião fora espicaçado por seus homens a participar. E houvera necessidade de 15

homens para arrancá-lo do poço, muitos deles tendo de passar a noite no hospital, com dedos e narizes quebrados, mordidas diversas.

Depois disso, ele passara a ser conhecido como “The Bull”, O Touro.

Perot soubera depois que quase tudo nessa história era exagerado. Simons participara do jogo mais de uma vez; geralmente havia necessidade de quatro homens para tirá-lo do poço; ninguém jamais tivera ossos quebrados. Simons era simplesmente o tipo de homem sobre o qual se inventavam lendas. Ele conquistava a lealdade de seus homens não por demonstrações de bravata, mas por sua habilidade como um comandante militar. Era um planejador

meticoloso, interminavelmente paciente. Era cauteloso e tinha uma frase constante:

— Esse é um risco que não precisamos correr.

Orgulhava-se de trazer de volta de uma missão todos os seus homens, vivos. Na guerra do Vietnam, Simons comandara a Operação Estrela Branca. Fora ao Laos com 107 homens e organizara 12

batalhões de membros da tribo Mao para combater os vietnamitas. Um dos batalhões desertara para o outro lado, levando como prisioneiros alguns dos Boínas-Verdes de Simons. Simons pegara um helicóptero e pousara dentro da estacada em que se encontrava o batalhão desertor.

Ao ver Simons, o coronel laociano se adiantara, ficara em posição de sentido e batera continência. Simons lhe dissera que entregasse os prisioneiros imediatamente ou ordenaria um ataque aéreo e destruiria todo o batalhão. O coronel entregara os prisioneiros. Simons levava-os embora e depois ordenara o ataque aéreo. Ele voltara do Laos três anos depois, com todos os seus 107 homens. Perot jamais conferira essa história — gostava dela do jeito que estava.

Perot se encontrara com Simons pela segunda vez depois da guerra. Perot alugara virtualmente todo um hotel de San Francisco e promovera uma festa pelo fim de semana, a fim de que os prisioneiros de guerra de volta confraternizassem com os membros da expedição a Son Tay. Custara a Perot cerca de um quarto de milhão de dólares, mas fora uma festa sensacional. Nancy Reagan, Clint Eastwood e John Wayne compareceram. Perot jamais esqueceria o encontro entre John Wayne e Bull Simons. Wayne apertara a mão de Simons com lágrimas nos olhos e dissera:

— Você é o homem que represento nos filmes.

Antes do desfile pelo centro da cidade, Perot pedira a Simons que conversasse com seus homens e os advertisse a não reagir aos manifestantes contrários.

— San Francisco teve uma parcela acima da média de manifestações contra a guerra — dissera Perot. — E você não escolheu os seus homens pelo charme deles. Se algum ficar irritado, pode torcer o pescoço de um pobre coitado e se arrepender depois.

Simons fitara Perot nos olhos. Fora a primeira experiência de Perot com o olhar de Simons. Fazia qualquer um sentir que era o maior idiota da história. E desejando não ter falado. Desejando que a terra se abrisse para engoli-lo.

— Já conversei com eles — informara Simons. — Não haverá qualquer problema.

Naquele fim de semana, e posteriormente, Perot passara a conhecer Simons bem melhor, descobrindo outras facetas de sua personalidade. Simons podia ser um homem encantador, quando assim queria. Encontrara Margot, a mulher de Perot, as crianças acharam que ele era maravilhoso. Com seus homens, ele falava a linguagem dos soldados, usando muitos palavrões. Mas era surpreendentemente fluente e eloqüente quando falava num banquete ou numa entrevista coletiva. Tinha um diploma de jornalismo. Alguns de seus gostos eram muito simples: lia histórias sobre o Velho Oeste aos montões e apreciava o que seus filhos chamavam de “música de supermercado”.

Mas também lia muitos livros de não-ficção e possuía uma curiosidade intensa por todas as coisas. Podia falar sobre antigüidades ou história com a mesma fluência com que discorria sobre batalhas e armas.

Perot e Simons, duas personalidades dominadoras e determinadas, Conseguiam se dar bem ao proporcionarem um ao outro espaço suficiente. Perot nunca chamava Simons pelo primeiro nome, Art

(embora Margot o fizesse). Como a maioria das pessoas, Perot nunca sabia o que Simons estava pensando a menos que o próprio Simons resolvesse lhe revelar. Perot recordou o primeiro encontro deles, em Fort Bragg.

Antes de se levantar para fazer o seu discurso, Perot perguntara à mulher de Simons, Lucille:

— Como é realmente o Coronel Simons?

Ao que ela respondera:

— Ora, ele é apenas um ursinho.

Perot repetira o comentário em seu discurso. Os membros da expedição a Son Tay desataram a rir. Simons não exibira sequer um sorriso.

Perot não sabia se aquele homem impenetrável se importaria em salvar dois executivos da EDS de uma prisão iraniana. Simons estaria grato pela festa de San Francisco? Talvez. Depois da festa, Perot financiara uma viagem de Simons ao Laos, à procura de soldados americanos desaparecidos em ação e que não haviam voltado com os prisioneiros de guerra. Ao retornar do Laos, Simons comentara para um grupo de executivos da EDS:

— É muito difícil se dizer não a um homem como Perot.

Mas essa possibilidade estava muito distante. Perot tentaria tudo o mais antes.

Ele chegou ao aeroporto, comprou uma passagem no próximo vôo para Dallas e foi para um telefone. Ligou para a EDS e falou com T. J. Marquez, um dos seus mais antigos executivos, conhecido como T. J. ao invés de Tom, pois havia muitos Toms na companhia.

— Quero que prepare o meu passaporte e consiga um visto para o Irã — disse Perot.

— Acho que essa é a pior idéia do mundo, Ross.

T. J. era capaz de discutir pela madrugada afora, se o deixassem.

— Não vou discutir com você — disse Perot bruscamente. —

Mandei Paul e Bill para lá e agora vou tirá-los.

Ele desligou e encaminhou-se para o portão de embarque. Em tudo e por tudo, fora um péssimo Natal.

T. J. ficou um pouco magoado. Era um velho amigo de Perot, além de vice-presidente da EDS, não estava acostumado a que lhe falassem como se fosse um contínuo. Era um dos defeitos persistentes de Perot: quando estava em efervescência, pisava nos calos das pessoas e não sabia sequer que as magoara. Era um homem extraordinário, mas não era um santo.

2

Ruthie Chiapparone também tivera um Natal horrível.

Estava na casa dos pais, uma construção antiga, com 85 anos, de dois andares, na zona sudoeste de Chicago. Na pressa da evacuação do Irã ela deixara para trás a maioria dos presentes de Natal que comprara para as filhas, Karen, de 11 anos, e Ann Marie, de cinco anos. Mas logo depois de chegar a Chicago, ela saíra para fazer compras com o irmão e adquirira outros presentes. Sua família fizera o melhor possível para promover um Natal feliz. Sua irmã e os três irmãos apareceram, houvera muitos outros presentes para Karen e Ann Marie.

Mas todos perguntaram por Paul.

Ruthie precisava de Paul. Era uma mulher meiga e dependente, anos mais moça que o marido. Estava com 34 anos. Adorava-o em parte porque podia se apoiar em seus ombros largos e sentir-se segura.

Sempre tivera alguém para cuidar dela. Em criança, mesmo quando a mãe estava trabalhando fora, a fim de complementar o salário do pai, um motorista de caminhão, tinha dois irmãos e uma irmã mais velhos que a protegiam.

Paul a ignorara quando se haviam conhecido.

Ela era secretária de um coronel e Paul trabalhava em processamento de dados para o Exército, no mesmo prédio. Ruthie costumava descer até a lanchonete para buscar café para o coronel. Algumas de suas amigas conheciam alguns jovens oficiais. Ela sentara-se um dia para conversar um pouco com o grupo. Paul estava presente e a ignorara. Ela também o ignorara por algum tempo, até que subitamente ele a convidara para sair. Namoraram durante um ano e meio e depois casaram.

Ruthie não quisera ir para o Irã. Ao contrário da maioria das esposas da EDS, que achavam emocionante a mudança para outro país, Ruthie ficara bastante preocupada. Nunca saíra dos Estados Unidos e o Havaí era o mais longe que já viajara. O Oriente Médio parecia um lugar estranho e assustador. Paul a levava ao Irã por uma semana, em junho de 1977, na esperança de que ela gostasse. Mas Ruthie não se sentira tranqüilizada. Ela concordara finalmente em ir, mas apenas porque o cargo era importante para o marido.

Mas ela acabara gostando. Os iranianos se mostraram simpáticos, a comunidade americana era unida e sociável, a natureza serena de Ruthie permitia-lhe enfrentar calmamente as frustrações diárias de viver num país primitivo sem supermercados e a dificuldade de se consertar uma máquina de lavar roupas em menos de seis semanas.

A partida fora muito estranha. O aeroporto estava apinhados com uma incrível multidão. Ela reconhecera muitos americanos, mas a maioria era constituída por iranianos em fuga de seu próprio país.

Ruthie pensara: “Não quero partir assim. Por que estão nos expulsando? O que estão fazendo?” Ela viajara junto com Emily, a mulher de Sul Gaylord. Fizeram escala em Copenhague, passando uma noite gelada num hotel em que as janelas não fechavam direito, a tal ponto que as crianças tiveram de dormir de roupa. Quando chegara aos Estados Unidos, Ross Perot lhe telefonara e falara sobre o problema d passaporte. Mas Ruthie não compreendera realmente o que estava acontecendo.

Durante aquele dia de Natal depressivo — era estranho passar o Natal com as crianças, mas sem a presença do pai — Paul telefonara de Teerã.

— Tenho um presente para você — dissera ele.

— A sua passagem de avião? — indagara Ruthie, esperançosa.

— Não. Comprei um tapete para você.

— Mas que maravilha!

Ele contara que passara aquele dia com Pat e Mary Sculley. A esposa de outro homem preparara a ceia de Natal que ele comera e ele assistira os filhos de outro abrirem os presentes de Natal. Dois dias depois, ela fora informada que Paul e Bill teriam um encontro no dia seguinte com o homem que estava obrigando-os a permanecer no Irã. E eles iriam embora depois do encontro.

O encontro era hoje, 28 de dezembro. Por volta de meio-dia, Ruthie estava se perguntando por que ninguém de Dallas ainda não lhe telefonara. Teerã tinha um adiantamento de oito horas e meia sobre Chicago. A reunião já deveria ter acabado, não é mesmo?

Aquela altura, Paul deveria estar arrumando as malas para voltar aos Estados Unidos.

Ela telefonou para Dallas e falou com Jim Nyfeler, um homem da EDS que deixara Teerã em junho último.

— Como foi o tal encontro?

— Não correu muito bem, Ruthie...

— Como assim?

— Eles foram presos.

— Presos? Está brincando comigo?

— Bill Gayden quer falar com você, Ruthie.

Ruthie ficou esperando na linha. Paul preso? Por quê? Para quê?

Por quem? Gayden, o presidente da EDS World e o chefe de Paul, entrou na linha.

— Olá, Ruthie.

— O que está acontecendo, Bill?

— Não estamos entendendo. A embaixada marcou o encontro e deveria ser rotineiro, já que eles não eram acusados de qualquer crime... Mas por volta das seis e meia, pelo horário de Teerã, Paul ligou para Lloyd Briggs e informou que eles estavam indo para a prisão.

— Paul está na prisão?

— Tente não se preocupar demais, Ruthie. Temos uma porção de advogados trabalhando no caso, estamos pressionando o Departamento de Estado e Ross já está voltando do Colorado. Temos certeza de que vamos resolver tudo em menos de dois dias. É apenas uma questão tempo, nada mais.

— Está bem.

Ruthie estava atordoada. Tudo aquilo não fazia o menor sentido.

O seu marido poderia estar na prisão? Ela despediu-se de Gayden e desligou.

O que estava acontecendo no Irã?

Emily Gaylord jogara um prato no marido Bill na última vez em que o vira.

Sentada na casa de sua irmã Dorothy, em Washington, conversando com ela e seu marido Tim sobre a melhor maneira de ajudarem a tirar Bill da prisão, ela não podia esquecer aquele prato voador.

Acontecera na casa deles em Teerã. Uma noite, no início de dezembro, Bill chegara em casa e anunciara que Emily e as crianças voltariam aos Estados Unidos no dia seguinte.

Bill e Emily tinham quatro filhos: Vicki, de 15 anos; Jackie, de 12 anos; Jenny, de nove anos; e Chris, de seis anos. Emily concordara que as crianças deveriam voltar, mas ela queria ficar. Podia não ser capaz de fazer qualquer coisa para ajudar Bill, mas pelo menos ele teria alguém com quem conversar.

Era inteiramente impossível, insistira Bill. Ela partiria no dia seguinte. Ruthie Chiapparone seguiria no mesmo avião. Todas as outras esposas e crianças da EDS seriam evacuadas um ou dois dias depois.

Emily não estava interessada nas outras esposas. Ela ficaria com o marido.

Os dois discutiram. Emily ficara cada vez mais furiosa, até que finalmente não pudera mais expressar sua frustração em palavras; por isso pegara um prato e o atirara no marido.

Emily tinha certeza de que ele jamais esqueceria. Fora a primeira vez, em 18 anos de casamento, em que ela explodira daquele jeito. Ela era sempre tensa, exuberante, excitada... mas nunca violenta.

O suave e temo Bill... Era a última coisa que ele merecia.

Emily tinha 12 anos ao conhecê-lo, ele estava com 14 anos. Ela o odiava. Ele estava apaixonado por sua melhor amiga, Cookie, uma garota excepcionalmente atraente. Bill só falava sobre Cookie, com quem ela estava saindo, se aceitaria um convite dele, se gostaria de namorá-lo, se gostava disso ou daquilo... As irmãs e o irmão de Emily gostavam muito de Bill. Emily não podia escapar dele, pois suas famílias pertenciam ao mesmo country club e seu irmão jogava golfe com Bill. Fora o irmão dela quem finalmente persuadira Bill a convidar Emily para sair, muito tempo depois que ele já esquecera Cookie. E de repente, depois de anos de mútua indiferença, eles se apaixonaram loucamente.

A esta altura, Bill estava na universidade, estudando engenharia aeronáutica, a 400 quilômetros de distância, em Blacksburg, Virgínia, só aparecia em casa nas férias e em um ou outro fim de semana. Não suportavam ficar tão distantes. E resolveram casar, embora Emily tivesse apenas 18 anos.

Era uma boa união. Tinham a mesma criação, de prósperas famílias católicas de Washington. A personalidade de Bill, sensível, calma, lógica, complementava a exuberância nervosa de Emily.

Enfrentaram muita coisa juntos ao longo dos 18 anos seguintes.

Perderam um filho com lesões cerebrais e Emily se submetera a três intervenções cirúrgicas de gravidade. As dificuldades fizeram com que se tornassem ainda mais unidos.

E agora surgia uma nova crise: Bill estava na prisão.

Emily ainda não contara à mãe. O irmão de sua mãe, o Tio Gus, morrera naquele dia. A mãe já estava profundamente transtornada.

Emily ainda não podia lhe falar de Bill. Mas podia conversar com Dorothy e Tim.

Seu cunhado, Tim Reardon, era procurador federal, trabalhando no Departamento de Justiça, tinha excelentes contatos. O pai de Tim fora assessor administrativo do Presidente John F. Kennedy. Tim trabalhara para Ted Kennedy. Tim também conhecia pessoalmente o presidente da Câmara dos Deputados, Thomas P. "Tip" O'Neill, e o Senador Charles Mathias, de Maryland. Ele estava a par do problema do passaporte, pois Emily lhe falara a respeito assim que chegara a Washington, de volta de Teerã. Além disso, conversara a respeito com Ross Perot.

— Eu poderia escrever uma carta ao Presidente Carter e pedir a Ted Kennedy que a entregue pessoalmente — disse Tim.

Emily concordou. Tinha dificuldade em se concentrar. Tentava imaginar o que Bill estaria fazendo naquele momento.

Paul e Bill estavam no interior da Cella nº 9, com frio, atordoados, querendo desesperadamente saber o que aconteceria em seguida.

Paul sentia-se extremamente vulnerável: um americano branco, de terno, incapaz de falar mais que umas poucas palavras de farsi, diante de uma multidão que parecia composta de ladrões e assassinos.

Ele recordou subitamente que já lera sobre homens estuprados na prisão e ficou pensando sombriamente como poderia enfrentar uma tal ameaça.

Paul olhou para Bill. O rosto dele estava pálido de tensão. Um dos prisioneiros lhes falou em farsi. Paul disse:

— Alguém aqui fala inglês?

Uma voz gritou de uma cela no outro lado do corredor:

— Eu falo inglês.

Houve uma conversa gritada em farsi, muito rápida. Depois, o intérprete gritou:

— Qual é o crime de vocês?

— Não fizemos nada — respondeu Paul.

— E de que são acusados?

— De nada. Somos apenas executivos americanos comuns, com mulher e filhos. Não sabemos por que estamos presos.

A resposta foi traduzida. Houve mais alguma conversa em farsi e depois o intérprete disse:

— O que está falando comigo é o chefe da cela de vocês, por ser o preso mais antigo.

— Estamos entendendo — disse Paul.

— Ele lhes dirá onde vão dormir.

A tensão se atenuou enquanto falavam. Paul inspecionou o local.

As paredes de concreto estavam pintadas com uma cor que devia ter sido outrora laranja, mas que agora parecia apenas suja. Havia alguma espécie de tapete fino ou esteira cobrindo a maior parte do chão de concreto. Havia na cela seis conjuntos de beliches, em grupos de três; o mais baixo não era mais que um colchão fino em cima do chão. A cela era iluminada por uma única lâmpada e ventilada por uma grade na parede, que deixava entrar o ar noturno, terrivelmente frio. A cela estava apinhada.

Um guarda apareceu pouco depois, abriu a porta da cela e fez sinal para que Paul e Bill saíssem.

Já acabou, pensou Paul; seremos libertados agora. Graças a Deus que não terei de passar a noite nesta cela horrível.

Eles seguiram o guarda pela escada acima e entraram numa pequena sala. O guarda apontou para os sapatos deles.

Paul e Bill compreenderam que deveriam tirar os sapatos.

O guarda entregou a cada um deles um par de sandálias de plástico.

Paul compreendeu com um desapontamento amargo, que não estavam prestes a ser libertados. Teriam mesmo de passar a noite na cela. Pensou com raiva no pessoal da embaixada. Haviam

promovido o encontro com Dadgar, haviam aconselhado o Paul a não levar advoga dos, disseram que Dadgar estava "favoravelmente disposto"...

Rosa Perot diria: "Algumas pessoas não sabem sequer organizar um funeral de dois carros." Isso se aplicava ao pessoal da embaixada dos Estados Unidos. Eram simplesmente incompetentes. Mas depois de todos os enganos que haviam cometido, pensou Paul, eles não deveriam aparecer ali naquela mesma noite para tentar libertá-los?

Eles puseram as sandálias de plástico e tornaram a seguir o guarda escada abaixo.

Os outros presos aprontavam-se para dormir, deitados nos beliches e se envolvendo em mantas finas de lã. O chefe da cela, recorrendo à linguagem dos sinais, indicou a Paul e Bill onde deveriam deitar: Bill ficou no beliche do meio de um grupo, Paul por baixo dele, com apenas um colchão fino entre seu corpo e o chão.

Eles deitaram. A lâmpada continuou acesa, mas era tão fraca que não chegava a incomodar. Depois de algum tempo, Paul não sentia mais o cheiro. Mas não conseguiu se acostumar ao frio. Com o chão de concreto, a grade de ventilação aberta e sem aquecimento, era quase como dormir ao ar livre. Os criminosos deviam levar uma vida terrível, pensou Paul, sendo obrigados a suportar condições como aquelas; sinto-me contente por não ser um criminoso. Uma noite assim será mais do que suficiente.

3

Ross Perot pegou um táxi do aeroporto regional Dallas/Fort Worth para a sede da EDS, na Forest Lane, 7171. Ele baixou a janela do táxi no portão da EDS, a fim de que os guardas vissem o seu rosto, depois recostou-se enquanto o carro percorria o caminho de meio quilômetro através do parque. O local fora outrora um clube campestre e o parque era um campo de golfe. A sede da EDS surgiu à frente, um edifício de sete andares, tendo ao lado uma construção de concreto à prova de furacões, onde estavam alojados os vastos computadores, com seus milhares de quilômetros de fitas magnéticas.

Perot pagou ao motorista, subiu no elevador para o quinto andar e encaminhou-se para o escritório de Gayden.

Gayden estava sentado à sua mesa. Sempre dava uma impressão de desalinho, apesar do código de vestir da EDS. Tirara o paletó, afrouxara a gravata, desabotoara o colarinho, os cabelos estavam desgrenhados, um cigarro pendia no Canto da boca. Ele levantou-se quando Perot entrou.

— Como está sua mãe, Ross?

— Está bastante animada, obrigado.

— Isso é ótimo.

Perot sentou.

— E agora me diga: onde estão Paul e Bill?

Gayden pegou o telefone, dizendo:

— Vou chamar T. J.

Ele apertou o ramal de T. J. Marquez e disse ao telefone:

— Ross está aqui... Isso mesmo. Na minha sala. — Desligou e acrescentou: — T. J. está vindo para cá. Liguei para o Departamento de Estado. O chefe da Seção do Irã é um homem chamado Henry Precht. A princípio, ele não quis me atender. Acabei dizendo à secretária: “Se ele não me ligar dentro de vinte minutos, vou entrar em contato com a CBS, ABC e NBC e daqui a uma hora Ross Perot estará dando uma entrevista coletiva, anunciando que temos dois americanos na prisão no Irã e que nosso país se recusa a ajudá-los.” Ele me ligou cinco minutos depois.

— E o que ele disse?

Gayden suspirou.

— A atitude básica do pessoal lá por cima, Ross, é que Paul e Bill devem ter feito alguma coisa errada para estarem presos.

— Mas o que eles vão fazer?

— Entrar em contato com a embaixada, verificar a situação, blá, blá, blá.

— Pois vamos acender um busca-pé debaixo do rabo desse tal de Precht — disse Perot, irritado. — E Tom Luce é o homem para cuidar disso.

Luce, um advogado jovem e agressivo, era o fundador da firma de advocacia de Dallas Hughes & Hill, que cuidava da maioria das questões jurídicas da EDS. Perot o contratara como advogado da EDS

há alguns anos porque podia relacionar-se facilmente com um homem ainda jovem que largara uma grande companhia para formar a sua própria empresa, lutando obstinadamente para crescer. Fora o

que ele também fizera. A Hughes & Hill, como a EDS, crescera depressa. E

Perot jamais se arrependera de ter contratado Luce.

— Luce está aqui, em algum lugar do prédio — informou Gayden.

— E Tom Walter?

— Também está por aqui.

Walter, natural do Alabama, alto, a voz mole típica, era o encarregado do setor financeiro da EDS e provavelmente o homem mais inteligente da companhia, em termos de cérebro puro. Perot disse:

— Quero que Walter comece a cuidar do problema da fiança.

Não quero pagar, mas é o que farei, se não houver outro jeito. Walter deve calcular como poderemos efetuar o pagamento. Pode apostar que eles não aceitarão o cartão da American Express.

— Está certo.

Uma voz disse, por trás de Perot:

— Oi, Ross.

Perot virou a cabeça e deparou com T. J. Marquez.

— Oi, Tom.

T. J. era alto e magro, com 40 anos, a boa aparência espanhola, pele azeitonada, cabelos pretos, curtos e crespos, um sorriso que deixava à mostra muitos dentes brancos. O primeiro empregado que Perot contratara era a prova indiscutível de que o dono da EDS

possuía uma Capacidade excepcional de escolher os homens certos.
T.

J. era agora vice-presidente da EDS, e sua participação acionária pessoal na companhia valia milhões de dólares.

— O senhor tem sido bom para nós — T. J. costumava comentar,

Perot sabia que os pais de T. J. haviam enfrentado as maiores dificuldades para enviá-lo à universidade. O sacrifício deles fora bem recompensado. Uma das melhores coisas do sucesso meteórico da EDS, para Perot, fora a possibilidade de partilhar o triunfo com pessoas como ele. T. J. sentou e anunciou:

— Falei com Claude.

Perot assentiu. Claude Chappellear era o advogado interno da companhia.

— Claude é amigo de Matthew Nimetz, assessor do Secretário de Estado, Vance. Achei que Claude poderia falar com Nimetz para levantar o problema com o próprio Vance. Nimetz ligou pessoalmente pouco depois. Está disposto a nos ajudar. Vai enviar um telegrama sob o nome de Vance para a embaixada americana em Teerã, ordenando que façam tudo o que for necessário. E vai escrever um bilhete pessoal para Vance a respeito de Paul e Bill.

— Ótimo.

— Ligamos também para o Almirante Moorer. Ele pode acelerar todo processo, porque já o havíamos consultado antes sobre o problema dos passaportes. Moorer vai falar com Ardeshir Zahedi.

Devo lembrar que Zahedi não é apenas o embaixador iraniano em Washington, mas também cunhado do Xá. Ele acaba de voltar ao Irã...

para dirigir o país, segundo alguns. Moorer vai pedir a Zahedi para interferir por Paul e Bill. Estamos neste momento elaborando um telegrama para Zahedi enviar ao Ministério da Justiça.

— Quem está cuidando disso?

— Tom Luce.

— Ótimo — Perot fez uma pausa. — Temos o Secretário de Estado, o chefe da Seção do Irã, a embaixada americana em Teerã e o embaixador iraniano em Washington trabalhando no caso. Isso é ótimo. E agora vamos discutir o que mais podemos fazer.

T. J. disse:

— Tom Luce e Tom Walter têm um encontro marcado com o Almirante Moorer amanhã, em Washington. Moorer sugeriu que também entrássemos em contato com Richard Helms... ele foi embaixador no Irã depois que deixou a CIA.

— Eu ligarei para Helms — disse Perot. — E falarei também com Al Haig e Henry Kissinger. Quero que vocês dois se concentrem em tirar todo o nosso pessoal que ainda está no Irã.

— Não tenho certeza se isso é necessário, Ross — protestou Gayden.

— Não quero discutir o assunto, Bill. Tratem apenas de fazer o que estou mandando. Lloyd Briggs é o único que deve permanecer por lá. Ele é o chefe agora, com Paul e Bill na prisão. Todos os outros voltarão para casa.

— Não pode obrigá-los a voltar, se eles não quiserem — insistiu Gayden.

— Quem vai querer ficar?

— Rich Gallagher. A mulher dele...

— Já sei. Muito bem, Briggs e Gallagher ficam. E mais ninguém.

— Perot levantou-se. — Vou começar a dar os telefonemas agora.

Ele pegou o elevador para o sétimo andar e atravessou a sala de sua secretária. Sally Walther estava sentada à sua mesa. Trabalhava com ele há muitos anos e participara pessoalmente da campanha dos prisioneiros de guerra e da festa em San Francisco. (Ela voltara daquele fim de semana com um dos membros da expedição de Son Tay a tiracolo. O Capitão Udo Walther era agora o seu marido.) Perot disse a ela:

— Ligue para Henry Kissinger, Alexander Haig e Richard Helms.

Ele entrou em sua própria sala e sentou à mesa. A sala, com as paredes revestidas de madeira, tapete luxuoso e prateleiras com livros de antiquário, mais parecia uma biblioteca vitoriana, numa mansão rural inglesa. Ele estava cercado por souvenirs e por sua pintura predileta. Margot gostava de quadros dos impressionistas, mas Perot preferia a arte americana: originais de Norman Rockwell e bronzes do Velho Oeste de Frederic Remington. Pela janela, ele podia contemplar as ondulações do antigo campo de golfe.

Perot não sabia onde Henry Kissinger podia estar passando os feriados. Talvez Sally demorasse algum tempo para descobri-lo. Havia tempo para pensar no que iria dizer. Kissinger não era um amigo íntimo. Perot precisaria recorrer a toda a sua habilidade de vendedor para prender a atenção de Kissinger e, no curto espaço de um telefonema, conquistar-lhe a simpatia e apoio. O telefone em sua mesa tocou nesse instante, e Sally anunciou:

— Henry Kissinger já vai atender.

Perot pegou o telefone.

— Ross Perot.

— Henry Kissinger já vai falar.

Perot esperou.

Kissinger fora outrora classificado como o homem mais poderoso do mundo. Conhecia o Xá pessoalmente. Mas até que ponto ele se lembraria de Ross Perot? A campanha dos prisioneiros de guerra fora algo grande, mas Kissinger realizara projetos muito maiores: a paz no Oriente Médio, reaproximação entre os Estados Unidos e a China, o fim da guerra do Vietnam...

— Kissinger falando.

Era a voz profunda tão familiar, o sotaque, uma curiosa mistura de vogais americanas e consoantes alemãs.

— Aqui é Ross Perot, Dr. Kissinger. Sou um empresário de Dallas, Texas, e...

— Mas que diabo, Ross! Sei muito bem quem você é.

O coração de Perot se acelerou. A voz de Kissinger era cordial, afetuosa e informal. Mas isso é sensacional! Perot pôs-se a falar de Paul e Bill: como haviam ido encontrar-se voluntariamente com Dadgar, como o Departamento de Estado os deixara desamparados.

Garantiu a Kissinger que eles eram inocentes, ressaltou que não haviam sido acusados de qualquer crime, que os iranianos não tinham apresentado qualquer prova contra os dois. E arrematou:

— São meus homens. Mandei-os para lá e agora tenho de trazê-los de volta.

— Verei o que posso fazer — prometeu Kissinger.

Perot ficou exultante.

— Eu ficaria profundamente grato.

— Mande-me um pequeno resumo dos acontecimentos, com todos os detalhes.

— Será encaminhado ainda hoje.

— Fique aguardando uma ligação minha, Ross,

— Obrigado, senhor.

A linha ficou muda.

Perot sentia-se atordoado. Kissinger se lembrara dele, fora cordial e prometera ajudar. Queria um relatório sucinto dos acontecimentos. A EDS poderia mandar ainda hoje...

Um súbito pensamento ocorreu a Perot. Não tinha a menor idéia de onde Kissinger falara. Podia ter sido de Londres, Monte Cano, México...

— Sally?

— Pois não, senhor?

— Você descobriu onde Kissinger está?

— Descobri, senhor.

Kissinger estava em Nova York, em seu dúplex, no exclusivo prédio River House, na Rua 52 — Leste. Da janela podia ver o East River. Kissinger lembrava-se perfeitamente de Ross Perot. Perot era um diamante bruto. Ajudava causas com que Kissinger simpatizava, geralmente causas relacionadas com prisioneiros. Durante a guerra do Vietnam, a campanha de Perot fora corajosa, muito embora ele tivesse incomodado Kissinger algumas vezes além do ponto em que

isso era viável. Agora, alguns dos homens de Perot eram prisioneiros.

Kissinger não tinha qualquer dificuldade em acreditar que eles eram de fato inocentes, O Irã estava à beira da guerra civil. A justiça e o processo devido não significavam muita coisa por lá naquele momento. Mas ele não sabia se poderia ajudar. Queria ajudar, pois era uma boa causa. Não estava mais num cargo importante, mas ainda tinha amigos. Resolveu que ligaria para Ardeshir Zahedi, assim que o relatório sobre os fatos chegasse de Dallas.

Perot sentiu-se animado pela conversa com Kissinger. Mas que diabo, Ross! Sei muito bem quem você é. Uma coisa assim valia mais do que dinheiro. A única vantagem de ser famoso era que isso às vezes ajudava a se realizar coisas importantes. T. J. entrou na sala.

— Estou com o seu passaporte. E já tem o visto para o Irã. Mas acho que você não deveria ir, Ross. Todos nós aqui podemos trabalhar no problema, mas você é o homem chave. A última coisa de que precisamos é você estar fora de contato, em Teerã ou simplesmente num avião lá por cima, no momento em que tivermos de tomar uma decisão crucial.

Perot esquecera inteiramente a sua decisão anterior de viajar para Teerã. Tudo o que ouvira durante a última hora o levava a pensar que não seria necessário.

— Talvez você tenha razão — disse ele a T.J. — Temos muitas coisas em andamento na área das negociações... e basta que apenas uma dê certo. Não irei para Teerã. Pelo menos por enquanto.

4

Henry Precht era provavelmente o homem mais mortificado em Washington naquele momento.

Um antigo funcionário do Departamento de Estado, com uma propensão para a arte e filosofia e um extravagante senso de humor, ele vinha conduzindo a política americana no Irã mais ou menos sozinho, por conta própria, durante a maior parte de 1978, enquanto seus superiores, até o Presidente Carter, concentravam-se no acordo de Camp David, entre Egito e Israel.

Desde o início de novembro, quando a situação no Irã começara realmente a esquentar, Precht estava trabalhando sete dias por semana, de Oito horas da manhã até nove horas da noite. E aqueles malditos texanos pareciam pensar que ele não tinha outra coisa para fazer senão conversar com eles pelo telefone.

O problema era que a crise no Irã não era a única luta pelo poder com que Precht tinha de se preocupar. Havia outra luta em andamento, ali mesmo, em Washington, entre o Secretário de Estado Cyrus Vance, o chefe de Precht, e Zbigniew Brzezinski, o Assessor de Segurança Nacional do Presidente Carter.

Vance acreditava, como o Presidente Carter, que a política exterior americana deveria refletir a moral americana. O povo americano acreditava na liberdade, justiça e democracia e eles não queriam apoiar tiranos, O Xá do Irã era um tirano. A Anistia Internacional dissera que a situação dos direitos humanos no Irã era a pior do mundo. Muitos relatórios sobre o uso sistemático de tortura pelo Xá haviam sido confirmados pela Comissão Internacional de Juristas. Como a CIA levara o Xá ao poder e os Estados Unidos o mantinham, um presidente americano que falava muito sobre direitos humanos não podia deixar de fazer alguma coisa.

Em janeiro de 1977, Carter insinuara que os tiranos poderiam deixar de receber ajuda americana. Carter estava indeciso —

posteriormente, naquele mesmo ano, ele visitara o Irã e fora pródigo em louvores ao Xá — mas Vance continuava a acreditar firmemente na defesa dos direitos humanos.

O que não acontecia com Zbigniew Brzezinski. O Assessor de Segurança Nacional acreditava na força. O Xá era um aliado dos Estados Unidos e por isso devia ser apoiado de qualquer maneira.

Claro que ele deveria ser pressionado a parar de torturar as pessoas —

mas não por enquanto. O regime ainda estava sob ataque, não era o momento apropriado para liberalizá-lo.

E quando chegaria esse momento?, indagava a facção de Vance.

O Xá fora forte durante a maior parte dos seus 25 anos no poder, mas nunca demonstrara muita propensão para um governo de moderação.

Ao que Brzezinski respondia:

— Apontem um só governo moderado naquela região do mundo.

Na administração Carter, havia muitos que achavam que não tinha sentido desenvolver qualquer política exterior da América se não fosse para pregar e defender a liberdade e democracia. Mas essa posição era um tanto radical e por isso eles recorriam a um argumento pragmático: o povo iraniano estava cansado do Xá e iria livrar-se dele de qualquer maneira, independente do que Washington pudesse pensar.

Isso é bobagem, insistia Brzezinski. Leiam a história. As revoluções só se tornam vitoriosas quando os soberanos fazem concessões,

mas fracassam inevitavelmente quando os que estão no poder esmagam os rebeldes com punho de ferro. O exército iraniano, com um efetivo de 400.000 homens, pode facilmente reprimir qualquer revolta.

A facção de Vance, na qual Henry Precht estava incluído, não concordava com a Teoria das Revoluções de Brzezinski: os tiranos fazem concessões porque os rebeldes são fortes e não ao contrário, alegavam. Mais importante do que isso, não acreditavam que o exército iraniano tivesse um efetivo de 400.000 homens. Era muito difícil obterem-se dados precisos, mas os soldados estavam desertando a um ritmo que flutuava em torno dos oito por cento ao mês. Havia unidades inteiras que passariam intactas para o lado dos revolucionários, no caso de uma guerra civil total.

As duas facções de Washington estavam obtendo suas informações de fontes diferentes. Brzezinski escutava a Ardeshir Zahedi, o cunhado de Reza Pahlavi e a mais poderosa personalidade a favor do Xá do Irã. Vance escutava ao Embaixador Sullivan. Os telegramas de Sullivan não eram tão coerentes como Washington desejaria — talvez fosse porque a situação no Irã era às vezes confusa demais — mas, desde setembro, a tendência geral de seus relatórios era a de que o Xá estava condenado.

Brzezinski dizia que Sullivan perdera o juízo e não merecia a menor confiança. Os partidários de Vance insistiam que Brzezinski lidava com as más notícias pelo expediente simples de fuzilar o mensageiro.

O resultado dessa divergência era os Estados Unidos não fazerem coisa alguma. Em determinada ocasião, o Departamento de Estado elaborara uma mensagem ao Embaixador Sullivan, instruindo-o a recomendar ao Xá que formasse um governo de coalizão civil, com a base mais ampla que fosse possível. Brzezinski vetara a mensagem. Em outra ocasião, Brzezinski telefonara para o Xá e garantira que contava com o apoio do Presidente Carter. O Xá pedira um

telegrama de confirmação. O Departamento de Estado não enviara o telegrama. Em sua frustração, os dois lados deixaram escapar informações para os jornais. Assim, o mundo inteiro soubera que a política de Washington no Irã estava paralisada por uma luta interna em Washington.

Com tudo isso acontecendo, a última coisa de que Precht precisava era de um bando de texanos em cima dele, pensando que eram as únicas pessoas no mundo com um problema.

Além do mais, ele sabia exatamente por que a EDS estava em dificuldade. Ou pelo menos pensava que sabia. Ao indagar se a EDS

era representada por algum agente no Irã, recebera a informação: E, sim, pelo Sr. Abolfath Mahvi. Isso explicava tudo. Mahvi era um conhecido intermediário de Teerã, conhecido como "o homem dos cinco por Cento", por sua participação em contratos militares. Apesar de seus contatos de alto nível, o Xá o incluía numa lista negra de pessoas que estavam proibidas de realizar negócios no Irã. Era por isso que se Suspeitava agora que a EDS estava envolvida em corrupção.

Precht faria o que pudesse. Mandaria que a embaixada em Teerã cuidasse do caso. Talvez até o Embaixador Sullivan pudesse pressionar os iranianos para libertarem Chiapparone e Gaylord. Mas não havia qualquer possibilidade do governo dos Estados Unidos relegar todas as outras questões iranianas por causa daquele incidente.

Estavam tentando manter o regime vigente e aquele não era o momento para desequilibrá-lo ainda mais com a ameaça de um rompimento de relações diplomáticas, por causa de dois empresários presos, especialmente quando havia outros 12.000 cidadãos americanos no Irã, todos eles merecendo os cuidados do Departamento de Estado. Era lamentável, mas Chiapparone e Gaylord teriam de agüentar a situação.

Henry Precht era bem-intencionado. Contudo, no início de seu envolvimento no caso de Paul e Bill, ele também, como já acontecera com Lou Goelz, cometeu um erro que a princípio norteou a sua atitude em relação ao problema e posteriormente deixou-o na defensiva em todas as negociações com a EDS. Precht reagiu como se a investigação em que Paul e Bill deveriam ser testemunhas fosse um inquérito judicial legítimo, sobre acusações de corrupção, ao invés de uma tentativa descarada de chantagem. Goelz, baseado em tal pressuposição, resolveu cooperar com o General Biglari. Precht, cometendo o mesmo erro, recusou-se a considerar Paul e Bill como americanos criminosamente seqüestrados.

Quer Abolfath Mahvi fosse corrupto ou não, a verdade é que ele não ganhara nada do contrato da EDS com o Ministério da Saúde. A EDS enfrentara dificuldades em seus primeiros dias justamente por se recusar a dar uma participação a Mahvi.

Tudo aconteceu assim. Mahvi ajudou a EDS a obter o seu primeiro contrato no Irã, relativamente pequeno, a criação de um sistema de controle de documentos para a marinha iraniana. A EDS, informada de que, por lei, precisava de um associado local, prometera a Mahvi um terço dos lucros. Quando o contrato fora encerrado, dois anos depois, a EDS pagara a Mahvi os 400.000 dólares devidos.

Mas Mahvi já estava na lista negra enquanto era negociado o contrato com o Ministério da Saúde. Apesar disso, quando o contrato estava prestes a ser assinado, Mahvi, que a esta altura já estava outra vez fora da lista negra, exigiu que o negócio fosse realizado por uma companhia que ele criara junto com a EDS.

A EDS recusou. Mahvi fizera jus à sua participação nos lucros do contrato com a marinha iraniana, mas em nada contribuía para o negócio com o Ministério da Saúde.

Mahvi alegou que a associação da EDS com ele facilitara a aprovação do contrato com o ministério pelos 24 setores diferentes

do governo que precisavam sancioná-lo. Além disso, insistiu, ele ajudara a conseguir uma decisão fiscal favorável à EDS, que fora incluída no contrato. A EDS só obtivera aquilo porque Mahvi passara algum tempo em Monte Cano com o ministro das finanças.

O advogado iraniano da EDS queixou-se ao primeiro-ministro e Mahvi foi repreendido por exigir subornos. Apesar disso, sua influência era tão grande que o Ministério da Saúde não assinaria o contrato se a EDS não o deixasse satisfeito.

A EDS teve diversas negociações tempestuosas com Mahvi. A EDS ainda se recusava a partilhar os lucros com ele. Ao final, houve um acordo para salvar a situação: uma companhia mista, atuando como subempreiteira da EDS, recrutaria e empregaria todos os funcionários iranianos da EDS. Essa companhia mista jamais ganhou dinheiro, mas esse fato só se constatou depois. Na ocasião, Mahvi aceitou o acordo e o contrato com o Ministério da Saúde foi assinado.

Assim, a EDS não pagara subornos e o governo iraniano sabia disso. Mas Henry Precht não sabia. Nem Lou Goelz. Por isso, foi equívoca a atitude deles em relação a Paul e Bill. Os dois passaram muitas horas cuidando do caso, mas não lhe concederam uma alta prioridade. Quando o combativo advogado da EDS, Tom Luce, falava com eles como se fossem ociosos, estúpidos ou as duas coisas, ambos ficavam indignados e querendo apenas se esquivar.

Precht, em Washington, e Goelz, em Teerã, eram os elementos cruciais cuidando do caso. Nenhum dos dois era preguiçoso. Nenhum dos dois era incompetente. Mas ambos cometeram erros, ambos ficaram um tanto hostis à EDS — e naqueles primeiros dias vitais, ambos deixaram de fazer qualquer coisa mais efetiva para ajudar Paul e Bill.

TRÊS

1

Um guarda abriu a porta da cela, olhou ao redor, apontou para Paul e Bill, fez sinal para que o acompanhassem.

As esperanças de Bill ressuscitaram. Seriam libertados agora.

Os dois se levantaram e subiram a escada atrás do guarda. Era maravilhoso ver a luz do dia através das janelas. Passaram pela porta e atravessaram o pátio, até o pequeno prédio de um andar ao lado do portão de entrada. O ar fresco tinha um sabor celestial.

Fora uma noite terrível. Bill deitara no colchão fino, cochilando irrequieto, sobressaltado ao menor movimento dos outros prisioneiros, olhando ao redor ansiosamente na semi-escuridão da lâmpada fraca que passara a noite inteira acesa. Só soubera que era de manhã quando um guarda aparecera com copos de chá e pedaços de pão duro. Mas não sentia fome. E recitara um rosário.

Parecia agora que suas preces estavam sendo atendidas.

No prédio de um andar havia uma sala de visitas, mobiliada com mesas e cadeiras simples. Duas pessoas estavam esperando. Bill reconheceu uma delas: era Ali Jordan, o iraniano que trabalhava com Lou Goelz na embaixada. Ele apertou a mão dos dois e apresentou seu Companheiro, Bob Sorenson.

— Trouxemos algumas coisas para vocês — disse Jordan. —

Um barbeador de pilha... terão de partilhá-lo... e calças mais grossas.

Bill olhou para Paul, que fitava fixamente os dois homens da embaixada, dando a impressão de que estava prestes a explodir.

— Vocês não vão nos tirar daqui? — perguntou Paul.

— Infelizmente, não podemos.

— Mas que diabo! Foram vocês que nos meteram aqui dentro!

Bill sentou lentamente, deprimido demais para ficar furioso.

— Lamentamos profundamente que uma coisa assim tenha acontecido - disse Jordan. — Foi uma grande surpresa para nós.

Tínhamos sido informados de que Dadgar estava favoravelmente disposto em relação a vocês... A embaixada está apresentando um protesto vigoroso.

— Mas o que estão fazendo para nos tirar daqui?

— Vocês devem trabalhar pelo sistema judicial iraniano. Seus advogados...

— Isso é demais! — exclamou Paul, com uma expressão de intensa repulsa.

— Pedimos a eles para transferi-los para uma parte melhor da prisão — disse Jordan.

— Obrigado.

Sorenson perguntou:

— Estão precisando de mais alguma coisa?

— Não estou precisando de nada — disse Paul. — Não tenciono ficar aqui por muito tempo.

— Eu gostaria de ter um colírio — disse Bill.

— Providenciarei para que o receba — prometeu Sorenson.

— Acho que isto é tudo, por enquanto... — murmurou Jordan, olhando para o guarda.

Bill levantou-se.

Jordan falou em farsi com o guarda, que gesticulou para Paul e Bill e apontou para a porta.

Eles tornaram a seguir o guarda através do pátio. Jordan e Sorenson eram funcionários subalternos da embaixada, pensou Bill.

Por que Goelz não viera pessoalmente? Parecia que a embaixada julgava que competia à EDS tirá-los de lá. Enviar Jordan e Sorenson era um meio de notificar aos iranianos que a embaixada estava preocupada, mas servia ao mesmo tempo para informar a Paul e Bill que não deviam esperar muita ajuda do governo dos Estados Unidos.

Somos um problema que a embaixada prefere ignorar, pensou Bill, furioso.

Dentro do prédio principal, o guarda abriu uma porta pela qual eles não haviam passado antes. Atravessaram a área de recepção e entraram num corredor. Chegaram a outra porta, esta de aço, bastante espesso. O guarda destrancou-a e fez sinal para que entrassem.

A primeira coisa que Bill notou foi um aparelho de televisão.

Olhando em torno, ele começou a sentir-se um pouco melhor.

Aquela parte da prisão era muito mais civilizada do que o porão. Era relativamente limpa e clara, as paredes cinzentas e um tapete verde.

As portas das celas estavam abertas e os prisioneiros circulavam livremente. A luz do dia entrava pelas janelas.

Eles continuaram por um salão, com duas celas à direita e o que parecia ser um banheiro à esquerda. Bill estava ansioso por uma oportunidade de sentir-se limpo outra vez, depois da noite terrível lá embaixo. Olhando pela última porta, à direita, ele viu prateleiras com livros. O guarda virou à esquerda e levou-os por um corredor comprido estreito até a última cela.

E lá eles encontraram alguém que já conheciam.

Era Reza Neghabat, o vice ministro encarregado da Organização de Previdência Social no Ministério da Saúde. Tanto Paul como Bill o conheciam muito bem e haviam trabalhado em estreito contato com ele, antes que fosse preso, em setembro último. Trocaram apertos de mão efusivos. Bill sentiu-se aliviado por deparar com um rosto familiar e ainda por cima de alguém que falava inglês. Neghabat estava atônito.

— Por que vocês estão aqui?

Paul deu de ombros.

— Eu esperava que você pudesse nos informar.

— Mas de que são acusados?

— De nada — respondeu Paul. — Fomos interrogados ontem pelo Sr. Dadgar, o homem que está investigando o seu antigo ministro, Dr. Sheik. Ele nos prendeu. Sem formular qualquer acusação. Pelo que sabíamos, deveríamos ser “testemunhas essenciais”.

Bill olhou ao redor. Em cada lado da cela havia dois grupos de três beliches, com outros dois ao lado da janela, dando um total de 18

lugares. Como na cela lá embaixo, os beliches tinham colchões finos de espuma de borracha, o de baixo sendo apenas o colchão por cima do chão. As mantas eram cinzentas. Contudo, parecia que alguns prisioneiros ali também tinham lençóis. A janela, em frente à

porta, dava para o pátio. Bill podia ver relva, flores e árvores, além de carros estacionados, que ele presumiu serem dos guardas. Podia ver também o prédio baixo, onde haviam acabado de falar com Jordan e Sorenson.

Neghabat apresentou Paul e Bill aos companheiros de cela, que pareciam amistosos e muito menos sinistros que os presos no porão.

Havia muitos beliches vagos — a cela não estava tão apinhada quanto lá de baixo — e Paul e Bill se instalaram nos dois lados da porta. Bill acomodou-se num beliche do meio, mas Paul tornou a ficar no chão.

Neghabat mostrou-lhes tudo. Ao lado da cela havia uma pequena Cozinha, com mesas e cadeiras, onde os prisioneiros podiam fazer chá e café ou simplesmente sentar e conversar. Por algum motivo insólito, era chamada de Sala Chatanooga. Havia ao lado uma portinhola, na parede ao final do corredor. Neghabat explicou que era uma pequena venda, onde se podia comprar de vez em quando sabonete, toalhas e cigarro.

Voltando pelo corredor comprido, eles passaram por sua própria cela, a de número 5, além de outras duas, antes de saírem no salão, que estendia para a direita. A sala que Bill espiara anteriormente era uma mistura de escritório do guarda e biblioteca, com livros em inglês e em farsi. Havia mais duas celas ao lado. Em frente a essas celas ficava o banheiro, com pias, chuveiros e vasos. Os vasos eram ao estilo persa, como um boxe de chuveiro com um buraco no meio. Bill soube que provavelmente não tomaria o banho por que tanto ansiava.

Normalmente não havia água quente.

Neghabat disse que além da porta de aço ficava um pequeno consultório, usado por um dentista e um médico que apareciam ocasionalmente na prisão. A biblioteca estava sempre aberta e a televisão era ligada todas as noites, só que todos os programas

eram em farsi. Duas vezes por semana os prisioneiros daquela seção eram levados ao pátio, para fazerem exercícios, andando em círculo por meia hora. Fazer a barba era obrigatório. Os guardas ainda permitiam bigodes, mas não barbas.

Durante a excursão, eles encontraram outros dois homens que já conheciam. O primeiro foi o Dr. Towliati, o consultor de processamento de dados do ministério, a respeito de quem Dadgar os interrogara. O outro foi Houssein Pasha, que fora o assistente financeiro de Neghabat na Organização de Previdência Social.

Paul e Bill fizeram a barba com o aparelho elétrico que Sorenson e Jordan haviam trazido. Era então meio-dia e estava na hora do almoço. Na parede do corredor havia uma alcova protegida por uma cortina. Os prisioneiros tiraram de lá uma esteira de linóleo, que estenderam no chão da cela, pegando depois alguma louça ordinária.

A refeição consistia de arroz com um pouco de carne de ovelha, mais pão e iogurte, chá ou Pepsi-Cola para beber. Sentaram-se de pernas cruzadas no chão para comer. Para Paul e Bill, ambos gourmets, foi uma refeição horrível. Mas Bill descobriu que estava com bastante apetite; talvez fosse porque o novo ambiente era mais limpo.

Depois do almoço, tiveram mais visitantes: seus advogados iranianos. Os advogados não sabiam por que eles haviam sido presos, não sabiam o que aconteceria em seguida e não sabiam o que podiam fazer para ajudar. Foi uma conversa vaga e deprimente. De qualquer forma, Paul e Bill não confiavam neles, pois aqueles mesmos advogados haviam comunicado a Lloyd Briggs que a fiança não ultrapassaria os 20.000 dólares. Eles voltaram sem parecerem mais sábios ou mais felizes.

Paul e Bill passaram o resto da tarde na Sala Chatanooga, conversando com Neghabat, Towliati e Pasha. Paul descreveu em

detalhes o seu interrogatório por Dadgar. Os iranianos estavam muito interessados por qualquer referência a seus nomes durante o interrogatório. Paul contou ao Dr. Towliati como o nome dele surgira na entrevista, associado a um conflito de interesse sugerido. Towliati contou como ele também fora interrogado por Dadgar, da mesma forma, antes de ser encarcerado. Paul recordou que Dadgar o interrogara a respeito de um memorando escrito por Pasha. Fora um pedido de dados estatísticos totalmente rotineiro e ninguém podia imaginar o que teria de tão especial. Neghabat tinha uma teoria para o fato de estarem todos presos.

— O Xá quer nos transformar em bodes expiatórios, a fim de mostrar às massas que está realmente acabando com a corrupção. Só que ele escolheu um projeto em que não havia corrupção. Não há nada para mostrar... mas se ele nos soltar agora vai deixar a impressão de que um fraco. Se ele preferisse investigar a indústria de construção, teria encontrado uma corrupção desenfreada...

Era tudo muito vago. Neghabat estava apenas racionalizando.

Paul e Bill queriam algo mais específico: quem ordenara a investigação, por que escolheram o Ministério da Saúde, qual a corrupção que imaginavam ter corrido, onde andavam os informantes que haviam apontado os homens que estavam agora na prisão?

Neghabat não estava sendo evasivo, apenas não conhecia as respostas.

Sua justificativa era caracteristicamente iraniana: perguntem a um persa o que ele comeu pela manhã e, 10 segundos depois, estará ouvindo uma explicação sobre a sua filosofia de vida.

Eles voltaram à cela para jantar às seis horas. Era uma refeição repulsiva, nada mais do que as sobras do almoço esmagadas, para se espalhar sobre o pão, com mais chá.

Depois do jantar, eles ficaram assistindo televisão. Neghabat traduziu o noticiário. O Xá pediu a um líder da oposição, Shahpur Bakhtiar, para formar um governo civil, substituindo os generais que governavam o Irã desde novembro. Neghabat explicou que Shahpur era o líder da tribo Bakhtiar e que sempre se recusara a ter qualquer participação no regime do Xá. De qualquer forma, a possibilidade de um governo de Bakhtiar acabar com os tumultos dependeria exclusivamente do Aiatolá Khomeini. O Xá também negara os rumores de que estaria deixando o país.

Bill achou que as notícias eram animadoras. Com Bakhtiar como primeiro-ministro, o Xá permaneceria e garantiria a estabilidade, enquanto os rebeldes teriam finalmente uma participação na administração de seu próprio país.

A televisão foi desligada às 10 horas e os prisioneiros voltaram a suas celas. Os outros presos penduraram toalhas e pedaços de pano diante de seus beliches, a fim de se resguardarem da claridade. Ali, como lá embaixo, a lâmpada ficava acesa durante a noite inteira.

Neghabat disse a Paul e a Bill que podiam pedir aos visitantes que lhes trouxessem lençóis e toalhas.

Bill envolveu-se com a manta cinzenta muito fina e acomodou-se para tentar dormir. Vamos passar algum tempo aqui, pensou ele, resignado; devemos nos ajeitar da melhor forma possível. Nosso destino está agora nas mãos de outros.

2

O destino deles estava nas mãos de Ross Perot e, nos dois dias seguintes, todas as esperanças dele se desvaneceram.

A princípio, as notícias foram boas. Kissinger telefonara na sexta-feira, 29 de dezembro, dizendo que Ardeshir Zahedi providenciaria a libertação imediata de Paul e Bill. Antes, porém, representantes da embaixada americana teriam de manter duas reuniões: uma com o pessoal do Ministério da Justiça, outra com elementos da corte do Xá.

Em Teerã, o substituto do embaixador americano, Ministro-Conselheiro Charles Naas, estava acertando pessoalmente as duas reuniões.

Em Washington, Henry Precht, do Departamento de Estado, também estava em contato com Ardeshir Zahedi. O cunhado de Emily Gaylord, Tim Reardon, falara com o Senador Kennedy. O Almirante Moorer estava agindo por intermédio de seus contatos no governo militar iraniano. O único desapontamento em Washington fora Richard Helms, ex-embaixador dos Estados Unidos em Teerã: dissera franca mente que seus antigos amigos não tinham mais qualquer influência.

A EDS consultou três advogados iranianos, separadamente. O

primeiro era um americano que se especializara em representar empresas americanas em Teerã. Os outros dois eram iranianos: um tinha bons contatos nos círculos favoráveis ao Xá, o outro tinha ligações com os dissidentes. Todos os três concordaram que fora altamente irregular a maneira como Paul e Bill haviam sido presos e que a fiança era absurda. O norte americano John Westberg, disse que a fiança mais alta de que já ouvira falar no Irã fora de 100.000 dólares.

A implicação era de que o magistrado que fixara a fiança de Paul e Bill sabia estar pisando em terreno perigoso.

Em Dallas, o principal executivo financeiro da EDS, Tom Walter, o homem do Alabama de voz mole, estava providenciando os meios para que a empresa pudesse pagar, se necessário, a fiança de 12

milhões e 750 mil dólares. Os advogados haviam informado que a fiança poderia ser paga de três formas: em dinheiro; uma carta de crédito contra um banco iraniano; ou a hipoteca de propriedade no Irã.

A EDS não tinha propriedades em Teerã que valessem tanto — os computadores pertenciam ao ministério — e não era possível remeter os 13 milhões de dólares em dinheiro com os bancos iranianos em greve e o país em turbilhão. Assim, Walter estava providenciando uma carta de crédito. T. J. Marquez, cuja função era representar a EDS na comunidade de investimento, avisara Perot que talvez não fosse legal para uma companhia pública pagar tanto dinheiro para o que equivalia a um resgate. Perot contornara o problema com habilidade: pagaria a fiança pessoalmente.

Perot estava confiante de que tiraria Paul e Bill da prisão por um desses meios: pressão legal, pressão política ou o pagamento da fiança.

E, de repente, as más notícias começaram a chegar.

Os advogados iranianos mudaram de tom. Alternadamente, informaram que o caso era “político”, possuía um “elevado conteúdo político” e era “uma batata quente política”. John Westberg, o americano, fora pressionado por seus associados iranianos a não cuidar do caso, porque levaria o escritório a cair em desfavor junto a pessoas poderosas. Era evidente que o encarregado do processo, Hosain Dadgar, não estava pisando em terreno perigoso.

O advogado Tom Luce e o executivo financeiro Tom Walter foram a Washington. Acompanhados pelo Almirante Moorer, visitaram o Departamento de Estado. Esperavam ocupar uma mesa de reunião com Henry Precht e formularem juntos uma campanha agressiva para obter a libertação de Paul e Bill. Mas Henry Precht mostrou-se frio e reservado. Apertara a mão deles, já que não podia fazer outra coisa, pois estavam acompanhados por um antigo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Mas não sentou-se com eles.

Encaminhou-os a um subordinado. E o subordinado informou que nenhum dos esforços do Departamento de Estado proporcionara qualquer resultado: nem Ardeshir Zahedi nem Charlie Naas tinham conseguido a libertação de Paul e Bill.

Tom Luce, que não possuía a paciência de Jó, ficou furioso. O

Departamento de Estado tinha a obrigação de proteger os americanos no exterior, disse ele, mas até agora só fizera jogar Paul e Bill na prisão! Não era bem assim, reagiu o subordinado. O que o Departamento de Estado fizera até aquele momento estava acima e além do seu dever normal. Se os americanos no exterior cometiam crimes, então ficavam sujeitos às leis do país em que se encontravam; os deveres do Departamento de Estado não incluíam tirar pessoas da prisão. Mas Paul e Bill não haviam cometido qualquer crime, argumentou Luce, estavam apenas sendo mantidos como reféns por um resgate de 13 milhões de dólares! Luce estava perdendo o fôlego.

Ele e Tom Walter voltaram a bailas sem nada conseguirem.

Tarde da noite, Perot telefonou para a embaixada dos Estados Unidos em Teerã e perguntou a Charles Naas por que ainda não se encontrara com as autoridades indicadas por Kissinger e Zahedi. A resposta foi simples: as referidas autoridades estavam-se fazendo inacessíveis para Naas.

Perot tornou a telefonar para Kissinger e comunicou tudo isso.

Kissinger lamentava muito, mas achava que não podia fazer mais nada.

De qualquer forma, ligaria de novo para Zahedi e tentaria mais uma vez.

Mais uma má notícia veio completar o quadro. Tom Walter estava tentando definir, com os advogados iranianos, as condições pelas quais Paul e Bill poderiam ser soltos sob fiança. Por exemplo: teriam de prometer voltar ao Irã para novos interrogatórios, se assim fosse exigido, ou poderiam ser interrogados fora do país? Foi informado que nenhuma das duas coisas: mesmo que eles fossem soltos, ainda não poderiam deixar o Irã.

Era agora a véspera de Ano-Novo. Há três dias que Perot não deixava o escritório, dormindo no chão e comendo sanduíches de queijo. Não havia ninguém à sua espera em casa — Margot e as crianças ainda estavam em Vail — e por causa da diferença de fusos de nove horas e meia entre o Texas e o Irã telefonemas importantes muitas vezes tinham que ser dados no meio da noite. Ele só deixava o escritório para visitar a mãe, que já deixara o hospital e estava convalescendo em sua casa em Dallas. Perot falara com a mãe a respeito de Paul e Bill — e ela estava profundamente interessada no progresso dos acontecimentos.

Perot achou naquela noite que estava precisando de uma comida quente e resolveu enfrentar o tempo — Dallas estava sofrendo uma nevasca — e guiar por um ou dois quilômetros até um restaurante de peixe.

Deixou o prédio pela porta dos fundos e sentou-se ao volante de sua caminhonete. Margot tinha um Jaguar, mas Perot preferia os carros mais comuns.

Ele se perguntou quanta influência Kissinger ainda teria, no Irã ou qualquer outro lugar. Zahedi e outros contatos iranianos de Kissinger podiam ser como os amigos de Richard Helms, todos fora do poder,

incapazes de fazer alguma coisa. O Xá parecia estar na corda bamba.

Por outro lado, o grupo todo poderia em breve precisar de amigos na América e querer aproveitar a oportunidade de prestar um favor a Kissinger.

Enquanto comia, Perot sentiu a mão grande pousar em seu ombro e uma voz profunda disse:

— O que está fazendo aqui, comendo sozinho na véspera de Ano Novo, Ross?

Ele virou-se para deparar com Roger Staubach, antigo astro dos Dallas Cowboys, colega da Academia Naval e velho amigo.

— Oi, Roger. Sente-se.

— Estou aqui com a família. O aquecimento da nossa casa foi desligado por causa da tempestade.

— Pois chame-os para cá.

Staubach chamou a família e depois perguntou:

— Como está Margot?

— Muito bem, obrigado. Está esquiando com as crianças em Vail. Tive de voltar... estamos com um problema grave.

Perot contou à família Staubach o que acontecera com Paul e Bill. Voltou ao escritório mais animado. Ainda havia muita gente boa no mundo.

Pensou novamente no Coronel Simons. Entre todos os planos que imaginara para libertar Paul e Bill, a fuga da prisão seria o mais demorado. Simons precisaria recrutar um grupo, com um período de treinamento, e obter equipamentos... E Perot ainda não tomara

qualquer providência para a execução desse plano. Parecia uma possibilidade distante, um último recurso. Enquanto as negociações pareciam promissoras, ele o afastara de seus pensamentos. Ainda não estava pronto para entrar em contato com Simons. Esperaria que Kissinger fizesse mais uma tentativa com Zahedi. Mas talvez pudesse fazer alguma coisa para preparar a intervenção de Simons.

Chegando à EDS, ele encontrou Pat Sculley. Formado em West Point, Sculley era magro e irrequieto, com 31 anos de idade. Fora gerente de projeto em Teerã e saíra na evacuação de 8 de dezembro.

Voltara depois do Ashura e saíra novamente, quando Paul e Bill foram presos. Sua função no momento era providenciar para que os americanos que ainda estavam em Teerã — Lloyd Briggs, Rich Gallagher e a mulher, Paul e Bill — tivessem reservas num vôo todos os dias, para o caso dos prisioneiros serem libertados de repente.

Com Sculley estavam Jay Coburn, que organizara a evacuação e depois, a 22 de dezembro, viera passar o Natal com a família nos Estados Unidos. Coburn estava prestes a voltar a Teerã quando recebera a notícia da prisão de Paul e Bill. Ele ficara em Dallas, organizando a segunda evacuação. Homem plácido e corpulento, Coburn estava com 32 anos, mas parecia ter 40. Perot achava que o motivo para isso era o fato de Coburn ter vivido oito anos em apenas um, como um piloto de helicóptero de combate no Vietnam. Apesar disso, Coburn sorria muito... um sorriso lento, que começava com um faiscar nos olhos e muitas vezes terminava com uma risada que sacudia os ombros e a barriga.

Perot gostava de ambos e tinha confiança neles. Eram o que ele chamava de águias, homens que voavam alto, tinham capacidade de iniciativa, faziam o seu trabalho e apresentavam resultados sem desculpas. Os recrutadores da EDS tinham um lema: *Águias Não Voam em Bandos — É Preciso Encontrar Uma de Cada Vez*. Um dos segredos do sucesso de Perot nos negócios era a sua política de

procurar homens assim, ao invés de esperar e torcer para que se candidatassem a um emprego na EDS. Perot disse a Sculley:

— Acha que estamos fazendo tudo o que é necessário por Paul e Bill?

Sculley respondeu, sem qualquer hesitação:

— Não.

Perot assentiu. Aqueles homens mais jovens nunca tinham medo de dizer o que pensavam ao patrão. Era uma das coisas que os transformava em águias.

— E o que acha que devemos fazer?

— Devemos tirá-los à força. Sei que parece estranho, mas estou convencido de que é bem possível que eles acabem sendo mortos por lá, se não fizermos isso.

Perot não achava tão estranho assim. Há três dias que aquele medo pairava no fundo de sua mente.

— Tenho pensado na mesma coisa. — Ele percebeu a surpresa no rosto de Sculley. — Quero que vocês dois façam uma lista de pessoas da EDS que possam ajudar. Precisaremos de homens que conheçam o Teerã, tenham experiência militar... de preferência em ações especiais de comando... e que sejam cem por cento de confiança e lealdade.

— Vamos cuidar disso imediatamente — declarou Sculley, com evidente entusiasmo.

O telefone tocou e Coburn atendeu.

— Oi. Keane! Onde você está?... Espere um instante. — Coburn cobriu o bocal com a mão e virou-se para Perot. — Keane Taylor está

em Frankfurt. Se vamos fazer algo assim, ele deve integrar a equipe.

Perot assentiu. Taylor, um ex-sargento dos fuzileiros, era outro de seus águias. Quase 1,90 m de altura, sempre elegante, Taylor era um homem um tanto irritadiço, o que o transformava no alvo ideal para brincadeiras. Perot disse:

— Mande-o voltar a Teerã, mas não explique o motivo.

Um sorriso lento se insinuou no rosto jovem-velho de Coburn.

— Ele não vai gostar.

Sculley inclinou-se por cima da mesa e ligou o alto-falante, a fim de que todos pudessem ouvir a explosão inevitável de Taylor.

Coburn disse ao telefone:

— Keane, Ross quer que você volte ao Irã.

— Para quê?

Coburn olhou para Perot, que sacudiu a cabeça. Coburn disse:

— Há muitas coisas que precisamos fazer por lá, arrumar tudo, e nos termos administrativos...

— Diga a Perot que não voltarei a Teerã por qualquer merda administrativa!

Sculley começou a rir. Coburn disse:

— Tem outra pessoa aqui que quer falar com você, Keane.

Perot disse:

— Aqui é Ross, Keane.

— Hã... Olá, Ross.

— Estou mandando você de volta para fazer uma coisa muito importante.

—Hã...

— Está me entendendo?

Houve uma pausa prolongada. Depois, Taylor disse:

— Estou, sim, senhor.

— Ótimo.

— Já estou a caminho.

— Que horas são aí?

— Sete horas da manhã.

Perot olhou para o seu relógio. Marcava meia-noite.

O ano de 1979 começara.

Taylor sentou-se na beira da cama de seu quarto de hotel em Frankfurt, pensando na mulher.

Mary estava em Pittsburgh com as crianças, Mike e Dawn, na casa do seu irmão. Taylor telefonara para ela de Teerã, antes de partir, informando-a que estava voltando para casa. Ela ficara muito feliz. E

formularam planos para o futuro: voltariam a Dallas, matriculariam as crianças numa escola de lá...

Agora, ele tinha de ligar outra vez para Mary e dizer que, no final das contas, não voltaria para casa.

Ela ficaria preocupada.

O que não seria nada demais, pois ele estava preocupado.

Taylor pensou em Teerã. Não trabalhara no projeto do Ministério da Saúde. Estivera encarregado do contrato menor para instalar um sistema de computação em substituição ao método manual antiquado do Banco Omran. Cerca de três semanas antes, uma multidão se concentrara diante do banco — o Omran era o banco do Xá. Taylor mandara o seu pessoal para casa. Ele e Glenn Jackson tinham sido os últimos a partir. Trancaram o prédio e foram andando para o norte. Ao virarem a esquina, na rua principal, depararam subitamente com a multidão. O exército abriu fogo naquele momento, avançando pela rua.

Taylor e Jackson refugiaram-se num portal. Alguém abriu a porta e gritara para que eles entrassem. Eles entraram... mas antes que seu salvador pudesse fechar a porta de novo, quatro manifestantes forçaram a entrada, perseguidos por cinco soldados.

Taylor e Jackson comprimiram-se contra a parede, observando os soldados espancarem os manifestantes, com seus cassetetes e rifles.

Um dos rebeldes tentara escapar. Dois de seus dedos foram quase arrancados da mão, o sangue esguichando pela porta de vidro. Ele conseguira sair, mas desmaiara na rua. Os soldados arrastaram os outros três manifestantes para fora. Um deles era uma massa informe e ensangüentada, mas estava consciente. Os outros estavam desmaiados ou mortos. Taylor e Jackson ficaram lá dentro até que a rua se esvaziasse. O iraniano que os salvara repetira várias vezes:

— Saiam daqui enquanto podem.

E agora, pensou Taylor, tenho de dizer a Mary que acabei de concordar em voltar para tudo isso. Para fazer uma coisa muito importante.

Obviamente, era algo relacionado com Paul e Bill; e se Perot não podia falar a respeito pelo telefone, presumivelmente era algo pelo menos clandestino e provavelmente ilegal.

De certa forma, Taylor estava contente, apesar de seu medo de multidões violentas. Enquanto ainda estava em Teerã, ele falara pelo telefone com a mulher de Bill, Emily Gaylord, prometendo que não partiria sem o marido dela. As ordens de Dallas, para que todos fossem embora, com exceção de Briggs e Gallagher, forçaram-no a quebrar sua palavra. Agora, as ordens haviam mudado e talvez, no final das contas, pudesse cumprir a promessa que fizera a Emily.

Não posso voltar a pé, pensou ele. Portanto, é melhor providenciar um avião. Ele tornou a pegar o telefone. Jay Coburn lembrou-se da primeira vez que vira Ross Perot em ação. Jamais esqueceria, enquanto vivesse.

Acontecera em 1971. Coburn estava na EDS há menos de dois anos. Era encarregado de recrutar novos funcionários, trabalhando na cidade de Nova York. Scott nascera naquele ano, num pequeno hospital católico. Fora um parto normal e, a princípio, Scott parecia um bebê normal e saudável.

No dia seguinte ao nascimento, quando Coburn fora ao hospital, Liz dissera que Scott não fora trazido para ser amamentado naquela manhã. No momento, Coburn não dera maior importância ao fato.

Poucos minutos depois, uma mulher entrara no quarto e dissera:

— Aqui estão as fotografias do bebê.

— Não me lembro de alguém ter tirado fotografias dele —

dissera Liz, enquanto a mulher lhe estendia as fotografias. — Mas é claro! Este não é o meu filho.

A mulher ficara confusa por um momento e depois dissera:

— Oh, desculpe! Seu filho é o que tem um problema.

Era a primeira vez que Coburn e Liz ouviam falar de algum problema.

Coburn fora ver Scott, que tinha apenas um dia de idade. E

tivera um choque terrível. O bebê estava na tenda de oxigênio, com dificuldade para respirar, completamente roxo. Os médicos estavam em conferência ao redor.

Liz ficara quase histérica e Coburn ligara para o médico da família, pedindo-lhe que fosse ao hospital. E ficara esperando.

Alguma coisa não estava certa. Que espécie de hospital era aquele, que não se dizia a um pai que seu filho estava morrendo? Ele fora ficando cada vez mais transtornado. Ligara para Dallas e pedira para falar com seu chefe, Gary Griggs.

— Não sei por que estou ligando para você, Gary, mas simplesmente não sei o que fazer.

E ele contara tudo.

— Fique esperando ao telefone — dissera Griggs.

Um momento depois, uma voz estranha entrara na linha:

— Jay?

— Isso mesmo.

— Aqui é Ross Perot.

Coburn encontrara-se duas ou três vezes com Perot, mas nunca trabalhara diretamente com ele. E Coburn se perguntara se Perot por acaso lembraria como ele era. Afinal, a EDS tinha mais de mil empregados na ocasião.

— Olá, Ross.

— Preciso de algumas informações, Jay.

Perot começara a fazer perguntas. Qual era o endereço do hospital? Quais eram os nomes dos médicos? Qual era o diagnóstico deles? Enquanto respondia, Coburn pensara, aturdido: Será que Perot sabe quem eu sou?

— Espere um instante, Jay. — Houvera uma breve pausa. —

Vou ligá-lo com o Dr. Urschel, meu grande amigo e um dos melhores cirurgiões cardíacos de Dallas.

Um instante depois, Coburn estava respondendo a mais perguntas do médico.

— Não faça nada por enquanto — concluíra Urschel. — Vou conversar com os médicos daí. Limite-se a ficar perto do telefone, a fim de que possamos entrar em contato de novo.

— Pois não, senhor— murmurara Coburn, mais atordoado do que nunca.

Perot voltara ao telefone:

— Combinou tudo? Como está Liz?

Coburn pensara: Como diabo ele sabe o nome da minha mulher?

— Não está muito bem. O médico dela está aqui e deu um sedativo...

Enquanto Perot procurava acalmar Coburn, o Dr. Urschel estava agitando a equipe do hospital. Convencera-os a transferirem Scott para o Centro Médico da Universidade de Nova York. Minutos depois, Scott e Coburn estavam numa ambulância, a caminho do centro da cidade. Ficaram retidos num engarrafamento no túnel.

Coburn saltara da ambulância, correria por quase dois quilômetros até o pedágio, convencera os guardas a pararem o tráfego em todas as faixas, menos aquela em que estava a ambulância.

Ao chegarem ao Centro Médico da Universidade de Nova York, havia 10 ou 15 pessoas a esperá-los. Entre elas estava o maior cirurgião cardiovascular do leste, que viera de avião de Boston no mesmo tempo em que a ambulância precisara para chegar a Manhattan.

Enquanto o bebê Scott era levado para dentro do hospital, Coburn entregara o envelope com radiografias que trouxera do outro hospital. Uma médica as encaminhara.

— Onde está o resto?

— Isso é tudo.

— Eles só tiraram isso?

Novas radiografias revelaram que, além de um buraco no coração, Scott tinha pneumonia. Quando a pneumonia fora devidamente tratada, o problema cardíaco se normalizara.

E Scott sobrevivera. Transformara-se num garoto que jogava futebol, subia em árvores, um garoto plenamente saudável. E Coburn passara a compreender o que as pessoas sentiam por Ross Perot.

A determinação de Perot, sua capacidade de concentrar-se totalmente numa coisa, excluindo todas as distrações, até que o trabalho fosse concluído, também tinha o seu lado desagradável. Ele podia magoar as pessoas. Um ou dois dias depois de Paul e Bill

serem presos, ele entrara numa sala em que Coburn estava falando ao telefone com Lloyd Briggs, em Teerã. Perot tivera a impressão de que Coburn estava dando instruções. Perot sempre achara que as pessoas na matriz não deviam dar ordens aos que estavam no campo de batalha e conheciam muito melhor a situação. E ele censurara Coburn bruscamente, na presença de todas as pessoas que estavam na sala.

Perot tinha outros defeitos. Quando Coburn trabalhava no recrutamento, todos os anos a companhia escolhia alguém para

“Recrutador do Ano”. Os nomes dos vencedores eram gravados numa placa. A lista datava de muitos anos e com o passar do tempo alguns dos vencedores deixaram a companhia. Quando isso acontecia, Perot queria apagar os nomes da placa. Coburn achava que era muito estranho. Então o cara deixava a companhia... e daí? Ele fora uma vez o Recrutador do Ano. Por que tentar mudar a história? Era quase como se Perot encarasse como um insulto pessoal o fato de alguém querer trabalhar em outro lugar.

Os defeitos de Perot estavam de acordo com suas virtudes. A atitude insólita em relação às pessoas que deixavam a companhia era o inverso de sua profunda lealdade aos empregados. Sua brusquidão insensível ocasional era apenas parte da energia e determinação excepcionais, sem as quais ele jamais teria criado a EDS. Coburn achava fácil perdoar os defeitos de Perot.

Para isso, precisava apenas olhar para Scott.

— Sr. Perot? — chamou Sally. — É Henry Kissinger.

O coração de Perot parou por uma fração de segundo. Será que Kissinger e Zahedi haviam obtido sucesso nas últimas 24 horas? Ou estava telefonando para dizer que fracassara?

— Ross Perot falando.

— Espere na linha que Henry Kissinger já vai falar, por favor.

Perot ouviu um momento depois o sotaque gutural familiar:

— Olá, Ross.

— Olá.

Perot prendeu a respiração.

— Garantiram-me que seus homens serão libertados amanhã, às 10 horas da manhã. Pelo horário de Teerã.

Perot deixou escapar a respiração num longo suspiro de alívio.

— Dr. Kissinger, esta é a melhor notícia que já ouvi em muito e muito tempo. Não tenho palavras para agradecer.

— Os detalhes devem ser arrematados hoje por representantes da embaixada americana e o Ministério do Exterior iraniano, mas trata-se apenas de uma formalidade. Já me asseguraram que seus homens serão libertados.

— Isso é maravilhoso! Estamos eternamente gratos por sua ajuda.

— Foi um prazer poder ajudar.

Eram nove e meia da manhã em Teerã, meia-noite em Dallas.

Perot estava sentado em sua sala, esperando. A maioria dos companheiros fora para casa, a fim de dormir numa cama, para variar, todos felizes na certeza de que Paul e Bill estariam livres quando acordassem. Perot resolvera ficar no escritório para esperar até o fim.

Em Teerã, Lloyd Briggs estava no escritório na Rua Bucareste, enquanto um dos funcionários iranianos esperava do lado de fora da prisão. Assim que Paul e Bill saíssem, o iraniano telefonaria para o Bucareste e Briggs ligaria para Perot.

Agora que a crise estava quase terminada, Perot tinha tempo para analisar onde errara. Ocorreu-lhe imediatamente um erro.

Quando ele decidira, a 4 de dezembro, evacuar todo o seu pessoal do Irã, não fora determinado o bastante e deixara que os outros relutassem e retardassem a ação, levantando objeções, até que já era tarde demais.

Mas o grande erro, antes de qualquer outro, fora o de operar no Irã. Ele podia agora compreender isso, depois de tudo o que acontecera. Na ocasião, ele concordara com o seu pessoal de marketing — e com muitos outros empresários americanos — de que o Irã, rico em petróleo, estável, pró-Occidente, oferecia excelentes oportunidades. Não percebera as tensões abaixo da superfície, nada sabia do Aiatolá Khomeini, não previra que um dia haveria um presidente americano ingênuo o bastante para tentar impor as convicções e padrões americanos a um país do Oriente Médio.

Perot olhou para o relógio. Era meia-noite e meia. Paul e Bill deviam estar saindo da prisão naquele momento.

A boa notícia de Kissinger fora confirmada por um telefonema de David Newsom, o assistente de Vance no Departamento de Estado.

E Paul e Bill estavam escapando bem na hora. As notícias do Irã naquele dia haviam sido ainda piores. Bakhtiar, o novo primeiro-ministro indicado pelo Xá, fora rejeitado pela Frente Nacional, o partido que era agora considerado como a oposição moderada. O Xá anunciara que poderia tirar umas férias. William Sullivan, o embaixador americano, aconselhara a volta aos Estados Unidos dos dependentes de todos os americanos que trabalhavam no Irã. As

embaixadas do Canadá e Inglaterra haviam adotado a mesma atitude.

Mas a greve paralisara o aeroporto e centenas de mulheres e crianças estavam retidas em Teerã. Mas o mesmo não aconteceria com Paul e Bill. Perot tinha bons amigos no Pentágono desde a campanha dos prisioneiros de guerra. Paul e Bill deixariam o Irã num jato da Força Aérea dos Estados Unidos.

Era uma hora da madrugada quando Perot ligou para Teerã. Não havia notícias. Isso não tem nada demais, pensou ele. Todo mundo diz que os iranianos não primam pela pontualidade.

A ironia de toda a situação era que a EDS nunca pagara subornos, no Irã ou em qualquer outro lugar. Perot detestava a idéia de suborno. O código de comportamento da EDS estava expresso num folheto de 12 páginas que era entregue a todos os novos empregados.

Perot o escrevera pessoalmente. “Lembre-se que a lei federal e a lei da maioria dos estados podem dar qualquer coisa de valor a um funcionário do governo com a intenção de influenciar qualquer ato oficial (...). Como a ausência de tal intenção pode ser difícil de provar, não se deve dar dinheiro ou qualquer outra coisa de valor a um funcionário federal, estadual ou de um governo estrangeiro (...). A determinação de que um pagamento não é proibido por lei não elimina a análise da situação (...). É sempre conveniente fazer uma verificação meticulosa da ética (...). Pode fazer negócios em absoluta confiança com alguém que age da mesma forma que você? A resposta deve ser SIM.” A última página do folheto era um formulário que os empregados tinham de assinar, declarando que haviam recebido e lido o código.

Quando a EDS se instalara no Irã, os princípios puritanos de Perot estavam reforçados pelo escândalo da Lockheed. Daniel J.

Haughton, presidente do conselho de administração da Lockheed Aircraft Corporation, admitira perante um comitê do Senado que a Lockheed rotineiramente pagava milhões de dólares em subornos, a fim de vender seus aviões no exterior. O depoimento dele fora uma cena constrangedora e deixara Perot profundamente enojado.

Remexendo-se nervosamente na cadeira, Haughton declarara ao comitê que os pagamentos não eram subornos, mas sim "comissões".

Posteriormente, a Lei de Práticas de Corrupção no exterior tornara um crime na legislação dos Estados Unidos pagar subornos em países estrangeiros.

Perot chamara seu advogado Tom Luce e o fizera pessoalmente responsável pela garantia de que a EDS nunca pagava subornos.

Durante as negociações do contrato com o Ministério da Saúde do Irã, Luce ofendera diversos executivos da EDS pela meticulosidade e persistência com que os interrogara sobre o decoro da transação.

Perot não estava ansioso por novos negócios. Já estava ganhando milhões. Não precisava se expandir para o exterior. Se for preciso pagar subornos por lá, a fim de fazer negócios, dissera ele, então prefiro não fazer nenhum negócio.

Seus

princípios

nos

negócios

estavam

profundamente

enraizados. Seus ancestrais eram franceses que haviam chegado a Nova Orleans e instalado postos comerciais ao longo do Rio Vermelho. O pai, Gabriel Ross Perot, fora um corretor de algodão. Era um comércio sazonal e o velho Ross passava muito tempo com o filho, conversando freqüente mente sobre negócios.

— Não há vantagem em se comprar algodão de um fazendeiro só uma vez — dizia ele. — É preciso tratá-lo com justiça, conquistar sua confiança, a fim de que ele se sinta feliz em vender-lhe a sua produção ano após ano. Você estará então fazendo negócios de verdade.

O suborno não entrava nesse quadro. Era uma e meia da madrugada quando Perot ligou novamente para o escritório da EDS em Teerã. Ainda não havia qualquer notícia.

— Telefone para a prisão ou mande alguém até lá — disse ele.

— Descubra quando eles vão sair.

Perot estava começando a se sentir apreensivo.

O que farei se isso não der certo?, pensou ele. Se pagar a fiança, gastarei 13 milhões de dólares e ainda assim Paul e Bill estarão proibidos de deixar o Irã. Outros meios de libertá-los, usando os recursos legais, esbarravam no obstáculo levantado pelos advogados iranianos de que o caso era político, o que parecia significar que a inocência de Paul e Bill não fazia a menor diferença. Mas a pressão política falhara até aquele momento. Nem a embaixada dos Estados Unidos em Teerã nem o Departamento de Estado em Washington haviam podido ajudar; e se Kissinger fracassasse, isso seria certamente o fim de todas as esperanças nessa área. O que restaria então?

A força.

O telefone tocou. Perot atendeu.

— Ross Perot falando.

— Aqui é Lloyd Briggs.

— Eles saíram?

— Não.

Perot sentiu um aperto no coração.

— O que está acontecendo?

— Telefonamos para a prisão. Eles não receberam instruções para soltar Paul e Bill.

Perot fechou os olhos. O pior acontecera. Kissinger fracassara.

Ele suspirou.

— Obrigado, Lloyd.

— O que vamos fazer agora?

— Não sei.

Mas ele sabia.

Perot despediu-se de Briggs e desligou.

Não admitiria a derrota. Não podia esquecer outro dos princípios do pai: Cuide bem das pessoas que trabalham para você. Perot podia se lembrar de toda a família viajando 20 quilômetros de carro aos domingos para visitar um preto velho que outrora cortava o gramado da casa, a fim de verificar se ele estava bem de saúde e tinha o bastante para comer. O pai de Perot contratava pessoas de que não precisava só porque estavam desempregadas. Todos os anos, o

carro da família Perot seguia para a Feira do Condado lotado de empregados pretos, cada um recebendo algum dinheiro para gastar e um cartão do velho Perot para o caso de alguém tentar incomodá-los. Perot podia se lembrar de um homem que embarcara num trem de carga para a Califórnia. Ao ser preso por vadiagem ele mostrara o cartão do pai de Perot. O xerife dissera:

— Não estamos interessados em saber a quem você pertence, negro. Vai ficar na cadeia.

Mesmo assim, o xerife telefonara para o velho Perot, que pagara a passagem de trem para que o negro voltasse.

— Estive na Califórnia e voltei — disse o homem, ao chegar a Texarkana.

O velho Perot lhe devolvera o emprego. Não sabia o que eram os direitos civis, apenas achava que era assim que se devia tratar os seres humanos. Perot não tinha a menor idéia de que os pais eram pessoas excepcionais até que crescera.

O pai não deixaria que seus empregados ficassem na prisão. E

Perot também não deixaria. Ele pegou o telefone.

— Ligue para T. J. Marquez.

Eram duas horas da madrugada, mas T. J. não ficaria surpreso.

Não seria a primeira vez que Perot o acordava de madrugada e não seria a última.

Uma voz sonolenta murmurou:

— Alô?

— A coisa não está boa, Tom.

— Por quê?

— Eles não foram soltos e a prisão informa que não serão.

— Oh, diabo!

— A situação por lá está ficando cada vez pior. Já ouviu as últimas notícias?

— Claro.

— Não acha que é o momento para Simons?

— Acho que sim.

— Tem o telefone dele?

— Não. Mas posso descobrir.

— Pois chame-o.

3

Bull Simons estava enlouquecendo.

Pensava em incendiar a sua própria casa. Era um velho bangalô de madeira e arderia como uma pilha de fósforos, acabando com tudo.

O lugar era o inferno para ele... mas um inferno que não queria deixar, pois o que o transformava em inferno era a recordação entre amarga e doce do tempo em que fora o paraíso.

Lucille escolhera o lugar. Vira o anúncio numa revista e juntos voaram para Fort Bragg, Carolina do Norte, a fim de dar uma olhada.

Em Red Bay, na fronteira com a Flórida, numa região de terra pouco fértil, a casa quase caindo aos pedaços ficava numa propriedade 160.000 m de bosque. Mas havia um lago de 8.000m cheio de peixe.

Lucille adorava.

Era o ano de 1971 e o momento para Simons se reformar. Ele era coronel há 10 anos e se não conseguira a promoção a general pela expedição a Son Tay podia perder as esperanças. A verdade era que ele não se ajustava ao Clube dos Generais: sempre fora um oficial da reserva, jamais cursara uma academia militar importante, como West Point. Seus métodos eram anticonvencionais, não se sentia à vontade nos coquetéis em Washington e não gostava de bajular os superiores.

Sabia que era um soldado de primeira; e se não era bom o bastante... ora, então Art Simons não era bom o bastante. E assim ele se reformou e jamais se arrependeu pela decisão.

Passara ali, em Red Bay, os anos mais felizes de sua vida.

Durante toda a vida conjugal, ele e Lucille haviam suportado períodos de separação, passando às vezes até um ano distantes, durante o tempo em que ele servira no Vietnã, Laos e Coréia. A partir do momento em que ele se reformou, no entanto, os dois passaram a ficar juntos dia e noite, por todos os dias do ano. Simons criava porcos. Nada sabia sobre a vida rural, mas extraiu dos livros todas as informações de que precisava e construiu os cercados. A partir do momento em que a operação começou, ele descobriu que não havia muita coisa para fazer além de alimentar os porcos e observá-los de vez em quando. Assim, ele passava muito tempo a cuidar de sua coleção de 150 armas.

Chegou a fazer uma pequena oficina, em que consertava as suas próprias armas e as dos vizinhos, além de fabricar munição.

Freqüentemente, ele e Lucille passeavam pela região de mãos dadas, descendo até o lago para pescar. À noite, depois do jantar, Lucille ia para o quarto, como se estivesse se preparando para sair com um namorado. Voltava com um casaco por cima da camisola, uma fita vermelha nos cabelos muito pretos, sentava no colo dele...

As recordações assim estavam destruindo seu coração.

Até mesmo os garotos pareciam ter finalmente crescido durante aqueles anos maravilhosos. Harry, o caçula, chegou em casa um dia e disse:

— Papai, sou viciado em heroína e cocaína e preciso de sua ajuda.

Simons pouco sabia sobre tóxicos. Fumara maconha uma vez, no consultório de um médico no Panamá, antes de ter uma conversa com seus homens sobre tóxicos, só para poder dizer-lhes que sabia do que estava falando. Mas tudo o que sabia a respeito da heroína era que matava as pessoas. Mesmo assim, ele conseguiu ajudar Harry, pelo expediente simples de mantê-lo ocupado, ao ar livre, construindo cercados para os porcos. Demorara algum tempo. Muitas vezes Harry ainda saía de casa e fora procurar tóxicos na

cidade. Mas sempre voltava e, com o passar do tempo, acabou deixando de ir à cidade.

O episódio servira para reaproximar Simons e Harry. Ele nunca fora muito íntimo de Bruce, o filho mais velho, mas pelo menos não precisava mais se preocupar com o menino. Menino? Ora, ele já estava na casa dos 30 anos e era tão teimoso quanto... quanto o pai.

Bruce encontrara Jesus e estava determinado a levar o resto do mundo para o Senhor... a começar pelo Coronel Simons. Simons praticamente o expulsara de casa. Contudo, ao contrário dos outros entusiasmos juvenis de Bruce, como tóxicos, I Ching, comunidades de volta à natureza, Jesus perdurara e finalmente o filho assentara numa vida estável, como pastor de uma pequena igreja, no noroeste gelado do Canadá.

De qualquer forma, Simons não se angustiava mais pelos filhos.

Ele os criara tão bem quanto podia, para o melhor ou para o pior; agora eram homens e tinham de cuidar de si mesmos. Ele tinha apenas de cuidar de Lucille.

Era uma mulher alta, bonita, escultural, gostando de chapéus imensos. Parecia imponente ao volante do Cadillac preto. Mas, na verdade, ela era o inverso do formidável. Era uma mulher meiga, afável, adorável. Filha de dois professores, precisava de alguém para tomar decisões por ela, alguém que pudesse seguir cegamente e em quem confiar plenamente. Encontrara o que precisava em Art Simons.

E ele, por sua vez, devotara-se inteiramente a ela. Quando ele se reformara, já estavam casados há 30 anos; em todo esse tempo, ele nunca se interessara por outra mulher. Somente a profissão dele, com as missões no exterior, se interpunha entre os dois. Mas tudo isso terminara. Simons dissera a ela:

— Meus planos de aposentadoria podem ser resumidos em uma só palavra: você.

Eles passaram sete anos maravilhosos.

Até que Lucille morrera de câncer, a 16 de março de 1978.

E Bull Simons quase enlouquecera.

Cada homem tem o seu ponto de colapso, diziam eles. Simons sempre pensara que essa regra não se aplicava a ele. Sabia agora que também se aplicava: a morte de Lucille deixara-o alquebrado. Matara muitas pessoas e vira muitas outras morrerem, mas não compreendera o significado da morte até aquele momento. Haviam passado 37 anos casados e agora, de repente, ela não estava mais ali.

Sem Lucille, ele não podia imaginar o que representava a vida.

Não havia sentido em coisa alguma. Estava com 60 anos e não podia pensar em um só bom motivo para viver por mais um dia. Parou de cuidar de si mesmo. Comia comida fria de latas e deixou que os cabelos, que sempre mantivera bem curtos, crescessem. Alimentava os porcos religiosamente às 3:45 da madrugada, todos os dias, embora soubesse perfeitamente que não importava a hora do dia em que se desse comida a um porco. Começou a recolher cachorros extraviados e não demorara muito para que estivesse com 13 animais em casa, arranhando os móveis e sujando o chão.

Sabia que estava perto de enlouquecer e somente a disciplina férrea, que fora uma parte de sua personalidade por tanto tempo, lhe permitia manter a sanidade. Ao pensar pela primeira vez em queimar a casa, compreendeu que seu julgamento era desequilibrado e prometeu a si mesmo que esperaria por um ano para ver como se sentiria então.

Sabia que o irmão Stanley estava preocupado com ele. Stan tentara fazer com que ele se recuperasse. Sugerira que fizesse algumas conferências, até mesmo tentara convencê-lo a se alistar no exército israelense. Simons era judeu por descendência, mas se considerava um americano. Não queria ir para Israel. E não podia se controlar. O máximo que podia fazer era viver de um dia para outro.

Não precisava de alguém para cuidar dele... nunca precisara. Ao contrário, precisava de alguém para tomar conta. Fora o que fizera por toda a sua vida. Cuidara de Lucille, cuidara dos homens sob o seu comando. Ninguém podia salvá-lo de sua depressão, pois seu papel na vida sempre fora o de salvar os outros. Fora por isso que se reconciliara com Harry, mas não com Bruce. Harry viera pedir que o salvasse do vício em heroína, mas Bruce se oferecera para salvar Simons, levando-o ao Senhor. Em operações militares, o objetivo de Simons sempre fora o de trazer todos os seus homens de volta, vivos.

A expedição a Son Tay teria sido o clímax perfeito para sua carreira, se houvesse prisioneiros no campo para salvar.

Paradoxalmente, a única maneira de salvar Simons era pedir-lhe para salvar alguém.

Aconteceu às duas horas da madrugada do dia 2 de janeiro de 1979.

O telefone acordou-o.

— Bull Simons?

A voz era vagamente familiar.

— Eu mesmo.

— Aqui é T. J. Marquez, da EDS de Dallas.

Simons lembrou-se: EDS, Ross Perot, a campanha dos prisioneiros de guerra, a festa de San Francisco...

— Olá, Tom.

— Desculpe tê-lo acordado, Bull.

— Não tem problema. Em que posso ajudar?

— Temos dois homens numa prisão no Irã e parece que não conseguiremos arrancá-los de lá pelos meios convencionais. Você estaria disposto a nos ajudar?

Se ele estaria disposto?

— Mas claro que sim! Quando começamos?

QUATRO

1

Ross Perot deixou o prédio da EDS e virou à esquerda na Forest Lane, depois à direita, na Central Expressway. Estava seguindo para o Hilton Hill, na esquina da Central com a Mockingbird. Ia pedir a sete homens para arriscarem suas vidas.

Sculley e Coburn haviam preparado a sua lista. Os nomes dos dois estavam lá no alto, seguidos por mais cinco.

Quantos executivos americanos do século XX haviam pedido a sete empregados para arrombarem uma prisão e darem fuga a dois presos?

Provavelmente nenhum.

Durante a noite, Coburn e Sculley haviam entrado em contato com os outros cinco, que estavam espalhados por todos os Estados Unidos, em casas de amigos e parentes, depois do retorno precipitado de Teerã. Cada homem fora informado apenas que Perot queria lhe falar naquele mesmo dia, em Dallas. Eles estavam acostumados a telefonemas de madrugada e convocações súbitas, pois era assim que Perot trabalhava. Todos concordaram prontamente.

Ao chegarem a Dallas, foram desviados da sede da EDS, recebendo instruções para se registrarem no Hilton. A maioria deveria estar lá agora, esperando por Perot.

Ele pensou na reação dos homens quando lhes dissesse que queria que voltassem a Teerã e tirassem Paul e Bill da prisão.

Eram homens extraordinários e leais a ele. Mas a lealdade com o patrão normalmente não se estendia a arriscar a própria vida. Alguns podiam pensar que toda a idéia de um resgate pela violência era temerária. Outros pensariam em suas mulheres e filhos e

acabariam recusando, por causa deles. O que seria perfeitamente compreensível.

Não tenho o direito de pedir a esses homens para que façam uma coisa dessas, pensou Perot. Devo tomar cuidado para não pressioná-los. Nada de conversa de vendedor hoje, Perot: apenas uma conversa franca e objetiva. Eles devem compreender que têm toda liberdade para dizerem: Não, obrigado, chefe. Estou fora.

Quantos seriam voluntários?

Um em cinco, calculou Perot.

Se fosse assim, haveria necessidade de vários dias para formar a equipe e talvez se acabasse com pessoas que não conheciam Teerã.

E se não houvesse nenhum voluntário?

Ele parou o carro no estacionamento do Hilton e desligou o motor.

Jay Coburn olhou ao redor. Havia quatro outros homens ali: Pat Sculley, Glenn Jackson, Ralph Boulware e Joe Poché. Mais dois estavam a caminho: Jim Schwebach, vindo de Eau Claire, Wisconsin, e Ron Davis, vindo de Columbus, Ohio. Não eram os Doze Condenados.

De terno, camisa branca, gravata sóbria, cabelos curtos, rosto bem barbeado, corpo bem nutrido, pareciam justamente o que eram: executivos americanos comuns. Era difícil encará-los como um pelotão de mercenários.

Coburn e Sculley haviam feito listas separadas, mas aqueles cinco homens figuravam em ambas. Todos haviam trabalhado em Teerã, a maioria integrara a equipe de Coburn que promovera a evacuação. Todos possuíam experiência militar ou alguma habilidade relevante. E Coburn confiava plenamente em cada um.

Enquanto Sculley ligava para os homens, Coburn fora aos arquivos e compilara uma ficha de cada homem, informando a idade, altura, peso, estado civil e conhecimento de Teerã. Ao chegarem a Dallas, cada um completara a ficha, indicando experiência militar, escolas militares que cursara, treinamento em armas e outras habilidades especiais. As fichas eram para o Coronel Simons, que estava vindo de Red Bay. Mas antes que Simons chegasse, Perot tinha de perguntar àqueles homens se estavam dispostos a ser voluntários.

Para o encontro de Perot com os homens, Coburn providenciara três quartos adjacentes. Somente o do meio seria usado. Os quartos nos lados foram alugados como uma precaução contra pessoas que pudessem ficar curiosas.

Era tudo um tanto melodramático.

Coburn estudou os outros, perguntando-se o que estariam pensando. Ainda não haviam sido informados sobre o problema, mas provavelmente tinham adivinhado.

Ele não podia saber o que Joe Poché estava pensando. Ninguém jamais podia. Um homem baixo e quieto, de 32 anos, Poché mantinha as suas emoções sempre reservadas. A voz era sempre baixa e controlada, o rosto geralmente impassível. Passara seis anos no exército e estivera em ação como comandante de uma bateria de obuses no Vietnã. Disparara praticamente todas as armas que o exército possuía, sempre com muita eficiência. Gastava o tempo vago, no Vietnã, treinando com uma 45. Passara dois anos com a EDS em Teerã, primeiro projetando o sistema de inscrição — o programa de computador que relacionava os nomes das pessoas com direito a benefícios e cuidados médicos — e posteriormente como o programador responsável pela digitação dos dados de todo o sistema.

Coburn sabia que ele era um pensador determinado e lógico, um homem que não concordaria com qualquer idéia ou plano enquanto

não o examinasse meticulosamente, por todos os ângulos, avaliando as conseqüências, lenta e cuidadosamente. O humor e a intuição não eram os seus fortes, mas sim a inteligência e paciência.

Ralph Boulware era pelo menos meio palmo mais alto que Poché. Um dos dois pretos na lista tinha o rosto rechonchudo e pequeno, olhos inquietos, falava muito depressa. Passara nove anos na força aérea como um técnico, trabalhando nos complexos computadores internos e sistemas de radar de bombardeiros. Em Teerã por apenas nove meses, ele começara como gerente de preparação de dados e rapidamente fora promovido a gerente de centro de dados.

Coburn o conhecia a fundo e gostava muito dele. Haviam-se embriagado juntos em Teerã. Seus filhos brincavam juntos, as mulheres se haviam tornado amigas. Boulware adorava a família, adorava os amigos, adorava seu trabalho, adorava a vida. Ele gostava de viver mais do que qualquer outra pessoa que Coburn conhecia, com a possível exceção de Ross Perot. Boulware era também um homem altamente independente e agressivo. Nunca hesitava em dizer o que pensava. Como muitos pretos bem-sucedidos, era um tanto sensível demais e não gostava de ser pressionado. Em Teerã, durante o Ashura, ele participara do pôquer de apostas altas, junto com Coburn e Paul.

Todos os demais dormiram na casa, como medida de segurança, conforme combinado anteriormente. Mas Boulware se recusara. Não houvera discussão, não houvera qualquer anúncio: Boulware simplesmente fora para casa. Poucos dias depois, concluía que o trabalho que estava fazendo em Teerã não justificava o risco para sua segurança e por isso voltara aos Estados Unidos. Não era um homem de acompanhar a matilha só porque era uma matilha: se achava que a matilha estava correndo na direção errada, tratava de abandoná-la. Era o mais cético do grupo que estava reunido no Hilton: se alguém fosse escarnecer da idéia de arrancar os presos à força da prisão, seria justamente Boulware.

Glenn Jackson parecia-se com um mercenário ainda menos do que os outros. Um homem gentil, de óculos, não tinha experiência militar, mas era um caçador ardoroso e um exímio atirador. Conhecia Teerã muito bem, tendo trabalhado lá para a Bell Helicopter e para a EDS.

Era um homem tão franco, íntegro e honesto, pensou Coburn, que era difícil imaginá-lo envolvido na fraude e violência inevitavelmente acarretadas pelo plano. Jackson era também um batista — os outros eram católicos, com exceção de Poché, que não dizia o que era — e os batistas eram famosos por socar Bíblias e não rostos. Coburn tentou imaginar qual seria a reação de Jackson.

Ele tinha uma preocupação similar com Pat Sculley. Sculley tinha uma boa ficha militar. Passara cinco anos no exército, terminando como instrutor de comandos, com o posto de capitão. Mas não tinha experiência de combate. Agressivo e expansivo nos negócios, era um dos mais brilhantes jovens executivos em ascensão da EDS. Como Coburn, Sculley era um irremediável otimista; mas, enquanto as atitudes de Coburn haviam sido temperadas pela guerra, as de Sculley tinham uma ingenuidade juvenil. Se a coisa se tomar violenta, pensou Coburn, será que Sculley se mostrará forte o bastante para enfrentar?

Dos dois homens que ainda não haviam chegado, um deles era o mais qualificado para participar de uma tentativa de arrancar dois homens da prisão à força, enquanto o outro talvez fosse o menos qualificado.

Jim Schwebach sabia mais a respeito de combate do que sobre computadores. Passara 11 anos no exército, servira com o 5º Grupo das Forças Especiais no Vietnã, realizando o tipo de trabalho de comando em que Bull Simons se especializara, operações clandestinas por trás das linhas inimigas; e ganhara mais medalhas até do que Coburn. Porque passara tantos anos na vida militar, ainda era um executivo júnior, apesar da idade de 35 anos. Era um

engenheiro de sistemas estagiário ao ir para Teerã, mas já amadurecido e de confiança. Coburn o fizera líder de equipe durante a evacuação. Com pouco mais de 1,65 m de altura, Schwebach tinha o porte ereto de muitos homens baixos e o espírito de luta inabalável que é a única defesa do menor garoto da turma. Não importava quais fossem as chances, Schwebach estaria sempre lutando, com o máximo de empenho, procurando por todos os meios sobreviver. Coburn o admirava por ter-se oferecido voluntariamente — e apenas por uma questão de patriotismo — para períodos extras de serviço no Vietnã.

Em batalha, pensou Coburn, Schwebach seria o último a querer entregar-se; se fosse possível optar, o melhor seria matar o pequeno filho da puta, antes de fazê-lo prisioneiro, pois certamente ele haveria de criar as maiores encrencas.

Mas a exuberância e obstinação de Schwebach não eram imediatamente aparentes. Era um homem que parecia comum. Na verdade, mal se lhe dava alguma atenção. Em Teerã, ele vivera mais ao sul do que qualquer outro, num bairro em que não havia americanos. Mas costumava andar a pé pelas ruas, usando um blusão surrado, jeans e um gorro de tricô, sem jamais ter sido incomodado.

Podia perder-se numa multidão de duas pessoas, um talento que podia ser extremamente útil na tentativa de arrancar Paul e Bill da prisão à força.

O outro homem que ainda não chegara era Ron Davis. Aos 30

anos, ele era o mais jovem da lista. Filho de um corretor de seguros, preto e pobre, Davis subira rapidamente no mundo branco dos executivos. Poucas pessoas que começavam como ele conseguiam alcançar o nível executivo. Perot sentia-se especialmente orgulhoso de Davis e costumava dizer:

— A carreira de Ron é como uma viagem à lua.

Davis adquirira um bom conhecimento de farsi em um ano e meio em Teerã, trabalhando com Keane Taylor, não no contrato do Ministério da Saúde, mas num projeto menor, separado, a convenção para computadores do Banco Omran, o banco do Xá. Davis era jovial, exuberante, sempre contando piadas, uma versão juvenil de Richard Pryor, mas sem a afronta. Coburn achava que ele era o mais sincero entre todos os homens na lista. Davis não tinha o menor constrangimento em se abrir e falar de seus sentimentos e vida pessoal. Por esse motivo, Coburn julgava-o um tanto vulnerável. Por outro lado, talvez a capacidade de falar sinceramente de si mesmo aos outros fosse um sinal de grande confiança e força interior.

Qualquer que fosse a verdade da resistência emocional de Davis, não se podia deixar de reconhecer que fisicamente ele era forte e resistente como ferro. Não tinha experiência militar, mas era faixa-preta em caratê. Houvera uma ocasião em Teerã em que três homens atacaram-no para roubar. Davis surrara todos os três, em poucos segundos. Como a capacidade de Schwebach para passar despercebido, o caratê de Davis era um talento que podia se tornar muito útil.

Como Coburn, todos os seis homens estavam na casa dos 30 anos.

Todos eram casados.

E todos tinham filhos.

A porta se abriu e Perot entrou.

Ele apertou a mão de todos, dizendo "Como vai?" e "É um prazer vê-lo de novo", como se realmente sentisse assim, lembrando os nomes das esposas e filhos. Ele é muito bom com as pessoas, pensou Coburn.

— Schwebach e Davis ainda não chegaram — informou Coburn.

— Não há problema — disse Perot, sentando-se. — Conversarei com eles depois. Mande-os ao meu escritório assim que chegarem. —

Ele fez uma pausa. — Repetirei para eles tudo o que vou dizer agora.

Perot fez outra pausa, como se estivesse ordenando os pensamentos. Depois, franziu o rosto e olhou atentamente para cada homem.

— Estou pedindo voluntários para um projeto que pode implicar perda de vida. A esta altura, ainda não posso dizer do que se trata, embora todos vocês provavelmente já tenham adivinhado. Quero que tirem cinco ou dez minutos, mais se for necessário, para pensarem a respeito. Voltem depois e me dêem a resposta, um de cada vez.

Pensem bem. Se decidirem, por qualquer motivo, não se envolverem, podem dizer francamente e ninguém fora deste quarto jamais saberá disso. Se resolverem se apresentar como voluntários, eu lhes direi mais alguma coisa. E agora saiam e pensem.

Todos se levantaram e, um a um, deixaram o quarto.

Eu poderia morrer na Central Expressway, pensou Joe Poché.

Ele sabia perfeitamente qual era o projeto perigoso: iam tirar Paul e Bill da prisão. Desconfiava disso desde as duas e meia da madrugada, quando fora acordado na casa de sua sogra, em San Antonio, por um telefonema de Pat Sculley. Sculley, o maior mentiroso do mundo, dissera:

— Ross me pediu para falar com você. Ele quer que você venha a Dallas de manhã, para começar a trabalhar num projeto na Europa.

Ao que Poché dissera:

— Pat, por que está me telefonando às duas e meia da madrugada para dizer que Ross está querendo que eu trabalhe num projeto na Europa?

— É muito importante. Precisamos saber quando você poderá chegar aqui.

Muito bem, pensara Poché, resignado, é alguma coisa que ele não pode explicar pelo telefone.

— O primeiro vôo deve ser às seis ou sete horas da manhã.

— Ótimo.

Poché fizera a reserva no vôo e depois voltara para a cama. Ao marcar o despertador para as cinco horas da manhã, dissera à esposa:

— Não sei qual é o problema, mas gostaria que alguém fosse franco e objetivo, mesmo que apenas por uma vez.

Na verdade, ele tinha uma boa idéia do que se tratava. Suas suspeitas foram confirmadas mais tarde, naquele mesmo dia, quando Ralph Boulware o encontrara na estação da Coit Road e não o levara para a EDS, mas sim para aquele hotel, recusando-se a fazer qualquer comentário sobre o que estava acontecendo.

Poché gostava de pensar em tudo meticulosamente e tivera tempo suficiente para analisar a idéia de arrancar Paul e Bill da prisão à força. Era uma perspectiva que o deixava contente... mas muito contente. Fazia-o lembrar-se dos velhos tempos, quando havia apenas 3.000 pessoas em toda a EDS e costumavam conversar sobre a Fé. Era a palavra que eles usavam para definir todo um conjunto de atitudes e convicções sobre a maneira como uma companhia devia tratar seus empregados. E tudo se resumia a uma coisa: a EDS cuidava de sua gente. Enquanto se dava o máximo de esforço à companhia, a EDS

estaria sempre a seu lado, apoiando-o em tudo: quando se estava doente, quando se tinha problemas pessoais ou familiares, quando se metia em qualquer encrenca... Era um pouco como se fosse uma família. Poché sentia-se feliz por isso, embora não falasse a respeito do sentimento... não falava muito sobre nenhum de seus sentimentos.

A EDS mudara bastante desde aqueles tempos. Com 10.000

empregados ao invés de 3.000, o ambiente de família não podia ser tão intenso. Ninguém mais falava da Fé. Mas ainda existia: aquele encontro o provava. E embora seu rosto permanecesse tão impassível como sempre, Joe Poché estava contente. É claro que ele voltaria a Teerã e arrancaria seus amigos da prisão. Poché sentia-se feliz pela oportunidade de estar na equipe.

Ao contrário da expectativa de Coburn, Ralph Boulware não demonstrou cinismo diante da idéia de resgatar Paul e Bill. O cético e independente Boulware aceitava a idéia com tanto entusiasmo quanto qualquer outro.

Ele também adivinhara o que estava acontecendo, ajudado —

como Poché — pela incapacidade de Sculley de mentir convincentemente.

Boulware e a família estavam na casa de amigos em Dallas.

Boulware nada tinha para fazer no dia de Ano-Novo e a mulher lhe perguntara por que não ia ao escritório. Ele dissera que nada tinha para fazer por lá. Ela não aceitara a alegação. Mary Boulware era a única pessoa no mundo que podia intimidar Ralph e ele acabara indo para o escritório. E lá se encontrara com Sculley.

— O que está acontecendo? — perguntara Boulware.

— Nada.

— O que está fazendo aqui?

— Basicamente providenciando reservas em aviões.

A atitude de Sculley parecia estranha. Boulware o conhecia muito bem — em Teerã seguiam juntos para o trabalho pela manhã —

e o instinto lhe dissera que Sculley não estava contando a verdade.

— Alguma coisa está errada — insistira Boulware. — O que está acontecendo afinal?

— Não está acontecendo nada, Ralph.

— O que eles vão fazer por Paul e Bill?

— Vão recorrer a todos os meios possíveis para tirá-los da prisão. A fiança foi fixada em 13 milhões de dólares e temos de remeter o dinheiro para o Irã...

— Isso é besteira. Todo o sistema de governo, inclusive o sistema judiciário, desmoronou lá no Irã. Não há mais nenhum meio legal de libertá-los. O que vão fazer?

— Não se preocupe com isso.

105

— Vocês não vão querer entrar lá e arrancá-los à força, não é mesmo?

Sculley ficara calado.

— Se for isso, podem contar comigo — disse Boulware.

— O que está querendo dizer com isso?

— É evidente que vão tentar alguma coisa.

— Como assim?

— Chega de brincadeira. Quero apenas que saibam que podem contar comigo.

— Está certo.

Para ele, era uma decisão simples. Paul e Bill eram seus amigos, e era bem possível que fosse ele quem tivesse sido preso. Nesse caso, ele gostaria que os amigos fossem salvá-lo.

Havia outro fator. Boulware gostava imensamente de Pat Sculley. Que diabo, ele amava Sculley. Também se sentia muito protetor em relação a ele. Na opinião de Boulware, Sculley não conseguia compreender que o mundo estava repleto de corrupção, crime e pecado: ele via o que queria ver, uma galinha em cada panela, um Chevrolet em cada porta, um mundo da mamãe carinhosa e da torta de maçã. Se Sculley estivesse envolvido numa fuga de prisão, certamente precisaria de Boulware para cuidar dele. Era um estranho sentimento para se ter por um homem mais ou menos de sua idade, mas a verdade é que existia.

Fora assim que Boulware pensara no dia de Ano-Novo e era assim que continuava a se sentir hoje. Por isso, ele voltou ao quarto do hotel e disse a Perot o que já falara a Sculley:

— Conte comigo.

Glenn Jackson não tinha medo de morrer.

Sabia o que ia acontecer depois da morte e não tinha qualquer medo. Quando o Senhor quisesse chamá-lo para a sua morada, ele estaria pronto para ir.

Contudo, ele estava preocupado com a sua família. Acabavam de ser evacuados do Irã e estavam agora na casa de sua mãe, no leste do Texas. Ele ainda não tivera tempo para começar a procurar um lugar

para a família se instalar. Se por acaso se envolvesse naquela operação, não teria tempo de resolver os problemas da família. Tudo ficaria aos cuidados de Carolyn. Ela teria de reconstituir sozinha a vida da família nos Estados Unidos. Teria de arrumar uma casa, matricular Cheryl, Cindy e Glenn Junior na escola, comprar ou alugar móveis...

Carolyn era uma pessoa um tanto dependente. Não seria fácil para ela cuidar de tudo.

Além do mais, Carolyn já estava furiosa com ele. Viera para Dallas com ele naquela manhã, mas Sculley lhe dissera que a mandasse de volta para casa. Ela não tivera permissão para se hospedar no Hilton com o marido. E isso a deixara profundamente irritada.

Mas Paul e Bill também tinham esposas e famílias. "Amarás a teu próximo como a ti mesmo." Estava na Bíblia duas vezes: Levítico, capítulo 19, versículo 18; e Mateus, capítulo 22, versículo 39. Jackson pensou: Se eu estivesse numa prisão em Teerã, certamente gostaria que alguém fizesse alguma coisa por mim.

E, assim, ele se apresentou como voluntário.

Sculley já tomara sua decisão dias antes.

Antes de Perot começar a falar numa operação de resgate, Sculley já vinha discutindo a idéia. Ocorrera-lhe no dia seguinte à prisão de Paul e Bill, o dia em que deixara Teerã de avião, em companhia de Joe Poché e Jim Schwebach. Sculley estava transtornado por deixarem Paul e Bill para trás, ainda mais porque Teerã se tornara dramaticamente mais violenta nos últimos dias. No Natal, dois afegãos surpreendidos a roubar no bazar foram sumariamente enforcados por uma multidão. Um motorista de táxi que tentara furar a fila num posto de gasolina fora morto com um tiro na cabeça disparado por um soldado. O que eles fariam com os americanos, depois que comesçassem? Não era preciso pensar muito para saber.

No avião, Sculley sentara ao lado de Jim Schwebach. Os dois concordaram que as vidas de Paul e Bill corriam perigo. Schwebach, que tinha experiência de operações clandestinas ao estilo dos comandos, concordara ainda com Sculley que seria possível, para uns poucos americanos determinados, arrancar dois homens de uma prisão iraniana.

Assim, Sculley ficara surpreso e deliciado quando, três dias depois, Perot dissera:

— Tenho pensado na mesma coisa.

Sculley pusera o seu nome no alto da lista.

Não precisava de tempo para pensar a respeito. Já era um voluntário. Sculley também pusera o nome de Coburn na lista... sem comunicar a Coburn. Até aquele momento, o otimista Coburn, que vivia de um dia para outro, nem mesmo pensara em sua participação pessoal no grupo. Mas Sculley estava certo: Coburn queria ir. Ele pensou: Liz não vai gostar. E suspirou. Havia muitas coisas de que sua mulher não gostava atualmente.

Ela estava se apegando demais a ele, pensou Coburn. Não gostara quando ele estivera no exército, não gostava que ele tivesse *hobbies* que o afastavam dela, não gostava que ele trabalhasse para um patrão que sentia-se à vontade para chamá-lo a qualquer hora do dia ou da noite para serviços especiais.

Ele nunca vivera do jeito como Liz queria e provavelmente era tarde demais para começar agora. Se fosse para Teerã, a fim de salvar Paul e Bill, Liz poderia odiá-lo por isso. Mas se não fosse, ele provavelmente a odiaria por obrigá-lo a ficar.

Desculpe, Liz, pensou ele; lá vamos nós outra vez.

Jim Schwebach chegou no final da tarde, mas ouviu o mesmo discurso de Perot.

Schwebach possuía um senso de dever altamente desenvolvido.

(Houvera uma ocasião em que desejara ser padre, mas dois anos num seminário católico afastaram-no da religião organizada.)

Passara 11

anos no exército e se oferecera como voluntário para sucessivos períodos de serviço no Vietnam, simplesmente pelo seu senso de dever. Vira, na Ásia, muitas pessoas cumprindo mal o seu dever, mas sabia que fazia o que devia da melhor forma possível. Pensara: Se eu for embora, outro homem virá fazer o que estou pensando; mas ele fará um mau serviço e por causa disso alguém perderá um braço, uma perna ou a própria vida. Fui treinado para fazer isso e sou muito bom, devo aos outros continuar a fazê-lo.

Ele sentia praticamente a mesma coisa em relação ao resgate de Paul e Bill. Era o único membro do grupo proposto que já fizera antes aquele tipo de coisa. Precisavam dele.

E, de qualquer forma, ele gostava. Era um lutador por disposição. Talvez fosse porque não tivesse muito mais que um metro e meio de altura. Lutar era a sua função, era onde sentia que realmente vivia. Não hesitou em se oferecer como voluntário. E mal podia esperar o momento de começar.

Ron Davis, o segundo preto na lista e o mais jovem de todos, teve alguma hesitação.

Chegou a Dallas no início da noite e foi levado diretamente para a sede da EDS, na Forest Lane. Jamais se encontrara pessoalmente com Perot, mas falara com ele pelo telefone, de Teerã, durante a evacuação. Por alguns dias, durante aquele período, haviam mantido uma linha aberta entre Dallas e Teerã, dia e noite. Alguém tinha de dormir ao lado do telefone em Teerã e a missão coubera muitas vezes a Davis. E uma vez o próprio Perot entrara na linha.

— Ron, sei que a situação por aí está terrível e estamos gratos por sua permanência. Há alguma coisa que eu possa fazer por você?

Davis ficara surpreso. Estava fazendo apenas o que seus amigos estavam fazendo e não esperava um agradecimento especial. Mas ele tinha uma preocupação especial.

— Minha mulher está grávida e não a vejo há algum tempo —

dissera ele a Perot. — Ficaria agradecido se pudesse pedir a alguém para telefonar para ela e avisar que estou bem, voltarei para casa o mais depressa possível.

Davis ficara surpreso ao saber de Marva, mais tarde, que Perot não mandara ninguém telefonar para ela... ele próprio ligara.

Agora, encontrando-se pessoalmente com Perot pela primeira vez, Davis ficou outra vez impressionado. Perot apertou-lhe a mão efusivamente e disse:

— Oi, Ron. Como vai?

Era como se fossem amigos íntimos há muitos anos. Contudo, escutando Perot falar sobre uma possível "perda de vida", Davis teve dúvidas. Queria saber mais a respeito da operação. Teria o maior prazer em ajudar Paul e Bill, mas precisava ter certeza de que todo o projeto seria bem organizado e profissional.

Perot lhe falou de Bull Simons e isso dissipou todas as dúvidas.

Perot estava muito orgulhoso de todos eles. Todos haviam se apresentado como voluntários.

Ele estava sentado em sua sala. Estava escuro lá fora. Esperava por Simons.

O sorridente Jay Coburn; o infantil Pat Sculley; Joe Poché, o homem de ferro; Ralph Boulware, alto, preto e cético; o afável Glenn Jackson; Jim Schwebach, o lutador; Ron Davis, o comediante.

Todos eles!

Perot sentia-se grato além de orgulhoso, pois o fardo assumido era mais seu do que deles.

Por todos os lados, fora um dia e tanto. Simons concordara imediatamente em ajudar. Paul Walker, um agente de segurança da EDS, que por coincidência servira com Simons no Laos, embarcara num avião de madrugada e seguira para Red Bay, a fim de tomar conta dos porcos e cachorros de Simons. E sete jovens executivos largavam tudo de um momento para outro e concordavam em voltar ao Irã para tentar arrancar dois companheiros que estavam na prisão.

Eles estavam agora ali perto, na sala de reuniões da EDS, esperando por Simons, que se registrara no Hilton e fora jantar com T.

J. Marquez e Merv Stauffer.

Perot pensou em Stauffer. Atarracado, de óculos, 40 anos, formado em economia, Stauffer era o braço direito de Perot. Ele se recordava nitidamente do primeiro encontro entre os dois, quando entrevistara Stauffer. Formado por alguma universidade de Kansas, Merv parecia ter saído diretamente de uma fazenda, de terno barato...

e meias brancas.

Durante a entrevista, Perot explicara, tão gentilmente quanto era capaz, que meias brancas não eram apropriadas para um encontro de negócios. Mas este fora o único erro que Stauffer cometera.

Impressionara Perot como um homem muito inteligente, firme, organizado e acostumado ao trabalho pesado.

À medida que os anos foram passando, Perot descobrira que Stauffer tinha também outros talentos úteis. Possuía uma mente maravilhosa para os detalhes — algo de que Perot carecia. Era absolutamente íntegro. E era um grande diplomata. Quando a EDS

assinava um contrato, isso implicava normalmente assumir um departamento de processamento de dados já existente, com toda a sua equipe. Podia ser uma situação difícil, pois a equipe naturalmente se mostrava cautelosa, sensível e, às vezes, ressentida. Merv Stauffer, calmo, sorridente, prestativo, de fala suave, determinação gentil, podia controlar a situação melhor do que qualquer outra pessoa.

Desde o final dos anos 60 que ele vinha trabalhando diretamente com Perot. Sua especialidade era pegar uma idéia meio louca e um tanto vaga da

imaginação

irrequieta de Perot, analisá-la

meticulosamente, juntar tudo e pôr em prática. Ocasionalmente, ele concluía que a idéia era impraticável... e quando Stauffer dizia isso, Perot começava a pensar que talvez fosse mesmo impraticável.

O apetite dele pelo trabalho era enorme. Mesmo entre os viciados em trabalho do sétimo andar, Stauffer era excepcional. Além de executar tudo o que Perot imaginava na cama durante a noite anterior, ele supervisionava a empresa imobiliária e a companhia petrolífera de Perot, administrava os investimentos de Perot e cuidava dos seus bens.

A melhor maneira de ajudar Simons, concluiu Perot, seria lhe dar Merv Stauffer.

Ele ficou pensando se Simons teria mudado. Haviam decorrido sete anos desde que se encontraram pela última vez. A ocasião fora um

banquete. Simons lhe contara uma história.

Durante a expedição a Son Tay, o helicóptero de Simons pousara no lugar errado. Era igual ao campo de prisioneiros, mas a cerca de 400 metros de distância. Ali estavam os alojamentos repletos de soldados inimigos dormindo. Despertados pelo barulho e clarões, os soldados começaram a sair dos alojamentos, sonolentos, parcialmente despídos, carregando suas armas. Simons postara-se no lado de fora da porta, com um charuto aceso na boca. A seu lado estava um corpulento sargento. À medida que cada homem passava pela porta, deparava com o clarão do charuto e hesitava. Simons lhe dava um tiro. O sargento afastava o corpo para o lado e ficavam esperando pelo próximo. Perot não conseguira resistir à pergunta inevitável:

— Quantos homens você matou?

— Uns setenta ou oitenta — respondera Simons, em tom indiferente.

Simons fora um grande soldado, mas era agora um criador de porcos. Ainda estaria em boas condições? Estava com 60 anos e sofrera um derrame, antes até de Son Tay. Será que ainda possuía uma mente arguta? Ainda seria um grande líder de homens?

Perot tinha certeza de que ele iria querer o controle total da operação. O coronel realizaria a missão à sua maneira ou não a faria.

Isso convinha perfeitamente a Perot: o seu estilo era contratar o melhor homem para um trabalho e depois deixá-lo agir por conta própria. Mas Simons ainda seria o maior especialista em operações de resgate do mundo?

Ele ouviu vozes na sala externa. Eram eles. Perot levantou-se, enquanto Simons entrava, acompanhado por T. J. Marquez e Merv Stauffer.

— Como vai, Coronel Simons?

Perot nunca chamava Simons de “Bull”, pois achava que era um apelido bobo.

— Olá, Ross — disse Simons, apertando-lhe a mão.

O aperto foi firme. Simons estava vestido informalmente, com uma calça cáqui. A camisa de colarinho estava aberta, deixando à mostra o pescoço musculoso. Ele parecia mais velho. Havia mais rugas no rosto agressivo, mais fios brancos nos cabelos curtos, que também estavam um pouco mais compridos do que antes. Mas ele ainda parecia em boas condições, vigoroso e resistente. Ainda tinha a mesma voz profunda, enrouquecida pelo tabaco; com um vestígio tênue, mas claro, de sotaque de Nova York. Trazia as fichas que Coburn fizera dos voluntários.

— Sentem-se — disse Perot. — Todos já jantaram?

— Fomos ao Dusty’s — informou Stauffer.

Simons perguntou:

— Quando foi a última vez em que examinaram esta sala à procura de microfones ocultos?

Perot sorriu. Simons continuava arguto, além de estar em boas condições físicas. Isso era ótimo.

— Nunca fizemos isso, coronel.

— Daqui por diante quero que se examinem diariamente todas as salas que usarmos.

— Pode deixar que providenciarei — disse Stauffer.

— Qualquer coisa que precisar, coronel, basta comunicar a Merv — disse Perot. — E agora vamos tratar de negócios por um minuto.

Agradecemos a sua disposição de nos ajudar e gostaríamos de lhe oferecer alguma compensação...

— Nem pense nisso — disse Simons, rispidamente.

— Mas...

— Não quero pagamento para salvar americanos que estão em perigo. Nunca recebi qualquer gratificação por isso e não pretendo começar agora.

Simons estava ofendido. A força de sua irritação encheu a sala.

Perot recuou apressadamente; Simons era uma das poucas pessoas com quem ele se mostrava cauteloso.

O velho guerreiro não mudara nem um pouco, pensou Perot.

Ótimo.

— O grupo está esperando por você na sala de reunião. Vejo que está com as fichas, mas sei que vai querer fazer uma avaliação pessoal dos homens. Todos conhecem Teerã e todos têm experiência militar ou alguma habilidade especial que pode ser útil... mas, ao final, a escolha dos homens lhe compete. Se por algum motivo não gostar desses homens, providenciaremos outros. Você está no comando.

Perot esperava que Simons não rejeitasse ninguém, mas tinha de lhe dar essa opção. Simons levantou-se.

— Vamos ao trabalho.

T. J. ficou na sala, depois que Simons e Stauffer se retiraram.

Ele disse, em voz baixa:

— A mulher dele morreu.

— Lucille? — Perot não soubera. — É terrível.

— Câncer.

— Tem alguma idéia de como ele suportou o golpe?

T. J. assentiu.

— Muito mal.

Enquanto T. J. saía, o filho de 20 anos de Perot, Ross Junior, entrou na sala. Era comum os filhos de Perot aparecerem no escritório.

Mas desta vez, com uma reunião secreta na sala ao lado, Perot gostaria que o filho tivesse escolhido outro momento. Ross Junior devia ter visto Simons no corredor. Já se encontrara antes com Simons e sabia quem ele era. A esta altura, pensou Perot, ele já calculou que a única explicação para a presença de Simons aqui é a preparação de uma operação de resgate. Ross sentou-se e disse:

— Oi, pai. Vim ver a vovó.

— Boa idéia.

Perot contemplou o filho afetuosamente. Ross Junior era alto, de ombros largos, esguio, com uma aparência muito melhor que a do pai.

As meninas se apinhavam em torno dele como moscas. O fato de ele ser o herdeiro de uma grande fortuna era apenas um dos atrativos. Ele cuidava disso como cuidava de tudo o mais, com boas maneiras impecáveis e uma maturidade muito além de sua idade.

— Nós dois precisamos acertar uma coisa — disse Perot. —

Espero viver por mais de cem anos. Mas se alguma coisa por acaso me acontecer, quero que deixe a universidade, volte para casa e tome conta de sua mãe e irmãs.

— É o que farei — disse Ross. — Não se preocupe.

— E se alguma coisa acontecer com sua mãe, quero que você cuide de suas irmãs. Sei que seria muito difícil para você, mas não gostaria que contratasse outras pessoas para isso. Conto com você para viver em casa e criar suas irmãs da maneira apropriada...

— Eu teria feito isso de qualquer maneira, papai, mesmo que não tivesse me falado.

— Ótimo.

O rapaz levantou-se. Perot acompanhou-o até a porta.

Subitamente, Ross passou o braço pelos ombros do pai e disse:

— Eu o amo, papai.

Perot abraçou-o.

Ficou surpreso ao descobrir que havia lágrimas nos olhos do filho.

Ross saiu.

Perot sentou-se. Não deveria ter ficado surpreso com aquelas lágrimas: os Perots constituíam uma família unida e Ross era um rapaz afetuoso.

Perot não tinha qualquer plano específico de ir a Teerã, mas sabia que não poderia ficar para trás, se seus homens iam arriscar suas vidas. Ross Junior percebera a mesma coisa.

Perot sabia que a família inteira o apoiaria. Margot poderia até dizer: “Você está arriscando a vida por seus empregados, mas será que não pensa em nós?” Só que ela nunca diria isso. Durante toda a campanha dos prisioneiros de guerra, quando ele fora ao Vietnã e ao Laos, quando tentara voar até Hanói, quando a família fora obrigada a viver com guarda-costas, nunca nenhum deles se

queixara, nunca alguém dissera “E nós?”. Ao contrário, haviam-no encorajado a fazer tudo o que julgasse necessário para cumprir seu dever.

Enquanto ele estava sentado ali, pensando, Nancy, a filha mais velha, entrou na sala.

— Oi, papi!

Era o apelido carinhoso que ela dava ao pai.

— Nan! Venha até aqui!

Ela contornou a mesa e sentou-se no colo dele.

Perot adorava Nancy. Com 18 anos, loura, pequena, mas forte, ela o fazia lembrar da mãe. Era determinada e obstinada, como Perot, provavelmente tinha tanto potencial como executiva no mundo dos negócios quanto o irmão.

— Vim me despedir. Vou voltar para Vanderbilt.

— Passou pela casa de sua avó?

— Claro.

— Boa menina.

Ela estava exuberante, muito animada com o retorno à escola, indiferente à tensão e à conversa de morte no sétimo andar.

— Não pode me dar fundos extras, papi?

Perot sorriu indulgentemente e tirou a carteira do bolso. Como sempre, era incapaz de resistir a Nancy.

Ela embolsou o dinheiro, abraçou-o, beijou-o no rosto, saltou do seu colo e saiu da sala, sem ter qualquer preocupação com o mundo.

Desta vez havia lágrimas nos olhos de Perot.

Era como uma reunião, pensou Coburn: os velhos companheiros de Teerã na sala, esperando por Simons, conversando sobre o Irã e a evacuação. Lá estavam Ralph Boulware, falando a 150 quilômetros por hora; Joe Poché, sempre pensando, olhando ao redor como um robô animado num acesso de mau humor; Glenn Jackson dizendo alguma coisa sobre rifles; Jim Schwebach com seu sorriso enviesado, o sorriso que o levava a pensar que ele sabia de alguma coisa que você ignorava; e Pat Sculley, falando sobre a expedição a Son Tay. Todos sabiam agora que estavam prestes a conhecerem o legendário Bull Simons. Sculley, quando fora instrutor dos Rangers, discorrera sobre a famosa expedição de Simons e sabia tudo sobre o planejamento detalhado, os ensaios intermináveis, o fato de que Simons trouxera de volta, vivos, todos os seus 59 homens.

A porta se abriu e uma voz disse:

— Levantem-se.

Todos empurraram as cadeiras para trás e se levantaram.

Coburn olhou ao redor.

Ron Davis entrou, um sorriso exuberante iluminando o rosto preto.

— Mas que diabo, Davis! — explodiu Coburn.

Todos riram ao compreenderem que haviam sido enganados.

Davis deu a volta pela sala, apertando mãos e cumprimentando os companheiros.

Assim era Davis: sempre o palhaço.

Coburn examinou a todos e se perguntou até que ponto mudariam quando se defrontassem com o perigo físico. O combate era uma

coisa estranha, nunca se podia prever como as pessoas reagiriam.

O homem que se julgava o mais bravo podia ser o primeiro a desmoronar, enquanto aquele que se esperava que fugisse era o que se mostrava sólido como uma rocha.

Coburn jamais esqueceria o que o combate lhe fizera.

A crise ocorrera dois meses depois que ele chegara ao Vietnam.

Estava voando num aparelho de apoio, do tipo que não tinha sistema de armas. Por seis vezes naquele dia saíra da zona de batalha carregado de soldados. Fora um bom dia, nenhum tiro fora disparado contra seu helicóptero.

A sétima vez fora diferente.

Uma rajada de 12.75 atingira o aparelho e cortara a haste do rotor traseiro.

Quando o rotor principal de um helicóptero gira, o corpo do aparelho tem a tendência natural de virar na mesma direção. A função do rotor traseiro é anular essa tendência. Se o rotor traseiro pára, o helicóptero começa a girar.

Imediatamente após a decolagem, quando o aparelho está a pouca distância do solo, o piloto pode enfrentar a perda do rotor traseiro pelo expediente de pousar novamente, antes que o giro se torne muito rápido. Posteriormente, quando o aparelho está em altitude de cruzeiro e em velocidade normal de vôo, o fluxo do vento na fuselagem é forte o bastante para impedir que o helicóptero vire.

Mas Coburn estava na altitude de 50 metros, a pior posição possível, alto demais para tornar a pousar, mas ainda não em velocidade suficiente para que o fluxo de vento pudesse estabilizar a fuselagem.

O procedimento normal era um estol simulado do motor.

Coburn aprendera e ensaiara a rotina na escola de vôo. Executara-a instintivamente, mas não dera certo. O aparelho já estava girando depressa demais.

Em poucos segundos, ele ficara tão tonto que não tinha a menor idéia de onde estava. Não pudera fazer coisa alguma para amortecer a queda. O helicóptero caíra meio virado para a direita (ele soubera disso depois), uma das pás do rotor entortara para baixo e penetrara na fuselagem, atingindo a cabeça do co-piloto, que morrera instantaneamente.

Coburn sentira o cheiro do combustível que se desamarrara rapidamente. Fora nesse momento que percebera que estava de cabeça para baixo, pois o aparelho virara no impacto. Conseguira escapar, tendo como única lesão algumas vértebras comprimidas no pescoço.

Sua tripulação também sobrevivera, pois estavam todos presos com os cintos de segurança.

Mas os sete soldados atrás não estavam. O helicóptero não tinha portas e a força centrífuga do giro os arremessara para fora de uma altura de mais de 30 metros. Estavam todos mortos.

Coburn tinha 20 anos na ocasião.

Poucas semanas depois, ele recebera um tiro na batata da perna, a parte mais vulnerável de um piloto de helicóptero, que ficava num assento blindado, mas com a parte inferior das pernas exposta.

Ficara furioso antes, mas isso agora fora demais. Fervendo de raiva por ter sido alvejado, fora procurar seu comandante e pedira para ser destacado para um helicóptero de combate, a fim de poder matar alguns dos miseráveis que estavam tentando liquidá-lo.

O pedido fora concedido.

Fora nessa ocasião que o sorridente Jay Coburn se transformara num soldado profissional, de cabeça fria, coração frio. Não fizera amigos íntimos no exército. Se alguém na unidade era ferido, Coburn dava de ombros e dizia:

— É para isso que ele recebe adicional de combate.

Ele desconfiava que os companheiros consideravam-no meio doente. Não se importava. Sentia-se feliz em pilotar helicópteros de combate. Cada vez que entrava no aparelho, sabia que estava saindo para matar ou ser morto. Ao limpar áreas para o avanço das tropas de terra, Coburn sabia que mulheres e crianças, civis inocentes, estavam sendo também atingidos. Mas fechava a mente a tais pensamentos e abria fogo.

Onze anos depois, relembrando tudo, ele podia pensar. Fui um animal.

Schwebach e Poché, os dois homens mais quietos na sala, poderiam compreender: eles também haviam estado lá, sabiam como era. O que não acontecera com os outros: Sculley, Boulware, Jackson e Davis. Se aquela operação de resgate se tornasse difícil, pensou Coburn outra vez, como eles reagiriam?

A porta se abriu nesse instante e Simons entrou.

2

A sala estava em silêncio, enquanto Simons se encaminhava para a cabeceira da mesa comprida.

Ele é um grande filho da puta, pensou Coburn.

T. J. Marquez e Merv Stauffer entraram atrás de Simons e sentaram-se perto da porta.

Simons largou uma valise preta de plástico num canto, arriou numa cadeira e acendeu um pequeno charuto.

Estava vestido informalmente, apenas de calça e camisa, sem gravata, os cabelos um tanto compridos para um coronel. Ele mais parecia um fazendeiro do que um soldado, pensou Coburn.

— Sou o Coronel Simons.

Coburn esperava que ele dissesse estou no comando, prestem atenção e façam o que eu mandar, este é meu plano. Em vez disso, Simons começou a fazer perguntas.

Queria saber tudo a respeito de Teerã: o tempo, o tráfego, de que eram feitos os prédios, as pessoas nas ruas, a quantidade de guardas, como estavam armados.

Ele estava interessado em todos os detalhes. Disseram-lhe que toda a polícia andava armada, com exceção dos guardas de trânsito.

Como se poderia distingui-los? Pelos capacetes brancos. Disseram-lhe que havia táxis azuis e táxis laranja. Qual era a diferença? Os táxis azuis tinham percursos fixos e tarifas fixas. Os táxis laranja podiam ir a qualquer lugar, em teoria; mas geralmente, quando parava, já levava um passageiro e o motorista perguntava para que lado você queria ir.

Se ia na mesma direção, podia embarcar, anotando a quantia que o taxímetro já marcava; ao saltar, pagava a diferença. O sistema era uma fonte permanente de discussão com os motoristas.

Simons perguntou onde exatamente a prisão estava localizada.

Merv Stauffer foi providenciar mapas de ruas de Teerã. Como era o prédio? Joe Poché e Ron Davis já haviam passado por lá de carro.

Poché fez um desenho num bloco.

Coburn recostou-se, observando Simons em ação. Compreendeu que a coleta de informações era apenas uma parte do que ele estava querendo. Coburn fora um recrutador da EDS por muitos anos e podia reconhecer uma boa técnica de entrevista. Simons estava avaliando cada homem, observando reações, testando o bom senso. Como um recrutador, Simons fazia muitas perguntas de caráter amplo, muitas vezes seguindo com um “Por quê?”, oferecendo às pessoas uma oportunidade de se revelarem, gabando-se, exagerando ou apresentando sinais de ansiedade.

Coburn se perguntou se Simons rejeitaria algum deles. Em determinado momento, Simons perguntou:

— Quem está disposto a morrer fazendo isso?

Ninguém disse nada.

— Ótimo. Eu não levaria alguém que estivesse planejando morrer.

A conversa prolongou-se por horas. Simons suspendeu-a pouco depois de meia-noite. A esta altura, já era evidente que não sabiam o bastante sobre a prisão para começar o planejamento da operação de resgate. Coburn foi designado para descobrir mais, da noite para o dia.

Daria alguns telefonemas para Teerã. Simons perguntou:

— Pode interrogar as pessoas a respeito da prisão sem deixá-las saber por que deseja as informações?

— Serei discreto.

Simons virou-se para Merv Stauffer.

— Precisaremos de um lugar seguro para nos encontrarmos. Um lugar que não esteja relacionado com a EDS.

— Não poderia ser o hotel?

— As paredes são finas.

Stauffer pensou por um momento.

— Ross tem uma pequena casa no Lago Grapevine, na estrada para o aeroporto. Não haverá ninguém por lá nadando ou pescando, com este tempo. Portanto, será um lugar seguro.

Simons parecia em dúvida e Stauffer acrescentou:

— Não gostaria que eu o levasse de carro até lá pela manhã, a fim de dar uma olhada?

— Está certo. — Simons levantou-se. — Já fizemos tudo o que podíamos, neste estágio.

Os homens começaram a sair. E foi nesse momento que Simons pediu a Davis para terem uma conversa em particular.

— Você não tem nada de duro, Davis.

Ron Davis ficou aturdido.

— O que o leva a pensar que é um cara duro? — insistiu Simons.

Davis não podia esconder a surpresa. Durante toda a noite, Simons se mostrara polido, moderado, gentil. Agora, dava a impressão de que queria brigar. O que estava acontecendo?

Davis pensou em toda a sua experiência nas artes marciais, nos três assaltantes que derrubara em Teerã. Mas disse apenas:

— Não me considero um cara duro.

Simons comportou-se como se não tivesse ouvido.

— O seu caratê não adianta porra nenhuma contra uma pistola.

— Acho que não...

— Este grupo não precisa de negros escrotos ansiosos por uma briga.

Davis começou a compreender o objetivo da conversa.

Mantenha a calma, disse a si mesmo.

— Não me ofereci como voluntário porque estivesse com vontade de brigar, coronel. Eu...

— Então por que se ofereceu?

— Porque conheço Paul e Bill, assim como suas mulheres e filhos, estou querendo ajudar.

Simons acenou com a cabeça, dispensando-o.

— Eu o verei amanhã.

Davis se perguntou se isso significava que ele passara no teste.

Na tarde do dia seguinte, 3 de janeiro de 1979, todos se reuniram na casa de fim de semana de Perot, à beira do Lago Grapevine.

As duas ou três casas mais próximas pareciam vazias, como Merv Stauffer previra. A casa de Perot estava protegida por vasta extensão de bosque, um gramado se estendia até a beira d'água. Era um prédio de madeira, compacto, bem pequeno; a garagem para as lanchas de Perot era maior do que a casa.

A porta estava trancada e ninguém se lembrara de trazer as chaves. Schwebach arrombou uma janela para poderem entrar.

Havia uma sala, dois quartos, uma cozinha e um banheiro. A decoração era alegre, em azul e branco, com móveis baratos.

Os homens se acomodaram na sala, com seus mapas, blocos de desenho, canetas e cigarros. Coburn fez o seu relatório. Falara com Majid e mais duas ou três outras pessoas em Teerã. Fora difícil tentar arrancar informações detalhadas sobre a prisão, fingindo estar apenas um pouco curioso. Mas ele achava que conseguira.

A prisão era parte do complexo do Ministério da Justiça, que ocupava um quarteirão inteiro. A entrada ficava nos fundos do conjunto. Ao lado da entrada havia um pátio, separado da rua apenas por uma grade de ferro de quatro metros de altura. O pátio era o local de exercícios dos prisioneiros. Obviamente, era também um ponto fraco da prisão.

Simons concordou.

Tudo o que eles tinham de fazer, portanto, era esperar por um período de exercício, pular a cerca, agarrar Paul e Bill, levá-los para a rua e sair do Irã.

Passaram aos detalhes.

Como pulariam a cerca? Usariam escadas ou subiriam nas costas uns dos outros?

Resolveram que chegariam num furgão e usariam o teto como um degrau. Viajando num furgão, ao invés de um carro, teriam outra vantagem: ninguém poderia verificar quem estava lá dentro ao seguirem e — o que era ainda mais importante — voltarem da prisão.

Joe Poché foi designado para motorista, porque conhecia melhor as ruas de Teerã.

Como lidariam com os guardas da prisão? Não queriam matar ninguém. Não tinham qualquer conflito com o iraniano comum nem com os guardas. Não era por culpa deles que Paul e Bill haviam sido injustamente encarcerados. Além do mais, o clamor subsequente seria muito pior se houvesse mortes, tornando a fuga do Irã mais arriscada.

Mas os guardas da prisão não hesitariam em atirar neles.

A melhor defesa, disse Simons, era uma combinação de surpresa, Choque e rapidez.

Eles teriam a vantagem da surpresa. Por alguns segundos, os guardas da prisão ficariam sem entender o que estava acontecendo.

Depois, eles teriam de fazer alguma coisa para obrigar os guardas a se abrigarem. A melhor coisa seria tiros de espingarda. Uma espingarda produzia um clarão intenso e muito barulho, especialmente numa rua de cidade. O choque faria com que os guardas reagissem defensivamente, ao invés de atacarem a equipe de resgate. Isso lhes proporcionaria mais alguns segundos.

Com rapidez suficiente, esses segundos podiam ser o bastante.

Ou talvez não.

A sala encheu-se de fumaça de tabaco, enquanto o plano ia tomando forma. Simons fumava os seus charutos pequenos

incessantemente, escutando, fazendo perguntas, orientando a conversa. Era um exército dos mais democráticos, pensou Coburn. À

medida que se envolviam no plano, seus amigos esqueciam as mulheres e filhos, hipotecas, cortadores de grama, caminhonetes.

Esqueciam também como era absurda a própria idéia de arrancarem prisioneiros à força de uma prisão. Davis não estava mais fazendo palhaçadas, Sculley não mais parecia infantil, mas sim frio e calculista. Poché queria falar de tudo meticulosamente, como sempre.

Boulware estava cético, como sempre.

A tarde se transformou em noite. Resolveram que o furgão pararia na calçada, junto das grades de ferro. Explicaram a Simons que esse jeito de estacionar não surpreendia ninguém em Teerã.

Simons estaria sentado lá na frente, ao lado de Poché, com uma espingarda sob o casaco. Saltaria e ficaria na frente do furgão. A porta traseira do furgão seria aberta e Ralph Boulware sairia, também com uma espingarda escondida sob o casaco.

Até esse momento, ninguém pensaria que estava acontecendo alguma coisa fora do normal.

Com Simons e Boulware prontos para dar uma cobertura de fogo, Ron Davis sairia do furgão, subiria no teto, passaria para a cerca e pularia no pátio. Davis foi escolhido para essa função porque era o mais jovem e o de melhores condições físicas; o salto, de quatro metros, não seria fácil.

Coburn seguiria Davis por cima da cerca. Não estava em boa forma, mas seu rosto era mais familiar do que qualquer outro para Paul e Bill, que saberiam assim que estavam sendo salvos.

Em seguida, Boulware baixaria uma escada para o pátio.

A surpresa poderia ajudá-los até esse ponto, se fossem rápidos; daí por diante, no entanto, os guardas certamente reagiriam. Seria o momento em que Simons e Boulware disparariam as suas espingardas para o ar.

Os guardas da prisão tratariam de se abrigar, os prisioneiros iranianos saíam correndo de um lado para outro, numa confusão aterrorizada. Com isso, o grupo de resgate ganharia mais uns poucos segundos.

E se houvesse interferência de fora da prisão, indagou Simons, de policiais ou soldados na rua, de rebeldes amotinados ou simplesmente de transeuntes com espírito público?

Eles decidiram que haveria dois guardas de flanco, um em cada extremidade da rua. Chegariam num carro poucos segundos antes do furgão. Estariam armados de pistolas. A função deles seria simplesmente a de deter quem se aproximasse para interferir com a operação de resgate. Jim Schwebach e Pat Sculley foram designados para a missão. Coburn tinha certeza que Schwebach não hesitaria em atirar nas pessoas, se fosse necessário; e Sculley, que nunca atirara em ninguém em toda a sua vida, tornara-se tão surpreendentemente frio durante as discussões que Coburn calculava que ele seria igualmente implacável.

Glenn Jackson guiaria o carro: não haveria o problema de Glenn, o batista, ter de atirar em pessoas.

Enquanto isso, na confusão no pátio, Ron Davis proporcionaria uma cobertura mais próxima, lidando com quaisquer guardas próximos, durante o tempo que Coburn levaria para separar Paul e Bill do resto dos prisioneiros, levando-os para a escada. Eles pulariam do alto da cerca para o teto do furgão, depois para o chão. Entrariam no furgão. Coburn os seguiria e depois viria Davis.

— Estou ficando com o risco maior — disse Davis. — O

primeiro a entrar e o último a sair... o máximo de exposição.

— Não vamos começar com besteira agora — interveio Boulware.

— Vamos seguir em frente.

Simons embarcaria na frente do furgão, Boulware entraria pela traseira e fecharia a porta. Poché, ao volante, os levaria para longe dali a toda velocidade.

Jackson, no carro, pegaria os guardas de flanco, Schwebach e Sculley, indo atrás do furgão.

Durante a fuga, Boulware poderia atirar pela janela traseira do furgão, enquanto Simons cobriria o caminho à frente. Qualquer Perseguição mais séria ficaria aos cuidados de Sculley e Schwebach, no carro.

Largariam o furgão num ponto predeterminado e se dividiriam por Vários carros, seguindo para a base aérea em Doshen Toppeh, nos arredores da cidade. Um jato da Força Aérea dos Estados Unidos os levaria para fora do Irã. A função de Perot seria dar um jeito para que Isso fosse possível.

Ao final da noite, eles tinham a estrutura de um plano viável.

Antes de partirem, Simons advertiu que não deveriam falar sobre a operação de resgate — nem com suas mulheres nem uns com os outros fora da casa do lago. Deveriam pensar numa boa história de cobertura para explicar por que estariam deixando os Estados Unidos, o que deveria acontecer dentro de uma semana. E, olhando para os cinzeiros cheios e as barrigas estufadas, Simons acrescentou que cada homem deveria imaginar os seus próprios exercícios para recuperar a forma.

A operação de resgate não era mais uma idéia absurda na mente de Ross Perot: era algo real.

Jay Coburn foi o único que fez um esforço sério para enganar a mulher. Voltou ao Hilton e telefonou para Liz.

— Oi, meu bem.

— Oi, Jay. Onde você está?

— Estou em Paris...

Joe Poché também ligou para a mulher do Hilton.

— Onde você está? — perguntou ela.

— Estou em Dallas.

— E o que está fazendo?

— Trabalhando na EDS, é claro.

— Joe, a EDS em Dallas ligou para mim, querendo saber onde você está!

Poché compreendeu que alguém que ignorava o segredo da operação de resgate tentara localizá-lo.

— Não estou trabalhando como pessoal, mas sim diretamente com Ross. Alguém esqueceu de avisar a alguém, só isso.

— Em que você está trabalhando?

— Em algumas coisas que precisam ser feitas por Paul e Bill.

— Hã...

Quando Boulware voltou à casa dos amigos em que sua família estava hospedada, as filhas, Stacy Elaine e Kecia Nicole, já estavam dormindo. A mulher disse:

— Como foi seu dia?

Estive imaginando um plano para arrancar duas pessoas à força da prisão, pensou Boulware. Mas ele disse:

— Foi bem.

Ela fitou-o com uma expressão curiosa.

— Mas o que você fez?

— Não muito.

— Para alguém que não fez muita coisa, você esteve muito ocupado. Liguei duas ou três vezes... e me disseram que não conseguiam localizá-lo.

— É verdade. Ei, seria ótimo tomar uma cerveja agora.

Mary Boulware era uma mulher franca e exuberante, para quem a fraude era algo estranho. Era também inteligente. Mas sabia que Ralph tinha algumas idéias firmes sobre os papéis de marido e mulher.

Podiam ser idéias antiquadas, mas funcionavam naquele casamento.

Se havia uma área de sua vida profissional sobre a qual Ralph preferia não falar, ela não iria insistir.

— Salta uma cerveja...

Jim Schwebach não tentou enganar a mulher Rachel. Ela já adivinhara tudo. Quando Schwebach recebera o primeiro telefonema de Pat Sculley, Rachel perguntara:

— Quem era?

— Era Pat Sculley, de Dallas. Querem que eu vá até lá para trabalhar num projeto na Europa.

Rachel conhecia Jim há quase 20 anos — haviam começado a namorar quando ele tinha 16 anos e ela 18 anos — e podia ler os pensamentos dele. E foi por isso que dissera:

— Eles querem voltar até Teerã para arrancar aqueles caras da prisão.

Schwebach murmurou:

— Você não entende, Rachel. Estou fora dessas coisas. Não faço mais isso.

— Mas é o que vai fazer...

Pat Sculley não era capaz de mentir com sucesso para os colegas e com a mulher nem tentava. Ele contou tudo a Mary.

Ross Perot contou tudo a Margot.

E mesmo Simons, que não tinha mulher para atormentá-lo, rompeu as regras de segurança ao contar a seu irmão Stanley, que vivia em Nova Jersey...

Foi igualmente impossível ocultar a operação de resgate de outros altos executivos da EDS. O primeiro a calcular tudo foi Keane Taylor, o ex-fuzileiro alto, irritado e bem vestido, a quem Perot falara em Frankfurt e mandara de volta a Teerã.

Desde aquele dia do Ano Novo, quando Perot dissera “Estou mandando-o de volta para fazer uma coisa muito importante”, Taylor não tinha a menor dúvida de que uma operação secreta estava sendo planejada; e não precisou de muito tempo para imaginar quem estava cuidando de tudo.

Um dia, telefonando de Teerã para Dallas, ele pedira para falar com Ralph Boulware.

— Boulware não está aqui.

— E quando ele voltará?

— Não sabemos.

Taylor, que nunca fora capaz de aturar os tolos calmamente, alteara a voz:

— E onde ele está?

— Não sabemos.

— Como assim?

— Ele está de férias.

Taylor conhecia Boulware há anos. Fora Taylor quem dera a Boulware a sua primeira oportunidade na administração. Eram companheiros de copo. Muitas vezes, bebendo com Ralph de madrugada, Taylor olhara ao redor e descobrira que o seu era o único rosto branco num bar só de pretos. Nas noites assim, eles voltavam cambaleando para a casa que estivesse mais próxima. A esposa infeliz que os recebesse ligaria para a outra e informaria:

— Tudo bem. Eles estão aqui.

Isso mesmo, Taylor conhecia Boulware; e achava difícil acreditar que Ralph pudesse sair de férias, enquanto Paul e Bill ainda estavam na prisão.

No dia seguinte, ele pediu para falar com Pat Sculley e o resultado foi o mesmo. Boulware e Sculley de férias, enquanto Paul e Bill estavam na prisão? Era um absurdo.

Ele pediu para falar com Coburn no dia seguinte. A mesma história.

Estava começando a fazer sentido. Coburn estava com Perot, quando este mandara que Taylor voltasse a Teerã. Coburn, diretor de pessoal, planejador da evacuação, seria a escolha certa para organizar uma operação secreta.

Taylor e Rich Gallagher, o outro homem da EDS ainda em Teerã, começaram a fazer uma lista.

Boulware, Sculley, Coburn, Ron Davis, Jim Schwebach e Joe Poché estavam todos de "férias".

Esse grupo tinha algumas coisas em comum.

Ao chegar a Teerã, Paul Chiapparone descobrira que a operação da EDS não estava organizada a seu gosto: era muito descuidada, muito informal, muito persa. O contrato com o ministério não estava sendo executado no prazo. Paul trouxera alguns homens da EDS duros e dinâmicos, que tinham o hábito de enfrentar e resolver os problemas mais difíceis. Eles conseguiram acertar tudo. O próprio Taylor fora um deles. E o mesmo acontecera com Bill Gaylord. E Coburn, Sculley e Boulware, todos os caras que estavam agora de "férias".

A outra coisa que tinham em comum era o fato de serem todos membros da Escola Dominical Católica Romana EDS de Almoço e Pôquer de Teerã. Como Paul e Bill, como o próprio Taylor, eram católicos, com exceção de Joe Poché (e de Glenn Jackson, o único membro do grupo de resgate que Taylor não conseguiu identificar).

Todos os domingos, eles iam à Missão Católica em Teerã. Depois da missão, iam todos almoçar na casa de um deles. E enquanto as mulheres cozinhavam e as crianças brincavam, os homens se distraíam com um jogo de pôquer.

Não havia nada como o pôquer para revelar o verdadeiro caráter de um homem.

Se, como Taylor e Gallagher agora desconfiavam, Perot pedira a Coburn para reunir uma equipe de absoluta confiança, então Coburn certamente escolheria os homens da escola de pôquer.

— Férias uma ova! — disse Taylor a Gallagher. — É uma equipe resgate.

A equipe de resgate voltou à casa no lago na manhã de 4 de janeiro e repassou todo o plano.

Simons tinha uma paciência interminável para os &talhes e estava determinado a se preparar para qualquer eventualidade que alguém pudesse imaginar. Recebeu uma ajuda considerável de Joe Poché, cujas perguntas incessantes — por mais chatas que pudessem parecer, pelo menos para Coburn — eram na verdade altamente criativas, levando a diversas melhorias no plano.

Primeiro, Simons estava insatisfeito com o esquema para proteger os flancos do grupo de resgate. A idéia de Schwebach e Sculley, baixos, mas implacáveis, simplesmente atirando em qualquer um que tentasse interferir era por demais grosseira. Seria melhor ter alguma espécie de diversão, a fim de atrair guardas ou soldados que pudessem estar nas proximidades. Schwebach sugeriu atear fogo a um carro na rua, perto da prisão. Simons não tinha certeza se isso seria suficiente; preferia explodir um prédio inteiro. De qualquer forma, Schwebach foi incumbido de projetar uma bomba-relógio.

Pensaram numa pequena precaução que eliminaria um ou dois segundos do tempo que ficariam expostos. Simons deixaria o furgão a alguma distância da prisão e se aproximaria a pé da cerca. Se estivesse tudo bem, ele faria um sinal com a mão.

Outro ponto fraco do plano era a saída do furgão e a subida para o seu teto. Os movimentos necessários consumiriam segundos

preciosos. E Paul e Bill, depois de semanas na prisão, estariam em condições de subir por uma escada e pular do teto de um furgão?

Foram aventadas as soluções mais diversas: uma escada extra, um colchão na rua, alças no teto. Ao final, eles encontraram uma solução simples: abririam um buraco no teto do furgão, por onde entrariam e sairiam. Outro pequeno refinamento, para os que teriam de pular de volta pelo buraco, foi um colchão no chão do furgão, a fim de atenuar o impacto.

O percurso de fuga lhes proporcionaria tempo para alterar suas aparências. Em Teerã, planejavam usar jeans e blusões informais; estavam todos começando a deixar crescer o bigode e a barba, a fim de chamarem menos atenção. Mas no furgão levariam barbeadores elétricos e ternos; antes de passarem para os carros, fariam a barba e trocariam de roupa.

Ralph Boulware, independente como sempre, não queria usar jeans e um blusão. De terno, camisa branca e gravata, sentia-se mais à vontade e capaz de se impor, especialmente em Teerã, onde as boas roupas ocidentais rotulavam um homem como membro da classe dominante na sociedade. Simons calmamente concordou. O mais importante, disse ele, era todos se sentirem à vontade e confiantes durante a operação.

Na base aérea de Doshen Toppeh, de onde planejavam partir num avião da força aérea americana, havia aviões e pessoal tanto americanos como iranianos. Os americanos, é claro, estariam à espera deles. Mas o que fariam se sentinelas iranianas resolvessem barrá-los no portão da base? Decidiram que todos levariam identificações militares falsificadas. Algumas esposas de executivos da EDS haviam trabalhado para os militares em Teerã e ainda tinham os cartões de identificação. Merv Stauffer arrumaria um e o usaria como modelo para as falsificações.

Coburn observou que Simons se mostrava contido durante as discussões, fumando um charuto atrás de outro, de tal forma que Boulware chegara a comentar para ele:

— Não se preocupe em levar um tiro. Você vai morrer de câncer.

Ele praticamente se limitava a fazer perguntas. Os planos eram feitos coletivamente, cada um dando a sua contribuição, chegando-se às decisões por consenso geral. Apesar disso, Coburn descobriu-se a sentir um respeito por Simons cada vez maior. O homem era inteligente, meticoloso e imaginativo. E também tinha um senso de humor.

Coburn percebeu que os outros estavam também começando a compreender Simons. Se alguém fazia uma pergunta estúpida, Simons dava uma resposta brusca. Em consequência, todos hesitavam antes de fazer uma pergunta, procurando imaginar qual seria a reação dele.

Assim, ele os obrigava a pensar como ele.

Em determinado momento, no segundo dia na casa do lago, eles sentiram toda a força da irritação dele. Como já se podia prever, foi jovem Ron Davis quem o enfureceu.

Era um grupo jovial e Davis era o mais divertido. Coburn aprovava a atitude: o riso ajudava a atenuar a tensão numa operação como aquela. Ele desconfiava que Simons pensava da mesma forma.

Mas houve uma vez em que Davis foi longe demais.

Simons tinha um maço dos seus charutos pequenos no chão, ao lado de sua cadeira. Havia mais cinco maços na cozinha. Davis, começando a gostar de Simons e caracteristicamente não se importando em demonstrá-lo, comentou, com genuína preocupação:

— Está fumando demais, coronel. Isso é ruim para a sua saúde.

Como resposta, ele obteve o olhar de Simons. Mas ignorou a advertência. Poucos minutos depois, ele foi à cozinha e escondeu os cinco maços na lavadora de louça.

Quando terminou o primeiro maço, Simons foi procurar pelos outros e não encontrou. Não podia operar sem tabaco. Já pensava em pegar um carro para comprar mais quando Davis abriu a lavadora de louça e informou:

— Pus seus charutos aqui.

— Pode ficar com eles — resmungou Simons, saindo para comprar mais.

Ao voltar com outros cinco maços, ele disse a Davis:

— Estes são meus. Não ponha suas mãos nele.

Davis sentiu-se como uma criança que fora posta de castigo no canto. Foi a primeira e última brincadeira que ele fez com o Coronel Simons.

Enquanto a discussão prosseguia, Jim Schwebach estava sentado no chão, tentando fazer uma bomba. Seria perigoso tentar fazer passar uma bomba, ou mesmo os seus componentes separados, pela alfândega iraniana.

— É um risco que não podemos correr — declarou Simons.

Assim, Schwebach tinha de projetar um artefato que pudesse ser fabricado com componentes facilmente encontrados em Teerã. A idéia de explodir um prédio foi abandonada. Era um plano ambicioso demais e provavelmente mataria pessoas inocentes. Teriam de se contentar com um carro em chamas como diversão. Schwebach sabia como fazer "napalm instantâneo" com gasolina, sabão em pó e um pouco de óleo. O marcador do tempo e o detonador eram os seus problemas. Nos Estados Unidos, ele usaria um marcador de

tempo elétrico, ligado a um motor de foguete de brinquedo. Em Teerã, no entanto, teria de se contentar com mecanismos mais primitivos.

Schwebach estava gostando do desafio. Sentia prazer em lidar com coisas mecânicas: seu hobby era um horrendo oldsmobile cutlass 73, todo despojado, que disparava como uma bala saindo de um revólver.

A princípio, ele experimentou o mecanismo de um relógio-despertador antiquado, com um martelo que batia num sino. Adaptou um fósforo no martelo e substituiu o sino por uma lixa, a fim de acender o fósforo. O fósforo, por sua vez, acenderia um pavio mecânico.

O sistema era precário e provocou a maior hilaridade entre o resto do grupo, que zombava e ria muito cada vez que o fósforo deixava de acender.

Ao final, Schwebach optou pelo mais antigo de todos os meios de se medir o tempo: uma vela.

Queimou uma vela como teste, a fim de verificar quanto tempo levava para consumir uma polegada. Depois, cortou outra vez, no tamanho certo para 15 minutos.

Raspou em seguida as cabeças de diversos fósforos antiquados.

Moeu esse material inflamável, transformando-o em pó. Comprimiu tudo num pedaço de papel de alumínio. Ajeitou o papel aluminizado na base da vela. Quando a vela ardeu até o fim, esquentou o papel aluminizado e as cabeças de fósforo socadas explodiram. O papel aluminizado era mais fino no fundo e assim a explosão se projetaria para baixo.

A vela, com aquele estopim primitivo mas de confiança na base, foi colocada no gargalo de um recipiente de plástico, do tamanho de

um desses frascos de bolso, cheio de gasolina gelatinosa.

— Acende-se a vela e se afasta — disse Schwebach aos outros, assim que o projeto ficou pronto. — E quinze minutos depois se tem um bom incêndio.

E quaisquer policiais, soldados, revolucionários ou transeuntes

— talvez até alguns guardas da prisão — teriam sua atenção atraída para um automóvel em chamas, a 300 metros de distância pela rua, enquanto Ron Davis e Jay Coburn pulavam por cima da cerca e penetravam no pátio.

Eles saíram do Hilton naquele dia. Coburn dormiu na casa do lago e os outros se hospedaram no Airport Marina, que ficava mais perto do Lago Grapevine. A exceção foi Ralph Boulware, que insistiu em ficar com a família em casa.

Passaram os quatro dias seguintes treinando, comprando equipamentos, praticando tiro, ensaiando a operação e refinando o plano ainda mais.

As espingardas seriam compradas em Teerã, mas o único tipo de munição permitido pelo Xá era chumbo fino de caça. Mas Simons era perito em conversão de munição e assim eles resolveram levar de contrabando para o Irã o que precisariam.

O problema de colocar chumbo grosso em cartuchos de chumbo fino era o de se ter relativamente pouco chumbo nos cartuchos menores. A munição teria grande penetração, mas pouca amplitude.

Resolveram usar o cartucho nº 2, que se espalharia o bastante para derrubar mais de um homem de cada vez, mas que tinha penetração suficiente para espatifar o pára-brisa de um carro em perseguição.

Para o caso da situação se tornar inesperadamente difícil, cada homem da equipe levaria também uma Walther PPK numa

cartucheira. Merv Stauffer mandou que Bob Snyder, chefe de segurança da EDS e que sabia que era melhor não fazer perguntas, comprasse as PPK numa loja de Dallas. Schwebach ficou encarregado de encontrar um meio de contrabandeá-las para o Irã.

Stauffer fez um levantamento dos aeroportos americanos que não efetuavam uma verificação fluoroscópica da bagagem que saía.

Um deles era o Kennedy.

Schwebach comprou duas malas Vuitton, mais profundas que as malas comuns, com cantos reforçados e lados duros. Com Coburn, Davis e Jackson, ele foi para a oficina da casa de Perot em Dallas e experimentou diversas maneiras de instalar fundos falsos nas malas.

Schwebach estava perfeitamente confiante na possibilidade de contra bandear armas pela alfândega iraniana, numa mala de fundo falso.

— Quando se sabe como o pessoal da alfândega opera, ninguém se preocupa — comentou ele.

Mas os outros não partilhavam a sua confiança. Caso ele fosse detido e as armas encontradas, havia um plano de recuo. Schwebach alegaria que aquela não era a sua mala. Voltaria à área de entrega de bagagem e lá haveria outra mala Vuitton exatamente igual à primeira, mas sem armas, apenas com pertences pessoais.

Depois de chegar a Teerã, o grupo teria de se comunicar com Dallas pelo telefone. Coburn estava convencido de que os iranianos grampeavam os telefones e por isso elaboraram um código simples.

GR significava A, GE era B, GT era C e assim por diante, com GZ

sendo I, depois HA sendo J, HB sendo K, até HR, que era Z. Os algarismos de um a nove eram IA a II; zero era IJ. Usariam o alfabeto militar, em que A é chamado de Alfa, B é Bravo, C é Charlie

e assim por diante. Para aumentar a rapidez, apenas as palavras-chaves seriam codificadas. A frase “Ele está com a EDS” se tornaria assim “Ele está com a Golfe Victor Golfe Uniforme Hotel Kilo”.

Foram feitas apenas três cópias da chave do código. Simons entregou uma a Merv Stauffer, que seria o contato do grupo em Dallas. Entregou as outras duas a Jay Coburn e Pat Sculley, que estavam se destacando como seus lugares-tenentes, embora nada se tivesse falado expressamente.

O código impediria um vazamento acidental em decorrência de uma ligação grampeada ao acaso. Mas, como os homens especialistas em computadores sabiam melhor do que ninguém, um código de letras tão simples poderia ser decifrado por um perito em poucos minutos.

Como uma precaução adicional, portanto, determinadas palavras comuns tinham um código especial: Paul era AG, Bill era AH, a embaixada americana era GC e Teerã era AU. Perot era sempre referido como O Presidente, as armas eram as fitas, a prisão era o Centro de Dados, Kuwait era Cidade do Petróleo, Istambul era Balneário e o ataque à prisão era o Plano A. Todos tinham de memorizar esses códigos especiais. Se alguém fosse interrogado a respeito do código deveria dizer que era usado para abreviar mensagens de teletipo.

O nome em código para todo o plano era Operação Hotfoot.

Tratava-se de um acrônimo imaginado por Ron Davis: *Help Our Two Friends out of Tehran* (Ajudem Nossos Dois Amigos a Saírem de Teerã). Simons ficou deliciado, comentando:

— Hotfoot é um nome que já foi usado para designar muitas operações, mas é a primeira vez que se torna realmente apropriado.

Eles ensaiaram o ataque à prisão pelo menos uma centena de vezes.

No terreno da casa no lago, Schwebach e Davis pregaram uma tábua entre duas árvores, a uma altura de quatro metros, representando a cerca do pátio. Merv Stauffer providenciou-lhes um furgão emprestado da segurança da EDS.

Simons encaminhou-se até a "cerca" por vezes incontáveis, fazendo o sinal com a mão. Poché aproximava-se com o furgão e parava ao lado da cerca. Boulware saltava pela traseira. Davis subia para o teto e pulava por cima da cerca. Coburn o seguia. Boulware subia no teto e baixava a escada para o "pátio". "Paul" e "Bill", representados por Schwebach e Sculley, que não precisavam ensaiar seus papéis como guardas dos flancos, subiam a escada e passavam por cima da cerca, seguidos por Coburn e depois Davis. Todos entravam no furgão e Poché partia em alta velocidade.

Trocavam às vezes os papéis, a fim de que cada homem aprendesse a desempenhar as funções de todos os outros. Assim, se algum tivesse de se afastar da operação, por ferimento ou qualquer outro motivo, saberiam automaticamente quem ocuparia o seu lugar.

Schwebach e Sculley, representando Paul e Bill, às vezes fingiam estar doentes, tendo de ser carregados pela escada e por cima da cerca.

A vantagem do bom estado físico ficou evidente durante os ensaios. Davis podia voltar pela cerca em um segundo e meio, tocando duas vezes na escada: ninguém mais conseguia fazê-lo tão depressa.

Houve uma vez que Davis passou por cima da cerca depressa demais e caiu meio desajeitado no chão congelado, machucando o ombro. Não foi uma lesão grave, mas deu uma idéia a Simons. Davis viajaria para Teerã com o braço numa tipóia, carregando uma bolsa com feijão para exercício. O peso do feijão seria o mesmo dos cartuchos nº 2.

Simons calculou o tempo da operação, desde o momento em que o furgão parasse junto da cerca e até o instante em que arrancasse

com todos lá dentro. Ao final, segundo seu cronômetro, poderiam fazer tudo em 30 segundos.

Praticaram com as Walther PPK no Stand Público de Tiro Garland. Disseram ao encarregado do local que eram agentes de segurança de todo o país fazendo um curso em Dallas e tinham de praticar tiro ao alvo antes de voltarem para suas casas. Ele não acreditou, especialmente depois que T. J. Marquez apareceu, como um chefe mafioso do cinema, de sobretudo e chapéu preto, tirando as 10

Walther PPK e cinco mil balas da mala de seu Lincoln preto.

Depois de um pouco de prática, todos podiam atirar relativamente bem, com exceção de Davis. Simons sugeriu que ele tentasse atirar deitado, já que seria essa a posição em que estaria no pátio; ele descobriu que assim era capaz de atirar muito melhor.

Fazia um frio intenso lá fora e todos se aconchegavam num pequeno galpão, enquanto não estavam atirando. A exceção era Simons, que passava o dia inteiro lá fora, como se fosse de pedra.

Mas ele não era de pedra. Ao entrar no carro de Stauffer, ao final do dia, ele comentou:

— Puxa, como está frio!

Ele começara a espicaçá-los por estarem muito moles. Viviam falando sobre o restaurante em que comeriam e o que pediriam.

Quando ele sentia fome, simplesmente abria uma lata de conservas.

Ria quando alguém ficava tomando um drinque devagar; quando ele estava com sede, enchia um copo com água e tomava de um gole só, dizendo:

— Não me servi para ficar olhando.

Mostrou-lhes uma vez como podia atirar: cada bala no centro do alvo. Houve uma ocasião em que Coburn o viu sem camisa: seu físico já seria impressionante num homem 20 anos mais moço.

Era o desempenho típico de um homem querendo mostrar que era duro. O estranho era que ninguém ria. Com Simons não era uma encenação, mas a coisa autêntica.

Uma noite, na casa do lago, ele mostrou-lhes a melhor maneira de matar um homem depressa e silenciosamente.

Ele pedira — e Merv Stauffer comprara — facas Gerber para todos, armas curtas, com lâmina estreita, de dois fios.

— É um tanto pequena — comentou Davis, olhando para a sua faca.
— É suficientemente comprida?

— Claro que é, a menos que você queira afiá-la quando sair do outro lado — respondeu Simons.

Ele indicou o ponto exato, nas costas de Glenn Jackson, em que estava localizado o rim.

— Um golpe bem aqui é letal.

— Mas a vítima não gritaria? — indagou Davis.

— Dói tanto que não será capaz de fazer qualquer ruído.

Merv Stauffer entrara enquanto Simons fazia a demonstração.

Agora estava parado na porta, boquiaberto, com um saco de papel da McDonald's em cada braço. Simons viu-o e disse:

— Olhem para ele... não pode emitir qualquer ruído e ainda nem foi atacado.

Merv riu e começou a distribuir a comida.

— Sabem o que a garota da McDonald's me disse, na lanchonete completamente vazia, quando pedi trinta hambúrgueres e trinta porções de batata frita?

— O que foi?

— O que elas sempre dizem: "Vai comer aqui ou é para viagem?"

Simons estava adorando trabalhar para a iniciativa privada.

Um dos seus maiores problemas no exército sempre fora o de suprimentos. Mesmo ao planejar a expedição a Son Tay, uma operação em que o próprio presidente americano estava pessoalmente interessado, parecia que precisava preencher seis formulários de requisição e obter a aprovação de uma dúzia de generais sempre que precisava de um lápis novo. E depois que todas as exigências burocráticas foram cumpridas, ele descobriu que os itens não estavam no estoque, haveria uma espera de quatro meses para a entrega ou, o pior de tudo, não funcionavam quando finalmente chegaram. Vinte e dois por cento dos detonadores que encomendara haviam falhado.

Tentara obter visores noturnos para os seus homens. Descobriu que o exército passara 17 anos tentando desenvolver um visor noturno, mas por volta de 1970 só conseguira construir seis protótipos artesanais.

Soubera então que um visor noturno perfeito, de fabricação britânica, era vendido pela Armalite Corporation, por 49 dólares e meio. Fora esse visor que seus homens usaram na expedição a Son Tay.

Não havia formulários para preencher na EDS e não havia necessidade de obter permissões, pelo menos no caso de Simons. Ele dizia a Merv Stauffer o que precisava e Stauffer prontamente providenciava, quase sempre no mesmo dia. Ele pediu e recebeu 10

Walther PPK e 10.000 balas; uma seleção de coldres, tanto para o lado direito como para o esquerdo, em estilos diferentes, a fim de que os homens pudessem escolher os que eram mais convenientes a cada um; munição de espingarda em calibre 12, 16 e 20; e roupas de inverno para todos, incluindo casacos, luvas, camisas, meias e gorros de lã.

Pedi um dia 100.000 dólares em dinheiro: duas horas depois, T. J.

Marquez chegou à casa no lago com o dinheiro num envelope.

Era diferente do exército sob muitos outros aspectos. Seus homens não eram soldados que pudessem ser intimidados à submissão, mas alguns dos mais brilhantes executivos dos Estados Unidos.

Compreendera desde o início que não podia assumir o comando. Tinha de conquistar a lealdade deles.

Aqueles homens obedeceriam a uma ordem se concordassem com ela. Se não concordassem, certamente discutiriam. O que era ótimo numa sala de reunião, mas inútil no campo de batalha.

Eram também extremamente sensíveis. Na primeira vez que se aventou a possibilidade de incendiar um carro como manobra diversionária, alguém objetou, alegando que transeuntes inocentes que passas sem por ali no momento poderiam ser feridos. Simons os censurara por sua moral de escoteiros e chamara-os de "Jack Armstrongs", o personagem do rádio, bom-demais-para-ser-verdade, que circulava por toda parte, a resolver crimes e ajudar velhinhas a atravessar a rua.

Também tinham uma tendência a esquecer a gravidade do que estavam fazendo. Havia muitas piadas e algumas brincadeiras, especial mente do jovem Ron Davis. Um pouco de humor era útil num grupo que estava prestes a realizar uma missão perigosa, mas às vezes Simons tinha de pôr um paradeiro às brincadeiras e trazê-los de volta à realidade com um comentário brusco.

Ele ofereceu-lhes todas as oportunidades de recuarem, no momento em que quisessem. Tornou a se encontrar em particular com Ron Davis e disse:

— Você será o primeiro a passar por cima da cerca. Não tem restrições a isso?

— Claro que tenho.

— É bom que tenha mesmo, caso contrário eu não o levaria. E

se Paul e Bill não saírem imediatamente? E se pensarem que serão fuzilados se por acaso se aproximarem da cerca? Você ficará retido no pátio e os guardas o verão. Estará metido na maior encrenca.

— Sei disso.

— Eu estou com sessenta anos, já vivi minha vida. Não tenho nada a perder. Mas você ainda é jovem... e Marva está grávida, não é mesmo?

— É, sim.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho.

Ele pressionou a todos. Não havia sentido em dizer-lhes expressamente que seu julgamento militar era melhor que o deles: eles próprios tinham de chegar a essa conclusão. Da mesma forma, sua encenação de homem duro visava a mostrar-lhes que, dali por diante, coisas como se manter aquecido, comer, beber e se preocupar com espectadores inocentes não ocupariam muito o tempo ou atenção deles. A prática de tiro ao alvo e a lição de manejo de faca também tinham um propósito Oculto: a última coisa que Simons queria era matar alguém naquela operação, mas

aprender a matar lembrava aos homens que a operação de resgate podia ser de vida ou morte.

O elemento principal de sua campanha psicológica foi a prática interminável da invasão da prisão. Simons tinha certeza absoluta de que descobririam que a prisão não era exatamente como Coburn a descrevera e que o plano teria de ser modificado. Um ataque nunca transcorria precisamente de acordo com o planejamento — como ele sabia melhor do que ninguém.

Os ensaios para a expedição a Son Tay haviam-se prolongado por semanas. Fora construída uma réplica completa do campo de prisioneiros, na base aérea de Eglin, na Flórida. Tinha de ser desmontada antes do amanhecer e remontada à noite, porque o satélite russo de reconhecimento Cosmos 355 passava duas vezes sobre a Flórida a cada 24 horas. Mas fora uma coisa extraordinária: cada árvore e vala do campo de prisioneiros do Sou Tay foram reproduzidos. E depois de todos aqueles ensaios, quando partiram para a cena real, um dos helicópteros, aquele em que Simons estava, pousara no lugar errado.

Simons jamais esqueceria o momento em que percebera o erro.

Seu helicóptero estava decolando novamente, depois que os homens desembarcaram. Um aturdido guarda vietnamita emergira de uma trincheira e Simons o alvejara no peito. O tiroteio começara, um foguete de iluminação fora disparado. Simons percebera nesse instante que os prédios ao redor não eram do campo de Son Tay.

— Traga esse maldito helicóptero de volta! — gritara ele para o operador de rádio.

Mandara que um sargento ligasse uma luz estroboscópica, a fim de assinalar a zona de pouso. Sabia onde estavam: a 400 metros de Son Tay, num conjunto indicado pelos mapas do serviço de informações como uma escola. Só que não era nenhuma escola. Havia soldados inimigos por toda parte. Eram alojamentos e Simons

compreendera que o erro do piloto do helicóptero fora afortunado, pois ele podia agora desfechar um ataque preventivo e exterminar uma concentração de tropas inimigas, que de outra forma poria em risco toda a operação.

Fora a noite em que ele se postara diante de um alojamento e matara 80 homens que saíam de cueca.

Era verdade, uma operação nunca transcorria exatamente de acordo com o plano. Mas, de qualquer forma, adquirir eficiência na execução de um roteiro era apenas a metade do propósito dos ensaios.

A outra metade — e, no caso dos homens da EDS, a metade que realmente importava — era se aprender a trabalhar junto, como uma equipe. Claro que eles eram sensacionais como uma equipe intelectual; bastava lhes dar um escritório, uma secretária e um telefone para que, juntos, computassem o mundo. Mas trabalhar juntos com as mãos e os corpos era diferente. Quando começaram, a 3 de janeiro, tinham dificuldades em lançar um barco a remo como uma equipe. Cinco dias depois, no entanto, eram como uma máquina.

E isso era tudo o que se podia fazer ali no Texas.

Agora, precisavam dar uma olhada na prisão da vida real.

Estava na hora de partirem para Teerã.

Simons comunicou a Stauffer que queria se encontrar outra vez com Perot.

3

Enquanto a equipe de resgate estava em treinamento, o Presidente Carter teve a sua última oportunidade de evitar uma revolução sangrenta no Irã.

E desperdiçou-a.

Foi assim que aconteceu...

O Embaixador William Sullivan foi se deitar satisfeito, na noite de 4 de janeiro, em seus aposentos particulares, na residência grande e fresca do conjunto da embaixada, na esquina das avenidas Roosevelt e Tajt-e-Jamshid, em Teerã.

O superior de Sullivan, Secretário de Estado Cyrus Vance, passara os meses de novembro e dezembro ocupado com as negociações de Camp David, mas agora estava de volta a Washington, concentrando-se no Irã... e esse interesse renovado já era evidente. A indefinição e vacilação haviam terminado. As mensagens de instruções para Sullivan tornaram-se objetivas e incisivas. Mais importante ainda, os Estados Unidos tinham finalmente uma estratégia para lidar com a crise: iam conversar com o Aiatolá Khomeini.

Era uma idéia do próprio Sullivan. Ele tinha agora certeza de que o Xá deixaria o Irã em breve e que Khomeini voltaria em triunfo.

Achava que sua obrigação era preservar o relacionamento dos Estados Unidos com o Irã, através da mudança de governo. Assim, depois que tudo terminasse, o Irã ainda seria um baluarte da influência americana no Oriente Médio. A maneira de conseguir isso era ajudar as forças armadas iranianas a permanecerem intactas e manter a ajuda militar americana a qualquer novo regime que se instalasse.

Sullivan ligara para Vance pelo telefone de segurança e lhe dissera exatamente isso. Os Estados Unidos deveriam enviar um emissário a Paris para conversar com o Aiatolá Khomeini, insistira Sullivan.

Khomeini deveria ser informado que a principal preocupação dos Estados Unidos era preservar a integridade territorial do Irã e evitar a Influência soviética; que os americanos não desejavam que houvesse no Irã um combate encarniçado entre o exército e os revolucionários islâmicos; e que, depois que o aiatolá estivesse no poder, o governo americano continuaria a prestar a mesma assistência militar e vendas de armamentos que concedera ao Xá.

Era um plano ousado. Haveria quem acusasse os Estados Unidos de abandonar um amigo. Mas Sullivan estava convencido de que chegara o momento dos americanos romperem seus vínculos com o Xá e olharem para o futuro.

Para sua intensa satisfação, Vance concordara.

E o mesmo acontecera com o Xá. Cansado, apático e não mais disposto a derramar sangue a fim de permanecer no poder, o Xá nem mesmo fizera uma demonstração de relutância.

Como seu emissário nas conversações com o Aiatolá Khomeini, Vance designara Theodore H. Eliot, um veterano diplomata que servira como conselheiro econômico em Teerã e falava farsi fluentemente; Sullivan estava bastante satisfeito com a escolha.

Ted Eliot deveria chegar a Paris dentro de dois dias, a 6 de janeiro.

Num dos quartos de hóspedes na residência da embaixada, o General Robert "Dutch" Huyser, da força aérea americana, também estava se deitando. Sullivan não estava tão entusiasmado com a Missão Huyser quanto se sentia com a Missão Eliot. Dutch Huyser, o subcomandante (sob Haig) das forças americanas na Europa, chegara no dia anterior para convencer os generais iranianos a apoiar o novo governo de Bakhtiar. Sullivan conhecia Huyser. Era um

Ótimo soldado, mas não um diplomata. Não falava farsi e não conhecia o Irã.

Mas mesmo que fosse idealmente qualificado, sua missão estaria fadada ao fracasso. O governo de Bakhtiar não conseguira conquistar o apoio sequer dos moderados. O próprio Shahpour Bakhtiar fora expulso do partido centrista da Frente Nacional pelo simples fato de ter aceito o convite do Xá para formar um novo governo. Enquanto isso, o exército, que Huyser tentaria inutilmente atrair para o apoio a Bakhtiar, estava enfraquecendo mais e mais a cada dia, com soldados desertando aos milhares e aderindo às multidões revolucionárias nas ruas. O melhor que Huyser podia esperar era manter o exército unido por mais algum tempo, enquanto Eliot em Paris acertava o retorno pacífico do aiatolá.

Se tudo desse certo, seria uma grande vitória para Sullivan, algo de que qualquer diplomata poderia se orgulhar, pelo resto de sua vida.

O plano que elaborara fortaleceria seu país e salvaria vidas incontáveis.

Ao dormir, ele só tinha uma preocupação a atormentá-lo, no fundo da mente. A Missão Eliot, para a qual tinha tantas esperanças, era um esquema do Departamento de Estado, identificada em Washington com o Secretário de Estado Vance. A Missão Huyser era uma idéia de Zbigniew Brzezinski, o assessor de Segurança Nacional.

A hostilidade entre Vance e Brzezinski era notória. E naquele momento, depois da conferência de cúpula em Guadalupe, Brzezinski estava pescando em alto-mar no Caribe com o Presidente Carter.

Enquanto navegavam pelo mar azul, o que Brzezinski estaria sussurrando ao ouvido de Carter?

O telefone despertou Sullivan de madrugada.

Era o seu oficial de plantão, ligando do centro de comunicações da embaixada, a poucos metros de distância. Uma mensagem urgente acabara de chegar de Washington. O embaixador talvez quisesse tomar conhecimento imediatamente.

Sullivan levantou-se e atravessou o jardim para o prédio oficial da embaixada, dominado por um estranho presságio.

A mensagem dizia que a Missão Eliot fora cancelada.

A decisão fora tomada pelo Presidente Carter. Sullivan não precisava fazer comentários sobre a decisão. Devia comunicar ao Xá que o governo dos Estados Unidos não mais tencionava manter conversações com o Aiatolá Khomeini.

Sullivan ficou consternado.

Aquilo representava o fim da influência americana no Irã. E

significava também que Sullivan perdera pessoalmente a sua última oportunidade de distinguir-se como embaixador por evitar uma guerra civil sangrenta.

Ele enviou uma mensagem furiosa para Vance, dizendo que o Presidente Carter estava cometendo um erro crasso e deveria reconsiderar.

Voltou para a cama, mas não conseguiu dormir.

Outra mensagem, pela manhã, informou-o que a decisão do Presidente Carter seria mantida.

Desolado, Sullivan subiu a colina para o palácio, a fim de comunicar ao Xá.

O Xá parecia esgotado e tenso naquela manhã. Sentou-se com Sullivan e tomaram o chá inevitável. Depois, Sullivan comunicou que

o Presidente Carter cancelara a Missão Eliot. O Xá ficou transtornado.

— Mas por que eles cancelaram?

— Não sei.

— Mas como eles esperam influenciar essas pessoas se nem mesmo querem falar com elas?

— Não sei.

— O que Washington tenciona fazer agora? — indagou o Xá, erguendo as mãos, num gesto de desespero.

— Não sei.

— Ross, isso é uma idiotice — disse Tom Luce, alteando a voz.

— Vai destruir a companhia e vai destruir a si mesmo.

Perot fitou seu advogado nos olhos. Estavam sentados na sala de Perot, com a porta trancada.

Luce não era o primeiro a dizer aquilo. Durante a semana, enquanto as notícias se espalhavam pelo sétimo andar, diversos altos executivos de Perot haviam-lhe declarado que uma operação de resgate era uma idéia temerária e perigosa e que ele deveria abandoná-

la.

— Pare de se preocupar — dissera Perot a cada um. —

Concentre-se apenas no que você tem de fazer.

Tom Luce mostrou-se caracteristicamente veemente. Com uma expressão agressiva e uma atitude de tribunal, apresentou seus

argumentos como se um júri estivesse escutando.

— Só posso aconselhá-lo sobre a situação legal, mas tenho de lhe dizer que essa operação de resgate pode lhe causar problemas maiores... e piores... do que você enfrenta agora. Que diabo, Ross, não posso fazer uma lista das leis que você vai violar!

— Mas tente.

— Terá um exército mercenário... o que é ilegal aqui, no Irã e em cada país pelo qual a equipe terá de passar. Eles estarão sujeitos a processos criminais e você poderá ficar com dez homens na prisão, ao invés de dois.

“Mas é pior do que isso! Seus homens estariam numa posição muito pior do que soldados em combate. As leis internacionais e a Convenção de Genebra, que protegem soldados de uniforme, não protegeriam a equipe de resgate.

“Se forem capturados no Irã... Ross, eles serão fuzilados. Se forem capturados em algum outro país que tenha tratado de extradição com o Irã, eles serão mandados de volta e fuzilados. Em vez de dois empregados inocentes na prisão, você poderá ter oito empregados culpados e mortos.

“E se isso acontecer, as famílias dos mortos poderão se virar contra você... o que seria bastante compreensível, já que toda essa operação ficará parecendo uma estupidez. As viúvas processarão a EDS por quantias imensas nos tribunais americanos. Podem levar a companhia à falência. Pense nas dez mil pessoas que ficariam desempregadas se isso acontecesse. Pense em você mesmo... pode até haver um processo criminal que o levará à cadeia, Ross!

Perot disse, calmamente:

— Agradeço o seu conselho, Tom.

— Não estou conseguindo nada, não é mesmo?

Perot sorriu.

— Claro que está. Mas se você passar pela vida se preocupando com todas as coisas ruins que podem acontecer, vai acabar convencendo a si mesmo que é melhor não fazer absolutamente nada.

A verdade é que Perot sabia de uma coisa que Luce ignorava.

Ross Perot era um homem de sorte.

Fora afortunado por toda a sua vida.

Aos 12 anos, entregava jornais num bairro preto pobre de Texarkana. O jornal custava 25 cents por semana naquele tempo. Aos domingos, quando recebia o dinheiro, ele sempre terminava com 40

ou 50 dólares em moedas de 25 cents na bolsa. E todos os domingos, em algum ponto do percurso, algum pobre coitado, que gastara o salário da semana num bar durante a noite anterior, tentava arrancar o dinheiro do pequeno Ross. Mas Ross nunca ficava com medo. Estava a cavalo, as tentativas nunca eram muito vigorosas e ele tinha sorte.

Nunca perdera o dinheiro.

Fora afortunado outra vez ao ser admitido na Academia Naval de Annapolis. Os candidatos tinham de ser patrocinados por um senador ou um deputado federal e é claro que a família Perot não tinha os contatos certos. O jovem Ross nunca vira o mar até então. O mais longe que já viajara fora até Dallas, a 280 quilômetros de Texarkana.

Mas lá conhecera um rapaz de Texarkana, Josh Morriss Junior, que estivera em Annapolis e conversara com Ross a respeito. Ross se

apaixonara pela marinha mesmo sem jamais ter visto um navio.

Começara a escrever a senadores, suplicando que alguém o patrocinasse. E conseguira — como aconteceria muitas vezes em sua vida posteriormente — porque era estúpido demais para saber que era impossível.

Só muitos anos depois é que ele descobrira como acontecera.

Um dia, em 1949, o Senador W. Lee O'Daniel estava limpando a sua mesa. Seu mandato chegava ao fim e não voltaria a concorrer ao cargo. Um assessor dissera:

— Senador, temos uma vaga ainda não preenchida para a Academia Naval.

— Alguém a está querendo?

— Tem aquele rapaz de Texarkana que há anos está tentando.

— Pois então dê-lhe a vaga.

Da maneira como Perot ouvira a história, seu nome nem sequer fora mencionado.

Ele tivera sorte outra vez ao fundar a EDS na ocasião oportuna.

Como um vendedor de computadores da IBM, compreendera que os clientes nem sempre tiravam o melhor proveito dos equipamentos que lhes vendia, O processamento de dados era um setor novo e altamente especializado. Os bancos eram bons em bancar, as seguradoras eram boas em segurar, os fabricantes eram bons em fabricar... e os homens de computadores eram bons em processamento de dados. O cliente não queria a máquina, mas sim a informação rápida e barata que podia lhe proporcionar. Contudo, muitas vezes, o cliente gastava tanto tempo para criar seu novo departamento de processamento de dados e aprender a usar os

equipamentos, que o computador lhe causava mais problemas e despesas do que evitava. A idéia de Perot fora a de vender um pacote completo... um departamento de processamento de dados integral, com equipamentos, programas e pessoal. O cliente só precisava dizer, em linguagem simples, quais as informações de que precisava e a EDS providenciaria todo o resto. E assim o cliente poderia continuar a se dedicar à atividade em que era bom — bancar, segurar ou fabricar.

A IBM rejeitara a idéia de Perot. Era um bom conceito, mas os lucros seriam pequenos. Em cada dólar investido em processamento de dados, 80 cents iam para hardware — o equipamento — e os outros 20 cents para software, justamente o que Perot queria vender. A IBM

não estava interessada em lutar por migalhas.

Perot tirara mil dólares de suas economias e começara a operar por conta própria. Ao longo da década seguinte, as proporções foram mudando, até que software estava consumindo 70 cents de cada dólar aplicado em processamento de dados. Perot tornara-se um dos *self made men* mais ricos do mundo.

O presidente do conselho de administração da IBM, Tom Watson, encontrara com Perot um dia num restaurante e dissera:

— Eu só queria saber de uma coisa, Ross. Você previu que a proporção mudaria?

— Não. Os 20 cents já me pareciam ótimos.

Isso mesmo, ele era um homem de sorte... mas tinha de proporcionar as oportunidades para a sorte funcionar. Não adiantava ficar sentado, bancando o cuidadoso. Nunca se podia ter a chance de ser afortunado até se assumir os riscos. E, por toda a sua vida, Perot sempre assumira riscos.

Aquele era apenas, por acaso, o maior de todos.

Merv Stauffer entrou em sua sala neste momento e disse:

— Está pronto para ir?

— Estou.

Perot levantou-se e os dois saíram da sala. Desceram no elevador e embarcaram no carro de Stauffer, um Lincoln Versailles de quatro portas novinho. Perot leu a placa no painel: “Merv e Helen Stauffer”. O interior do carro recendia aos charutos de Simons.

— Ele está à sua espera — disse Stauffer.

— Ótimo.

A companhia petrolífera de Perot, a Petrus, estava sediada no prédio seguinte da Forest Lane. Merv levara Simons para lá e depois fora buscar Perot. Posteriormente, ele levaria Perot de volta à EDS e em seguida iria buscar Simons. O motivo da manobra era o sigilo: quanto menos pessoas vissem Perot e Simons juntos, melhor seria.

Nos últimos seis dias, enquanto Simons e a equipe de resgate preparavam-se à beira do Lago Grapevine, as perspectivas de uma solução legal para o problema de Paul e Bill haviam-se reduzido ainda mais. Kissinger, depois de fracassar com Ardeshir Zahedi, não podia fazer mais nada para ajudar. O advogado Tom Luce estivera ocupado a entrar em contato com os 24 deputados federais do Texas, os dois senadores e qualquer outra pessoa de Washington que atendesse a seus telefonemas. Mas tudo o que eles faziam era ligar para o Departamento de Estado, a fim de saber o que estava acontecendo... e todas as ligações acabavam na mesa de Henry Precht.

O gerente financeiro da EDS, Tom Walter, ainda não encontrara um banco disposto a conceder uma carta de crédito de 12 milhões e 750

mil dólares. Walter explicara a Perot qual era a dificuldade: pelas leis americanas, um indivíduo ou uma companhia podia renegar uma carta de crédito, se houvesse prova de que fora assinada sob pressão ilegal, como chantagem ou seqüestro. Os bancos encaravam a prisão de Paul e Bill como uma tentativa pura e simples de extorsão e sabiam que a EDS poderia alegar, num tribunal mexicano, que a carta não era válida e o dinheiro não deveria ser pago. Em teoria, isso não faria a menor diferença, pois a esta altura Paul e Bill já estariam nos Estados Unidos e o banco americano poderia simplesmente — e legalmente —

recusar-se a honrar a carta de crédito, quando fosse apresentada para desconto pelo governo iraniano. Contudo, a maioria dos bancos americanos tinha vultosos empréstimos concedidos ao Irã e todos temiam que os iranianos pudessem retaliar, deduzindo 12 milhões e 750 mil dólares do que deviam. Walter ainda estava procurando por um banco grande que não tivesse negócios com o Irã.

Assim, infelizmente, a Operação Hotfoot ainda era a melhor alternativa de Perot.

Ele deixou Stauffer no estacionamento e encaminhou-se para o escritório da companhia petrolífera.

Encontrou Simons na pequena sala que era reservada para Perot.

Simons estava comendo amendoim e ouvindo um rádio portátil Perot calculou que os amendoins eram o almoço dele e o rádio servia para abafar os microfones que pudessem estar escondidos pela sala.

Trocaram um aperto de mão. Perot notou que Simons estava deixando crescer a barba.

— Como estão as coisas?

— Muito bem — respondeu Simons. — Os homens estão começando a operar juntos como uma equipe.

— Gostaria que se lembrasse de que pode rejeitar qualquer membro da equipe que considerar insatisfatório.

Dois dias antes, Perot propusera um acréscimo à equipe, um homem que conhecia Teerã e ainda por cima possuía uma ficha militar excepcional. Simons o recusara, depois de uma rápida entrevista, explicando:

— O cara acredita em suas próprias besteiras.

Perot queria saber agora se Simons não encontrara defeitos em algum dos outros, durante o período de treinamento. E acrescentou:

— Você está no comando da operação de resgate e...

— Não há necessidade — interrompeu-o Simons. — Não quero rejeitar nenhum deles.

Ele riu suavemente.

— É de longe o grupo mais inteligente com que já trabalhei. Isso cria um problema, porque eles pensam que as ordens são para serem discutidas e não obedecidas. Mas estão aprendendo a desligar o botão de pensamento, quando necessário. Já deixei bem claro que, em determinado ponto da operação, a discussão termina e começa a obediência cega.

Perot sorriu.

— Então você conseguiu mais em seis dias do que eu em dezesseis anos.

— Não há mais nada que possamos fazer aqui em Dallas. Nossa próxima etapa é ir para Teerã.

Perot assentiu. Aquela podia ser a sua última chance de cancelar a Operação Hotfoot. Depois que a equipe saísse de Dallas, poderia

ficar sem contato e fora de seu controle. A sorte estaria lançada.

Ross, isso é uma idiotice. Vai destruir a companhia e vai destruir a si próprio.

Que diabo, Ross, não posso fazer uma lista das leis que você vai violar.

Em vez de dois empregados inocentes na prisão, você poderá ter oito empregados culpados e mortos.

Tem aquele rapaz de Texarkana que há anos está tentando...

— Quando você quer partir, coronel?

— Amanhã.

— Boa sorte.

CINCO

1

Enquanto Simons conversava com Perot em Dallas, Pat Sculley, o pior mentiroso do mundo, estava em Istambul, tentando e não conseguindo ludibriar um astucioso turco.

O Sr. Fish era um agente de viagens que fora "descoberto" durante a evacuação de dezembro por Merv Stauffer e T. J. Marquez.

Eles o contrataram para tomar todas as providências necessárias para a escala dos evacuados em Istambul e conseguira verdadeiros milagres.

Registrara a todos no Sheraton e fretara ônibus para levá-los do aeroporto ao hotel. E quando todos lá chegaram encontraram uma refeição pronta à espera. Deixaram-no recolher a bagagem e passá-la pela alfândega; como num passe de mágica, encontraram a bagagem distribuída pelos quartos do hotel. No dia seguinte houvera fitas de televisão especiais para as crianças e excursões turísticas para os adultos, a fim de que todos se mantivessem ocupados, enquanto aguardavam seus vôos para Nova York. O Sr. Fish conseguira tudo isso apesar dos empregados do hotel estarem em greve. T. J.

descobriria posteriormente que a Sra. Fish estivera no hotel e arrumara pessoalmente as camas dos evacuados. Depois que os vôos para os Estados Unidos estavam reservados, Merv Stauffer pensara em distribuir instruções para todos. Mas a copiadora do hotel estava quebrada. O Sr. Fish arrumara um eletricista para consertá-la às cinco horas da manhã de domingo. O Sr. Fish era um homem que sempre podia dar um jeito.

Simons ainda estava preocupado em contrabandear as Walther PPK para Teerã. Ao saber que o Sr. Fish passara a bagagem dos evacuados pela alfândega turca na maior rapidez, ele propusera que

o mesmo homem fosse encarregado de resolver o problema das armas.

Sculley partira para Istambul a 8 de janeiro.

Encontrou-se com Fish no dia seguinte, no café do Sheraton. O

Sr. Fish era um homem alto e gordo, beirando os 50 anos, em roupas Surradas. Mas era muito esperto. Sculley não era um adversário à altura para ele. Sculley disse que a EDS precisava de ajuda para dois problemas.

— Primeiro, precisamos de um avião que possa entrar e sair de Teerã. Segundo, queremos passar uma bagagem pela alfândega sem ser inspecionada. É claro que lhe pagaremos uma boa soma por sua ajuda nesses problemas.

O Sr. Fish parecia em dúvida.

— Por que estão querendo fazer essas coisas?

— Temos algumas fitas magnéticas para os sistemas de computadores em Teerã. Precisamos fazê-las chegar incólumes ao seu destino de qualquer maneira e não podemos correr qualquer risco. Não queremos que alguém radiografe essas fitas ou faça qualquer outra coisa que possa danificá-las. E não podemos correr o risco de serem confiscadas por algum funcionário subalterno da alfândega.

— E para isso precisam fretar um avião e dar um jeito das malas passem pela alfândega sem serem abertas?

— Isso mesmo.

Sculley podia perceber que o Sr. Fish não estava acreditando em sua história. E o Sr. Fish sacudiu a cabeça.

— Não é possível, Sr. Sculley. Tive o maior prazer em ajudar seus amigos antes, mas sou um agente de viagens e não um contrabandista. Não farei o que está me pedindo.

— Mas poderia nos arrumar um avião?

O Sr. Fish tornou a sacudir a cabeça.

— Terá de ir a Amã, na Jordânia. A Arab Wings tem vôos fretados de lá para Teerã. É a melhor sugestão que posso fazer.

Sculley deu de ombros.

— Está bem.

Ele despediu-se do Sr. Fish poucos minutos depois e subiu para seu quarto, a fim de ligar para Dallas.

Sua primeira missão como membro da equipe de resgate fracassara.

Ao saber da notícia, Simons resolveu deixar as Walther PPK em Dallas. E explicou a Coburn:

— Não podemos pôr em risco toda a missão, logo no começo, quando ainda nem sabemos se precisaremos usar as pistolas. É um risco que não estamos obrigados a correr, pelo menos por enquanto.

Vamos entrar no país primeiro e verificar o que teremos de enfrentar.

Se e quando precisarmos das armas, Schwebach poderá voltar a Dallas para buscá-las.

As armas foram guardadas no cofre da EDS, junto com uma ferramenta que Simons pedira para remover os números de série. (Já que isso era contra a lei, deixaria para ser feito no último momento possível.)

Contudo, eles levariam a mala de fundo falso para um teste.

Levariam também os cartuchos nº 2 — Davis os guardaria no saco de feijão de exercício — e o equipamento que Simons precisaria para transferir o chumbo mais grosso para os cartuchos menores. Esse equipamento seria carregado pelo próprio Simons.

Não havia mais sentido em seguir via Istambul. Assim, Simons despachou Sculley para Paris, encarregando-o de providenciar quartos de hotel e fazer as reservas para a equipe num voo para Teerã.

O resto da equipe partiu do Aeroporto Regional Dallas Fort Worth às 11:05 horas da manhã de 10 de janeiro, a bordo do Voo 341

da Braniff para Miami, onde se transferiu para a National 4, a caminho de Paris.

Encontraram-se com Sculley no Aeroporto de Orly, na galeria de quadros entre o restaurante e o café, na manhã seguinte.

Coburn notou que Sculley estava nervoso. E compreendeu que todos estavam começando a ficar contagiados pela obsessão de segurança de Simons. Embora estivessem todos no mesmo voo, provenientes dos Estados Unidos, haviam viajado separados, sem deixarem transparecer que se conheciam. Em Paris, Sculley se mostrara nervoso com os empregados do Orly Hilton, desconfiando que alguém escutava seus telefonemas. Assim, Simons, que sempre se sentia de qualquer forma um tanto apreensivo em hotéis, resolvera que conversariam na galeria. Sculley também falhara em sua segunda missão, a de providenciar reservas de Paris para Teerã.

— Metade das empresas suspendeu os voos para o Irã, por causa da agitação política e da greve no aeroporto — explicou ele. — Os voos remanescentes estão superlotados por iranianos tentando voltar para sua terra. Tudo o que obtive foi uma informação de que a Swissair está realizando voos para lá, de Zurique.

Eles se dividiram em dois grupos. Simons, Coburn, Poché e Boulware iriam para Zurique e tentariam embarcar num vôo da Swissair. Sculley, Schwebach, Davis e Jackson ficariam em Paris.

O grupo de Simons voou na primeira classe da Swissair para Zurique. Coburn sentou ao lado de Simons. Passaram o vôo inteiro comendo um esplêndido almoço de camarão e filé. Simons louvou a delícia do almoço. Coburn achou graça, recordando um comentário de Simons:

— Quando se está com fome, basta abrir uma lata.

No aeroporto de Zurique, o balcão de reservas de vôos para Teerã estava atulhado de iranianos. A equipe só conseguiu um lugar.

Qual deles iria? Resolveram que seria Coburn. Ele era o homem da logística. Como diretor de pessoal e organizador da evacuação, possuía o mais completo conhecimento dos recursos da EDS em Teerã

— 150 casas e apartamentos vazios, 60 carros e jipes abandonados, 200 empregados iranianos — os que mereciam confiança e os que não mereciam, a comida, bebida e ferramentas deixadas pelos evacuados.

Viajando na frente, Coburn poderia providenciar transporte, suprimentos e um esconderijo para o resto do grupo.

Assim, Coburn despediu-se dos amigos e embarcou no avião, seguindo para o caos, violência e revolução.

Nesse mesmo dia, sem que Simons e a equipe de resgate soubessem, Ross Perot embarcou no Vôo 172 da British Airways para Londres. Ele também estava a caminho de Teerã.

O vôo de Zurique para Teerã foi bem curto.

Coburn aproveitou o tempo para repassar mentalmente, com alguma ansiedade, tudo o que tinha de fazer. Não podia fazer uma lista, pois Simons não permitia que se anotasse qualquer coisa.

Sua primeira obrigação era passar pela alfândega com a mala de fundo falso. Não havia armas lá dentro. Se a mala fosse inspecionada e o compartimento secreto descoberto, Coburn deveria dizer que servia para levar equipamento fotográfico delicado.

Em seguida, ele teria de escolher algumas casas e apartamentos abandonados para Simons analisar como possíveis esconderijos.

Depois, teria de providenciar carros e garantir um suprimento de gasolina.

Sua história ostensiva, em benefício de Keane Taylor, Rich Gallagher e os empregados iranianos da EDS, era a de que estava providenciando o embarque para os Estados Unidos dos bens pessoais dos evacuados. Coburn dissera a Simons que Taylor devia ser posto a par do segredo, pois poderia ser extremamente útil para a equipe de resgate. Simons respondera que tomaria a decisão pessoalmente, depois de conhecer Taylor.

Coburn ficou pensando como poderia enganar Taylor.

E ainda estava pensando nisso quando o avião aterrissou.

Dentro do terminal, todo o pessoal do aeroporto estava metido em uniformes militares. Coburn compreendeu que fora assim que se mantivera o aeroporto em operação, apesar da greve: os militares estavam no comando.

Ele pegou a mala com o fundo falso e passou pela alfândega.

Ninguém o deteve.

O salão de chegada era um caos total. A multidão à espera estava mais agitada do que nunca. O exército não estava dirigindo o aeroporto em termos militares.

Ele avançou entre a multidão para a fila de táxis. Contornou dois homens que pareciam estar brigando por causa de um táxi e embarcou no carro seguinte.

Seguindo para a cidade, ele notou que havia muito equipamento militar por toda parte, especialmente nas proximidades do aeroporto.

Havia muito mais tanques do que na ocasião em que ele partira. Seria um sinal de que o Xá ainda se mantinha no controle? Pela imprensa o Xá ainda estava falando como se detivesse o controle, mas o mesmo acontecia com Bakhtiar. E também, diga-se de passagem, com o Aiatolá Khomeini, que acabara de anunciar a formação de um Conselho da Revolução Islâmica para assumir o governo, como se já estivesse no poder em Teerã, ao invés de continuar numa vilã nos arredores de Paris, sentado ao lado de um telefone. Na verdade, ninguém estava no comando; e embora isso prejudicasse as negociações para a libertação de Paul e Bill, provavelmente ajudaria a operação de resgate.

O táxi levou-o ao escritório que chamavam de Bucarest, onde se encontrou com Keane Taylor. Taylor estava no comando agora, pois Lloyd Briggs fora a Nova York para conferenciar pessoalmente com os advogados da EDS. Taylor estava sentado à mesa de Paul Chiapparone, num terno impecável, com colete, como se estivesse a um milhão de quilômetros da revolução mais próxima, ao invés de no meio do turbilhão. Ele ficou atônito ao ver Coburn.

— Jay! Quando chegou?

— Acabei de chegar.

— O que está fazendo com essa barba? Querendo ser despedido?

— Achei que poderia parecer menos americano aqui.

— Por acaso viu alguma vez um iraniano de barba vermelha?

— Não.

Coburn não pôde deixar de rir.

— Então o que está fazendo aqui?

— Obviamente, não vamos trazer o nosso pessoal de volta ao Irã em futuro previsível. Por isso, vim cuidar dos pertences pessoais de todo mundo, a fim de despachá-los para os Estados Unidos.

Taylor assumiu uma expressão estranha, mas não fez qualquer comentário a respeito.

— Onde você pretende ficar? Todos nós fomos para o Hyatt Crown Regency. É mais seguro.

— Eu não poderia usar a sua antiga casa?

— Como quiser.

— E agora vamos tratar de negócios. Você está com os envelopes que todos deixaram, com as chaves das casas e dos carros, as instruções para a venda dos utensílios domésticos?

— Claro que sim. E já estou cuidando disso, vendendo todas as coisas que as pessoas não querem que sejam despachadas de volta aos Estados Unidos, como máquinas de lavar roupa, geladeiras e o resto.

Tenho uma verdadeira loja de venda de coisas usadas.

— Posso ficar com os envelopes?

— Claro.

— Como está a situação dos carros?

— Conseguimos reunir a maior parte. Estão estacionados numa escola, sob a guarda de alguns iranianos... se é que eles não os estão vendendo.

— E como estamos de gasolina?

— Rich conseguiu quatro tambores de 55 galões com a força aérea. Estão guardados no porão.

— Tive a impressão de sentir o cheiro de gasolina ao chegar.

— Não risque um fósforo lá embaixo no escuro ou todos iremos pelos ares.

— O que está fazendo para manter os tambores cheios?

— Usamos dois carros como caminhões-tanques... um Buick e um Chevy, com tanques imensos, tipicamente americanos. Dois dos nossos motoristas passam o dia inteiro nas filas de gasolina. Depois de encherem o tanque, voltam para cá e transferimos a gasolina para os tambores. Os carros voltam em seguida ao posto. Pode-se às vezes comprar a gasolina do primeiro da fila. Aborda-se o cara que acabou de encher o tanque e se oferece dez vezes que o preço da bomba. Há toda uma economia se desenvolvendo em torno das filas de gasolina.

— E o que me diz do óleo para aquecimento das casas?

— Tenho um fornecedor, mas ele me cobra dez vezes mais que os preços antigos. Estou gastando dinheiro por aqui como um marinheiro de porre.

— Vou precisar de doze carros.

— Doze carros, Jay?

— Foi o que eu disse.

— Terá espaço para guardá-los em minha casa... com o pátio grande e murado. Você gostaria., por alguma razão... de reabastecer os carros sem ser visto pelos empregados iranianos?

— Claro.

— Basta levar um carro vazio ao Hyatt e eu o trocarei por outro cheio.

— Quantos iranianos ainda temos?

— Dez dos melhores, além de quatro motoristas.

— Eu gostaria de uma lista com os nomes deles.

— Sabia que Ross está vindo para cá?

— Essa não!

Coburn estava aturdido.

— Acabei de receber o aviso. Ele está trazendo Bob Young do Kuwait, para assumir todos os encargos administrativos que estão aos meus cuidados. E John Howell virá trabalhar na parte jurídica.

Querem que eu trabalhe com John nas negociações e na fiança.

— Isso é ótimo. — Coburn não tinha a menor idéia do que Perot estava querendo. — Bom... vou para sua casa agora.

— Jay, por que não me conta o que está acontecendo?

— Não há nada para contar.

— Deixe de merda, Coburn. Quero saber o que está acontecendo.

— Já ouviu tudo o que eu tinha para dizer.

— Não me venha com essa. Mas vou me vingar. Espere só para ver os carros que vai receber... terá sorte se tiverem volante.

— Sinto muito.

— Jay...

— O que é?

— Essa é a mala mais esquisita que já vi.

— É mesmo?

— Sei o que vocês estão querendo fazer, Coburn.

Coburn suspirou.

— Vamos dar uma volta.

Eles saíram para a rua e Coburn falou a Taylor da operação de resgate.

Coburn e Taylor começaram a providenciar os esconderijos no dia seguinte.

A casa de Taylor, na Rua Aftab, 2, era ideal. Ficava convenientemente perto do Hyatt para a troca de carros. Era também na seção armênia da cidade, que poderia ser menos hostil aos americanos, se os distúrbios se agravassem. Tinha um telefone que funcionava e um suprimento de óleo de aquecimento. O pátio murado era grande o bastante para estacionar seis carros e havia uma entrada nos fundos que podia ser usada como caminho de fuga, se a polícia aparecesse na frente. E o senhorio não vivia ali.

Usando o mapa de ruas de Teerã que estava na parede da sala de Coburn — que fora marcado, desde a evacuação, com a locação de

cada casa da EDS na cidade — eles selecionaram mais três casas vazias como esconderijos alternativos.

Durante o dia, à medida que Taylor abastecia os carros, Coburn levou-os um a um do Bucareste para as casas. Estacionou três carros em cada uma das quatro casas.

Examinando outra vez o mapa na parede, ele tentou recordar quais das esposas haviam trabalhado para os militares americanos, pois as famílias com os privilégios do reembolsável sempre tinham os melhores alimentos. Relacionou oito prováveis. No dia seguinte visitaria as respectivas casas e pegaria os alimentos enlatados e secos, assim como refrigerantes em garrafa, levando tudo para os esconderijos.

Selecionou um quinto apartamento, mas não o visitou. Seria uma espécie de último refúgio, um esconderijo para uma emergência grave: ninguém iria até lá enquanto não houvesse necessidade de usá-

lo.

Naquela noite, sozinho na casa de Taylor, ele ligou para Dallas e falou com Merv Stauffer, que estava bastante animado, como sempre.

— Oi, Jay! Como vai?

— Tudo bem.

— Estou contente que tenha telefonado, pois tenho um recado para você. Tem um lápis?

— Claro.

— Pois ai vai. Hurra Keith Golfinho Zero Hora Dama...

Coburn tratou de interrompê-lo:

— Merv...

— O que é?

— De que diabo está falando?

— O código, Jay.

— O que é Hurra Keith Golfinho?

— H para Hurra, K para Keith...

— Merv, H é Hotel e K Kilo.

— Hã... Eu não sabia que se tinha de usar determinadas palavras...

Coburn começou a rir.

— Peça a alguém para lhe dar o alfabeto militar antes da próxima vez.

Stauffer estava rindo de si mesmo.

— Tem razão. Mas acho que desta vez terei de dar um jeito com a minha própria versão, Jay.

— Está certo. Pode começar.

Coburn anotou a mensagem codificada e depois, ainda usando o código, transmitiu a Stauffer seu endereço e telefone. Depois de desligar, ele decifrou a mensagem que Stauffer transmitira.

Era uma boa notícia. Simons e Joe Poché chegariam a Teerã no dia seguinte.

2

A 11 de janeiro, o dia em que Coburn chegou a Teerã e Perot voou para Londres, Paul e Bill estavam na prisão há exatamente duas semanas.

Durante esse período, eles haviam tomado apenas um banho de chuveiro. Quando os guardas souberam que havia água quente, concederam a cada cela cinco minutos debaixo dos chuveiros. O

recato foi esquecido, enquanto os homens se apinhavam nos cubículos para o prazer de se sentirem aquecidos e limpos por algum tempo.

Eles lavaram não apenas a si mesmos, mas também suas roupas.

Depois de uma semana, a prisão ficara sem gás engarrafado para a cozinha. Assim, a comida, além de ser enjoativa e com carência de legumes, era agora também fria. Felizmente, eles tinham permissão de complementar a dieta com laranjas, maçãs e nozes trazidas pelos visitantes.

Quase todas as noites a eletricidade era desligada por uma ou duas horas. Nessas ocasiões, os prisioneiros acendiam velas ou lanternas. A prisão estava repleta de vice-ministros, empreiteiros de obras públicas e empresários de Teerã. Dois membros da corte da imperatriz estavam na Cela 5, junto com Paul e Bill. O último a chegar na cela deles foi o Dr. Siazzi, que trabalhara no Ministério da Saúde sob a direção do Dr. Sheik, como chefe de um departamento que era chamado de Reabilitação. Siazzi era psiquiatra e usava seu conhecimento da mente humana para levantar o moral dos companheiros de prisão. Estava sempre imaginando jogos e diversões para animar a rotina depressiva. Instituiu um ritual na hora do jantar, pelo qual todos na cela tinham de contar uma piada, antes de poderem comer. Ao saber do valor da fiança fixado para

Paul e Bill, ele garantiu-lhes que receberiam em breve uma visita de Farrah Fawcett Majors, cujo marido era um mero Homem de Seis Milhões de Dólares.

Paul desenvolveu um relacionamento curiosamente forte com o

“pai” da cela, o residente mais antigo, que por tradição era o chefe da cela. Um homem pequeno, ao final da meia-idade, ele fazia o pouco que podia para ajudar os americanos, encorajando-os a comer e subornando os guardas para que lhes conseguissem pequenos extras.

Conhecia apenas uma dúzia ou pouco mais de palavras em inglês e Paul quase não falava farsi, mas mesmo assim conseguiam conversar, embora de forma um tanto hesitante. Paul soube que ele fora um proeminente empresário, possuindo uma companhia construtora e um hotel em Londres. Paul mostrou-lhe as fotografias que Taylor trouxera de Karen e Ann Marie. O velho aprendeu os nomes delas. Por tudo o que Paul sabia, ele podia ser perfeitamente culpado de qualquer coisa de que fora acusado, mas a preocupação e simpatia que demonstrava pelos estrangeiros eram animadoras.

Paul estava também comovido com a bravura de seus colegas da EDS em Teerã: Lloyd Briggs, que voara para Nova York; Rich Gallagher, que nunca partira; e Keane Taylor, que voltara. Todos arriscavam a vida cada vez que guiavam um carro através dos distúrbios para visitar a prisão. Cada um enfrentava também o perigo de que Dadgar pudesse prendê-los como reféns adicionais. Paul sentiu-se Particularmente grato quando soube que Bob Young estava a caminho de Teerã. Afinal, a mulher de Bob acabara de ter um filho e aquela era uma ocasião especialmente angustiante para que ele corresse perigo. Paul imaginara a princípio que sena libertado a qualquer momento.

Agora, estava dizendo a si mesmo que poderia ser solto a qualquer dia. Um dos companheiros de cela fora solto. Era Lucio Randone, um

engenheiro italiano que trabalhava para a companhia construtora Condotti d'Acqua. Randone voltara para uma visita, trazendo duas barras grandes de chocolate italiano. Dissera a Paul e Bill que conversara com o embaixador italiano em Teerã a respeito deles. O embaixador prometera entrar em contato com seu colega americano e revelar o segredo de tirar pessoas da prisão.

Mas a maior fonte de otimismo de Paul era o Dr. Ahmad Houman, o advogado que Briggs contratara para substituir seus colegas iranianos que haviam cometido um erro tão crasso na questão da fiança. Houman visitara-os durante a primeira semana que haviam passado na prisão. Sentaram na área de recepção da prisão — e não, por alguma razão, na sala de visita, o prédio pequeno no outro lado do pátio. Paul temera que isso pudesse inibir uma conversa franca entre advogado e cliente. Mas Houman não se intimidara pela presença dos guardas da prisão.

— Dadgar está tentando formar uma reputação — comentara ele.

Seria possível? Um promotor com excesso de zelo tentando impressionar seus superiores — ou talvez os revolucionários — com sua diligência antiamericana?

— A posição de Dadgar é muito poderosa — acrescentara Houman.
— Mas, neste caso, ele está numa situação difícil. Não tinha motivos para prendê-los e a fiança é exorbitante.

Paul começara a sentir-se esperançoso com Houman. Ele parecia conhecer o assunto e estar confiante.

— E o que vai fazer?

— Minha estratégia será conseguir a redução da fiança.

— Como?

— Primeiro conversarei com Dadgar. Espero fazê-lo compreender como a fiança é absurda. Mas, se ele permanecer intransigente, procurarei seus superiores no Ministério da Justiça e os convencerei a ordenarem que Dadgar reduza a fiança.

— E quanto tempo acha que isso vai levar?

— Talvez uma semana.

Estava demorando mais que uma semana, mas Houman estava fazendo progressos. Voltara à prisão para comunicar que os superiores de Dadgar no Ministério da Justiça concordavam em forçar o promotor a recuar e reduzir a fiança a uma quantia que a EDS pudesse pagar facilmente com os recursos de que dispunha no Irã.

Transbordando de desdém por Dadgar e confiança em si mesmo, ele anunciara triunfante- mente que tudo estaria concluído num segundo encontro de Paul e Bill com Dadgar, a 11 de janeiro.

E nesse dia Dadgar apareceu na prisão, à tarde. Ele quis falar primeiro com Paul, a sós, como acontecera na ocasião anterior. Paul estava bastante animado quando o guarda levou-o através do pátio.

Dadgar era apenas um promotor com excesso de zelo, pensou ele, agora devidamente repreendido por seus superiores e vai voltar atrás de suas decisões, com toda humildade.

Dadgar estava esperando, com a mesma intérprete ao seu lado.

Acenou com a cabeça bruscamente e Paul sentou-se, pensando: Ele não parece humilde. Dadgar falou em farsi e a Sra. Nourbash traduziu:

— Estamos aqui para discutir o valor da fiança.

— Ótimo — disse Paul.

— O Sr. Dadgar recebeu uma carta a respeito de autoridades do Ministério da Saúde e Bem-Estar Social.

Ela pôs-se a traduzir a carta.

As autoridades do ministério estavam exigindo que a fiança para os dois americanos fosse aumentada para 23 milhões de dólares —

quase o dobro — a fim de compensar os prejuízos sofridos desde que a EDS desligara os computadores.

Paul compreendeu que não seria solto naquele dia.

A carta era um trabalho meticuloso. Era evidente que Dadgar manobrara o Dr. Houman para escrever o que ele queria. Aquele encontro não passava de uma farsa.

E deixou Paul furioso.

Chega de delicadeza com esse filho da puta, pensou ele. Depois que a carta foi lida, Paul disse:

— Tenho uma coisa para dizer agora e quero que você traduza cada palavra. Entendido?

— Claro — disse a Sra. Nourbash.

Paul falou devagar, incisivamente:

— Está me detendo nesta prisão há 14 dias. Não fui levado a um tribunal. Não fui acusado formalmente de coisa alguma. Ainda não apresentou qualquer prova que possa implicar-me em algum crime.

Não especificou sequer de que crime posso ser acusado. Está orgulhoso da justiça iraniana?

Para surpresa de Paul, o apelo pareceu derreter um pouco o olhar gelado de Dadgar.

— Lamento muito que vocês tenham de pagar pelas coisas erradas que sua companhia fez.

— Não é nada disso — reagiu Paul. — Eu sou a companhia. Sou o responsável. Se a companhia fez alguma coisa errada, devo pagar.

Mas nada fizemos de errado. Ao contrário, fizemos até mais do que constava do contrato. A EDS obteve o contrato porque é a única companhia do mundo capaz de fazer tal trabalho... criar um sistema automatizado de previdência social num país subdesenvolvido de 30

milhões de camponeses em nível de subsistência. E estávamos conseguindo. Nosso sistema de processamento de dados emite os cartões da previdência social. Mantém um registro dos depósitos no banco na conta do ministério. Apresenta cada manhã um sumário dos benefícios solicitados no dia anterior. Imprime a folha de pagamento de todo o Ministério da Saúde e Bem-Estar Social. Produz relatórios de situação financeira semanais e mensais para o ministério. Por que não vai ao ministério e examina o nosso trabalho? — Dadgar fez menção de falar e Paul não deixou que ele o fizesse: — Espere um instante que ainda não acabei.

Dadgar deu de ombros e Paul continuou:

— Há provas fáceis de se obter de que a EDS cumpriu plenamente as suas obrigações no contrato. É igualmente fácil verificar que o ministério não cumpriu a sua parte, já que passou seis meses sem nos pagar e agora está devendo mais de dez milhões de dólares. Pense um pouco no ministério. Por que não pagou à EDS?

Porque não tem dinheiro. E por que não tem? Nós dois sabemos que o ministério gastou todo o seu orçamento nos sete primeiros meses do ano e o governo não forneceu recursos suplementares. Pode muito bem haver um grau de incompetência em algum departamento. O que me diz das pessoas que gastaram além do orçamento? Talvez estejam procurando por uma desculpa... alguém para culpar pelo que está errado... um bode expiatório. E não é

conveniente que eles disponham da EDS... uma companhia capitalista, uma companhia americana...

bem ali, trabalhando com eles? No atual clima político, as pessoas estão ansiosas em ouvir falar da iniquidade dos americanos, ansiosos em acreditar que estamos roubando o Irã. Mas você, Sr. Dadgar, deveria ser um legítimo agente da lei. Você não deveria acreditar que os americanos são culpados, a menos que haja alguma prova. Você deveria descobrir a verdade, se tenho uma noção correta do papel de um promotor encarregado de um inquérito. Não acha que está na hora de perguntar a si mesmo por que alguém faria acusações falsas contra mim e minha companhia? Não está na hora de você começar a investigar o maldito ministério?

A mulher traduziu a última frase. Paul observou Dadgar atentamente. Ele estava outra vez impassível. E disse alguma coisa em farsi. A Sra. Nourbash traduziu.

— Ele vai falar agora com o outro.

Paul olhou para ela, aturdido.

Compreendeu que desperdiçara seu fôlego. Podia muito bem ter recitado cantigas de ninar. Dadgar estava indiferente.

Paul estava profundamente deprimido. Estava deitado em seu colchão, olhando para as fotografias de Karen e Ann Marie que pregara na parte de baixo do beliche de cima. Sentia uma saudade terrível das meninas. Agora que não podia vê-las, compreendia que no passado sempre considerara a presença delas como um fato consumado, algo com que não precisava se preocupar. E o mesmo acontecia com Ruthie. Ele olhou para o relógio. Era agora de madrugada nos Estados Unidos. Ruthie estaria dormindo, sozinha numa cama grande. Como seria maravilhoso deitar ao lado dela e abraçá-la... Ele tratou de afastar o pensamento. Estava apenas ficando mais angustiado com a autocomiseração. Não tinha necessidade de se preocupar com elas. Estavam fora do Irã, fora do

perigo. Ele sabia que Perot cuidaria delas, o que quer que lhe acontecesse. Era uma boa coisa em Perot. Ele pedia muito de um empregado — era até o patrão mais exigente que se podia ter — mas era como uma rocha quando se precisava de sua ajuda.

Paul acendeu um cigarro. Estava resfriado. Jamais conseguia se aquecer na prisão. Sentia-se deprimido demais para fazer qualquer coisa. Não queria ir para a Sala Chattanooga e tomar chá; não queria ver o noticiário incompreensível na TV; não queria jogar xadrez com Bill. Não queria ir à biblioteca para pegar um novo livro. Estivera lendo *The Thorn Birds*, de Colleen McCullough. Achava que era um livro de intensa emoção. Era sobre várias gerações de famílias e o fizera pensar em sua própria família. O personagem central era um padre. Paul, como um católico, podia compreender. Lera o livro três vezes. Também lera Havaí, de James Michener, Aeroporto, de Arthur Hailey, e o Livro Guinness dos Recordes. Não queria ler outro livro pelo resto de sua vida.

Pensava às vezes no que faria quando saísse. Deixava a mente vagar por seus passatempos prediletos, andar de barco e pescar. Mas isso podia ser depressivo.

Não podia se lembrar de qualquer outra ocasião, em toda a sua vida, em que ficara tão desorientado, sem saber o que fazer. Estava sempre ocupado. No escritório, sempre tinha muito trabalho. Nunca, mas nunca mesmo, ficara deitado a fumar e imaginar como poderia se distrair.

Mas o pior de tudo era a impotência. Embora sempre tivesse sido um empregado, indo para onde o patrão mandava e fazendo o que lhe era ordenado, mesmo assim sempre soubera que poderia embarcar num avião e ir para casa, deixar o emprego ou dizer não ao patrão. Em última análise, as decisões eram suas. Agora, não era capaz de tomar qualquer decisão sobre sua própria vida. Não podia sequer fazer alguma coisa para atenuar a terrível situação em que se encontrava.

Sempre fora capaz de fazer algo com todos os outros problemas que enfrentara, tentar coisas. Agora, só podia ficar deitado e sofrer.

Ele compreendeu que nunca percebera o significado da liberdade, até o momento em que a perdera.

3

A manifestação era relativamente pacífica. Havia vários carros incendiados, mas afora isso não ocorria qualquer outra violência. Os manifestantes estavam marchando de um lado para outro, carregando imensos retratos de Khomeini e pondo flores nas torres dos tanques.

Os soldados olhavam passivamente.

O tráfego estava totalmente imobilizado.

Era 14 de janeiro, o dia seguinte à chegada de Simons e Poché.

Boulevard voltara a Paris e agora ele e os outros quatro estavam esperando por um vôo para Teerã. Enquanto isso, Simons, Coburn e Poché encaminhavam-se para o centro da cidade, a fim de fazerem um reconhecimento da prisão.

Depois de alguns minutos, Joe Poché desligou o motor do carro e permaneceu sentado, em silêncio, demonstrando tanta emoção quanto sempre: ou seja, nenhuma. Em contraste, Simons, sentado ao seu lado, parecia bastante animado.

— É a história que está se fazendo diante de nossos olhos —

comentou ele. — Bem poucas pessoas têm a oportunidade de observar diretamente uma revolução em andamento.

Coburn já adivinhara que ele era um aficionado da história e que revoluções constituíam a sua especialidade. Chegando ao aeroporto, quando lhe perguntara qual era a sua ocupação e o propósito da visita, respondera que era um fazendeiro aposentado e que aquela era a sua única oportunidade de testemunhar uma revolução. Estava dizendo a verdade.

Coburn não se sentia emocionado por estar no meio daquele turbilhão. Não lhe agradava a idéia de estar sentado dentro de um carro pequeno, um Renault 4, cercado por excitados fanáticos muçulmanos. Apesar da barba recém-crescida, não parecia um iraniano. Nem Poché. Mas Simons parecia. Os cabelos dele estavam agora mais compridos, tinha a pele azeitonada e nariz grande, deixara crescer uma barba branca. Se lhe dessem algumas contas de preocupação e o deixassem numa esquina, ninguém desconfiaria por um instante sequer que fosse americano.

Mas a multidão não estava interessada em americanos e, gradativamente, Coburn foi ficando mais confiante, o suficiente para sair do carro e entrar numa padaria. Comprou pão barbari, comprido e chato, com uma crosta macia. Custava sete riais... 10 cents. Como o pão francês, era delicioso quando fresco, mas ficava velho muito depressa. Era geralmente comido com manteiga ou queijo. O Irã sobrevivia com pão barbari e chá.

Eles ficaram sentados, observando a manifestação e comendo o pão. Finalmente os carros recomeçaram a andar. Poché seguiu o percurso que determinara na noite anterior. Coburn se perguntou o que encontrariam ao chegarem à prisão. Por ordem de Simons, ele se mantivera longe da prisão até aquele momento. Era demais esperar que a prisão fosse exatamente como a descrevera 11 dias antes, no Lago Grapevine: o grupo baseara um plano de ataque bastante preciso em informações muito imprecisas. E descobririam dali a pouco até que ponto eram imprecisas.

Chegaram ao Ministério da Justiça e entraram na Rua Khayyam, o lado do quarteirão em que estava localizada a entrada da prisão.

Poché passou lentamente pela prisão, mas não devagar demais.

Simons disse:

— Mas que merda!

Coburn sentiu um aperto no coração.

A prisão era radicalmente diferente da imagem mental que ele formara.

A entrada consistia de duas portas de aço, com cerca de três metros e meio de altura. Num lado havia um prédio de um só andar, com arame farpado no telhado. No outro lado havia um prédio mais alto, de pedras cinzentas, com cinco andares.

Não havia grades de ferro. Não havia pátio.

— Onde está o maldito pátio de exercício? — indagou Simons.

Poché seguiu adiante, fez algumas voltas e retornou pela Rua Khayyam, na direção oposta.

Desta vez, Coburn avistou um pequeno pátio, com grama e árvores, separado da rua por uma grade de ferro com quatro metros de altura. Mas era evidente que nada tinha a ver com a prisão, que ficava mais adiante. De alguma forma, na conversa pelo telefone com Majid, o pátio de exercício da prisão se confundira com aquele pequeno jardim.

Poché mais uma vez dou a volta pelo quarteirão. Simons já estava pensando na frente e disse:

— Podemos entrar, mas precisamos saber o que teremos de enfrentar, depois que estivermos no outro lado do muro. Alguém terá de entrar para fazer um reconhecimento.

— Quem? — perguntou Coburn.

— Você.

Coburn encaminhou-se até a porta da prisão, acompanhado por Rich Gallagher e Majid. Majid apertou a campainha e eles ficaram

esperando.

Coburn tomara-se o “homem de fora” do grupo de resgate. Já fora visto no Bucareste pelos empregados iranianos e assim a sua presença em Teerã não podia mais ser mantida em segredo. Simons e Poché ficariam nos esconderijos tanto quanto possível e se manteriam afasta das instalações da EDS. Ninguém precisava saber que eles estavam em Teerã. Caberia a Coburn ir ao Hyatt para falar com Taylor e trocar os carros. E era também Coburn quem ia agora entrar na prisão.

Enquanto esperava, ele repassou mentalmente todos os pontos que Simons lhe dissera para observar: segurança, número de guardas, armas, disposição do lugar, cobertura, lugares mais altos... Era uma lista comprida. Simons tinha um jeito de deixá-lo ansioso em se lembrar de todas as instruções que dava.

Uma janelinha abriu-se na porta. Majid disse alguma coisa em farsi.

A porta foi aberta e os três entraram.

Coburn viu à sua frente um pátio, com um caminho circular e carros estacionados no outro lado. Além dos carros, havia um prédio de cinco andares. À esquerda ficava o prédio de um andar que ele vira da rua, com o arame farpado no telhado. E à direita havia outra porta de aço.

Coburn usava um casaco comprido e volumoso — que Taylor apelidara de casaco do Homem Michelin — sob o qual poderia esconder facilmente uma espingarda. Mas não foi revistado pelo guarda no portão. Eu poderia estar levando oito armas, pensou ele. Já era um fator animador. A segurança era relaxada.

Ele notou que o guarda do portão estava armado com uma pistola pequena.

Os três visitantes foram levados para o prédio pequeno à esquerda. O coronel no comando da prisão estava na sala de visita, com outro iraniano. Gallagher avisara a Coburn que o segundo homem estava sempre presente durante as visitas e falava um inglês perfeito. Presumivelmente, estava ali para escutar o que se dizia.

Coburn dissera a Majid que não queria ser ouvido enquanto falava com Paul, e Majid concordara em puxar conversa com o homem.

Coburn foi apresentado ao coronel. Num inglês trôpego, ele disse que lamentava por Paul e Bill e que esperava que fossem libertados em breve. Parecia sincero. Coburn notou que nem o coronel nem o ouvinte estavam armados.

A porta se abriu, Paul e Bill entraram.

Ambos olharam aturdidos para Coburn. Nenhum dos dois fora avisado de sua presença na cidade e a barba foi um choque adicional.

— Que diabo está fazendo aqui? — perguntou Bill, sorrindo largamente.

Coburn apertou as mãos dos dois, calorosamente. Paul disse:

— Não posso acreditar que você esteja aqui.

— Como está minha mulher? — perguntou Bill.

— Emily está bem e Ruthie também.

Majid começou a falar em voz alta, em farsi, com o coronel e o ouvinte. Parecia estar-lhes contando uma história complicada, com muitos gestos. Rich Gallagher começou a conversar com Bill, e Coburn sentou-se com Paul.

Simons decidira que Coburn deveria interrogar Paul a respeito das rotinas da prisão e falar do plano de resgate. Paul fora escolhido em vez de Bill porque, na opinião de Coburn, tinha toda a probabilidade de ser o líder dos dois.

— Se ainda não adivinhou — comentou Coburn — vamos tirar vocês daqui de qualquer maneira... até pela força, se for necessário.

— Eu já tinha adivinhado — disse Paul. — Mas não tenho certeza se é uma boa idéia.

— Por quê?

— Muitas pessoas podem sair machucadas.

— Ross contratou o melhor homem do mundo inteiro para esse tipo de operação. E temos carta branca...

— Não tenho certeza se é o que estou querendo.

— Não está sendo pedida a sua permissão, Paul.

Paul sorriu.

— Está bem.

— E agora preciso de algumas informações. Onde vocês fazem exercícios?

— Bem aqui no pátio.

— Quando?

— Toda quinta-feira.

Era segunda-feira. O próximo período de exercício seria no dia 18 de janeiro.

— Por quanto tempo ficam no pátio?

— Cerca de uma hora.

— A que hora do dia?

— Varia.

— Merda!

Coburn fez um esforço para parecer descontraído, evitando baixar a voz demais, a ponto de atrair atenção, ou olhar para trás para ver se não havia alguém escutando. A visita tinha de parecer normal, apenas um encontro entre dois amigos.

— Quantos guardas há na prisão?

— Cerca de vinte.

— Todos uniformizados? E todos armados?

— Todos uniformizados, alguns armados com pistolas.

— Não há rifles?

— Hum... Nenhum dos guardas regulares usa rifles, mas...

Nossa cela fica no outro lado do pátio e tem uma janela. Pela manhã há um grupo de cerca de vinte guardas diferentes, como se formassem um corpo de elite. Eles têm rifles e usam capacetes brilhantes. Eles têm o toque de alvorada aqui, mas nunca os vejo pelo resto do dia.

Não sei para onde vão.

— Tente descobrir.

— Está certo.

— Qual é a sua cela?

— Quando sair daqui, a janela fica mais ou menos à sua frente.

Se começar pelo canto direito do pátio e contar para a esquerda, é a terceira janela. Eles sempre fecham quando há visitas... dizem que é para não podermos ver as mulheres.

Coburn assentiu, tentando memorizar tudo.

— Você precisa fazer duas coisas disse ele. — Primeiro: um levantamento do interior da prisão, com as medidas mais acuradas possíveis. Voltarei para receber as informações, a fim de que possamos preparar um plano. Segundo: entrar em forma. Os dois devem fazer exercícios todos os dias. Não precisar.

— Está certo.

— E agora me diga qual é a rotina diária.

— Eles nos acordam às seis horas — começou Paul.

Coburn concentrou-se, sabendo que teria de repetir tudo a Simons. Apesar disso, no fundo de sua mente, um pensamento aflorava: Se não soubermos a que hora do dia eles fazem o exercício, como saberemos quando pular o muro?

— A hora da visita é a solução — disse Simons.

— Como assim? — indagou Coburn.

— É a única situação em que podemos prever que eles estarão fora da prisão propriamente dita e vulneráveis ao resgate, numa hora definida.

Coburn assentiu. Os três estavam sentados na sala de estar da casa de Keane Taylor. Era uma sala grande, com um tapete persa.

Haviam puxado três cadeiras para o meio da sala, em torno de uma mesinha de café. Ao lado da cadeira de Simons estava crescendo uma pequena montanha de cinza de charuto no tapete. Taylor ficaria furioso.

Coburn sentia-se esgotado. Ser interrogado por Simons era ainda mais angustiante do que ele imaginara. Quando imaginava que já dissera tudo, Simons se lembrava de novas perguntas. Quando Coburn não podia lembrar-se de alguma coisa, Simons obrigava-o a se concentrar, até recordar. Simons arrancou informações que ele não registrara conscientemente, pelo simples expediente de fazer as perguntas certas.

— O furgão e a escada!... essa parte está fora — disse Simons.

— O ponto fraco deles é agora a rotina relaxada. Podemos introduzir dois homens na prisão como visitantes, com espingardas ou Walthers escondidas sob os casacos. Paul e Bill seriam trazidos para aquela área de visita. Nossos dois homens poderiam dominar o coronel e o tal ouvinte sem maiores dificuldades... e sem fazer barulho demais para alarmar quem esteja nas proximidades. Depois...

— Depois o quê?

— É justamente o problema. Os quatro homens teriam de sair do prédio, atravessar o pátio, chegar ao portão, abri-lo ou escalá-lo, sair para a rua, embarcar num carro...

— Parece possível — comentou Coburn: — Só tem um guarda no portão.

— Há algumas coisas que me preocupam — disse Simons. —

Primeiro: as janelas no prédio alto que dão para o pátio. Enquanto nossos homens estiverem no pátio, quem olhar por uma janela poderá vê-los. Segundo: a guarda da elite, com os capacetes

brilhantes e os rifles. Se houver um único com um rifle numa daquelas janelas, ele poderá acertar os quatro homens como se fossem alvos num stand de tiro.

— Não sabemos se os guardas ficam no prédio alto.

— E também não sabemos se não ficam.

— Parece um pequeno risco...

— Não vamos correr nenhum risco que não seja absolutamente indispensável. Terceiro: o tráfego nesta maldita cidade é terrível. Não se pode falar em embarcar num carro e escapar. Podemos esbarrar com uma manifestação cinqüenta metros adiante. O que seria desastroso. O resgate tem de ser realizado com total discrição. E

precisamos de tempo. Como é o coronel que está no comando da prisão?

— Mostrou-se bastante cordial — disse Coburn. — Parecia lamentar sinceramente a prisão de Paul e Bill.

— Gostaria de saber como podemos atingi-lo. Sabemos alguma coisa a respeito dele?

— Não.

— Pois vamos descobrir.

— Porei Majid para trabalhar nisso.

— O coronel poderia dar um jeito para que não houvesse guardas por perto na ocasião da visita. E poderíamos resguardar a posição dele, amarrando-o ou mesmo desacordando-o com uma pancada... Se ele puder ser subornado, ainda daremos um jeito de efetuar a operação.

— Cuidarei disso imediatamente.

4

No dia 13 de janeiro, Ross Perot decolou de Amã, Jordânia, num jato Lear da Arab Wings, a operação de fretamento da Royal Jordanian Airlines. O avião seguia para Teerã. No porão de bagagem havia uma bolsa grande, contendo meia dúzia de vídeotape profissionais, do tipo usado pelas equipes de televisão. Era a

“cobertura” de Perot.

Enquanto o pequeno jato voava para leste, o piloto britânico apontou para a junção dos rios Tigre e Eufrates. Poucos minutos depois, o avião teve um problema hidráulico e foi obrigado a voltar.

A viagem fora assim desde o começo.

Em Londres, Perot se encontrara com o advogado John Howell e o executivo da EDS Bob Young, os dois tentando há dias conseguir vaga num vôo para Teerã. Young acabara descobrindo que a Arab Wings estava voando para a capital iraniana e os três homens partiram para Amã. Chegar de lá de madrugada fora uma experiência insólita.

Perot tivera a impressão de que todos os criminosos da Jordânia estavam dormindo no aeroporto. Conseguiram arrumar um táxi para levá-los ao aeroporto. O quarto de John Howell não tinha banheiro: tudo ficava bem ao lado da cama. No quarto de Perot o vaso ficava tão junto da banheira que ele tinha de levantar os pés pela borda para sentar. E tudo o mais era assim...

Bob Young é que pensara na “cobertura” dos vídeotape. A Arab Wings regularmente levava e trazia do Irã gravações para a NBC TV

News. Havia ocasiões em que a NBC mandava um homem seu levar as fitas, outras vezes o próprio piloto se incumbia disso. E, embora a NBC não soubesse, Perot seria naquele dia o mensageiro. Estava

usando um casaco esporte, um chapéu pequeno, axadrezado, não tinha gravata. Quem estivesse procurando por Ross Perot poderia não olhar duas vezes para o mensageiro da NBC, com sua bolsa característica.

A Arab Wings concordara com o artifício. E confirmara que poderia também tirar Perot de Teerã, com o mesmo esquema dos vídeotape.

De volta a Amã, Perot, Howell, Young e o piloto embarcaram em outro jato e tornaram a decolar. Enquanto sobrevoavam o deserto, Perot se perguntou se seria o homem mais louco do mundo ou o mais sensato.

Havia razões muito fortes para que ele não fosse a Teerã. Por um lado, as turbas poderiam considerá-lo como o supremo símbolo do capitalismo americano explorador, linchando-o prontamente. Mais provavelmente, Dadgar poderia tomar conhecimento de que ele estava na cidade e tentar prendê-lo. Perot não tinha certeza se compreendia os motivos de Dadgar para prender Paul e Bill. Mas os propósitos misteriosos do homem seriam ainda melhor servidos por ter o próprio Perot por trás das grades. Ora, Dadgar podia até fixar uma fiança de 100 milhões de dólares e sentir-se confiante em receber, se fosse dinheiro o que estava querendo.

Mas as negociações para a libertação de Paul e Bill estavam num impasse e Perot queria ir a Teerã para uma última tentativa de uma solução legítima, antes de Simons e o grupo arriscarem suas vidas num ataque à prisão.

Houvera ocasiões, nos negócios, em que a EDS já estava pronta para admitir a derrota, mas continuara até a vitória, porque o próprio Perot insistira em avançar por mais um quilômetro. Liderança era justamente isso.

Era o que ele dizia a si mesmo e era verdade. Mas havia também outro motivo para a sua viagem. Não podia simplesmente ficar

sentado em Dallas, seguro e confortável, enquanto outros homens arriscavam suas vidas, em obediência às instruções dele.

Sabia muito bem que se fosse preso no Irã, ele próprio, seus companheiros e a companhia estariam numa situação muito pior do que agora. Ele pensara muitas vezes se deveria ser prudente e ficar...

ou aceitar os seus instintos mais profundos e partir? Fora um dilema moral. E ele o discutira com a mãe.

Ela sabia que estava morrendo. E sabia também que, mesmo que Perot voltasse vivo e bem depois de uns poucos dias, talvez não estivesse mais ali para vê-lo. O câncer estava rapidamente destruindo o seu corpo. Mas não havia nada de errado com sua morte, seu senso de certo e errado continuava tão lúcido como antes.

— Você não tem opção, Ross — dissera ela. — Eles são seus homens. Você mandou-os para lá. E eles nada fizeram de errado.

Nosso governo não quer ajudá-los. Você é o responsável por eles.

Compete a você tirá-los de lá. Tem de ir.

E assim ele estava ali, convencido de que era o certo. Se não mesmo o mais inteligente.

O jato Lear deixou o deserto para trás e passou por cima das montanhas do oeste do Irã. Ao contrário de Simons, Coburn e Poché, Perot não tinha qualquer familiaridade com o perigo físico. Era jovem demais para a Segunda Guerra Mundial e velho demais para o Vietnam, enquanto a guerra da Coreia terminara quando o Guarda-Marinha Perot ainda estava a caminho de lá, a bordo do destróier Sigourney. Só fora alvo de tiros uma vez, durante a campanha dos prisioneiros de guerra, ao pousar numa selva no Laos, a bordo de um antigo DC3. Ouvira alguns retinidos, mas não

soubera que o avião fora atingido até depois de aterrissar. Sua experiência mais assustadora, desde os tempos dos ladrões do dinheiro da venda de jornal em Texarkana, fora em outro vôo no Laos, quando uma porta ao lado de sua poltrona se desprendera subitamente. Ele estava dormindo.

Ao acordar abrupta mente, vira um clarão por um segundo, antes de compreender que estava inclinado para fora do aparelho. Felizmente, estava preso no banco pelo cinto de segurança.

Não estava sentado ao lado de uma porta hoje.

Ele olhou pela janela e avistou, numa depressão parecendo uma tigela entre as montanhas, a cidade de Teerã, desordenada, meio escura, pontilhada de arranha-céus brancos. O avião começou a perder altitude.

Muito bem, pensou ele, estamos descendo. Está na hora de começar a pensar e usar a sua cabeça, Perot.

Enquanto o avião pousava, ele sentiu-se tenso, alerta, a adrenalina se espalhando pelo corpo.

O avião taxiou até parar. Vários soldados com metralhadoras penduradas no ombro andavam a esmo pela pista.

Perot desembarcou. O piloto abriu o porão de carga e entregou-lhe a bolsa com as fitas.

Perot e o piloto começaram a atravessar a pista. Howell e Young foram atrás, carregando suas valises.

Perot sentiu-se grato por sua aparência que não chamava qualquer atenção. Pensou num amigo norueguês, um Adônis alto e louro, que se queixava de parecer muito impressionante:

— Você tem sorte, Ross. Ninguém nota quando entra numa sala.

Mas quando as pessoas me vêem sempre esperam demais... e não posso corresponder às expectativas.

Ninguém jamais o tomaria por um mero mensageiro. Mas Perot, com sua pequena estatura, rosto rude e roupas informais, podia perfeitamente assumir o papel.

Entraram no terminal. Perot disse a si mesmo que os militares, que estavam controlando o aeroporto, e o Ministério da Justiça, para o qual Dadgar trabalhava, eram duas burocracias governamentais separadas; se uma soubesse o que a outra estava fazendo ou quem procurava, então aquela seria a mais eficiente operação na história dos governos.

Ele encaminhou-se para o balcão e mostrou o passaporte.

Foi carimbado e devolvido.

Ele seguiu em frente.

Não foi detido na alfândega.

O piloto mostrou-lhe onde deixar a bolsa com as fitas da televisão. Perot largou-as e despediu-se do piloto.

Virou-se e deparou com outro amigo, alto, de aparência distinta: Keane Taylor. Perot gostava de Taylor.

— Oi, Ross. Como foi?

— Tudo bem — respondeu Perot, sorrindo. — Eles não estavam procurando por um americano feio.

Deixaram o aeroporto. Perot disse:

— Está satisfeito de eu não tê-lo mandado voltar para cuidar de problemas administrativos?

— Claro.

Entraram no carro de Taylor. Howell e Young sentaram-se no banco detrás. Ao partirem, Taylor disse:

— Vou dar uma volta grande, a fim de evitar o pior das manifestações.

Perot não se sentiu tranqüilizado com o comentário.

A estrada estava margeada por estruturas de concreto altas, inacabadas, com guindastes no topo. O trabalho parecia estar paralisado. Observando atentamente, Perot percebeu que havia pessoas vivendo nas estruturas. Parecia um símbolo apropriado da maneira como o Xá tentara modernizar o Irã depressa demais.

Taylor estava falando sobre carros. Guardara todos os carros da EDS no pátio de uma escola e contratara alguns iranianos para guardá-

los, mas descobrira que os mesmos iranianos tinham um negócio de venda de carros usados e estavam liquidando todos os veículos.

Perot notou que havia filas compridas em todos os postos de gasolina. Achou que era uma ironia, num país tão rico em petróleo.

Além de carros, havia pessoas nas filas, segurando latas.

— O que aquelas pessoas estão fazendo? — indagou Perot. —

Se não têm carro, para que precisam de gasolina?

— Vendem a quem pagar mais alto — explicou Taylor. — Ou você pode contratar um iraniano para ficar na fila em seu lugar.

Foram detidos por um instante num bloqueio na rua. Seguindo adiante, viram diversos carros em chamas. Vários civis estavam parados ao redor, empunhando metralhadoras. A cena foi pacífica por dois ou três quilômetros, e depois Perot avistou mais carros em

chamas, mais metralhadoras, outro bloqueio na rua. Tais coisas deviam parecer assustadoras, mas por algum motivo não era o que acontecia. Perot teve a impressão de que as pessoas estavam até gostando de dar vazão à sua agressividade para variar, agora que o pulso de ferro do Xá estava finalmente relaxando. Certamente os militares não estavam fazendo coisa alguma para manter a ordem, até onde ele podia perceber.

Havia sempre algo insólito em contemplar a violência como um turista. Ele recordou a ocasião em que sobrevoara o Laos de avião, vendo as pessoas lutarem lá embaixo; sentira-se tranqüilo, desligado.

Imaginava que a batalha era assim, podia ser encarniçada quando se estava no meio, mas, cinco minutos mais adiante, nada estava acontecendo.

Entraram numa praça imensa, com um monumento no centro, parecendo uma espaçonave do futuro distante, erguendo-se acima do tráfego sobre quatro pernas gigantescas e bem abertas.

— O que é aquilo? — perguntou Perot.

— O Monumento Shayad — explicou Taylor. — Há um museu em cima.

Poucos minutos depois, pararam no pátio do Hyatt Crown Regency.

— Este hotel é novo — disse Taylor. — Os pobres coitados acabaram de inaugurá-lo. Mas é ótimo para nós... comida maravilhosa, vinho, música no restaurante de noite... Estamos vivendo como reis numa cidade que está desmoronando.

Entraram no saguão e pegaram o elevador.

— Não precisa se registrar — disse Taylor a Perot. — Sua suíte está em meu nome. Não há razão para ter seu nome escrito em qualquer

lugar.

— Certo.

Saltaram no 11º andar.

— Todos temos quartos neste corredor — disse Taylor.

Ele abriu uma porta na extremidade do corredor. Perot entrou, olhou ao redor, sorriu.

— É tudo isso?

A sala de estar era vasta, o quarto ao lado imenso. Ele foi dar uma olhada no banheiro. Era grande o bastante para se realizar um coquetel lá dentro.

— Gostou? — indagou Taylor, sorrindo.

— Se tivesse visto o quarto em que dormi ontem à noite em Amã nem se daria ao trabalho de perguntar.

Taylor deixou-o para se instalar na suíte.

Perot foi até a janela e olhou para fora. A suíte ficava na frente do hotel e por isso podia ver o pátio lá embaixo. Talvez eu seja alertado, pensou ele, se um pelotão de soldados ou uma turba revolucionária vier à minha procura. Mas o que eu poderia fazer?

Ele resolveu definir um percurso para uma fuga de emergência.

Deixou a suíte, andou de um lado para outro do corredor. Havia diversos quartos vazios, com as portas destrancadas. Nos dois lados havia uma saída para uma escada. Ele desceu a escada até o andar de baixo. Havia ali mais quartos vazios, alguns sem móveis nem ornamentos. O hotel estava inacabado, como tantos prédios na cidade.

Eu poderia descer pela escada, pensou ele; se ouvi-los subir, posso me esconder num dos quartos vazios. E assim desceria até o térreo.

Ele desceu a escada até o fim e explorou o andar térreo.

Passou por diversas salas de banquete, calculando que ficavam sem uso durante a maior parte do tempo, se não mesmo por todo.

Havia um labirinto de cozinhas, com mil esconderijos. Ele notou particularmente diversos compartimentos vazios para se guardar alimentos; onde um homem relativamente pequeno poderia se esconder sem maiores dificuldades. Da área de banquetes ele poderia alcançar o ginásio dos fundos do hotel. Era um lugar bastante luxuoso, com sauna e piscina. Ele abriu uma porta nos fundos e descobriu-se fora do hotel, no estacionamento. Poderia pegar um carro da EDS ali e desaparecer na cidade. Ou seguir a pé para o hotel seguinte, o Evin.

Ou simplesmente correr para a floresta de edifícios inacabados que começava no outro lado do estacionamento.

Perot tornou a entrar no hotel e pegou o elevador. Enquanto subia, resolveu que se vestiria sempre informalmente em Teerã.

Trouxera calças cáquis e algumas camisas de flanela quadriculadas, além de um macacão de jogging. Não podia deixar de parecer americano, com seu rosto pálido e raspado, olhos azuis, cabelos muito curtos. Mas pelo menos tinha certeza de, assim, não parecer um americano importante, muito menos o multimilionário proprietário da Electronic Data Systems Corporation.

Ele foi para o quarto de Taylor, a fim de ouvir um relatório sobre a situação. Queria ir à embaixada americana e falar com o Embaixador Sullivan; queria ir à sede da missão militar americana e falar com o General Huyser e o General Ghast; queria pegar Taylor e John Howell para ajudá-lo a pôr uma bomba debaixo da cadeira de Dadgar; queria fazer alguma coisa, sair, resolver o problema, libertar

Paul e Bill... e o mais depressa possível. Ele bateu na porta de Taylor e entrou.

— Muito bem, Keane, ponha-me a par de tudo.

SEIS

1

John Howell nascera no nono minuto da nona hora do nono dia do nono mês de 1946, dizia a mãe freqüentemente.

Era baixo, com um olhar saltitante. Os cabelos castanhos claros começavam a escassear muito cedo, era ligeiramente estrábico e tinha a voz um pouco rouca, como se sofresse de um resfriado permanente.

Falava muito devagar e piscava constantemente.

Com 32 anos, era um associado da firma de advocacia de Tom Luce em Dallas. Como tantas outras pessoas em torno de Ross Perot, Howell alcançara um cargo de responsabilidade ainda bastante jovem.

Sua maior vantagem como um advogado era o vigor.

— John vence pelo expediente simples de trabalhar mais que a oposição — comentava Luce.

Na maioria dos fins de semana, Howell passava o sábado ou o domingo no escritório, aprontando tudo, terminando as tarefas interrompidas, preparando-se para a semana seguinte. Ficava frustrado quando as atividades da família privavam-no de seu sexto dia de trabalho. Além disso, ele trabalhava muitas vezes até tarde da noite, perdendo a hora do jantar em casa, o que costumava deixar a mulher Angela muito infeliz.

Como Perot, Howell nascera em Texarkana. Como Perot, ele era baixo na estatura e comprido na coragem. Mesmo assim, ao meio-dia de 14 de janeiro, ele estava assustado. Estava prestes a se encontrar com Dadgar.

Na tarde anterior, imediatamente depois de chegar a Teerã, Howell encontrara-se com Ahmad Houman, o advogado local da EDS.

O Dr. Houman aconselhara-o a não se encontrar com Dadgar, pelo menos por enquanto. Afinal, era perfeitamente possível que Dadgar tencionasse prender todos os americanos da EDS que pudesse encontrar, o que poderia incluir até advogados.

Howell ficara impressionado com Houman. Um homem grande e rotundo, na casa dos 60 anos, bem vestido pelos padrões iranianos, ele fora presidente da Associação dos Advogados do Irã. Embora o seu inglês não fosse bom — sua segunda língua era o francês — ele parecia confiante e inteligente.

O conselho de Houman mexia com o instinto de Howell. Ele sempre gostara de se preparar meticulosamente para qualquer espécie de confrontação. Acreditava na velha máxima dos advogados de júri: Nunca faça uma pergunta a menos que já saiba a resposta.

O conselho de Houman foi reforçado por Bunny Fleischaker.

Uma jovem americana com amigos no Ministério da Justiça, Bunny advertira Jay Coburn, em dezembro, que Paul e Bill estavam prestes a ser presos. Na ocasião, porém, ninguém acreditava nela. Os acontecimentos haviam-lhe dado um crédito retrospectivo. Ela foi levada a sério quando, no princípio de janeiro, ligou para a casa de Rich Gallagher, às 11 horas de uma noite.

A conversa lembrou a Gallagher os telefonemas do filme *Todos os Homens do Presidente*, em que informantes nervosos falam com os repórteres do jornal num código improvisado. Bunny começou por dizer:

— Sabe quem está falando?

— Acho que sim.

— Já lhe falaram a meu respeito.

— Tem razão.

Ela explicou que os telefones da EDS estavam sendo grampeados e as conversas gravadas. Estava telefonando porque havia uma forte possibilidade de que Dadgar prendesse mais executivos da EDS. Recomendava que deixassem o país ou mudassem para um hotel em que houvesse muitos jornalistas. Lloyd Briggs, que como substituto de Paul era o alvo mais provável para Dadgar, deixara o país... precisava de qualquer forma voltar aos Estados Unidos para uma conferência com os advogados da EDS. Os outros, Gallagher e Keane Taylor, mudaram-se para o Hyatt.

Dadgar não prendera mais ninguém da EDS... pelo menos por enquanto.

Howell não precisava de qualquer outro argumento. Iria se manter afastado de Dadgar até que tivesse certeza das regras do jogo.

E de repente, às oito e meia daquela manhã, Dadgar efetuara uma batida no Bucareste.

Aparecera com meia dúzia de investigadores e exigira que lhe mostrassem os arquivos. Howell, escondido numa sala no outro andar, ligara para Houman. Depois de uma rápida discussão, Houman aconselhara que todo o pessoal da EDS cooperasse com Dadgar.

Dadgar queria ver os arquivos de Paul Chiapparone. O arquivo na sala da secretária de Paul estava trancado e ninguém conseguira encontrar a chave. É claro que isso deixara Dadgar ainda mais ansioso em verificar o que havia lá dentro. Keane Taylor resolvera o problema de uma maneira caracteristicamente direta: pegara uma barra de ferro e arrombara o arquivo.

Enquanto isso, Howell deixara o prédio, encontrara-se com Houman e seguira para o Ministério da Justiça.

Isso também fora assustador, pois tinha sido obrigado a abrir caminho através de uma multidão tumultuada em manifestação, diante do Ministério, contra a detenção de presos políticos.

Howell e Houman tinham um encontro marcado com o Dr.

Kian, o superior de Dadgar.

Howell dissera a Kian que a EDS era uma companhia respeitável que nada fizera de errado e estava ansiosa em cooperar em qualquer Investigação, a fim de limpar seu nome, mas queria que seus empregados ficassem fora da prisão.

Kian dissera que pedira a um de seus assistentes que falasse com Dadgar para fazer uma revisão do caso.

Howell achara que isso nada significava.

E dissera a Kian que queria acertar uma redução da fiança.

A conversa fora em farsi, com Houman servindo de intérprete.

Houman esclarecera que Kian não se opunha inflexivelmente a uma redução da fiança. Na opinião de Houman, podiam esperar que fosse reduzida à metade.

Kian dera a Howell uma autorização para visitar Paul e Bill na prisão.

O encontro fora praticamente inútil, pensara Howell depois, mas pelo menos Kian não o prendera.

Ao voltar ao Bucareste, ele descobrira que Dadgar também não prendera mais ninguém.

Seu instinto de advogado lhe dizia para não se encontrar com Dadgar. Mas agora esse instinto lutava com outra faceta de sua personalidade: a impaciência. Houvera ocasiões em que Howell se cansara de pesquisas, preparos, planejamento... ocasiões em que desejara agir num problema, ao invés de ficar pensando a respeito.

Gostava de tomar a iniciativa, ver a oposição reagindo a seus movimentos, em contrário. Essa inclinação foi reforçada pela presença em Teerã de Ross Perot, sempre o primeiro a levantar pela manhã, perguntando às pessoas o que haviam conseguido no dia anterior e quais as tarefas que tencionavam realizar hoje, sempre em cima de todo mundo. Assim, a impaciência acabou levando a melhor sobre a cautela e Howell decidiu ter uma confrontação com Dadgar.

Era por isso que estava assustado.

E se ele estava assustado, a mulher estava ainda mais.

Angela Howell quase não vira o marido nos dois últimos meses.

Ele passara a maior parte dos meses de novembro e dezembro em Teerã, tentando convencer o Ministério da Saúde a pagar a conta da EDS. Desde que voltara aos Estados Unidos que ele ficava até tarde na sede da EDS, às vezes até dormindo lá, trabalhando no problema de Paul e Bill, quando não estava correndo a Nova York para se encontrar com advogados iranianos. No dia 31 de dezembro, Howell chegara em casa para o café da manhã, depois de trabalhar a noite inteira na EDS, para se encontrar com Angela e o bebê Michael, de nove meses, todo agasalhado diante do fogo de lenha, numa casa fria e escura, pois a nevasca cortara o fornecimento de energia elétrica. Ele levava os dois para o apartamento da irmã e partira mais uma vez para Nova York.

Angela já não agüentava mais. E quando o marido anunciara que voltaria a Teerã, ela ficara visivelmente contrariada e dissera:

— Você sabe o que está acontecendo por lá? Por que tem de voltar?

O problema era que ele não tinha uma resposta simples para essa pergunta. Não era muito claro o que ia fazer em Teerã. Estava indo trabalhar no problema, mas não sabia como. Se ele pudesse dizer “É isto o que tem de ser feito, é minha responsabilidade e sou o único que pode fazê-lo”, ela poderia compreender.

— John, nós somos uma família. Preciso de sua ajuda para cuidar de tudo isso — dissera Angela, referindo-se à tempestade, ao corte da eletricidade e ao bebê.

— Sinto muito. Apenas faça o melhor que puder. Tentarei estar sempre em contato.

Não constituíam o casal que costumava exprimir seus sentimentos nos gritos. Nas freqüentes ocasiões em que Howell a deixava transtorna da, trabalhando até tarde, enquanto ela ficava sentada sozinha e comia o jantar que preparara para o marido, um pouco de frieza era o máximo que podia se aproximar de uma briga.

Mas aquilo era pior do que perder o jantar: ele estava abandonando-a e ao bebê, justamente no momento em que mais precisavam.

Tiveram uma longa conversa durante a noite. Ao final, ela não se sentira mais feliz, mas pelo menos ficara resignada.

Ele telefonara três vezes desde então, de Londres e Teerã. Ela assistia aos distúrbios pela televisão e se preocupava com ele. Ficaria ainda mais preocupada se soubesse o que estava prestes a acontecer aEora.

Howell afastou as preocupações domésticas para o fundo da mente e foi-se encontrar com Abolhasan.

Abolhasan era o mais antigo empregado iraniano da EDS.

Quando Lloyd Briggs viajara para Nova York, Abolhasan ficara no comando da EDS no Irã. (Rich Gallagher, o único americano que ainda estava lá, não era um administrador.) Mas depois Keane Taylor voltara e assumira o comando global. Abolhasan ficara ressentido, inclusive porque Taylor não era um diplomata. (Bill Gayden, o afável presidente da EDS World, criara uma expressão sarcástica: “A sensibilidade de treinamento dos fuzileiros de Keane.”) Houvera atritos. Mas Howell se dava bem com Abolhasan, que não apenas podia traduzir o farsi para os padrões americanos, mas também explicar os costumes e métodos persas.

Dadgar conhecia o pai de Abolhasan, um eminente advogado. Já se encontrara pessoalmente com o próprio Abolhasan, no interrogatório de Paul e Bill. Assim, naquela manhã, Abolhasan fora designado para elemento de ligação com os investigadores de Dadgar, recebendo instruções para providenciar tudo o que eles pedissem.

Howell disse a Abolhasan:

— Decidi que devo me encontrar com Dadgar. O que você acha?

— É uma boa idéia. — Ele era casado com uma americana e falava inglês com um sotaque americano. — Acho que não haverá qualquer problema.

— Ótimo. Pois vamos até lá.

Abolhasan conduziu Howell à sala de reunião de Paul Chiapparone. Dadgar e seus assistentes estavam sentados em torno da mesa, examinando os documentos financeiros da EDS. Abolhasan pediu a Dadgar que passasse para a sala contígua, de Paul, onde apresentou Howell.

Dadgar apertou-lhe a mão profissionalmente.

Sentaram à mesa no canto da sala. Dadgar não parecia um monstro a Howell, mas apenas um homem de meia-idade, dando a impressão

de cansado, começando a ficar calvo. Howell começou por repetir a Dadgar o que já dissera ao Dr. Kian:

— A EDS é uma companhia respeitável que nada fez de errado.

Estamos dispostos a cooperar plenamente com a sua investigação.

Contudo, não podemos permitir que dois dos nossos executivos mais importantes permaneçam na prisão.

A resposta de Dadgar, traduzida por Abolhasan, surpreendeu-o:

— Se nada fizeram de errado, então por que não pagaram a fiança?

— Não há qualquer ligação entre as duas coisas — disse Howell. — A fiança é uma garantia de que alguém vai comparecer ao julgamento, não uma quantia a ser confiscada se ele for culpado. A fiança é restituída assim que o acusado aparece no tribunal, independente do veredicto.

Enquanto Abolhasan traduzia, Howell ficou imaginando se

“fiança” seria a tradução correta da palavra farsi que Dadgar estava usando para descrever os 12 milhões e 750 mil dólares que pedia. E

nesse momento Howell recordou uma coisa que podia ser significativa. No dia em que Paul e Bill foram presos, ele conversara pelo telefone com Abolhasan, que informara que os 12 milhões e 750

mil dólares eram, segundo Dadgar, o total da quantia que a EDS

recebera até aquele momento do Ministério da Saúde. O argumento de Dadgar fora de que se o contrato tivera uma origem corrupta então a EDS não tinha direito ao dinheiro. (Abolhasan não traduzira esse comentário para Paul e Bill na ocasião.)

Na verdade, a EDS recebera mais de 13 milhões de dólares e por isso o comentário não fazia muito sentido. Howell o ignorara como irrelevante. Talvez tivesse sido um erro. Afinal, era possível que simplesmente a aritmética de Dadgar estivesse errada. Abolhasan estava traduzindo rapidamente o que Dadgar dizia:

— Se os homens são inocentes, então não há motivo para que não devam comparecer ao julgamento. Neste caso, vocês não arriscariam nada pagando a fiança.

— Uma corporação americana não pode fazer isso. — Howell não estava mentindo, mas estava sendo deliberadamente insidioso. —

A EDS é uma companhia pública e pelas leis americanas só pode usar seu dinheiro em benefício dos acionistas. Paul e Bill são indivíduos livres. A companhia não pode garantir que comparecerão ao julgamento. Portanto, não podemos gastar o dinheiro da companhia assim.

Essa era a posição inicial de negociação que Howell formulara antecipadamente. Mas enquanto Abolhasan traduzia, ele pôde perceber que não causava muita impressão em Dadgar.

— As famílias deles terão de pagar a fiança — continuou Howell. — Neste momento, estão levantando dinheiro nos Estados Unidos. Mas 13 milhões de dólares é uma quantia impossível. Se a fiança fosse reduzida para uma quantia mais razoável, elas ainda poderiam dar um jeito de pagar.

Claro que tudo isso não passava de mentira. Ross Perot ia pagar a fiança, se não houvesse outro jeito e se Tom Walter conseguisse encontrar um meio de transferir o dinheiro para o Irã. Mas Dadgar ficou agora surpreso:

— É verdade que vocês não podem obrigar seus homens a comparecerem ao julgamento?

— Claro que é verdade, O que poderíamos fazer? Acorrentá-los para que não sumam? Não somos uma força policial. Mas vocês são e estão mantendo indivíduos na prisão por supostos crimes de uma companhia.

A resposta de Dadgar foi imediata:

— Eles estão na prisão pelo que fizeram pessoalmente.

— E o que eles fizeram?

— Arrancaram dinheiro do Ministério da Saúde através de falsos relatórios de progressos.

— Obviamente, isso não se aplica a Bill Gaylord, porque o Ministério não pagou mais nenhuma das contas apresentadas desde que ele chegou a Teerã. Portanto, de que ele é acusado?

— Ele falsificou relatórios e não admito ser reinquirido, Sr.

Howell.

Howell lembrou-se subitamente de que Dadgar podia mandá-lo para a prisão. Dadgar acrescentou:

— Estou conduzindo uma investigação. Quando estiver concluída, soltarei os seus clientes ou os processarei.

Howell disse:

— Estamos dispostos a cooperar com sua investigação.

Enquanto isso, o que podemos fazer para obter a libertação de Paul e Bill?

— Paguem a fiança.

— E se eles forem soltos com o pagamento da fiança, terão permissão para deixar o Irã?

— Não.

2

Jay Coburn passou pelas portas corrediças de vidro, entrando no saguão do Sheraton. À direita ficava o balcão de recepção, à esquerda as lojas do hotel. No centro do saguão havia um sofá.

Seguindo as instruções, ele comprou um exemplar da revista Newsweek na banca de jornais. Sentou-se no sofá, de frente para a entrada, a fim de poder observar quem aparecesse. E fingiu que estava lendo a revista.

Sentia-se como um personagem num filme de espionagem.

O plano de resgate permanecia em suspenso, enquanto Majid pesquisava o coronel que estava no comando da prisão. Enquanto isso, Coburn estava realizando um trabalho para Perot.

Tinha um encontro com um homem apelidado de Deep Throat (= *Garganta Profunda*, por causa do personagem furtivo que prestava informações ao repórter Bob Woodward, em *Todos os Homens do Presidente*). Este Deep Throat era um consultor financeiro americano que promovia seminários para executivos estrangeiros sobre a maneira de se fazer negócios com os iranianos. Antes de Paul e Bill serem presos, Lloyd Briggs contratara Deep Throat para ajudar a EDS a fazer o Ministério pagar as contas. Ele advertira a Briggs que a EDS

estava numa situação difícil, mas tudo poderia ser resolvido com dois milhões e meio de dólares. Na ocasião, a EDS desprezara o conselho: era o governo que devia dinheiro à EDS e não o contrário; eram os iranianos quem precisavam resolver o problema.

A prisão dera credibilidade a Deep Throat (como também acontecera com Bunny Fleischaker) e Briggs tornara a procurá-lo.

Deep Throat lhe dissera:

— Eles estão furiosos com vocês agora. Vai ser mais difícil do que nunca, mas verei o que é possível fazer.

Ele telefonara no dia anterior. Dissera que poderia resolver o problema. E exigia um encontro pessoal com Ross Perot.

Taylor, Howell, Young e Gallagher concordaram que de jeito nenhum Perot podia se expor a tal encontro. Estavam horrorizados pelo fato de Deep Throat sequer saber que Perot estava na cidade.

Assim, Perot pedira a Simons para mandar Coburn em seu lugar. E

Simons consentira.

Coburn ligara para Deep Throat e comunicara que estaria representando Perot.

— Nada disso — declarou Deep Throat. — Tem de ser o próprio Perot.

— Então está tudo cancelado.

— Está bem, está bem...

Deep Throat recuara da aparente intransigência e dera instruções a Coburn.

Coburn tinha de ir a uma determinada cabine telefônica na área de Vanak, não muito longe da casa de Keane Taylor, às oito horas da noite.

Exatamente às oito horas o telefone na cabine tocara. Deep Throat dissera a Coburn para ir ao Sheraton, que ficava próximo, e se sentara no saguão, lendo Newsweek. Iriam se encontrar ali e se identificariam por um código. Deep Throat diria:

— Sabe onde fica a Avenida Pahlavi?

Ficava a um quarteirão de distância, mas Coburn deveria responder:

— Não, não sei. Sou novo na cidade.

Era por isso que ele se sentia como um espião num filme.

A conselho de Simons, ele estava usando seu casaco volumoso e comprido, o que Taylor chamara de casaco do Homem Michelin. O

objetivo era descobrir se Deep Throat iria revistá-lo. Se não, ele poderia, em quaisquer reuniões futuras, usar um gravador debaixo do casaco para gravar as conversas.

Ele folheou as páginas de Newsweek.

— Sabe onde fica a Avenida Pahlavi?

Coburn levantou os olhos para deparar com um homem mais ou menos da sua altura e peso, com 40 e poucos anos, cabelos escuros lisos e óculos.

— Não, não sei. Sou novo na cidade.

Deep Throat olhou ao redor nervosamente.

— Vamos embora — disse ele. — Por ali.

Coburn levantou-se e seguiu-o para os fundos do hotel. Pararam num corredor escuro.

— Terei de revistá-lo — disse Deep Throat. Coburn levantou os braços.

— De que tem medo?

Deep Throat soltou uma risada desdenhosa.

— Não se pode confiar em ninguém. Não há mais regras nesta cidade.

Ele terminou a revista.

— Vamos voltar ao saguão agora?

— Não. Eu posso estar sendo vigiado e não quero me arriscar a ser visto com você.

— Muito bem. O que está oferecendo?

Deep Throat repetiu a risada desdenhosa.

— Vocês estão numa encrenca. Já fizeram besteira uma vez, recusando-se a dar ouvidos às pessoas que conhecem este país.

— Como assim?

— Pensam que isto aqui é o Texas. Acontece que não é.

— Mas como fizemos uma besteira?

— Poderiam ter resolvido tudo por dois milhões e meio de dólares. Agora custará seis milhões.

— Qual é o negócio?

— Espere um instante. Vocês me deixaram na mão na última vez. Esta será a última oportunidade de vocês. Desta vez não poderão recuar no último momento.

Coburn estava começando a sentir antipatia por Deep Throat. O

homem era esperto. Do tipo espertinho. Toda a sua atitude dizia vocês são uns idiotas, eu sei muito mais, é difícil descer até o nível de vocês.

— Para quem vamos pagar o dinheiro? — indagou Coburn.

— Depositarão numa conta numerada na Suíça.

— E como saberemos que vamos receber aquilo por que vamos pagar?

Deep Throat riu.

— Do jeito como as coisas funcionam neste país, não precisarão entrar com o dinheiro até as mercadorias serem entregues. É como fazemos as coisas por aqui.

— Muito bem. Qual é o acordo?

— Lloyd Briggs se encontra comigo na Suíça, abrimos uma conta condicional e assinamos um contrato, que fica guardado no banco. O dinheiro será liberado quando Chiapparone e Gaylord saírem da prisão... o que será imediatamente, se me deixarem cuidar de tudo.

— Quem recebe o dinheiro?

Deep Throat limitou-se a sacudir a cabeça, desdenhosamente.

— Como podemos saber que você pode conseguir o que está prometendo?

— Estou apenas transmitindo informações de pessoas ligadas a quem está lhes causando o problema.

— Está se referindo a Dadgar?

— Vocês nunca aprendem, não é mesmo?

Além de descobrir qual era a proposta de Deep Throat, Coburn tinha de fazer uma avaliação pessoal do homem. Pois ele fez agora: Deep Throat era cheio de merda.

— Está certo — disse Coburn. — Manteremos o contato.

Keane Taylor despejou um pouco de rum num copo grande, acrescentou gelo e completou com Coca-Cola. Era o seu drinque habitual.

Taylor era um homem grande, em torno de 1,85m de altura, pesando mais de 90 quilos, o peito estufado. Jogara futebol americano no time dos fuzileiros. Era exigente com as roupas, preferindo ternos com coletes. Usava óculos de aros de ouro. Tinha 39 anos e estava perdendo os cabelos.

O jovem Taylor fora um turbulento, deixara o colégio, fora surrado pelo sargento dos fuzileiros por ofensas... e ainda não gostava de uma supervisão muito estreita. Preferia trabalhar na World, a subsidiária da EDS, porque ficava longe da matriz.

Mas estava agora sob uma supervisão estreita. Depois de quatro dias em Teerã, Ross Perot estava furioso.

Taylor temia as sessões noturnas de informações com o patrão.

Depois que ele e Howell passavam o dia correndo pela cidade, enfrentando o tráfego, as manifestações e a intransigência das autoridades iranianas, eles ainda tinham de explicar a Perot por que não haviam conseguido exatamente nada.

Para agravar a situação, Perot ficava confinado ao hotel durante a maior parte do tempo. Ele saía apenas duas vezes: a primeira para ir à embaixada dos Estados Unidos e a segunda para visitar a sede da missão militar americana. Taylor providenciara para que ninguém oferecesse a Perot as chaves de um carro ou alguma moeda local, a fim de desestimular qualquer impulso que ele pudesse ter de dar uma volta pela cidade. Mas o resultado era que Perot estava como

um urso enjaulado e ser interrogado por ele era como estar na jaula com o urso.

Pelo menos Taylor não tinha mais que fingir que nada sabia do grupo de resgate. Coburn o levava a um encontro com Simons e conversaram durante três horas — ou melhor, Taylor falava, com Simons se limitando a fazer perguntas. Sentaram-se na sala de estar da casa de Taylor, com Simons jogando cinza no tapete. Taylor dissera que o Irã era como um animal com a cabeça cortada: a cabeça, os ministros e outras autoridades, ainda estavam tentando dar ordens, mas o corpo, o povo iraniano, estava agindo por conta própria. Por isso, a pressão política não libertaria Paul e Bill. Eles só poderiam deixar a prisão pelo pagamento da fiança ou pela operação de resgate.

Por três horas, Simons nunca alterara o tom de voz, nunca oferecera uma opinião, nunca sequer safra de sua cadeira.

Mas o gelo de Simons era mais fácil de lidar que o fogo de Perot. Todas as manhãs, Perot batia na porta, enquanto Taylor fazia a barba. Taylor levantava um pouco mais cedo a cada dia, a fim de estar pronto para o momento em que Perot aparecesse. Mas Perot também se levantava mais cedo a cada dia, até que Taylor começou a fantasiar que o patrão passava a noite inteira escutando no outro lado da porta, esperando o momento em que ele começasse a fazer a barba. Perot estava sempre cheio de idéias que lhe haviam ocorrido durante a noite: novos argumentos para demonstrar a inocência de Paul e Bill, novos planos para persuadir os iranianos a libertá-los. Taylor e John Howell, o alto e o baixo, como Batman e Robin, partiam no Batmóvel para o Ministério da Justiça ou para o Ministério da Saúde, onde as autoridades demoliam em poucos segundos as idéias de Perot. Perot ainda estava usando um enfoque tipicamente americano, legalista, racional. Na opinião de Taylor, ele ainda não compreendera que os iranianos não estavam jogando por essas regras.

Isso não era tudo o que Taylor pensava. Sua mulher, Mary, e os filhos, Mike e Dawn, estavam na casa dos pais dele, em Pittsburgh. A mãe e o pai de Taylor já tinham passado dos 80 anos, ambos tinham uma saúde precária. A mãe tinha um problema cardíaco. Mary tinha de enfrentar tudo sozinha. Ela não se queixara, mas Taylor podia perceber, quando falavam ao telefone, que a mulher não estava feliz.

Taylor suspirou. Não podia lidar com todos os problemas do mundo ao mesmo tempo. Ele terminou de preparar o drinque e depois, levando o copo, encaminhou-se para a suíte de Perot, a caminho do banho de sangue noturno.

Perot andava de um lado para outro da sala da suíte, esperando que a equipe de negociação aparecesse. Não estava fazendo nada de útil em Teerã e sabia disso.

Tivera uma recepção fria na embaixada americana. Fora conduzido ao gabinete de Charles Naas, o segundo homem da embaixada. Naas mostrara-se polido, mas oferecera a Perot a mesma história, de que a EDS deveria atuar através do sistema judiciário, na tentativa de obter a libertação de Paul e Bill. Perot insistira em falar com o embaixador. Viajara por metade do mundo para se encontrar com Sullivan e não ia embora sem consegui-lo. Sullivan acabara aparecendo, apertara a mão de Perot e lhe dissera que fora uma insensatez ter vindo ao Irã. Era evidente que Perot era um problema e Sullivan não estava querendo mais problemas. Ele conversara um pouco, mas não sentara, retirando-se assim que pudera. Perot não estava acostumado a tal tratamento. Afinal, ele era um americano importante e em circunstâncias normais um diplomata como Sullivan seria pelo menos cortês, se não mesmo deferente.

Perot também se encontrara com Lou Goelz, que parecia sinceramente preocupado com Paul e Bill, mas não oferecera qualquer ajuda concreta.

Fora do escritório de Naas, ele deparara com um grupo de adidos militares, que o haviam reconhecido. Desde a campanha dos prisioneiros de guerra que Perot sempre pudera contar com uma recepção calorosa dos militares americanos. Ele sentara-se com os adidos e lhes expusera o seu problema. Eles disseram francamente que não podiam ajudar.

— Esqueça o que tem lido nos jornais, esqueça o que o Departamento de Estado está declarando publicamente — dissera um deles. — Não temos qualquer poder aqui, não temos qualquer controle. Está desperdiçando seu tempo ao vir à embaixada dos Estados Unidos.

Perot também desperdiçara seu tempo na missão militar americana. O chefe de Cathy Gallagher, Coronel Keith Barlow, comandante do Comando Ativo de Apoio dos Estados Unidos no Irã, mandara um carro à prova de balas ao Hyatt. Perot embarcara, junto com Rich Gallagher. O motorista era iraniano. Perot se perguntara de que lado ele estaria.

Encontraram-se com o General Phillip Gast, da força aérea, chefe do Grupo de Assistência Militar no Irã, e com o General

“Dutch” (= Holandês) Huyser. Perot conhecia Huyser ligeiramente e lembrava-se dele como um homem firme e dinâmico. Agora, porém, ele parecia esgotado. Perot soubera pelos jornais que Huyser era o emissário do Presidente Carter incumbido de persuadir os militares iranianos a apoiarem o condenado governo de Bakhtiar; Perot calculara que Huyser não estava sendo capaz de engolir a missão.

Huyser dissera francamente que gostaria de ajudar Paul e Bill, mas naquele momento não tinha qualquer influência com os iranianos, já que não dispunha de nada para trocar. Mesmo que eles saíssem da prisão, dissera Huyser, continuariam a correr perigo. Perot informara que cuidaria desse problema: Bull Simons estava em Teerã para tomar conta de Paul e Bill, assim que eles fossem libertados. Huyser

desatara a rir. Um momento depois, Gast percebera qual era a graça. Ambos sabiam quem era Simons e que ele estaria planejando algo mais que um serviço de baby-sitter.

Gast oferecera abastecer Simons de combustível, mas isso fora tudo. Palavras calorosas dos militares, palavras frias da embaixada, pouca ou nenhuma ajuda concreta de qualquer dos lados. E nada além de desculpas de Howell e Taylor.

Sentar o dia inteiro num quarto de hotel estava levando Perot à loucura. Cathy Gallagher lhe pedira naquele dia para tomar conta de seu *poodle*, Buffy. Ela dera a entender que era uma honra, uma medida de sua estima por Perot. Ele ficara tão surpreso que concordara. Sentado, a olhar para o animal, ele compreendera que ali estava uma ocupação muito engraçada para o líder de uma grande corporação internacional e se perguntara como se deixara convencer a aceitar. Não sentira qualquer simpatia por Keane Taylor, que achara a situação muito engraçada. Depois de algumas horas, Cathy voltara do cabeleireiro, ou onde quer que fora, pegando o cachorro. Mas o ânimo de Perot permanecera sombrio.

Houve uma batida na porta da suíte e no instante seguinte Taylor entrou na sala, carregando o seu drinque habitual. Foi seguido por John Howell, Rich Gallagher e Bob Young. Todos se sentaram. Perot perguntou:

— Garantiram a eles que apresentaremos Paul e Bill para interrogatório, em qualquer lugar dos Estados Unidos ou da Europa, num prazo de trinta dias depois de avisados, a qualquer momento ao longo dos próximos dois anos?

— Eles não estão interessados nessa idéia — respondeu Howell.

— Como assim?

— Estou apenas repetindo o que eles disseram.

— Mas se é uma investigação, e não uma tentativa de chantagem, tudo o que eles precisam é ter certeza de que Paul e Bill estarão disponíveis para serem interrogados.

— Eles já têm certeza. Acho que não têm motivos para fazer qualquer mudança.

Perot sentou. Era de deixar qualquer um louco. Parecia não haver qualquer meio de argumentar com os iranianos, nenhuma possibilidade de atingi-los.

— Sugeriram que eles libertassem Paul e Bill sob a custódia da embaixada dos Estados Unidos?

— Eles também rejeitaram essa proposta.

— Por quê?

— Não disseram.

— Você perguntou?

— Ross, eles não precisam dar seus motivos. Estão no comando total aqui e sabem disso.

— Mas eles são responsáveis pela segurança de seus prisioneiros.

— É uma responsabilidade que não parece preocupá-los muito.

Taylor interveio:

— Eles não estão jogando pelas nossas regras, Ross. Meter dois homens na cadeia não tem nada demais para eles. A segurança de Paul e Bill não é muito importante.

— Então quais são as regras pelas quais eles estão jogando?

Podem me dizer?

Houve uma batida na porta e Coburn entrou, usando o casaco volumoso e o gorro preto de tricô. Perot se animou: talvez Coburn trouxesse boas notícias.

— Encontrou-se com Deep Throat?

— Sim — disse Coburn, tirando o casaco.

— Muito bem, conte a história.

— Ele diz que pode tirar Paul e Bill da prisão por seis milhões de dólares. O dinheiro seria pago numa conta numerada na Suíça, a ser liberada assim que Paul e Bill deixarem o Irã.

— Não é tão ruim assim — disse Perot. — Damos um jeito de nos safar com 50 cents por dólar. Pela lei dos Estados Unidos, seria até legal... é um resgate. Que espécie de cara é Deep Throat?

— Não confio no filho da puta — disse Coburn.

— Por quê?

Coburn deu de ombros:

— Não sei, Ross... Ele é astuto, dissimulado... Cheio de merda...

Eu não lhe daria 60 cents para entrar numa loja e me comprar um maço de cigarros. É essa a impressão que tive do cara.

— Mas o que estava esperando? — disse Perot. — Isto é suborno... e pilares da comunidade não se envolvem em coisas assim.

— Disse tudo agora — interveio Howell. — É suborno. — Sua voz incisiva e gutural estava excepcionalmente veemente quando acrescentou: — Não estou gostando nada da situação.

— Também não gosto — disse Perot, — Mas vocês todos estão insistindo que os iranianos não têm jogado por nossas regras.

— Tem razão — respondeu Howell. — Mas a palha a que venho me segurando desde o início é que não fizemos nada de errado... e algum dia, de alguma forma, em algum lugar, alguém vai reconhecer isso e tudo ficará resolvido. Eu detestaria ter de renunciar a essa palha.

— A sua posição não nos levou muito longe.

— Estou convencido de que teremos sucesso, com tempo e paciência, Ross. Mas se nos envolvermos num suborno, não teremos mais como nos defender.

Perot virou-se para Coburn.

— Como podemos saber que Deep Throat tem um acordo com Dadgar?

— Não sabemos — respondeu Coburn. — O argumento dele é que só pagaremos depois que obtivermos resultados. Sendo assim, o que teríamos a perder?

— Tudo — interveio Howell. — Independente do que é legal nos Estados Unidos, isso pode selar o nosso destino no Irã.

Taylor disse:

— Cheira mal. Toda a coisa cheira mal.

Perot ficou surpreso com a reação deles. Também detestava a idéia de suborno, mas estava disposto a fazer uma concessão a seus princípios, a fim de arrancar Paul e Bill da prisão. A reputação da EDS era muito preciosa para ele. Tinha tanta aversão a associar a companhia com corrupção quanto John Howell. Mas Perot sabia de uma coisa que Howell ignorava: que o Coronel Simons e a equipe de resgate enfrentariam riscos muito maiores.

— Nossa reputação não tem ajudado Paul e Bill até agora —

comentou Perot.

— Não é apenas a nossa reputação — insistiu Howell. — A esta altura, Dadgar deve estar absolutamente convencido de que não somos culpados de corrupção... mas se ele nos pegar numa situação de suborno, ainda poderá salvar sua posição.

Era um argumento, pensou Perot.

— Acha que pode ser uma armadilha?

— Acho.

Fazia sentido. Incapaz de obter qualquer prova contra Paul e Bill, Dadgar simula para Deep Throat que pode ser subornado.

Depois, quando Perot caísse na armadilha, anunciaria ao mundo que, no final das contas, a EDS é mesmo corrupta. E todos iriam fazer companhia a Paul e Bill na prisão. E lá teriam de ficar, por serem culpados.

— Está bem — disse Perot, relutantemente. — Ligue para Deep Throat e diga que não, obrigado.

Coburn levantou-se.

— Está bem.

Fora outro dia infrutífero, pensou Perot. Os iranianos o imobilizavam por completo. Ignoravam a pressão política. O suborno podia agravar a situação. E, se a EDS pagasse a fiança, Paul e Bill ainda continuariam no Irã.

A intervenção de Simons ainda parecia ser a melhor possibilidade. Mas ele não iria dizer isso à equipe de negociações.

— Muito bem — disse Perot. — Vamos tentar de novo amanhã.

3

O alto Keane Taylor e o baixo John Howell, como Batman e Robin, tentaram novamente a 17 de janeiro. Foram ao prédio do Ministério da Saúde, na Avenida Eisenhower, levando Abolhasan como intérprete, encontraram-se com Dadgar às 10 horas. Havia dirigentes da Organização de Previdência Social junto com Dadgar.

Era o departamento do ministério controlado pelos computadores da EDS.

Howell resolvera abandonar a sua posição de negociação inicial, de que a EDS não podia pagar a fiança por causa das leis americanas.

Era igualmente inútil exigir que o informassem das acusações a Paul e Bill e quais as provas. Dadgar podia esquivar-se a isso, alegando que ainda estava investigando. Mas Howell não tinha uma nova estratégia para substituir a antiga. Estava jogando pôquer sem cartas na mão.

Talvez Dadgar lhe desse algumas hoje.

Dadgar começou explicando que o pessoal da Organização de Previdência Social queria que a EDS lhe entregasse tudo o que sabia sobre o 125 Data Centre.

Howell recordou que esse pequeno computador controlava a folha de pagamento e as pensões para o pessoal da Organização de Previdência Social. O que aquelas pessoas queriam era receber seus próprios salários, embora os iranianos em geral não estivessem recebendo os benefícios da previdência. Keane Taylor disse:

— Não é tão simples assim. Seria uma operação bastante complexa, exigindo técnicos especializados. Mas todos já se encontram nos Estados Unidos.

Dadgar respondeu:

— Então devem trazê-los de volta.

— Não somos tão estúpidos assim — disse Taylor.

A sensibilidade de. treinamento de fuzileiro de Taylor está se manifestando, pensou Howell.

— Se ele continuar a falar assim — disse Dadgar — vai também para a cadeia.

— Como os meus técnicos também iriam, se eu os trouxesse de volta ao Irã — disse Taylor.

Howell interveio:

— Poderia fornecer uma garantia legal de que os técnicos de volta não seriam presos nem incomodados por qualquer forma?

— Não posso dar qualquer garantia legal — respondeu Dadgar.

— Mas posso dar minha palavra de honra pessoal.

Howell lançou um olhar preocupado para Taylor. Taylor não disse nada, mas sua expressão indicava que não daria dois cents pela palavra de honra de Dadgar.

— Vamos verificar o melhor meio de providenciar a transferência — disse Howell, pensando que Dadgar finalmente lhe dera alguma coisa para negociar, embora não fosse muito. — Claro que teria de haver salvaguardas. Por exemplo, vocês teriam de certificar que os equipamentos foram entregues em boas condições...

mas talvez possamos contratar especialistas independentes para isso.

Howell estava boxeando com a sombra. Se o centro de dados fosse transferido, haveria um preço: a libertação de Paul e Bill. Mas Dadgar acabou com essa perspectiva na frase seguinte:

— A cada dia estão sendo apresentadas novas queixas contra a sua companhia a meus investigadores. Essas queixas podem até justificar o aumento da fiança. Contudo, se vocês cooperarem na transferência técnica, posso em troca ignorar as novas queixas e me abster de aumentar a fiança.

— Mas isso não passa de chantagem! — explodiu Taylor.

Howell compreendeu que aquele problema era apenas secundário. Dadgar só levantara a questão sob a insistência daqueles homens, mas não se interessava o bastante para fazer maiores concessões. Com que então ele se importava?

Howell pensou em Lúcio Randone, o antigo companheiro de cela de Paul e Bill. A oferta de ajuda de Randone fora aceita pela EDS. Paul Bucha fora à Itália para conversar com a alta direção da companhia de Randone, Condotti d'Acqua. Bucha dissera que a companhia estava construindo prédios de apartamentos em Teerã quando

os

financiadores

iranianos

ficaram

sem

dinheiro.

Naturalmente, a companhia suspendera as obras. Mas muitos iranianos já haviam pago os apartamentos em construção. Tendo em

vista o clima do momento, não fora de surpreender que os estrangeiros arcassem com a culpa. Randone fora preso, como bode expiatório. A companhia encontrara uma nova fonte de financiamento e recomeçara as obras. Randone deixara a prisão na mesma ocasião, num acordo promovido pelo advogado iraniano Ali Azmayesh. Bucha também informara que os italianos haviam declarado:

— Não se esqueçam de que o Irã será sempre o Irã, nunca vai mudar.

Bucha encarara isso como uma insinuação de que o suborno fizera parte do acordo. Howell sabia também que um canal tradicional para o pagamento de suborno eram os honorários de advogado; o advogado fazia um trabalho no valor de 1.000 dólares e pagava 10.000

dólares em suborno, cobrando ao cliente 11.000 dólares. A perspectiva de corrupção deixava Howell nervoso, mas mesmo assim ele fora procurar Azmayesh, que lhe dissera:

— A EDS não tem um problema legal, mas sim um problema de negócios.

Se a EDS chegasse a um acordo financeiro com o Ministério da Saúde, Dadgar se afastaria do caso. Azmayesh não falara em suborno.

Tudo aquilo começara, pensou Howell, como um problema de negócios: o cliente incapaz de pagar, o fornecedor recusando-se a continuar a trabalhar. Seria possível um acordo, pelo qual a EDS

acionaria os computadores e faria uma transferência de dados, enquanto o ministério pagaria algum dinheiro? Ele resolveu perguntar franca mente a Dadgar:

Ajudaria alguma coisa se a EDS estivesse disposta a renegociar seu contrato com o Ministério da Saúde?

— Poderia ser muito útil. Não seria uma solução legal para o nosso problema, mas poderia ser uma solução prática. Caso contrário, seria lamentável desperdiçar todo o trabalho que se realizou para instalar um sistema de computadores no ministério.

Muito interessante, pensou Howell. Eles querem um moderno sistema de previdência social... ou seu dinheiro de volta. Meter Paul e Bill na prisão, fixando uma fiança de 13 milhões de dólares, era a maneira de darem à EDS essas duas opções., e mais nenhuma.

Estamos finalmente conversando francamente. Ele resolveu ser bastante objetivo:

— É claro que seria impossível iniciar as negociações enquanto Chiapparone e Gaylord estiverem na prisão.

Ao que Dadgar respondeu:

— Se começarem as negociações de boa fé, o ministério vai me avisar e as acusações podem ser mudadas e a fiança reduzida. É

possível até que Chiapparone e Gaylord possam ser libertados, sob garantias pessoais.

Nada podia ser mais claro, pensou Howell. A EDS tinha de procurar o Ministro da Saúde.

Desde que o ministério suspendera o pagamento das contas que houvera duas mudanças de governo. O Dr. Sheikholeslamjzaczeh, que estava agora na prisão, fora substituído por um general; e depois, quando Bakhtiar se tornara primeiro-ministro, o general fora substituído por um novo ministro. Quem seria o novo homem?, pensou Howell. E como ele seria?

— Sr. Young, da companhia americana EDS, está ao telefone, ministro — disse a secretária.

O Dr. Razmara respirou fundo.

— Diga a ele que os executivos americanos não podem mais pegar o telefone e ligar para os ministros do governo iraniano esperando falar conosco, como se fôssemos seus empregados. — Ele alteou a voz ao acrescentar: — Esses dias acabaram para sempre!

Depois, ele pediu a pasta da EDS.

Manuchehr Razmara estava em Paris no Natal. Educado na França — era um cardiologista — e casado com uma francesa, considerava a França como sua segunda pátria e falava francês fluentemente. Era também do Conselho Médico Nacional Iraniano e amigo de Shahpour Bakhtiar. Quando Bakhtiar se tornara primeiro-ministro ligara para seu amigo Razmara, em Paris, e o convidara a voltar ao Irã para ser Ministro da Saúde.

A pasta da EDS lhe foi entregue pelo Dr. Emrani, o vice-ministro encarregado da previdência social. Emrani sobrevivera a duas mudanças de governo; já estava ali quando o problema começara.

Razmara leu os relatórios com uma raiva crescente. O projeto da EDS era absurdo. O preço do contrato básico fora de 48 milhões de dólares, com fatores que podiam elevá-lo até 90 milhões. Razmara recordou que o Irã dispunha de 12.000 médicos em atividade para atender a uma população de 32 milhões de habitantes e que havia 64.000 aldeias sem água encanada. Ele concluiu que os homens que haviam assinado o contrato com a EDS eram idiotas ou traidores. Ou talvez as duas coisas. Como poderiam justificar gastar milhões em computadores quando o povo carecia das necessidades básicas de saúde pública, como água potável? Só podia haver uma explicação: eles haviam sido subornados.

Pois pagariam por isso. Emrani preparara aquele dossiê para o tribunal especial que julgava os servidores civis corruptos. Três pessoas já estavam presas: o ex-ministro, Dr. Sheikholeslamjzajeh, e dois de seus vice-ministros, Reza Neghabat e Nili Arame. Era assim que tinha de ser. A culpa pela situação difícil em que o país se encontrava cabia primariamente aos próprios iranianos. Mas os americanos também eram culpados. Empresários americanos e seu governo haviam encorajado o Xá a se lançar em projetos absurdos, ficando com os lucros. Agora, eles deviam também pagar por isso.

Além do mais, segundo o dossiê, a EDS fora excepcionalmente incompetente: os computadores ainda não estavam funcionando, depois de dois anos e meio. Por outro lado, o projeto de automação perturbara de tal forma o departamento de Emrani que os sistemas antiquados também não estavam mais funcionando. O resultado era que Emrani não podia controlar as despesas de seu departamento. O

dossiê dizia que essa era a causa principal do excesso de gastos do ministério.

Razmara verificou que a embaixada americana estava protestando contra a prisão dos dois americanos, Chiapparone e Gaylord, porque não havia provas contra eles. Isso era típico dos americanos. Claro que não havia provas: subornos não eram pagos com cheque. A embaixada estava também preocupada com a segurança dos dois prisioneiros. Razmara achou que isso era irônico.

Ele estava preocupado com a sua própria segurança. Cada dia, ao seguir para o escritório, ficava imaginando se voltaria vivo para casa.

Ele fechou a pasta. Não sentia qualquer simpatia pela EDS ou seus dois executivos encarcerados. Mesmo que quisesse que os dois fossem libertados, nada poderia fazer, pensou ele. O ânimo antiamericano do povo estava alcançando um nível frenético e incontrolável. O governo de que Razmara era parte, o regime de Bakhtiar, fora instalado pelo Xá e por isso era considerado por

muitos como pró-americano. Com o país t tumulto, qualquer ministro que se preocupasse com o bem-estar de dois lacaios gananciosos do capitalismo americano seria despedido, se não mesmo linchado... e com toda razão. Razmara concentrou sua atenção em questões mais importantes. No dia seguinte, a secretária anunciou:

— O Sr. Young, da companhia americana EDS, está aqui, pedindo uma reunião.

A arrogância dos americanos era irritante. Razmara disse:

— Repita a ele o recado que dei ontem... e depois lhe dê cinco minutos para se retirar deste prédio.

4

Para Bill, o maior problema era o tempo.

Ele era diferente de Paul. Para Paul, irrequieto, agressivo, determinado, ambicioso, o pior de estar na prisão era a impotência.

Bill era mais plácido por natureza: aceitava que nada havia para fazer além de rezar e por isso rezava. (Não ostentava sua religião: rezava tarde da noite, antes de dormir, ou de manhã bem cedo, antes dos outros se levantarem.) O que angustiava Bill era a terrível lentidão com que o tempo passava. Um dia no mundo real — um dia a resolver problemas, tomar decisões, dar telefonemas, comparecer a reuniões —

não representava tempo nenhum. Mas um dia na prisão era interminável. Bill imaginou uma fórmula para conversão de tempo real em tempo de prisão.

Tempo Real

Tempo de Prisão

1 segundo

1 minuto

1 minuto

1 hora

1 hora

1 semana

1 semana

1 mês

1 mês

1 ano

O tempo assumiu essa nova dimensão para Bill depois de duas ou três semanas na prisão, quando compreendeu que não haveria uma solução rápida para o problema. Ao contrário de um criminoso sentenciado, ele não fora condenado a 90 dias ou cinco anos. Assim, não podia encontrar qualquer conforto em riscar um calendário na parede, como uma contagem regressiva para a liberdade. Não fazia diferença quantos dias transcorriam: seu tempo restante na prisão era indefinido e por isso mesmo interminável.

Seus companheiros de cela persas não pareciam se sentir assim.

Era um contraste cultural revelador: os americanos, condicionados a obter resultados rápidos, estavam torturados pelo suspense: os iranianos sentiam-se contentes em esperar por *fardah*, o amanhã, a semana seguinte, algum dia — o mesmo comportamento que eles exibiam nos negócios.

Não obstante, à medida que o poder do Xá enfraquecia, Bill tinha a impressão de ver sinais de desespero em alguns. Passou a desconfiar deles. Tomou a precaução de não informar a eles quais os homens de Dallas que estavam em Teerã ou os progressos que estavam sendo feitos nas negociações para a sua libertação. Tinha medo de que, em desespero, eles tentassem negociar as formações com os guardas.

Estava-se tornando um prisioneiro bem ajustado. Aprendera a ignorar a sujeira e os insetos, acostumara-se ao frio, à comida repulsiva. Aprendera a viver dentro de fronteiras pessoais com limites reduzidos e claramente definidos, o “espaço” dos prisioneiros.
E

permanecia ativo.

Encontrava meios de preencher os dias intermináveis. Lia livros, ensinava xadrez a Paul, fazia exercícios no salão, conversava com iranianos para saber de tudo o que fora dito nos noticiários de rádio e televisão. E rezava. Fez um levantamento meticulosamente detalhado da prisão, medindo as celas e corredores, fazendo plantas. Mantinha um diário, registrando todos os acontecimentos triviais da vida na prisão, além de tudo o que os visitantes lhe diziam e mais as notícias.

Usava iniciais ao invés de nomes e às vezes inventava acidentes ou versões alteradas de incidentes reais, a fim de confundir as autoridades, se por acaso confiscassem e lessem o diário.

Como os prisioneiros em toda parte, ele aguardava ansiosamente os visitantes, como uma criança à espera do Natal. O pessoal da EDS

trazia uma comida decente, roupas de lã, livros novos e cartas de casa.

Keane Taylor trouxe um dia uma fotografia do filho de seis anos de Bill!, Christopher, de pé na frente da árvore de Natal. Ver aquele garotinho mesmo numa fotografia, deu forças a Bill. Era uma lembrança vigorosa daquilo por que devia esperar, renovando a sua determinação de resistir e não se entregar ao desespero.

Bill escrevia cartas para Emily e as entregava a Keane, que as lia pelo telefone para ela. Bill conhecia Keane há 10 anos e eram bastante íntimos. Tinham morado juntos depois da evacuação. Bill sabia que Keane não era tão insensível quanto dizia a sua reputação — metade era encenação — mas ainda assim era embaraçoso escrever “eu a amo”, lembrando-se que Keane lia as palavras. Bill acabou superando o constrangimento porque queria desesperadamente dizer a Emily e às crianças que as amava muito, pois sempre havia a possibilidade de que nunca mais pudesse dizê-lo

pessoalmente. As cartas eram iguais às que os pilotos escreviam na véspera de uma missão perigosa.

O presente mais importante que os visitantes podiam trazer eram notícias. As reuniões rápidas demais no prédio baixo, no outro lado do pátio, eram consumidas a discutir os vários esforços que estavam sendo efetuados para libertar Paul e Bill. Este tinha a impressão de que o tempo era o fator principal. Mais cedo ou mais tarde, um esforço ou outro haveria de dar certo. Infelizmente, enquanto o tempo passava, o Irã se encaminhava cada vez mais depressa para o abismo.

As forças da revolução estavam ganhando impulso. A EDS

conseguiria arrancar Paul e Bill da prisão antes que todo o país explodisse?

Era cada vez mais perigoso para o pessoal da EDS ir à zona sul de Teerã, onde estava localizada a prisão. Paul e Bill nunca sabiam quando ocorreria a próxima visita ou mesmo se haveria uma próxima visita. Quando quatro dias se passaram, depois cinco, sem que ninguém aparecesse, Bill imaginou que os outros haviam retomado aos Estados Unidos, deixando-o e a Paul no Irã. Levando-se em consideração que a fiança era excepcionalmente alta e as ruas de Teerã excepcionalmente perigosas, será que os outros haviam chegado à conclusão de que Paul e Bill constituíam um caso perdido, renunciando a toda e qualquer esperança de salvá-los? Talvez eles fossem forçados a partir, a contra-gosto, a fim de salvar as próprias vidas. Bill recordou a retirada americana do Vietnam, com os últimos funcionários da embaixada sendo removidos de helicóptero dos telhados. Ele podia imaginar a cena se repetindo na embaixada americana em Teerã.

Ele era ocasionalmente tranqüilizado pela visita de um funcionário da embaixada. Eles também estavam assumindo um risco ao comparecerem, mas nunca traziam notícias de providências

concretas do governo para ajudar Paul e Bill. Assim, Bill acabou concluindo que o Departamento de Estado era inepto.

As visitas do Dr. Houman, o advogado iraniano deles, foram a princípio altamente encorajadoras. Mas, depois, Bill compreendeu que, à maneira tipicamente iraniana, Houman estava prometendo muito e produzindo pouco. O fracasso da reunião com Dadgar fora altamente depressivo. Era assustador constatar a facilidade com que Dadgar contornava todas as manobras de Houman e como estava determinado a manter Paul e Bull na prisão. Naquela noite, Bill não dormira.

Quando pensava na fiança, ele achava a quantia assombrosa.

Ninguém jamais pagara um resgate tão alto, em qualquer lugar do mundo. Ele recordou histórias de empresários americanos seqüestrados na América do Sul por resgates de um ou dois milhões de dólares. (Eles eram geralmente assassinados.) Outros seqüestros, de milionários, políticos e celebridades, envolviam resgates de três ou quatro milhões de dólares... nunca de 13 milhões. Ninguém pagaria tanto dinheiro por Paul e Bill.

Além do mais, nem mesmo esse dinheiro lhes daria o direito de deixar o país. Provavelmente seriam mantidos sob prisão domiciliar no Irã — enquanto as turbas assumiam o poder. A fiança parecia, às vezes, mais como uma armadilha do que como um meio de fuga. Era um ardil.

Toda a experiência era uma lição de valores. Bill aprendeu que ia passar sem uma boa casa, seus carros, boa comida, roupas limpas.

Não era tão terrível estar vivendo numa cela suja, com insetos andando pelas paredes. Fora despojado de tudo o que tivera na vida e descobrira que a única coisa com que se importava era a sua família.

Quando se chegava ao fundo, isso era tudo o que realmente contava: Emily, Vicki, Jackie, Jenny e Chris.

A visita de Coburn deixara-o um pouco animado. Vendo Jay naquele casaco imenso, de gorro de lã, barba vermelha, Bill adivinhara que ele não estava em Teerã para operar pelos canais legais. Coburn passara a maior parte da visita conversando com Paul.

Se Paul soubera de alguma coisa, não informara a Bill. Mas Bill não se incomodava: descobriria tudo assim que tivesse necessidade de saber.

Mas um dia depois da visita de Coburn houve más notícias. O

Xá deixara o Irã a 16 de janeiro.

O aparelho de televisão no salão da prisão foi ligado, excepcionalmente, de tarde. Paul e Bill, com todos os outros prisioneiros, observaram a pequena cerimônia, no pavilhão imperial no Aeroporto Mehrabad. Lá estavam o Xá, com a mulher, três dos quatro filhos, a sogra e uma multidão de cortesãos. Lá estavam, para se despedirem, o Primeiro-Ministro Shahpour Bakhtiar e uma multidão de generais. Bakhtiar beijou a mão do Xá e a comitiva real encaminhou-se para o avião.

O pessoal do Ministério na prisão estava desolado e sombrio.

Quase todos tinham relações de amizade, de um jeito ou de outro, com a família real ou seu círculo imediato. Agora, seus patronos estavam partindo. O que significava no mínimo que tinham de se resignar a uma longa estada na prisão. Bull sentiu que o Xá levava com ele a última possibilidade de um resultado pró-americano no Irã. Agora, haveria mais caos e confusão, mais perigo para todos os americanos em Teerã... e menos chance de uma rápida libertação de Paul e Bill.

Pouco depois que a televisão mostrou o jato do Xá subindo pelo céu, Bill começou a ouvir um ruído ao fundo, como se fosse uma multidão distante, além dos muros da prisão. O ruído cresceu rapidamente para um pandemônio de gritos e buzinas. A televisão mostrou a fonte do barulho: uma multidão de centenas de milhares de iranianos desfilando pelas ruas, gritando "Shah raft!". O Xá foi embora! Paul comentou que aquilo o fazia lembrar do desfile de Ano-Novo em Filadélfia. Todos os carros avançavam com os faróis acesos e a maioria buzinava continuamente. Muitos motoristas puxavam para a frente os limpadores de pára-brisas, prendiam pedaços de pano e depois os ligavam, fazendo-os balançar de um lado para outro, como braços mecânicos com bandeiras. Jovens exultantes corriam pelas ruas, comemorando. Por toda a cidade, multidões derrubavam e destruíam estátuas do Xá. Bill tentou imaginar o que as multidões fariam em seguida. O que o levou a se perguntar o que os guardas e os outros prisioneiros fariam em seguida. Na liberação histórica da emoção iraniana acumulada, os americanos se tornariam alvos?

Ele e Paul permaneceram na cela pelo resto do dia, tentando passar despercebidos. Ficaram deitados em seus beliches, conversando sem muito empenho. Paul fumou um cigarro atrás do outro. Bill tentava não pensar nas cenas terríveis que assistira pela televisão. Mas o rugido da multidão incontrolável, o grito coletivo do triunfo revolucionário, penetrava pelos muros da prisão e povoava seus ouvidos, como o troar ensurdecido de uma trovoada próxima, um instante antes do relâmpago iluminar o céu.

Dois dias depois, na manhã de 18 de janeiro, um guarda aproximou-se da Cella 5 e disse alguma coisa em farsi a Reza Neghabat, o ex-vice ministro. Neghabat traduziu para Paul e Bill:

— Vocês devem reunir suas coisas. Vão ser transferidos.

— Para onde? — perguntou Paul.

— Para outra prisão.

Bill ficou alarmado. Para que espécie de prisão iriam? Do tipo em que as pessoas eram torturadas e mortas? A EDS seria informada que eles haviam sido transferidos ou os dois simplesmente desapareceriam? Aquele lugar não era maravilhoso, mas era o demônio que eles conheciam. O guarda tornou a falar e Neghabat disse:

— Ele diz para não ficarem preocupados. É para o próprio bem de vocês.

Foi um trabalho de minutos recolherem as escovas de dente, o barbeador comum e as poucas roupas extras. Depois, sentaram e ficaram esperando... por três horas.

Era angustiante. Bill já se acostumara àquela prisão e, apesar de sua paranóia ocasional, confiava basicamente nos companheiros de cela. Temia que a mudança fosse para pior.

Paul pediu a Neghabat que tentasse transmitir a notícia da transferência à EDS, talvez subornando o coronel que era o diretor da prisão.

O pai da cela, o velho que tanto se preocupara com o bem-estar deles, ficou transtornado com a mudança. Ficou olhando tristemente, enquanto Paul recolhia as fotografias de Karen e Ann Marie.

Impulsivamente, Paul deu as fotografias ao velho, que ficou visivelmente comovido e agradeceu profusamente.

Finalmente, foram levados para o pátio e conduzidos a um pequeno ônibus, juntamente com meia dúzia de outros prisioneiros, de partes diferentes da prisão. Bill observou os outros, tentando descobrir o que tinham em comum. Um deles era francês. Seriam todos estrangeiros que estariam sendo levados para uma só prisão, por

causa da própria segurança? Mas outro dos prisioneiros transferidos era o corpulento iraniano que fora o chefe da cela no porão, onde eles haviam passado a primeira noite... um criminoso comum, pelo que Bill podia supor. Quando o ônibus saía do pátio, Bill perguntou ao francês:

— Sabe para onde estamos indo?

— Eu vou ser solto.

O coração de Bill disparou. Era uma notícia maravilhosa. Talvez todos fossem libertados.

Ele concentrou sua atenção nas ruas. Era a primeira vez, em três semanas, em que via o mundo exterior. Todos os prédios do governo, em torno do Ministério da Justiça, estavam danificados. A multidão estivera incontrolável. Havia carros incendiados e janelas espatifadas por toda parte. As ruas estavam repletas de soldados e tanques, mas eles nada faziam, não mantinham a ordem, nem mesmo controlavam o tráfego. Bill teve a impressão de que era apenas uma questão de tempo antes que o fraco governo de Bakhtiar fosse derrubado.

O que teria acontecido com o pessoal da EDS... Taylor, Howell, Young, Gallagher e Coburn? Não haviam aparecido na prisão desde que o Xá fora embora. Teriam sido forçados a fugir, a fim de salvar a própria vida? Bill não podia explicar por quê, mas tinha certeza de que eles ainda se encontravam na cidade, ainda tentavam tirá-los da prisão.

Começou a acalantar a esperança de que aquela transferência de prisão tivesse sido promovida por eles. Talvez o ônibus, ao invés de levar os prisioneiros para outra prisão, se desviasse e os levasse para a base aérea americana. Quanto mais pensava a respeito, mas convencido ficava de que tudo ficara acertado para a libertação deles. Não restava a menor dúvida de que a embaixada americana, depois da partida do Xá, compreendera que Paul e Bill corriam

perigo de vida, conseguindo finalmente resolver o problema, com alguma pressão diplomática. O ônibus era um artifício, uma história de cobertura para tirá-los da prisão do Ministério da Justiça, sem despertar suspeitas de autoridades iranianas hostis como Dadgar.

O ônibus estava seguindo para o norte. Passou por bairros que Bill conhecia. Ele começou a sentir-se mais seguro, à medida que o turbulento sul da cidade se tornava cada vez mais distante.

E a base aérea ficava ao norte.

O ônibus entrou numa praça enorme, dominada por uma gigantesca estrutura, como uma fortaleza. Bill ficou observando a construção, interessado. Os muros tinham cerca de oito metros de altura, pontilha dos com torres de guarda e plataformas de metralhadoras. A praça estava repleta de mulheres iranianas em *chadors*, as tradicionais túnicas pretas, todas fazendo um tremendo barulho. Seria alguma espécie de palácio? Ou uma mesquita? Ou quem sabe uma base militar?

O ônibus aproximou-se da fortaleza e diminuiu a velocidade.

— Oh, não!

Um par de imensos portões de aço surgiu bem à frente. Para horror de Bill, o ônibus foi parar na entrada da fortaleza.

Aquele lugar sinistro era a nova prisão, o novo pesadelo.

Os portões se abriram e o ônibus entrou.

Não estavam indo para a base aérea, a EDS não conseguira chegar a um acordo, a embaixada nada fizera, eles não seriam libertados.

O ônibus tornou a parar. Os portões de aço atrás deles se fecharam e outros dois à frente se abriram. O ônibus passou e foi parar num

pátio cercado por prédios. Um guarda disse alguma coisa em farsi e todos os prisioneiros se levantaram para desembarcar.

Bill sentia-se como uma criança desapontada. A vida é horrível, pensou ele. O que eu fiz para merecer tudo isso? O que eu fiz?

— Não ande tão depressa — disse Simons.

— Estou guiando perigosamente? — indagou Poché.

— Não. Apenas não quero violar as leis.

— Que leis?

— Apenas tome cuidado.

Coburn interveio:

— Chegamos.

Poché parou o carro.

Eles olharam através das cabeças das estranhas mulheres de preto e viram a vasta fortaleza que era a Prisão Gasr.

— Santo Deus! — murmurou Simons, a voz profunda e rouca indicando como estava profundamente impressionado, — Olhem só para aquilo!

Eles ficaram olhando para os muros enormes, os portões de aço, as torres de guarda, os nichos de metralhadora. Simons acrescentou, depois de uma pausa:

— Esse lugar é pior que o Álamo.

Coburn compreendeu que a pequena equipe de resgate não poderia atacar aquele lugar... não sem a ajuda de todo o exército dos Estados Unidos. O resgate que haviam planejado tão cuidadosamente e ensaiado tantas vezes era agora completamente irrelevante. Não haveria modificações ou melhorias no plano, não haveria novos roteiros. Tudo estava agora perdido.

Eles ficaram sentados em silêncio no carro por algum tempo, cada um imerso em seus próprios pensamentos.

— Quem são essas mulheres? — pensou Coburn, em voz alta.

— Elas têm parentes na cadeia — explicou Poché.

Coburn percebeu um estranho ruído.

— Estão ouvindo? Que barulho é esse?

— São as mulheres — disse Poché. — Gemendo.

O Coronel Simons olhou mais uma vez para a fortaleza inexpugnável. Ele era o Capitão Simons na ocasião e os amigos chamavam-no de Art e não de Bull.

Era outubro de 1944. Art Simons, com 26 anos, era comandante da Companhia B, 6º Batalhão de Infantaria Ranger. Os americanos venciam a guerra no Pacífico e estavam prestes a atacar as Ilhas Filipinas. À frente das forças americanas de invasão o 6º Ranger já estava lá, cometendo atos de sabotagem por trás das linhas inimigas.

A Companhia B desembarcara na Ilha Homonhon, no Golfo de Leyte, descobrindo que não havia japoneses ali. Simons hasteara a bandeira americana num coqueiro, diante de 200 dóceis nativos.

Receberam naquele mesmo dia a informação de que a guarnição japonesa na ilha próxima de Suluan estava massacrando a

população civil. Simons solicitara permissão para capturar Suluan. Negaram-lhe permissão. Tornara a pedir poucos dias depois. Fora informado que não havia navios disponíveis para transportar a Companhia B. Simons pedira permissão para usar transporte nativo e desta vez finalmente concordaram.

Simons requisitara três barcos a vela e 11 canoas dos nativos, designando a si mesmo como almirante da esquadra. Partira às duas horas da madrugada com 80 homens. Uma tempestade surgira de repente, sete canoas viraram. A esquadra de Simons voltara à praia com a maioria dos homens nadando.

Tornaram a partir no dia seguinte. E desta vez zarparam à luz do dia. Como os aviões japoneses ainda controlavam o ar, os homens tiraram seus uniformes e esconderam no fundo das embarcações, junto com o equipamento, a fim de parecerem pescadores nativos, O

artifício dera certo e desembarcaram em Suluan sem serem incomodados. Simons efetuara prontamente um reconhecimento da guarnição japonesa.

Fora nessa ocasião que deparara com uma fortaleza inexpugnável.

Os japoneses estavam baseados no lado sul da ilha, num farol, no alto de um penhasco de coral de 100 metros de altura.

No lado oeste havia uma trilha que subia pela metade do penhasco, até um lanço de degraus íngremes cortados no coral. Toda essa escada e a maior parte da trilha estavam à plena vista da torre de 20 metros do farol e três construções viradas para oeste, na base da plataforma. Era uma posição defensiva perfeita: dois homens poderiam conter 500 naquele lanço de degraus de coral.

Mas sempre havia um meio.

Simons resolvera atacar por leste, escalando o penhasco.

O ataque começara a uma hora da madrugada de 2 de novembro.

Simons e 14 homens, agachados na base do penhasco, ficaram postados diretamente abaixo da guarnição. Os rostos e mãos estavam enegrecidos, pois havia uma lua cheia e o terreno a ser percorrido era tão aberto quanto uma pradaria americana. Para manter o silêncio, comunicavam-se por sinais das mãos e usavam as meias por fora das botinas.

Simons deu o sinal e começaram a escalada.

Não demorara muito para que as beiradas afiadas do coral cortassem os dedos e palmas das mãos dos homens. Não havia onde se segurar em determinados pontos e um tinha de ajudar o outro.

Estavam completamente vulneráveis. Se alguma sentinela curiosa olhasse da plataforma para o lado leste do penhasco, haveria de vê-los no mesmo instante, liquidando-os um a um, sem qualquer problema.

Já estavam na metade do caminho quando o silêncio rompeu-se por um clangor ensurdecedor. A coronha do rifle de alguém batera num cone de coral. Todos pararam e ficaram completamente imóveis, comprimindo-se contra o penhasco de coral. Simons prendera a respiração e ficara esperando pelo tiro de rifle lá em cima que daria início ao massacre. Mas esse tiro nunca soara.

Depois de 10 minutos, eles recomeçaram a escalada.

E continuaram por mais uma hora.

Simons fora o primeiro a chegar lá em cima. Agachara-se na plataforma, sentindo-se nu, ao luar. Não havia qualquer japonês visível, mas ele ouvira vozes em um dos prédios baixos. Apontara o rifle para o farol.

O resto dos homens alcançara a plataforma. O ataque deveria começar assim que a metralhadora estivesse montada.

No momento em que a metralhadora chegava ao topo do penhasco, um sonolento soldado japonês aparecera, encaminhando-se para a latrina. Simons fizera sinal para um dos seus homens, que liquidara o japonês. O tiroteio começara.

Simons prontamente se apoderara da metralhadora. Ele segurara uma perna e a caixa de munição, enquanto o metralhador segurava a outra perna e disparava. Os atônitos japoneses saíram correndo dos prédios diretamente para a chuva fatal de balas.

Tudo terminara 20 minutos depois. Cerca de 15 japoneses morreram. A companhia de Simons sofrera duas baixas, nenhuma delas fatal. E a fortaleza "inexpugnável" fora capturada.

Sempre havia um meio.

SETE

1

O veículo da embaixada americana, uma Kombi Volkswagen, seguia pelas ruas de Teerã, a caminho da Praça Gasr. Ross Perot estava lá dentro. Era 19 de janeiro, o dia seguinte à transferência de Paul e Bill. Perot ia visitá-los na nova prisão.

Era um tanto absurdo.

Todos haviam-se empenhado ao máximo em ocultar a presença de Perot em Teerã, com receio de que Dadgar, deparando com um refém mais valioso que Paul e Bill, resolvesse prendê-lo. Contudo, ali estava ele, encaminhando-se para a prisão por sua livre e espontânea vontade, com seu próprio passaporte no bolso, para identificação.

Sua esperança de sucesso decorria da notória inabilidade do governo, em qualquer parte, em deixar que a mão direita saiba o que a esquerda está fazendo. O Ministério da Justiça podia querer prendê-lo, mas eram os militares quem comandavam as prisões... e os militares não tinham qualquer interesse nele.

Mesmo assim, ele estava tomando precauções. Entraria junto com outras pessoas. Rich Gallagher e Jay Coburn estavam no veículo, assim como representantes da embaixada que iam visitar uma americana que estava na prisão. Além disso, Perot usava roupas informais e carregava uma caixa de papelão, com alimentos, livros e agasalhos para Paul e Bill.

Ninguém na prisão conhecia o seu rosto. Teria de dar seu nome na entrada, mas por que um burocrata subalterno ou um guarda de prisão haveria de reconhecê-lo? Seu nome poderia constar de uma lista no aeroporto, nas delegacias de polícia ou nos hotéis. Mas a prisão seria certamente o último lugar em que Dadgar estaria esperando que ele aparecesse.

De qualquer forma, ele estava determinado a assumir o risco.

Queria levantar o moral de Paul e Bill, mostrar-lhes que estava se arriscando para salvá-los. Seria a única coisa que poderia fazer naquela viagem, já que haviam fracassado os seus esforços para promover negociações objetivas.

O veículo entrou na Praça Gasr e Perot teve a sua primeira visão da nova prisão. Era formidável. Ele não podia imaginar como Simons e sua pequena equipe de resgate conseguiriam entrar ali.

Havia dezenas de pessoas na praça, especialmente mulheres em *chadors*. O veículo parou perto dos imensos portões de aço. Perot pensou no motorista. Era iraniano e sabia quem ele era...

Todos desembarcaram. Perot avistou uma câmara de televisão perto da entrada. Sentiu uma palpitação. Eram americanos. Que diabo estavam fazendo ali?

Ele manteve a cabeça abaixada enquanto avançava pela multidão, carregando a caixa de papelão. Um guarda olhou por uma janela pequena no muro de tijolos, ao lado dos portões de aço. O

peçoal da televisão parecia estar concentrando sua atenção nele. Um minuto depois, uma portinha em um dos portões foi aberta, e os visitantes entraram.

A portinha fechou-se ruidosamente atrás deles.

Perot passara pelo ponto de onde ainda poderia voltar.

Ele seguiu adiante, passando por outros portões de aço e entrando no pátio da prisão. Era um lugar grande, com ruas entre os prédios, galinhas e perus à solta. Perot seguiu os outros para uma sala de recepção.

Mostrou seu passaporte. O funcionário apontou para um livro de registros. Perot pegou a caneta e assinou "H. R. Perot", mais ou menos legivelmente. O funcionário devolveu o passaporte e acenou para que ele seguisse em frente.

Perot acertara. Ninguém ali jamais ouvira falar de Ross Perot.

Ele foi para uma sala de espera... e estacou abruptamente.

Parado ali, falando com um iraniano em uniforme de general, estava alguém que sabia perfeitamente quem era Ross Perot. Era Ramsey Clark, o advogado de Dallas que fora Procurador Geral dos Estados Unidos, no tempo do Presidente Lyndon B. Johnson.

Perot já o encontrara várias vezes e conhecia muito bem a irmã de Clark, Mimi.

Por um momento, Perot ficou completamente paralisado. Isso explica a presença da câmara de televisão, pensou ele. Perguntou-se se seria possível manter-se fora das vistas de Clark. A qualquer momento, concluiu ele, Ramsey vai me ver e dizer ao general: "Este é Ross Perot, da EDS." E se eu tentar me esconder será ainda pior.

Ele tomou uma decisão súbita. Aproximou-se de Clark, estendeu a mão e disse:

— Olá, Ramsey. O que está fazendo na prisão?

Clark baixou os olhos — tinha quase 1,90 m de altura — e soltou uma risada.

Trocaram um aperto de mão.

— Como está Mimi? — perguntou Perot, antes que Clark tivesse tempo de fazer a apresentação.

O general estava dizendo alguma coisa em farsi a um subalterno, enquanto Clark respondia:

— Mimi está bem.

— Foi um prazer vê-lo — arrematou Perot, afastando-se.

Sentia a boca ressequida ao sair da sala de espera, junto com Gallagher, Coburn e o pessoal da embaixada. Fora por um triz. Um iraniano em uniforme de coronel juntou-se ao grupo. Gallagher explicou que o coronel fora designado para acompanhá-los. Perot ficou pensando no que Clark estaria dizendo ao general naquele momento...

Paul estava doente, com uma recaída do resfriado que pegara na primeira prisão. Tossia constantemente, sentia dores no peito. Não conseguia ficar aquecido, nem naquela prisão nem na anterior. Há três semanas que estava com frio. Pedira aos visitantes da EDS que lhe trouxessem roupas de baixo quentes, mas por algum motivo não haviam atendido ao seu pedido.

Ele sentia-se também desesperado. Ficava esperando que Coburn e o grupo de resgate armassem uma emboscada para o ônibus que trouxera ele e Bill do Ministério da Justiça. Quando o ônibus entrara na inexpugnável Prisão Gars, ele ficara amargamente desapontado.

O General Mohari, que dirigia a prisão, dissera a Paul e Bill que estava no comando de todas as prisões de Teerã e determinara a transferência dos dois para ali, preocupado com a segurança deles.

Não era um grande consolo: sendo menos vulnerável às turbas rebeldes, a prisão era também mais difícil, se não mesmo impossível, de ser atacada pela equipe de resgate.

A Prisão Gars fazia parte de um grande complexo militar. No lado oeste ficava o velho Palácio Gasr Ghazar, que fora convertido em Academia de Polícia pelo pai do Xá. A prisão fora outrora o jardim do palácio. Ao norte havia um hospital militar, a leste um quartel, de onde helicópteros decolavam e pousavam durante o dia inteiro.

O conjunto da prisão propriamente dito era cercado por um muro interno com sete ou oito metros de altura. O muro externo tinha quatro metros de altura. Havia 15 ou 20 prédios separados, inclusive uma padaria, uma mesquita e seis blocos de celas, uma reservada para mulheres.

Paul e Bill estavam no Bloco 8. Era um prédio de dois andares, num pátio limitado por uma cerca alta de barras de ferro, coberta de hera. Até que o ambiente não era dos piores para uma prisão. Havia uma fonte no meio do pátio, roseiras de um lado, 10 ou 15 pinheiros.

Os prisioneiros podiam sair durante o dia, jogavam vôlei ou pingue-pongue no pátio. Mas não podiam passar pelo portão do pátio, guardado por um guarda.

O andar térreo do prédio era um pequeno hospital, com cerca de 20 pacientes, quase todos com problemas mentais. Gritavam muito.

Paul, Bill e um punhado de outros prisioneiros estavam alojados no segundo andar. Ocupavam uma cela grande, com seis por 10 metros, que partilhavam com apenas mais um prisioneiro, um advogado iraniano na casa dos 50 anos, que falava inglês e francês, além de farsi. Ele mostrou-lhes fotografias de sua vila na França. Havia um aparelho de TV na cela.

As refeições eram preparadas por alguns dos prisioneiros —

cujos serviços eram pagos pelos outros — e comidas numa sala de jantar. A comida ali era melhor do que na primeira prisão. Podia-se comprar privilégios extras. Um dos prisioneiros, aparentemente um

homem imensamente rico, tinha um quarto particular e refeições trazidas de fora. A rotina era relaxada, não havia horários fixos para se levantar ou deitar.

Apesar de tudo isso, Paul estava profundamente deprimido. Um pouco de conforto extra não significava muita coisa. O que ele queria era a liberdade. E não sentiu-se muito animado quando foram informados, na manhã de 19 de janeiro, que tinham visitantes.

Havia uma sala de visitas no andar térreo do Bloco 8, mas naquele dia, sem explicações, eles foram levados para fora do prédio e conduzidos pela rua.

Paul compreendeu que estavam se encaminhando para um prédio conhecido como Clube dos Oficiais, no meio de um jardim tropical, com patos e pavões. Ao se aproximarem do palácio, ele correu os olhos por toda a área e avistou os visitantes, vindos da direção oposta.

Não pôde acreditar em seus olhos.

— Santo Deus! — exclamou ele, deliciado. — É Ross!

Esquecendo onde estava, ele virou-se para correr na direção de Perot. O guarda fê-lo voltar, bruscamente.

— Pode acreditar numa coisa dessas? — disse ele a Bill. —

Perot está aqui!

O guarda empurrou-os pelo jardim. Paul olhava para trás a todo instante, na direção de Perot, ainda pensando que talvez seus olhos o estivessem enganando. Entraram numa sala grande, circular, com mesas de banquete ao redor e paredes cobertas com pequenos triângulos de vidro espelhado. Era como um pequeno salão de baile.

Um momento depois, Perot entrou na sala, acompanhado por Gallagher, Coburn e várias outras pessoas.

Foi um momento de grande emoção. Perot sorria calorosamente.

Paul apertou a mão dele e depois abraçou-o. Sentia como se estivesse escutando o hino americano, um pequeno calafrio a subir-lhe pela espinha. Era amado, havia quem se preocupasse com ele, tinha amigos, pertencia. Perot atravessara metade do mundo, metendo-se no meio de uma revolução, apenas para visitá-lo. Perot e Bill também se abraçaram, trocaram um aperto de mão. Bill disse:

— O que está fazendo aqui, Ross? Veio nos buscar e levar para casa?

— Ainda não — respondeu Perot.

Os guardas concentraram-se no outro lado da sala para tomar chá. O pessoal da embaixada, que viera com Perot, sentou-se em torno de outra mesa, conversando com uma prisioneira. Perot pôs a caixa em cima de uma mesa.

— Tem aqui roupas de baixo para você — disse ele a Paul. —

Como não conseguimos comprar, eu trouxe as minhas. Mas vou querer de volta, entendido?

— Claro — respondeu Paul, sorrindo.

— Trouxemos também alguns livros e coisas para comer...

manteiga de amendoim, atum em lata e suco de não sei o quê. — Ele tirou um maço de envelopes do bolso. — E a correspondência.

Paul verificou a sua. Havia uma carta de Ruthie. Outro envelope estava endereçado a "Chapanoodie". Paul sorriu. Só podia ser de seu amigo David Behne, cujo filho Tommy, incapaz de pronunciar

“Chiapparone”, apelidara-o de Paul “Chapanoodie”. Ele embolsou as cartas para ler depois e perguntou:

— Como está Ruthie?

— Está muito bem — respondeu Perot. — Falei com ela pelo telefone. Destacamos um homem para atender a cada uma de suas esposas, a fim de providenciarem tudo o que for necessário. Ruthie está em Dallas neste momento, Paul, na casa de Jim e Cathy Nyfeler.

Ela está comprando uma casa e Tom Walter cuida de todos os detalhes legais.

Ele virou-se para Bill e acrescentou:

— Emily foi visitar a irmã Vicky, na Carolina do Norte. Ela precisava de um repouso. Vinha trabalhando com Tim Reardon em Washington, pressionando o Departamento de Estado. Escreveu para Rosalyn Carter... de uma esposa para outra... está tentando tudo. Por falar nisso, todos nós estamos tentando tudo...

Enquanto Perot enumerava todas as pessoas que haviam sido requisitadas a ajudar, de congressistas do Texas a Henry Kissinger, Bill compreendeu que o principal objetivo da visita dele era levantar o seu moral e o de Paul. Era como um anticlímax. Por um momento, pouco antes, quando avistara Perot se aproximando, junto com os outros, um sorriso largo estampado no rosto, Bill pensara: *Lá vem o nosso grupo de resgate. Conseguiram finalmente resolver tudo e Perot vem nos comunicar pessoalmente.* Ele estava agora desapontado, mas foi recuperando o ânimo enquanto Perot falava.

Com as cartas que trouxera e a caixa com roupas, livros e comidas, Perot era como um Papai Noel. A presença dele ali, com o sorriso largo no rosto, simbolizava um tremendo desafio a Dadgar, às turbas revolucionárias e a tudo mais que os ameaçava.

Bill ficou agora preocupado com o moral de Emily. Sabia instintivamente o que estava se passando na mente de sua mulher. O

fato de ela ter ido para a Carolina do Norte significava que renunciara a toda e qualquer esperança. Tornara-se demais para ela manter uma fachada de normalidade na casa de seus pais. Ele sabia também, sem poder explicar como, que ela voltara a fumar. Isso deixaria o pequeno Chris completamente aturdido. Emily deixara de fumar quando se internara no hospital para remover a vesícula. Dissera a Chris na ocasião que extraíra o seu fumador. Ele devia estar agora se perguntando como a mãe o pusera de volta.

— Se tudo isso falhar — Perot estava dizendo — temos outro grupo na cidade para tirar vocês daqui, por outros métodos. Poderão reconhecer prontamente todos os membros dessa equipe, com exceção de um, o líder, um homem mais velho.

— Tenho uma dúvida acerca disso, Ross — disse Paul. — Por que um bando de caras arriscaria a vida por nossa causa?

Bill se perguntou o que estaria sendo planejado. Um helicóptero apareceria na prisão para apanhá-los? O exército americano atacaria a prisão? Era difícil imaginar... mas, com Perot, tudo era possível.

Coburn disse a Paul:

— Quero que observe e memorize todos os detalhes que puder sobre a prisão e a rotina, como antes.

Bill estava se sentindo constrangido com o seu bigode. Deixara-o crescer para parecer mais iraniano. Os executivos da EDS não tinham permissão para usar bigodes ou barbas, mas também ele não esperava se encontrar com Perot ali.

— Peço desculpas por isto — disse ele, tocando no lábio superior. — Estou tentando passar despercebido. Mas rasparei o bigode assim

que sair daqui.

— Pode ficar — disse Perot, sorrindo. — Espere até que Emily e as crianças vejam. Além do mais, vamos mudar o código de vestir.

Já temos os resultados da pesquisa de atitude dos empregados e provavelmente permitiremos bigodes e camisas coloridas.

Bill olhou para Coburn.

— Barbas também?

— Barbas não. Coburn tem uma razão muito especial para usá-la.

Os guardas se aproximaram. O prazo da visita estava encerrado.

Perot ainda acrescentou:

— Não sabemos se conseguiremos tirá-los daqui imediatamente ou se vai demorar mais um pouco. Digam a si mesmos que vai demorar. Se levantarem a cada manhã pensando "Hoje pode ser o dia", podem ter muitos desapontamentos e acabarem deprimidos demais. Preparem-se para uma longa permanência e podem ficar agradavelmente surpresos. Mas lembrem-se sempre de uma coisa: nós vamos tirá-los daqui.

Todos trocaram um aperto de mão e Paul disse:

— Não sei como lhe agradecer por ter vindo, Ross.

Perot sorriu.

— Basta não se esquecer de levar minhas roupas ao ir embora.

Eles saíram do prédio. Os homens da EDS encaminharam-se para o portão da prisão, deixando Paul e Bill, além dos guardas, a

observarem. Enquanto os amigos desapareciam, Bill foi dominado por um anseio intenso de acompanhá-los. *Não hoje*, disse ele a si mesmo; *hoje não*.

Perot estava imaginando se lhe permitiriam sair.

Ramsey Clark tivera uma hora inteira para revelar o segredo. O

que ele teria dito ao general? Haveria um comitê da recepção à espera no bloco da administração, na entrada da prisão?

Seu coração bateu mais depressa ao entrarem na sala de espera.

Não havia qualquer sinal do general ou de Clark. Ele atravessou a área de recepção. Ninguém olhou para ele.

Com Coburn e Gallagher logo atrás, ele passou pelo primeiro par de portas. Ninguém o deteve.

Conseguiria escapar.

Atravessou o pequeno pátio e ficou esperando junto aos portões.

A portinha num dos portões foi aberta.

Perot saiu da prisão.

As câmaras de televisão ainda estavam ali.

Tudo o que preciso, pensou ele, *depois de chegar até aqui, é que as emissoras de TV americanas mostrem a minha imagem...*

Ele abriu caminho através da pequena multidão até o veículo da embaixada e embarcou.

Coburn e Gallagher entraram atrás dele, mas o pessoal da embaixada ficou para trás.

Perot sentou-se e ficou olhando pela janela. A multidão na praça parecia hostil. Estavam gritando em farsi. Perot não tinha a menor idéia do que diziam.

Desejou que o pessoal da embaixada se apressasse.

— Onde estão aqueles caras? — disse ele, irritado.

— Já estão vindo — respondeu Coburn.

— Pensei que todos deixaríamos a prisão rapidamente, embarcaríamos e iríamos embora.

Um minuto depois, a portinha no portão da prisão tomou a se abrir, o pessoal da embaixada saiu. Todos embarcaram. O motorista deu a partida e atravessaram a Praça Gasr.

Perot relaxou.

Ele não precisava ficar tão preocupado. Ramsey Clark, que estava ali a convite de grupos iranianos de defesa dos direitos humanos, não possuía uma memória tão boa assim. Achara que o rosto de Perot era vagamente familiar, mas confundira-o com o Coronel Frank Borman, o presidente da Eastern Airlines.

2

Emily Gaylord estava sentada com seu tricô, fazendo uma suéter para Bill.

Estava novamente na casa de seus pais, em Washington, e era outro dia normal de suave desespero. Levava Vicki à escola secundária, depois voltara e pegara Jackie, Jenny e Chris, conduzindo-os à escola primária. Passara pela casa da irmã Dorothy e conversara por algum tempo com ela e com o marido, Tim Reardon. Tim ainda estava pressionando, por intermédio do Senador Kennedy e do Deputado Tip O'Neill, o Departamento de Estado.

Emily estava ficando obcecada com Dadgar, o homem misterioso que tinha o poder de meter seu marido na cadeia e lá mantê-lo. Queria ter uma confrontação com Dadgar, perguntar pessoalmente por que estava fazendo aquilo com ela. Chegara mesmo a pedir a Tim que lhe arrumasse um passaporte diplomático, a fim de poder voltar ao Irã e bater na porta de Dadgar. Tim dissera que era uma idéia completamente absurda e Emily compreendera que ele estava certo. Mas ela sentia-se desesperada em fazer alguma coisa, qualquer coisa, a fim de ter Bill de volta.

Ela estava agora esperando pelo telefonema diário de Dallas.

Geralmente era Ross quem ligava. Ou T. J. Marquez ou Jim Nyfeler.

Depois do telefonema, ela iria buscar as crianças. Voltando para casa, ajudaria nos serviços domésticos. E depois nada teria pela frente, além de uma noite solitária.

Só recentemente é que informara aos pais de Bill que ele estava na prisão. Bill lhe pedira, numa carta lida ao telefone por Keane Taylor, que não informasse até que fosse absolutamente necessário. O

pai de Bill tinha antecedentes de enfartes e o choque poderia ser perigoso. Mas a farsa se tornara impossível, depois de três semanas.

Emily acabara dando a notícia. O pai de Bill ficara furioso por ter sido mantido na ignorância durante tanto tempo. Era muito difícil às vezes saber qual era a atitude correta.

O telefone tocou e Emily atendeu prontamente.

— Alô?

— Emily? Aqui é Jim Nyfeler.

— Oi, Jim. Quais são as notícias?

— Apenas que eles foram transferidos para outra prisão.

Por que nunca havia boas notícias?

— Não precisa se preocupar com isso — acrescentou Jim. — Na verdade, a notícia até que é boa. A prisão anterior ficava na zona sul da cidade, onde estão se travando os combates. Esta fica ao norte e é mais segura. Eles estarão mais protegidos ali.

Emily perdeu o controle e gritou:

— Mas há três semanas que você vinha me dizendo que eles estavam perfeitamente seguros naquela prisão, Jim! Eles foram transferidos para uma nova prisão e você me diz que agora eles estarão seguros!

— Emily...

— Não minta para mim, por favor!

— Emily...

— Conte toda a verdade, está bem?

— Emily, acho que eles não corriam perigo até agora. Mas os iranianos estão adotando uma providência sensata, entende?

Emily sentiu-se envergonhada por ter ficado furiosa com ele.

— Desculpe, Jim.

— Não foi nada.

Conversaram por mais algum tempo, depois Emily desligou e voltou ao tricô. *Estou perdendo o controle*, pensou ela. *Ando como se estivesse em transe, levando as crianças à escola, falando com Dallas, deitando à noite e me levantando pela manhã...*

Passar alguns dias com a irmã Vickie fora uma boa idéia, mas ela precisava realmente de uma mudança de paisagem... o que precisava era de Bill.

Era difícil continuar a ter esperanças. Ela começou a pensar como poderia ser a vida sem Bill. Tinha uma tia que trabalhava na Woody's, em uma loja de departamentos de Washington, talvez pudesse arrumar um emprego lá. Ou podia falar com o pai para conseguir um emprego de secretária. Perguntou-se se algum dia se apaixonaria por outro homem, se Bill morresse em Teerã. Achou que não.

Lembrou-se da ocasião em que haviam casado. Bill estava na universidade e não tinham dinheiro, mas casaram assim mesmo, porque não suportavam a idéia de permanecerem afastados por mais tempo. Mais tarde, enquanto Bill progredia na carreira, eles foram prosperando. Pouco a pouco, foram comprando carros melhores, casas maiores, roupas mais dispendiosas... mais coisas. E como todas essas coisas eram inúteis, pensou ela agora; como não fazia a menor diferença que ela fosse rica ou pobre. Bill era o que ela queria, tudo o que precisava. Seria sempre o bastante para ela, o suficiente para fazê-

la feliz. Se ele algum dia voltasse...

Karen Chiapparone disse:

— Mamãe, por que papai não telefona? Ele sempre liga quando está viajando.

— Ele telefonou hoje — mentiu Ruthie. — Está passando bem

— Por que ele ligou quando eu estava na escola? Eu queria falar com ele.

— É muito difícil ligar de Teerã, meu bem. As linhas estão sempre ocupadas. Ele telefona quando pode.

— Hã...

Karen afastou-se para ver televisão e Ruthie se sentou.

Estava ficando escuro lá fora. Ruthie estava achando cada vez mais difícil mentir para todos a respeito de Paul.

Fora por isso que ela deixara Chicago e viera para Dallas. Ficar na casa dos pais e esconder o segredo deles tornara-se impossível. A mãe dizia:

— Por que Ross e o pessoal da EDS estão sempre telefonando para você?

— Eles querem apenas saber se estamos bem — respondia Ruthie, com um sorriso forçado.

— É muita gentileza de Ross telefonar.

Ali em Dallas ela podia pelo menos falar abertamente com o pessoal da EDS. Além disso, agora que o empreendimento no Irã seria certamente encerrado, Paul ficaria baseado na sede da EDS, pelo

menos por algum tempo. Assim, Dallas seria o lar delas... e Karen e Ann Marie tinham de ir à escola.

Estavam todas morando com Jim e Cathy Nyfeler. Cathy se mostrava especialmente simpática e compreensiva, pois seu marido constava da lista original de quatro nomes cujos passaportes Dadgar pedira. Se Jim por acaso estivesse no Irã na ocasião, ele estaria agora na prisão com Paul e Bill. *Fiquem conosco*, dissera Cathy; *será apenas por uma semana provavelmente e depois Paul estará de volta.*

Isso acontecera no princípio de janeiro. Desde então, Ruthie já falara várias vezes em alugar um apartamento, mas Cathy não admitira.

Naquele momento Cathy estava no cabeleireiro, as crianças estavam em outra sala assistindo televisão e Jim ainda não voltara do trabalho. Assim, Ruthie estava sozinha com seus pensamentos.

Com a ajuda de Cathy, ela estava se mantendo ocupada e exibindo uma fachada corajosa. Matriculara Karen na escola e arrumara um jardim de infância para Ann Marie. Saía para almoçar com Cathy e algumas outras esposas da EDS: Mary Boulware, Lis Coburn, Mary Sculley, Marva Davis e Tony Dvoranchik. Escrevia cartas otimistas para Paul e escutava as respostas otimistas deles, lidas pelo telefone de Teerã. Fazia compras e comparecia a jantares.

Gastava muito tempo na procura de uma casa. Não conhecia Dallas muito bem, mas se lembrava de Paul comentar que a Central Expressway era um pesadelo; por isso, procurava por uma casa longe de lá.

Encontrara uma casa que lhe agradara e resolvera comprá-la, a fim de que Paul encontrasse um lar de verdade à sua espera quando voltasse. Mas houvera problemas legais, porque ele não estava ali para assinar os papéis. Tom Walter estava tentando resolver tudo.

Por fora, Ruthie dava a impressão de que tudo corria bem; por dentro, no entanto, estava morrendo. Raramente dormia por mais

de uma hora à noite. Ficava acordada, imaginando se algum dia tornaria a ver Paul. Tentava pensar no que faria se ele não voltasse.

Provavelmente voltaria a Chicago e ficaria morando com a mãe e o pai por algum tempo. Mas não queria viver com eles permanentemente.

Não tinha a menor dúvida de que poderia arrumar algum emprego... Mas não era o aspecto prático de viver sem um homem e cuidar de si mesma que a preocupava; era a idéia de viver eternamente sem Paul. Não podia imaginar como seria a vida se ele não estivesse ao seu lado. O que faria, com que se importaria, o que haveria de querer, o que poderia torná-la feliz? Podia compreender que era completamente dependente de Paul. Não podia viver sem ele.

Ruthie ouviu um carro lá fora. Só podia ser Jim, voltando do trabalho; talvez ele tivesse notícias. Ele entrou na sala um momento depois.

— Oi, Ruthie. Cathy não está em casa?

— Ela foi ao cabeleireiro. O que aconteceu hoje?

— Bom...

Pela expressão de Jim, ela compreendeu que ele não tinha nada de bom para contar-lhe e estava tentando encontrar uma maneira de dizer tudo.

— Eles tinham uma reunião marcada para falar sobre a fiança, mas os iranianos não apareceram. Amanhã...

— Mas, por quê? — falou Ruthie, tentando manter a calma. —

Por que não aparecem quando marcam esses encontros?

— Porque, às vezes, são chamados durante suas folgas, às vezes não podem circular pela cidade por causa de... por causa das manifestações, etc.

Parecia que passava semanas ouvindo notícias como aquela.

Sempre havia atrasos, frustrações...

— Mas, Jim... — começou a dizer, mas as lágrimas brotaram de seus olhos e não houve jeito de detê-las. — Jim...

Sentiu um nó na garganta que a impedia de falar. Apenas pensava: "Tudo que eu quero é meu marido." Jim ficou ali, imóvel, impotente e perplexo. Todas as lamentações que Ruthie havia guardado para si mesma durante tantos dias não puderam mais ser controladas. Desatou a chorar e saiu correndo da sala. Subiu as escadas e desabou em sua cama, soluçando dolorosamente.

Liz Coburn tomou um gole de sua bebida. Do outro lado da mesa estavam a esposa de Pat Sculley, Mary, e a esposa de outro executivo da EDS, que também tinha sido evacuado de Teerã, Tony Dvoranchik. As três mulheres estavam em Recipes, um restaurante em Greenville Avenue, em Dallas. Cada uma bebia um daiquiri de morango.

O marido de Tony Dvoranchik estava em Dallas. Liz Coburn sabia que Pat Sculley havia desaparecido, como Jay, em viagem à Europa. Agora, Mary Sculley estava dizendo que, afinal, Pat não havia ido simplesmente à Europa, mas para o Irã.

— Pat em Teerã? — exclamou Liz.

— Temo que todos eles estejam em Teerã — disse Mary.

Liz parecia apavorada.

— Jay em Teerã... — quis chorar.

Jay tinha dito que estava em Paris. Por que não tinha dito a verdade? Pat tinha contado para Mary Sculley. Jay, no entanto, era diferente. Alguns homens jogavam pôquer algumas horas, mas Jay tinha que jogar a noite toda, e todo o dia seguinte sem parar. Outros homens jogariam nove ou 18 buracos de golfe. Jay sempre jogava 36.

Muitos homens tinham trabalhos que lhes exigiam muito, mas Jay tinha que trabalhar na EDS, a mais exigente. Mesmo no exército, quando ambos não eram mais que crianças, Jay tinha se oferecido como voluntário para um dos postos mais perigosos: piloto de helicóptero. E agora, estava no Irã, no meio de uma revolução. *Sempre o mesmo*, pensou Liz. Havia ido, havia mentido, e agora estava em perigo. Pensou, aterrorizada, que ele não voltaria mais, que não sairia com vida de lá.

3

O bom humor de Perot sumiu rapidamente. Havia entrado na prisão, desafiando Dadgar, e havia levado ânimo para Paul e Bill, sem problemas. No entanto, Dadgar tinha todas as cartas. No sexto dia de estada em Teerã, compreendeu porque não havia surtido efeito toda a pressão política de Washington: o antigo regime iraniano estava lutando por sua sobrevivência e tinha perdido o controle. Mesmo que pudessem pagar a fiança, o que só seria possível após a resolução de vários problemas, Paul e Bill teriam que continuar no Irã. E o plano de resgate de Simons voltara à estaca zero, por causa da mudança para a nova prisão. Parecia não haver esperança.

Naquela noite Perot foi encontrar com Simons.

Esperou até anoitecer, para maior segurança. Vestia um moletom, tênis e um agasalho escuro. Keane Taylor o acompanhava.

O grupo de resgate não estava mais na casa de Taylor. Este havia estado frente a frente com Dadgar que decidiu examinar os arquivos da EDS. *Possivelmente, pensava Simons, Dadgar mandara vigiar a casa de Taylor em busca de documentos comprometedores.*

Portanto, Simons, Coburn e Poché viviam agora na casa de Bill e Tony Dvoranchik que haviam voltado para Dallas. Mais dois membros do grupo chegaram a Teerã, procedentes de Paris: Pat Sculley e Jim Schwebach, uma dupla pequena, mas mortal, que seriam guarda flancos no projeto original, já descartado.

Como era comum em Teerã, a casa dos Dvoranchik ocupava o primeiro andar de um edifício de dois pavimentos, e o caseiro vivia no andar de cima.

Taylor e os outros membros do grupo de resgate deixaram Simons e Perot sozinhos. Perot não gostou do que viu. Com certeza o lugar

devia ser muito bem cuidado quando os Dvoranchik moravam por lá, mas agora, habitado por cinco homens, nenhum deles demonstrando qualquer interesse por trabalhos domésticos, o lugar estava sujo e maltratado, e cheirando aos cigarros de Simons.

Simons descansava pesadamente em uma cadeira. Seu bigode grisalho parecia desganhado, e seu cabelo estava muito comprido.

Fumava um cigarro atrás do outro, como sempre, aspirando profundamente e exalando com prazer.

— Você já viu a nova prisão? – falou Perot.

— Sim. — tossiu Simons.

— O que acha?

— A idéia de invadir esse lugar com um ataque frontal, como o que tínhamos projetado para a outra não merece nem ser discutido.

— Foi o que imaginei.

— O que deixa várias possibilidades.

Sério?, pensou Perot.

Simons continuou:

— Primeiro: sei que há carros estacionados no interior da prisão.

Podemos encontrar um meio de tirar Paul e Bill de lá na mala de um carro. Como parte desse plano... ou como uma alternativa... podemos tentar subornar ou fazer chantagem com o general que está no comando da prisão.

— General Mohari.

— Isso mesmo. Um dos seus empregados iranianos está investigando o homem.

— Ótimo.

— Segundo: o grupo de negociação. Se pudermos dar um jeito para que Paul e Bill sejam postos sob prisão domiciliar ou algo parecido, poderemos seqüestrar os dois sem maiores dificuldades.

Peça a Taylor e aos outros para se concentrarem nessa possibilidade de prisão domiciliar. Concorde com todas as condições que os iranianos quiserem impor, mas tire-os daquela prisão. Com base na pressuposição de que eles venham a ser confinados em suas casas e mantidos sob vigilância, estamos preparando um novo plano de resgate.

Perot já começava a se sentir melhor. Havia uma aura de confiança naquele homem maciço. Poucos minutos antes, Perot sentira-se quase desesperado; agora, Simons estava enumerando calmamente novas maneiras de enfrentar o problema, como se a transferência para a nova prisão, as dificuldades com a fiança e o colapso do governo legítimo não passassem de pequenos obstáculos, ao invés de uma catástrofe total.

— Terceiro — continuou Simons. — Há uma revolução acontecendo por aqui. As revoluções são previsíveis. As mesmas coisas ocorrem todas as vezes. Não se pode determinar quando ocorrerão, mas apenas que vão ocorrer, mais cedo ou mais tarde. E

uma das coisas que sempre acontecem é que as multidões investem contra as prisões e soltam todos os que estão lá dentro.

Perot ficou intrigado.

— É mesmo?

Simons assentiu.

— Essas são as três possibilidades. É claro que, a esta altura do jogo, não podemos escolher uma delas. Temos de nos preparar para as três. Qualquer uma que acontecer primeiro, precisaremos de um plano para tirar todo mundo deste maldito país, assim que Paul e Bill estiverem em nossas mãos.

— Tem razão. — Perot estava preocupado com a sua própria partida, mas sabia que a de Paul e Bill seria muito mais perigosa. —

Tenho promessas de ajuda de militares americanos...

— Eu já esperava por isso — interrompeu-o Simons. — Não vou dizer que eles são insinceros, mas posso garantir que têm prioridades maiores. Assim, não estou disposto a confiar muito nas promessas que fizeram.

— Como achar melhor.

Era uma questão para o julgamento de Simons e Perot contentava- e em deixar que ele resolvesse. Na verdade, sentia-se satisfeito em deixar tudo ao critério de Simons. Simons era provavelmente o homem mais bem qualificado do mundo para aquele tipo de trabalho. Além do mais, Perot depositava nele uma fé absoluta.

— O que posso fazer?

— Volte aos Estados Unidos. Por um lado, está correndo perigo aqui. Por outro, precisarei de você lá. Tudo indica que, quando finalmente deixarmos o Irã, não será num avião de carreira. E talvez nem saíamos num avião. Você teria de nos recolher em algum lugar...

talvez o Iraque, Kuwait, Turquia ou Afeganistão... e isso vai exigir um trabalho de organização. Volte aos Estados Unidos e fique de prontidão.

— Está certo. — Perot levantou-se. Simons fizera com ele o que Perot fazia às vezes com seus homens: incutira-lhe a força para

seguir adiante por mais um quilômetro, quando tudo já parecia perdido. —

Partirei amanhã.

Ele obteve uma reserva no Vôo 200 da British Airways, de Teerã para Londres, via Kuwait, partindo às 10:20 da manhã de 20 de janeiro, o dia seguinte.

Telefonou para Margot e pediu que fosse encontrar-se com ele em Londres. Queria passar alguns dias a sós com ela; talvez não houvesse outra oportunidade, a partir do momento em que a operação de resgate começasse a ser executada.

Já haviam passado bons tempos em Londres no passado.

Ficariam no Savoy Hotel. (Margot gostava do Claridge, mas Perot não... ligavam o aquecimento a um ponto exagerado e se ele abria a janela passava a noite inteira acordado com o barulho do tráfego noturno na Brook Street.) Ele e Margot iriam a peças e concertos.

Iriam também à boate londrina que Margot mais gostava, Annabel's.

Aproveitariam a vida por alguns dias.

Se ele conseguisse sair do Irã.

A fim de reduzir ao mínimo o tempo que teria de passar no aeroporto, ele ficou no hotel até o último momento. Ligou para o aeroporto a fim de verificar se o vôo partiria no horário e recebeu uma resposta afirmativa.

Tomou a conferir poucos minutos antes das 10 horas.

Rich Gallagher, que o acompanhou ao aeroporto, foi verificar se as autoridades estavam planejando deter Perot. Gallagher já fizera aquilo antes. Junto com um amigo iraniano, que trabalhava na Pan

Am, ele foi ao controle de passaporte, levando o passaporte de Perot.

O iraniano explicou que um V.I.P. ia viajar e pediu que o passaporte fosse liberado com antecedência. O funcionário no controle consultou a lista de pessoas que deveriam ser impedidas de viajar e informou que não haveria qualquer dificuldade para o Sr. Perot. Gallagher voltou com a boa notícia.

Perot permaneceu apreensivo. Se queriam agarrá-lo, poderiam ser espertos o bastante para mentirem para Gallagher.

O afável Bill Gayden, o presidente da EDS World, estava vindo de avião para assumir o comando da equipe de negociação. Gayden deixara Dallas a caminho de Teerã uma vez antes, mas voltara ao chegar a Paris, quando soubera da advertência de Bunny Fleischaker de que mais prisões estavam para ser efetuadas. Agora, como Perot, ele resolvera correr o risco. Por acaso, o seu avião chegou no momento em que Perot esperava para partir. Tiveram uma oportunidade de conversar.

Gayden tinha na mala oito passaportes americanos que pertenciam a executivos da EDS que se pareciam vagamente com Paul ou Bill.

— Pensei que estávamos providenciando passaportes falsos para eles — comentou Perot. — Não encontraram um meio de conseguir isso?

— Claro que encontramos. Quando se precisa de um passaporte às pressas, pode-se levar toda a documentação para o tribunal em Dallas. Eles conferem tudo e põem num envelope, que a própria pessoa leva para Nova Orleans, onde o passaporte é emitido. É um envelope oficial simples, fechado com uma fita adesiva. Pode-se abrir no caminho para Nova Orleans, tirar as fotografias, substituir pelas fotografias de Paul e Bill, tornar a fechar o envelope e pronto...

teríamos passaportes para Paul e Bill sob falsos nomes. Só que é ilegal.

— E o que fez em vez disso?

— Avisei a todos os evacuados que precisava de seus passaportes, a fim de providenciar o embarque de seus pertences que ficaram em Teerã. Obtive assim mais de uma centena de passaportes e escolhi os oito mais parecidos. Falsifiquei uma carta de alguém nos Estados Unidos para alguém em Teerã, dizendo: “Aqui estão os passaportes que pedi-nos que devolvêssemos a fim de poder acertar tudo com as autoridades de imigração.” Com isso, eu teria um papel para mostrar, se alguém me perguntasse por que estou levando oito passaportes.

— Se Paul e Bill usarem esses passaportes para cruzarem uma fronteira também estarão violando a lei.

— Se chegarmos a esse ponto, então vamos violar a lei.

Perot assentiu.

— Está certo.

O vôo dele foi chamado. Perot despediu-se de Gayden e Taylor, que o levara ao aeroporto e conduziria Gayden ao Hyatt. Depois, ele foi conferir a veracidade da lista de pessoas a serem detidas.

Passou primeiro por um portão de “Só Passageiros”, onde sua ficha de embarque foi conferida. Percorreu um corredor comprido, até um guichê, onde pagou uma pequena taxa de uso do aeroporto.

Depois, à direita, avistou uma série de mesas de controle de passaportes.

Era ali que estava a lista de detenções.

Uma das mesas estava ocupada por uma moça, absorvida na leitura de um livro. Perot aproximou-se dela. Entregou o passaporte e um formulário amarelo de visto de saída. O formulário tinha o seu nome no alto.

A moça pegou o formulário amarelo, abriu o passaporte, tirou a nota, carimbou o passaporte e devolveu-o, sem olhar para ele. E voltou a se concentrar no livro.

Perot entrou no salão de partida.

O vôo estava atrasado.

Ele sentou-se. Estava agoniado. A qualquer momento a moça poderia terminar o livro ou simplesmente se cansar de ler, começando a comparar a lista de detenção com os nomes nos formulários amarelos. Imaginou os homens vindo buscá-lo, policiais ou militares, talvez os investigadores de Dadgar. Iria para a prisão e Margot ficaria como Ruthie e Emily, sem saber se tornaria a ver o marido.

Ele consultava o aviso de partidas a todo instante e a informação era sempre a mesma: Atrasado.

Passou a primeira hora sentado na beira da cadeira.

Depois, começou a sentir-se resignado. Se iam prendê-lo, nada poderia fazer para impedir. Começou a ler uma revista. Durante a hora seguinte leu tudo o que tinha na pasta. E depois começou a conversar com o homem sentado ao seu lado. Soube que o homem era um engenheiro inglês trabalhando no Irã num projeto de uma grande companhia britânica. Conversaram por algum tempo e depois trocaram as revistas.

Dentro de poucas horas, pensou Perot, estarei numa linda suíte de hotel com Margot... ou numa prisão iraniana. Ele tratou de afastar o

pensamento da mente.

A hora do almoço passou e a tarde foi-se arrastando. Ele começou a acreditar que não viriam buscá-lo.

O vôo foi finalmente chamado às seis horas da tarde.

Perot levantou-se. *Se vierem me prender agora...*

Ele juntou-se à multidão e aproximou-se do portão de partida.

Havia uma verificação de segurança. Ele foi revistado e depois lhe acenaram para que seguisse adiante.

Estou quase conseguindo, pensou ele, ao embarcar no avião.

Sentou-se entre duas pessoas gordas, numa poltrona de classe econômica — era um vôo só de classe econômica. *Acho que consegui*, pensou.

As portas foram fechadas e o avião começou a se movimentar.

Taxiou pela pista, aumentando a velocidade. O avião decolou.

Ele conseguira. Sempre tivera sorte.

Seus pensamentos se concentraram em Margot. Ela estava enfrentando aquela crise da mesma forma que fizera com a aventura dos prisioneiros de guerra: compreendia o conceito de dever do marido e jamais se queixava. Era por isso que ele podia se dedicar ao que tinha de fazer, bloqueando os pensamentos negativos que desculpariam a inação. Tinha muita sorte de ter uma mulher como Margot. Pensou em todas as coisas afortunadas que lhe haviam acontecido: bons pais, o ingresso na Academia Naval, conhecer Margot, ter filhos tão maravilhosos, fundar a EDS, conseguir pessoas excepcionais para trabalhar com ele, homens corajosos como os voluntários que deixara no Irã...

Perguntou-se, supersticiosamente, se um homem teria uma quantidade limitada de sorte em sua vida. Pensou em sua sorte como a areia

numa

ampulheta,

esgotando-se

lentamente,

mas

inexoravelmente. O que pode acontecer, pensou ele, quando tudo se escoar?

O avião começou a baixar na direção do Kuwait. Não estava mais no espaço aéreo iraniano... conseguira escapar.

Enquanto o avião se reabastecia, ele foi até a porta aberta e ficou parado ali, aspirando o ar fresco e ignorando a aeromoça que lhe pedia insistentemente que voltasse a seu lugar. Uma brisa amena soprava pela pista e era um alívio livrar-se por um momento das pessoas gordas entre as quais estava sentado. A aeromoça acabou desistindo e foi fazer outra coisa. Perot ficou observando o sol poente. Sorte, pensou ele: quanto será que ainda me resta?

OITO

1

A equipe de resgate em Teerã estava agora formada por Simons, Coburn, Poché, Sculley e Schwebach. Simons decidira que Boulware, Davis e Jackson não viriam para Teerã. A idéia de resgatar Paul e Bill por um ataque frontal estava agora liquidada e assim ele não precisaria de um grupo tão grande. Ele enviou Glenn Jackson ao Kuwait, a fim de investigar esse lado do caminho meridional para escapar do Irã.

Boulware e Davis voltaram aos Estados Unidos para aguardar novas ordens.

Majid informou a Coburn que o General Mohari, o homem no comando da Prisão Gasr, não era facilmente corruptível, mas tinha duas filhas estudando nos Estados Unidos. A equipe discutiu brevemente a possibilidade de seqüestrar as duas moças e assim obrigar Mohari a ajudar na fuga de Paul e Bill. Mas prontamente rejeitaram a idéia. (Perot ficou furioso quando soube que eles nem sequer haviam aventado a possibilidade.) A idéia de tirar Paul e Bill da prisão na mala de um carro foi deixada de lado por algum tempo.

Por dois ou três dias eles se concentraram no que fariam se Paul e Bill fossem postos sob prisão domiciliar. Foram examinar as casas que os dois haviam ocupado antes de serem presos. O seqüestro seria fácil, a menos que Dadgar pusesse Paul e Bill sob forte vigilância.

Resolveram que a equipe usaria dois carros. O primeiro carro pegaria Paul e Bill. O segundo, seguindo a alguma distância, levaria Sculley e Schwebach, que seriam responsáveis pela eliminação de quem tentasse acompanhar o primeiro carro. Mais uma vez, a dupla implacável ficaria encarregada de efetuar as mortes necessárias.

Os dois carros se manteriam em contato pelo rádio de ondas curtas. Coburn telefonou para Merv Stauffer em Dallas e pediu o equipamento. Boulware levaria os rádios para Londres; Schwebach e Sculley iriam até lá para encontrá-lo e pegar o equipamento. Enquanto em Londres, a dupla tentaria obter bons mapas do Irã, a serem usados durante a fuga do país, caso tivessem de escapar de carro. (Não se podiam encontrar bons mapas do país em Teerã, conforme os homens da EDS haviam descoberto em dias mais felizes; Gayden comentou que os mapas persas eram do gênero "Vire à esquerda na árvore morta".)

Simons

queria

também

preparar-se

para

a

terceira

possibilidade... a de que Paul e Bill fossem libertados por uma multidão atacando a prisão. O que faria a equipe nessa emergência?

Coburn estava permanentemente controlando a situação na cidade, procurando seus contatos no serviço de informações militar americano e diversos empregados iranianos de confiança: se a prisão fosse atacada, ele saberia imediatamente. E depois? Alguém teria de procurar Paul e Bill, levá-los para um lugar seguro. Mas um bando de americanos se metendo de carro no meio de uma manifestação violenta estaria pedindo por encrenca. Paul e Bill estariam mais seguros caso se misturassem com a multidão de prisioneiros escapando da prisão. Simons determinou a Coburn que

conversasse com Paul sobre essa possibilidade, em sua próxima visita à prisão.

Paul deveria seguir para o Hyatt Hotel.

Mas não havia motivo para que um iraniano não procurasse Paul e Bill em meio ao tumulto. Simons pediu a Coburn que recomendasse um empregado iraniano da EDS que fosse realmente hábil.

Coburn pensou no mesmo instante em Rashid.

Era um rapaz de 23 anos, pele escura, boa aparência, de uma próspera família de Teerã. Concluía o programa de treinamento da EDS para engenheiros de sistemas. Era inteligente e engenhoso, com muito charme. Coburn recordou a última vez em que Rashid demonstrara seu talento para improvisar. Os funcionários do Ministério da Saúde estavam em greve parcial e se recusaram a digitar os dados para o sistema da folha de pagamento. Rashid recolhera todos os dados e levara para o Banco Omran, convencendo alguém ali a digitar tudo, depois passando o programa para o computador do ministério. O problema com Rashid era o de que se tinha de ficar de olho nele, porque jamais consultava quem quer que fosse antes de executar as suas idéias anticonvencionais. Digitando os dados da maneira como fizera, rompeu a greve, poderia ter deixado a EDS

numa situação muito difícil. Quando Bill soubera o que acontecera, ficara mais preocupado e apreensivo do que satisfeito. Rashid era excitável e impulsivo, seu inglês não era muito bom. Assim, tendia a fazer as coisas de maneira precipitada, à sua maneira um tanto desvairada, sem comunicar a ninguém — uma tendência que deixava seus superiores extremamente nervosos. Mas ele sempre dava um jeito de resolver tudo. Podia intrometer-se em tudo e escapar impune. No aeroporto, ao receber pessoas ou levá-las para a partida, sempre conseguia passar por todas as barreiras de “Só

Passageiros”, mesmo sem nunca ter um cartão de embarque ou passaporte para mostrar.

Coburn o conhecia muito bem e gostava dele o bastante para levá-lo a jantar em sua casa em diversas ocasiões. Coburn também confiava nele totalmente, especialmente desde a greve, quando Rashid fora um dos seus informantes entre os empregados iranianos hostis.

Mas Simons não estava disposto a confiar em Rashid apenas pela palavra de Coburn. Assim como insistira em conhecer Keane Taylor, antes de permitir que ele fosse informado do segredo, Simons queria também conversar com Rashid.

Coburn promoveu o encontro.

Quando tinha oito anos de idade Rashid sonhava se tornar presidente dos Estados Unidos.

Aos 23 anos, ele sabia que nunca poderia se tornar presidente americano, mas ainda queria ir para os Estados Unidos. A EDS seria a sua passagem. Sabia que possuía todas as condições para ser um grande executivo. Era um estudioso da psicologia do ser humano e não demorara muito tempo para compreender a mentalidade do pessoal da EDS. Eles queriam resultados, não desculpas. Quando se recebia uma tarefa, era sempre melhor fazer um pouco mais do que se esperava. Se por alguma razão a tarefa era difícil ou mesmo impossível, era melhor não dizê-lo: eles detestavam as pessoas que se lamentavam por causa de problemas. Nunca se devia dizer: “Não posso fazer isso porque...” Sempre se dizia: “Isto é o que já fiz até agora e este é o problema em que estou trabalhando no momento...” Tais atitudes convinham perfeitamente a Rashid. Ele se tornara útil à EDS e sabia que a companhia apreciava isso.

Sua maior realização fora instalar terminais de computadores em escritórios nos quais os funcionários iranianos se mostravam desconfia dos e hostis. A resistência era tão grande que Pat Sculley não conseguira instalar mais de dois por mês. Rashid instalara os 18

restantes em dois meses. Planejava capitalizar esse feito. Escrevera uma carta para Ross Perot, que era o homem mais importante na EDS, pelo que haviam-lhe dito, pedindo que lhe fosse permitido concluir seu treinamento em Dallas. Tencionara pedir que todos os executivos da EDS em Teerã assinassem a carta, mas fora impedido pelos acontecimentos. A maioria dos executivos fora evacuada e a EDS no Irã estava desmoronando. A carta nunca fora despachada. Assim, ele teria de pensar em alguma outra solução.

Sempre poderia encontrar um meio. Tudo era possível para Rashid. Ele poderia fazer qualquer coisa. Conseguira até escapar ao serviço militar. Numa ocasião em que milhares de jovens iranianos de classe média estavam gastando fortunas em subornos para evitar o serviço militar, Rashid passara apenas algumas semanas de uniforme e depois convencera os médicos de que estava incuravelmente doente com um mal muscular. Os companheiros e oficiais sabiam que ele gozava de perfeita saúde, mas cada vez que se encontrava com um médico Rashid se punha a tremer incontrolavelmente. Compareceu à presença de juntas médicas e tremeu por várias horas... um esforço absolutamente extenuante. Ao final, tantos médicos atestaram que ele estava doente que acabaram lhe dando baixa. Era absurdo, ridículo, impossível... mas fazer o impossível era a prática normal de Rashid.

Assim, ele sabia que iria para a América. Não sabia como, mas um planejamento cuidadoso e meticuloso não era mesmo o seu estilo.

Era um homem que agia sob o impulso do momento, um improvisador, um oportunista. Sua oportunidade ainda apareceria e não deixaria de aproveitá-la.

Simons interessou-o consideravelmente. Não era como os outros executivos da EDS. Todos estavam na casa dos 30 ou 40 anos, enquanto Simons estava mais próximo dos 60 anos. Os cabelos compridos, costeletas brancas e nariz grande faziam com que ele parecesse mais iraniano do que americano. Além do mais, ele não

dizia claramente o que estava pensando. Homens como Coburn e Sculley sempre diziam:

“Esta é a situação e isto é o que estamos querendo que você faça. E tem de ser feito até amanhã...” Mas Simons disse:

— Vamos dar uma volta.

Saíram andando pelas ruas de Teerã. Rashid descobriu-se a falar sobre sua família, seu trabalho na EDS, suas opiniões sobre a psicologia do ser humano. Podiam ouvir tiros contínuos, as ruas estavam repletas de pessoas marchando e cantando. Por toda parte havia vestígios de batalhas passadas, carros virados, prédios queimados.

— Os marxistas destroem os carros de luxo e os muçulmanos acabam com as lojas de bebidas — comentou Rashid.

— Por que isso está acontecendo? — perguntou Simons.

— Este é o momento dos iranianos provarem que são capazes de realizarem suas idéias e conquistarem a liberdade.

Descobriram-se na Praça Gasr, de frente para a prisão. Rashid disse:

— Há muitos iranianos nestas prisões pelo simples fato de terem pedido por liberdade.

Simons apontou para a multidão de mulheres em *chadors*.

— O que elas estão fazendo?

— Os maridos e filhos foram presos injustamente. Elas se reúnem aqui, gemendo e pedindo aos guardas que deixem os prisioneiros saírem.

— Acho que sinto em relação a Paul e Bill a mesma coisa que essas mulheres sentem em relação a seus homens.

— Também estou muito preocupado com Paul e Bill —
comentou Rashid.

— Mas o que você está fazendo para ajudá-los?

Rashid ficou aturdido.

— Estou fazendo tudo o que posso para ajudar meus amigos americanos.

Ele pensou nos cachorros e gatos. Uma de suas tarefas no momento era cuidar de todos os animais de estimação que os evacuados da EDS haviam deixado em Teerã... o que incluía quatro cachorros e 12 gatos. Rashid nunca tivera qualquer animal de estimação e não sabia como lidar com cachorros grandes e agressivos.

Cada vez que ia ao apartamento em que os cachorros estavam alojados, para alimentá-los, tinha de contratar dois ou três homens que encontrava pelas ruas para ajudá-lo a controlar os animais. Por duas vezes já levava os bichos ao aeroporto em pequenas jaulas, ao ser informado que havia um vôo que os aceitaria; e nas duas ocasiões o vôo fora cancelado. Ele pensou em contar essa história, mas de alguma forma compreendeu que Simons não ficaria impressionado.

Simons estava querendo alguma coisa, concluiu Rashid, e não se tratava de um problema de negócios. Simons impressionava-o como um homem experiente. Podia-se perceber isso só de olhar para o rosto dele. Rashid não acreditava em experiência. Acreditava na educação rápida. Revolução, não evolução. Gostava da pista interna, atalhos, desenvolvimento acelerado, supercompressor. Simons era um homem diferente. Era paciente e Rashid, analisando a psicologia de Simons, calculou que a paciência derivava de uma vontade forte. Quando ele estiver pronto, pensou Rashid, vai dizer o que está querendo de mim.

— Sabe alguma coisa sobre a Revolução Francesa? —

perguntou Simons.

— Um pouco.

— Esse lugar me lembra a Bastilha... um símbolo da opressão.

Era uma boa comparação, pensou Rashid. Simons acrescentou:

— Os revolucionários franceses atacaram a Bastilha e soltaram todos os presos.

— Acho que a mesma coisa vai acontecer aqui. Ou pelo menos é uma possibilidade.

Simons acenou com a cabeça.

— Se isso acontecer, alguém deverá estar por aqui para cuidar de Paul e Bill.

— Tem razão.

Serei eu, pensou Rashid. Eles ficaram parados na Praça Gasr, olhando para os muros altos e os imensos portões, as mulheres a se lamentarem, em seus trajes pretos. Rashid recordou o seu princípio: sempre faça um pouco mais do que a EDS está lhe pedindo. E se as multidões ignorassem a Prisão Gasr? Talvez ele devesse providenciar para que isso não acontecesse. A multidão era simplesmente composta por pessoas como Rashid: iranianos jovens e descontentes, que queriam mudar suas vidas. Ele poderia não apenas se juntar à multidão... poderia também conduzi-la. Poderia comandar um ataque à prisão. Ele, Rashid, poderia salvar Paul e Bill.

Nada era impossível.

2

Coburn não sabia de tudo o que se passava pela cabeça de Simons naquele momento. Não participara das conversas dele com Perot e Rashid e Simons não dera muitas informações. Pelo que Coburn podia saber, as três possibilidades — a fuga na mala de um carro, o seqüestro da prisão domiciliar e a queda da Bastilha —

pareciam bastante vagas. Além do mais, Simons não estava fazendo nada para tornar possível, parecendo contentar-se em ficar sentado na antiga casa dos Dvoranchiks discutindo planos cada vez mais detalhados. Mas nada disso deixava Coburn apreensivo. Ele era um otimista. Como Ross Perot, estava convencido de que não adiantava tentar adivinhar os planos do maior perito do mundo em operações de resgate de prisioneiros.

Enquanto as três possibilidades estavam em ebulição, Simons concentrou-se nos meios de sair do Irã.

Coburn procurou por meios de levar Paul e Bill para fora do país de avião. Foi dar uma olhada nos armazéns no aeroporto, aventando a idéia de despachar Paul e Bill como carga. Conversou com pessoas das empresas aéreas, tentando aprofundar contatos. Acabou tendo várias reuniões com o chefe de segurança da Pan Am, contando-lhe tudo, exceto os nomes de Paul e Bill. Conversaram sobre a possibilidade de embarcar os dois fugitivos num vôo normal da Pan Am, usando uniformes de tripulantes, O chefe de segurança queria ajudar, mas acabaram constatando que o sistema de controle da empresa era um obstáculo insuperável. Coburn pensou então em roubar um helicóptero. Fez um reconhecimento de uma base de helicópteros ao sul da cidade e chegou à conclusão de que era possível roubar um aparelho. Mas tendo em vista o caos do sistema militar iraniano, ele calculou que os aparelhos não estavam tendo uma manutenção adequada. Sabia também que eles estavam com

uma escassez de peças sobressalentes. E ainda havia a possibilidade de o combustível estar contaminado.

Ele comunicou tudo isso a Simons. Este sempre desconfiara de aeroporto e as informações de Coburn reforçaram a sua prevenção.

Sempre havia policiais e soldados nos aeroportos, Se alguma coisa saísse errada, não haveria como escapar. Afinal, os aeroportos eram projetados para impedir que as pessoas vagueassem por onde não deveriam. Num aeroporto, sempre se tinha de ficar nas mãos de outros. Além do mais, numa situação assim, os piores inimigos podiam ser justamente as pessoas que estavam fugindo. Era indispensável que se mantivessem absolutamente calmas. Coburn achava que Paul e Bill teriam controle suficiente para enfrentar algo assim, mas não adiantaria dizer isso a Simons. O coronel sempre tinha de fazer sua avaliação pessoal do caráter de um homem e jamais se encontrara com Paul ou Bill.

Assim, ao final, eles se concentraram na perspectiva de fugir pela estrada.

Havia seis caminhos.

Ao norte, ficava a União Soviética, que não era um país hospitaleiro. A leste ficava o Afeganistão, igualmente inóspito, e o Paquistão, cuja fronteira era longe demais — mais de 1.500

quilômetros, a maior parte em deserto. Ao sul ficava o Golfo Pérsico, com o Kuwait amistoso a apenas 100 ou 150 quilômetros pela água.

Era uma perspectiva promissora. A oeste ficava o inamistoso Iraque; a noroeste a amistosa Turquia.

Kuwait e Turquia eram os destinos que eles preferiam.

Simons pediu a Coburn que arrumasse um empregado iraniano de confiança para seguir de carro para o sul, até o Golfo Pérsico, a fim

de descobrir se a estrada era transitável e se a região estava pacífica.

Coburn convocou o Moto-Homem, assim chamado porque costumava circular por toda Teerã de motocicleta. Aprendiz de engenheiro de sistemas, como Rashid, o Moto-Homem tinha 25 anos, era baixo e com vivência das ruas. Aprendera inglês numa escola na Califórnia e podia falar com qualquer sotaque regional americano: sulista, porto-riquenho, tudo enfim. A EDS o contratara apesar dele carecer de um diploma universitário, porque se saíra extraordinariamente bem nos testes de aptidão. Quando os empregados iranianos da EDS aderiram à greve geral, Paul e Coburn convocaram uma reunião para discutir o problema. O Moto-Homem surpreendera a todos, ao falar com veemência contra seus companheiros e a favor da administração.

Jamais escondera os seus sentimentos pró-americanos, mas Coburn tinha certeza que o Moto-Homem estava envolvido com os revolucionários. Um dia ele pedira um carro a Keane Taylor, que lhe dera. Pedira outro carro no dia seguinte. Taylor atendera. O Moto-Homem sempre usava sua motocicleta para ir a qualquer parte. Por isso, Taylor e Coburn estavam convencidos que os carros eram para os revolucionários. Não se importavam; era mais importante que o Moto-Homem lhes ficasse devendo alguma coisa.

Assim, em retribuição pelos favores passados, o Moto-Homem seguiu para o Golfo Pérsico.

Ele voltou poucos dias depois e comunicou que tudo era possível para quem tivesse dinheiro suficiente. Podia-se chegar ao Golfo Pérsico e podia-se comprar ou alugar um barco.

Mas ele não tinha idéia do que aconteceria quando desembarcasse no Kuwait.

Essa indagação foi respondida por Glenn Jackson.

Além de ser um caçador e um batista, Glenn Jackson era um Homem do Espaço. A combinação de um cérebro matemático de primeira classe e a capacidade de permanecer calmo sob tensão levava-o ao Controle de Missão do Centro de Espaçonaves Tripuladas da NASA, em Houston, como controlador de vôo. Sua função fora a de projetar e operar os programas de computador que calculavam as trajetórias para as manobras de vôo.

A capacidade de controle de Jackson fora severamente testada no dia de Natal de 1968, durante a última missão em que trabalhara, o vôo lunar. Quando a espaçonave saíra de trás da lua, o astronauta Jim Lovell lera a lista de números, chamados residuais, que revelavam a Jackson até que ponto o aparelho estava próximo do curso planejado.

Jackson levava um susto: os números estavam muito além dos limites aceitáveis de erro. Jackson pediu que o astronauta tornasse a ler os números, a fim de fazer uma conferência. E depois avisara ao diretor de vôo que, se aqueles números estivessem corretos, os três astronautas podiam ser considerados como homens mortos. Não haveria combustível suficiente para corrigir desvios tão grandes.

Jackson pediu a Lovell que lesse os números pela terceira vez, com o maior cuidado. Eram os mesmos. Houvera uma pausa e depois Lovell dissera:

— Ei, esperem um pouco! Estou lendo os números errados!

Feita a correção, verificara-se que a manobra fora quase perfeita.

Tudo isso estava muito longe de entrar à força numa prisão para libertar dois prisioneiros.

De qualquer forma, estava começando a parecer que Jackson jamais teria a oportunidade de levar a cabo uma operação assim. Ele estava esperando há uma semana em Paris, sem fazer nada, quando

recebeu as instruções de Simons, através de Dallas, para ir ao Kuwait.

Ele voou para o Kuwait e instalou-se na casa de Bob Young, que se encontrava em Teerã, participando da equipe de negociações, enquanto sua mulher Kris e o bebê estavam nos Estados Unidos em férias. Jackson disse a Malloy Jones, que era o gerente local em exercício na ausência de Young, que viera ajudar no estudo preliminar que a EDS estava efetuando para o banco central do Kuwait. Ele trabalhou um pouco para reforçar a sua história de cobertura e depois começou a estudar a situação.

Passou algum tempo no aeroporto, observando os funcionários da imigração. Não demorou a constatar que eram extremamente rigorosos. Centenas de iranianos sem passaportes estavam chegando de avião ao Kuwait: eram algemados e embarcados no próximo vôo de volta. Jackson concluiu que dificilmente Paul e Bill conseguiriam desembarcar de avião no Kuwait.

Presumindo que eles chegassem de barco, poderiam mais tarde partir sem passaportes? Jackson foi procurar o cônsul americano, explicando que um de seus filhos perdera o passaporte e perguntando o que deveria fazer para substituí-lo. Durante uma conversa longa e desconexa, o cônsul revelou que os kuwaitianos tinham o hábito de verificar, ao concederem um visto de saída, se a pessoa entrara no país legalmente.

Era um problema grande, mas talvez não fosse insolúvel: a partir do momento em que estivessem no Kuwait, Paul e Bill estariam a salvo de Dadgar e certamente a embaixada americana lhes devolveria os passaportes. O problema maior era outro: presumindo que os fugitivos alcançassem o sul do Irã e embarcassem numa pequena embarcação, poderiam desembarcar no Kuwait sem serem notados?

Jackson percorreu os 100 quilômetros da costa do Kuwait, da fronteira do Iraque ao norte até a fronteira da Arábia Saudita ao sul.

Passou muitas horas na praia. recolhendo conchas. Foi informado que normalmente as patrulhas costeiras não eram muito rigorosas. Mas o êxodo do Irã alterara essa situação. Havia milhares de iranianos que queriam deixar o país quase tão desesperadamente quanto Paul e Bill.

Esses iranianos, como Simons, podiam consultar o mapa e ver o Golfo Pérsico ao sul, com o amistoso Kuwait no outro lado das águas. A guarda costeira do Kuwait estava atenta a essa situação. Para todos os lados do mar que Jackson olhava havia pelo menos um barco de patrulha da guarda costeira... e pareciam estar detendo todas as pequenas embarcações.

As perspectivas eram sombrias. Jackson ligou para Merv Stauffer em Dallas e comunicou que a salda pelo Kuwait era uma impossibilidade.

Com isso, restava a Turquia.

Simons preferia a Turquia desde o início. Envolvia um percurso menor do que a viagem até o Kuwait. Além disso, Simons conhecia a Turquia. Servira ali na década de 50, integrando a missão americana de ajuda militar, treinando o exército turco. Até falava um pouco de turco.

Assim, ele mandou Ralph Boulware a Istambul.

Ralph Boulware crescera em bares. O pai, Benjamin Russel Boulware, era um preto obstinado e independente, que tivera diversos pequenos empreendimentos comerciais: uma mercearia, administração de imóveis, fabricação ilícita de uísque, mas principalmente bares. A teoria de Ben Boulware sobre a criação de filhos era a de que, se soubesse onde eles estavam, saberia o que faziam. Assim, ele mantinha os filhos ao alcance de seus olhos, o que significava que passavam a maior parte do tempo em bares. Não fora uma infância das melhores e deixara Ralph com a sensação de que fora um adulto por toda a sua vida.

Compreendera que era diferente dos outros rapazes de sua idade quando entrara na universidade e descobrira que seus contemporâneos ficavam extremamente excitados com a perspectiva de jogar, beber e sair com mulheres. Ele já conhecia tudo sobre jogadores, bêbados e prostitutas. Deixara a universidade e ingressara na força aérea.

Em nove anos na aeronáutica nunca participara de qualquer ação de combate. Embora de um modo geral se sentisse contente por isso, ficara imaginando se teria o que era necessário para participar de uma guerra. Pensara que o resgate de Paul e Bill era a sua oportunidade de descobrir isso, mas Simons o mandara de Paris de volta a Dallas.

Parecia que ele ficaria mais uma vez na turma de apoio. E foi então que chegaram novas ordens.

Foram transmitidas por Merv Stauffer, o braço direito de Perot, que era agora o elemento de ligação de Simons com a equipe dispersa.

Stauffer foi à Rádio Shack e comprou seis rádios receptores transmissores com cinco canais, 10 recarregadores, um suprimento grande de pilhas e um mecanismo para os aparelhos funcionarem ligados ao isqueiro de um automóvel. Ele entregou todo o equipamento a Boulware e mandou-o se encontrar com Sculley e Schwebach em Londres, antes de seguir para Istambul.

Stauffer entregou-lhe também 40.000 dólares em dinheiro vivo, para despesas, subornos e tudo o mais que fosse necessário.

Na noite anterior à partida de Boulware, a mulher começou a discutir com ele por causa de dinheiro. Ele retirara 1.000 dólares do banco, sem avisar a ela, antes de viajar para Paris, pois tinha a obsessão de levar sempre dinheiro no bolso para o que desse e viesse.

Ela descobrira posteriormente que ficara muito pouco dinheiro no banco. Boulware não queria explicar por que retirara o dinheiro e

como o gastara. Mary insistiu que precisava do dinheiro. Boulware não estava muito preocupado com esse problema. Ela estava na casa de bons amigos e ele sabia que haveria alguém para atender a todas as necessidades que pudessem surgir. Mas Mary não aceitou as negativas dele. E como sempre acontecia quando ela estava realmente determinada, Boulware resolveu satisfazê-la. Foi para o seu quarto, onde deixara a caixa contendo os rádios e os 40.000 dólares. Estava contando 500 dólares quando Mary entrou no quarto e viu o que havia na caixa. Boulware entregou-lhe os 500 dólares, perguntando:

— Isso é suficiente?

— É, sim.

Ela olhou para a caixa e depois novamente para o marido, murmurando, antes de sair do quarto:

— Não vou nem perguntar o que está acontecendo.

Boulware partiu no dia seguinte. Encontrou-se com Schwebach e Sculley em Londres, entregou cinco dos seis rádios, ficando com um. Voou em seguida para Istambul.

Foi do aeroporto diretamente para o escritório do Sr. Fish, o agente de viagens.

Fish recebeu-o numa sala coletiva, em que mais três ou quatro pessoas estavam sentadas às suas mesas.

— Meu nome é Ralph Boulware e trabalho para a EDS. Creio que conhece minhas filhas, Stacy Elaine e Kecia Nicole.

As meninas haviam brincado com as filhas de Fish durante a estada dos evacuados em Istambul. Fish não se mostrou muito efusivo na recepção.

— Preciso falar com você — disse Boulware.

— Pode falar.

Boulware correu os olhos pela sala.

— Quero conversar em particular.

— Por quê?

— Vai compreender quando começarmos a conversar.

— Esses são meus sócios. Não há segredos aqui.

O Sr. Fish estava se mostrando difícil e Boulware não podia entender o motivo. Eram dois. Primeiro, depois que tudo o que Fish fizera durante a evacuação, Don Norsworthy o gratificara com uma gorjeta de 150 dólares, o que era irrisório, na opinião de Boulware.

(— Eu não sabia o que fazer — dissera Norsworthy . — A conta do homem foi de 26.000 dólares. Qual a gratificação que eu deveria ter dado... dez por cento?)

Segundo, Pat Sculley abordara o Sr. Fish com uma história transparente sobre contrabando de fitas de computador para o Irã.

Boulware percebeu prontamente que Fish não era um idiota nem um criminoso; portanto, é claro que se recusara a ter qualquer participação no plano de Sculley.

Agora, Fish estava convencido de que todo o pessoal da EDS

era 1) sovina e 2) criminosos perigosamente primários.

Mas Fish era também um homem de pequenos negócios.

Boulware podia compreender os homens assim, pois seu próprio pai fora um deles. Falavam duas línguas: a franca e a do dinheiro.

Dinheiro na mão poderia resolver o primeiro obstáculo e a franqueza superaria o segundo.

— Muito bem, vamos começar tudo de novo — disse Boulware.

— Quando o pessoal da EDS esteve aqui você ajudou todo mundo da melhor maneira possível, tratou muito bem das crianças e fez tudo por nós. Quando eles foram embora, houve uma confusão no momento de demonstrar nosso agradecimento. Estamos consternados porque isso não foi acertado da forma apropriada e preciso resolver o problema.

— Não é tanto assim...

— Lamentamos profundamente — disse Boulware, entregando a Fish 1.000 dólares, em notas de 100.

A sala ficou no mais absoluto silêncio.

— Ficarei hospedado no Sheraton — acrescentou Boulware. —

Talvez possamos conversar mais tarde.

— Irei com você — declarou Fish.

Ele cuidou pessoalmente do registro de Boulware no hotel e garantiu-lhe um bom quarto, depois concordou em se encontrarem para jantar naquela noite, no restaurante do próprio Sheraton.

O Sr. Fish era um cavador de alta classe, pensou Boulware, enquanto arrumava suas coisas, no quarto do hotel. O homem só podia ser muito esperto, para ter o que parecia ser um próspero empreendimento num país tão pobre. A experiência com os evacuados demonstrava que ele tinha capacidade de fazer algo mais além de providenciar passagens de avião e providenciar reservas em hotéis.

Tinha os contatos certos para acelerar as engrenagens emperradas da burocracia, a julgar pela maneira com que fizera que a bagagem de todo mundo passasse rapidamente pela alfândega. Também ajudara a resolver o problema do bebê iraniano adotado que não tinha passaporte. O erro da EDS fora o de perceber que ele era um cavador, mas ignorar que também tinha classe... talvez enganada por sua aparência despretensiosa, já que se tratava de um homem gordo, metido em roupas surradas. Boulware, aprendendo com os erros anteriores, achava que podia cuidar do Sr. Fish.

Naquela noite, ao jantar, Boulware disse que queria ir à fronteira Irã—Turquia para se encontrar com algumas pessoas que estavam saindo do outro país. Fish ficou horrorizado e comentou:

— Você não entende. Aquele lugar é terrível. Os habitantes são curdos e azerbaijanos, montanheses meio selvagens, que não obedecem ao governo. Sabe como vivem lá por cima? De contrabando, assalto e assassinato. Eu não me atreveria a ir até lá pessoalmente. E se você, um americano, aparecer por lá, pode estar certo de que nunca mais voltará. Nunca mais.

Boulware achou que ele estava provavelmente exagerando.

— Tenho de ir até lá, mesmo que seja perigoso. Onde eu poderia comprar um avião pequeno?

O Sr. Fish sacudiu a cabeça.

— É ilegal na Turquia os indivíduos possuírem aviões.

— E helicópteros?

— A mesma coisa.

— Mas posso fretar um avião?

— É possível. Pode-se fretar quando não há vôos regulares para um determinado lugar.

— Há vôos regulares para a área da fronteira?

— Não.

— Ótimo.

— Mas fretar um avião é algo tão excepcional que certamente vai atrair a atenção das autoridades...

— Não planejamos fazer nada ilegal. Mesmo assim, não queremos o incômodo de sermos investigados. Portanto, vamos fazer apenas uma opção de frete. Descubra tudo sobre o preço e disponibilidade, mas não faça qualquer reserva por enquanto. E quero saber mais sobre a ida até a fronteira por terra. Se não quiser me acompanhar, não há problema; mas descubra alguém que queira ir comigo.

— Verei o que posso fazer.

Eles se encontraram várias vezes durante os dias subsequentes.

A frieza inicial do Sr. Fish desapareceu. Boulware sentiu que estavam se tornando amigos. Fish era alerta e objetivo. Boulware calculou que ele não era um criminoso, mas poderia violar a lei se os riscos e recompensas fossem proporcionais. Compreendia perfeitamente essa atitude, pois também era capaz de violar a lei, nas circunstâncias corretas. Fish era também um hábil interrogador e, pouco a pouco, Boulware contou-lhe toda a história. Reconheceu que Paul e Bill provavelmente não teriam passaportes, mas depois de que chegassem à Turquia, poderiam obtê-los no consulado americano mais próximo.

Explicou que Paul e Bill poderiam ter dificuldades para sair do Irã e queria estar preparado para cruzar a fronteira pessoalmente, talvez num pequeno avião, a fim de buscá-los. Mas nada disso assustava

tanto ao Sr. Fish quanto a perspectiva de percorrer uma região dominada pelo banditismo.

Poucos dias depois, no entanto, ele apresentou Boulware a um homem que tinha parentes entre os bandidos das montanhas. Fish sussurrou que o homem era um criminoso e não havia a menor dúvida de que sua aparência correspondia ao papel: tinha uma cicatriz no rosto, olhos pequenos e furtivos. Disse que podia garantir a Boulware uma travessia segura até a fronteira e de volta. Seus parentes poderiam até levar Boulware além da fronteira, entrando pelo Irã, se fosse necessário.

Boulware telefonou para Dallas e comunicou tudo a Merv Stauffer, que transmitiu as informações a Coburn, em código. Coburn falou com Simons, que vetou o plano. Se o homem é um criminoso, ressaltou Simons, não podemos confiar nele.

Boulware ficou contrariado. Empenhara-se ao máximo para conseguir tudo aquilo. Será que Simons pensava que era fácil arrumar gente para colaborar? E quando se queria viajar por uma região de banditismo, que companheiro melhor se poderia ter que não um bandido? Mas Simons estava no comando e Boulware não teve alternativa senão pedir a Fish que começasse tudo de novo.

Enquanto isso, Sculley e Schwebach voaram para Istambul.

A dupla implacável estava num voo de Londres para Teerã, via Copenhague, quando os iranianos tornaram a fechar seu aeroporto.

Assim, Sculley e Schwebach foram juntar-se a Boulware em Istambul.

Recolhidos ao hotel, esperando que alguma coisa acontecesse, os três foram ficando cada vez mais impacientes. Schwebach reverteu a seu papel de Boina-Verde e tentou fazer com que todos se mantivessem em forma, subindo e descendo as escadas do hotel, o mais depressa possível. Boulware fez isso uma vez e depois desistiu.

Estava irritado com Simons, Coburn e Poché, que pareciam estar sentados em Teerã sem fazer nada; por que eles não fazem as coisas acontecerem?

Depois, Simons mandou Sculley e Schwebach de volta aos Estados Unidos. Eles deixaram os rádios com Boulware.

O Sr. Fish teve um acesso quando viu os rádios. Disse a Boulware que era altamente ilegal ter um radiotransmissor na Turquia.

Até mesmo os rádios transistorizados comuns tinham de ser registrados com o governo, com receio de que as peças pudessem ser usadas para se fazer transmissores para os terroristas.

— Será que não pode entender como você está atraindo atenção? — disse ele a Boulware. — Está gastando 2.000 dólares por semana em telefonemas e pagando em dinheiro. Não parece estar fazendo qualquer negócio aqui. As criadas certamente já viram os rádios e comentaram a respeito. A esta altura, você deve estar sob vigilância. Esqueça os seus amigos no Irã... você é que vai terminar na prisão.

Boulware concordou em livrar-se dos rádios. A dificuldade com a paciência aparentemente interminável de Simons era de que a protelação constante causava novos problemas. Sculley e Schwebach não podiam agora voltar ao Irã e ninguém dispunha de rádios.

Enquanto isso, Simons continuava a dizer não a todas as coisas. Fish ressaltou que havia duas travessias da fronteira do Irã para a Turquia, uma em Sero e a outra em Barzagan. Simons escolhera Sero.

Barzagan era um lugar maior e mais civilizado, conforme explicou Fish; todos estariam um pouco mais seguros ali. Simons disse não.

Foi encontrado um novo acompanhante para ir com Boulware até a fronteira. O Sr. Fish tinha um colega de negócios cujo cunhado

estava na Milli Istihbarat Teskilati ou MIT, a equivalente turca da CIA. O nome desse agente secreto era Ilsman. Suas credenciais garantiriam a Boulware a proteção militar na região do banditismo.

Sem essas credenciais, explicou Fish, o cidadão comum estava em perigo não apenas por parte dos bandidos, mas também do exército turco.

O Sr. Fish estava muito nervoso. A caminho do encontro com Ilsman, ele obrigou Boulware a submeter-se a toda uma rotina de novela de espionagem, mudando de carros e até embarcando num ônibus para um trecho do percurso, como se estivessem tentando se desvencilhar de alguém a segui-los. Boulware não podia compreender a necessidade para tudo aquilo, se estavam realmente indo visitar um cidadão perfeitamente honesto, que por acaso trabalhava na comunidade de informações. Mas Boulware era um estrangeiro num país estranho e tinha de aceitar o que Fish lhe dizia, confiar no homem.

Terminaram num prédio de apartamentos grande e um tanto abandonado, numa parte da cidade que Boulware não conhecia. A eletricidade estava cortada — como acontecia em Teerã! — e Fish demorou algum tempo para encontrar o apartamento, no escuro. A princípio, ele não obteve qualquer resposta. Sua tentativa de manter a visita em segredo malogrou neste momento, pois teve de martelar a porta pelo que pareceu quase meia hora, com todos os outros moradores do prédio podendo dar uma boa olhada nos dois. Boulware ficou parado ali em silêncio, sentindo-se como um branco no Harlem.

Uma mulher finalmente abriu a porta e eles entraram.

Era um apartamento pequeno e insípido, atulhado de móveis antigos e parcamente iluminado por duas velas. Ilsman era baixo e gordo, mais ou menos da idade de Boulware, 35 anos. Há muitos anos que Ilsman não devia ver os próprios pés, pois a barriga se projetava

para a frente. Fez Boulware pensar no gordo sargento de polícia estereotipado dos filmes, com um terno apertado e camisa encharcada de suor, a gravata amarrotada contornando o lugar em que deveria estar o pescoço, se ele tivesse um pescoço.

Eles sentaram e a mulher — a Sra. Ilsman, presumiu Boulware

— serviu chá... exatamente como em Teerã! Boulware explicou o seu problema, com Fish servindo de intérprete. Ilsman ficou desconfiado.

Interrogou Boulware sobre os dois fugitivos americanos. Como Boulware podia ter certeza de que eles eram inocentes? Por que não tinham passaportes? O que trariam para a Turquia? Ao final, pareceu ficar convencido de que Boulware estava sendo sincero. Ofereceu-se para levar Paul e Bill da fronteira até Istambul, por 8.000 dólares, tudo incluído.

Boulware ficou em dúvida se Ilsman era mesmo autêntico.

Contrabandear americanos para o país era um estranho passatempo para um agente de informações. E se Ilsman pertencia de fato à MIT, quem o Sr. Fish pensava que poderia tê-los seguido através da cidade?

Talvez Ilsman fosse um agente independente. Oito mil dólares era muito dinheiro na Turquia. Era até possível que Ilsman comunicasse a seus superiores o que estava fazendo. Afinal, Ilsman podia ter pensado que, se a história de Boulware era mesmo verdadeira, não haveria mal algum em ajudar; e se Boulware estivesse mentindo, a melhor maneira de descobrir o que ele realmente tencionava seria acompanhá-lo até a fronteira.

Seja como for, Ilsman parecia, àquela altura dos acontecimentos, o melhor que Boulware podia conseguir. Boulware concordou com o preço e Ilsman foi buscar uma garrafa de uísque.

Enquanto outros membros da equipe de resgate impacientavam-se em diversas partes do mundo, Simons e Coburn estavam percorrendo a estrada de Teerã para a fronteira turca.

O reconhecimento era um lema para Simons e ele queria estar familiarizado com cada palmo do caminho de fuga, antes de percorrê-

lo com Paul e Bill. Até que ponto estavam ocorrendo combates naquela parte do país? Qual era a presença da polícia? As estradas eram transitáveis no inverno? Os postos de gasolina estavam abertos?

Havia dois caminhos para se chegar a Sero, a travessia da fronteira que ele escolhera. (Preferira Sero porque era um posto de fronteira pouco usado, numa aldeia pequena. Assim, haveria poucas pessoas e a fronteira não estaria muito vigiada. Em Barzagan, a alternativa que Fish continuava a recomendar, o movimento seria muito maior.) A cidade grande mais próxima de Sero era Rezaiyeh.

No caminho de Teerã para Rezaiyeh ficava o Lago Rezaiyeh, com 150

quilômetros de comprimento. Era preciso contorná-lo, pelo norte ou pelo sul. A estrada pelo norte passava por cidades maiores e devia ter estradas melhores. Por isso, Simons preferiu o caminho pelo sul, desde que as estradas fossem transponíveis. Ele decidiu que verificaria os dois caminhos naquela viagem de reconhecimento, indo pelo norte e voltando pelo sul.

Concluiu que o melhor tipo de carro para a viagem era um Range Rover britânico, um meio-termo entre um jipe e uma caminhonete. Não havia revendedores ou agências de venda de carros usados em Teerã agora e por isso Coburn encarregou o Moto-Homem de providenciar dois Range Rovers. A solução do Moto-Homem para o problema foi caracteristicamente engenhosa. Imprimiu um volante com seu telefone e a mensagem: "Se você quiser vender seu Range

Rover ligue para este número.” Depois, circulou pela cidade em sua motocicleta e pôs uma cópia sob o limpador de pára-brisas de cada Range Rover que encontrou estacionado pelas ruas.

Conseguiu dois veículos por 20.000 dólares cada; comprou também ferramentas e peças sobressalentes, podendo efetuar todos os reparos, menos os maiores.

Simons e Coburn levaram dois iranianos na viagem: Majid e um primo dele, que era professor numa escola agrícola em Rezaiyeh. O

professor fora a Teerã para embarcar num avião a mulher americana e os filhos, despachando-os para os Estados Unidos. Levá-lo de volta a Rezaiyeh era a história de cobertura de Simons.

Deixaram Teerã no início da manhã, levando atrás um dos tambores de gasolina de 55 galões de Keane Taylor. Durante os primeiros 150 quilômetros, até Qazvin, viajaram por uma estrada moderna. Depois de Qazvin, no entanto, havia uma estrada meramente asfaltada de mão dupla. As encostas achavam-se cobertas de neve, mas a estrada propriamente dita estava limpa. Se permanecer assim por todo o caminho até a fronteira, pensou Coburn, poderemos chegar lá em um dia.

Pararam em Zanjan, a 320 quilômetros de Teerã e à mesma distância de Rezaiyeh, conversaram com o chefe de polícia local, que tinha algum parentesco com o professor. (Coburn jamais fora capaz de compreender os relacionamentos de família dos iranianos. Eles pareciam usar a palavra “primo” um tanto liberalmente.) O chefe de polícia disse que aquela parte do país estava em paz; se eles deparassem com algum problema, seria na área de Tabriz.

Viajaram durante toda a tarde, por estradas estreitas, mas boas.

Entraram em Tabriz depois de mais 150 quilômetros. Havia uma manifestação ali, mas não era como o tipo de batalha a que se

havam acostumado em Teerã. Sentiram-se seguros até mesmo para dar uma volta a pé pelo bazar.

Pelo caminho, Simons ficara conversando com Majid e o professor. Parecia uma conversa informal, mas a esta altura Coburn já estava bastante familiarizado com os métodos de Simons para saber que o coronel sondava os dois, a fim de determinar se mereciam confiança. Os prognósticos até aquele momento pareciam favoráveis, pois Simons começou a fazer insinuações sobre o verdadeiro propósito da viagem.

O professor explicou que a região em torno de Tabriz era favorável ao Xá. Assim, antes de seguirem viagem, Simons pôs uma fotografia do Xá no pára-brisa.

O primeiro sinal de problema ocorreu alguns quilômetros ao norte de Tabriz, onde foram detidos por uma barreira na estrada. Era um trabalho de amador, com apenas dois cavaletes colocados na estrada, de tal forma que os carros podiam contorná-los, embora tivessem de diminuir a velocidade. Estava guarnecida por aldeões armados com picaretas e porretes.

Majid e o professor falaram com os aldeões. O professor mostrou o seu cartão de identidade da universidade e disse que os americanos eram cientistas que tinham vindo colaborar num projeto de pesquisa. Coburn pensou que era evidente que a equipe de resgate precisaria trazer iranianos, quando e se fizessem a viagem com Paul e Bill, a fim de lidar com situações como aquela.

Os aldeões deixaram-nos passar.

Majid parou pouco depois e acenou para um carro que vinha na direção oposta. O professor conversou com o outro motorista por alguns minutos, depois informou que a cidade seguinte, Khoy, era contra o Xá. Simons tirou a fotografia do Xá do pára-brisa, substituindo-a por uma do Aiatolá Khomeini. Daquele momento em

diante, eles paravam regularmente os carros que vinham pela direção oposta, mudando a fotografia de acordo com a política local.

Havia outra barreira na estrada nos arredores de Khoy.

Como a primeira, parecia não ser oficial e estava guarnecida por civis. Desta vez, porém, os homens e garotos por trás dos cavaletes empunhavam armas de fogo.

Majid parou o carro e todos saltaram.

Para horror de Coburn, um adolescente apontou-lhe uma arma.

Coburn ficou completamente imóvel. A arma era uma pistola Liama de 9 mm. O garoto parecia ter 16 anos. Provavelmente nunca manejara uma arma de fogo antes, pensou Coburn. Amadores com armas eram extremamente perigosos. O garoto apertava a arma com tanta força que as articulações estavam esbranquiçadas.

Coburn ficou apavorado. Já fora o alvo de muitos tiros, no Vietnam, mas o que o assustava agora era a possibilidade de ser morto por acidente.

— Ruskie — disse o garoto. — Ruskie.

Ele pensa que sou russo, compreendeu Coburn. Talvez fosse por causa da barba vermelha espessa e do pequeno gorro preto de lã.

— Não, americano — murmurou Coburn.

O garoto manteve a pistola apontada.

Coburn ficou olhando fixamente para as articulações esbranquiçadas e pensou: só espero que o pilantra não espirre.

Os aldeões revistaram Simons, Majid e o professor. Coburn, que não podia desviar os olhos do garoto, ouviu Majid comentar:

— Eles estão à procura de armas.

A única arma que eles tinham era uma pequena faca que Coburn usava numa bainha nas costas, por baixo da camisa. Um aldeão começou a revistar Coburn e o garoto finalmente baixou a arma.

Coburn voltou a respirar. E depois se perguntou o que aconteceria quando descobrissem sua faca.

A revista não foi meticulosa e a faca não foi encontrada. Os vigilantes acreditaram na história de um projeto científico.

— Eles pedem desculpas por revistar o velho — explicou Majid.

O “velho” era Simons, que parecia agora com um mero camponês iraniano, já bastante idoso. Majid acrescentou:

— Podemos continuar.

Tornaram a embarcar no carro.

Além de Khoy, viraram para o sul, contornando a extremidade do lago e seguindo pela margem ocidental, até os arredores de Rezaiyeh.

O professor guiou-os até a cidade por estradas secundárias e não encontraram qualquer barreira. A viagem desde Teerã consumira 12

horas e estavam agora a uma hora de distância do ponto de travessia da fronteira, em Sem.

Naquela noite, todos jantaram *cheila kebab*, o prato iraniano de arroz e cordeiro, com o senhorio do professor, que era também um inspetor alfandegário. Majid gentilmente extraiu informações do senhorio e eles souberam que havia bem pouca atividade no posto de fronteira em Sero.

Passaram a noite na casa do professor, uma vila de dois andares nos arredores da cidade.

Pela manhã, Majid e o professor foram até a fronteira e voltaram. Informaram que não havia bloqueios e o caminho estava seguro. Majid foi então à cidade, à procura de um contato de quem pudesse comprar armas de fogo. Simons e Coburn foram até a fronteira.

Encontraram um pequeno posto de fronteira com apenas dois guardas. Tinha um armazém para guardar mercadorias apreendidas, uma balança para caminhões e uma casa de guarda. A estrada era bloqueada por uma corrente baixa, estendida entre um poste num lado e a parede da casa de guarda no outro. Além da corrente havia cerca de 200 metros de terra de ninguém, depois outro posto de fronteira, ainda menor, no lado turco.

Eles saíram do carro para olhar ao redor. O ar era puro e o frio penetrante. Simons apontou para a encosta de uma colina.

— Está vendo as pegadas?

Coburn acompanhou o dedo de Simons. Na neve, por trás do posto da fronteira, podia-se ver a trilha por onde uma pequena caravana atravessara a fronteira, insolentemente perto dos guardas.

Coburn tornou a apontar, desta vez para cima das cabeças deles.

— É muito fácil isolar os guardas.

Coburn olhou para cima e avistou um único fio telefônico que vinha do posto. Um simples corte e os guardas ficariam completamente isolados.

Os dois desceram a encosta e seguiram por uma estrada lateral, não mais que um caminho de terra avançando entre as colinas. Depois de cerca de dois quilômetros chegaram a uma pequena aldeia, apenas uma dúzia de casas ou por aí, de madeira ou tijolos de lama.

Falando num turco titubeante, Simons perguntou pelo chefe. Um homem de meia-idade, numa calça larga, colete e turbante, apareceu. Coburn ficou escutando, sem entender, enquanto Simons falava. Simons finalmente apertou a mão do chefe e eles foram embora.

— O que vocês falaram? — perguntou Coburn, enquanto se afastavam.

— Eu disse a ele que queria atravessar a fronteira a cavalo, de noite, com alguns amigos.

— E o que ele disse?

— Que podia dar um jeito.

— Como soube que as pessoas nessa aldeia em particular são contrabandistas?

— Olha ao redor.

Coburn contemplou as encostas nuas, cobertas de neve. Simons acrescentou:

— O que está vendo?

— Nada.

— Isso mesmo. Não há agricultura aqui, não há qualquer indústria. Como acha que essas pessoas ganham a vida? São todas contrabandistas.

Eles voltaram ao Range Rover e seguiram para Rezaiyeh.

Naquela noite, Simons explicou seu plano a Coburn.

Simons, Coburn, Poché, Paul e Bill seguiriam de Teerã para Rezaiyeh, nos dois Range Rovers. Levariam Majid e o professor

como intérpretes. Em Rezaiyeh ficariam na casa do professor. A vila era ideal: ninguém mais estava residindo ali, ficava afastada das outras casas e os caminhos para se deixar a cidade, a partir de lá, não tinham quase movimento. Entre Teerã e Rezaiyeh estariam desarmados; a julgar pelo que acontecera nos bloqueios, as armas só serviriam para metê-los em dificuldades. Em Rezaiyeh, no entanto, comprariam armas. Majid encontrara um contato na cidade que lhes venderia espingardas Browning calibre 12, por 6.000 dólares cada uma. O

mesmo homem poderia também arrumar pistolas Llama.

Coburn atravessaria a fronteira legitimamente, em um dos Range Rovers, fazendo o contato com Boulware, que também estaria com um carro, no lado turco. Simons, Poché, Paul e Bill atravessariam a fronteira a cavalo, junto com os contrabandistas. (Era por isso que precisavam das armas: sempre havia a possibilidade dos contrabandistas resolverem “perdê-lo” nas montanhas.) E se encontrariam com Coburn e Boulware no outro lado. Seguiriam de carro para o consulado americano mais próximo, providenciariam novos passaportes para Paul e Bill. E depois voariam para Dallas.

Coburn achou que era um bom plano. Compreendia agora que Simons estava certo ao insistir em Sero ao invés de Barzagan, pois seria difícil se esgueirar pela fronteira numa área mais civilizada e mais densamente povoada.

Voltaram a Teerã no dia seguinte. Partiram tarde e cobriram a maior parte do percurso à noite, a fim de poderem chegar de manhã, depois de suspenso o toque de recolher. Pegaram o caminho do sul, passando pela pequena cidade de Mahabad. Era uma estrada de terra através das montanhas e enfrentaram o pior tempo possível: neve, gelo e vento forte. Mesmo assim, a estrada era transitável e Simons resolveu usar aquele percurso e não o do norte para a fuga.

Se algum dia fosse efetuada...

3

Coburn foi uma noite ao Hyatt e disse a Keane Taylor que precisava de 25.000 dólares em riais iranianos na manhã seguinte.

Não explicou o motivo.

Taylor pegou os 25.000 dólares com Gayden, em notas de 100, depois procurou um negociante de tapetes no sul da cidade e acertou uma taxa de câmbio.

O motorista de Taylor, Ali, relutou em levá-lo ao centro, especialmente depois do anoitecer. Mas acabou concordando, depois de alguma argumentação.

Foram até a loja. Taylor sentou-se e tomou chá com o negociante de tapetes. Outros dois iranianos apareceram: um foi apresentado como o homem que trocava o dinheiro de Taylor, o outro era seu guarda-costas, mais parecendo um facínora.

O negociante de tapetes explicou que depois do telefonema de Taylor a taxa de câmbio mudara consideravelmente... a favor dele.

— Isto é um insulto! — berrou Taylor, furioso. — Não vou mais fazer negócios com vocês!

— É a melhor taxa de câmbio que pode conseguir.

— Uma ova que é!

— É muito perigoso para você andar por esta parte da cidade com tanto dinheiro.

— Não estou sozinho. Tenho seis homens lá fora, à minha espera.

Ele terminou de tomar o chá e levantou-se. Saiu lentamente da loja e entrou no carro.

— Vamos sair daqui o mais depressa possível, Ali.

Seguiram para o norte. Taylor mandou que Ali seguisse para a loja de outro negociante de tapetes, um judeu iraniano, perto do palácio. O homem estava fechando a loja quando Taylor entrou.

— Preciso trocar alguns dólares por riais — anunciou Taylor.

— Volte amanhã.

— Preciso fazer a troca esta noite.

— Quanto?

— Vinte e cinco mil dólares.

— Não tenho tanto assim.

— Preciso trocar o dinheiro esta noite, de qualquer maneira.

— Para quê?

— Para ajudar Paul e Bill.

O negociante de tapetes assentiu. Fizera negócios com muitas pessoas da EDS e sabia que Paul e Bill estavam presos.

— Verei o que posso fazer.

Ele telefonou para o irmão dos fundos da loja e mandou que viesse até ali. Depois, abriu o cofre e tirou todos os seus riais. Ele e Taylor começaram a contar dinheiro: o iraniano contava os dólares e o americano os riais. Poucos minutos depois, um garoto entrou na loja com as mãos cheias de riais e largou-os em cima do balcão. Retirou-se em seguida, sem dizer nada. Taylor compreendeu que o

negociante de tapetes estava reunindo todo o dinheiro de que podia dispor.

Um rapaz apareceu numa lambreta, parou diante da loja e entrou, com uma bolsa cheia de riais. Enquanto estava ali dentro, alguém roubou sua lambreta. O rapaz largou a bolsa de dinheiro em cima do balcão e saiu correndo atrás do ladrão, gritando a plenos pulmões.

Taylor continuou a contar.

Era apenas mais um dia normal de negócios na Teerã revolucionária.

John Howell estava mudando. A cada dia que passava ele se tornava um pouco menos o íntegro advogado americano e um pouco mais o insidioso negociante persa. Em particular, ele começava a encarar o suborno por um ângulo diferente. Mehdi, um contador iraniano que prestara serviços ocasionais à EDS, explicara-lhe as coisas da seguinte maneira:

— Muitas coisas são realizadas no Irã através da amizade. E há vários meios de fazer amizade com Dadgar. Eu ficaria sentado diante de sua casa todos os dias, até que ele falasse comigo. Outro meio de se tornar amigo dele é oferecer-lhe 200.000 dólares. Se quiser, posso arrumar alguma coisa nesse sentido.

Howell discutiu essa proposta com os outros membros da equipe de negociação. Presumiram que Mehdi estava se oferecendo como um intermediário para o suborno, como fizera Deep Throat. Mas desta vez Howell não foi tão rápido em rejeitar a idéia de uma transação corrupta para obter a liberdade de Paul e Bill.

Eles resolveram levar adiante a transação que Mehdi propunha.

Talvez pudessem denunciar o negócio e assim desacreditar Dadgar.

Alternativamente, poderiam chegar à conclusão de que o negócio era para valer e pagar a quantia pedida. De qualquer forma, queriam um sinal claro de que Dadgar era subornável.

Howell e Keane Taylor tiveram várias reuniões com Mehdi. O

contador estava tão nervoso quanto Deep Throat se mostrara, não permitindo que o pessoal da EDS aparecesse em seu escritório durante o horário de expediente. Sempre os encontrava de manhã bem cedo ou tarde da noite, em sua casa ou em ruas desertas. Howell o pressionava por um sinal inconfundível: Dadgar deveria comparecer a um encontro com meias diferentes ou com a gravata ao contrário. Mehdi propunha sinais ambíguos, como Dadgar pressionar os americanos ainda mais. Dadgar assim se comportaria numa ocasião determinada, como Mehdi previra; mas isso sempre podia acontecer, independente de qualquer coisa.

Dadgar não era o único que estava fazendo Howell passar por maus momentos. Howell falava com Angela pelo telefone a cada quatro ou cinco dias e ela queria saber quando ele voltaria para casa.

Howell não sabia. Paul e Bill estavam naturalmente pressionando-o por notícias concretas, mas seu progresso era tão lento e indefinido que não podia prever quaisquer prazos. Sentia-se frustrado por isso e tinha de fazer um grande esforço para conter sua irritação quando Angela também o atormentava para que fixasse uma data.

A iniciativa de Mehdi não deu em nada. Mehdi apresentou Howell a um advogado que alegava ser íntimo de Dadgar. O advogado não queria um suborno... apenas os honorários normais de profissão.

A EDS contratou-o, mas Dadgar declarou, na reunião seguinte:

“Ninguém tem qualquer relacionamento especial comigo. Se alguém tentar lhes dizer outra coisa, não acreditem.”

Howell não sabia o que poderia deduzir de tudo aquilo. Fora tudo um embuste, desde o início? Ou a cautela da EDS assustara Dadgar, levando-o a abandonar o pedido de suborno? Ele nunca saberia.

A 30 de janeiro, Dadgar comunicou a Howell que estava interessado em Abolfath Mahvi, o associado iraniano da EDS. Howell começou a preparar um dossiê sobre as transações da EDS com Mahvi.

Howell estava agora convencido de que Paul e Bill eram simplesmente reféns comerciais. A investigação de Dadgar sobre corrupção podia ser genuína, mas ele sabia a esta altura que Paul e Bill eram inocentes e por isso devia estar mantendo-os na prisão por ordens superiores. Os iranianos haviam desejado inicialmente o prometido sistema de previdência computadorizado ou seu dinheiro de volta. Dar o sistema de previdência implicava renegociar o contrato — mas o governo não estava interessado em renegociar e de qualquer forma era improvável que permanecesse no poder por tempo suficiente para consumir uma transação.

Se Dadgar não podia ser subornado, convencido da inocência de Paul e Bill ou ordenado por seus superiores a libertar os dois, com base num novo contrato entre a EDS e o ministério, só restava uma opção a Howell: pagar a fiança. Os esforços do Dr. Houman para conseguir a redução da fiança haviam sido em vão. Howell concentrou-se agora nos meios de transferir 13 milhões de dólares de Dallas para Teerã.

Ele soubera, pouco a pouco, que havia uma equipe de resgate da EDS em Teerã. E estava atônito por saber que o chefe de uma grande corporação americana era capaz de cogitar de uma operação assim.

Mas sentia-se também tranquilizado, pois se conseguisse tirar Paul e Bill da prisão haveria alguém para tirá-los do Irã.

Liz Coburn estava frenética de preocupação.

Estava sentada no carro com Tony Dvoranchik e seu marido, Bill. Seguiam para o restaurante Royal Tokyo. Ficava na Greenville Avenue, não muito longe do Recipes, o lugar em que Liz e Tom haviam tomado daiquiris com Mary Sculley, na ocasião em que Mary destruíra o mundo de Liz ao dizer:

— Suponho que estejam todos em Teerã.

Desde aquele momento que Liz vivia dominada pelo terror.

Jay era tudo em sua vida. Era o Capitão América e era Super-Homem, era toda a sua vida. Ela não imaginava como poderia viver sem Jay. A idéia de perdê-lo deixava-a apavorada.

Ela telefonava constantemente para Teerã, mas nunca conseguia encontrá-lo. Ligava todos os dias para Merv Stauffer, indagando:

— Quando Jay vai voltar? Ele está bem? Vai sair de lá vivo?

Merv tentava tranquilizá-la, mas não lhe dava qualquer informação. Liz queria então falar com Ross Perot e Merv lhe dizia que não era possível. Ela ligava para a mãe e desandava a chorar, despejava a sua ansiedade, medo e frustração pelo telefone.

Os Dvoranchiks eram gentis. Estavam tentando afastar os pensamentos dela das preocupações.

— O que você fez hoje? — perguntou Toni.

— Saí para fazer compras — respondeu Liz.

— Comprou alguma coisa?

— Comprei. — Liz começou a chorar. — Comprei um vestido preto. Porque Jay não vai voltar.

Durante aqueles dias de espera, Jay Coburn aprendeu muita coisa a respeito de Simons.

Merv Stauffer telefonou um dia de Dallas para dizer que o filho de Simons, Harry, o procurara, bastante preocupado. Harry ligara para a casa do pai e falara com Paul Walker, que estava cuidando do sítio.

Walker dissera que não sabia onde Simons estava e aconselhara Harry a procurar Merv Stauffer, na EDS. Harry estava preocupado, o que era natural, disse Stauffer. Simons ligou para o filho de Teerã e tranqüilizou-o.

Simons disse a Coburn que Harry tivera alguns problemas, mas no fundo era um bom rapaz. Falou do filho num tom de afeição resignada (nunca mencionou Bruce e foi só muito depois que Coburn soube que ele tinha dois filhos).

Simons falava muito de sua falecida esposa, Lucille, como os dois haviam sido felizes depois que ele se reformara. Coburn calculou que os dois haviam sido muito ligados durante os últimos anos.

Simons parecia lamentar ter demorado tanto tempo a compreender o quanto amava a mulher.

— Apegue-se à sua companheira — disse ele a Coburn. — Ela é a pessoa mais importante em sua vida.

Paradoxalmente, o conselho de Simons teve o efeito oposto sobre Coburn. Ele invejava o companheirismo de que Simons e Lucille haviam desfrutado e queria ter também algo assim. Mas tinha certeza de que jamais poderia consegui-lo com Liz, a tal ponto que começou a se perguntar se não haveria alguém mais que seria a sua alma irmã. Houve uma noite em que Simons riu e comentou:

— Eu não faria isso por qualquer outra pessoa.

Era mais um dos típicos comentários enigmáticos de Simons.

Coburn já aprendera que às vezes havia uma explicação, em outras não. Desta vez Coburn recebeu uma explicação: Simons disse-lhe por que se sentia grato a Ross Perot.

A conseqüência da expedição a Son Tay fora uma experiência amarga para Simons. Embora eles não trouxessem de volta nenhum prisioneiro de guerra americano, fora uma tentativa de extrema coragem. Simons esperava que o público americano assim pensasse.

Ele chegara a defender, numa reunião ao café da manhã com o Secretário de Defesa Melvin Laird, a liberação da notícia da expedição à imprensa.

— Foi uma operação perfeitamente legítima — dissera ele a Laird.

— Afinal, estávamos querendo salvar prisioneiros americanos. É

algo que os americanos tradicionalmente fazem por americanos: Pelo amor de Deus, de que devemos ter medo?

Ele não demorara a descobrir. A imprensa e o público encararam a expedição como um fracasso e mais um grave erro do serviço de informações. A manchete da primeira página do *Washington Post* no dia seguinte dizia: "Fracassa Expedição Americana Para Salvar Prisioneiros de Guerra." O Senador Robert Dole apresentara uma moção de louvor à expedição e dissera:

— Alguns dos homens definhavam na prisão há cinco anos.

Ao que o Senador Kennedy prontamente arrematara:

— E continuam.

Simons fora à Casa Branca para receber do Presidente Nixon uma medalha por "heroísmo extraordinário". Os demais membros da expedição foram condecorados pelo Secretário da Defesa Laird.

Simons ficara furioso ao saber que mais da metade de seus homens receberia apenas a Fita do Mérito Militar, que era apenas um pouquinho melhor que a Fita do Bom Comportamento e conhecida dos soldados como Salsicha Verde. Revoltado, pegara o telefone e pedira para falar com o chefe do estado-maior do exército, General Westmoreland. Fora atendido pelo chefe em exercício, General Palmer. Falara a Palmer das Salsichas Verdes e dissera:

— General, não quero embaraçar o exército, mas é bem provável que um dos meus homens resolva enfiar a Fita do Mérito Militar no rabo do Sr. Laird.

Ele conseguira o que queria: Laird concedera quatro Cruzes do Mérito, 50 Estrelas de Prata e nenhuma Salsicha Verde.

O moral dos prisioneiros de guerra melhorara consideravelmente com a expedição a Son Tay (da qual tomaram conhecimento através dos novos prisioneiros). Um efeito secundário importante da expedição fora o fato de que os campos de prisioneiros — onde muitos americanos eram mantidos permanentemente em confinamento solitário — foram fechados. Os americanos foram levados para duas prisões grandes, onde não havia espaço suficiente para mantê-los separados. Apesar de tudo, o mundo classificara a expedição de fracasso e Simons sempre achara que se cometera uma grave injustiça com seus homens.

O desapontamento o amargurara por anos — até que, num fim de semana, Ross Perot promovera uma festa gigantesca em San Francisco, convencendo o exército a trazer os membros da expedição a Son Tay de todas as partes do mundo, a fim de apresentá-los aos prisioneiros que haviam tentado resgatar. Simons achara que naquele fim de semana seus homens haviam finalmente recebido os agradecimentos que mereciam. E Ross Perot fora o responsável por isso.

— Por isso que estou aqui — ele disse a Coburn. — Pode estar certo de que eu não faria isso por mais ninguém.

Coburn, pensando em seu filho Scott, compreendeu exatamente o que Simons estava querendo dizer.

4

A 22 de janeiro centenas de *homafars*, jovens oficiais da força aérea, amotinaram-se nas bases de Dezful, Hamadan, Isfahan e Mashad, declarando-se leais ao Aiatolá Khomeini.

O significado desse acontecimento não foi evidente para o Assessor de Segurança Nacional Zbigniew Brzezinski, que ainda esperava que os militares iranianos esmagassem a revolução islâmica.

Também não foi evidente para o Primeiro-Ministro Shahpour Bakhtiar, que falava em enfrentar o desafio revolucionário com um mínimo de força. E foi ainda menos para o Xá, que em vez de seguir para os Estados Unidos estava se demorando no Egito, à espera de ser chamado de volta para salvar seu país naquele momento de extrema necessidade.

Entre as pessoas que compreenderam o significado do motim estavam o Embaixador William Sullivan e o General Abbas Gharabaghi, chefe do estado-maior iraniano.

Sullivan disse a Washington que a idéia de um contragolpe a favor do Xá era uma quimera, a revolução seria vitoriosa e era melhor os Estados Unidos começarem a pensar na melhor maneira de convivência com a nova ordem. Ele recebeu uma resposta ríspida da Casa Branca, insinuando que estava sendo desleal ao Presidente dos Estados Unidos. Sullivan resolveu renunciar, mas a mulher convenceu-o de que não deveria fazê-lo: tinha uma responsabilidade com milhares de americanos que ainda estavam no Irã e não podia abandoná-los naquele momento.

O General Gharabaghi também pensou em renunciar. Estava numa situação impossível. Fizera um juramento de lealdade, não ao parlamento ou ao governo do Irã, mas ao Xá pessoalmente — e o Xá fora embora. Por enquanto, Gharabaghi assumia a posição de

que os militares deviam lealdade à Constituição de 1906, mas isso pouco significava na prática. Teoricamente, os militares deviam apoiar o governo de Bakhtiar. Há algumas semanas que Gharabaghi tinha dúvidas se poderia confiar em seus soldados para acatar as ordens e lutar por Bakhtiar, contra as forças revolucionárias. A revolta dos *homafars* mostrava que ele não podia confiar. Compreendeu — ao contrário do que acontecera com Brzezinski — que um exército não era uma máquina que se podia ligar e desligar à vontade, mas um conjunto de pessoas, partilhando as aspirações, a ira e a religião fundamentalista do resto do país. Os soldados queriam uma revolução tanto quanto os civis. Gharabaghi concluiu que não podia mais controlar suas tropas e decidiu renunciar.

No dia em que comunicou sua intenção aos outros generais, o Embaixador Sullivan foi convocado ao gabinete do Primeiro-Ministro Bakhtiar às seis horas da tarde. Sullivan soubera, por intermédio do General “Dutch” Huyser, da missão militar americana, da pretendida renúncia de Gharabaghi. Presumiu que Bakhtiar queria lhe falar a respeito disso. Quando ele entrou na sala, Bakhtiar acenou para que sentasse e disse, com um sorriso enigmático:

— *Nous serons trois.* — Seremos três. Bakhtiar sempre falava em francês com Sullivan.

Poucos minutos depois, o General Gharabaghi entrou na sala.

Bakhtiar discorreu sobre as dificuldades que seriam criadas se o general insistisse em seu pedido de renúncia. Gharabaghi começou a responder em farsi, mas Bakhtiar pediu-lhe que falasse em francês.

Enquanto falava, o general mexia no que parecia ser um envelope em seu bolso. Sullivan calculou que era a carta de renúncia.

Enquanto os dois iranianos discutiam em francês, Bakhtiar a todo instante pedia o apoio do embaixador americano. Secretamente Sullivan pensava que Gharabaghi estava absolutamente certo em renunciar, mas as ordens que recebera da Casa Branca eram para

encorajar os militares a apoiarem Bakhtiar. Assim, ele insistiu obstinadamente, contra as suas próprias convicções, que Gharabaghi não deveria renunciar. Depois de uma conversa de meia hora, o general retirou-se sem apresentar a carta de renúncia. Bakhtiar agradeceu profusamente a Sullivan pela ajuda. Mas Sullivan sabia que aquilo de nada adiantaria.

A 24 de janeiro, Bakhtiar fechou o aeroporto de Teerã, para impedir que Khomeini entrasse no país. Era como abrir um guarda-chuva sob um maremoto. A 26 de janeiro, soldados mataram 15

manifestantes pró-Khomeini em combates de ruas em Teerã. Dois dias depois, Bakhtiar ofereceu-se para ir a Paris e manter conversações com o aiatolá. Um primeiro-ministro no poder para visitar um rebelde exilado era uma fantástica confissão de fraqueza. Foi o que Khomeini percebeu e recusou-se a qualquer conversação, a não ser que Bakhtiar renunciasse antes a seu cargo. A 29 de janeiro, 35 pessoas morreram em combates em Teerã e mais 50 morreram no resto do país.

Gharabaghi, sobrepondo-se a seu primeiro-ministro, começou a negociar com os rebeldes em Teerã, dando o seu consentimento ao retorno do Aiatolá Khomeini. A 30 de janeiro, Sullivan ordenou a evacuação de todos os funcionários não-essenciais da embaixada e dos dependentes. A 1º de fevereiro, Khomeini voltou ao Irã.

O Jumbo da Air France que o conduzia pousou às 9:15 da manhã. Dois milhões de iranianos estavam esperando para saudá-lo.

No aeroporto, Khomeini fez a sua primeira declaração pública:

— Peço a Deus para cortar as mãos de todos os demônios estrangeiros e aqueles que os ajudaram.

Simons estava assistindo pela televisão e comentou para Coburn:

— É agora. As pessoas vão agir por nós. A multidão atacará aquela prisão.

NOVE

1

Ao meio-dia de 5 de fevereiro, John Howell estava prestes a tirar Paul e Bill da prisão.

Dadgar dissera que aceitaria a fiança por uma de três formas: dinheiro vivo, uma garantia bancária ou uma hipoteca imobiliária.

Dinheiro vivo era impossível. Primeiro, porque quem quer que voasse para a turbulenta cidade de Teerã com 12 milhões 750 mil dólares numa valise provavelmente nunca conseguiria chegar vivo ao gabinete de Dadgar. (Tom Walter sugerira o uso de dinheiro falso, mas ninguém sabia onde obtê-lo.) Segundo, Dadgar podia perfeitamente embolsar o dinheiro e ainda manter Paul e Bill, aumentando a fiança ou tornando a prendê-los, por algum novo pretexto. Tinha de haver um documento que comprovasse a entrega do dinheiro a Dadgar e ao mesmo tempo garantisse a liberdade de Paul e Bill. Em Dallas, Tom Walter encontrara finalmente um banco disposto a emitir uma letra de crédito para a fiança. Mas Howell e Taylor estavam tendo dificuldade em encontrar um banco iraniano que a aceitasse e emitisse a garantia que Dadgar exigia. Enquanto isso, o chefe de Howell, Tom Luce.

pensava na terceira opção, uma hipoteca de propriedade. Acabou tendo uma idéia tão extravagante que poderia dar certo: a embaixada dos Estados Unidos em Teerã seria a garantia da fiança de Paul e Bill.

O Departamento de Estado já começava a afrouxar sua posição inflexível inicial, mas ainda não estava preparado para oferecer a garantia do governo dos Estados Unidos. Seria uma situação excepcional: os Estados Unidos da América garantindo a fiança de dois prisioneiros!

Primeiro, Tom Walter obteve em Dallas uma carta de crédito de um banco em favor do Departamento de Estado, no valor de 12

milhões e 750 mil dólares. Como essa transação foi realizada nos Estados Unidos, pôde ser concluída em horas, ao invés de dias. Depois que o Departamento de Estado em Washington recebesse a carta de crédito, o Ministro-Conselheiro Charles Naas, o segundo homem de William Sullivan, apresentaria uma nota diplomática, comunicando que Paul e Bill, uma vez libertados, ficariam à disposição de Dadgar para serem interrogados, caso contrário a embaixada pagaria a fiança.

Naquele momento, Dadgar estava em reunião com o Cônsul Geral Lou Goelz, na embaixada. Howell não fora convidado a participar da reunião, mas Abolhasan lá estava, representando a EDS.

Howell tivera unia reunião preliminar com Goelz, no dia anterior. Juntos, haviam repassado os termos da garantia, com Goelz lendo as frases, em sua voz tranqüila e precisa. Goelz estava mudando.

Dois meses antes, Howell o achara irritantemente correto. Fora Goelz quem se recusara a devolver os passaportes de Paul e Bill sem comunicar aos iranianos. Agora, Goelz parecia disposto a tentar o anticonvencional. Talvez viver no meio de uma revolução o tivesse relaxado um pouco.

Goelz dissera a Howell que a decisão de soltar Paul e Bill seria tomada pelo Primeiro-Ministro Bakhtiar, mas devia primeiro ser acertada com Dadgar. Howell esperava que Dadgar não criasse obstáculos, pois Goelz não era o tipo de homem de bater na mesa e forçar o oponente a aceitar seus argumentos.

Houve uma batida na porta e Abolhasan entrou.

Howell pôde perceber pela expressão dele que trazia más notícias.

— O que aconteceu?

— Ele rejeitou o nosso pedido.

— Por quê?

— Não quer aceitar a garantia do governo dos Estados Unidos.

— Ele deu um motivo?

— Não há nada na lei dizendo que ele pode aceitar isso como fiança. Tem de ser dinheiro, uma garantia bancária...

— Ou uma hipoteca. — Howell sentia-se atordoado. Já houvera tantos desapontamentos, tantas frustrações, que não mais era capaz de ressentimento ou raiva. — Vocês falaram alguma coisa sobre o primeiro-ministro?

— Falamos. Goelz disse que levaria a proposta a Bakhtiar.

— E o que Dadgar respondeu?

— Disse que era uma atitude típica dos americanos. Tentam resolver as coisas por sua influência nos escalões superiores, sem darem a menor importância ao que está acontecendo nos escalões inferiores. Disse também que se os seus superiores não gostarem da maneira como está cuidando do caso sempre podem afastá-lo. E ele ficaria muito feliz, pois já está cansado deste caso.

Howell franziu o rosto. O que significava tudo aquilo?

Concluía recentemente que os iranianos queriam realmente apenas o dinheiro. Agora, no entanto, eles o rejeitavam taxativamente. Seria mesmo pelo problema técnico da lei não especificar uma garantia de governo como uma forma específica de fiança... ou isso não passaria de uma desculpa? Talvez fosse uma atitude genuína. O caso da EDS

sempre fora politicamente delicado e agora que o Aiatolá Khomeini voltara, Dadgar ia estar com medo de fazer alguma coisa que

pudesse ser interpretada da como pró-americana. Contornar as leis para aceitar uma forma anticonvencional de fiança poderia deixá-lo numa situação difícil. O que aconteceria se Howell conseguisse pagar a fiança da forma legalmente exigida? Dadgar sentiria então que sua retaguarda estava coberta e soltaria Paul e Bill? Ou inventaria outra desculpa?

Só havia um meio de descobrir.

Na semana em que Khomeini voltou ao Irã, Paul e Bill pediram para falar com um padre.

O resfriado de Paul parecia ter-se transformado em bronquite.

Ele pedira uma consulta com o médico da prisão. O médico não falava inglês, mas Paul não teve qualquer dificuldade em explicar seu problema. Ele tossiu e o médico assentiu.

Paul recebeu algumas pílulas que presumiu serem de penicilina e um vidro de xarope para a tosse. O gosto do xarope era surpreendentemente familiar e ele teve uma recordação súbita e nítida: viu-se como um garotinho, a mãe despejando o xarope de um vidro antiquado numa colher e lhe dando. Era exatamente a mesma coisa. A tosse melhorou. Mas já causara lesões suficientes aos músculos do peito e ele sofria uma pontada de dor cada vez que respirava fundo.

Tinha uma carta de Ruthie que lia e relia. Era uma carta comum, dando notícias. Karen estava numa nova escola e tendo alguns problemas de ajustamento. Isso era normal: cada vez que mudava de escola Karen ficava com dor de estômago pelos dois ou três primeiros dias. Ann Mane, a filha mais moça de Paul, era muito mais relaxada.

Ruthie ainda estava dizendo à mãe que Paul voltaria dentro de duas semanas, mas a história se tornava cada vez mais implausível, pois o prazo de duas semanas fora esticado agora por dois meses. Ela estava comprando uma casa e Ton Walter a ajudava nos aspectos legais.

Quaisquer que fossem as emoções que estava sentindo, Ruthie não as deixava transparecer na carta.

Keane Taylor era o visitante mais freqüente da prisão. Cada vez que aparecia, ele entregava a Paul um maço de cigarros com uma nota de 50 ou 100 dólares dentro, dobrada. Paul e Bill podiam usar o dinheiro para comprar privilégios especiais na prisão, como um banho. Durante uma das visitas, o guarda deixou a sala por um momento e Taylor entregou 4.000 dólares.

Em outra visita, Taylor levou o Padre Williams.

Williams era pastor da Missão Católica, onde Paul e Bill, em dias mais felizes, costumavam se encontrar com a Escola Dominical Católica Romana de Pôquer e Almoço da EDS em Teerã. Williams estava com 80 anos e seus superiores haviam autorizado a sua saída do Irã, por causa do perigo. Mas ele preferira ficar no posto. Disse a Paul e Bill que aquele tipo de situação não era novidade para ele: era um missionário na China durante a Segunda Guerra Mundial, por ocasião da invasão japonesa. Ainda o era posteriormente, durante a revolução que levara Mao Tsé ao poder. Ele próprio estivera na prisão e por isso podia compreender o que Paul e Bill passavam.

Padre Williams levantou o moral deles tanto quanto Ross Perot conseguira. Bill, que era mais devoto do que Paul, sentiu-se profundamente fortalecido pela visita. Deu-lhe coragem para enfrentar o futuro desconhecido. O Padre Williams deu-lhes absolvição por seus pecados antes de ir embora. Bill ainda não sabia se sairia vivo da prisão, mas sentia-se agora preparado para enfrentar a morte.

O Irã explodiu em revolução na sexta-feira, 9 de fevereiro de 1979. Em pouco mais de uma semana, Khomeini destruiu o que restava de governo legítimo. Exortara os militares a se amotinarem e os membros do parlamento a renunciarem. Designara um "governo provisório", apesar de Bakhtiar ainda ser oficialmente o primeiro-ministro. Seus partidários, organizados em comitês revolucionários, assumiram a responsabilidade pela manutenção da lei e da ordem, assim como pela coleta de lixo. Abriam também mais de u centena de lojas cooperativas islâmicas em Teerã. A 8 de fevereiro um milhão de pessoas ou mais marcharam pela cidade, em apoio ao Aiatolá Khomeini. As lutas nas ruas prosseguiram continuamente, entre unidades isoladas de soldados legalistas e bandos de partidários do Khomeini.

A 9 de fevereiro, nas duas bases aéreas de Teerã, Doshen Toppeh e Farahabad, formações de *homafars* e cadetes prepararam-se para saudar Khomeini. Isso enfureceu a Brigada Javadan, que fora a guarda pessoal do Xá. Eles atacaram as duas bases aéreas. Os *homafars* se entrincheiraram e rechaçaram as tropas legalistas, ajudados por multidões de revolucionários armados, concentrando-se dentro e nos arredores das bases.

Unidades de guerrilheiros dos Fedayeen marxistas e dos Majahe deen muçulmanos correram para Doshen Toppeh. O arsenal foi arrombado e as armas distribuídas indiscriminadamente a soldados, guerrilheiros, revolucionários, manifestantes e meros transeuntes.

Naquela noite, às 11 horas, a Brigada Javadan voltou com toda força. Partidários de Khomeini nos meios militares avisaram aos rebeldes de Doshen Toppeh que a brigada estava a caminho. Os rebeldes contra-atacaram, antes que a brigada alcançasse a base.

Diversos oficiais superiores entre os legalistas foram mortos logo no início da batalha. O combate prolongou-se por toda a noite e

espalhou-se por uma vasta área, em torno da base.

No dia seguinte, por volta de meio-dia, o campo de batalha se ampliara, abrangendo a maior parte da cidade.

Nesse dia, John Howell e Keane Taylor foram ao centro para uma reunião.

Howell estava convencido de que conseguiriam obter a libertação de Paul e Bill em poucas horas. Estava tudo preparado para o pagamento da fiança.

Tom Walter tinha um banco do Texas pronto para emitir uma carta de crédito, no valor de 12 milhões e 750 mil dólares, a favor da filial de Nova York do Banco Melli. A filial de Teerã do Banco Melli emitiria então a garantia bancária para o Ministério da Justiça. Assim, Paul e Bill seriam soltos sob fiança. Mas não foi bem assim que aconteceu. O vice-presidente em exercício do Banco Melli, Sadr-Hashemi, reconheceu também, como já acontecera com outros banqueiros, que Paul e Bill eram reféns comerciais; a partir do momento em que eles saíssem da prisão, a EDS poderia alegar num tribunal americano que o dinheiro fora extorquido e por isso não deveria ser pago. Se isso acontecesse, a filial do Banco Melli em Nova York não conseguiria receber a carta de crédito — mas o Banco Melli em Teerã ainda teria de pagar o dinheiro ao Ministério da Justiça iraniano. Sadr-Hashemi disse que só mudaria de idéia se seus advogados em Nova York lhe garantissem que não haveria a menor possibilidade da EDS bloquear o pagamento da carta de crédito.

Howell sabia perfeitamente que nenhum advogado americano decente daria tal parecer.

E foi então que Keane Taylor pensou no Banco Omran. A EDS

tinha um contrato para instalar um sistema computadorizado de contas para o Banco Omran. O trabalho de Taylor em Teerã fora o de supervisionar esse contrato. Assim, ele conhecia os diretores do

banco. Encontrou-se com Farhad Bakhtiar, que era um dos elementos mais importantes do banco, além de parente do Primeiro-Ministro Shahpour Bakhtiar. Era evidente que o primeiro-ministro cairia do poder a qualquer momento e Farhad planejava deixar o país. Talvez fosse por isso que ele estivesse menos preocupado que Sadr-Hashemi com a possibilidade dos 12 milhões e 750 mil dólares nunca serem pagos. Seja como for, por qualquer motivo, ele concordou em ajudar.

O Banco Omran não tinha uma filial nos Estados Unidos. Como a EDS poderia então pagar o dinheiro? Ficou acertado que o banco de Dallas transferiria a carta de crédito para a filial de Dubai do Banco Omran, por um sistema conhecido como Telex Comprovado. Dubai ligaria então para Teerã, pelo telefone, confirmando que a carta de crédito fora recebida. A filial de Teerã emitiria a garantia para o Ministério da Justiça.

Houve atrasos. A operação teve de ser aprovada pela diretoria do Banco Omran, assim como por seus advogados. Todos que examinaram a transação sugeriram pequenas alterações nos termos.

As mudanças, em inglês e farsi, tinham de ser comunicadas a Dubai e Dallas, confirmadas e aprovadas em ligações telefônicas para Teerã.

Como o fim de semana iraniano era na quinta e sexta-feira, só havia três dias na semana em que os dois bancos estavam abertos ao mesmo tempo; e como Teerã estava nove horas e meia à frente de Dallas, nunca havia um momento do dia em que ambos estivessem funcionando ao mesmo tempo. Além disso, os bancos iranianos estavam em greve durante a maior parte do tempo. Por tudo isso, uma mudança de apenas duas palavras podia levar uma semana para ser acertada.

As últimas pessoas que tinham de aprovar a operação eram as autoridades do banco central iraniano. Obter essa aprovação foi a

tarefa que Howell e Taylor fixaram para si próprios, a ser realizada no sábado, 10 de fevereiro.

A cidade estava relativamente quieta às oito e meia da manhã, quando eles seguiram de carro para o Banco Omran. Encontraram-se ali com Farhad Bakhtiar. Ficaram surpresos quando ele disse que o pedido de aprovação já fora encaminhado ao banco central. Howell sentiu-se deliciado; alguma coisa estava acontecendo antes do tempo no Irã! Ele deixou alguns documentos com Farhad, inclusive uma carta de concordância assinada; depois, seguiu com Taylor para o centro, até o banco central.

A cidade estava despertando agora, o tráfego um pesadelo ainda maior que o habitual. Mas guiar perigosamente era a especialidade de Taylor e ele avançou pelas ruas o mais depressa possível, cortando faixas de rolamento, fazendo voltas em U nas avenidas, conseguindo de um modo geral vencer os iranianos no próprio jogo deles.

Eles tiveram de esperar bastante tempo no banco central para falar com o Sr. Farhad, que daria a aprovação. Ele finalmente apareceu na porta de sua sala e comunicou que a operação já fora aprovada e que isso havia sido comunicado ao Banco Omran.

Era uma notícia sensacional!

Howell e Taylor voltaram ao carro e seguiram para o Banco Omran. Podiam perceber agora que havia combates encarniçados em diversas partes da cidade. O barulho dos tiros era contínuo e nuvens de fumaça elevavam-se de prédios em chamas. O Banco Omran ficava em frente a um hospital e mortos e feridos eram trazidos das zonas de combate em carros, caminhões e ônibus, todos os veículos exibindo panos brancos amarrados nas antenas, a fim de indicar emergência, todos buzinando sem parar. A rua estava apinhada de pessoas, algumas para doar sangue, outras para visitar os feridos e outros para identificar os mortos.

Concluía que o problema da fiança fora resolvido no momento exato. Não apenas Paul e Bill, mas agora também Howell e Taylor, assim como todos os outros, corriam grande perigo. Tinham de sair do Irã o mais depressa possível

Howell e Taylor entraram no banco e se reuniram com Farhad.

— O banco central aprovou a transação — disse-lhe Howell.

— Sei disso.

— Está tudo certo com a carta de concordância.

— Não tem qualquer problema.

— Neste caso, se você nos der a garantia do banco, podemos procurar o Ministério da Justiça imediatamente.

— Hoje não será possível.

— Por que não?

— Nosso advogado, Dr. Emami, reexaminou o documento de crédito e deseja fazer algumas pequenas alterações.

Taylor murmurou:

— Santo Deus!

E Farhad disse:

— E tenho de ir a Genebra por cinco dias.

Para sempre era mais provável.

— Meus colegas cuidarão do problema de vocês. E se tiverem alguma dificuldade, basta me telefonarem para a Suíça.

Howell fez um esforço para reprimir sua raiva. Farhad sabia perfeitamente que as coisas não seriam tão simples assim: com ele ausente, tudo se tornaria mais difícil. Mas nada se poderia conseguir por uma explosão emocional e por isso Howell limitou-se a dizer:

— Quais são as mudanças?

Farhad chamou o Dr. Emami e depois acrescentou:

— Preciso também das assinaturas de mais dois diretores do banco. Poderei obtê-las na reunião de diretoria marcada para amanhã.

E preciso conferir as referências do Banco Nacional do Comércio de Dallas.

— E quanto tempo isso vai exigir?

— Não muito. Meus assistentes cuidarão de tudo, durante a minha ausência.

O Dr. Emami indicou a Howell as mudanças que propunha nos termos da carta de crédito. Howell não hesitou em concordar com tudo prontamente, mas a carta reformulada teria de passar pelo processo, que consumia muito tempo, de ser transmitida de Dallas para Dubai por telex e de Dubai para Teerã por telefone.

— Vamos tentar fazer tudo isso hoje — propôs Howell. — Pode conferir as referências do banco de Dallas agora. E podemos encontrar os outros dois diretores do banco, qualquer que seja o lugar da cidade em que estejam, obtendo as assinaturas deles esta tarde. E se poderia então emitir a garantia do banco...

— Hoje é feriado em Dubai — informou Farhad.

— Está certo. Dubai pode confirmar amanhã de manhã...

— Há uma greve marcada para amanhã. Ninguém estará aqui no banco.

— Então na segunda-feira...

A conversa foi interrompida pelo barulho de uma sirene. Uma secretária apareceu na porta e disse alguma coisa em farsi.

— Há um toque de recolher mais cedo — traduziu Farhad. —

Temos de ir embora agora.

Howell e Taylor permaneceram sentados, olhando um para o outro. Dois minutos depois, estavam sozinhos no escritório. Havia fracassado novamente.

Naquela noite, Simons disse a Coburn:

— Amanhã é o dia.

Coburn achou que ele estava apenas querendo se mostrar.

2

Na manhã de domingo, 11 de fevereiro, a equipe de negociação da EDS foi ao escritório da companhia, conhecido como “Bucareste”, como sempre fazia. John Howell saiu, levando Abolhasan, para um encontro às 11 horas com Dadgar, no Ministério da Saúde. Os outros, Keane Taylor, Bill Gayden, Bob Young e Rich Gallagher, subiram ao telhado, a fim de observar a cidade em chamas.

O Bucareste não era um prédio alto, mas estava localizado numa encosta das colinas ao norte de Teerã. Assim, do telhado, eles podiam contemplar a cidade estendendo-se como um quadro diante de seus olhos. Ao sul e leste, onde modernos edifícios se erguiam do meio de vilas e favelas, grandes rolos de fumaça se elevavam pelo céu, enquanto helicópteros de combate zumbiam em torno dos incêndios, como vespas num churrasco. Um dos motoristas iranianos da EDS

levou um rádio transistorizado para o telhado e sintonizou numa estação que fora capturada pelos revolucionários. Com a ajuda do rádio e a tradução do motorista, eles tentaram identificar os prédios em chamas.

Keane Taylor, que abandonara os seus elegantes ternos com coletes por jeans e botas de vaqueiro, desceu para atender a um telefonema. Era o Moto-Homem.

- Vocês precisam sair daqui — disse o Moto-Homem a Taylor.
- Deixem o país o mais depressa possível.
- Sabe muito bem que não podemos fazer isso. Não podemos partir sem Paul e Bill.
- Ficaré muito perigoso para vocês.

Taylor podia ouvir, no outro lado da rua, os ruídos de uma terrível batalha.

— Mas onde você está?

— Perto do bazar. Estou fabricando coquetéis Molotov. Trouxe os helicópteros esta manhã e acabamos de descobrir como derrubá-los.

Queimamos quatro tanques...

A linha ficou muda.

É inacreditável, pensou Taylor, enquanto repunha o fone no gancho. No meio de uma batalha, ele pensa subitamente em seus amigos americanos e telefona para nos alertar do perigo. Os iranianos nunca deixarão de me surpreender.

Ele voltou ao telhado.

— Olhe só para aquilo — disse-lhe Bill Gayden. O jovial presidente da EDS World também estava em roupas informais, pois ninguém pretendia mais fazer negócios naquele dia. Ele apontou para uma coluna de fumaça a leste. — Se não é a Prisão Gasr que está em chamas, então é bem perto.

Taylor observou atentamente. Estava muito longe e era difícil determinar.

— Ligue para o escritório de Dadgar no Ministério da Saúde — acrescentou Gayden para Taylor. — Howell deve estar lá agora.

Mande que ele peça a Dadgar para soltar Paul e Bill, deixando-os sob a custódia da embaixada, para a segurança deles. Se não os tirarmos de lá, eles serão queimados vivos.

John Howell não esperava que Dadgar aparecesse. A cidade era um campo de batalha e uma investigação de corrupção no tempo do Xá

parecia ser agora um mero exercício acadêmico. Mas Dadgar estava em seu escritório, esperando por Howell. E Howell não pôde deixar de se perguntar o que estaria impelindo aquele homem.

Dedicação? Ódio aos americanos? Medo do iminente governo revolucionário? Provavelmente nunca saberia.

Dadgar pedira informações sobre o relacionamento da EDS com Abolfath Mahvi e Howell prometera entregar-lhe um dossiê completo.

Parecia que as informações eram importantes para os misteriosos propósitos de Dadgar, pois, alguns dias depois, ele pressionara Howell para entregar logo o dossiê, dizendo:

— Posso interrogar as pessoas aqui e obter assim as informações de que preciso.

Howell encarara o comentário como uma ameaça de prender mais executivos da EDS. Preparara um dossiê de 12 páginas, em inglês, com uma carta em farsi explicando tudo. Dadgar leu a carta e depois falou. Abolhasan traduziu:

— A atitude prestativa de sua companhia está provocando uma mudança de minha atitude em relação a Chiapparone e Gaylord.

Nosso código prevê a indulgência com aqueles que prestam de bom grado as informações solicitadas.

Era uma farsa. Todos poderiam ser mortos nas próximas horas e ali estava Dadgar falando de dispositivos legais.

Abolhasan começou a traduzir o dossiê para o farsi, em voz alta.

Howell sabia que escolher Mahvi como o associado iraniano não fora uma das manobras mais hábeis da EDS. É verdade que Mahvi obtivera o primeiro e pequeno contrato da companhia no Irã, mas

posteriormente entrara na lista negra do Xá e causara problemas com o contrato do Ministério da Saúde. Contudo, a EDS nada tinha a esconder. O patrão de Howell, Tom Luce, em sua ansiedade para colocar a EDS acima de qualquer suspeita, chegara a fornecer detalhes do relacionamento da companhia com Mahvi à Comissão Americana de Valores Mobiliários. Assim, praticamente tudo o que constava do dossiê já era do conhecimento público. O telefone interrompeu a tradução de Abolhasan. Dadgar atendeu e estendeu o fone para Abolhasan, que escutou por um momento e depois disse:

— É Keane Taylor. — Ele desligou um minuto depois e acrescentou para Howell: — Keane estava no telhado do Bucareste.

Disse que há incêndio na Prisão de Gasr. Se a multidão atacar a prisão, Paul e Bill podem sair feridos. Ele sugeriu que pedíssemos a Dadgar para entregá-los à embaixada americana.

— Está certo — disse Howell. — Pode pedir.

Ele esperou, enquanto Abolhasan e Dadgar conversavam em farsi. Abolhasan finalmente voltou a lhe falar:

— Segundo as nossas leis, eles têm de ser mantidos numa prisão iraniana. E ele não pode considerar a embaixada dos Estados Unidos como uma prisão iraniana.

O absurdo era cada vez maior. O país inteiro estava desmoronando e Dadgar ainda insistia em consultar seus códigos.

Howell disse:

— Pergunte a ele como se propõe garantir a segurança de dois cidadãos americanos que não foram acusados de qualquer crime.

A resposta de Dadgar foi imediata:

— Não se preocupe. O pior que pode acontecer é a prisão ser invadida.

— E se a multidão decidir atacar americanos?

— Chiapparone provavelmente estará seguro... pois pode passar por iraniano.

— Isso é ótimo... E o que aconteceria com Gaylord?

Dadgar limitou-se a dar de ombros.

Rashid deixou sua casa naquela manhã bem cedo.

Seus pais, o irmão e a irmã planejavam permanecer dentro de casa durante o dia inteiro. Insistiram para que ele fizesse a mesma coisa, mas Rashid não os atendeu. Sabia que seria perigoso sair pelas ruas, mas não ia ficar escondido em casa enquanto seus conterrâneos estavam fazendo história. Além do mais, ele não esquecera sua conversa com Simons.

Rashid estava vivendo por impulso. Na sexta-feira descobrira-se na base aérea de Farahabad, durante a confrontação entre os *homafars* e a Brigada Javadan legalista. Sem qualquer razão específica, ele fora ao arsenal e começara a distribuir rifles. Acabara se cansando e fora embora.

Naquele mesmo dia ele vira um homem morto pela primeira vez. Estava na mesquita, quando para lá fora levado o motorista de um ônibus metralhado pelos soldados. Num súbito impulso, Rashid descobrira o rosto do cadáver. Todo um lado da cabeça fora destruído, sangue e miolos se misturavam. Era um espetáculo terrível. O

incidente parecia uma advertência, mas Rashid não estava disposto a dar atenção a advertências. As coisas estavam acontecendo nas ruas e ele tinha de estar por dentro.

A atmosfera naquela manhã estava carregada. Havia multidões por toda parte. Centenas de homens e rapazes empunhavam rifles automáticos. Rashid, usando um gorro inglês e uma camisa aberta no peito, misturou-se com a multidão, sentindo todo o entusiasmo.

Qualquer coisa poderia acontecer naquele dia.

Ele encaminhava-se, vagamente, para o Bucarest. Ainda tinha seus deveres: estava negociando com duas companhias de navegação para transportar os pertences dos evacuados da EDS de volta aos Estados Unidos; e tinha de alimentar os cachorros e gatos abandonados. Os rumores nas ruas fizeram-no mudar de idéia. Dizia-se que a Prisão Evin fora invadida na noite anterior. Hoje poderia ser a vez da Prisão Gasr, onde Paul e Bill estavam.

Rashid desejou ter um rifle automático, como os outros.

Ele passou por um prédio militar que parecia ter sido invadido pela multidão. Era um prédio de seis andares, continha um arsenal e uma junta de recrutamento. Malek, um amigo de Rashid, trabalhava ali. Ocorreu-lhe que Malek podia estar em dificuldades. Se ele saísse para trabalhar naquela manhã, estaria usando o seu uniforme do exército — e isso seria suficiente para acarretar sua morte hoje. Posso emprestar minha camisa a Malek, pensou Rashid, entrando impulsivamente no prédio.

Ele foi avançando pela multidão no andar térreo e encontrou a escada. O resto do prédio parecia vazio. Enquanto subia, Rashid se perguntou se os soldados não estariam escondidos nos andares superiores; nesse caso, eles poderiam atirar em quem se aproximasse.

Mesmo assim, ele continuou a subir. Foi até o último andar. Malek não estava ali. Ninguém estava ali. O exército abandonara o prédio à multidão.

Rashid voltou ao térreo. A multidão se concentrara diante da entrada para o arsenal no porão, mas ninguém estava entrando. Rashid abriu caminho até a frente e perguntou:

— A porta está trancada?

— Pode haver uma armadilha de bomba — disse alguém.

Rashid olhou para a porta. Esquecera agora todos os pensamentos de ir ao Bucarest. Queria ir para a Prisão Gasr e queria levar uma arma.

— Não creio que haja qualquer armadilha.

Ele abriu a porta e desceu a escada.

O porão consistia de duas salas, divididas por uma arcada. Era parcamente iluminado por janelas estreitas no alto das paredes, um pouco acima do nível da rua. O chão era de ladrilhos pretos. Na primeira sala havia caixas abertas de pentes de balas, carregados. Na segunda havia metralhadoras G3.

Depois de um minuto, alguém da multidão desceu a escada, atrás dele.

Rashid pegou três metralhadoras e um saco de munição, saindo em seguida. Assim que deixou o prédio, as pessoas se agruparam em torno dele, pedindo armas. Rashid deu duas metralhadoras e uma parte da munição.

E depois ele se afastou, seguindo para a Prisão Gasr.

Alguns homens o acompanharam.

Tinham de passar por uma guarnição militar no caminho. Estava havendo ali uma pequena escaramuça. Uma porta de aço no muro alto de tijolos, em torno do quartel, fora derrubada, como se um tanque a tivesse destruído. Uma parte do muro, nos dois lados, desmoronara.

Um carro em chamas estava parado na entrada.

Rashid contornou o carro e entrou.

Descobriu-se no interior de um quartel grande. Do lugar em que se encontrava, um bando disparava a esmo contra um prédio, a cerca de 200 metros de distância. Rashid abrigou-se por trás de um muro.

Os homens que haviam-no seguido começaram a disparar também.

Mas ele não atirou. Ninguém estava mirando de verdade. Tentavam apenas assustar os soldados no prédio. Era uma estranha batalha.

Rashid nunca imaginara que a revolução seria assim: apenas uma multidão desorganizada, com armas que mal sabia usar, vagueando por toda parte numa manhã de domingo, disparando contra paredes, encontrando uma resistência desanimada de soldados invisíveis.

Subitamente um homem tombou perto dele, morto.

Aconteceu tão depressa que Rashid nem mesmo o viu cair. Num momento o homem estava de pé, a menos de dois metros de Rashid, mirando com seu rifle; no instante seguinte estava estendido no chão, sua testa destroçada.

Tiraram o cadáver do quartel. Alguém encontrou um jipe.

Puseram o corpo no jipe e levaram-no embora. Rashid voltou à escaramuça.

Dez minutos depois, sem qualquer motivo aparente, um pedaço de pau com uma camiseta branca amarrada na ponta apareceu numa das janelas do prédio contra o qual estavam atirando. Os soldados se rendiam.

Sem mais aquela.

Havia um senso de anticlímax.

Esta é a minha oportunidade, pensou Rashid.

Era fácil manipular as pessoas, quando se compreendia a psicologia do ser humano. Era preciso apenas estudar as pessoas, entender a situação em que se encontravam, prever suas necessidades.

Aquelas pessoas, concluiu Rashid, queriam emoção e aventura. Pela primeira vez na vida, têm armas em suas mãos: precisam de um alvo e qualquer coisa que simbolize o regime do Xá servirá.

Naquele momento, estavam todos parados ali, sem saberem para onde ir agora.

— Escutem todos! — gritou Rashid.

Todos escutaram — nada tinham de melhor para fazer.

— Vou para a Prisão Gasr!

Alguém aclamou.

— As pessoas que lá estão são prisioneiras do regime... e se somos contra o regime, temos de libertá-las!

Várias pessoas gritaram em concordância.

Rashid começou a andar. Eles seguiram-no.

É esse o ânimo que os domina, pensou Rashid; seguirão qualquer um que pareça saber para onde ir.

Ele começou com um bando de 12 ou 15 homens e rapazes, mas o grupo foi engrossando pelo caminho. Todos que não tinham para onde ir automaticamente aderiram.

Rashid tornou-se um líder revolucionário. Nada era impossível.

Rashid parou pouco antes de chegar à Praça Gasr e falou a seu exército:

— As prisões devem ser tomadas pelo povo, assim como as delegacias de polícia e os quartéis. Esta é a nossa responsabilidade. Há pessoas na Prisão Gasr que não são culpadas de nada. São como nós...

nossos irmãos, nossos primos. Como nós, eles querem apenas a sua liberdade. Mas foram mais bravos do que nós, porque eles reclamaram a sua liberdade enquanto o Xá ainda estava aqui e por isso foram metidos na prisão. Mas vamos libertá-los agora!

Todos aclamaram. Rashid lembrou-se de uma coisa que Simons dissera:

— “A Prisão Gasr é a nossa Bastilha!”

A multidão aclamou ainda mais alto.

Rashid virou-se e correu para a praça.

Abrigo-se numa esquina, em frente aos imensos portões de aço da prisão. Percebeu que já havia uma grande multidão na praça. A prisão seria provavelmente atacada naquele dia de qualquer maneira, com ou sem a sua ajuda. Mas o importante era ajudar Paul e Bill.

Ele levantou sua metralhadora e disparou para o ar.

A multidão na praça dispersou-se e o tiroteio começou no mesmo instante.

E outra vez a resistência foi um tanto desanimada. Uns poucos guardas responderam aos tiros das torres nos muros e das janelas perto dos portões. Até onde Rashid podia constatar ninguém de qualquer dos lados fora atingido. E outra vez a batalha terminou como uma lamúria ao invés de um impacto: os guardas simplesmente desapareceram dos muros e o tiroteio cessou.

Rashid esperou dois ou três minutos para ter certeza de que os soldados haviam mesmo se retirado, depois correu através da praça para a entrada da prisão.

Os portões estavam trancados.

A multidão se agrupou ao redor. Alguém disparou uma rajada contra os portões, como se tentasse abri-los assim. Rashid pensou: *Ele viu muitos filmes de cowboy*. Outro homem apareceu com um pé-de-cabra, mas era impossível arrombar os portões. Precisaríamos de dinamite, concluiu Rashid.

No muro de tijolos, ao lado dos portões, havia uma pequena janela gradeada, através da qual um guarda podia ver quem estava lá fora. Rashid quebrou o vidro com sua arma e depois começou a trabalhar nos tijolos em que estavam cravadas as barras de ferro. O

homem com o pé-de-cabra veio ajudá-lo, depois mais três ou quatro se aproximaram, tentando desprender as barras com as mãos, os canos das armas, tudo o que pudessem usar. Não demorou muito para que as barras se desprendessem e caíssem no chão.

Rashid contorceu-se pela janela. Estava dentro da prisão!

Tudo era possível.

Ele descobriu que estava numa pequena sala de guarda. Não havia guardas ali. Ele meteu a cabeça pela porta. Ninguém.

Perguntou-se onde estariam as chaves das celas.

Saiu dali e passou pelos portões grandes, entrando numa segunda sala de guarda, no outro lado. Encontrou ali um molho grande de chaves.

Voltou aos portões. Num deles havia uma portinha, presa por uma simples barra.

Rashid levantou a barra e abriu a portinha.

A multidão entrou.

Rashid recuou. Foi entregando chaves a quem quer que quisesse pegá-las, dizendo:

— Abram todas as celas... deixem as pessoas saírem.

A multidão passou por ele. Sua carreira como líder revolucionário estava encerrada. Alcançara seu objetivo. Ele, Rashid, comandara a ocupação da Prisão Gasr!

Mais uma vez, Rashid fizera o impossível.

Agora, tinha de encontrar Paul e Bill entre os 11.800 presos que havia em Gasr.

Bill acordou às seis horas. Tudo estava quieto.

Descobriu com alguma surpresa que dormira bem. E não esperava sequer dormir. A última coisa de que se lembrava era a de se deitar em seu beliche ouvindo o que parecia ser uma batalha encarniçada lá fora. *Quando se está cansado o bastante, pensou ele, imagino*

que se pode dormir em qualquer lugar. Os soldados dormem em trincheiras. Todo mundo acaba se acostumando. Não importa quão assustado se possa estar, ao final o corpo assume o controle e desliga tudo.

Ele rezou um terço.

Lavou-se, escovou os dentes, fez a barba e vestiu-se. Depois sentou-se, olhando pela janela, esperando pelo café da manhã e imaginando o que a EDS estaria planejando para aquele dia. Paul acordou por volta de sete horas. Olhou para Bill e perguntou:

— Não conseguiu dormir?

— Claro que dormi, mas já acordei há mais de uma hora.

— Não dormi muito bem. Os tiros foram mais intensos durante a noite.

Paul levantou-se e foi para o banheiro. A comida chegou poucos minutos depois: pão e chá. Bill abriu uma lata de suco de laranja que fora trazida por Keane Taylor.

Os tiros recomeçaram por volta de oito horas.

Os prisioneiros especularam sobre o que poderia estar acontecendo lá fora, mas ninguém dispunha de informações concretas.

Podiam ver apenas os helicópteros desfilando pelo céu, aparentemente disparando contra posições rebeldes em terra. Cada vez que um helicóptero passava sobre a prisão, Bill ficava esperando que uma escada baixasse do céu para o pátio do Bloco 8. Era o seu sonho habitual. Também fantasiava sobre um pequeno grupo de homens da EDS, liderados por Coburn e um homem mais velho, passando por cima dos muros da prisão, em escadas de corda. Ou uma força grande de soldados americanos chegando no último

momento, como a cavalaria nos filmes de mocinho, abrindo um imenso buraco no muro com dinamite.

Ele fizera mais do que sonhar. À sua maneira discreta e de aparente indiferença, inspecionara cada palmo do prédio e pátio, calculando o meio mais rápido de escapar, nas circunstâncias mais variadas. Sabia quantos guardas havia e quantos rifles eles possuíam.

Estava pronto para o que desse e viesse.

E começava a parecer que hoje seria o dia.

Os guardas não estavam seguindo as rotinas normais. Na prisão, tudo era feito por rotina: um prisioneiro, com pouco mais para fazer, observava os padrões e rapidamente ficava familiarizado. Naquele dia, porém, tudo estava diferente. Os guardas pareciam nervosos, sussurrando nos cantos, apressando-se por toda parte. Os sons de batalha lá fora tornaram-se mais altos. Com tudo isso acontecendo, seria possível que aquele dia terminasse como todos os outros?

Podemos escapar, pensou Bill. Ou podemos ser mortos. Mas certamente não vamos desligar a televisão e ir para a cama como sempre, esta noite.

Por volta das 10:30 ele viu a maioria dos oficiais atravessando o terreno da prisão, a caminho do norte, como se fossem participar de uma reunião. Voltaram apressadamente uma hora depois. O major no comando do Bloco 8 entrou em sua sala. Saiu dois minutos depois... à paisana! Levou um pacote deformado — seu uniforme? — para fora do prédio. Olhando pela janela, Bill viu-o guardar o pacote na mala de seu BMW, estacionado além da cerca do pátio. Depois, o major entrou no carro e afastou-se.

O que aquilo significava? Será que todos os oficiais iriam embora? Seria assim que aconteceria... Paul e Bill poderiam simplesmente sair da prisão sem maiores dificuldades?

O almoço foi servido pouco antes do meio-dia. Paul comeu, mas Bill não estava com fome. Os tiros pareciam mais perto agora e podiam ouvir gritos e cantos nas ruas.

Três dos guardas do Bloco 8 apareceram de repente à paisana.

Só podia ser o fim.

Paul e Bill desceram e saíram para o pátio. Parecia que todos os pacientes mentais do andar térreo estavam gritando. Agora, os guardas nas torres estavam disparando para as ruas lá fora. A prisão devia estar sendo atacada.

E isso seria uma boa ou má notícia? , perguntou-se Bill. A EDS saberia que aquilo estava acontecendo? Seria uma parte da operação de resgate de Coburn? Há dois dias que não havia visitantes. Todos teriam voltado aos Estados Unidos? Ainda estariam vivos?

A sentinela que normalmente guardava o portão do pátio desaparecera. E o portão estava aberto.

O portão estava aberto!

Será que os guardas queriam que os prisioneiros fossem embora? Outros blocos de celas deviam estar abertos também, pois agora, além de guardas, havia prisioneiros correndo por toda parte. As balas zuniam pelas árvores e ricocheteavam nos prédios.

Uma bala caiu aos pés de Paul.

Os dois ficaram olhando fixamente.

Os guardas nas torres pareciam agora estar disparando para o interior da prisão.

Paul e Bill se viraram e correram de volta para dentro do Bloco 8.

Ficaram na janela, observando o caos crescente na prisão. Era irônico. Há semanas que não pensavam praticamente em outra coisa que não a sua liberdade. Agora que podiam sair, no entanto, estavam hesitando.

— O que acha que devemos fazer? — perguntou Paul.

— Não sei. É mais perigoso aqui dentro ou lá fora?

Paul deu de ombros.

— Ei, lá vai o bilionário!

Eles viram o prisioneiro rico do Bloco 8 — o que tinha um quarto particular e cujas refeições vinham de fora — atravessar o pátio com dois de seus guarda-costas. Raspara o bigode exuberante. Ao invés do casaco de pêlo de camelo, usava apenas uma calça e uma camisa. Estava preparado para a ação, pronto para se movimentar o mais depressa que pudesse. Estava se encaminhando para o norte, afastando-se dos portões da prisão. Isso significaria que havia uma saída lá atrás?

Os guardas do Bloco 8, todos agora à paisana, atravessaram o pequeno pátio e saíram pelo portão.

Todos estavam partindo, mas Paul e Bill ainda hesitavam.

— Está vendo aquela motocicleta? — perguntou Paul.

— Estou.

— Podemos partir nela. Eu costumava andar de motocicleta.

— E como passaria pelo muro?

— Tem razão.

Paul riu de sua própria tolice. O companheiro de cela deles encontrara duas bolsas grandes e estava começando a guardar suas roupas. Bill sentiu um ímpeto de ir embora, simplesmente sair dali, quer isso fizesse ou não parte do plano da EDS. A liberdade estava muito perto. Mas as balas voavam por toda parte e a multidão que atacara a prisão podia ser antiamericana. Por outro lado, se as autoridades conseguissem de alguma forma recuperar o controle da prisão, Paul e Bill teriam perdido a sua última oportunidade de escapar...

— Gostaria de saber onde o filho da puta do Gayden está neste momento — disse Paul. — Só estou aqui porque ele me mandou para o Irã.

Bill olhou para Paul e compreendeu que ele estava apenas gracejando.

Os pacientes do hospital no andar térreo haviam saído para o pátio. Alguém devia ter aberto as portas do hospital. Bill podia ouvir um tremendo tumulto, como choro, saindo do bloco das mulheres, no outro lado da rua. Havia mais e mais pessoas deixando os blocos, encaminhando-se para a entrada da prisão. Olhando nessa direção, Bill avistou fumaça. Paul também viu no mesmo momento. Bill disse:

— Se eles vão incendiar a prisão...

— É melhor sairmos.

O fogo inclinara os pratos da balança. A decisão estava tomada.

Bill correu os olhos pela cela. Os dois tinham poucos pertences.

Bill pensou no diário que mantivera fielmente, nos últimos 43 dias.

Paul escrevera listas de coisas que faria quando voltasse aos Estados Unidos. Calculara num pedaço de papel o financiamento da casa

nova que Ruthie estava comprando. Ambos tinham cartas preciosas de casa, relidas constantemente.

— Provavelmente seria melhor não levarmos qualquer coisa que possa indicar que somos americanos — comentou Paul.

Bill pegara seu diário. Tornou a largá-lo agora, murmurando, relutantemente:

— Tem razão.

Puseram os casacos. Paul tinha uma capa azul inglesa e Bill um sobretudo com gola de pele.

Cada um dispunha de cerca de 2.000 dólares, dinheiro que Keane Taylor trouxera. Paul tinha alguns cigarros. Não levaram mais nada.

Deixaram o prédio e atravessaram o pequeno pátio, hesitando quando chegaram ao portão. A rua era agora um mar de pessoas, como uma multidão deixando um estádio esportivo, andando e correndo como uma só massa, na direção dos portões da prisão.

Paul estendeu a mão.

— Boa sorte, Bill.

Bil apertou a mão dele

— Boa sorte para você também.

Provavelmente ambos morreriam nos próximos minutos, pensou Bill, quase que certamente de uma bala extraviada. Nunca verei as crianças crescerem, compreendeu ele, tristemente. E sentiu-se furioso ao pensar que Emily teria de se arrumar sozinha. Por mais espantoso que pudesse parecer, não sentiu medo.

Passaram pelo pequeno portão e depois não houve mais tempo para reflexão. Foram envolvidos e levados pela multidão, como gravetos

num córrego rápido. Bill concentrou-se em permanecer perto de Paul e manter-se empertigado, a fim de não cair e ser pisoteado.

Ainda havia muitos tiros. Um guarda solitário ficara em seu posto e parecia estar disparando contra a multidão de sua torre. Duas ou três pessoas caíram... uma delas a americana que Paul e Bill haviam visto antes — mas não dava para determinar se foram alvejadas ou se simplesmente tropeçaram. *Não quero morrer ainda, pensou Bil, tenho planos, coisas que quero fazer com minha família e carreira; este não é o momento nem o lugar para morrer; o destino me deu cartas horríveis...*

Passaram pelo clube dos oficiais, onde haviam-se encontrado com Perot, apenas três semanas antes... mas parecia que fora há muitos anos. Prisioneiros vingativos estavam destruindo o clube e os carros dos oficiais estacionados lá fora. Onde estava o sentido de tudo aquilo? Por um momento, toda a cena parecia irreal, como um sonho.

Ou um pesadelo.

O caos em torno da entrada principal da prisão estava pior. Paul e Bill recuaram e conseguiram se desligar da multidão, com medo de serem esmagados. Bill lembrou que alguns dos prisioneiros estavam ali há 25 anos. Não era de admirar, depois de tanto tempo, que ficassem quase enlouquecidos ao sentirem o cheiro da liberdade.

Parecia que os portões da prisão ainda estavam fechados, pois dezenas de pessoas tentavam escalar o imenso muro exterior. Algumas estavam em cima de carros e caminhões, que haviam sido empurrados para junto do muro. Outras subiam em árvores e se arrastavam perigosamente por galhos que se estendiam para fora. Outras ainda encostavam tábuas no muro e tentavam assim escalá-lo. Um poucas pessoas haviam chegado ao alto do muro, por um ou outro meio, estavam agora descendo cordas e lençóis para os

que se encontravam lá embaixo. Mas as cordas não eram compridas o bastante.

Paul e Bill ficaram observando, imaginando o que fazer. Alguns dos outros prisioneiros estrangeiros do Bloco 8 se reuniram em torno deles. Um desses prisioneiros, um neozelandês acusado de contrabando de tóxicos, tinha um sorriso largo estampado no rosto, como se estivesse se divertindo imensamente com os acontecimentos.

Havia um clima de exultação histérica no ar e Bill começou a ficar contagiado. De alguma forma, pensou ele, vamos sair vivos de toda essa confusão.

Ele olhou ao redor. Os prédios à direita dos portões estavam em chamas. À esquerda, a alguma distância, ele avistou um prisioneiro iraniano acenando, como se dissesse: Por aqui! Estava havendo algum trabalho de construção naquele trecho do muro... aparentemente um prédio era levantado no outro lado. Havia uma porta de aço no muro para permitir o acesso ao local. Olhando mais atentamente, Bill percebeu que o iraniano que acenava conseguira abrir a porta.

— Ei... olhe ali! — exclamou Bill.

— Vamos embora — disse Paul.

Saíram correndo. Vários outros prisioneiros foram atrás.

Passaram pela porta... e descobriram-se encurralados numa espécie de cela, sem portas nem janelas. Havia um cheiro de cimento fresco.

Havia ferramentas por toda parte. Alguém pegou uma picareta e manejou-a contra a parede. O cimento fresco desmoronou rapidamente. Dois ou três outros homens se juntaram ao esforço, golpeando com qualquer coisa que pudessem encontrar. Não

demorou muito para que o buraco fosse grande o bastante. Eles largaram as ferramentas e passaram, rastejando.

Estavam agora entre os dois muros da prisão. O muro interno, por trás deles, era o alto, com nove ou dez metros. O muro externo, que se interpunha entre eles e a liberdade, tinha apenas três ou quatro metros de altura.

Um prisioneiro atlético conseguiu chegar ao alto do muro. Outro homem postou-se por baixo dele e fez um sinal. Um terceiro prisioneiro se adiantou. O homem que estava no chão empurrou-o para cima, o que estava lá no alto puxou-o. O prisioneiro passou por cima do muro.

E, depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

Paul correu para o muro.

Bill estava logo atrás dele.

A mente de Bill parecia vazia. Ele correu. Sentiu um empurrão, alguém ajudando-o a subir, depois um puxão. No instante seguinte estava no alto do muro. Pulou para o outro lado.

Caiu na calçada. Levantou-se.

Paul estava ao seu lado.

Estamos livres! , pensou Bill. Estamos livres!

Ele sentia vontade de sair dançando.

Coburn largou o telefone e anunciou:

— Era Majid. A multidão invadiu a prisão.

— Ótimo — disse Simons.

Ele dissera a Simons, no início daquela manhã, que mandasse Majid para a Praça Gasr. Simons estava muito calmo, pensou Coburn.

Então chegara o momento... aquele era o grande dia! Podiam agora deixar o apartamento, entrar em ação, acionar o plano para sair do Irã.

Contudo, Simons não deixava transparecer qualquer sinal de excitação

— O que vamos fazer agora? — perguntou Coburn.

— Nada. Majid está lá e Rashid também. Se esses dois não puderem cuidar de Paul e Bill, nós também não poderemos. Se Paul e Bill não apareceram até o anoitecer, faremos o que já combinamos: você e Majid sairão de motocicleta à procura deles.

— E até lá?

— Mantemos o plano. Ficamos sentados aqui, esperando.

Havia uma crise na embaixada dos Estados Unidos.

O Embaixador William Sullivan recebera um telefonema de emergência do General Gast, chefe do Grupo de Assistência Militar, pedindo socorro. A sede do GAM estava cercada por uma multidão.

Estava ocorrendo uma troca de tiros. Gast e seus oficiais, juntamente com a maior parte do estado-maior iraniano, estavam numa casamata, por baixo do prédio.

Sullivan pusera todos os homens em condições da embaixada a dar telefonemas, tentando localizar líderes revolucionários que pudessem ter autoridade suficiente para controlar a multidão. O

telefone na mesa de Sullivan tocava constantemente. Em plena crise, ele recebeu um telefonema do Subsecretário Newsom, ligando de Washington.

Newsom estava na Sala de Situação, na Casa Branca, onde Zbigniew Brzezinski presidia uma reunião sobre o Irã. Ele queria a avaliação de Sullivan sobre a situação atual em Teerã. Sullivan atendeu o, em poucas frases, curtas e bruscas. Disse que naquele momento estava preocupado em salvar a vida do general americano que comandava a organização militar dos Estados Unidos no Irã.

Poucos minutos depois, Sullivan recebeu um telefonema de um funcionário da embaixada que conseguira entrar em contato com Ibrahim Yazdi, um companheiro de Khomeini. O funcionário estava informando a Sullivan que Yazdi poderia ajudar quando a ligação foi cortada e Newsom tomou a entrar na linha. Newsom disse:

— O assessor de Segurança Nacional pede a sua opinião sobre a possibilidade de um golpe de estado dos militares iranianos para assumir o poder do governo Bakhtiar, que está obviamente fraquejando.

A indagação era tão absurda que Sullivan perdeu a calma.

— Diga a Brzezinski para ir se foder!

— Não é um comentário dos mais úteis.

— Quer que seja traduzido para o polonês? — berrou Sullivan, batendo com o telefone em seguida.

No telhado do Bucareste, a equipe de negociação podia ver os incêndios se espalhando. O barulho do tiroteio também estava mais perto do lugar em que se encontravam. John Howell e Abolhasan voltaram da reunião com Dadgar.

— E então? — perguntou Gayden a Howell. — O que disse o filho da puta?

— Não vai soltá-los.

— É mesmo um filho da puta!

Poucos minutos depois, todos ouviram um barulho que parecia nitidamente com o de uma bala zunindo perto. O barulho se repetiu um momento depois. Resolveram deixar o telhado.

Desceram para os escritórios e ficaram observando das janelas.

Começaram a ver, nas ruas lá embaixo, rapazes e meninos empunhando rifles. Parecia que a multidão arrombara um arsenal nas proximidades. E era perto demais para que se sentissem seguros.

Chegara o momento de abandonar o Bucareste e voltar ao Hyatt, que ficava mais distante do centro.

Eles saíram e embarcaram em dois carros, seguindo pela via expressa Shahanshahi, a toda velocidade. As ruas estavam apinhadas e havia um clima de carnaval. As pessoas se debruçavam nas janelas, gritando:

— *Allahar Akbar!* Deus é grande!

A maior parte do tráfego se encaminhava para o centro, na direção dos combates. Taylor passou direto por três bloqueios na rua, mas ninguém se importou. Todos estavam dançando.

Chegaram ao Hyatt e se reuniram na sala de estar da suíte de canto do 11º andar, que Gayden ocupara, em substituição a Perot.

Cathy, a mulher de Rich Gallagher, foi juntar-se a eles, levando *Buffy*, seu *poodle* branco.

Gayden abastecera a suíte com as bebidas abandonadas das casas dos evacuados da EDS e dispunha agora do melhor bar de Teerã. Mas ninguém estava com vontade de beber.

— O que vamos fazer agora? — indagou Gayden.

Ninguém tinha qualquer idéia.

Gayden ligou para Dallas, onde eram agora seis horas da manhã.

Falou com Tom Walter sobre os incêndios, os combates e os meninos nas ruas com rifles automáticos.

— Isso é tudo o que tenho para informar — arrematou ele.

— Algo mais além de um dia sossegado, hem?

Discutiram o que faria se as ligações telefônicas ficassem interrompidas. Gayden disse que tentaria enviar as mensagens através do serviço militar americano. Cathy Gallagher trabalhava para o exército americano e achava que poderia efetuar a transferência.

Keane Taylor foi para o quarto e deitou-se. Pensou em sua mulher, Mary. Ela estava em Pittsburgh, na casa dos pais dele. Tanto a mãe como o pai de Taylor já haviam passado dos 80 anos e tinham uma saúde precária. Mary ligara para dizer que a mãe dele fora levada às pressas para o hospital, com um problema no coração. Mary queria que voltasse para casa. Ele falara com o pai, que se mostrara impreciso dizendo:

— Você sabe o que deve fazer.

Era verdade: Taylor sabia que tinha que permanecer em Teerã.

Mas não era fácil para ele e muito menos para Mary. Ele estava cochilando na cama de Gayden quando o telefone tocou. Estendeu a

mão para a mesinha-de-cabeceira e murmurou ao fone, sonolento:

— Alô?

Uma voz iraniana ofegante perguntou:

— Paul e Bill estão aí?

— Como? Rashid... é você?

— Paul e Bill estão aí? — repetiu Rashid.

— Não. O que aconteceu?

— Já estou indo para aí.

Rashid desligou. Taylor saiu da cama e foi para a sala, informando aos outros:

— Rashid acaba de telefonar. Ele perguntou se Paul e Bill estavam aqui.

— Por que ele perguntou isso? — indagou Gayden. — De onde estava telefonando?

— Não consegui. saber mais nada dele. Rashid estava bastante excitado e vocês sabem como o inglês dele fica terrível nessas ocasiões.

— Ele não disse mais nada?

— Apenas "estou indo para aí". E depois desligou.

— Merda! — Gayden virou-se para Howell. — Passe-me o telefone.

Howell estava sentado com o fone no ouvido, sem dizer nada.

Estavam mantendo aberta a linha para Dallas. No outro lado, uma telefonista da EDS estava na escuta, esperando que alguém dissesse alguma coisa. Gayden disse ao telefone:

— Quero falar de novo com Tom Walter, por favor.

Enquanto Gayden relatava a Walter o telefonema de Rashid, Taylor procurava imaginar o que significava. Por que Rashid haveria de pensar que Paul e Bill estavam no Hyatt? Eles estavam na prisão...

ou não estavam?

Rashid irrompeu na sala poucos minutos depois, sujo, cheirando a fumaça e pólvora, com balas da G3 caindo dos bolsos, falando a um quilômetro por minuto, de tal forma que ninguém pôde entender uma palavra sequer. Taylor conseguiu finalmente acalmá-lo e ele explicou:

— Invadimos a prisão. E Paul e Bill desapareceram.

Paul e Bill pararam junto ao muro da prisão, olhando ao redor.

A cena na rua fez Paul se lembrar de uma parada em Nova York. Nos prédios de apartamentos em frente à prisão todos estavam nas janelas, gritando e aplaudindo, enquanto observavam os prisioneiros escapando. Havia uma barraca na esquina, com um homem vendendo frutas. Havia tiroteios não muito longe, mas ali, nas proximidades, ninguém estava atirando. No instante seguinte, como a lembrar a Paul e Bill que ainda não estavam fora de perigo, um carro cheio de revolucionários passou em disparada, com armas se projetando de todas as janelas.

— Vamos sair daqui — disse Paul.

— E para onde vamos? A embaixada americana? A embaixada francesa?

— Vamos para o Hyatt.

Paul começou a andar, seguindo para o norte. Bill seguia um pouco atrás, com a gola do casaco levantada e a cabeça inclinada, a fim de esconder o rosto pálido, tipicamente americano. Chegaram a um cruzamento. Estava deserto. Não havia carros, não havia pessoas.

Começaram a atravessar. Soou um tiro.

Os dois se abaixaram e correram de volta pelo caminho que haviam percorrido.

Não seria fácil.

— Como está indo? — perguntou Paul.

— Ainda vivo.

Passaram de novo pela prisão. A cena era a mesma. Pelo menos as autoridades ainda não se haviam organizado o bastante para começarem a recapturar os fugitivos.

Paul seguiu para o sul e para leste, através das ruas, esperando dar uma volta, até chegar a uma área mais tranqüila, de onde pudessem se encaminhar outra vez para o norte. Por toda parte havia garotos com rifles automáticos, alguns não tendo mais que 13 ou 14

anos. Em cada esquina havia uma barricada de sacos de areia, como se as ruas estivessem divididas em territórios tribais. Mais adiante, tiveram de passar por uma multidão que berrava e cantava, as pessoas quase histéricas. Paul evitava cuidadosamente fitar as pessoas nos olhos, pois não queria que o notassem, muito menos que lhe falassem.

Era imprevisível o que a multidão poderia fazer se soubesse que havia dois americanos ali.

A confusão era irregular. Parecia Nova York, onde se tinha de andar apenas alguns passos e virar uma esquina para descobrir que as características locais mudavam completamente. Paul e Bill passaram por uma área tranqüila de quase um quilômetro e depois se descobriram no meio de uma batalha. Havia uma barricada de carros virados na rua e um bando de garotos por trás atirava contra o que parecia ser uma instalação militar. Paul afastou-se rapidamente, com medo de ser morto por uma bala extraviada.

A cada vez que tentava virar para o norte deparava com alguma obstrução. Estavam agora mais longe do Hyatt do que no momento em que haviam começado. Seguiam para o sul e os combates sempre haviam sido piores ao sul. Pararam diante de um prédio inacabado e Paul disse:

— Podemos entrar aqui e ficarmos escondidos até o anoitecer. E depois que estiver escuro ninguém perceberá que você é americano.

— Podemos levar um tiro por estarmos na rua depois do toque de recolher.

— Acha que ainda há um toque de recolher?

Bill deu de ombros.

— Estamos nos saindo bem até agora — acrescentou Paul. —

Vamos continuar por mais um pouco.

E continuaram.

Duas horas se passaram, duas horas de multidões, batalhas nas ruas e tiros a esmo de atiradores de tocaia, antes que conseguissem

finalmente virar para o norte. E depois a cena mudou. Os tiroteios foram ficando cada vez mais distantes e se descobriram numa área relativamente próspera, de casas elegantes. Viram uma criança numa bicicleta, usando uma camisa de malha em que estava escrita alguma coisa sobre a Califórnia Meridional.

Paul estava cansado. Passara 45 dias na prisão e estivera doente durante a maior parte desse tempo. Não era mais vigoroso o bastante para andar por horas a fio.

— O que acha de pedirmos uma carona? — ele perguntou a Bill.

— Podemos experimentar.

Paul ficou parado na beira da calçada e acenou para o primeiro carro que apareceu. (Lembrou-se de não esticar o polegar, ao estilo americano, pois isso era um gesto obsceno no Irã.) O carro parou.

Havia dois iranianos no carro. Paul e Bill embarcaram no banco traseiro. Paul resolveu não mencionar o nome do hotel.

— Estamos indo para Tajrish — disse ele.

Era uma área de bazar, na zona norte da cidade. O motorista disse:

— Podemos levá-los por uma parte do caminho.

— Obrigado.

Paul ofereceu-lhes cigarros e depois recostou-se, agradecido, acendendo um cigarro para si. Os iranianos largaram-nos em Kurosh-e Kabir, vários quilômetros ao sul de Tajrish, não muito longe do lugar em que Paul residira. Estavam numa artéria importante, com bastante tráfego e muitas pessoas ao redor. Paul achou que era melhor não chamar atenção por pedir carona ali.

— Podemos nos refugiar na Missão Católica — sugeriu Bill.

Paul pensou por um momento. As autoridades presumivelmente sabiam que o Padre Williams os visitara na Prisão Gasr, apenas dois dias antes.

— A missão pode ser o primeiro lugar em que Dadgar vai no procurar.

— É possível.

— Devemos ir para o Hyatt.

— Talvez o pessoal não esteja mais lá.

— Mas teremos telefones, algum lugar para conseguir passagens de avião...

— E chuveiros com água quente.

— Isso mesmo.

Eles foram andando. Subitamente, uma voz gritou:

— Sr. Paul! Sr. Bill!

Paul sentiu o coração parar. Olhou ao redor. Avistou um carro cheio de pessoas avançando lentamente pela rua, a seu lado.

Reconheceu uma das pessoas: era um guarda da Prisão Gasr. O guarda estava agora à paisana e parecia ter aderido à revolução. O sorriso largo parecia dizer: Não revelem quem eu sou e não contarei quem vocês são.

Ele acenou, depois o carro aumentou de velocidade e se afastou.

Paul e Bill riram, com uma mistura de divertimento e alívio.

Entraram numa rua tranqüila e Paul recomeçou a pedir carona.

Descia para a rua, acenando, enquanto Bill permanecia na calçada. Assim, os motoristas pensariam que se tratava de apenas um homem, um iraniano.

Um casal jovem parou. Paul embarcou e Bill entrou rapidamente, atrás dele.

— Estamos indo para o norte — disse Paul.

A mulher olhou para o seu homem, que disse:

— Podemos levá-los até o Palácio Niavron.

— Obrigado.

O carro arrancou.

A cena nas ruas tornou a mudar. Podiam ouvir muito mais disparos, o tráfego era mais intenso e mais frenético, com todos os carros buzinando continuamente. Viram fotógrafos e equipes de televisão em cima de carros, em plena ação. A multidão estava incendiando a delegacia de polícia próxima do lugar em que Bill residira. O casal iraniano parecia nervoso quando o carro se aproximou da multidão. A presença de dois americanos no carro poderia metê-los numa situação terrível, num clima assim.

Estava começando a escurecer. Bill inclinou-se para a frente e disse:

— Está ficando tarde. Seria ótimo se vocês pudessem nos levar ao Hyatt Hotel. Ficaríamos tão felizes e agradecidos que lhes daríamos alguma coisa para compensar o trabalho.

—Está bem.

O motorista não fez qualquer pergunta.

Passaram pelo Palácio Niavron, a residência de inverno do Xá.

Havia tanques do lado de fora, como sempre, mas agora ostentavam bandeiras brancas nas antenas: haviam-se rendido à revolução.

O carro seguiu adiante, passando por prédios em ruínas e em chamas, sendo desviados de vez em quando por barricadas nas ruas.

Avistaram finalmente o Hyatt.

— Que coisa linda... — murmurou Paul, comovido. — Um hotel americano!

Entraram no átrio.

Paul estava tão grato que deu 200 dólares ao casal iraniano. O carro partiu. Paul e Bill acenaram, depois entraram no hotel.

Subitamente, Paul desejou estar usando o seu uniforme de executivo da EDS, terno e camisa branca, ao invés da roupa de brim da prisão e uma capa suja.

O saguão espetacular estava deserto.

Encaminharam-se para o balcão de recepção. Depois de um momento, alguém emergiu de uma sala.

Paul perguntou o número do quarto de Bill Gayden.

O recepcionista verificou no fichário e depois informou que não havia ninguém registrado com esse nome.

— E Bob Young?

— Também não.

— Rich Gallagher?

— Também não.

— Jay Coburn?

— Também não.

Vim para o hotel errado, pensou Paul. Como posso ter-me enganado dessa maneira?

— E John Howell? — perguntou ele, lembrando-se do advogado.

— Este é nosso hóspede — disse o recepcionista, fornecendo o número de um quarto no 11º andar.

Eles pegaram o elevador e subiram.

Encontraram o quarto de Howell e bateram na porta. Não houve resposta.

— O que acha que devemos fazer? — indagou Bill.

— Vou me registrar no hotel — respondeu Paul. — Estou muito cansado. Podemos nos registrar e comer alguma coisa. Ligaremos para os Estados Unidos, diremos que saímos da prisão e que está tudo bem.

— Boa idéia.

Eles voltaram ao elevador.

Pouco a pouco, Keane Taylor arrancou toda a história de Rashid.

Ele ficara parado logo depois dos portões da prisão por cerca de uma hora. O caos era total: 11.000 pessoas tentavam sair por uma portinha e, no pânico, homens e mulheres eram pisoteados. Rashid esperara, pensando no que diria a Paul e Bill quando os visse.

Depois de uma hora, o fluxo de pessoas se reduzira consideravelmente e ele concluíra que a maioria das pessoas já saíra. Ele começara a perguntar:

— Viram americanos por aqui?

Alguém informara que todos os estrangeiros eram mantidos no Bloco 8. Rashid fora até lá e descobrira que estava vazio. Revistara todos os prédios. E voltara ao Hyatt pelo caminho mais provável para Paul e Bill seguirem. Andando e pegando carona, mantivera-se atento por todo o percurso. Haviam-lhe negado permissão para entrar no Hyatt porque ainda estava empunhando sua arma. Dera-a ao primeiro jovem que encontrara e entrara.

Enquanto ele contava sua história, Coburn chegou preparado para sair à procura de Paul e Bill na motocicleta de Majid. Tinha um capacete com um visor que escondia seu rosto branco.

Rashid ofereceu-se para pegar um carro da EDS e percorrer todo o caminho entre o hotel e a prisão, efetuando mais uma busca, antes de Coburn se arriscar entre a multidão. Taylor deu-lhe as chaves de um carro. Gayden pegou o telefone para transmitir as últimas notícias a Dallas. Rashid e Taylor saíram da suíte e foram andando pelo corredor. Subitamente, Rashid gritou:

— Pensei que estivessem mortos!

Ele desatou a correr. Um instante depois, Taylor avistou Paul e Bill. Rashid abraçava os dois, gritando:

— Não consegui encontrá-los! Não consegui encontrá-los!

— Graças a Deus!

Rashid voltou correndo para a suíte de Gayden, gritando:

— Paul e Bill estão aqui! Paul e Bill estão aqui!

No momento seguinte, Paul e Bill entraram e a confusão foi total.

DEZ

1

Foi um momento inesquecível.

Todos gritavam, ninguém escutava, todos queriam abraçar Paul e Bill ao mesmo tempo.

Gayden estava berrando ao telefone:

— Pegamos os caras! Eles estão conosco! Fantástico! Os dois simplesmente entraram pela porta! Fantástico!

Alguém gritou:

— Conseguimos vencer os filhos da puta!

— Maravilhosos!

— Você se estrepou, Dadgar!

Paul correu os olhos pelos amigos e compreendeu que estavam ali, no meio de uma revolução, para ajudá-lo. Sentiu alguma dificuldade em falar. Gayden largou o fone e aproximou-se, para um aperto de mão. Com lágrimas nos olhos, Paul disse:

— Gayden, acabei de lhe poupar 12 milhões e meio de dólares...

acho que deveria me pagar um drinque.

Gayden preparou-lhe um scotch puro.

Paul provou a primeira bebida alcoólica que tomava em seis semanas. Gayden disse ao telefone:

— Tenho alguém aqui que gostaria de falar com você.

Ele estendeu o telefone para Paul, que pegou-o e disse:

— Alô?

Ouviu a voz de Tom Walter:

— Oi, companheiro!

— Deus Todo-Poderoso! — exclamou Paul, de exaustão e alívio.

— Estávamos ansiosos em saber onde vocês se encontravam.

— Era o que também estávamos querendo saber, pelas últimas três horas.

— Como conseguiram chegar ao hotel, Paul?

Paul não tinha energia suficiente para contar toda a história a Walter.

— Felizmente, Keane deixou-me uma porção de dinheiro um dia.

— Fantástico, Paul! E Bill está bem?

— Estamos todos um pouco abalados. Puxa, Tom, não pode imaginar como é bom ouvi-lo!

Outra voz entrou na linha.

— Paul? Aqui é Mitch. — Mitch Hart era um ex-presidente da EDS. — Eu já esperava que o garoto italiano que brigava como ninguém nas ruas daria um jeito de escapar.

— Como está Ruthie? — perguntou Paul.

Foi Tom Walter quem respondeu. Paul calculou que devia estar usando o telefone de circuito para conferências.

— Ela está muito bem, Paul. Acabei de falar com ela. Jean está me ligando neste momento. Ela está no outro telefone.

— As crianças estão bem?

— Estão, sim. Puxa, como ela vai ficar contente em ouvi-lo!

— Também vou gostar. E agora deixarei você falar com a minha outra metade.

Paul estendeu o telefone para Bill. Enquanto ele falava, um empregado iraniano da EDS, Gholam, entrara na suíte. Ele soubera da invasão da prisão e saíra procurando por Paul e Bill nas ruas próximas.

Jay Coburn estava preocupado com a chegada de Gholam. Por alguns minutos, Coburn ficara de tal forma dominado pela emoção e alegria que não fora capaz de pensar em qualquer outra coisa. Agora, porém, ele retornou ao seu papel de lugar-tenente de Simons. Deixou silenciosamente a suíte, encontrou outra porta aberta, entrou no quarto e telefonou para o apartamento de Dvoranchik.

Simons atendeu.

— Jay falando. Eles estão aqui.

— Ótimo.

— Não há qualquer precaução de segurança por aqui. Eles estão usando os próprios nomes pelo telefone, todo mundo anda à vontade de um lado para outro, empregados iranianos estão aparecendo...

— Ocupe dois quartos longe dos outros. Estamos indo para aí.

— Está certo.

Coburn desligou. Desceu para a recepção e pediu uma suíte com dois quartos no 12º andar. Não houve qualquer dificuldade: o hotel

tinha centenas de quartos vazios. Coburn deu um nome falso. Não lhe foi pedido o passaporte.

Ele voltou à suíte de Gayden. Simons apareceu poucos minutos depois e disse:

— Desliguem esse maldito telefonei

Bob Young, que estava mantendo a linha aberta com Dallas, obedeceu.

Joe Poché entrou atrás de Simons e começou a fechar as cortinas. Era inacreditável. Subitamente, Simons estava no comando total. Gayden, o presidente da EDS World, era o mais graduado ali.

Uma hora antes, ele dissera a Walter que "Os Alegres Rapazes", Simons, Coburn e Poché, pareciam inúteis e ineficientes. Agora, no entanto, ele colocou-se sob as ordens de Simons, sem pensar duas vezes.

— Dê uma olhada por aí, Joe — disse Simons a Poché.

Coburn sabia o que isso significava. Durante as semanas de espera, a equipe fizera um reconhecimento do hotel e de toda a área ao redor. Poché verificaria agora se houvera alguma alteração na situação. O telefone tocou. John Howell atendeu.

— É Abolhasan — ele informou aos outros. Escutou por um instante e depois acrescentou: — Espere um momento — Cobriu o bocal com a mão e disse a Simons: — É um funcionário iraniano nosso que me serviu como intérprete nas reuniões com Dadgar. O pai dele é amigo do pai de Dadgar. Ele está na casa do pai e acaba de receber um telefonema de Dadgar.

A sala ficou em absoluto silêncio.

— Dadgar disse: “Você sabia que os americanos escaparam da prisão?” Abolhasan disse: “Isso é novidade para mim.” Dadgar disse:

“Entre em contato com o pessoal da EDS e diga-lhes que deverão entregar Chiapparone e Gaylord, se os encontrarem. Estou disposto agora a renegociar a fiança e a quantia deve ser bem mais razoável.” Gayden explodiu:

— Ele que se foda!

Simons interveio:

— Diga a Abolhasan para transmitir um recado a Dadgar.

Estamos procurando por Paul e Bill. Até os encontrarmos, consideramos Dadgar pessoalmente responsável pela segurança deles.

Howell sorriu e acenou com a cabeça, voltando a falar com Abolhasan. Simons virou-se para Gayden.

— Ligue para a embaixada americana. Grite um pouco com eles. Eles meteram Paul e Bill na prisão, agora a prisão foi invadida e não sabemos onde Paul e Bill estão. Mas consideramos a embaixada responsável pela segurança deles. Faça uma encenação convincente.

Deve haver espões iranianos na embaixada... e pode apostar que Dadgar receberá o texto da conversa em poucos minutos.

Gayden saiu à procura de um telefone.

Simons, Coburn e Poché, junto com Paul e Bill, transferiram-se para a nova suíte que Coburn reservara, no andar superior.

Coburn pediu dois pratos de bife para o jantar de Paul e Bill.

Disse à copa que mandasse para a suíte de Gayden. Não devia haver movimentos desnecessários de entrada e saída dos novos

aposentos.

Paul tomou um banho quente. Há muito que vinha ansiando por isso. Não tomava um banho há seis semanas. Deleitou-se com o banheiro branco e limpo, a água quente em abundância, o sabonete novo e perfumado... Nunca mais consideraria tais coisas como um fato consumado. Lavou a Prisão Gasr dos cabelos. Havia roupas limpas à sua espera. Alguém trouxera a sua mala do Hilton, onde estava hospedado até o momento em que fora preso.

Bill tomou um banho de chuveiro. Sua euforia desaparecera.

Imaginara que o pesadelo estava terminado quando entrara na suite de Gayden, mas gradativamente compreendera que ainda estava em perigo; não havia jato da força aérea americana esperando para levá-lo de volta aos Estados Unidos numa velocidade duas vezes maior que a do som. A mensagem de Dadgar, via Abolhasan, o aparecimento de Simons, as novas precauções de segurança, como aquela suíte, Poché fechar as cortinas, a comida sendo enviada para a suíte de Gayden, tudo o levava a compreender que a fuga apenas começara.

Mesmo assim, ele apreciou devidamente o jantar.

Simons ainda estava apreensivo. O Hyatt ficava perto do Evin Hotel, onde se hospedavam os militares americanos, da Prisão Evin e de um arsenal. Todos esses lugares eram alvos naturais para os revolucionários. O telefonema de Dadgar também o preocupava.

Muitos iranianos sabiam que o pessoal da EDS estava hospedado no Hyatt. Dadgar poderia descobrir facilmente e mandar seus homens à procura de Paul e Bill.

Enquanto Simons, Coburn e Bill discutiam a situação, na sala de estar da suíte, o telefone tocou.

Simons olhou para o aparelho.

O telefone tornou a tocar.

— Quem sabe que estamos aqui?

Coburn deu de ombros. Simons finalmente atendeu e disse:

— Alô?

Houve uma pausa.

— Alô?

Simons desligou.

— Não tem ninguém na linha.

Paul entrou na sala naquele momento, de pijama. Simons disse:

— Mude de roupa. Vamos sair daqui.

Paul deu de ombros e voltou ao quarto.

Bill teve dificuldade em aceitar. Estavam novamente em fuga!

De alguma forma, Dadgar conseguia manter alguma autoridade, em meio a toda a violência e caos da revolução. Mas quem estava trabalhando para ele? Os guardas haviam fugido das prisões, as delegacias de polícia estavam incendiadas, o exército se rendera...

quem restara para executar as ordens de Dadgar?

O Demônio e todas as suas hordas, pensou Bill.

Simons desceu para a suíte de Gayden, enquanto Paul se vestia.

Levou Gayden e Taylor para um canto.

— Mandem embora todas as pessoas que não interessam —

disse ele, em voz baixa. — Avisem que Paul e Bill estão exaustos e passarão a noite inteira na cama. Todos vocês deverão ir para o nosso esconderijo amanhã de manhã. Saiam às sete horas, como se estivessem indo para o escritório. Não façam as malas, não informem que estão indo embora, não paguem a conta do hotel. Joe Poché estará esperando lá fora e encontrará um caminho seguro para levar vocês até a casa. Vou levar Paul e Bill para lá agora... mas não digam aos outros até amanhã de manhã.

— Está certo — disse Gayden.

Simons tornou a subir. Paul e Bill estavam prontos. Coburn e Poché esperavam. Os cinco foram para o elevador. Enquanto desciam, Simons disse:

— Vamos sair daqui calmamente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Chegaram ao térreo. Atravessaram o vasto saguão e saíram para o átrio. Os dois Range Rovers estavam estacionados ali.

Enquanto atravessavam o átrio, um carro preto e grande aproximou-se. Quatro ou cinco homens maltrapilhos, empunhando metralhadoras, saltaram no instante em que o carro parou. Coburn murmurou:

— Mas que merda!

Os cinco americanos continuaram andando.

Os revolucionários correram para o porteiro.

Poché abriu as portas do primeiro Range Rover. Paul e Bill entraram. Poché ligou o carro e afastou-se rapidamente. Simons e Coburn embarcaram no segundo Range Rover e foram atrás.

Os revolucionários entraram no hotel.

Poché desceu pela Via Vanak, que passava tanto pelo Hyatt como pelo Hilton. Podiam ouvir o constante fogo de metralhadora, por cima do barulho dos motores. A cerca de um quilômetro e meio adiante, no cruzamento com a Avenida Pahlavi, perto do Hilton, depararam com um bloqueio.

Poché parou. Bill olhou ao redor. Ele e Paul haviam passado por aquele cruzamento poucas horas antes, com o casal iraniano que os levara ao Hyatt. Naquela ocasião não havia qualquer barreira ali, apenas um carro queimado. Havia agora diversos carros em chamas, uma barricada e uma multidão de revolucionários, armados com o mais amplo sortimento de armas militares.

Um dos revolucionários aproximou-se do Range Rover e Poché baixou o vidro da janela.

— Para onde estão indo? — perguntou o homem, num inglês perfeito.

— Estamos indo para a casa de minha sogra, em Abbas Abad — respondeu Poché.

Bill pensou: *Santo Deus, mas que história mais idiota para se contar!*

Paul olhava para o outro lado, escondendo o rosto. Outro revolucionário se aproximou e falou em farsi. O primeiro homem perguntou:

— Tem cigarro?

— Não fumo — respondeu Poché.

— Está bem. Podem seguir em frente.

Poché partiu, descendo pela Via Shahanshahi.

Coburn avançou com o segundo Range Rover até o ponto em que estavam os revolucionários.

— Vocês estão com eles?

— Estamos.

— Tem cigarro?

— Tenho.

Coburn pegou seu maço e tentou tirar um cigarro. As mãos tremiam e não conseguiu. Simons interveio:

— Jay...

— O que é?

— Dê a porra do maço!

Coburn entregou o maço inteiro ao revolucionário, que acenou para que eles passassem.

2

Ruthie Chiapparone estava na cama, mas acordada, na casa dos Nyfellers, em Dallas, quando o telefone tocou. Ela ouviu os passos no corredor. A campainha do telefone parou de tocar e a voz de Jim Nyfeler disse:

— Alô?... Ela está dormindo.

— Estou acordada — gritou Ruthie.

Ela se levantou, vestiu um chambre e saiu para o corredor. Jim estendeu-lhe o fone, informando:

— É Jean, a mulher de Tom Walter.

Ruthie disse ao telefone:

— Oi, Jean.

— Tenho boas notícias para você, Ruth. Eles estão livres.

Conseguiram escapar da prisão.

— Graças a Deus!

Ela ainda não começara a imaginar como Paul conseguiria sair do Irã.

Quando Emily Gaylord voltou da igreja, a mãe lhe disse:

— Tom Walter ligou de Dallas. Eu disse que você telefonaria para ele assim que chegasse.

Emily pegou o telefone, discou o número da EDS e pediu para falar com Walter.

— Oi, Emily — disse Walter, com seu sotaque arrastado do Alabama
— Paul e Bill saíram da prisão.

— Mas isso é maravilhoso, Tom!

— Houve uma fuga em massa da prisão. Eles estão a salvo, aos cuidados dos homens que entendem dessas coisas.

— Quando eles voltarão para casa?

— Ainda não sabemos com certeza, mas pode estar certa de que a manteremos informada.

— Obrigada, Tom... muito obrigada!

Ross Perot estava na cama, junto com Margot. A campainha do telefone acordou os dois. Perot estendeu a mão para a mesinha de cabeceira e atendeu.

— Alô?

— Ross, aqui é Tom Walter. Paul e Bill escaparam da prisão.

Subitamente, Perot estava completamente desperto. Sentou-se na cama.

— Mas isso é sensacional!

Margot indagou, sonolenta:

— Eles escaparam?

— Escaparam.

Ela sorriu.

— Maravilhoso!

Tom Walter estava dizendo:

— A prisão foi invadida por revolucionários e Paul e Bill escaparam.

A mente de Perot começava a funcionar a pleno vapor.

— Onde eles estão agora?

— No hotel.

— Isso é perigoso, Tom. Simons está lá?

— Quando eu falei, ele ainda não estava lá...

— Diga a eles para chamá-lo. Taylor sabe qual é o número. E tire-os daquele hotel.

— Sim, senhor.

— Avise a todo mundo para ir imediatamente para o escritório.

Estarei lá dentro de poucos minutos.

— Pois não, senhor.

Perot desligou. Saiu da cama, vestiu-se, deu um beijo em Margot e desceu correndo a escada. Atravessou a cozinha e saiu pela porta dos fundos. Um agente de segurança, surpreso ao vê-lo de pé tão cedo, disse:

— Bom dia, Sr. Perot.

— Bom dia.

Perot resolveu pegar o Jaguar de Margot. Entrou e saiu em disparada pelo caminho, até o portão.

Há seis semanas que tinha a sensação de estar vivendo dentro de uma máquina de pipoca. Tentara tudo e nada dera certo. As más notícias atingiam-no por todos os lados, não fazia qualquer progresso.

Mas agora, finalmente, as coisas estavam começando a acontecer.

Ele seguiu a toda pela Forest Lane, ultrapassando os sinais vermelhos e violando o limite de velocidade. Tirá-los da prisão era a parte mais fácil, refletiu ele; agora, temos de tirá-los do Irã. A parte mais difícil ainda nem começara.

Poucos minutos depois, toda a equipe estava reunida na sede da EDS em Forest Lane: Tom Walter, T. J. Marquez, Merv Stauffer, a secretária de Perot, Sally Walther, o advogado Tom Luce e Mitch Hart, que não mais trabalhava na EDS, mas vinha tentando usar suas ligações no Partido Democrata para ajudar Paul e Bill.

Até aquele momento, as comunicações com a equipe de negociações em Teerã estavam concentradas na sala de Bill Gayden, no quinto andar, enquanto no sétimo andar Merv Stauffer cuidava discretamente do apoio e comunicações com a equipe de resgate ilegal, falando pelo telefone em código. Agora, todos compreendiam que Simons era o elemento chave em Teerã e o que quer que acontecesse em seguida seria provavelmente ilegal. Assim, todos se transferiram para a sala de Merv, que era também mais isolada.

— Vou seguir imediatamente para Washington — anunciou Perot.

— Nossa melhor esperança para sair de Teerã ainda é um jato da força aérea.

Stauffer disse:

— Acho que não há vôos da DPW para Washington aos domingos.

— Frete um jato — disse Perot. Stauffer pegou o telefone, enquanto Perot acrescentava: — Vamos precisar de secretárias em plantão permanente, pelos próximos dez dias.

— Pode deixar que eu providencio — disse T. J.

— Os militares prometeram nos ajudar, mas não podemos contar com eles... podem ter gente mais importante para salvar. A alternativa mais provável é a equipe escapar pela Turquia. Neste caso, o plano prevê que devemos esperá-los na fronteira ou, se for necessário, levar um avião para o noroeste do Irã, a fim de recolhê-los.

Precisamos acionar a seção turca da equipe de resgate. Boulware já está em

Istambul Schwebach, Sculley e Davis estão nos Estados Unidos.

Alguém terá de entrar em contato com eles e mandar que se encontrem comigo em Washington. Talvez precisemos também de um piloto de helicóptero e de outro piloto para um avião pequeno, caso haja necessidade de voarmos para o Irã. Sally, ligue para Margot e diga a ela para me arrumar a bagagem... precisarei de roupas informais, uma lanterna, botas para a neve, roupas de baixo térmicas, saco de dormir e uma barraca.

— Pois não, senhor.

Sally saiu da sala.

— Acho que não é uma boa idéia, Ross — disse T. J. — Margot pode ficar assustada.

Perot reprimiu um suspiro. Era típico de T. J. argumentar. Mas ele estava certo.

— Tem razão. Irei para casa e arrumarei tudo pessoalmente.

Venha comigo, a fim de conversarmos enquanto eu me preparo.

— Está certo.

Stauffer largou o telefone e disse:

— Há um jato Lear à sua espera no Love Field.

— Ótimo.

Perot e T. J. desceram e embarcaram em seus carros. Deixaram o prédio da EDS e viraram à direita na Forest Lane. Poucos segundos depois, T. J. olhou para o seu velocímetro e viu que estava a quase 130 quilômetros horários... e Perot, no Jaguar de Margot, já estava bem longe.

No Terminal Page, em Washington, Perot encontrou com dois velhos amigos: Bill Clements, governador do Texas e ex-subsecretário da Defesa, e sua mulher Rita.

— Oi, Ross! — disse Clements. — Que diabo está fazendo em Washington numa tarde de domingo?

— Estou aqui a negócios.

— Quero saber o que está realmente fazendo — insistiu Clements, sorrindo.

— Tem um minuto?

Clements tinha um minuto. Os três se sentaram, e Perot contou a história de Paul e Bill. Quando ele terminou, Clemente disse:

— Há um cara com quem você deve conversar. Vou escrever o nome dele.

— E como conseguirei encontrá-lo numa tarde de domingo?

— Pode deixar que o encontrarei.

Os dois foram para uma cabine telefônica. Clements depositou uma moeda, ligou para a telefonista do Pentágono e identificou-se.

Pedi que a ligação fosse transferida para a casa de um dos mais importantes generais do país. E quando o general atendeu, ele disse:

— Tenho ao meu lado um amigo, Ross Perot, do Texas. Além de um grande amigo meu, Ross é também um bom amigo dos militares. Quero que você o ajude.

Ele passou o fone para Perot e afastou-se.

Meia hora depois, Perot estava na sala de operações no porão do Pentágono, cercado por terminais de computadores, falando com meia dúzia de generais.

Jamais se encontrara antes com qualquer um deles, mas sentia que estava entre amigos. Todos conheciam a sua campanha em prol dos prisioneiros de guerra americanos no Vietnã do Norte.

— Quero tirar dois homens de Teerã — disse-lhes Perot. —

Podem despachá-los para fora do país num avião?

— Não — respondeu um dos generais. — Estamos imobilizados em Teerã. Nossa base aérea, Doshen Toppeh, está em poder dos revolucionários, O General Gast está numa casamata por baixo do prédio do GAM, cercado por uma multidão em fúria. E não temos comunicações, porque as linhas telefônicas foram cortadas.

— Muito bem. — Perot já estava meio que esperando essa resposta.

— Terei de conseguir isso pessoalmente.

— Fica no outro lado do mundo e há uma revolução por lá —
disse um general. — Não vai ser fácil.

Perot sorriu.

— Tenho Bull Simons lá para ajudar.

A atitude dos generais mudou completamente e um deles comentou:

— Mas que diabo, Perot! Você não está dando a menor chance aos iranianos!

— Tem razão. — Perot tomou a sorrir. — Talvez eu tenha de voar pessoalmente até lá. Podem me fornecer uma relação de todas as pistas de pouso entre Teerã e a fronteira turca?

— Claro.

— Podem descobrir se algumas dessas pistas estão obstruídas?

— Basta verificar nas fotografias de satélite.

— E o que me dizem do radar? Há algum meio de voar para lá sem aparecer nas telas de radar dos iranianos?

— Claro. Podemos fornecer-lhe um mapa de radar a 150 metros de altitude.

— Ótimo!

— Mais alguma coisa?

É como se eu estivesse no McDonald's, pensou Perot.

— Isso é suficiente, por enquanto.

Os generais começaram a apertar botões.

T. J. Marquez atendeu o telefone. Era Perot.

— Já arrumei os seus pilotos — disse-lhe T. J. — Liguei para Larry Joseph, que era o diretor da Continental Air Services em Vietnam, no Laos. Ele está agora em Washington. Encontrou os caras que precisamos... Dick Douglas e Julian Kanauch. Eles estarão amanhã em Washington.

— Perfeito! — disse Perot. — Estive no Pentágono e eles não podem tirar o pessoal de Teerã de avião. Estão imobilizados. Mas tenho todos os mapas e coisas necessárias para providenciarmos o vôo diretamente. E agora vou-lhe dizer o que mais estou precisando: um jato capaz de efetuar a travessia do Atlântico, com uma tripulação completa e equipado com um rádio como o que usávamos no Laos, a fim de podermos dar telefonemas do avião.

— Pode deixar que providenciarei tudo.

— Estou no Madison Hotel.

— Certo.

T. J. começou a dar telefonemas. Entrou em contato com duas empresas do Texas que fretavam aviões. Nenhuma das duas dispunha de um jato transatlântico. A segunda, Jet Fleet, deu-lhe o nome da Executive Aircraft, de Columbus, Ohio. Mas eles não podiam ajudar e não conheciam ninguém que pudesse.

T. J. pensou na Europa. Ligou para Cari Nilsson, um executivo da EDS que vinha trabalhando numa proposta para a Martin Air.

Nilsson telefonou de volta para ele pouco depois, informando que a Martin Air não voaria para o Irã, mas lhe fornecera o nome de uma companhia suíça que estaria disposta a fazê-lo. T. J. telefonou para a Suíça: a companhia suspendera todos os seus vôos para o Irã naquele dia.

T. J. ligou para Harry McKillop, um vice-presidente da Braniff que vivia em Paris. McKillop tinha viajado.

T. J. ligou para Perot e confessou o fracasso.

Perot teve uma idéia. Lembrou-se que Sol Rogers, o presidente da Texas State Optical Company, de Beaumont, tinha um BAC 111 ou um Boeing 727. Também não sabia qual era o telefone.

T. J. ligou para informações. O número não constava da lista.

Ele ligou para Margot, que tinha o número. Ele ligou para Rogers.

Rogers vendera o avião.

Rogers conhecia uma empresa chamada Omni International, de Washington, que arrendava aviões. Deu a T. J. os telefones das casas do presidente e vice-presidente.

T. J. ligou para o presidente. Ele não estava.

Ligou para o vice-presidente. Ele estava.

— Vocês têm um jato transatlântico? — perguntou T. J.

— Temos dois.

T. J. deixou escapar um suspiro de alívio.

— Temos um 707 e um 727 — acrescentou o homem.

— Onde?

— O 707 está no Meachem Field, em Fort Worth...

— Então está aqui mesmo! — exclamou T. J. — O rádio permite ligações telefônicas?

— Claro.

T. J. mal podia acreditar em sua sorte.

— Esse avião é um tanto luxuoso — informou o vice-presidente.

— Foi feito para um príncipe do Kuwait, que depois desistiu de ficar com ele.

T. J. não estava interessado na decoração. Perguntou pelo preço.

O vice-presidente disse que a decisão final caberia ao presidente. O homem estava passando a noite fora, mas T. J. poderia telefonar-lhe pela manhã.

T. J. providenciou para que o avião fosse inspecionado por Jeff Heller, um vice-presidente da EDS e ex-piloto no Vietnam, e dois amigos dele, um piloto da American Airlines e um engenheiro de vôo.

Heller informou que o avião parecia estar em boas condições, até onde podiam determinar, sem voar nele. E acrescentou, sorrindo, que a decoração era um tanto espalhafatosa.

Às sete e meia da manhã seguinte, T. J. telefonou para o presidente da Omni e arrancou-o do chuveiro. O presidente já conversara com o vice-presidente e estava convencido de que poderiam fechar o negócio.

— Isso é ótimo — disse T. J. — Gostaria agora que me falasse sobre tripulação, instalações em terra, seguros...

— Não fretamos aviões — disse o presidente. — Nós os arrendamos.

— Qual é a diferença?

— É a mesma diferença entre pegar um táxi e alugar um carro.

Nossos aviões são alugados.

— Estamos no negócio de computadores e nada sabemos a respeito de empresas aéreas. Mesmo que normalmente não trabalhem assim, não poderiam fazer um acordo conosco pelo qual forneceriam todos os extras, como tripulação e o resto? Pagaremos tudo o que for necessário.

— Será complicado. Somente o seguro...

— Mas podem fazer isso para nós?

— Podemos.

Era mesmo complicado, conforme T. J. pôde constatar no decorrer do dia. A natureza excepcional da operação não agradava às companhias de seguros, que também detestavam ser apressadas. Era difícil determinar quais os regulamentos que a EDS tinha de atender, pois não era uma empresa aérea. A Omni exigiu um depósito de 60.000 dólares numa sucursal no exterior de um banco americano. Os problemas foram resolvidos pelo executivo da EDS Gary Fernandes, em Washington, e pelo advogado interno da EDS, Claude Chappelle, em Dallas. O contrato, firmado ao final do dia, foi de arrendamento experimental. A Omni providenciou uma tripulação na Califórnia e mandou-a para Dallas, a fim de pegar o avião e levá-lo para Washington.

Por volta de meia-noite de segunda-feira, o avião, a tripulação, os pilotos extras e os remanescentes da equipe de resgate estavam todos em Washington, junto com Ross Perot.

T. J. realizara um milagre.

Fora por isso que demorara tanto tempo.

3

A equipe de negociação, formada por Keane Taylor, Bill Gayden, John Howell, Bob Young e Rich Gallagher, aumentada agora por Rashid, Cathy Gallagher e o cachorro *Buffy*, passou a noite de domingo, 11 de fevereiro, no Hyatt. Quase não conseguiram dormir.

Ali perto, a multidão estava atacando um arsenal. Parecia que uma parte do exército aderira à revolução, pois foram usados tanques no ataque. Quase ao amanhecer, eles abriram um buraco no muro e entraram. A partir desse momento, um fluxo interminável de táxis cor de laranja transportou armas do arsenal para o centro, onde a luta ainda era encarniçada.

A equipe manteve a linha aberta com Dallas durante a noite inteira. John Howell ficou deitado no sofá, na sala de estar da suíte de Gayden, com o telefone encostado no ouvido.

Rashid saiu de manhã, bem cedo. Não fora informado para onde os outros estavam indo, pois nenhum iraniano deveria conhecer a localização do esconderijo.

Os outros fizeram as malas e deixaram em seus quartos, para o caso de terem a oportunidade de vir buscá-las mais tarde. Não era parte do plano de Simons e ele certamente teria desaprovado, pois as malas arrumadas indicavam que o pessoal da EDS não tinha mais a intenção de ficar ali. Pela manhã, porém, todos estavam achando que Simons exagerava nas precauções de segurança. Reuniram-se na sala de estar da suíte de Gayden poucos minutos depois do prazo limite fixado, sete horas da manhã. Os Gallaghers tinham diversas bolsas e não davam a impressão de que iriam para o escritório. Ao descerem, encontraram gerente do hotel no saguão.

— Para onde estão indo? — perguntou ele, incrédulo.

— Para o escritório — respondeu Gayden.

— Será que não sabem que há uma guerra civil acontecendo na cidade? Durante toda a noite ficamos alimentando os revolucionários nas nossas cozinhas. Eles perguntaram se havia americanos aqui... e respondi que não havia ninguém. Vocês devem voltar lá para cima e ficarem escondidos.

— A vida tem de continuar — declarou Gayden.

Todos saíram. Joe Poché estava esperando num Range Rover, furioso porque eles estavam 15 minutos atrasados e tinha instruções de Simons para estar de volta às 7:45, com ou sem os outros. Enquanto se encaminhavam para o carro, Keane Taylor viu um funcionário do hotel se aproximar e estacionar. Foi falar com o homem.

— Como estão as ruas?

— Há barreiras por toda parte. Uma delas é bem aqui, na saída do caminho do hotel. Vocês não deveriam sair.

— Obrigado pela informação.

Eles embarcaram nos carros e seguiram o Range Rover de Poché. Os guardas no portão estavam ocupados na tentativa de meter um pente de balas numa pistola-metralhadora que não aceitava aquele tipo de munição. Por isso, não prestaram a menor atenção aos três carros.

A cena lá fora era assustadora. Muitas das armas do arsenal tinham ido parar nas mãos de adolescentes, que provavelmente nunca haviam antes manejado uma arma de fogo. Os garotos desciam correndo pela ladeira, gritando e brandindo as armas, embarcando em carros e partindo a toda velocidade, disparando para o ar.

Poché seguiu para o norte, pela Shahanshahi, dando uma volta para evitar as barreiras. No cruzamento com a Pahlavi encontraram os remanescentes de uma barricada — carros queimados e três troncos caídos. Mas as pessoas que guarneciam a barreira estavam comemorando, cantando e disparando para o ar. Os três carros passaram sem qualquer dificuldade.

Entraram numa área relativamente quieta ao se aproximarem do esconderijo. Viraram numa rua estreita, percorreram meio quarteirão, passaram por portões para um jardim murado, com uma piscina vazia.

A casa dos Dvoranchiks era o primeiro andar de uma casa de dois andares, com a senhoria vivendo pôr cima. Entraram todos.

Durante a segunda-feira, Dadgar continuou a procurar por Paul e Bill. Bill Gayden ligou para o Bucarest, onde alguns iranianos leais continuavam a guarnecer os telefones. Gayden soube que os homens de Dadgar haviam telefonado duas vezes, falando com duas secretárias diferentes e indagando onde podiam encontrar o Sr.

Chiapparone e o Sr. Gaylord. A primeira secretária dissera que não sabia os nomes dos americanos, o que era uma mentira, pois trabalhava para a EDS há quatro anos e conhecia todo mundo. A segunda secretária respondera:

— Terá de falar com o Sr. Lloyd Briggs, que está na chefia do escritório.

— E onde ele está?

— Saiu do país.

— E quem está na chefia do escritório durante a ausência dele?

- O Sr. Keane Taylor.
- Então quero falar com ele.
- Ele não está no momento.

As duas secretárias, que Deus as abençoasse, haviam despistado os homens de Dadgar.

Rich Gallagher estava se mantendo em contato com seus amigos entre os militares americanos (Cathy trabalhava como secretária de um coronel). Ligou para o Evin Hotel, onde a maioria estava hospedada. Soube que “revolucionários” haviam aparecido tanto no Evin como no Hyatt, mostrando fotografias de dois americanos que estavam procurando.

A tenacidade de Dadgar era quase inacreditável. Simons decidiu que não poderiam permanecer na casa dos Dvoranchiks por mais de 48 horas.

O plano de fuga fora elaborado para cinco homens. Havia agora 10 homens, uma mulher e um cachorro.

Eles dispunham apenas de dois Range Rovers. Um carro comum jamais passaria por aquelas estradas nas montanhas, especialmente com a neve. Precisavam de outro Range Rover. Coburn ligou para Majid e pediu-lhe que tentasse arrumar um.

O cachorro preocupava Simons. Rich Gallagher estava planejando levar *Buffy* numa mochila. Se tivessem de andar ou montar cavalo pelas montanhas, para cruzar a fronteira, um único latido poderia acarretar a morte de todos... e *Buffy* latia para tudo. Simons disse a Coburn e Taylor:

- Quero que vocês dois dêem um jeito de perder aquele maldito cachorro.

— Está certo — disse Coburn. Posso me oferecer para dar uma volta com o bicho e soltá-lo longe daqui.

— Não serve — disse Simons. — É preciso dar um jeito nele em caráter permanente.

Cathy era o problema maior. Ela sentiu-se mal naquela noite e Rich comentou:

— Problemas femininos.

Ele esperava que um dia na cama a deixasse mais forte, mas Simons não estava tão otimista. Estava furioso com a embaixada e não pôde deixar de comentar:

— Há muitos meios para o Departamento de Estado tirar alguém do país e protegê-lo, se eles realmente quisessem. Podiam meter num caixote, despachar como carga... se eles estivessem de fato interessados, não haveria qualquer dificuldade.

Bill começava a sentir que era a causa de todos os problemas.

— Acho que é um absurdo nove pessoas arriscarem a vida por nós dois — disse ele. — Se Paul e eu não estivéssemos aqui, nenhum de vocês estaria correndo perigo... poderiam simplesmente ficar esperando até que os vôos recomeçassem. Talvez Paul e eu devêssemos nos colocar à mercê da embaixada dos Estados Unidos.

Simons comentou:

— E se, depois que vocês escaparem, Dadgar resolver tomar outros reféns?

Aconteça o que acontecer, pensou Coburn, Simons não vai mais deixar esses dois ficarem longe de suas vistas, até voltar aos Estados Unidos.

A sineta no portão da rua soou nesse instante e todos ficaram imóveis.

— Entrem nos quartos, mas sem fazer barulho — ordenou Simons.

Coburn foi até a janela. A senhoria ainda pensava que havia apenas duas pessoas residindo ali, Coburn e Poché. Nunca vira Simons — e nem ela nem qualquer outra pessoa deveriam saber que havia agora 11 pessoas na casa.

Enquanto Coburn observava, ela atravessou o pátio e abriu o portão. Ficou parada ali por alguns minutos, conversando com alguém que Coburn não podia ver; depois fechou o portão e voltou sozinha.

Quando ouviu a porta bater lá em cima, Coburn anunciou:

— Alarme falso.

Prepararam-se para a viagem saqueando a casa dos Dvoranchiks, em busca de agasalhos. Paul pensou: Tony Dvoranchik morreria de vergonha se soubesse que todos esses homens estão revistando as suas gavetas. Terminaram reunindo um sortimento diversificado de chapéus, casacos e suéteres que não se ajustavam muito bem.

Depois disso, nada mais tinham fazer além de esperar... esperar que Majid arrumasse outro Range Rover... esperar que Cathy melhorasse... e esperar que Perot organizasse a seção turca da equipe de resgate.

Assistiram a algumas partidas de futebol americano antigas num Betamax. Paul jogou *gin* com Gayden. O cachorro deixou todo mundo nervoso, mas Coburn resolveu que só cortaria a garganta do bicho no último momento, pois sempre poderia haver uma mudança de plano e com isso *Buffy* seria poupado. John Howell leu *No Fundo do Mar*, de Peter Benchley. Vira uma parte do filme no vôo para Teerã, mas perdera o final, porque o avião aterrissara antes. E não

conseguiu calcular quem eram os mocinhos e quem eram os bandidos. Simons disse:

— Os que quiserem beber podem fazê-lo. Mas se tivermos de agir rapidamente seria muito melhor se não estivéssemos com álcool no organismo.

Apesar da advertência, tanto Gayden como Gallagher misturaram sub-repticiamente Drambuie com o café. A sineta do portão soou mais uma vez, mas era novamente para a senhoria.

Estavam todos animados, levando-se em consideração o aperto de tantas pessoas em uma sala e três quartos. O único a se mostrar irritado era Keane Taylor... uma reação perfeitamente previsível. Ele e Paul prepararam um grande jantar para todos, quase esvaziando o freezer. Mas quando Taylor emergiu da cozinha, os outros já haviam comido tudo e nada sobrava para ele. Censurou a todos com veemência, dizendo que não passavam de um bando de porcos vorazes. Todos riram, como sempre faziam quando Taylor ficava furioso.

Ele voltou a ficar furioso durante a noite. Estava dormindo no chão, ao lado de Coburn — e Coburn roncava. O barulho era tão terrível que Taylor não conseguia dormir. Não podia sequer acordar Coburn para dizer-lhe que parasse de roncar, o que o deixou ainda mais furioso.

Nevava em Washington naquela noite. Ross Perot estava cansado e tenso.

Junto com Mitch Hart, ele passara a maior parte do dia empenhado num esforço final para convencer o governo a tirar seu pessoal de Teerã num avião. Estivera com o subsecretário do Departamento de Estado, David Newsom, com Thomas V. Beard, na Casa Branca, e com Mark Ginsberg, um jovem assessor de Carter, que tinha como

função a ligação entre a Casa Branca e o Departamento de Estado. Eles estavam fazendo tudo o que podiam para tirar de avião os mil americanos que ainda se encontravam em Teerã e não iriam fazer planos especiais para Ross Perot.

Resignado a viajar para a Turquia, Perot foi a uma loja de artigos esportivos e comprou roupas para o frio. O 707 arrendado chegou de Dallas. Pat Sculley telefonou do Aeroporto Dulles para informar que haviam surgido alguns problemas mecânicos durante o vôo: o sistema de navegação giroscópico automático não estava funcionando direito, o motor número um estava consumindo duas vezes mais óleo que o normal, o oxigênio a bordo era insuficiente para o uso da cabine, não havia pneus sobressalentes e as válvulas do tanque de água estavam emperradas pelo congelamento.

Enquanto os mecânicos trabalhavam no avião, Perot ficou sentado no Madison Hotel, em companhia de Mort Meyerson, um dos vice-presidentes da EDS.

Havia na EDS um grupo especial de companheiros de Perot, homens como T. J. Marquez e Merv Stauffer, aos quais ele recorria em busca de ajuda em problemas não relacionados com as atividades de computador, campanhas como a dos prisioneiros de guerra no Vietnã do Norte, a Guerra dos Tóxicos no Texas e o resgate de Paul e Bill. Embora Meyerson não se envolvesse nos projetos especiais de Perot, estava perfeitamente informado sobre a operação de resgate, concordando com ela: conhecia Paul e Bill muito bem, já tendo trabalhado com eles, anteriormente, como engenheiro de sistemas.

Apesar disso, ele era o homem mais destacado de Perot em questões de negócios e se tornaria em breve o presidente da EDS. (Perot continuaria como o presidente do Conselho de Administração.) Perot e Meyerson estavam agora falando de negócios, repassando os problemas e projetos em andamento da EDS. Ambos sabiam, embora nenhum dos dois o dissesse, que o

motivo da reunião era o fato de que Perot poderia nunca mais voltar da viagem à Turquia.

Sob certos aspectos, os dois homens eram completamente diferentes. O avô de Meyerson era um judeu russo que economizara por dois anos para poder comprar a p de trem de Nova York para o Texas. Os interesses de Meyerson iam dos esportes às artes: jogava handball e estava envolvido com a Orquestra Sinfônica de Dallas e ele próprio era um bom pianista. Achando graça de Perot e seus "águias", Meyerson chamava os seus companheiros mais chegados de "sapos de Meyerson". Sob outros aspectos, no entanto, ele era como Perot, um empresário criativo e ousado, cujas idéias arrojadas chegavam a assustar os executivos mais conservadores da EDS. Perot dera instruções para que, se alguma coisa lhe acontecesse durante a operação de resgate, todas as suas ações representassem um voto favorável a Meyerson. A EDS continuaria a ser dirigida por um líder autêntico e não por um burocrata.

Embora discutisse os negócios, se angustiasse com o avião e manifestasse a sua irritação com o Departamento de Estado, a preocupação mais profunda de Perot era com a mãe. Lulu May Perot estava afundando depressa e Perot queria permanecer ao lado dela.

Nunca mais a veria se ela morresse durante a sua permanência na Turquia, o que o deixaria desesperado. Meyerson sabia o que ele estava pensando. Interrompeu a conversa sobre os negócios para dizer:

— Não acha que é melhor eu ir no seu lugar, Ross?

— Como assim?

— Por que não vou para a Turquia em vez de você? Já fez a sua parte... foi ao Irã. Não há nada que você possa fazer na Turquia que eu também não possa. E sei que você quer ficar junto de sua mãe.

Perot ficou comovido. Mort não precisava dizer aquilo, pensou ele.

— Se você está mesmo disposto... — Ele sentia-se tentado. —

Mas preciso pensar um pouco a respeito.

Ele não sabia com certeza se tinha o direito de deixar Meyerson ir no seu lugar.

— Vamos ver o que os outros pensam.

Ele pegou o telefone, ligou para Dallas e falou com T. J.

Marquez.

— Mort está se oferecendo para ir à Turquia no meu lugar. O

que você acha disso?

— A pior idéia do mundo — declarou T. J. — Você está envolvido no projeto desde o início e provavelmente não poderia comunicar a Mort tudo o que ele precisa saber, em poucas horas. Você conhece Simons, sabe como a mente dele funciona... e Mort não sabe.

Além do mais, Simons não conhece Mort... e você sabe muito bem como Simons hesita em confiar em pessoas que não conhece.

— Tem razão — disse Perot. — Não se pode deixar de levar esse problema em consideração.

Ele desligou.

— Agradeço a sua oferta, Mort, mas tenho de ir pessoalmente à Turquia.

— Como achar melhor.

Meyerson retirou-se poucos minutos depois, a fim de voltar a Dallas num jato Lear fretado. Perot tornou a ligar para a EDS e falou com Merv Stauffer.

— Quero que vocês trabalhem em turnos e durmam um pouco.

Não quero ficar falando com um bando de zumbis por aí.

— Está certo.

Perot seguiu o seu próprio conselho e dormiu um pouco.

O telefone acordou-o às duas horas da madrugada. Era Pat Sculley, ligando do aeroporto: os problemas mecânicos do avião estavam reparados.

Perot pediu na portaria um táxi para levá-lo ao Aeroporto Dulles. Foi uma viagem um tanto assustadora, por 50 quilômetros em estradas congeladas.

A seção turca da equipe de resgate estava agora reunida: Perot; Pat Sculley e Jim Schwebach, a dupla mortífera; o jovem Ron Davis; a tripulação do 707; e os dois pilotos extras, Dick Douglas e Julian

“Scratch” Kanauch. Mas o avião não estava consertado. Havia necessidade de uma peça sobressalente que não se podia encontrar em Washington. Gary Fernandes, o executivo da EDS que trabalhara no contrato de arrendamento do avião, tinha um amigo que chefiava a operação em terra de uma empresa aérea no Aeroporto La Guardia, em Nova York. Ele telefonou para esse amigo, que saiu da cama, providenciou a peça e despachou-a num avião para Washington.

Enquanto esperava, Perot deitou-se num banco no terminal e dormiu por mais duas horas.

Embarcaram às seis horas da manhã. Perot ficou aturdido com o interior do avião. Tinha um quarto com uma cama imensa, três bares, um sofisticado sistema de som, uma televisão e um escritório

com telefone. Havia tapetes de pelúcia, estofamento de camurça e paredes forradas de veludo.

— Parece um bordel persa — comentou Perot, embora nunca tivesse visto um bordel persa.

O avião decolou. Dick Douglas e Scratch Kanauch imediatamente se enroscaram e dormiram. Perot tentou seguir o exemplo deles, pois tinha 16 horas pela frente sem nada para fazer.

Enquanto o avião sobrevoava o Oceano Atlântico, ele se perguntou mais uma vez se estava fazendo a coisa certa.

Afinal, poderia deixar que Paul e Bill assumissem os riscos em Teerã. Ninguém o culparia por isso. Era função do governo salvá-los.

Até mesmo agora, a embaixada ainda poderia tirá-los do Irã incólumes.

Por outro lado, Dadgar também podia prendê-los novamente e deixá-los na prisão por 20 anos — e a embaixada, a julgar pelo que acontecera antes, poderia não protegê-los. E o que fariam os revolucionários se pegassem Paul e Bill? Será que iriam linchá-los?

Não, Perot não podia deixar que seus homens corressem os riscos sozinhos, desamparados. Não era o seu estilo. Paul e Bill eram uma responsabilidade sua... e não precisava que a mãe lhe dissesse isso. O problema era que ele estava agora pondo mais homens a se arriscarem. Ao invés de ter duas pessoas escondidas em Teerã, ele teria agora 11 empregados em fuga pela região selvagem do noroeste do Irã, além de outros quatro, mais dois pilotos, procurando por eles. Se as coisas saíssem erradas, se alguém morresse, o mundo encararia toda a operação como uma aventura temerária de um homem que pensava ainda estar vivendo no Velho Oeste. Ele podia imaginar as manchetes dos jornais: OPERAÇÃO DE RESGATE NO IRÃ DE MILIONÁRIO

TEXANO TERMINA EM MORTE...

Vamos supor que percamos Coburn, pensou ele; o que direi à sua mulher? Liz pode ter dificuldades em compreender por que arrisquei as vidas de 17 homens para obter a liberdade de dois.

Ele nunca violara a lei em toda a sua vida, mas estava agora envolvido em tantas atividades ilegais que nem podia contá-las.

Ele tratou de afastar tudo isso da mente. A decisão estava tomada. Quem passava a vida pensando em todas as coisas ruins que podiam acontecer acabava não fazendo nada. Era preciso concentrar-se nos problemas que podiam ser resolvidos. As apostas estavam na mesa, a roleta girando. O último jogo começara.

4

Na terça-feira, a embaixada americana anunciou que os vôos de evacuação para todos os americanos em Teerã partiriam durante o próximo fim de semana.

Simons levou Coburn e Poché para um dos quartos da casa dos Dvoranchiks e fechou a porta.

— Isso resolve alguns dos nossos problemas. Quero dividir o pessoal, nesta altura dos acontecimentos. Alguns podem partir nos vôos de evacuação da embaixada, deixando um grupo viável para a viagem por terra.

Coburn e Poché concordaram.

— Obviamente, Paul e Bill terão de ir por terra — continuou Simons. Dois de nós três terão de ir com eles: um para escoltá-los através das montanhas e o outro para atravessar a fronteira legitimamente e se encontrar com Boulware. Precisaremos de dois motoristas iranianos para os Range Rovers. Teremos assim dois lugares sobrando. Quem vai ocupá-los? Não pode ser Cathy... ela estará muito melhor num vôo da embaixada.

— Rich vai querer acompanhá-la — comentou Coburn.

— E os dois vão levar aquele maldito cachorro — disse Simons.

A vida de Buffy está salva, pensou Coburn, sentindo-se contente por isso. Simons acrescentou:

— Temos Keane Taylor, John Howell, Bob Young e Bill Gayden. E um problema: Dadgar pode prender alguém no aeroporto e acabaremos onde começamos... com gente da EDS na prisão. Quem corre o maior risco?

— Gayden — disse Coburn. — Ele é o presidente da EDS

World. Como um refém, seria melhor do que Paul e Bill. Quando Dadgar prendeu Bill Gaylord, ficamos pensando se não teria sido um erro. Ele devia estar querendo Bill Gayden, mas ficou confuso com a semelhança entre os nomes.

— Neste caso, Gayden seguirá por terra, junto com Paul e Bill.

— John Howell nem mesmo é empregado na EDS. E é advogado. Nada deve acontecer-lhe.

— Howell vai de avião.

— Bob Young é funcionário da EDS no Kuwait e não no Irã. Se Dadgar tem uma lista de nomes da EDS, Young não deve constar dela.

— Young também vai de avião. E Taylor irá por terra. Um de nós três terá de ir também nos vôos de evacuação, junto com os outros. Será você, Joe. Não se expôs tanto quanto Jay. Ele tem saído pelas ruas, comparecido a encontros no Hyatt... enquanto ninguém sabe que você está aqui.

— Está certo — disse Poché.

— Portanto, a Equipe Limpa será integrada pelos Gallaghers, Bob Young e John Howell, liderados por Joe. A Equipe Suja está formada por mim, Jay, Keane Taylor, Bill Gayden, Paul, Bill e os dois motoristas iranianos. Vamos comunicar aos outros.

Eles passaram para a sala de estar e pediram que todos se sentassem. Enquanto Simons falava, Coburn não pôde deixar de admirar a maneira como ele anunciou sua decisão, de um jeito que deixou todos pensando que estava pedindo suas opiniões, ao invés de ordenando o que deviam fazer.

Houve alguma discussão sobre quem deveria participar de que grupo... tanto John Howell como Bob Young preferiam estar na Equipe Suja, achando que eram vulneráveis e poderiam ser presos por Dadgar. Mas, ao final, todos acabaram concordando com a decisão que Simons já tomara.

Simons disse que a Equipe Limpa poderia transferir-se para a embaixada o mais depressa possível. Gayden e Joe Poché saíram à procura de Lou Goelz, o cônsul geral, a fim de conversar a respeito.

A Equipe Suja partiria na manhã seguinte.

Coburn tinha de recrutar os motoristas iranianos. Deviam ser Majid e seu primo, o professor. Mas o professor estava em Rezaiyeh e não poderia vir para Teerã. Assim, Coburn tinha de providenciar um substituto.

Ele já se decidira por Seyyed. Seyyed era um jovem engenheiro de sistemas iraniano, como Rashid e o Moto-Homem, mas de uma família muito mais rica. Tinha parentes ocupando altos postos na política e na área militar, no regime do Xá. Seyyed fora educado na Inglaterra e falava com um sotaque britânico. Sua grande vantagem, na opinião de Coburn, era o fato de ser do noroeste. Conhecia o território e ainda por cima falava turco. Coburn telefonou para Seyyed. Encontraram-se na casa de Seyyed. Coburn disse-lhe algumas mentiras:

— Preciso de informações sobre as estradas entre Teerã e Khoy.

E precisarei de alguém para me levar. Pode fazer isso?

— Claro.

— Encontre-se comigo às 10:45 desta noite, na Praça Argentina.

Seyyed concordou.

Simons dera instruções a Coburn para fazer tudo isso. Coburn confiava em Seyyed, mas é claro que Simons não. Assim, Seyyed não saberia onde estava o grupo até que lá chegasse e não saberia de Paul e Bill até que os visse; e, desse momento em diante, ele não ficaria longe das vistas de Simons.

Quando Coburn retornou à casa dos Dvoranchiks, Gayden e Poché já estavam de volta da visita a Lou Goelz. Haviam comunicado a Goelz que uns poucos homens da EDS ficariam em Teerã para procurar Paul e Bill, mas os outros queriam partir no primeiro vôo de evacuação e ficar na embaixada até lá. Goelz dissera que a embaixada estava lotada, mas que eles poderiam ficar em sua casa.

Todos achavam que era muita gentileza de Goelz. A maioria ficara furiosa com ele ao longo dos últimos dois meses, deixando bem claro que o culpavam e a seus colegas pela prisão de Paul e Bill.

Assim, depois de tudo isso, era muita generosidade de Goelz oferecer sua casa a eles. À medida que tudo desmoronava no Irã, Goelz estava-se tornando menos burocrata e mostrando que tinha o coração no lugar certo.

A Equipe Limpa e a Equipe Suja separaram-se com apertos de mão e votos de boa sorte, ignorando quem mais precisava disso.

Depois, a Equipe Limpa partiu para a casa de Goelz.

Já era de noite. Coburn e Keane Taylor foram à casa de Majid.

Ele passaria a noite na casa dos Dvoranchiks, como Seyyed. Coburn e Taylor também tinham de pegar um tambor de gasolina de 55 galões que estava guardado na casa de Majid.

Não encontraram Majid quando chegaram na casa.

Ficaram esperando, muito nervosos. Majid finalmente apareceu.

Cumprimentou-os, deu-lhes as boas-vindas em sua casa, pediu chá.

Coburn anunciou:

— Vamos partir amanhã de manhã. E queremos que você vá conosco agora.

Majid pediu a Coburn que fosse com ele para outra sala e só então declarou:

— Não posso ir com vocês.

— Por que não?

— Tenho de matar Hoveyda.

— Mas quem é ele? — indagou Coburn, incrédulo.

— Amir Abbas Hoveyda, que já foi o primeiro-ministro.

— E por que você tem de matá-lo?

— É uma história comprida. O Xá prometeu um programa de reforma agrária e Hoveyda tentou tirar as terras tribais de minha família. Nós nos rebelamos e Hoveyda mandou me prender... Tenho esperado por todos esses anos para me vingar.

— Mas tem de matá-lo imediatamente? — indagou Coburn, cada vez mais atônito.

— Tenho as armas e a oportunidade. A situação poderá ser diferente dentro de dois dias.

Coburn estava perplexo. Não sabia o que dizer. Era evidente que não havia a menor possibilidade de persuadir Majid.

Coburn e Taylor colocaram o tambor de gasolina na traseira do Range Rover e depois se despediram. Majid desejou-lhes boa sorte.

De volta à casa dos Dvoranchiks, Coburn tentou entrar em contato com o Moto-Homem, esperando que ele pudesse substituir Majid como motorista. O Moto-Homem era tão esquivo quanto o próprio Coburn. Normalmente podia ser encontrado num determinado telefone — Coburn desconfiava que era alguma espécie de quartel-general revolucionário — mas só uma vez por dia. A hora habitual de encontrá-lo ali já passara, pois era tarde da noite, mas Coburn tentou assim mesmo. O Moto-Homem não estava lá. Coburn tentou mais alguns telefones, sem qualquer sucesso.

Mas pelo menos tinham Seyyed.

Eram 10:30 quando Coburn saiu para se encontrar com Seyyed.

Caminhou pelas ruas às escuras até a Praça Argentina, que ficava a menos de dois quilômetros da casa dos Dvoranchiks. Atravessou um canteiro de obras e entrou num prédio vazio, onde ficou esperando.

Às 11 horas, Seyyed ainda não chegara.

Simons dissera a Coburn para esperar por 15 minutos, não mais do que isso. Mas Coburn decidiu dar mais algum tempo a Seyyed.

Esperou até 11:30.

Seyyed não ia aparecer.

Coburn tentou imaginar o que acontecera. Tendo em vista as ligações da família de Seyyed, era possível que ele tivesse se tomado uma vítima dos revolucionários.

Era um desastre total para a Equipe Suja. Agora, teriam de partir sem qualquer iraniano a acompanhá-los. E como conseguiriam passar por todas as barreiras? Era uma situação terrível. O professor caía fora, Majid caía fora, o Moto-Homem não era encontrado e agora Seyyed caía fora. Mas que merda!

Coburn deixou o prédio vazio e afastou-se. Ouviu de repente um carro a se aproximar. Olhou para trás e avistou um jipe cheio de revolucionários armados, dando a volta pela praça. Escondeu-se por trás de uma moita. Eles passaram.

Coburn continuou, agora apressadamente, perguntando-se se haveria um toque de recolher em vigor naquela noite. Estava quase chegando na casa quando o jipe tornou a avançar em sua direção, ruidosamente.

Eles me viram na última vez, pensou Coburn. E voltaram para me pegar.

Estava muito escuro. Talvez ainda não o tivessem avistado. Ele virou-se e saiu correndo. Não havia onde se esconder naquela rua. O

barulho do jipe era cada vez mais alto. Coburn avistou finalmente alguns arbustos e jogou-se no meio. Ficou imóvel, escutando as batidas do próprio coração, enquanto o jipe se aproximava. Estariam à sua procura?

Teriam capturado Seyyed e o torturado, obrigando-o a confessar que tinha um encontro marcado com um porco capitalista americano na Praça Argentina, às 10:45 da noite?

O jipe passou adiante, sem parar.

Coburn levantou-se.

Correu pelo resto do percurso até a casa dos Dvoranchiks.

Comunicou a Simons que não tinham agora nenhum motorista iraniano. Simons praguejou.

— Não há nenhum outro iraniano a quem possamos recorrer?

— Só um: Rashid.

Coburn sabia que Simons não queria usar Rashid. É que Rashid comandara a invasão da prisão e se alguém que se lembrasse dele o visse guiando um carro cheio de americanos poderia dar o alarme.

Mas Coburn não podia pensar em mais ninguém.

— Está certo — disse Simons. — Chame-o.

Coburn discou o telefone de Rashid.

Ele estava em casa!

— Aqui é Jay Coburn. Preciso de sua ajuda.

— Está bem.

Coburn não queria dar o endereço do esconderijo pelo telefone, pois a linha poderia estar grampeada. Lembrou que Bill Dvoranchik era ligeiramente vesgo.

— Lembra-se do cara de olho esquisito?

— O cara de olho esquisito? Ah, sim...

— Não diga o nome dele. Lembra-se onde ele morava?

— Claro...

— Não diga onde. É o lugar em que estou. Preciso de você aqui.

— Jay, moro a muitos quilômetros daí e não sei como poderei atravessar toda a cidade...

— Basta tentar. — Coburn sabia como Rashid era engenhoso, bastava encarregá-lo de uma tarefa e ele detestava falhar. — Tenho certeza que chegará aqui.

— Está bem.

— Obrigado.

Coburn desligou. Era meia-noite.

Paul e Bill haviam escolhido passaportes entre os oito que Gayden trouxera dos Estados Unidos. Simons obrigara-os a decorar os nomes, datas de nascimento, detalhes pessoais, todos os vistos e carimbos de países. A fotografia no passaporte de Paul parecia mais ou menos com ele, mas o caso de Bill era um problema. Nenhuma das fotografias era certa e ele acabou ficando com o passaporte de Larry Humphrey, um tipo louro, puxado para o nórdico, que realmente não se parecia com Bill.

A tensão foi aumentando, enquanto os seis homens discutiam os detalhes da jornada que começaria dentro de poucas horas. Havia combates em Tabriz, segundo os contatos militares de Rich Gallagher.

Assim, eles teriam de ficar com o plano de seguir pela estrada inferior, ao sul do Lago Rezaiyeh, passando por Mahabad. A história que contariam, se fossem interrogados, seria tão próxima da verdade quanto possível — o que era sempre a preferência de Simons quando tinha de mentir. Diriam que eram homens de negócios que queriam voltar para Junto de suas famílias; como o aeroporto estava fechado, haviam resolvido seguir de carro para a Turquia.

Em apoio a essa história, não estariam levando armas. Foi uma decisão difícil. Sabiam que poderiam se arrepender por estarem desarmados e impotentes no meio de uma revolução. Mas Simons e Coburn haviam descoberto, na viagem de reconhecimento, que os revolucionários nas barreiras sempre procuravam por armas. O

instinto de Simons lhe dizia que estariam melhor se tentassem se livrar das dificuldades com uma boa conversa, ao invés de tentarem

abrir caminho à força.

Resolveram também deixar para trás os tambores de gasolina de 55 galões, que os faziam parecer muito profissionais, muito organizados, para homens de negócios seguindo pacificamente para casa.

Mas levariam muito dinheiro. Joe Poché e a Equipe Limpa haviam partido com 50.000 dólares, mas o grupo de Simons ainda dispunha de um quarto de milhão de dólares, uma parte em reais iranianos, marcos alemães, libras esterlinas e ouro. Arrumaram 50.000

dólares em bolsas de cozinha e guardaram-nas numa lata de gasolina.

Esconderam algum dinheiro numa caixa de lenços de papel e mais um pouco no compartimento das pilhas de uma lanterna. Dividiram o resto, para cada um esconder no próprio corpo.

Era uma hora da madrugada e Rashid ainda não chegara. Simons mandou Coburn ficar de prontidão no portão da rua, à espera dele.

Coburn ficou parado na escuridão, estremeando a todo instante, torcendo para que Rashid chegasse logo. Teriam de partir pela manhã, com ou sem Rashid; sem ele, contudo, provavelmente não iriam muito longe. Os aldeões quase que certamente estavam detendo os americanos apenas por uma questão de princípios. Rashid seria o guia ideal, apesar das preocupações de Simons, pois o garoto tinha uma língua de ouro.

Os pensamentos de Coburn se desviaram para casa. Sabia que Liz estava furiosa com ele. Ela vinha pressionando Merv Stauffer implacavelmente, telefonando todos os dias e perguntando onde estava seu marido, o que fazia e quando voltaria para casa.

Coburn sabia que teria de tomar algumas decisões quando voltasse para casa. Não tinha certeza se passaria o resto de sua vida com Liz;

e depois daquele episódio, talvez ela começasse a se sentir da mesma maneira. *Vamos supor que estivemos outrora apaixonados, pensou ele, o que aconteceu com tudo aquilo?*

Ele ouviu passos. Um vulto baixo, de cabelos crespos, avançava pela calçada em sua direção, de ombros contraídos por causa do frio.

— Rashid! — sussurrou Coburn.

— Jay?

— Puxa, como estou contente em vê-lo! — Coburn segurou Rashid pelo braço. — Vamos entrar.

Eles foram para a sala. Rashid cumprimentou a todos, sorrindo e piscando. Ele piscava muito, especialmente em momentos de excitação. E tinha uma tosse nervosa. Simons sentou-o e explicou o plano. Rashid piscou ainda mais depressa. Quando compreendeu o que lhe pediam, ficou um tanto vaidoso.

— Posso ajudar, mas com uma condição — disse ele, tossindo.

— Conheço este país e conheço esta cultura. Vocês são muito importantes na EDS, mas acontece que não estamos mais na EDS.

Para eu levá-los até a fronteira terão de concordar em fazer tudo o que eu mandar, sem perguntas.

Coburn prendeu a respiração. Ninguém falava assim com Simons. Mas Simons sorriu.

— Está certo, Rashid, faremos tudo o que você disser.

Poucos minutos depois, Coburn levou Simons para um canto e perguntou, em voz baixa:

— Coronel, estava querendo dizer que Rashid passa a ficar no comando?

— Claro. Ele ficará no comando enquanto estiver fazendo tudo o que eu quiser.

Coburn sabia, melhor do que Simons, como era difícil controlar Rashid, mesmo quando este estava teoricamente obedecendo ordens.

Por outro lado, Simons era o mais eficiente líder de todos os pequenos grupos que Coburn já conhecera. Mas também aquele era o país de Rashid e Simons não falava farsi... A última coisa de que precisavam naquela viagem era de uma luta pelo poder entre Simons e Rashid.

Coburn ligou para Dallas e falou com Merv Stauffer. Paul codificara uma descrição da rota planejada até a fronteira da Equipe Suja e Coburn transmitiu agora a mensagem a Stauffer.

Discutiram depois como poderiam se comunicar durante a viagem. Provavelmente seria impossível ligar para Dallas de telefones, públicos do interior. Resolveram por isso que transmitiriam as mensagens por intermédio de um empregado da EDS em Teerã, Gholam. Gholam não saberia que estava sendo usado assim. Coburn telefonaria para Gholam uma vez por dia. Se tudo estivesse correndo bem, ele diria: 'Tenho um recado para Jim Nyfeler: Estamos bem.' Assim que o grupo chegasse a Rezaiyeh, ele acrescentaria:

"Chegamos ao palco." Stauffer, por sua vez, ligaria para Gholam, perguntando simplesmente se havia algum recado. Enquanto tudo estivesse correndo bem, Gholam seria mantido na ignorância do que estava acontecendo. Se as coisas saíssem erradas, a encenação seria abandonada. Coburn seria franco com Gholam, revelaria qual era o problema e lhe pediria que ligasse para Dallas.

Stauffer e Coburn estavam tão familiarizados com o código que podiam manter uma longa conversa, usando basicamente palavras inglesas comuns, misturadas com uns poucos grupos de letras e

palavras chaves do código. Se alguém estivesse na escuta, certamente não poderia entender o que estavam querendo dizer.

Merv explicou que Perot tinha planos de emergência para voar até o noroeste do Irã, partindo da Turquia, a fim de recolher a Equipe Suja, se fosse necessário. Perot queria que os Range Rovers fossem facilmente identificados do ar. Assim, propunha que cada um tivesse um "X" grande no teto, pintado ou feito com fita isolante preta. Se um veículo tivesse de ser abandonado, por estar quebrado, sem gasolina ou qualquer outro motivo, o "X" deveria ser mudado para um "A".

Havia outra mensagem de Perot. Ele falara com o Almirante Moorer, que informara que a situação se tornaria ainda pior e que a equipe deveria deixar o Irã o mais depressa possível. Coburn transmitiu essa mensagem a Simons, que disse:

— Mande dizer ao Almirante Moorer que a única água aqui está na pia da cozinha. Olho pela janela e não vejo navios.

Coburn riu e disse a Stauffer:

— Entendemos a mensagem.

Eram quase cinco horas da madrugada. Não havia mais tempo para conversar. Stauffer disse:

— Tome todo cuidado, Jay. — Ele parecia emocionado. — Não se exponha demais, está bem?

— Claro.

— Boa sorte.

— Adeus, Merv.

Coburn desligou.

Quando o dia raiou, Rashid saiu num dos Range Rovers para fazer um reconhecimento das ruas. Devia encontrar um percurso para sair da cidade evitando todas as barreiras. Se os combates estivessem muito intensos, o grupo consideraria a possibilidade de adiar a partida por 24 horas.

Ao mesmo tempo, Coburn saiu no segundo Range Rover, a fim de se encontrar com Gholam. Ele deu a Gholam dinheiro suficiente para o próximo pagamento do pessoal no Bucareste, mas não disse nada a respeito de usá-lo para transmitir mensagens a Dallas. O

objetivo era uma simulação de normalidade, a fim de que alguns dias se passassem antes que os demais empregados iranianos desconfiassem que os patrões americanos haviam deixado a cidade.

Quando ele voltou à casa dos Dvoranchiks, a equipe discutiu quem deveria ir em que carro. Obviamente, Rashid guiaria o carro da frente. Seus passageiros seriam Simons, Bill e Keane Taylor. No segundo carro iriam Coburn, Paul e Gayden. Simons disse:

— Coburn, você não deve deixar que Paul fique longe de suas vistas até chegarmos a Dallas. Taylor, você fará a mesma coisa em relação a Bill.

Rashid voltou e informou que as ruas estavam excepcionalmente quietas.

— Muito bem — disse Simons. — Vamos lançar o espetáculo na estrada.

Keane Taylor e Bill saíram para encher os tanques dos Range Rovers dos tambores de 55 galões. A gasolina tinha de ser transferida por um sifão e o único meio de fazê-lo era sugar por um tubo. Taylor engoliu tanta gasolina que voltou para a casa e vomitou. Por uma vez, ninguém riu dele.

Coburn tinha algumas pílulas de psicotrópicos que comprara numa farmácia de Teerã, por instruções de Simons. Ele e Simons não dormiam há 24 horas consecutivas e agora tomaram uma pílula, a fim de se manterem acordados.

Paul recolheu na cozinha todos os alimentos que não tinham problema de conservação: bolachas, bolinhos, doces em lata e queijo.

Não era muito nutritivo, mas serviria para mantê-los de barriga cheia.

Coburn sussurrou para Paul:

— Não se esqueça de levar as fitas cassetes, a fim de termos alguma música em nosso carro.

Bill levou cobertores, lanternas e abridores de lata para os carros.

Estavam prontos. E todos saíram.

Quando estavam embarcando nos carros, Rashid disse:

— Paul, guie o segundo carro, por favor. Você é escuro o bastante para passar por iraniano, se não falar nada.

Paul olhou para Simons, que assentiu. Paul sentou-se ao volante do segundo carro.

Deixaram o pátio, saindo para a rua.

ONZE

1

Enquanto a Equipe Suja deixava a casa dos Dvoranchiks, Ralph Boulware estava no aeroporto de Istambul, esperando por Ross Perot.

Boulware tinha sentimentos contraditórios em relação a Perot.

Boulware era um técnico quando ingressara na EDS. E agora era um executivo. Tinha uma ótima casa numa comunidade suburbana branca de Dallas, uma renda que poucos pretos americanos podiam acalentar a esperança de alcançar. Devia tudo isso à EDS e à política de Ross Perot de promover os que tinham talento. Não lhe davam todas essas coisas por nada, é claro. Exigiam em troca inteligência, trabalho árduo e um bom discernimento nos negócios. Mas o que davam de graça era a oportunidade de demonstrar a sua capacidade.

Por outro lado, Boulware desconfiava que Perot queria possuir seus homens de corpo e alma. Era por isso que os ex-militares se davam tão bem na EDS. Sentiam-se à vontade com a disciplina e estavam acostumados a um trabalho que os absorvia 24 horas por dia.

Boulware receava que um dia poderia ter de decidir se era um homem que pertencia a si mesmo ou a Perot.

Admirava Perot por ter ido ao Irã. Um homem tão rico, confortável e protegido se arriscar daquela maneira... exigia muita coragem. Não havia provavelmente nenhum outro presidente do conselho de administração de uma grande corporação americana que pudesse conceber o plano de resgate, muito menos participar pessoalmente.

Mas Boulware não podia deixar de se perguntar — algo que faria por toda a sua vida — se podia de fato confiar num branco.

O 707 arrendado de Perot aterrissou às seis horas da manhã.

Boulware subiu a bordo. Percebeu a decoração luxuosa num só olhar e depois esqueceu-a; estava com pressa. Sentou-se para conversar com Perot e foi logo dizendo:

— Tenho de pegar um avião às seis e meia e por isso serei rápido. Não pode comprar um helicóptero e não pode comprar um avião pequeno.

— Por que não?

— É contra a lei. Pode fretar um avião, mas não o levará a qualquer lugar que queira ir. Só pode se fretar para uma viagem específica.

— E quem diz isso?

— A lei. Além disso, fretar um avião é algo tão excepcional que terá o governo em cima de você, fazendo perguntas, o que pode não querer. E agora...

— Espere um instante, Ralph. Não vá tão depressa assim. —

Perot tinha nos olhos a expressão eu-sou-o-patrão. — E se arruarmos um helicóptero em outro país e o trouxermos para cá?

— Estou aqui há um mês e verifiquei meticulosamente todas as possibilidades. Não se pode arrendar um helicóptero e não se pode arrendar um avião. E agora tenho de partir para me encontrar com Simons na fronteira.

Perot recuou.

— Está certo. Como vai chegar lá?

— O Sr. Fish arrumou um ônibus para ir até a fronteira. Já está a caminho. Eu ia junto, mas tive de ficar para encontrá-lo. Vou pegar um avião para Adana, que fica na metade do caminho, embarcar no ônibus lá. Irei com Ilsman, o cara do serviço secreto. E levarei

também outro cara para servir como intérprete. A que horas o pessoal espera alcançar a fronteira?

— Às duas horas da tarde de amanhã.

— O prazo está apertado. Voltarei a falar com você mais tarde.

Boulware voltou correndo para o terminal e por pouco não perdeu o avião. Ilsman, o gordo agente secreto, e o intérprete —

Boulware não sabia o nome dele e por isso o chamava de Charlie Brown — estavam a bordo. Decolaram às seis e meia.

Voaram para leste, até Ancara, onde esperaram várias horas pela conexão. Ao meio-dia chegaram em Adana, perto da cidade bíblica de Tarso, na região centro-sul da Turquia.

O ônibus não estava lá.

Esperaram por uma hora.

Boulware chegou à conclusão de que o ônibus não ia aparecer.

Com Ilsman e Charlie Brown, ele foi ao balcão de informações e indagou sobre os vôos de Adana para Van, uma pequena cidade a cerca de 150 quilômetros da fronteira.

Não havia vôos para Van de qualquer lugar.

— Pergunte onde podemos fretar um avião — disse Boulware a Charlie.

Charlie perguntou.

— Não há aviões para se fretar aqui.

— Podemos comprar um carro?

- Há muito poucos carros nesta parte do país.
- Não há revendedores de carros na cidade?
- Se há, eles não têm carros para vender.
- Não há qualquer meio de se chegar a Van partindo daqui?
- Não.

Era como a piada do turista que pergunta a um fazendeiro como chegar a Londres e recebe a seguinte resposta: "Se eu estivesse indo para Londres, não partiria daqui."

Deixaram o terminal e ficaram parados à beira da rua poeirenta.

Não havia nem calçada. Era realmente o fim do mundo. Boulware sentia-se profundamente frustrado. Até aquele momento, ele tivera maiores facilidades que o resto da equipe de resgate. Nem mesmo estivera em Teerã. E agora que era a sua vez de fazer alguma coisa, tudo indicava que iria fracassar. Mas Boulware detestava fracassar.

Ele viu um carro se aproximando, com algumas palavras em turco escritas no lado. E indagou:

- Esse carro não é um táxi?
- É, sim — respondeu Charlie.
- Pois então vamos de táxi!

Charlie fez sinal para o táxi e eles embarcaram. Boulware disse:

- Avise a ele que queremos ir para Van.

Charlie traduziu. O motorista arrancou. Depois de alguns segundos, o motorista fez uma pergunta. Charlie traduziu:

— Van onde?

— Van, Turquia.

O motorista parou o carro. Charlie explicou:

— Ele está perguntando: “Sabe a que distância fica?” Boulware não sabia com certeza, mas calculava que a distância era a metade da Turquia.

— Diga a ele que sei.

Depois de outro diálogo com o motorista, Charlie disse:

— Ele não quer nos levar até lá.

— Ele conhece alguém que possa nos levar?

O motorista deu de ombros enquanto respondia. Charlie traduziu:

— Ele vai nos levar ao ponto de táxi, a fim de podermos perguntar por lá.

— Está certo.

Foram para a cidade. O ponto de táxi ficava numa rua de terra, com uns poucos carros estacionados, nenhum deles novo. Ilsman começou a conversar com os motoristas. Boulware e Charlie encontraram um bar e compraram um saco com ovos cozidos.

Ao saírem, descobriram que Ilsman encontrara um motorista disposto a fazer a viagem e estava negociando o preço. O motorista apontou orgulhosamente para o seu carro. Boulware olhou na direção indicada e ficou consternado. Era um Chevrolet, com cerca de 25 anos de idade, e dava a impressão de que ainda usava os pneus originais.

— Ele diz que precisaremos de comida — avisou Charlie.

— Tenho alguns ovos.

— Talvez precisemos de mais.

Boulware voltou à loja e comprou três dúzias de laranjas.

Embarcaram no Chevrolet e seguiram para um posto de gasolina. O motorista comprou um latão de gasolina de reserva e guardou na mala do Chevrolet.

— Não há postos no lugar para onde estamos indo — explicou Charlie.

Boulware estava examinando um mapa. O percurso era de cerca de 800 quilômetros, através de uma região montanhosa. Ele não pôde deixar de comentar:

— Não há a menor possibilidade deste carro nos levar à fronteira até duas horas da tarde de amanhã.

— Você não compreende — disse Charlie. — Este homem é um motorista turco.

— Hã...

Boulware recostou-se no assento e fechou os olhos. Deixaram a cidade, encaminhando-se para as montanhas na região central da Turquia.

Era uma estrada de terra e cascalho, com enormes buracos. Não era muito mais larga que um carro em determinados trechos.

Serpenteava pelas encostas das montanhas, com um precipício assustador num dos lados. Não havia *guard rail* para impedir que um motorista incauto se projetasse no abismo. Mas a paisagem era espetacular, com vistas deslumbrantes de vales iluminados pelo sol.

Boulware decidiu que um dia voltaria àquele lugar, com Mary, Stacy e Kecia. Faria de novo aquela viagem, tranquilamente.

Um caminhão surgiu à frente, aproximando-se deles. O

motorista do táxi freou bruscamente. Dois homens de uniforme saltaram do caminhão. Charlie Brown explicou:

— Patrulha militar.

O motorista baixou sua janela. Ilsman falou com os soldados.

Boulware não entendeu o que foi dito, mas aparentemente a patrulha ficou satisfeita. O táxi seguiu adiante.

Cerca de uma hora depois, eles foram detidos por outra patrulha e a mesma coisa aconteceu.

Avistaram um restaurante à beira da estrada ao cair da noite e pararam. Era um lugar primitivo e extremamente sujo.

— Eles só têm feijão e arroz — informou Charlie, como se pedisse desculpas, ao sentarem.

Boulware sorriu.

— Passei toda a minha vida comendo feijão com arroz.

Ele estudou o motorista do táxi, O homem devia ter seus 60 anos e parecia cansado.

— Acho que vou guiar por algum tempo — anunciou Boulware.

Charlie traduziu e o motorista protestou com veemência.

— Ele diz que você não será capaz de guiar aquele carro —

explicou Charlie. — É um carro americano, com engrenagens típicas.

— Acontece que eu sou americano. Diga a ele que muitos americanos são pretos. E sei perfeitamente guiar um Chevrolet 64 com equipamento padronizado.

Os três turcos discutiram o problema enquanto comiam. Charlie finalmente disse:

— Você pode guiar, desde que prometa pagar todos os prejuízos, se arrebentar o carro.

— Prometo.

Boulware pensou: Não é grande coisa. Ele pagou a conta do restaurante e foram para o carro. Estava começando a chover.

Boulware descobriu ser impossível desenvolver uma velocidade maior, mas o carro grande era estável e o motor potente enfrentava as subidas sem maiores dificuldades. Foram detidos pela terceira vez por uma patrulha do exército. Boulware exibiu seu passaporte americano e mais uma vez Ilsman deu um jeito de deixar os soldados felizes.

Boulware notou que aqueles soldados estavam barbados, os uniformes um tanto maltrapilhos. Ao partirem, Ilsman disse alguma coisa e Charlie explicou:

Tente não parar para qualquer outra patrulha.

— Por que não?

— Eles podem nos assaltar.

Essa é ótima, pensou Boulware.

Perto da cidade de Maras, a 150 quilômetros de Adana e a 650

quilômetros de Van, a chuva tornou-se mais intensa, deixando muito perigosa a estrada de terra e cascalho. Boulware teve de reduzir a

velocidade ainda mais.

O carro morreu pouco depois de passarem por Maras.

Todos saíram e levantaram o capô. Boulware nada pôde perceber de errado. O motorista falou e Charlie traduziu:

— Ele não consegue entender. Acabou de ajeitar todo o motor com as próprias mãos.

— Talvez ele tenha esquecido alguma coisa — comentou Boulware.
— Vamos verificar.

O motorista pegou algumas ferramentas e uma lanterna na mala.

Os quatro se agruparam em torno do motor, debaixo da chuva, tentando descobrir qual era o problema.

Acabaram descobrindo que os platinados não estavam ajustados direito. Boulware calculou que a chuva ou o ar mais rarefeito das montanhas, talvez as duas coisas, haviam feito com que a falha se tornasse crítica. Demorou um pouco para se ajustar os platinados, mas finalmente o motor tornou a pegar. Com frio, encharcados e cansados, os quatro homens voltaram ao velho carro. Boulware tornou a ocupar o volante e partiram.

A região foi-se tornando cada vez mais desolada, à medida que avançavam para leste. Não havia cidades, não havia casas, não havia gado, não havia nada. A estrada tornou-se ainda pior, fazendo Boulware se lembrar de uma trilha num filme de cowboy. Não demorou muito para que a chuva se convertesse em neve e a estrada ficasse gelada. Boulware a todo instante olhava para o precipício ao lado. Se você sair desta estrada, disse ele a si mesmo, não vai simplesmente se machucar... vai morrer.

Perto de Bingol, na metade do caminho para o destino deles, subiram acima da tempestade. O céu estava limpo e havia lua cheia,

parecia até que era dia. Boulware podia ver as nuvens de neve e os relâmpagos nos vales lá embaixo. A encosta da montanha estava toda branca e a estrada parecia uma trilha de tobogã.

Boulware pensou: *Vou morrer aqui em cima e ninguém jamais saberá, porque ninguém sabe onde estou.*

Subitamente o volante teve um solavanco em suas mãos e o carro derrapou. Boulware teve um momento de pânico, pensando que estava perdendo o controle do carro. Depois, no entanto, percebeu que o problema era um pneu furado. Ele fez o carro parar, suavemente.

Saltaram todos e o motorista do táxi abriu a mala do carro. Tirou o bujão de gasolina extra para poder pegar o estepe. Boulware estava congelando. A temperatura estava certamente muito abaixo de zero. O

motorista repeliu qualquer ajuda e insistiu em trocar o pneu sozinho.

Boulware tirou as luvas e ofereceu-as ao motorista. O homem sacudiu a cabeça. Deve ser por orgulho, pensou Boulware. Já eram quatro horas da madrugada quando o trabalho terminou e Boulware disse:

— Pergunte a ele se quer voltar a dirigir. Estou cansado demais.

O motorista concordou.

Boulware passou para o banco traseiro. O motorista arrancou.

Boulware fechou os olhos e tentou ignorar os solavancos. Não sabia se conseguiria chegar à fronteira a tempo. *Ninguém pode dizer que não tentamos*, pensou ele.

Ele estava dormindo poucos segundos depois.

2

A Equipe Suja saiu de Teerã como uma brisa.

A cidade parecia um campo de batalha em que todos tinham ido para casa. As estátuas haviam sido destruídas, carros queimados e as árvores derrubadas para se fazer bloqueios nas ruas. Depois, os bloqueios foram removidos... os carros empurrados para o meio-fio, as estátuas quebradas em pedacinhos, as árvores queimadas. Algumas daquelas árvores haviam sido regadas cuidadosamente, ao longo de 50

anos.

Mas não havia combates. Eles viram bem poucas pessoas pelas ruas. E não havia quase nenhum tráfego. Talvez a revolução tivesse terminado. Ou talvez os revolucionários estivessem tomando chá.

Passaram pelo aeroporto e pegaram a estrada para o norte, seguindo pelo caminho que Coburn e Simons haviam percorrido, em sua viagem de reconhecimento. Alguns dos planos de Simons haviam sido frustrados, mas não aquele. Mesmo assim, Coburn estava apreensivo. O que encontrariam pela frente? Será que ainda havia exércitos em luta nas cidades e povoados do interior? Ou a revolução estaria acabada? Talvez os aldeões tivessem voltado a suas ovelhas e arados.

Não demorou muito para que os dois Range Rovers estivessem avançando a quase 120 quilômetros horários, perto de uma cordilheira. À esquerda, havia uma vasta planície; à direita, contrafortes verdejantes e íngremes, tendo por trás os picos nevados das montanhas, recortados contra o céu azul. Coburn olhou para o carro à frente e viu que Taylor estava tirando fotografias pela janela traseira com a sua Instamatic.

— Olhem só para Taylor — comentou ele.

— O que será que ele pensa que estamos fazendo? — disse Gayden.

— Uma excursão turística?

Coburn começou a sentir-se otimista. Não houvera qualquer dificuldade até aquele momento. Talvez todo o país estivesse se acalmando. E por que os iranianos haveriam de lhes criar problemas?

O que havia de errado com estrangeiros deixando o país?

Paul e Bill tinham passaportes falsos e estavam sendo procurados pelas autoridades — era isso o que havia de errado.

A 50 quilômetros de Teerã, nos arredores da cidade de Karaj, eles depararam com o primeiro bloqueio na estrada. Como geralmente acontecia, estava guarnecido por homens e garotos esfarrapados, empunhando metralhadoras.

O carro da frente parou e Rashid saltou, antes mesmo que Paul tivesse tempo de parar o segundo Range Rover, cuidando para que fosse ele e não os americanos a se encarregar da conversa. Rashid começou imediatamente a falar, num farsi alto e rápido, com muitos gestos. Paul baixou a janela. Pelo que eles podiam entender, Rashid não estava contando a história combinada. Falava alguma coisa a respeito de jornalistas. Depois de algum tempo, Rashid disse a todos para saírem dos carros, explicando:

— Eles querem nos revistar a procura de armas.

Recordando quantas vezes fora revistado durante a viagem de reconhecimento, Coburn escondera a sua pequena faca Gerber no Range Rover.

Os

iranianos

apalparam-nos

e

depois

revistaram

superficialmente os carros. Não encontraram a faca de Coburn e também não viram o dinheiro. Rashid anunciou, poucos minutos depois:

— Podemos ir embora.

Havia um posto de gasolina 100 metros adiante. Eles pararam.

Simons queria manter os tanques tão cheios quanto possível.

Enquanto os carros eram reabastecidos, Taylor pegou uma garrafa de conhaque e todos tomaram um trago, com exceção de Simons, que desaprovava a bebida, e Rashid, cuja fé o proibia de tomar álcool. Simons estava furioso com Rashid. Ao invés de falar que eram homens de negócios, querendo voltar para casa, Rashid dissera que eram jornalistas, indo fazer a cobertura dos combates em Tabriz.

— Atenha-se à história — ordenou Simons.

— Está bem — disse Rashid.

Coburn pensou que Rashid provavelmente diria a primeira coisa que lhe passasse pela cabeça na ocasião. Era assim que ele operava.

Uma pequena multidão reuniu-se no posto, observando os estrangeiros. Coburn olhou nervosamente para os espectadores. Não

eram exatamente hostis, mas pareciam vagamente ameaçadores, com sua vigilância silenciosa.

Rashid comprou uma lata de óleo. Para quê?

Ele pegou o latão de gasolina, onde estava a maior parte do dinheiro, em sacos de plástico, e tirou do carro. Despejou o óleo por cima, para esconder o dinheiro. Não era má idéia, pensou Coburn, mas eu teria falado com Simons antes de executá-la.

Ele tentou interpretar as expressões nos rostos da multidão.

Estariam apenas curiosos? Ressentidos? Desconfiados? Rancorosos?

Não dava para adivinhar, mas ele queria sair dali o mais depressa possível.

Rashid pagou a conta e os dois carros saíram lentamente do posto.

Fizeram uma viagem tranqüila e sem qualquer problema pelos próximos 120 quilômetros. A estrada, relativamente nova, estava em boas condições. Passava por um vale, correndo ao lado de trilhos, com montanhas de picos nevados. O sol brilhava.

O segundo bloqueio estava nos arredores de Qazvin.

O carro na frente deles foi revistado meticulosamente. Um guarda abriu a mala do carro e tirou o que parecia ser um lençol enrolado. Encontrou um rifle lá dentro. Gritou alguma coisa, acenando com o rifle no ar.

Outros guardas vieram correndo. Uma multidão se juntou. O

motorista do carro foi interrogado. Um dos guardas derrubou-o.

Rashid tirou seu carro da fila.

Coburn disse a Paul para segui-lo.

— O que ele está querendo fazer? — indagou Gayden.

Rashid foi avançando lentamente através da multidão. As pessoas se afastavam ao serem empurradas pelo Range Rover, interessadas apenas no homem com o rifle. Paul manteve o segundo Range Rover grudado na traseira do outro. Passaram pela primeira barreira.

— Que diabo ele está fazendo? — disse Gayden.

— Parece que está procurando por encrenca — murmurou Coburn.

Aproximaram-se da segunda barreira. Sem parar, Rashid gritou para o guarda pela janela. O guarda disse alguma coisa em resposta.

Rashid acelerou. Paul foi atrás.

Coburn deixou escapar um suspiro de alívio. Rashid era assim: fazia o inesperado, levado pelo impulso, sem pensar nas conseqüências e, misteriosamente, tudo acabava dando certo. Apenas tornava a vida um tanto tensa para as pessoas que o cercavam.

Na primeira parada, Rashid explicou que simplesmente dissera ao guarda que os dois Range Rovers já haviam sido revistados na primeira barreira.

No bloqueio seguinte, Rashid convenceu os guardas a escreverem um passe no pára-brisa do carro. Com isso, passaram pelos três bloqueios seguintes sem serem revistados.

Keane Taylor estava dirigindo o carro da frente quando, subindo uma colina longa e sinuosa, depararam com dois caminhões grandes descendo velozmente na direção deles, lado a lado, ocupando toda a largura da estrada. Taylor saiu da estrada derrapando, foi parar numa vala, com um tremendo solavanco. Paul seguiu-o. Os caminhões passaram, ainda lado a lado. Todos comentaram como Taylor era um péssimo motorista.

Resolveram fazer uma pausa ao meio-dia. Pararam à beira da estrada, perto de um teleférico, almoçaram bolachas e bolinhos.

Embora houvesse neve nas encostas, o sol estava brilhando e não sentiam frio. Taylor tornou a pegar sua garrafa de conhaque, mas descobriu que entornara e estava vazia. Coburn desconfiou que Simons afrouxara a rolha furtivamente. Beberam água.

Passaram pela cidade pequena e limpa de Zanjan, onde Coburn e Simons haviam conversado com o chefe de polícia, na viagem de reconhecimento.

Pouco depois de Zanjan a rodovia terminava... de forma um tanto abrupta. No segundo carro, Coburn viu o Range Rover de Rashid desaparecer subitamente. Paul pisou no freio e saltaram para descobrir o que acontecera.

Onde o concreto terminava, Rashid descera por uma encosta íngreme, de cerca de dois metros e meio, indo aterrissar na lama. À direita, a estrada continuava, subindo pela montanha, sem pavimentação.

Rashid conseguiu ligar o motor enguiçado e subiu lentamente pela encosta, de marcha à ré, voltando à estrada.

O Range Rover estava coberto de lama. Rashid ligou os limpadores e resolveu o problema do pára-brisa. Quando os respingos de lama sumiram, eles verificaram que a mesma coisa acontecera com o passe escrito pelos guardas no vidro. Rashid poderia escrever de novo o passe, mas ninguém tinha um lápis apropriado.

Seguiram para Oeste, a caminho da extremidade meridional do Lago Rezaiyeh. Os Range Rovers eram construídos para enfrentar as piores estradas e ainda desenvolver uma velocidade de 70 quilômetros horários. Estavam agora subindo o tempo todo, a temperatura baixando sem parar. Havia neve por toda parte, mas a

estrada estava limpa. Coburn calculou que talvez pudessem chegar à fronteira naquela noite, ao invés do dia seguinte, conforme estava planejado.

Gayden, no banco traseiro, inclinou-se para a frente e disse:

— Ninguém vai acreditar que foi tão fácil antes. Seria melhor inventarmos algumas histórias de guerra para contarmos quando voltarmos aos Estados Unidos.

Ele falou cedo demais.

Aproximaram-se

de

Mahabad

quando

o

dia

estava

amanhecendo. Havia umas poucas cabanas dispersas nos arredores, feitas de madeira e tijolos de lama, nos dois lados da estrada sinuosa.

Os Range Rovers viraram uma curva e pararam abruptamente. A estrada estava bloqueada por um caminhão estacionado e uma multidão grande, mas aparentemente disciplinada. Os homens usavam as calças largas tradicionais, coletes pretos, panos na cabeça quadriculados em vermelho e branco, e bandoleiras de guerreiros curdos.

Rashid saltou do carro da frente e iniciou o seu ato.

Coburn observou atentamente os guardas e verificou que empunhavam armas automáticas tanto russas como americanas.

— Saíam todos dos carros — disse Rashid.

A esta altura, isso já era rotina. Eles foram revistados, um a um.

Desta vez a revista foi um pouco mais meticulosa. Encontraram a pequena faca de mola de Keane Taylor, mas deixaram que ele a mantivesse. Não encontraram a faca de Coburn nem o dinheiro.

Coburn ficou esperando que Rashid dissesse “Podemos ir”.

Estava demorando mais tempo que o habitual. Rashid discutiu com os curdos por alguns minutos e depois anunciou:

— Temos de ir falar com o chefe da aldeia.

Embarcaram nos carros. Um curdo armado de rifle entrou em cada carro, levando-os para a aldeia.

Receberam ordens para parar diante de um prédio pequeno, caiado de branco. Um dos guardas entrou. Voltou um minuto depois e subiu no carro, sem dar qualquer explicação.

Tornaram a parar mais adiante, diante do que era obviamente um hospital. Pegaram ali um passageiro, um jovem iraniano de terno.

Coburn não tinha a menor idéia do que estava acontecendo.

Finalmente desceram por uma viela e pararam diante do que parecia ser uma pequena casa particular.

Todos entraram. Rashid disse-lhes que deveriam tirar os sapatos.

Gayden tinha vários milhares de dólares, em notas de 100, escondidos nos sapatos. Ao tirá-los, empurrou o dinheiro para a frente, freneticamente.

Foram introduzidos numa sala grande, mobiliada apenas com um lindo tapete persa. Simons disse a todos onde deviam sentar.

Deixando um espaço no círculo para os iranianos, ele colocou Rashid à direita dessa abertura. Ao lado de Rashid estava Taylor, depois Coburn, em seguida o próprio Simons, no outro lado do espaço aberto.

À direita de Simons estavam sentados Paul e Bill, um pouco afastados da linha do círculo, onde não chamariam muita atenção. Gayden, completando o círculo, sentou-se à direita de Bill.

Ao sentar-se, Taylor constatou que tinha um buraco na meia, junto do dedão, por onde saíam notas de 100 dólares. Ele praguejou baixinho e rapidamente empurrou o dinheiro para o calcanhar. O

jovem de terno entrou atrás deles. Parecia instruído e falou inglês muito bem.

— Vocês vão conhecer um homem que acaba de escapar depois de 25 anos de prisão — anunciou ele.

Bill quase disse: Ora essa, eu também acabo de escapar da prisão! Mas ele se conteve a tempo.

— Vocês serão submetidos a julgamento e esse homem funcionará Como juiz — acrescentou o jovem iraniano.

As palavras *submetidos a julgamento* atingiram Paul quase como um impacto físico. E ele pensou: *Vimos para tão longe a troco de nada.*

3

A Equipe Limpa passou a quarta-feira na casa de Lou Goelz, em Teerã. No início da manhã houve um telefonema de Tom Walter, de Dallas. A ligação estava péssima e a conversa foi confusa, mas Joe Poché conseguiu comunicar a Walter que ele e a Equipe Limpa estavam a salvo, iriam transferir-se para a embaixada o mais depressa possível e deixariam o país assim que a embaixada organizasse os vôos de evacuação. Poché comunicou também que o estado de Cathy Gallagher não melhorara e ela fora levada para o hospital na noite anterior.

John Howell ligou para Abolhasan, que tinha outro recado de Dadgar. Ele estava disposto a negociar uma fiança mais baixa. Se a EDS localizasse Paul e Bill deveria entregá-los e pagar a fiança mais baixa. Os americanos deveriam compreender que não havia a menor possibilidade de Paul e Bill deixarem o Irã pelos meios regulares e seria muito perigoso se tentassem sair do país por outros meios.

Howell considerou que isso significava que Paul e Bill não teriam permissão para sair do país num vôo de evacuação da embaixada. Ele se perguntou outra vez se a Equipe Limpa não estaria correndo um perigo maior que a Equipe Suja. Bob Young pensava da mesma forma. Enquanto discutiam o assunto, eles ouviram tiros.

Pareciam estar vindo da direção da embaixada dos Estados Unidos.

A *Voz Nacional do Irã*, uma emissora de rádio que transmitia de Baku, do outro lado da fronteira, na União Soviética, vinha irradiando boletins de "notícias" há vários dias, sobre planos clandestinos americanos para uma contra-revolução. Na quarta-feira, a *Voz Nacional* anunciou que os arquivos da SAVAK, a odiada polícia secreta do Xá, haviam sido transferidos para a embaixada dos Estados Unidos. A história era quase que certamente inventada, mas era também altamente plausível. A CIA criara a SAVAK e mantinha

um estreito contato com a organização iraniana. Todos sabiam que as embaixadas americanas — como todas as embaixadas — estavam repletas de espiões, mal disfarçados como adidos diplomáticos. Seja como for, alguns dos revolucionários em Teerã acreditaram na história. Sem consultarem quaisquer dos assessores do Aiatolá Khomeini, resolveram entrar em ação.

Durante a manhã, eles entraram em prédios altos em torno da embaixada e ocuparam posições, armados de rifles automáticos. E às 10:30 abriram fogo.

O Embaixador William Sullivan estava na sala externa, atendendo um telefonema na mesa de sua secretária. Falava com o Vice-Ministro do Exterior de Khomeini. O Presidente Carter decidira reconhecer o novo governo revolucionário do Irã e Sullivan tomava as providências para emitir uma nota oficial.

Ao desligar, ele virou-se e deparou com seu adido de imprensa, Barry Rosen, que estava parado ali com dois jornalistas americanos.

Sullivan ficou furioso, pois a Casa Branca dera instruções específicas para que a decisão de reconhecer o novo governo fosse anunciada em Washington e não em Teerã. Sullivan levou Rosen para a sua sala e censurou-o.

Rosen disse que os dois jornalistas estavam ali para providenciar a remoção do corpo de Joe Alex Morris, o correspondente do *Los Angeles Times* que morrera durante os combates em Doshen Toppeh.

Sentindo-se um tolo, Sullivan disse a Rosen que pedisse aos jornalistas para revelarem o que haviam descoberto, ao ouvirem a sua conversa pelo telefone.

Rosen saiu. O telefone de Sullivan tocou. Ele atendeu. Houve uma súbita e tremenda explosão de tiros, uma saraivada de balas espatifou as janelas.

Sullivan jogou-se no chão.

Ele deslizou pelo chão e passou para outra sala, onde se encontrou com seu segundo homem, Charlie Naas, que estivera presidindo uma reunião sobre os vôos de evacuação. Sullivan tinha dois telefones que podia usar, numa emergência, para entrar em contato com líderes revolucionários. Mandou que Naas ligasse para um dos telefones e que o adido militar ligasse para o outro. Ainda deitados no chão, os dois homens tiraram os aparelhos de cima de uma mesa e começaram a discar.

Sullivan pegou seu walkie-talkie e pediu notícias das unidades de fuzileiros que protegiam a embaixada.

O ataque de metralhadora fora um fogo de cobertura para um grupo de cerca de 75 revolucionários que haviam passado pelo muro da frente do conjunto e estavam agora avançando para a residência do embaixador. Felizmente, a maioria do pessoal estava no prédio da Chancelaria com Sullivan.

Sullivan ordenou que os fuzileiros recuassem, sem usarem seus rifles, só atirando em defesa própria.

Depois, sempre rastejando, ele saiu para o corredor.

Durante a hora seguinte, enquanto os atacantes ocupavam a residência e o restaurante, Sullivan reuniu todos os civis na chancelaria e mandou-os para a sala de comunicações lá em cima. Ao ouvir os atacantes tentando arrombar as portas de aço do prédio, ele mandou que os fuzileiros fossem se juntar aos civis na sala blindada.

Ali, ordenou que todos empilhassem suas armas num canto e se rendessem assim que fosse necessário.

O próprio Sullivan acabou entrando na sala blindada, deixando o adido militar e um intérprete lá fora.

Quando os atacantes chegaram ao segundo andar, Sullivan abriu a porta blindada e saiu, as mãos levantadas acima da cabeça.

Os outros, cerca de uma centena de pessoas, saíram atrás dele.

Foram todos conduzidos para a sala de espera da suíte executiva e revistados. Houve uma altercação confusa entre duas facções de iranianos e Sullivan compreendeu que o pessoal de Khomeini enviara uma força de resgate... presumivelmente em resposta aos telefonemas de Charlie Naas e do adido militar. Os membros dessa força de resgate haviam chegado ao segundo andar ao mesmo tempo que os atacantes.

Subitamente, foi disparado um tiro pela janela.

Todos os americanos se jogaram no chão. Um dos iranianos deu a impressão de pensar que o tiro fora disparado do interior da sala e apontou seu rifle AK-47 para a confusão de prisioneiros no chão.

Nesse momento, Barry Rosen, o adido de imprensa, gritou em farsi:

— O tiro veio lá de fora! O tiro veio lá de fora!

Sullivan descobriu-se estendido no chão ao lado dos dois jornalistas que encontrara na sala de sua secretária. E lhes disse:

— Espero que estejam anotando tudo isso.

Todos foram finalmente levados para o pátio, onde Ibrahim Yazdi, o novo Vice-Primeiro-Ministro designado por Khomeini, pediu desculpas a Sullivan pelo ataque.

Yazdi também deu a Sullivan uma escolta pessoal, um grupo de estudantes que dali por diante seria responsável pela segurança do embaixador americano. O líder do grupo explicou a Sullivan que estavam bem qualificados para guardá-lo. Haviam-no estudado e

estavam familiarizados com sua rotina, pois até recentemente a missão deles era a de assassiná-lo.

Cathy Gallagher telefonou do hospital ao final daquela tarde.

Tomara alguns medicamentos que haviam resolvido o seu problema, pelo menos temporariamente. Ela queria ficar junto do marido e dos outros, na casa de Lou Goelz.

Joe Poché não queria que ninguém da Equipe Limpa deixasse a casa e também não desejava que algum iraniano soubesse onde eles estavam. Acabou ligando para Gholam e pediu-lhe que fosse buscar Cathy no hospital e a levasse para a esquina da rua, onde o marido a encontraria.

Cathy chegou por volta das sete e meia daquela noite. Estava sentindo-se melhor, mas Gholam lhe contara uma história terrível.

— Eles atiraram nos quartos que estávamos ocupando no hotel ontem — disse ela.

Cathy explicou que Gholam fora ao Hyatt para pagar a conta da EDS e pegar as malas que eles haviam deixado. Os quartos estavam completamente destruídos, havia buracos de balas por toda parte, a bagagem fora toda rasgada.

— Isso só aconteceu nos nossos quartos? — perguntou Howell.

— Exatamente.

— Ele descobriu como aconteceu?

Quando Gholam fora pagar a conta, o gerente do hotel lhe perguntara:

— Quem eram aquelas pessoas que estavam aqui... agentes da CIA?

Aparentemente, na manhã de segunda-feira, pouco depois que todo o pessoal da EDS deixara o hotel, os revolucionários haviam aparecido. Cercaram todos os americanos, exigindo que mostrassem seus passaportes e apresentando as fotografias dos dois homens que estavam procurando. O gerente não reconheceu os homens nas fotografias. E ninguém mais reconheceu.

Howell se perguntou o que teria espicaçado tanto os revolucionários, a ponto de levá-los a destruir os quartos. Talvez o bar bem estocado de Gayden tivesse ofendido suas sensibilidades muçulmanas. Havia também na suíte de Gayden um gravador usado para ditados, alguns microfones de sucção para se gravar conversas telefônicas e um conjunto de walkie-talkie de criança. Os revolucionários poderiam ter pensado que se tratava de equipamento de espionagem da CIA.

Durante todo o dia, informações vagas e alarmantes sobre o que estava acontecendo na embaixada alcançavam Howell e a Equipe Limpa, que tentavam comunicar-se com os amigos. Mas Goelz voltou quando os outros estavam jantando, e após umas duas doses de uma bebida forte, não parecia ter mudado depois da experiência. Passara a maior parte do tempo deitado sobre a ampla barriga em um corredor.

No dia seguinte voltara à sua mesa para trabalhar e retornara à noite com boas notícias: os vôos de evacuação começariam sábado e a Equipe Limpa partiria no primeiro.

Howell pensou: Dadgar pode ter outras idéias a respeito.

4

Em Istambul, Ross Perot teve o terrível pressentimento de que toda a operação estava escapando ao controle.

Soube por intermédio de Dallas que a embaixada dos Estados Unidos em Teerã fora invadida por revolucionários. Sabia também, porque Tom Walter falara antes com Joe Poché, que a Equipe Limpa estava planejando transferir-se para a embaixada assim que fosse possível. Mas, depois do ataque à embaixada, quase todas as ligações telefônicas com Teerã estavam suspensas. A Casa Branca monopolizava as poucas linhas que restavam. Assim, Perot não sabia se a Equipe Limpa estava na embaixada por ocasião do ataque.

Também não sabia que perigos eles poderiam estar correndo, mesmo que continuassem na casa de Goelz.

A perda do contato telefônico significava também que Merv Stauffer não poderia ligar para Gholam a fim de descobrir se a Equipe Suja mandara um “recado para Jim Nyfeler”, informando se estavam bem ou metidos em alguma encrenca. Todo o pessoal do sétimo andar em Dallas estava trabalhando ativamente, tentando obter uma das poucas linhas restantes de comunicação com Teerã, a fim de poderem falar com Gholam. Tom Walter entrara em contato com a A.T.&T., falando com Ray Johnson, que cuidava da conta telefônica da EDS.

Era uma conta grande — os computadores da EDS em diferentes pontos dos Estados Unidos falavam entre si por linhas telefônicas — e Johnson estava sempre ansioso em ajudar um cliente importante.

Perguntara se a ligação da EDS com Teerã era uma questão de vida ou morte. Claro que era, respondera Tom Walter. Johnson estava agora tentando conseguir uma linha. Ao mesmo tempo, T. J.

Marquez vinha conversando com uma telefonista internacional, tentando convencê-la a violar as regras.

Perot também perdera contato com Ralph Boulware, que deveria se encontrar com a Equipe Suja no lado turco da fronteira. A última notícia que se tinha de Boulware era de Adana, a 800 quilômetros do lugar em que ele deveria estar. Perot presumia que ele estava agora a caminho do ponto de encontro, mas não havia como determinar até que ponto já chegara ou se conseguiria chegar a tempo.

Perot passara a maior parte do dia tentando conseguir um avião pequeno ou um helicóptero com que pudesse voar para o Irã. O

Boeing 707 não serviria para a missão, porque Perot teria de efetuar um vôo baixo e procurar pelos Range Rovers com um "X" ou um "A" no teto, depois pousar numa pista fora de uso, talvez mesmo numa estrada ou numa campina. Até agora, porém, seus esforços só haviam confirmado o que Boulware lhe dissera às seis horas daquela manhã: não conseguiria nada.

Em desespero, Perot ligara para um amigo na Agência de Repressão aos Tóxicos dos Estados Unidos, pedindo o telefone de seu representante na Turquia. Estava pensando que os agentes de repressão aos tóxicos certamente saberiam como obter um avião pequeno. O agente da ART apareceu no Sheraton, acompanhado por outro homem, que Perot calculou ser da CIA. Mas se eles sabiam onde se conseguir um avião, não estavam dispostos a revelar.

Em Dallas, Merv Stauffer estava telefonando para toda a Europa, procurando por um avião conveniente, que pudesse ser comprado ou alugado imediatamente e levado para a Turquia. Mas também nada conseguira, até agora. Ao final da tarde, Perot disse a Pat Sculley:

— Quero falar com o americano mais importante em Istambul.

Sculley saiu e foi para o consulado americano, onde armou a maior confusão. Agora, às 10:30 da noite, um cônsul estava sentado na suíte de Perot no Sheraton. E Perot foi franco com ele:

— Meus homens não são absolutamente criminosos. São apenas executivos comuns, com esposas e filhos desesperados porque eles ainda não voltaram. Os iranianos mantiveram-nos na prisão por seis semanas sem formalizarem quaisquer acusações ou sem descobrirem provas contra eles. Mas eles estão livres agora e tentando sair do Irã.

Se forem apanhados, pode imaginar as chances que eles terão de serem julgados com justiça: absolutamente nenhuma. Do jeito em que está a situação no Irã neste momento, meus homens talvez não consigam chegar até a fronteira. Quero ir buscá-los e é por isso que preciso de sua ajuda. Preciso conseguir emprestado, comprar ou alugar um avião pequeno. Pode me ajudar?

— Não — respondeu o cônsul. — Neste país é contra a lei os indivíduos possuírem aviões. E porque é contra a lei, não se encontra aviões nem mesmo para os que estão dispostos a violar a lei.

— Mas vocês devem ter um avião.

— O Departamento de Estado não tem qualquer avião.

Perot ficou desesperado. Estava fadado a ficar sentado ali, sem fazer nada para ajudar a Equipe Suja? O cônsul disse:

— Sr. Perot, estamos aqui para ajudar os cidadãos americanos e tentarei lhe arrumar um avião. Farei tudo o que puder. Mas devo lhe dizer desde já que as minhas chances de sucessos são praticamente nulas.

— Agradeço tudo o que fizer.

O cônsul levantou-se para sair. Perot acrescentou:

— É muito importante que minha presença na Turquia seja mantida em segredo. Neste momento, as autoridades iranianas não sabem onde meus homens estão. Se descobrirem que estou aqui, poderão imaginar como meus homens estão tentando escapar. E isso seria uma catástrofe. Por isso, suplico-lhe que seja discreto,

— Compreendo perfeitamente.

O cônsul se retirou.

Poucos minutos depois, o telefone tocou. Era T. J. Marquez, ligando de Dallas.

— Perot, você está na primeira página do jornal de hoje.

Perot sentiu um frio no coração: toda a operação fora descoberta. T. J. acrescentou:

— O governador acaba de nomeá-lo para presidente da Comissão de Tóxicos.

Perot voltou a respirar.

— Marquez, você me deu um susto — T. J. riu, enquanto Perot acrescentava: — Não deveria fazer isso com um velho. Você me deixou tremendo.

— Espere um instante, Ross. Margot está na outra linha. Ela quer apenas lhe desejar um feliz Dia dos Namorados.

Perot só então se lembrou que era o dia 14 de fevereiro.

— Diga a ela que estou completamente seguro e vigiado durante todo o tempo por duas lindas louras.

— Espere um pouco que vou falar com ela. — T. J. voltou à linha um minuto depois, rindo. — Ela disse: não é interessante que você precise de duas para substituí-la?

Perot riu. Entrara direitinho: deveria ter imaginado que era melhor não sair com uma dessas para cima de Margot.

— E agora me diga: já conseguiu entrar em contato com Teerã?

— Já, sim. A telefonista internacional nos arrumou uma linha, mas nós a perdemos com um número errado. E depois a A.T. & T. nos providenciou uma linha e pudemos falar com Gholam.

— E aí?

— Nada. Não há qualquer notícia deles.

A animação temporária de Perot se desvaneceu.

— O que perguntaram a ele?

— Falamos apenas: “Tem algum recado para nós?” Ele respondeu que não.

— Oh, diabo!

Perot quase desejou que a Equipe Suja tivesse ligado para informar que estava em dificuldades, pois assim saberia pelo menos onde se encontravam.

Ele despediu-se de T. J. e preparou-se para deitar. Perdera o contato com a Equipe Limpa, perdera o contato com Boulware e agora não conseguia descobrir onde se encontrava a Equipe Suja. Não conseguira arrumar um avião em que sair para procurá-los. Toda a operação era uma confusão... e não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer.

O suspense estava matando-o. Ele compreendeu que nunca experimentara tanta tensão em toda a sua vida. Vira homens desmoronarem sob pressão, mas nunca fora realmente capaz de entender o sofrimento deles, porque era algo que nunca lhe acontecera. Normalmente, a pressão não o transtornava... ao contrário, fazia até com que se expandisse. Mas agora era diferente.

Ele violou a sua própria regra e permitiu-se pensar em todas as coisas ruins que poderiam acontecer. O que estava em jogo agora era a sua liberdade: se aquela operação de resgate saísse errada, ele acabaria na cadeia. Já organizara um exército de mercenários, fora conivente com o uso falso de passaportes americanos, promovera a falsificação de cartões de identidade militar americanos, conspirava para uma travessia ilegal da fronteira. Esperava ser metido numa prisão nos Estados Unidos e não na Turquia. O pior seria se os turcos o mandassem para o Irã, a fim de ser julgado por seus "crimes" lá.

Ele ficou acordado na cama de hotel, angustiado com a Equipe Limpa, com a Equipe Suja, com Boulware, consigo mesmo. Não havia mais nada que pudesse fazer além de agüentar firme e esperar. No futuro, seria mais compreensivo com os homens que ele punha sob pressão. Se tivesse um futuro.

5

Coburn estava tenso, observando Simons.

Todos estavam sentados num círculo, no tapete persa, esperando pelo "juiz". Simons dissera a Coburn, antes de saírem de Teerã:

— Fique de olho em mim.

Até agora, Simons se mantivera passivo, deixando que Rashid cuidasse de toda a conversa, permitindo que a equipe fosse presa. Mas podia chegar o momento em que ele mudaria de tática. Se ele resolvesse começar uma briga, informaria a Coburn uma fração de segundo antes que acontecesse.

O juiz chegou.

Com cerca de 50 anos de idade, ele usava um blusão azul-escuro, com uma suéter bege clara por baixo, a camisa aberta no pescoço. Dava a impressão de ser um profissional liberal, talvez um médico ou advogado. Tinha um 45 metido no cinto.

Rashid reconheceu-o. Seu nome era Habib Bolourian e era um eminente comunista.

Bolourian sentou-se no espaço que Simons justamente lhe reservara. Ele disse alguma coisa em farsi e o rapaz de terno, que assumiu agora o papel de intérprete, pediu os passaportes de todos.

Vai ser agora, pensou Coburn; este é o momento em que nos meteremos numa encrenca. Ele vai olhar o passaporte de Bill e perceberá que é de outro homem.

Os passaportes foram empilhados no tapete, diante de Bolourian. Ele olhou para o de cima. O intérprete começou a anotar detalhes. Houve alguma confusão sobre sobrenomes e primeiros nomes: por

algum motivo, os iranianos freqüentemente misturavam tudo. Rashid estava passando os passaportes para Bolourian e Gayden se inclinava e apontava as coisas. Coburn percebeu que os dois contribuíam para tomar a confusão ainda maior. Rashid entregava a Bolourian o mesmo passaporte mais de uma vez; Gayden, inclinando-se para esclarecer alguma coisa, dava um jeito de cobrir a fotografia.

Coburn não pôde deixar de admirar a coragem e sangue-frio dos dois.

Ao final, os passaportes foram devolvidos. Coburn teve a impressão que o de Bill não chegara a ser aberto em momento algum.

Bolourian começou a interrogar Rashid em farsi. Rashid parecia estar contando a história oficial, de que eram apenas homens de negócios americanos comuns, tentando deixar o Irã, com alguns acréscimos, sobre membros de família à beira da morte, nos Estados Unidos. O intérprete acabou dizendo, em inglês:

— Podem nos contar o que exatamente estão fazendo aqui?

Rashid respondeu prontamente:

— Ora, já falei...

Um guarda por trás dele puxou a trava de sua metralhadora e encostou o cano na nuca de Rashid. Rashid ficou calado. Era evidente que o intérprete queria ouvir o que os americanos tinham a dizer, a fim de ver se a história deles combinava com a de Rashid. A atitude do guarda era um lembrete brutal de que estavam em poder de revolucionário violentos. Gayden, como o executivo mais importante da EDS entre os presentes, respondeu ao intérprete:

— Todos trabalhamos para uma companhia de processamento de dados chamada PARS Data Systems ou PDS.

Na verdade, a PDS era a companhia iraniana de propriedade conjunta da EDS e de Abolfath Mahvi. Gayden não mencionou a EDS

porque, como Simons ressaltara antes de deixarem Teerã, Dadgar poderia ter emitido uma ordem de prisão em branco contra qualquer pessoa ligada à empresa americana. Gayden acrescentou, contando a verdade — mas não toda a verdade:

— Tínhamos um contrato com o Banco Omran. Não estávamos recebendo, as pessoas jogavam pedras em nossas janelas, não tínhamos mais dinheiro, sentíamos saudade de nossas famílias e queríamos voltar para casa. O aeroporto estava fechado e resolvemos deixar o Irã de carro.

— A mesma coisa aconteceu comigo — disse o intérprete. —

Eu queria voar para a Europa, mas o aeroporto estava fechado.

Podemos ter um aliado aqui, pensou Coburn.

Bolourian perguntou e o intérprete traduziu:

— Vocês tinham um contrato com o ISIRAN?

Coburn ficou atônito. Para alguém que passara 25 anos na prisão, Bolourian estava extraordinariamente bem informado. O

ISIRAN, o Sistema de Informações do Irã, era uma companhia de processamento de dados que fora outrora de Abolfath Mahvi e vendida posteriormente ao governo. Todos estavam convencidos de que a companhia tinha vínculos estreitos com a polícia secreta, a SAVAK. O que era pior é que a EDS tinha de fato um contrato com o ISIRAN. Em associação, as duas companhias haviam criado um sistema de controle de documentos para a marinha iraniana, em 1977.

— Não temos absolutamente nenhuma relação com o ISIRAN

— mentiu Gayden.

— Podem dar alguma prova de que realmente trabalham para essa PDS?

Isso era um problema. Antes de deixarem Teerã, eles haviam destruído todos os documentos relacionados com a EDS, por instruções de Simons. Agora, todos revistaram os bolsos à procura de alguma coisa que pudessem ter esquecido. Keane Taylor encontrou o seu cartão de seguro de saúde, com “Electronic Data Systems Corp.” impresso no fundo. Entregou ao intérprete, dizendo:

— A Electronic Data Systems é a companhia matriz da PDS.

Bolourian levantou-se e saiu da sala.

O intérprete, os curdos armados e os homens da EDS ficaram esperando, em silêncio.

Coburn pensou: *O que vai acontecer agora? Seria possível que Bolourian soubesse que a EDS já tivera um contrato com o ISIRAN?*

Se assim fosse, será que ele tiraria a conclusão de que os homens da EDS estavam ligados à SAVAK? Ou sua pergunta sobre o ISIRAN

fora apenas um tiro no escuro? Nesse caso, será que ele acreditava que eles eram mesmo executivos comuns, tentando deixar o Irã?

Em frente a Coburn, no outro lado do círculo, Bill sentia-se estranhamente em paz. Alcançara o auge do medo durante o interrogatório e estava agora simplesmente incapaz de se preocupar por mais tempo. *Nós nos empenhamos ao máximo para escapar, pensou ele; se resolverem nos encostar no muro agora e nos fuzilar, então que assim seja.*

Bolourian voltou, carregando uma arma.

Coburn olhou para Simons: os olhos dele estavam fixados na arma.

Era uma velha carabina M1, que parecia datar da Segunda Guerra Mundial.

Ele não pode atirar em todos nós com essa arma, pensou Coburn.

Bolourian estendeu a arma para o intérprete e disse alguma coisa em farsi.

Coburn contraiu os músculos para entrar em ação. Haveria uma confusão infernal se abrissem fogo naquela sala... O intérprete pegou a velha carabina e disse:

— Agora vocês serão nossos hóspedes. Vamos tomar um chá.

Bolourian escreveu num pedaço de papel e entregou-o ao intérprete. Coburn compreendeu que Bolourian simplesmente entregara a arma ao intérprete e lhe dera uma permissão para portá-la.

— Por Deus — murmurou Coburn — pensei que ele fosse atirar em nós!

O rosto de Simons permaneceu impassível. O chá foi servido.

Estava agora escuro lá fora. Rashid perguntou se não havia algum lugar em que os americanos pudessem passar a noite. O

intérprete disse:

— Vocês serão nossos hóspedes. Cuidarei de todos pessoalmente.

Coburn pensou: *Ele precisa de uma arma para isso?* O

intérprete acrescentou:

— Pela manhã, nosso *mullah* vai escrever um bilhete ao *mullah* de Rezaiyeh, pedindo para deixar vocês passarem.

Coburn murmurou para Simons:

— O que você acha? Devemos passar a noite aqui ou seguir em frente?

— Acho que não temos opção — respondeu Simons. — Ele estava apenas sendo polido quando falou em “hóspedes”.

Eles tomaram o chá, e depois o intérprete anunciou:

— E agora vamos jantar.

Todos se levantaram e puseram os sapatos. Encaminhando-se para os carros, Coburn notou que Gayden estava claudicando.

— O que há com seus pés?

— Não fale tão alto — sussurrou Gayden. — Todo o dinheiro está metido nos sapatos e os pés estão me matando.

Coburn riu.

Eles entraram nos carros e partiram, acompanhados pelos guardas curdos e pelo intérprete. Gayden tirou os sapatos furtivamente e ajeitou o dinheiro. Pararam num posto de gasolina. Gayden murmurou:

— Se não tivessem a intenção de nos deixar partir, não permitiriam que enchêssemos os tanques... não é mesmo?

Coburn deu de ombros.

Seguiram para o restaurante da cidade. Os homens da EDS

sentaram-se. Os guardas ocuparam mesas em torno deles, formando um círculo irregular e isolando-os dos moradores da cidade.

Um aparelho de televisão estava ligado. O Aiatolá Khomeini fazia um discurso. Paul pensou: *Santo Deus, tinha de ser logo agora, quando estamos numa encrenca, que esse cara sobe ao poder!* O

intérprete explicou que Khomeini estava dizendo que os americanos não deveriam ser molestados, permitindo-se que deixassem o Irã incólumes. Paul sentiu-se melhor.

Serviram *cheila kebab*, carneiro com arroz. Os guardas comeram vorazmente, os rifles encostados nas mesas, ao lado dos pratos.

Keane Taylor comeu um pouco de arroz e depois largou a colher. Estava com dor de cabeça. Vinha partilhando o volante com Rashid e experimentava a sensação de que o sol estivera em seus olhos durante o dia inteiro. Estava também preocupado, pois lhe ocorrera que Bolourian poderia telefonar para Teerã durante a noite e investigar a EDS. Os guardas lhe disseram, com gestos, que comesse, mas ele limitou-se a tomar uma Coca-Cola.

Coburn também não estava com fome. Recordara que deveria ter telefonado para Gholam. Já era tarde. Eles deveriam estar terrivelmente preocupados em Dallas. Mas o que deveria dizer a Gholam... que estavam bem ou que estavam numa encrenca?

Houve alguma discussão sobre quem deveria pagar a conta, quando terminou o jantar. Rashid disse que os guardas queriam pagar.

Os americanos estavam preocupados, não querendo ofender os guardas ao se oferecerem para pagar, quando eram supostamente hóspedes. Mas também queriam ganhar as boas graças daqueles homens. Ao final, Keane Taylor pagou para todo mundo. Quando estavam saindo, Coburn disse ao intérprete:

— Eu gostaria de telefonar para Teerã e avisar ao nosso pessoal que estamos bem.

— Está bem.

Eles foram para a agência dos correios. Coburn e o intérprete entraram. Havia uma multidão esperando para usar as três ou quatro cabines telefônicas. O intérprete falou com alguém por trás do balcão e depois disse a Coburn:

— Todas as linhas para Teerã estão ocupadas. Está muito difícil fazer uma ligação.

— Não podemos voltar mais tarde?

— Não há problema.

Saíram da cidade no escuro. Depois de alguns minutos, pararam diante de um portão em uma cerca. O luar mostrava os contornos distantes do que devia ser uma represa.

Houve uma longa espera, enquanto se procurava pelas chaves do portão. Eles passaram e se descobriram num pequeno parque, cercado um prédio moderno de dois andares, de granito branco. O

intérprete explicou:

— Este é um dos palácios do Xá. Ele só o usou uma vez, quando inaugurou a usina hidrelétrica. Mas nós vamos usá-lo esta noite.

Eles entraram no prédio. O interior estava agradavelmente quente. O intérprete comentou, indignado:

— O aquecimento passou três anos ligado, para a possibilidade do Xá aparecer algum dia.

Todos subiram e foram dar uma olhada em seus aposentos.

Havia uma luxuosa suíte real, com um enorme banheiro. Ao longo do corredor, havia quartos menores, cada um com duas camas de solteiro e um banheiro em anexo, presumivelmente para a guarda pessoal do Xá. Debaixo de cada cama havia um par de chinelas.

Os americanos foram para os quartos dos guardas e os revolucionários curdos ocuparam a suíte do Xá. Um deles resolveu tomar um banho. Os americanos puderam ouvi-lo a jogar água para todo lado, gritando de alegria. O homem emergiu depois de algum tempo. Era o mais alto e o mais corpulento dos curdos e vestira o mais luxuoso roupão do Xá. Ele avançou pelo corredor, enquanto os companheiros desatavam a rir. Entrou no quarto de Gayden, dizendo em inglês de forte sotaque:

— Um cavalheiro completo.

Gayden desatou a rir. Coburn disse a Simons:

— Qual é o esquema para amanhã?

— Eles querem nos escoltar a Rezaiyeh e nos entregar ao chefe de lá — explicou Simons. — Será útil tê-lo conosco, se encontrarmos mais bloqueios na estrada. Mas quando chegarmos a Rezaiyeh talvez possamos convencê-los a nos levarem à casa do professor e não ao encontro do chefe.

Coburn assentiu.

— Está certo.

Rashid parecia preocupado e sussurrou:

— Esses homens são maus. Não se pode confiar neles. Temos de sair daqui.

Coburn não tinha certeza se confiava nos curdos, mas estava certo de que haveria problemas se os americanos tentassem escapar agora. Ele notou que um dos guardas tinha um rifle G3. E comentou:

— Ali está uma arma realmente boa.

O guarda sorriu, parecendo compreender.

— Eu nunca tinha visto um rifle desses antes — acrescentou Coburn.

— Como se carrega?

— Carregar... assim.

O guarda mostrou como se fazia, explicou todo o funcionamento do rifle. Falava inglês o bastante para se fazer entender, com a ajuda de gestos.

Depois de algum tempo, Coburn percebeu que era ele quem estava agora empunhando o rifle.

Começou a relaxar.

Os outros queriam tomar um banho de chuveiro, mas Gayden foi o primeiro e consumiu toda a água quente. Paul tomou um banho frio.

Já se acostumara, nas últimas semanas, com os banhos frios.

Souberam alguma coisa a respeito do intérprete. Ele estava estudando na Europa e se encontrava no Irã em férias quando a revolução estourara, impedindo-o de voltar. Era por isso que sabia que o aeroporto estava fechado. Era meia-noite quando o Coburn perguntou-lhe:

— Podemos tentar aquele telefonema outra vez?

— Claro.

Um dos guardas acompanhou Coburn até a cidade. Entraram na agência dos correios, que ainda estava aberta. Mas não havia qualquer linha para Teerã.

Coburn esperou até duas horas da madrugada e depois desistiu.

Quando voltou ao palácio, ao lado da represa, todos estavam profundamente adormecidos.

Ele foi deitar-se. Pelo menos ainda estavam todos vivos. Já era o bastante para sentir-se grato. Ninguém sabia o que os aguardava até a fronteira. Mas ele deixaria para se preocupar com isso depois que acordasse.

DOZE

1

— Acorde, Coburn! Temos de partir!

A voz rouca de Simons penetrou por fim na mente de Coburn.

Ele abriu os olhos, pensando: *Onde estou? No palácio do Xá, em Mahabad. Oh, merda.* Ele se levantou.

Simons estava aprontando a Equipe Suja para partir, mas não havia qualquer sinal dos guardas. Aparentemente, ainda estavam todos dormindo. Os americanos fizeram barulho bastante e os curdos acabaram emergindo da suíte real. Simons disse a Rashid:

— Avise a eles que temos de partir, pois estamos com pressa.

Nossos amigos nos esperam na fronteira.

Rashid falou com os guardas e depois informou:

— Temos de esperar.

Simons não gostou.

— Por quê?

— Todos eles querem tomar um banho de chuveiro.

Keane Taylor interveio:

— Não sei por que a urgência. A maioria não toma um banho há uns dois anos e era de se imaginar que pudessem perfeitamente esperar por mais um dia.

Simons conteve sua impaciência por meia hora e depois mandou Rashid dizer aos guardas outra vez que o grupo estava com pressa.

— Temos de ver o banheiro do Xá — disse Rashid.

— Mas já vimos! — explodiu Simons. — Por que a demora?

Todos foram para a suíte real e se mostraram devidamente chocados com o luxo vergonhoso do palácio que não era usado.

Mesmo assim, os guardas continuaram lá dentro.

Coburn se perguntou o que estaria acontecendo. Será que eles tinham mudado de idéia sobre escoltar os americanos até a cidade seguinte? Bolourian teria verificado a EDS durante a noite? Simons não poderia ser mantido ali a esperar por muito mais tempo...

O jovem intérprete finalmente apareceu e eles descobriram que os guardas estavam justamente esperando por sua chegada. O plano permanecia inalterável: um grupo de curdos acompanharia os americanos na próxima etapa da viagem. Simons disse:

— Temos amigos em Rezaiyeh. Gostaríamos de ficar na casa deles, ao invés de nos encontrarmos com o chefe local.

— Não é seguro — disse o intérprete. — A luta é intensa ao norte daqui... a cidade de Tabriz ainda está em poder dos partidários do Xá. Devo entregá-los a pessoas que possam protegê-los.

— Está certo. Mas podemos partir agora?

— Claro.

Eles partiram.

Seguiram para a cidade e receberam ordens de parar diante de uma casa. O intérprete entrou. Ficaram esperando. Alguém comprou pão e queijo. Coburn saiu do carro e foi falar com Simons.

— O que está acontecendo?

— Esta é a casa do *mullah* — explicou Rashid. — Ele está escrevendo uma carta a nosso respeito para o *mullah* de Rezaiyeh.

Cerca de uma hora transcorreu antes que o intérprete saísse com a carta prometida.

Foram em seguida para o posto policial e ali encontraram o veículo da escolta: uma ambulância branca, com uma luz vermelha no teto, as janelas cobertas, alguma identificação rabiscada no lado, em farsi, com tinta vermelha, presumivelmente dizendo “Comitê Revolucionário de Mahabad” ou algo parecido. Estava lotada de curdos empunhando armas.

Não havia mais qualquer possibilidade de viajarem sem chamarem muita atenção.

Finalmente saíram pela estrada, com a ambulância seguindo na frente.

Simons estava preocupado com Dadgar. Era evidente que ninguém em Mahabad fora alertado para procurar por Paul e Bill, mas Rezaiyeh era uma cidade muito maior. Simons não sabia se a autoridade de Dadgar se estendia por todo o país. Tudo o que sabia era que Dadgar sempre surpreendera a todos até agora por sua dedicação e por sua capacidade de persistir através de mudanças de governo.

Simons preferia que o grupo não fosse levado à presença das autoridades de Rezaiyeh.

— Temos bons amigos em Rezaiyeh — disse ele ao jovem intérprete.
— Se pudesse nos levar para a casa deles, estaríamos perfeitamente seguros lá.

— Não é possível — respondeu o intérprete. — Se eu desobedeces se às ordens e acontecesse alguma coisa com vocês teria de pagar o diabo.

Simons desistiu. Era evidente que eram tanto prisioneiros dos curdos quanto hóspedes. A revolução em Mahabad se caracterizava pela disciplina comunista e não pela anarquia islâmica. A única maneira de se livrarem da escolta seria pela violência. E Simons ainda não estava disposto a arriscar uma luta.

Pouco depois de saírem da cidade, a ambulância deixou a estrada e parou, para tomarem um café.

— Por que estamos parando? — perguntou Simons.

— Para o café da manhã — explicou o intérprete.

— Não precisamos de café da manhã — disse Simons, incisivamente.

— Mas...

— Não precisamos de café da manhã!

O intérprete deu de ombros e gritou alguma coisa para os curdos que saíam da ambulância. Eles tomaram a embarcar e o comboio seguiu em frente.

Chegaram aos arredores de Rezaiyeh ao final da manhã.

O caminho estava barrado pelo inevitável bloqueio. Este era mais sério, ao estilo militar, com veículos estacionados, sacos de areia, arame farpado. O comboio diminuiu a velocidade e um guarda armado acenou-lhes para que deixassem a estrada e entrassem no pátio de um posto de gasolina, que fora convertido em posto de comando. O

caminho de acesso estava coberto por metralhadoras instaladas no prédio do posto.

A ambulância não freou com a antecedência necessária e foi bater na cerca de arame farpado.

Os dois Range Rovers pararam de maneira ordenada.

A ambulância foi imediatamente cercada por guardas e começou uma discussão. Rashid e o intérprete foram até lá. Os revolucionários de Rezaiyeh não presumiam automaticamente que os revolucionários de Mahabad estavam do seu lado. Os homens de Rezaiyeh eram azerbaijanos e não curdos e a discussão foi em turco, além de farsi.

Parecia que os curdos estavam sendo intimados a entregarem suas armas e se recusavam, furiosos. O intérprete estava mostrando o bilhete do *mullah* de Mahabad. Ninguém estava prestando a menor atenção a Rashid, que subitamente se tornara um forasteiro. O intérprete e Rashid acabaram voltando para os carros.

— Vamos levar vocês para um hotel — disse o intérprete. — E depois irei falar com o *mullah*.

A ambulância estava emaranhada no arame farpado e teve de ser arrancada com alguma dificuldade, antes de poderem partir. Guardas do bloqueio escoltaram-nos até a cidade.

Era uma cidade grande pelos padrões das províncias iranianas.

Tinha muitos prédios de concreto e pedra, algumas ruas eram pavimentadas, O comboio parou numa rua mais larga. Podiam-se ouvir gritos distantes. Rashid e o intérprete entraram num prédio, presumivelmente um hotel; os outros ficaram esperando.

Coburn estava otimista. Não se punham prisioneiros num hotel antes de fuzilá-los. Era apenas uma questão administrativa.

Os gritos distantes se tornaram mais altos e uma multidão apareceu no final da rua. Do carro de trás, Coburn gritou:

— Que diabo está acontecendo?

Os curdos saltaram da ambulância e cercaram os dois Range Rovers, formando um semicírculo diante do carro da frente. Um deles apontou para a porta de Coburn e fez um movimento como o de girar uma chave.

— Tranquem as portas! — gritou Coburn para os outros.

A multidão se aproximou. Coburn percebeu que era alguma espécie de desfile. À frente da procissão havia diversos oficiais do exército, os uniformes esfarrapados. Um deles estava em lágrimas.

— Sabem o que eu penso? — disse Coburn. — O exército acaba de render-se e estão levando os oficiais em triunfo pela rua principal.

A multidão vingativa envolveu os veículos, empurrando os guardas turcos e olhando pelas janelas com expressões hostis. Os curdos mantiveram-se em seus postos, tentando desviar as pessoas dos carros. Parecia que a situação poderia transformar-se em luta a qualquer momento.

— A situação está ficando feia — comentou Gayden.

Coburn ficou atento ao carro da frente, tentando imaginar o que Simons faria. Viu o cano de uma arma apontado pela janela no lado do motorista.

— Não olhe agora, Paul, mas alguém está apontando uma arma para a sua cabeça.

— Santo Deus!

Coburn podia imaginar o que aconteceria em seguida: a multidão começaria a balançar os carros, depois os viraria...

E, subitamente, tudo terminou. Os soldados derrotados eram a atração principal; quando eles passaram, a multidão foi atrás. Coburn relaxou. Paul disse:

— Por um momento, cheguei a pensar...

Rashid e o intérprete saíram do hotel. Rashid disse:

— Eles não querem aceitar um bando de americanos em seu hotel. Não estão dispostos a correr o risco. — Coburn presumiu que isso significava que a ebulição na cidade era tão grande que o hotel podia ser incendiado pela multidão, caso aceitasse estrangeiros. —

Temos de ir para o quartel-general revolucionário.

Eles seguiram adiante. Havia uma atividade febril nas ruas: filas de caminhões de todos os tamanhos e tipos estavam sendo carregados com suprimentos, presumivelmente para os revolucionários que ainda lutavam em Tabriz. O comboio parou no que parecia ser uma escola.

Havia uma multidão imensa e ruidosa no lado de fora do pátio, aparentemente esperando para entrar. Depois de alguma discussão, os curdos convenceram a sentinela no portão a permitir a passagem da ambulância e dos dois Range Rovers. A multidão reagiu furiosa quando os estrangeiros entraram. Coburn deixou escapar um suspiro de alívio quando o portão do pátio tomou a se fechar, por trás deles.

Saíram dos carros. O pátio estava apinhado de automóveis. Um *mullah* estava parado ao lado de caixotes de rifles, celebrando uma cerimônia ruidosa e veemente com um bando de homens. Rashid explicou:

— Ele está jurando novos soldados para irem a Tabriz e lutarem pela revolução.

Os guardas levaram os americanos para o prédio da escola, num dos lados do pátio. Um homem desceu os degraus e começou a gritar com eles, furiosamente, apontando para os curdos. Rashid traduziu:

— Eles não podem entrar armados no prédio.

Coburn percebeu que os curdos começavam a ficar nervosos.

Descobriam surpresos que estavam em território hostil. Mostraram o bilhete do *mullah* de Mahabad. Houve mais discussão. Rashid finalmente disse:

— Todos terão de ficar esperando aqui. Vou entrar para falar com o líder do comitê revolucionário.

Ele subiu os degraus e desapareceu. Paul e Gayden acenderam cigarros. Paul sentia-se assustado e desanimado. Estava convencido de que aqueles homens entrariam em contato com Teerã e descobririam tudo a seu respeito. Voltar à prisão poderia ser a menor de suas preocupações agora. Ele disse a Gayden:

— Estou profundamente grato pelo que fizeram por mim, mas é uma pena, porque de nada adiantou.

Coburn estava mais preocupado com a multidão além do portão.

Ali dentro, pelo menos havia alguém tentando manter a ordem. Lá fora, os lobos estavam desenfreados. E se convencessem um guarda a abrir portão? Haveria um linchamento. Em Teerã, um homem — um iraniano — que fizera alguma coisa para irritar a multidão, fora literalmente esquartejado, os braços e pernas arrancados pelas pessoas histéricas, enlouquecidas.

Os guardas brandiram suas armas, indicando que os americanos deveriam deslocar-se para um lado do pátio, permanecendo encostados no muro. Eles obedeceram, sentindo-se extremamente

vulneráveis. Coburn examinou o muro. Tinha buracos de balas. Paul também os viu e ficou muito pálido, murmurando:

— Deus do Céu! Acho que não há mais escapatória!

Rashid perguntou a si mesmo: *Qual será a psicologia do líder do comitê revolucionário?*

Ele tem um milhão de coisas para fazer, pensou Rashid. Acaba de assumir o controle desta cidade e nunca antes esteve no poder.

Precisa lidar com os oficiais do exército derrotado, deve prender os suspeitos de serem agentes da SAVAK e interrogá-los, terá de pôr a cidade a funcionar normalmente, tomar providências para enfrentar uma possível contra-revolução e ainda tem de enviar soldados para lutar em Tabriz. Tudo o que ele quer fazer, concluiu Rashid, é riscar coisas de sua lista. Não tem tempo ou simpatia por americanos em fuga. Se tiver de tomar uma decisão, será simplesmente a de nos meter na cadeia por enquanto, deixando para resolver nosso problema mais tarde, quando tiver tempo. Portanto, devo cuidar para que ele não se decida por qualquer coisa.

Rashid foi introduzido numa sala de aula. O líder estava sentado no chão. Era um homem alto e forte, com a emoção da vitória estampada no rosto. Mas parecia exausto, confuso e apreensivo. O

guarda que acompanhava Rashid disse em farsi:

— Esse homem vem de Mahabad com uma carta do mullah... e tem seis americanos com ele.

Rashid pensou num filme a que assistira, em que um homem entrava num prédio fortemente guardado, exibindo sua carteira de motorista, ao invés de um passe. Quando se tinha confiança suficiente, sempre se podia dominar as suspeitas dos outros.

— Nada disso — interveio Rashid, prontamente. — Venho do Comitê Revolucionário de Teerã. Há cinco ou seis mil americanos em Teerã e resolvemos mandá-los de volta à sua terra. O aeroporto está fechado e por isso vamos despachá-los por este caminho. Obviamente, precisamos tomar providências e acertar uma rotina para cuidar de toda essa gente. É por isso que estou aqui. Mas você já tem muitos problemas para resolver... talvez fosse melhor eu discutir os detalhes com seus subordinados.

— Tem razão.

O líder acenou para que eles se retirassem. Era a técnica da Grande Mentira e dera certo. Passaram para outra sala, onde cinco ou seis homens tomavam chá. Rashid falou com o vice-líder, em voz alta o bastante para que os outros ouvissem:

— Esses americanos querem apenas voltar para sua terra e se encontrar com suas famílias. Estamos felizes em nos livrarmos deles e queremos tratá-los bem, a fim de que não tenham qualquer coisa contra o novo regime.

— Por que está levando americanos com você agora? —

perguntou o vice-líder.

— Estamos fazendo uma viagem de experiência. Assim, descobriremos quais são exatamente os problemas.

— Mas não precisa deixá-los atravessar a fronteira.

— Claro que vou deixar. São homens de bem, que nunca fizeram qualquer mal a nosso país. Têm esposas e filhos esperando em sua terra... e um deles está inclusive com um filho pequeno morrendo num hospital. Assim, o Comitê Revolucionário de Teerã deu-me instruções para levá-los ao outro lado da fronteira...

Rashid continuou a falar. De vez em quando, o vice-líder o interrompia com uma pergunta. Para quem os americanos trabalhavam? O que faziam? Como Rashid podia saber que não eram agentes da SAVAK em missão de espionagem para os contrarrevolucionários em Tabriz? Rashid tinha uma resposta para cada pergunta — e uma resposta sempre longa. Enquanto estivesse falando, poderia ser persuasivo. Mas se ficasse em silêncio, os outros teriam tempo para pensar em objeções. Pessoas entravam e saíam a todo instante. O vice-líder deixou a sala por três ou quatro vezes. Ele anunciou finalmente:

— Tenho de obter uma confirmação de Teerã para tudo isso.

Rashid sentiu um frio no coração. É claro que ninguém em Teerã confirmaria sua história. Mas levaria uma eternidade para se concluir a ligação.

— Tudo já foi confirmado em Teerã e não há necessidade de reconfirmar. Mas se você insiste, levarei os americanos para esperar num hotel. — Uma pausa e ele acrescentou: — É melhor mandar alguns guardas conosco.

O vice-líder teria enviado os guardas de qualquer maneira; pedir por eles era um meio de atenuar as suspeitas.

— Não sei...

— Este não é um bom lugar para mantê-los — insistiu Rashid.

— Poderia haver problemas e eles sairiam feridos.

Ele prendeu a respiração. Ali estavam encurralados. Num hotel teriam pelo menos uma oportunidade de tentarem alcançar a fronteira...

— Está bem — disse o vice-líder.

Rashid ocultou seu alívio.

Paul sentiu-se profundamente grato ao ver Rashid descendo os degraus da escola. Fora uma longa espera. Ninguém chegara a apontar armas para eles, mas haviam sido o alvo de incontáveis olhares hostis.

— Podemos ir para o hotel — informou Rashid.

Os curdos de Mahabad apertaram as mãos deles e depois partiram em sua ambulância. Poucos momentos depois, os americanos partiram nos dois Range Rovers, seguidos por quatro ou cinco guardas armados, em outro carro. Foram para o hotel. Desta vez todos entraram. Houve uma discussão entre o gerente do hotel e os guardas.

Os guardas acabaram vencendo e os americanos receberam quatro quartos no terceiro andar, nos fundos. Receberam ordens para manterem as cortinas fechadas e ficarem longe das janelas, pois sempre havia atiradores locais de tocaia que podiam pensar que os americanos eram alvos convidativos.

Eles se reuniram num dos quartos. Podiam ouvir tiros distantes.

Rashid providenciou o almoço e comeu junto com eles: galinha frita, arroz, pão e Coca-Cola. Depois, ele foi para a escola.

Os guardas entravam e saíam do quarto a todo instante, empunhando seus rifles. Um deles impressionou Coburn como sendo perigoso e mau. Era jovem, baixo e musculoso, cabelos pretos, olhos parecidos com os de uma cobra. À medida que a tarde foi avançando, ele pareceu ficar cada vez mais entediado. Em determinado momento, ele entrou no quarto e disse:

— Carter não presta.

Ele olhou ao redor, à procura de uma reação.

— CIA não presta. América não presta.

Ninguém respondeu. Ele saiu.

— Esse cara está procurando encrenca — comentou Simons.

calmamente. — Ninguém deve morder a isca.

O guarda tentou novamente, pouco depois.

— Sou muito forte — anunciou ele. — Luta livre. Campeão.

Estive na Rússia.

Ninguém disse nada. Ele sentou-se e mexeu na arma, como se não soubesse de que maneira carregada. Apelou para Coburn:

— Conhece armas?

Coburn sacudiu a cabeça. O guarda olhou para os outros:

— Conhecem armas?

A arma era um M1, um rifle com que todos estavam familiarizados. Mas ninguém disse nada.

— Querem trocar? — disse o guarda. — Esta arma por uma mochila?

Foi Coburn quem respondeu:

— Não temos uma mochila e não queremos uma arma.

O guarda desistiu e tornou a sair para o corredor. Simons indagou:

— Onde diabo se meteu Rashid?

2

O carro passou por um buraco, acordando Ralph Boulware com o solavanco. Ele sentia-se cansado e grogue, depois do sono curto e irrequieto. Olhou pelas janelas. Era o início da manhã. Avistou a margem de um vasto lago, tão grande que não podia ver o outro lado.

— Onde estamos?

— Este é o Lago Van — disse Charlie Brown, o intérprete.

Havia casas, aldeias e carros civis. Tinham saído da região montanhosa e selvagem e retornado ao que passava por civilização naquela parte do mundo. Boulware consultou um mapa. Calculou que estavam a cerca de 150 quilômetros da fronteira.

— Mas isso é ótimo!

Ele viu um posto de gasolina. Estavam mesmo de volta à civilização.

— Vamos encher o tanque.

Comeram pão e tomaram café no posto. O café era quase tão bom quanto um banho de chuveiro. Boulware sentia-se ansioso em seguir viagem. Disse a Charlie Brown:

— Avise ao velho que quero guiar.

O motorista do táxi vinha desenvolvendo uma velocidade de 50

ou 60 quilômetros horários, mas Boulware levou o velho Chevrolet a mais de 110. Tudo indicava que ainda tinha uma chance de alcançar a fronteira a tempo de se encontrar com Simons.

Seguindo pela estrada à beira do lago, Boulware ouviu de repente um estampido abafado, depois o barulho de alguma coisa se rasgando. O carro começou a sacolejar e houve um rangido de ferro em pedra. Um pneu furara.

Ele freou bruscamente, praguejando.

Todos saltaram e olharam para a roda: Boulware, o velho motorista do táxi, Charlie Brown e o gordo Ilsman. O pneu estava completamente destroçado e a roda deformada. E haviam usado o estepe na noite anterior.

Boulware olhou mais atentamente. As porcas da roda haviam sido arrancadas. Mesmo que conseguissem arrumar outro estepe, não poderiam remover a roda danificada. Boulware olhou ao redor. Havia uma casa no alto de uma colina.

— Vamos até lá — disse ele. — Poderemos telefonar.

Charlie Brown sacudiu a cabeça.

— Não há telefones por aqui.

Boulware não ia desistir agora, depois de tudo por que passara.

Estava perto demais.

— Está bem — disse ele a Charlie. — Pegue uma carona de volta à última cidade e nos arrume outro táxi.

Charlie começou a andar. Dois carros passaram por ele sem parar. Veio um caminhão que parou. Tinha feno e um bando de crianças na traseira. Charlie embarcou e o caminhão tomou a partir, logo desaparecendo.

Boulware, Ilsman e o motorista do táxi ficaram olhando para o lago, chupando laranjas.

Uma hora depois, uma pequena caminhonete européia se aproximou e parou junto deles, com um ranger dos pneus. Charlie saltou.

Boulware deu 500 dólares ao motorista de Adana e depois embarcou no novo táxi, junto com Ilsman e Charlie. Partiram, deixando o Chevrolet à beira do lago, parecendo uma baleia encalhada.

O novo motorista voava como o vento. Por volta de meio-dia já estavam em Van, na margem leste do lago. Van era uma cidade pequena, com prédios de alvenaria no centro e cabanas de sopapo nos arredores. Ilsman orientou o motorista para a casa de um primo do Sr.

Fish.

Pagaram ao motorista e entraram. Ilsman iniciou uma discussão com o primo do Sr. Fish. Boulware ficou sentado na sala, escutando, mas sem entender, impaciente em seguir adiante. Depois de uma hora, ele disse a Charlie:

— Vamos simplesmente pegar outro táxi. Não precisamos do primo.

— A região até a fronteira é um lugar horrível — explicou Charlie. — Somos estranhos aqui, vamos precisar de proteção.

Boulware forçou-se a ser paciente. Ilsman finalmente apertou a mão do primo do Sr. Fish e Charlie disse:

— Os filhos dele vão nos levar até a fronteira.

Eram dois filhos e dois carros.

Subiram pelas montanhas. Boulware não viu qualquer sinal dos bandidos perigosos contra os quais estavam sendo protegidos. Havia apenas campos cobertos de neve, cabras esqueléticas e umas poucas pessoas esfarrapadas, vivendo em choupanas.

Foram detidos pela polícia na aldeia de Yuksekova, a poucos quilômetros da fronteira. Receberam ordens de entrar na delegacia, um prédio caiado de branco. Ilsman mostrou as suas credenciais e foram soltos imediatamente. Boulware ficou impressionado. Talvez Ilsman trabalhasse realmente na equivalente turca da CIA.

Chegaram à fronteira às quatro horas da tarde de quinta feira, depois de 24 horas de viagem.

O posto da fronteira ficava no meio do nada. Consistia em dois prédios de madeira. Havia também uma agência dos correios.

Boulware não podia imaginar quem a usaria. Talvez motoristas de caminhão. A 200 metros de distância, no lado iraniano, havia um agrupamento maior de prédios.

Não havia qualquer sinal da Equipe Suja.

Boulware ficou furioso. Quase se matara para chegar ali mais ou menos a tempo. Onde diabo estava Simons? Um guarda saiu de um dos prédios de madeira e aproximou-se dele, perguntando:

— Está procurando pelos americanos?

Boulware ficou surpreso. Toda a coisa deveria ser ultra-secreta.

Parecia que a segurança fora violada.

— Isso mesmo. Estou procurando pelos americanos.

— Alguém está chamando-o ao telefone.

Boulware ficou ainda mais surpreso.

— Não é possível!

Era espantoso. Quem podia saber que ele estava ali? Boulware seguiu o guarda até a cabana e atendeu.

— Alô?

— Aqui é do consulado americano. Qual é o seu nome?

— Qual é o problema? — perguntou Boulware, cauteloso.

— Pode me dizer o que está fazendo aí?

— Não sei quem você é e não vou dizer o que vim fazer.

— Está certo. Mas eu sei quem você é e sei o que está fazendo aí. Se tiver algum problema, basta me telefonar. Tem um lápis à mão?

Boulware anotou o número, agradeceu ao desconhecido e desligou, aturdido. *Há uma hora eu não sabia que estaria aqui*, pensou ele; *então como outra pessoa poderia saber? E muito menos o consulado americano*. Ele pensou novamente em Ilsman. Talvez Ilsman estivesse em contato com seus superiores da MIT turca, que estava em contato com a CIA, que estava em contato com o consulado. Ilsman poderia ter pedido a alguém que lhe telefonasse, de Van. Ou então da delegacia de polícia de Yuksekova.

Ele se perguntou se era bom ou mau que o consulado soubesse o que estava acontecendo. Recordou-se da "ajuda" que Paul e Bill haviam recebido da embaixada americana em Teerã; com amigos no Departamento de Estado, um homem não precisava de inimigos.

Ele afastou o consulado para o fundo da mente. O problema principal agora era outro: onde estava a Equipe Suja?

Boulware saiu do prédio e olhou pela terra de ninguém.

Resolveu atravessá-la para falar com os iranianos. Chamou Ilsman e Charlie Brown para acompanharem-no.

Ao se aproximar do lado iraniano, ele percebeu que os guardas da fronteira ali não estavam de uniforme. Presumivelmente eram

revolucionários que haviam assumido o controle do posto, quando o governo caíra. Ele disse a Charlie:

— Pergunte a eles se souberam de americanos vindo para cá em dois jipes.

Charlie não precisou traduzir a resposta, pois os iranianos sacudiram a cabeça vigorosamente. Um membro curioso de uma tribo, com um pano esfarrapado na cabeça e empunhando um rifle antigo, aproximou-se pelo lado iraniano. Houve uma conversa um tanto prolongada e depois Charlie disse:

— Esse homem diz que sabe onde estão os americanos. Pode levá-lo até lá, se quiser pagar.

Boulware queria saber quanto, mas Ilsman não queria que ele aceitasse a oferta por qualquer preço. Ilsman falou incisivamente a Charlie, que traduziu:

— Você está usando casaco e luvas de couro, além de um relógio de pulso.

O relógio que Boulware usava lhe fora dado por Mary quando casaram.

— E daí?

— Com roupas assim, eles pensam que você é da SAVAK. E eles odeiam o pessoal da SAVAK.

— Posso trocar de roupa. Tenho outro casaco no carro.

— Não adiantaria — disse Charlie. — Tem de compreender que eles só querem levá-lo para lá a fim de estourar seus miolos.

— Está bem.

Eles voltaram para o lado turco. Já que havia uma agência dos correios tão convenientemente próxima, Boulware resolveu ligar para Istambul e falar com Perot. Entrou na agência. Teve que assinar seu nome, O funcionário informou que a ligação ia demorar.

Boulware saiu. Charlie informou que os guardas turcos da fronteira estavam ficando nervosos. Alguns iranianos tinham vindo com eles e os guardas não gostavam de pessoas perambulando pela terra de ninguém Criava muita confusão.

Boulware pensou: *Minha presença aqui não serve para nada.*

— Será que esses guardas nos chamariam se o nosso pessoal passar pela fronteira enquanto estivermos em Yuksekova?

Charlie perguntou. Os guardas concordaram. Disseram que havia um hotel na aldeia. Poderiam telefonar para lá.

Boulware, Ilsman, Charlie e os dois filhos do primo do Sr. Fish embarcaram nos dois carros e voltaram a Yuksekova.

Hospedaram-se no pior hotel do mundo. Os pisos eram de terra.

O banheiro não passava de um buraco no chão debaixo da escada.

Todas as camas ficavam num só quarto. Charlie Brown pediu comida e ela veio embrulhada num jornal.

Boulware não tinha certeza se tomara a decisão certa ao deixar o posto da fronteira. Muitas coisas poderiam sair erradas Talvez os guardas não telefonassem, como haviam prometido. Ele resolveu aceitar a oferta de ajuda do consulado americano, pedindo que obtivessem permissão para sua permanência no posto da fronteira.

Ligou para o número que lhe fora dado pelo único telefone do hotel.

Conseguiu falar, mas a ligação estava péssima e os dois lados tiveram dificuldade em se entender. O homem no outro lado acabou dizendo alguma coisa em ligar de volta e desligou.

Boulware ficou parado junto ao fogo, impaciente. Depois de algum tempo, não foi mais capaz de se controlar e resolveu voltar ao posto da fronteira, mesmo sem permissão.

Um pneu furou no caminho. Todos ficaram parados à beira da estrada, enquanto os filhos trocavam o pneu. Ilsman parecia nervoso.

Charlie explicou:

— Ele diz que é um lugar muito perigoso. Os homens por aqui são assassinos e bandidos.

Boulware estava cético. Ilsman concordara em fazer tudo aquilo por 8.000 dólares e Boulware desconfiava agora que o gordo queria aumentar seu preço.

— Pergunte a ele quantas pessoas foram mortas nesta estrada no último mês — disse Boulware a Charlie.

Ele ficou observando o rosto de Ilsman, enquanto este respondia. Charlie traduziu:

— Houve trinta e nove mortos.

Ilsman parecia sério. Boulware pensou: *Esse cara está dizendo a verdade*. Ele olhou ao redor. Montanhas, neve... Boulware estremeceu.

3

Em Rezaiyeh, Rashid pegou um dos Range Rovers e seguiu do hotel para a escola, que fora convertida em quartel-general revolucionário.

Não sabia se o vice-líder telefonara para Teerã. Coburn não conseguira arrumar uma linha, na noite anterior; a liderança revolucionária não teria o mesmo problema? Rashid concluiu que isso provavelmente aconteceria. Mas se o vice-líder não conseguisse falar com Teerã, o que haveria de querer fazer? Só tinha duas opções: ou mantinha os americanos presos ou deixava-os partir, sem verificar com Teerã. O homem podia sentir-se tolo o bastante para deixá-los partir sem conferir; talvez não quisesse que Rashid soubesse como as coisas por ali estavam desorganizadas. Rashid resolveu agir como se presumisse que a ligação fora feita, estando tudo confirmado.

Ele entrou no pátio. O vice-líder estava ali, encostado num Mercedes. Rashid começou a falar sobre os problemas de levar seis americanos pela cidade, a caminho da fronteira. Quantas pessoas poderiam ser acomodadas por uma noite em Rezaiyeh? Quais as condições do posto da fronteira em Sero, para suportar todo aquele movimento? Ele enfatizou que o próprio Aiatolá Khomeini dera instruções para que os americanos fossem bem tratados ao deixarem o Irã, pois o novo governo não queria se indispor com os Estados Unidos. Ele entrou no assunto da documentação. Talvez o comitê de Rezaiyeh devesse emitir passes para os americanos, autorizando-os a passar por Sero. Ele, Rashid, precisaria de passes agora, a fim de levar os seis americanos para o outro lado. Sugeriu que o vice-líder e ele entrassem na escola, a fim de prepararem os passes.

O vice-líder concordou. Foram para a Biblioteca.

Rashid encontrou papel e caneta, entregou ao vice-líder.

— O que vamos escrever? — disse Rashid. — Provavelmente devemos escrever um só papel: “A pessoa que leva esta carta pode passar por Sero com seis americanos.” Ou melhor, vamos por Barzagan ou Sero, caso o posto de Sero esteja fechado.

O vice-líder escreveu.

— Talvez devêssemos acrescentar... hum... “Espera-se que todos os guardas prestem o máximo de colaboração e assistência, se necessário escoltando os homens, que já foram devidamente investigados e identificados”.

O vice-líder escreveu. E depois assinou.

— Talvez devêssemos por Comitê de Comando da Revolução Islâmica — disse Rashid.

O vice-líder acatou a sugestão.

Rashid olhou para o documento. Parecia de certa forma inadequado, improvisado. Precisava de mais alguma coisa para adquirir a impressão de oficial. Ele encontrou um carimbo de borracha e uma almofada de tinta. Carimbou o documento. E depois leu o que dizia o carimbo: “Biblioteca da Escola de Religião. Fundada em 1344.”

Rashid pôs o documento no bolso.

— Provavelmente deveremos imprimir seis mil passes assim, faltando apenas assinar — comentou ele

O vice líder assentiu

— Podemos conversar mais sobre as providências amanhã —

acrescentou Rashid — Eu gostaria de ir para a fronteira agora, a fim de discutir o problema com as autoridades da fronteira:

— Está bem.

Rashid saiu. Nada era impossível.

Ele entrou no Range Rover. Decidiu que era uma boa idéia ir até a fronteira. Poderia descobrir quais os problemas que teriam de enfrentar, antes de fazer a viagem com os americanos.

Nos arredores de Rezaiyeh havia outro bloqueio, guarnecido por adolescentes armados de rifles. Não criaram qualquer dificuldade, mas Rashid ficou preocupado com a possível reação deles a seis americanos. Era evidente que os garotos estavam ansiosos em usar suas armas.

A partir daquele ponto, a estrada estava limpa. Era de terra, mas lisa o bastante, e Rashid pôde desenvolver uma boa velocidade. Pegou um carona e perguntou-lhe como se fazia a travessia da fronteira a cavalo. Não havia problema, disse o carona. Podia-se fazer facilmente e por acaso seu irmão dispunha de cavalos...

Rashid cobriu o percurso de 65 quilômetros em pouco mais de uma hora. Parou no posto da fronteira, em seu Range Rover. Os guardas mostraram-se desconfiados. Ele mostrou o passe escrito pelo vice-líder. Os guardas telefonaram para Rezaiyeh e — ao que disseram — falaram com o vice-líder, que confirmou o passe.

Rashid ficou olhando para a Turquia no outro lado. Era uma visão das mais agradáveis. Haviam passado por muita angústia só para passarem por ali. Para Paul e Bill, representaria a liberdade, o lar e a família. Para todos os homens da EDS, representaria o fim de um pesadelo. E para Rashid representava mais uma coisa: a América.

Ele compreendia a psicologia dos executivos da EDS. Possuíam um forte senso de obrigação. Se alguém os ajudava, gostavam de demonstrar seu agradecimento a fim de manterem o equilíbrio. Ele sabia que teria apenas de pedir para que o levassem à terra dos seus sonhos.

O posto da fronteira estava sob o controle da aldeia de Sero, a menos de um quilômetro de distância, descendo-se por uma trilha na encosta. Rashid resolveu ir conversar com o chefe da aldeia, a fim de estabelecer um relacionamento amigável e preparar o caminho para a viagem posterior.

Já estava prestes a fazer a volta quando dois carros apareceram no lado turco. Um preto alto, de blusão de couro, saltou do primeiro carro e encaminhou-se para a corrente na beira da terra de ninguém.

O coração de Rashid disparou. Conhecia aquele homem! Ele começou a acenar e gritar:

— Ralph! Ralph Boulware! Ei, Ralph!

4

A manhã de quinta-feira encontrou Glenn Jackson, caçador, batista, Homem-Foguete, no céu por cima de Teerã, num jato fretado.

Jackson permanecera no Kuwait depois de informar sobre a possibilidade de Paul e Bill saírem do Irã por aquele caminho. No domingo, o dia em que Paul e Bill escaparam da prisão, Simons enviara ordens, por intermédio de Merv Stauffer, para que Jackson seguisse até Amã, na Jordânia, tentando ali fretar um jato para ir ao Irã.

Jackson chegara a Amã na segunda-feira e começara a trabalhar imediatamente. Sabia que Perot voara de Amã para Teerã num jato fretado da Arab Wings. Sabia também que o presidente da Arab Wings, Akel Biltaji, fora prestativo, permitindo que Perot viajasse com as fitas de televisão da NBC, como cobertura. Jackson entrara em contato com Biltaji e pedira novamente a sua ajuda.

Ele dissera a Biltaji que a EDS precisava tirar dois de seus homens do Irã. Inventara nomes falsos para Paul e Bill. Embora o aeroporto de Teerã estivesse fechado, Jackson queria voar até lá e tentar pousar. Biltaji se mostrara disposto a fazer uma tentativa.

Contudo, na quarta-feira, Stauffer mudara as ordens de Jackson, por instruções de Simons. Sua missão agora era ajudar a Equipe Limpa; a Equipe Suja, pelo que Dallas podia saber, não mais se encontrava em Teerã.

Na quinta-feira, Jackson decolou de Amam e seguiu para leste.

Ao descerem para a tigela entre as montanhas onde Teerã estava aninhada, dois aviões decolaram da cidade.

Os aviões se aproximaram e Jackson constatou que eram caças a jato da força aérea iraniana.

Ele se perguntou o que aconteceria em seguida.

O rádio do piloto entrou em funcionamento, com uma explosão de estática. Enquanto os caças circulavam, o piloto falou. Jackson não podia compreender a conversa, mas estava contente pelo fato de os iranianos falarem ao invés de atirarem. A conversa foi-se prolongando. O piloto parecia estar argumentando. Ele virou-se finalmente para Jackson e disse:

- Temos de voltar. Eles não querem permitir o nosso pouso.
- O que eles fariam se tentássemos pousar de qualquer maneira?
- Atirariam em nós.
- Está certo. Tentaremos de novo esta tarde.

Na manhã de quinta-feira, em Istambul, um jornal de língua inglesa foi entregue na suíte de Perot no Sheraton.

Ele leu ansiosamente a notícia da primeira página sobre a tomada da embaixada americana em Teerã, no dia anterior. Ficou aliviado ao constatar que nenhum dos membros da Equipe Limpa estava mencionado. O único ferimento fora sofrido por um sargento dos fuzileiros, Kenneth Krause. Segundo o jornal, Krause não estava recebendo os cuidados médicos de que precisava. Perot ligou para John Carlen, o comandante do Boeing 707, pedindo-lhe que fosse à sua suíte. Mostrou o jornal a Carlen e disse:

- O que diria de voar para Teerã esta noite e recolher o fuzileiro ferido?

Carlen, um californiano bronzeado e de cabelos prateados, manteve um controle absoluto.

— Podemos fazê-lo.

Perot ficou surpreso por Carlen nem sequer hesitar. Teria de voar pelas montanhas à noite, sem controle de tráfego aéreo para ajudá-lo, pousando num aeroporto fechado.

— Não quer conversar com o resto da tripulação?

— Não precisa. Eles vão concordar. Os donos do avião é que não vão gostar.

— Então não fale com eles. Assumirei toda a responsabilidade.

— Precisarei saber onde exatamente estará o fuzileiro. A embaixada terá de levá-lo para o aeroporto. Conheço muita gente naquele aeroporto... e posso convencer o pessoal a pousar, violando um pouco os regulamentos. E posso também persuadi-los a me deixarem partir. Ou simplesmente decolar.

Perot pensou: O pessoal da Equipe Limpa estará carregando a maca.

Ele ligou para Dallas e falou com Sally Walther, sua secretária.

Pedi que providenciasse sua ligação com o General Wilson, o comandante do Corpo de Fuzileiros Navais. Ele e Wilson eram amigos.

Wilson entrou na linha.

— Estou na Turquia a negócios — disse Perot. — Acabei de ler a notícia sobre o Sargento Krause. Tenho um avião aqui. Se a embaixada puder levar Krause para o aeroporto, poderemos buscá-lo esta noite e providenciar para que receba os cuidados médicos apropriados.

— Boa idéia — disse Wilson. — Se ele estiver morrendo, aceitarei sua oferta. Se não for o caso, não arriscarei sua tripulação.

Espere que voltarei a chamá-lo.

Perot tornou a falar com Sally. Havia más notícias. Um agente de imprensa da Força de Trabalho do Irã, do Departamento de Estado, conversara com Robert Dudney, correspondente em Washington do *Times Herald de Dallas*, revelando que Paul e Bill estavam deixando o Irã, por terra.

Perot amaldiçoou o Departamento de Estado mais uma vez. Se Dudney divulgasse a história e a notícia chegasse a Teerã, Dadgar certamente intensificaria a vigilância na fronteira.

O sétimo andar em Dallas responsabilizava Perot pela situação.

Ele falara francamente com o cônsul que fora procurá-lo na noite anterior. Achavam que o vazamento ocorrera por intermédio do cônsul. Estavam agora tentando desesperadamente impedir que a notícia fosse publicada. Mas o jornal se recusava a fazer qualquer promessa.

O General Wilson telefonou de volta. O Sargento Krause não estava morrendo; a ajuda de Perot não era necessária.

Perot esqueceu Krause e concentrou-se em seus próprios problemas.

O cônsul telefonou-lhe. Tentara ao máximo, mas não podia ajudar Perot a comprar ou alugar um avião pequeno. Era possível fretar um avião para ir de um aeroporto a outro, dentro da Turquia, mas isso era tudo.

Perot não disse nada a respeito do vazamento para a imprensa.

Ele chamou Dick Douglas e Julian "Scratch" Kanauch, os dois pilotos extras que trouxera, especificamente para levarem um aparelho pequeno ao Irã. Comunicou que fracassara em seus esforços para arrumar um aparelho.

— Não se preocupe — disse Douglas. — Nós arrumaremos um avião.

— Como?

— Não pergunte.

— Está certo. Não quero saber.

— Já operei no leste, da Turquia. Sei onde posso encontrar aviões. Se houver mesmo necessidade, poderemos até roubá-los.

— Pensaram bem nisso tudo? — indagou Perot.

— Pense um pouco você — disse Douglas. — Se formos derrubados sobre o Irã, que diferença fará se o avião for roubado? E se não formos derrubados, poderemos levar o avião de volta ao lugar de onde o tiramos. Mesmo que tenha alguns buracos de bala, já estaremos longe da região antes que alguém perceba. O que mais há para se pensar?

— Tem razão — disse Perot. — Vamos partir.

Ele mandou John Carlen e Ron Davis ao aeroporto, a fim de preencherem um plano de vôo para Van, o aeroporto mais próximo da fronteira.

Davis ligou do aeroporto para avisar que o 707 não poderia pousar em Van: era um aeroporto exclusivamente de língua turca, nenhum avião estrangeiro podia pousar ali, com exceção de aparelhos militares americanos, transportando intérpretes.

Perot ligou para o Sr. Fish e pediu-lhe que providenciasse o vôo da equipe para Van. Fish telefonou poucos minutos depois, para comunicar que estava tudo acertado. Ele iria com a equipe, como guia.

Perot ficou surpreso. Até aquele momento, Fish permanecera intransigente em sua recusa em seguir para o leste da Turquia. Talvez ele tivesse finalmente sido contagiado pelo espírito de aventura.

Contudo, o próprio Perot teria de ficar. Era o eixo da engrenagem. Precisava permanecer em contato pelo telefone com o mundo exterior, receber as informações de Boulware, de Dallas, da Equipe Limpa e da Equipe Suja. Se o 707 pudesse pousar em Van, Perot teria ido, pois o rádio do avião lhe permitia manter-se em contato telefônico com o mundo inteiro. Mas sem esse rádio ele estaria isolado no leste da Turquia e não haveria qualquer ligação entre os fugitivos no Irã e as pessoas que estavam indo encontrá-los.

Assim, ele mandou Pat Sculley, Jim Schwebach, Ron Davis, o Sr. Fish e os pilotos Dick Douglas e Julian Kanauch para Van.

Designou Pat Sculley como o chefe da seção turca da equipe de resgate.

Depois que eles partiram, Perot ficou outra vez sem nada para fazer. Acabara de enviar mais alguns de seus homens para missões perigosas, em lugares perigosos. Só podia agora ficar sentado e esperar.

Passou algum tempo pensando em John Carlen e na tripulação do Boeing 707. Conhecia-os há poucos dias, eles eram apenas americanos comuns. Contudo, estavam dispostos a arriscar a vida, indo a Teerã para recolher um fuzileiro ferido. Simons diria: É

justamente isso o que os americanos devem fazer uns pelos outros.

Fazia com que Perot se sentisse animado, apesar de tudo.

O telefone tocou. Ele atendeu.

— Ross Perot falando.

— Aqui é Ralph Boulware.

— Oi, Ralph. Onde você está?

— Na fronteira.

— Ótimo.

— Acabei de ver Rashid.

O coração de Perot disparou.

— O que ele disse?

— Eles estão seguros.

— Graças a Deus!

— Estão num hotel, a 50 ou 60 quilômetros da fronteira. Rashid estava fazendo um reconhecimento do território. Ele já voltou. Diz que provavelmente farão a travessia da fronteira amanhã. Mas isso é idéia dele e Simons pode ter outras idéias. Se eles estão tão perto, não sei por que Simons iria esperar até amanhã de manhã.

— Tem razão. Pat Sculley, o Sr. Fish e o resto da turma estão indo para aí. Seguiram de avião para Van e depois alugarão um ônibus. Onde poderão encontrá-lo?

— Estou baseado numa aldeia chamada Yuksekova, o lugar mais próximo da fronteira, num hotel. É o único hotel que existe na região.

— Avisarei a Sculley.

— Está certo.

Perot desligou. E pensou: *Puxa, finalmente as coisas estão começando a dar certo!*

As ordens de Perot para Pat Sculley eram para ir até a fronteira, providenciar a travessia segura da Equipe Suja e levar todo mundo para Istambul. Se a Equipe Suja não conseguisse chegar à fronteira, ele deveria entrar no Irã e encontrá-los, de preferência num avião roubado por Dick Douglas. Ou se isso não desse certo, deveria seguir de carro.

Sculley e a Equipe de Resgate Turca seguiram num vôo de carreira de Istambul para Ancara, onde um jato fretado os aguardava.

(O avião fretado os levaria até Van e os traria de volta. Não poderia ir a qualquer outro lugar, mesmo que eles quisessem. A única maneira de fazer o piloto levá-los ao Irã seria seqüestrar o avião.) A chegada de um jato parecia um grande acontecimento em Van. Desembarcando do avião, eles foram recebidos por um grande contingente de policiais, que pareciam dispostos a fazê-los passar por maus momentos. Mas Fish foi conversar em particular com o chefe de polícia e voltou sorrindo.

— Vamos para o melhor hotel da cidade — disse ele. — Mas quero que saibam que não é o Sheraton. Portanto, não se queixem.

Partiram em dois táxis.

O hotel tinha um saguão central muito alto, com três andares de quartos, alcançados através de galerias. Podia-se ver do saguão a porta de cada quarto. Quando os americanos entraram, o saguão estava cheio de turcos, tomando cerveja e assistindo a uma partida de futebol, numa televisão em preto e branco, gritando sem parar. À medida que os turcos foram notando a presença dos estrangeiros, o saguão foi gradativamente se aquietando, até que houve um silêncio completo.

Foram encaminhados aos quartos. Cada um dispunha de duas camas e um buraco no canto, cercado por uma cortina de chuveiro, que era o vaso sanitário. O chão era de tábuas corridas e as paredes

caídas de branco, sem janelas. Os quartos estavam repletos de baratas. Havia um banheiro em cada andar.

Sculley e o Sr. Fish saíram à procura de um ônibus que levasse todos até a fronteira. Um Mercedes pegou-os diante do hotel e levou-os ao que parecia ser uma loja de aparelhos eletrodomésticos, com uns poucos aparelhos de televisão antigos na vitrine. A loja estava fechada

— já era noite a esta altura — mas o Sr. Fish ficou batendo na grade de ferro que protegia a vitrine, até que alguém apareceu.

Foram para os fundos e sentaram-se a uma mesa, sob uma lâmpada acesa. Sculley não entendeu nada da conversa, mas ao final Fish negociara um ônibus e um motorista. Voltaram ao hotel no ônibus.

O resto do grupo estava reunido no quarto de Sculley. Ninguém queria sentar-se naquelas camas, muito menos dormir nelas. Todos queriam partir para a fronteira imediatamente, mas Fish estava hesitante.

— São duas horas da madrugada — disse ele. — E a polícia está vigiando o hotel.

— Isso faz alguma diferença? — indagou Sculley.

— Representa mais perguntas, mais problemas.

— Vamos fazer uma tentativa.

Todos desceram. O gerente apareceu, parecendo nervoso, começou a interrogar o Sr. Fish. E, um momento depois, dois guardas vieram lá de fora e se juntaram à discussão. O Sr. Fish virou-se para Sculley e disse:

— Eles não querem nos deixar partir.

- E por que não?
- Será que não percebe que parecemos suspeitos?
- É contra a lei partirmos agora?
- Não. Mas...
- Então vamos embora. Limite-se a dizer isso a eles.

Houve mais discussão em turco, mas finalmente os policiais e o gerente do hotel pareceram ceder. O grupo embarcou no ônibus.

Deixaram a cidade. A temperatura foi caindo rapidamente, enquanto subiam pelas colinas cobertas de neve. Todos tinham agasalhos e cobertores nas mochilas, o que vinha a calhar. O Sr. Fish sentou-se ao lado de Sculley e disse:

— É agora que a situação se torna difícil. Posso lidar com a polícia, pois tenho ligações com ela. Mas estou preocupado com os bandidos e os soldados, com os quais não tenho ligações.

— Qual é sua idéia?

— Creio que posso resolver qualquer problema com uma boa conversa, desde que nenhum de vocês esteja armado.

Sculley pensou por um momento. De qualquer forma, Davis era o único que estava armado; e Simons sempre dissera que as armas podiam metê-los em encrencas mais facilmente do que seriam capazes de tirá-los. As Walther PPK nunca haviam saído de Dallas.

— Está certo — disse Sculley.

Ron Davis jogou o seu 38 pela janela, na neve.

Pouco depois, os faróis do ônibus revelaram um soldado de uniforme, parado no meio da estrada, acenando. O motorista

continuou a acelerar, como se tencionasse passar por cima do soldado.

Mas o Sr. Fish gritou e ele parou.

Olhando pela janela, Sculley viu um pelotão de soldados, armados com rifles de alta potência, na encosta da montanha. E

pensou: *Se não tivéssemos parado, estaríamos agora liquidados.*

Um sargento e um cabo entraram no ônibus. Examinaram todos os passaportes. O Sr. Fish ofereceu-lhes cigarros. Os dois ficaram conversando com ele, enquanto fumavam, depois acenaram e saltaram.

O ônibus foi detido novamente alguns quilômetros adiante e passaram por uma rotina similar. Na terceira vez, os homens que entraram no ônibus não usavam uniformes. O Sr. Fish ficou extremamente nervoso, sussurrando para os americanos:

— Banquem os indiferentes. Peguem livros para ler, façam qualquer coisa, mas não olhem para esses homens.

Ele conversou com os turcos durante cerca de meia hora.

Quando o ônibus finalmente teve permissão para seguir adiante, dois deles foram junto.

— Proteção — disse Fish, enigmaticamente, dando de ombros.

Sculley estava nominalmente no comando, mas não havia muito que ele pudesse fazer além de seguir as orientações do Sr. Fish. Ele não conhecia o país, não falava a língua; na maior parte do tempo, não tinha idéia do que estava acontecendo. Era difícil manter o controle em circunstâncias assim. E Sculley calculou que o melhor que podia fazer era manter o Sr. Fish apontado na direção certa, pressionando-o um pouco quando começasse a perder a coragem.

Chegaram a Yuksekova às quatro horas da madrugada. Era a aldeia mais próxima do posto da fronteira. Ali, segundo o primo do Sr.

Fish em Van, encontrariam Ralph Boulware.

Sculley e Fish entraram no hotel. Era tão escuro quanto um estábulo e cheirava tanto quanto o banheiro dos homens num estádio de futebol. Gritaram por algum tempo e finalmente um garoto apareceu, segurando uma vela. O Sr. Fish falou-lhe em turco e depois informou:

— Boulware não está aqui. Partiu há várias horas. Não sabem para onde ele foi.

TREZE

1

No hotel em Rezaiyeh, Jay Coburn experimentava outra vez a mesma sensação angustiante e impotente por que já passara em Mahabad, depois no pátio da escola. Não tinha controle sobre o seu destino, que estava nas mãos de outros... neste caso, nas mãos de Rashid.

E onde estava Rashid?

Coburn perguntou aos guardas se podia usar o telefone.

Levaram-no para o saguão. Ele discou para a casa do primo de Majid, o professor, em Rezaiyeh, mas ninguém atendeu.

Sem muita esperança, discou o número de Gholam em Teerã.

Para sua surpresa, conseguiu completar a ligação.

— Tenho um recado para Jim Nyfeler — disse ele. — Estamos na área de lançamento.

— Mas onde está? — perguntou Gholam.

— Em Teerã. — Mentiu Coburn.

— Preciso vê-lo. — Disse o iraniano.

Coburn tinha de manter a encenação:

— Está certo. Podemos nos encontrar amanhã de manhã.

— Onde?

— No Bucareste.

— Combinado.

Coburn tomou a subir. Simons levou-o e a Keane Taylor para um dos quartos.

— Se Rashid não voltar até nove horas, vamos partir de qualquer maneira — declarou Simons.

Coburn sentiu-se imediatamente melhor, Simons acrescentou:

— Os guardas estão começando a ficar entediados, relaxando a vigilância. Vamos sair daqui furtivamente ou lidar com eles por outro meio.

— Só temos um carro — comentou Coburn.

— E vamos deixá-lo aqui, para confundir os guardas. Iremos a pé até a fronteira. Afinal são apenas 50 ou 60 quilômetros. Podemos seguir pelos campos. Evitaremos os bloqueios, evitando as estradas.

Coburn assentiu. Era justamente o que queria. Estavam outra vez tomando a iniciativa.

— Vamos reunir o dinheiro — disse Simons a Taylor. — Peça aos guardas para levá-lo ao carro. Traga a caixa de lenço de papel e a lanterna aqui para cima, tire o dinheiro que está nelas.

Taylor saiu do quarto.

— É melhor comermos antes de partirmos—disse Simons. —

Será uma longa caminhada,

Taylor foi para um quarto vazio e derramou no chão o dinheiro da caixa de Kleenex e da lanterna.

A porta foi aberta abruptamente.

O coração de Taylor parou.

Levantou os olhos e deparou com Bill Gayden, um sorriso estampado no rosto.

— Peguei-o com a mão na massa! — exclamou Gayden.

Taylor ficou furioso.

— Mas que merda, Gayden! Quase me matou do coração.

Gayden desatou a rir.

Os guardas levaram a todos para a sala de jantar lá embaixo. Os americanos sentaram-se a uma mesa redonda grande e os guardas foram ocupar uma mesa no outro lado da sala. Serviu-se carneiro com arroz. E chá Foi uma refeição sombria. Todos estavam preocupados com o que poderia ter acontecido a Rashid e como poderiam passar sem ele.

Havia um aparelho de TV ligado e Paul não conseguia desviar os olhos da tela. Esperava ver a qualquer momento o seu próprio rosto aparecer, com um aviso de "Procura-se".

Onde estava Rashid?

Estavam apenas a uma hora da fronteira, mas se encontravam encurralados ali, sob vigilâncias ainda correndo o perigo de serem mandados de volta para Teerã e para a prisão. Alguém disse de repente:

— Ei, olhem só quem está aqui!

Rashid entrou. Aproximou-se da mesa, exibindo a sua expressão presunçosa.

— Senhores, esta é a sua última refeição.

Todos fitaram-no fixamente, horrorizados. E ele se apressou em acrescentar

— No Irã, é claro. Podemos ir embora.

Todos aclamaram.

— Tenho uma carta do comitê revolucionário — explicou Rashid. — Fui até a fronteira para verificar a situação. Há dois bloqueios no caminho, mas já combinei tudo. Sei onde podemos arrumar cavalos para passar pelas montanhas, mas acho que não vamos precisar deles. Não há homens do governo no posto da fronteira, que está em poder dos aldeões. Estive com o chefe da aldeia e não teremos qualquer problema para cruzar a fronteira. E mais uma coisa: Ralph Boulware está lá no outro lado. Falei com ele.

Simons levantou-se.

— Pois vamos partir logo. Depressa.

Eles deixaram a comida pela metade. Rashid falou com os guardas, mostrou-lhes a carta do vice-líder. Keane Taylor pagou a conta do hotel. Rashid comprara um maço de cartazes de Khomeini e entregou-os a Bill para colocar nos carros.

Eles saíram em poucos minutos.

Bill fizera um bom trabalho com os carros. Em todos os lados dos Range Rovers deparava-se com o rosto ardente, de barba branca, do aiatolá.

Partiram, com Rashid ao volante do primeiro carro.

No caminho para saírem da cidade, Rashid freou abruptamente, inclinou-se pela janela e acenou freneticamente para um táxi que se aproximava.

— Que diabo está fazendo, Rashid? — resmungou Simons.

Sem responder, Rashid saiu do Range Rover e correu o táxi.

— Isso é demais! — exclamou Simons.

Rashid conversou com o motorista por um minuto e depois o táxi partiu. Rashid voltou e explicou:

— Pedi a ele que nos mostrasse um caminho para deixar a cidade por ruas secundárias. Há um bloqueio que prefiro evitar, pois está guarnecido por garotos com rifles e nunca se sabe o que eles podem fazer. O motorista já tem uma corrida contratada, mas vai voltar. Ficaremos esperando.

— Não vamos esperar por muito tempo — declarou Simons.

O táxi voltou em 10 minutos. Eles seguiram pelas ruas escuras e sem calçamento, até chegarem à estrada. O táxi virou à direita. Rashid seguiu-o, contornando a esquina rapidamente. À esquerda, a poucos metros de distância, estava o bloqueio que ele queria evitar, com adolescentes disparando seus rifles para o ar. O táxi e os dois Range Rovers aceleraram, afastando-se depressa da esquina, antes que os garotos pudessem perceber que alguém os ultrapassara.

Rashid parou num posto de gasolina 50 metros adiante. Keane Taylor perguntou:

— Por que está parando?

— Temos de encher o tanque.

— Temos três quartos de tanque, o suficiente para chegar à fronteira. Vamos logo embora.

— Pode ser difícil conseguir gasolina na Turquia.

Simons interveio:

— Vamos logo embora, Rashid!

Rashid saltou do carro.

Quando os tanques já estavam cheios, Rashid ainda estava barganhando com o motorista do táxi, oferecendo-lhe 100 riais — pouco mais de um dólar — por tê-los guiado para fora da cidade.

Taylor disse- lhe:

— Dê um punhado de dinheiro ao homem e vamos sair logo daqui, Rashid!

— Ele está querendo demais — protestou Rashid.

— Oh, Deus! — exclamou Taylor, desesperado.

Rashid acertou com o motorista por 200 riais e voltou ao Range Rover, dizendo:

— Ele poderia ficar desconfiado se eu não discutisse.

Deixaram a cidade. A estrada serpenteava pelas montanhas. A superfície era boa e podiam desenvolver uma velocidade razoável.

Depois de algum tempo, a estrada foi seguindo por uma crista, com ravinas cheias de árvores nos dois lados.

— Havia uma barreira em algum lugar por aqui esta tarde — disse Rashid. — Talvez eles tenham ido para casa.

Os faróis iluminaram dois homens parados à beira da estrada, acenando. Não havia barreira. Rashid não freou.

— Acho melhor pararmos — disse Simons.

Rashid continuou em frente, passando pelos dois homens.

— Eu disse para parar! — berrou Simons.

Rashid parou. Bill olhou atentamente pelo pára-brisas e murmurou:

— Já viram aquilo?

Poucos metros adiante havia uma ponte sobre uma ravina. Nos dois lados da ponte havia homens saindo da ravina. Eram cada vez mais numerosos, 30, 40, 50, e estavam armados até os dentes.

Parecia uma emboscada. Se os carros tentassem passar, os homens certamente teriam atirado.

— Graças a Deus que paramos! — murmurou Bill.

Rashid saltou do carro e começou a falar. Os homens estenderam uma corrente pela ponte e cercaram os carros. Logo ficou evidente que eram os homens mais hostis que a equipe já encontrara.

Lançavam olhares furiosos para os americanos, brandiam os rifles, enquanto dois ou três gritavam com Rashid.

Era terrível, pensou Bill, ter chegado tão longe, através de tantos perigos e adversidades, apenas para sermos detidos por um bando de camponeses estúpidos. Será que eles não queriam apenas levar os nossos carros e todo o dinheiro? , pensou ele. Mas quem poderia adivinhar?

Os homens se tornavam cada vez mais ameaçadores.

Começaram a empurrar Rashid. Mais um momento e eles começarão a atirar, pensou Bill.

— Não façam nada — advertiu Simons. — Fiquem nos carros e deixem que Rashid cuide de tudo.

Bill concluiu que Rashid precisava de alguma ajuda. Tocou no rosário que tinha no bolso e começou a rezar. Recitou todas as orações que

conhecia. *Estamos agora nas mãos de Deus*, pensou ele; *só um milagre poderá nos tirar desta confusão.*

No segundo carro, Coburn estava absolutamente imóvel, enquanto um homem lá fora apontava um rifle para sua cabeça.

Gayden, sentado atrás, foi dominado por um impulso incontrolável e sussurrou:

— Por que não tranca a sua porta, Jay?

Coburn sentiu uma risada histórica aflorar por sua garganta.

Rashid sentia que estava à beira da morte.

Aqueles homens eram bandidos, capazes de matar alguém pelo casaco que vestia. Não se importavam com nada. A revolução nada representava para eles. Não importava quem estivesse no poder, não reconheciam qualquer governo, não obedeciam às leis. Nem sequer falavam farsi, a língua do Irã, mas sim o turco.

Eles puseram-se a empurrá-lo, gritando em turco. Rashid gritou em farsi. Não estava conseguindo coisa alguma. *Vão ficar cada vez mais furiosos, até fuzilarem todos nós*, pensou ele.

E foi nesse instante que ouviu o barulho de um carro. Um par de faróis aproximou-se da direção de Rezaiyeh. Um Land Rover parou, e três homens saltaram. Um deles vestia um sobretudo preto comprido.

Os camponeses armados pareciam respeitá-lo. Ele dirigiu-se a Rashid:

— Quero ver os passaportes, por favor.

— Pois não.

Rashid levou o homem para o segundo Range Rover. Bill estava no primeiro, e Rashid queria que o homem do sobretudo se cansasse de olhar passaportes antes de chegar a vez dele. Rashid bateu na janela do carro e Paul baixou-as.

— Os passaportes.

O homem parecia já ter lidado com passaportes antes. Examinou cada um cuidadosamente, comparando a fotografia com o rosto do dono. Depois, num inglês perfeito, fez perguntas: Onde nasceu? Onde reside? Qual a sua data de nascimento? Felizmente, Simons obrigara Paul e Bill a decorarem todas as informações que constavam de seus passaportes falsos. Assim, Paul pôde responder às perguntas do homem de sobretudo sem a menor hesitação.

Relutantemente, Rashid levou o homem para o primeiro Range Rover. Bill trocara de lugar com Keane Taylor e estava agora do outro lado, longe da luz. O homem repetiu a rotina. Examinou por último o passaporte de Bill. E, depois, disse:

— A fotografia não é deste homem.

— Claro que é! — disse Rashid, freneticamente. — Ele está muito doente. Emagreceu, ficou pálido... será que não percebe que ele está morrendo? Ele tem de voltar à América o mais depressa possível, a fim de receber os cuidados médicos necessários. E vocês o estão atrasando. Quer que ele morra porque o povo iraniano não teve compaixão de um homem doente? É assim que defende a honra do país? É assim...

— Eles são americanos — disse o homem. — Venha comigo.

Ele virou-se e entrou na pequena cabana de alvenaria ao lado da ponte. Rashid seguiu-o.

— Você não tem o direito de nos deter — disse ele. — Recebi instruções do comandante do Comitê da Revolução Islâmica de

Rezaiyeh para escoltar esses homens até a fronteira. Atrasar-nos é um crime contra-revolucionário que se comete contra o povo iraniano.

Rashid exibiu com um floreio a carta escrita pelo vice-líder e com o carimbo da biblioteca. O homem examinou o documento.

— Seja como for, aquele americano não parece com a fotografia em seu passaporte.

— Já falei que ele está doente! — gritou Rashid. — O comitê revolucionário deu ordens para que eles sejam levados até a fronteira!

E agora tire esses bandidos do meu caminho!

— Temos o nosso próprio comitê revolucionário. Todos terão de ir para o nosso quartel-general.

Rashid não tinha opção senão concordar.

Jay Coburn observou Rashid sair da cabana com o homem de sobretudo preto comprido. Rashid parecia bastante abalado.

— Temos de ir à aldeia deles para sermos investigados — anunciou Rashid. — E iremos nos carros deles.

A situação parecia péssima, pensou Coburn. Em todas as outras ocasiões em que haviam sido presos, sempre tinham podido ficar nos Range Rovers, o que lhes permitia se sentirem não tão prisioneiros.

Deixar os carros era a mesma coisa que perder contato com a base.

Além disso, Rashid nunca parecera tão assustado.

Eles passaram para os outros veículos, uma pickup e uma pequena caminhonete, toda amassada. Foram conduzidos por uma trilha de terra através das montanhas. Os Range Rovers foram atrás, dirigidos por montanheses. A trilha serpenteava pela escuridão.

Acabou, pensou Coburn; ninguém jamais terá outras notícias nossas.

Eles chegaram à aldeia depois de cinco ou seis quilômetros.

Havia um prédio de alvenaria com um pátio; o resto era de cabanas de tijolos de lama, com tetos de colmo. Mas havia no pátio seis ou sete jipes em excelentes condições. Coburn disse:

— Santo Deus, essa gente vive de roubar carros!

Dois Range Rovers seriam um excelente acréscimo à coleção, pensou ele. Os dois veículos com os americanos pararam no pátio, depois os Range Rovers e em seguida mais dois jipes, bloqueando a saída. Seria impossível uma fuga rápida.

Todos saltaram. O homem de sobretudo disse:

— Não precisam ter medo. Só queremos conversar um pouco com vocês e depois poderão ir embora.

Ele entrou no prédio de alvenaria.

— Ele está mentindo! — sussurrou Rashid.

Foram levados para o prédio e receberam ordens para tirar os sapatos. Os homens estavam fascinados pelas botas de cowboy de Keane Taylor. Um deles pegou as botas e examinou-as, depois estendeu-as para que todos vissem de perto.

Os americanos foram conduzidos a uma sala grande e sem móveis, com um tapete persa no chão, roupas de cama enroladas e encostadas nas paredes. A sala estava parcamente iluminada por

alguma espécie de lanterna. Sentaram-se num círculo, cercados pelos homens armados.

Estamos novamente em julgamento, como em Mahabad, pensou Coburn.

Ele ficou olhando para Simons.

Um momento depois, entrou na sala o maior e mais feio *mullah* que eles já tinham visto. O interrogatório começou.

Rashid se encarregou de falar, numa mistura de farsi, turco e inglês. Mostrou novamente a carta com o carimbo da biblioteca, deu o nome do vice-líder. Alguém saiu para conferir com o comitê de Rezaiyeh. Coburn não podia imaginar como eles o fariam. O lampião a óleo indicava que não havia eletricidade ali. Como então poderiam ter telefones? Todos os passaportes foram outra vez examinados.

Homens entravam e saíam a todo instante.

E se eles tiverem um telefone? , pensou Coburn. E se o comitê de Rezaiyeh tivesse recebido notícias de Dadgar? Talvez seja melhor que esses homens realmente liguem para Rezaiyeh, pensou ele; assim, pelo menos alguém saberá que estamos aqui. No momento, podemos ser mortos, nossos corpos desaparecendo na neve sem deixar vestígios e sem que ninguém saiba que estivemos aqui.

Um homem entrou, entregou a carta da biblioteca a Rashid e falou com o *mullah*.

— Está tudo bem — anunciou Rashid. — Confirmaram que não somos procurados.

Subitamente, todo o clima mudou.

O horrendo *mullah* transformou-se num gigante jovial e apertou a mão de todos.

— Ele dá as boas-vindas à sua aldeia — traduziu Rashid. O chá foi servido e Rashid acrescentou: — Estamos convidados a ser hóspedes da aldeia por esta noite.

— Diga a ele que não é possível — respondeu Simons. —

Nossos amigos estão esperando na fronteira.

Um garotinho de 10 anos apareceu. Num esforço para consolidar a nova amizade, Keane Taylor tirou do bolso uma fotografia de seu filho Michael, de 11 anos, mostrando a todos. Eles ficaram muito excitados e Rashid explicou:

— Estão querendo que tiremos uma fotografia deles.

Gayden disse:

— Pegue a sua câmara, Keane.

— Estou sem filme.

— Keane, pegue a porra da sua câmara!

Taylor pegou a câmara. Na verdade, ainda restavam três chapas, mas não tinha flash e precisaria de uma câmara muito mais sofisticada que a sua Instamatic para tirar fotografias à luz do lampião. Mas os homens já estavam alinhados, brandindo os rifles. Taylor não teve opção que não bater a chapa.

Era incrível. Cinco minutos antes, aqueles homens pareciam dispostos a assassinar os americanos. Agora, agrupavam-se alegremente em torno deles, gritando sem parar, como se estivessem se divertindo muito.

Era provável que pudessem mudar de ânimo outra vez, com a mesma presteza.

O senso de humor de Taylor prevaleceu e ele começou a bater chapas, como um fotógrafo de imprensa, dizendo aos homens que sorrissem ou chegassem mais perto, a fim de poder retratar a todos. E

acabou “tirando” dezenas de chapas.

Mais chá foi servido. Coburn grunhiu interiormente. Tomara tanto chá nos últimos dias que não agüentava mais. Jogou fora o seu, furtivamente, deixando uma horrível mancha marrom no tapete maravilhoso. Simons disse a Rashid:

— Diga a ele que temos de ir embora.

Houve uma conversa rápida e depois Rashid informou:

— Devemos tomar chá mais uma vez.

— Não é possível — declarou Simons, taxativamente, levantando-se.
— Vamos embora.

Sorrindo calmamente, acenando com a cabeça e inclinando-se para os iranianos, Simons pôs-se a dar ordens incisivas, numa voz que contradizia a sua atitude cortês.

— De pé todo mundo. Ponham os sapatos. Vamos sair daqui imediatamente.

Todos se levantaram. Cada homem da tribo queria apertar a mão de todos os visitantes. Simons tangia a todos para a porta.

Encontraram os sapatos e calçaram-nos, ainda fazendo reverências e trocando apertos de mão. Deixaram finalmente o prédio e embarcaram nos Range Rovers. Houve alguma espera, enquanto os aldeões afastavam os dois jipes que bloqueavam a saída. Partiram afinal, seguindo os dois jipes pelo caminho nas montanhas.

Ainda estavam vivos, ainda estavam livres, ainda estavam em movimento.

Os homens levaram-nos até a ponte e ali se despediram. Rashid disse:

— Não vão nos escoltar até a fronteira?

— Não — respondeu um dos homens. — Nosso território termina na ponte. O outro lado pertence a Sero.

O homem de sobretudo preto comprido apertou a mão de todos, nos dois Range Rovers.

— Não se esqueça de nos mandar as fotografias — disse ele a Taylor.

— Claro — respondeu Taylor, sem pestanejar.

A corrente através da ponte estava abaixada. Os dois Range Rovers passaram para o outro lado e aceleraram, subindo pela estrada.

— Espero não termos de enfrentar o mesmo problema na próxima aldeia — disse Rashid. — Estive com o chefe esta tarde e acertei tudo com ele.

A velocidade do Range Rover aumentou.

— Diminua a velocidade — ordenou Simons.

— Precisamos nos apressar.

Estavam a cerca de dois quilômetros da fronteira. Simons insistiu:

— Diminua logo a velocidade. Não quero morrer num desastre a esta altura dos acontecimentos.

Estavam passando pelo que parecia ser um posto de gasolina.

Havia uma pequena cabana, com uma luz acesa no interior.

Subitamente, Taylor gritou:

— Pare! Pare!

Simons disse:

— Rashid...

No carro de trás, Paul buzinou e piscou os faróis.

Pelo canto dos olhos, Rashid viu dois homens saírem correndo do posto, engatilhando seus rifles.

Ele pisou no freio.

O carro parou, derrapando. Paul já tinha parado, junto ao posto.

Rashid deu marcha à ré e saltou. Os dois homens apontaram-lhe os rifles. *Vai começar tudo de novo*, pensou ele.

Rashid iniciou a mesma rotina de sempre, mas não estavam interessados. Cada um embarcou num carro. Rashid voltou a ocupar o volante do primeiro Range Rover.

— Vamos embora — ordenou-lhe o homem.

Um minuto depois, estavam na base da colina que levava à fronteira. Podiam ver as luzes do posto da fronteira lá em cima. O

guarda disse a Rashid:

— Vire à direita.

— Não — respondeu Rashid. — Temos um passe para chegar à fronteira e...

O homem levantou o rifle, puxando a trava de segurança. Rashid parou o carro.

— Estive na sua aldeia esta tarde e obtive permissão para passar...

— Vamos descer.

Estavam a menos de um quilômetro da Turquia e da liberdade.

Eram sete homens da Equipe Suja contra dois guardas. A situação parecia tentadora...

Um jipe desceu a colina, vindo do posto da fronteira. Parou com um ranger de freios diante do Range Rover. Um jovem nervoso saltou, empunhando uma pistola, correu para a janela de Rashid. Este baixou a janela e disse:

— Tenho ordens do comando do Comitê da Revolução Islâmica...

O rapaz apontou a pistola para a cabeça de Rashid, gritando:

— Desça pelo caminho!

Rashid obedeceu.

Foram seguindo pelo caminho. Era ainda mais estreito que o anterior. A aldeia ficava a pouco mais de um quilômetro de distância.

Quando lá chegaram, Rashid saltou do carro, dizendo:

— Fiquem aqui. Cuidarei de tudo.

Vários homens saíram das cabanas para descobrir o que estava acontecendo. Pareciam ainda mais bandidos que os habitantes da aldeia anterior. Rashid indagou, em voz bem alta:

— Onde está o chefe?

— Não está aqui — respondeu alguém.

— Pois então vão chamá-lo. Conversei com ele esta tarde... sou amigo dele... tenho sua permissão para atravessar a fronteira com estes americanos.

— Por que está com os americanos? — indagou alguém.

— Tenho ordens do comando do Comitê da Revolução Islâmica...

Subitamente, como se surgisse do nada, apareceu o chefe da aldeia, com quem Rashid falara naquela tarde. Ele se adiantou e beijou Rashid nas faces. Gayden comentou, no segundo Range Rover:

— Parece que as coisas estão melhorando.

— Graças a Deus! — murmurou Coburn. — Eu não conseguiria beber mais chá, mesmo que fosse para salvar minha vida.

O homem que beijara Rashid aproximou-se. Usava um grosso capote afegão. Inclinou-se pela janela e apertou as mãos de todos.

Rashid e os dois guardas voltaram aos carros.

Poucos minutos depois, estavam subindo a encosta para o posto da fronteira.

Paul, guiando o segundo carro, pensou subitamente em Dadgar, mais uma vez. Quatro horas antes, em Rezaiyeh, parecera sensato abandonar a idéia de atravessar a fronteira a cavalo, evitando a fronteira e o posto. Agora, ele já não tinha tanta certeza. Dadgar poderia ter despachado fotografias de Paul e Bill para cada aeroporto, porto e posto de travessia da fronteira. Mesmo que não houvesse homens do governo ali, as fotografias podiam estar pregadas em algum lugar da parede. Os iranianos pareciam sentir a maior satisfação por qualquer pretexto para deter americanos e interrogá-los. Desde o início, a EDS subestimara Dadgar...

O posto da fronteira estava intensamente iluminado por lâmpadas de néon. Os dois carros avançaram lentamente, passando pelos prédios e parando no ponto da estrada em que uma corrente assinalava o final do território iraniano.

Rashid saltou. Falou com os guardas no posto, depois voltou e disse:

— Eles não têm uma chave para abrir a corrente.

Todos saltaram. Simons disse a Rashid:

— Vá até o lado turco para verificar se Boulware está lá.

Rashid desapareceu.

Simons levantou a corrente. Não ficaria alta o bastante para que um Range Rover pudesse passar por baixo.

Alguém encontrou algumas tábuas e encostou-as na corrente.

Talvez os carros pudessem usar as tábuas para passar por cima da corrente. Simons sacudiu a cabeça. Não daria certo. Ele virou-se para Coburn.

— Não tem uma serra de metal na caixa de ferramentas?

Coburn voltou ao carro. Paul e Gayden acenderam cigarros.

Gayden disse:

— Você precisa decidir o que vai querer fazer com seu passaporte.

— Como assim?

— Pelas leis americanas, há uma multa de dez mil dólares e uma pena de prisão para quem usa passaporte falso. Pagarei a multa, mas você terá de cumprir a pena de prisão.

Paul pensou por um momento. Até aquele momento, não violara qualquer lei. É verdade que já mostrara seu passaporte falso, mas apenas a bandidos e revolucionários, que de qualquer forma não tinham o direito de exigir o passaporte de ninguém. Seria melhor permanecer nos limites da lei.

— Ele está certo — interveio Simons. — Não podemos violar qualquer lei depois que sairmos deste maldito país. Não quero ter de tirá-los de uma prisão turca.

Paul entregou o passaporte a Gayden. Bill fez a mesma coisa.

Gayden deu os passaportes a Taylor, que guardou-os nos lados de suas botas de vaqueiro.

Coburn voltou com uma serra de metal. Simons pegou-a e começou a serrar a corrente.

Os guardas iranianos aproximaram-se correndo, a gritarem com ele.

Simons parou.

Rashid voltou do lado turco, trazendo dois guardas e um oficial.

Ele falou com os iranianos e depois disse a Simons:

— Você não pode cortar essa corrente. Eles dizem que devemos esperar até de manhã. Além disso, os turcos também não querem que atravessemos esta noite.

Simons murmurou para Paul:

— Você talvez esteja prestes a cair doente.

— Como assim?

— Se eu mandar, finja que está doente, passando muito mal.

Paul compreendeu o que Simons estava pensando: os guardas turcos queriam dormir e não passar a noite com um bando de americanos; mas se um dos americanos estivesse precisando urgentemente de tratamento hospitalar, eles dificilmente poderiam rejeitá-lo.

Os turcos voltaram para o seu lado.

— O que vamos fazer agora? — indagou Coburn.

— Esperar — respondeu Simons.

O frio era intenso e todos entraram no posto, com exceção dos dois guardas iranianos.

— Vamos simular que estamos dispostos a esperar durante toda a noite — disse Simons.

Os outros dois guardas se afastaram.

— Gayden, Taylor — disse Simons — entrem e ofereçam dinheiro aos guardas para cuidar de nossos carros.

— Cuidar dos carros? — repetiu Taylor, incrédulo. — Eles vão simplesmente roubá-los!

— Isso mesmo — disse Simons. — Eles poderão roubá-los... se nos deixarem ir embora.

Taylor e Gayden entraram no posto.

— Vai ser agora — disse Simons. — Coburn, chame Paul e Bill e comecem a atravessar.

— Vamos embora — disse Coburn aos dois.

Paul e Bill passaram por cima da corrente e começaram a andar. Coburn manteve-se a um passo atrás deles.

— Continuem andando, independente de qualquer coisa que possa acontecer — disse Coburn. — Se ouvirem gritos ou tiros, saiam correndo. Mas em nenhuma circunstância parem ou voltem.

Simons aproximou-se por trás.

— Andem mais depressa. Não quero que vocês dois sejam baleados logo aqui, neste maldito fim de mundo.

Puderam ouvir uma discussão começando lá atrás, no lado iraniano. Coburn disse:

— Não se virem. Continuem a andar.

No lado iraniano, Taylor estava estendendo um punhado de dinheiro para os dois guardas, que olharam primeiro para os quatro homens que atravessavam a fronteira a pé e depois para os dois Range Rovers, que valiam pelo menos 20.000 dólares cada... Rashid estava dizendo:

— Não sabemos quando poderemos voltar para buscar os carros... talvez passe muito tempo...

Um dos guardas disse:

— Todos vocês deveriam ficar aqui até de manhã...

— Os carros são muito valiosos e precisamos de alguém para cuidar deles...

Os guardas desviaram os olhos dos carros para as pessoas que atravessavam a fronteira para a Turquia, tomaram a contemplar os carros, hesitando por tempo demais.

Paul e Bill alcançaram o lado turco e entraram na casa da guarda. Bill olhou para o seu relógio de pulso. Eram 11:45 da noite de quinta-feira 15 de fevereiro, o dia seguinte ao Dia dos Namorados. No

dia 15 de fevereiro de 1960, ele pusera uma aliança de noivado no dedo de Emily. No mesmo dia, seis anos depois, Jackie nascera... e hoje ela estava fazendo 13 anos. Bill pensou: *Aqui está o seu presente, Jackie... ainda tem um pai.*

Coburn entrou na casa atrás deles. Paul passou o braço pelos ombros de Coburn e disse:

— Jay, você acaba de alcançar a base.

No lado iraniano, os guardas viram que metade dos americanos já estava na Turquia. Resolveram desistir, enquanto ainda tinham alguma vantagem e podiam ficar com os carros.

Rashid, Gayden e Taylor encaminharam-se para a corrente. Ali chegando, Gayden parou.

— Podem passar — disse ele. — Quero ser o último a sair daqui. E foi.

2

No hotel em Yuksekova, eles estavam sentados em torno de uma estufa fumacenta: Ralph Boulware, Ilsman, o gordo agente secreto, Charlie Brown, o intérprete, e os dois filhos do primo do Sr. Fish.

Esperavam por um telefonema do posto da fronteira. O jantar foi servido: alguma espécie de carne, talvez carneiro, embrulhada em jornal. Ilsman disse que vira alguém tirando fotografias de Rashid e Boulware, na fronteira. E, com Charlie Brown traduzindo, Ilsman acrescentou:

— Se algum dia tiver problemas com essas fotografias, pode avisar-me que eu resolvo.

Boulware perguntou-se o que ele estaria querendo dizer com isso. Charlie explicou:

— Ele acha que você é um homem honesto, e o que está fazendo é nobre.

Boulware podia sentir que era uma oferta um tanto sinistra; como um mafioso a dizer que você é amigo dele.

Por volta de meia-noite, ainda não havia qualquer notícia da Equipe Suja ou de Pat Sculley e Fish, que deveriam estar vindo para a fronteira com um ônibus. Boulware decidiu ir para a cama. Sempre tomava água antes de deitar. Havia uma moringa com água na mesa.

Que diabo, pensou ele, ainda não morri. Tomou um gole e descobriu-se a engolir alguma coisa sólida. Santo Deus, pensou ele, o que era isso? Ele fez um esforço para esquecer.

Estava enfiando-se na cama quando um garoto chamou-o ao telefone.

Era Rashid.

— É você, Ralph?

— Isso mesmo.

— Estamos na fronteira.

— Já estou indo para aí.

Ele chamou os outros e pagou a conta do hotel. Com os filhos do primo do Sr. Fish guiando, eles desceram pela estrada onde —

como Ilsman não se cansava de repetir —39 pessoas haviam sido mortas pelos bandidos durante o último mês. No caminho, tiveram mais um pneu furado. Os rapazes tiveram de mudá-lo no escuro, porque as pilhas de suas lanternas estavam descarregadas. Boulware não sabia se sentia medo, parado ali na estrada, esperando. Ilsman podia ser um mentiroso, um trapaceiro. Por outro lado suas credenciais haviam protegido a todos. Se o serviço secreto turco era igual aos hot turcos, então Ilsman podia ser a resposta deles a James Bond.

A roda foi trocada e os carros tornaram a partir. Viajaram pela noite afora. *Vai dar tudo certo, pensou Boulware. Paul e Bill estão na fronteira, Sculley e o Sr. Fish estão a caminho daqui, com um ônibus, Perot está em Istambul, com um avião à espera. Vamos conseguir.*

Ele chegou à fronteira. As luzes estavam acesas nas cabanas dos guardas. Ele saltou do carro e entrou correndo.

Houve uma explosão de alegria.

Estavam todos ali: Paul e Bill, Coburn, Simons, Taylor, Gayden e Rashid.

Boulware apertou efusivamente as mãos de Paul e Bill. Todos começaram a pegar seus casacos e bolsas.

— Ei, esperem um pouco! — disse Boulware — O Sr. Fish ainda não chegou com o ônibus. — Ele tirou do bolso uma garrafa de Chivas Regal que vinha guardando para aquela ocasião e acrescentou:

— Mas podemos todos tomar um trago!

Todos beberam em comemoração, com exceção de Rashid, que não tomava álcool. Simons levou Boulware para um canto,

— E agora me diga: o que está acontecendo?

— Falei com Ross esta tarde — respondeu Boulware — O Sr.

Fish está a caminho daqui, com Sculley, Schwebach e Davis. Eles estão num ônibus, Podemos todos partir imediatamente... creio que se daria um jeito para meter doze homens em dois carros. Mas acho que devemos esperar pelo ônibus, Por um lado, ficaremos todos juntos e assim ninguém poderá mais se perder. Por outro, parece que a estrada por aqui é um tanto perigosa, com bandidos e outras coisas, Não sei se as informações foram exageradas, mas eles não param de falar nisso e estou começando a acreditar que é verdade. Se a estrada é mesmo perigosa, estaremos mais seguros se nos mantivermos juntos. E tem mais uma coisa: se formos para Yuksekova e ficarmos esperando pelo Sr. Fish lá, não poderemos fazer qualquer outra coisa senão nos hospedarmos no pior hotel do mundo e atrair perguntas e pressões de outras autoridades.

— Está bem — disse Simons, relutantemente. — Vamos esperar um pouco.

Ele parecia cansado, pensou Boulware; um velho que queria apenas descansar. Coburn também estava igual: tenso, esgotado, quase alquebrado. Boulware se perguntou o que eles teriam passado para chegarem até ali.

O próprio Boulware sentia-se formidável, embora quase não tivesse dormido nas últimas 48 horas. Pensou em suas intermináveis discussões com o Sr. Fish sobre a maneira de chegar à fronteira; na confusão em Adana, quando o ônibus não aparecera; na viagem de táxi sob uma nevasca nas montanhas... E ali estava ele, no final das contas.

O frio era intenso dentro da pequena casa de guarda e a estufa de lenha só servia praticamente para encher a sala de fumaça. Todos estavam exaustos e o uísque deixou-os sonolentos. Um a um, começaram a dormir, nos bancos de madeira e no chão.

Simons não dormiu. Rashid observou-o, a andar de um lado para outro, como um tigre enjaulado, fumando um charuto atrás de outro.

Ao amanhecer, ele pôs-se a olhar pela janela, através da terra de ninguém, para o Irã.

— Há uma centena de homens com rifles no outro lado —

informou ele a Rashid e Boulware. — O que acham que eles fariam se soubessem por acaso quem eram os homens que atravessaram a fronteira ontem à noite?

Boulware também começou a se perguntar se estava certo ao propor que esperassem pelo Sr. Fish. Rashid olhou pela janela. Vendo os Range Rovers no outro lado, ele lembrou-se de uma coisa.

— O latão de gasolina — disse ele. — Deixei lá o latão com o dinheiro. E podemos precisar do dinheiro.

Simons limitou-se a olhar para ele, sem dizer nada.

Num súbito impulso, Rashid saiu da casa da guarda e começou a atravessar a fronteira.

Parecia uma longa distância.

Ele pensou na psicologia dos guardas no lado iraniano. Eles já nos consideram cartas fora do baralho, concluiu. Se tinham dúvidas sobre se estavam fazendo o que era certo ontem à noite, então devem ter passado as últimas horas inventando desculpas, justificando sua ação. A esta altura, já se convenceram de que fizeram o que era certo.

Levará algum tempo para mudarem de idéia.

Ele chegou ao outro lado e passou por cima da corrente.

Foi até o primeiro Range Rover e abriu a traseira.

Dois guardas saíram correndo da cabana. Rashid tirou o latão de gasolina do carro e fechou-o.

— Esquecemos a gasolina — disse ele, começando a se encaminhar de volta para a corrente.

— Para que precisam disso? — perguntou um dos guardas, desconfiado. — Não estão mais com os carros.

— Para o ônibus — respondeu Rashid, passando por cima da corrente. — O ônibus que vai nos levar para Van.

Ele afastou-se, sentindo os olhos dos guardas fixados costas.

Não olhou ao redor até estar novamente dentro da casa de guarda do lado turco.

Poucos minutos depois, ouviram o barulho de um motor.

Olharam pela janela. Um ônibus aproximava-se pela estrada. Todos aclamaram.

Pat Sculley, Jim Schwebach, Ron Davis e o Sr. Fish deixaram ônibus e entraram na casa da guarda.

Todos trocaram apertos de mão.

Os recém-chegados haviam trazido outra garrafa de uísque e todos tornaram a beber em comemoração.

O Sr. Fish foi conversar num canto com Ilsman e os guardas da fronteira. Gayden passou o braço pelos ombros de Pat Sculley e disse:

— Já viu quem está conosco?

Sculley olhou para Rashid, adormecido num canto. Ele sorriu.

Em Teerã, fora o gerente de Rashid e depois, durante aquele primeiro encontro com Simons, na sala de reunião da EDS — teria sido há apenas seis semanas? — insistira com veemência que Rashid deveria participar da operação de resgate. Parecia agora que Simons chegara à mesma conclusão. O Sr. Fish disse:

— Pat Sculley e eu temos de ir a Yuksekova e conversar com o chefe de polícia de lá. Os outros devem ficar esperando aqui, por favor.

— Ei, espere um pouco! — protestou Simons. — Esperamos por Boulware, depois esperamos por vocês. O que mais temos de esperar agora?

O Sr. Fish explicou:

— Se não acertarmos tudo antes, poderá haver problemas, porque Paul e Bill não têm passaportes.

Simons virou-se para Boulware, furioso.

— O tal de Ilsman já deveria ter resolvido esse problema.

— E pensei que ele tivesse! — disse Boulware. — Pensei que ele os tivesse subornado!

— Então o que está acontecendo?

Fish tornou a intervir:

— É melhor assim.

— Pois então resolva tudo o mais depressa possível! —

resmungou Simons.

Sculley e o Sr. Fish saíram.

Os outros começaram a jogar pôquer. Tinham milhares de dólares escondidos nos sapatos e estavam um pouco inebriados. Paul teve um full-hand de ás numa das mãos e as apostas elevaram-se a mais de 1.000 dólares. Keane Taylor é que aumentava as apostas. Paul tinha três ases aparecendo, enquanto Taylor tinha à mostra apenas um par de reis. Paul calculou que ele tinha outro rei escondido, o que lhe daria um full hand. Paul estava certo e ganhou 1.400 dólares.

Um novo turno de guardas da fronteira chegou, inclusive com um oficial, que ficou furioso ao encontrar a casa da guarda cheia de pontas de cigarro, notas de 100 dólares e americanos jogando pôquer, sendo que dois haviam entrado no país sem passaporte.

A manhã foi-se arrastando e todos começaram a se sentir mal...

com muito uísque e pouco sono. Enquanto o sol subia pelo céu, o pôquer não parecia mais divertido. Simons estava cada vez mais nervoso. Gayden começou a pressionar Boulware, que passou a imaginar o que teria acontecido com Sculley e o Sr. Fish.

Boulware estava agora convencido de que cometera um erro.

Todos deveriam ter partido para Yuksekova logo depois da travessia da fronteira. E cometera outro erro ao permitir que o Sr. Fish assumisse o comando. De alguma forma, ele perdera a iniciativa.

Às 10 horas da manhã, depois de quatro horas de ausência, Sculley e o Sr. Fish voltaram.

O Sr. Fish disse ao oficial que eles tinham permissão para partir.

O oficial disse alguma coisa bruscamente e, como se fosse por acaso, deixou a túnica se entreabrir, revelando a pistola.

Os outros guardas se afastaram dos americanos. O Sr. Fish explicou:

— O oficial está dizendo que só podemos partir quando ele der permissão.

— Já chega! — disse Simons.

Ele se levantou e disse alguma coisa em turco. Todos os turcos olharam para ele, surpresos, pois nenhum imaginara que Simons falava sua língua.

Simons levou o oficial para a outra sala. Voltaram alguns minutos depois e Simons anunciou:

— Podemos partir.

Todos saíram. Coburn perguntou:

— Por acaso subornou-o, Coronel... ou simplesmente deu-lhe um susto?

Simons exibiu um esboço de sorriso e não disse nada. Pat Sculley indagou:

— Quer ir para Dallas, Rashid?

Nos dois últimos dias, refletiu Rashid, os americanos vinham falando como se ele fosse acompanhá-los até o fim; mas aquela era a primeira vez que alguém lhe perguntava diretamente se era essa a sua vontade. Ele tinha agora de tomar a decisão mais importante da sua vida.

Quer ir para Dallas, Rashid?

Era um sonho que se convertia em realidade. Ele pensou no que estava deixando para trás. Não tinha filhos, não tinha esposa, não tinha sequer uma namorada... nunca estivera apaixonado Mas pensou nos pais, na irmã, nos irmãos.

Poderiam precisar dele. A vida inevitavelmente seria muito difícil no Irã, por algum tempo. Mas que ajuda ele poderia prestar lhes? Continuaría empregado por mais alguns dias ou semanas, embarcando os bens dos americanos de volta aos Estados Unidos, cuidando de cachorros e gatos... e depois mais nada. A EDS estava acabada no Irã. Provavelmente os computadores também estavam acabados, por muitos anos, Desempregado, ele seria um fardo para a família, apenas mais uma boca para alimentar, em tempos difíceis.

Mas na América...

Na América ele poderia continuar sua instrução, Podia pôr seus talentos em ação, tornar-se um sucesso nos negócios — especialmente com a ajuda de homens como Pat Sculley e Jay Coburn.

Quer ir para Dallas, Rashid?

— Quero, sim disse ele a Sculley. — Quero ir para Dallas.

— O que estamos esperando? Vamos para o ônibus!

Todos embarcaram no ônibus.

Paul acomodou-se no assento com um intenso alívio, O ônibus partiu e o Irã desapareceu na distância. Provavelmente nunca mais tornaria a ver o país. Havia estranhos no ônibus, alguns turcos mal-encarados, em uniformes improvisados, além de dois americanos, que eram pilotos, pelo que alguém comentou. Paul estava exausto demais para querer saber mais alguma coisa. Um dos guardas turcos do posto da fronteira juntou-se ao grupo, presumivelmente pegando uma carona.

Pararam em Yuksekova. O Sr. Fish disse a Paul e Bill:

— Temos de falar com o chefe de polícia. Ele está aqui há 25

anos e esta é a coisa mais importante que já lhe aconteceu. Mas não se preocupem É tudo rotina.

Paul, Bill e o Sr. Fish saltaram do ônibus e entraram na pequena delegacia de polícia, Por algum motivo, Paul não estava preocupado, estava fora do Irã; embora a Turquia não fosse exatamente um país Ocidental, pelo menos não estava no meio de uma revolução. Ou talvez ele estivesse apenas cansado demais para sentir medo.

Ele e Bill foram interrogados por duas horas e depois liberados.

Mais seis pessoas embarcaram no ônibus em Yuksekova: uma mulher e uma criança que pareciam pertencer ao guarda da fronteira, quatro homens muito sujos — “guarda-costas”, explicou o Sr. Fish — que se sentaram por trás de uma cortina, nos fundos do ônibus.

O ônibus partiu, a caminho de Van, onde havia um avião fretado à espera. Paul contemplou a paisagem. Era mais lindo que a Suíça, pensou ele, mas extremamente pobre. Pedras imensas estavam espalhadas ao longo da estrada. Nos campos, pessoas esfarrapadas removiam neve, a fim de que as cabras pudessem comer a vegetação congelada por baixo. Havia cavernas com cercas de madeira na entrada e parecia que era ali que as pessoas viviam.

Passaram pelas ruínas de uma fortaleza de pedra, que poderia datar da época das Cruzadas.

O motorista do ônibus parecia pensar que estava numa corrida.

Guiava agressivamente pela estrada sinuosa, aparentemente confiante de que nada poderia vir na direção contrária. Um grupo de soldados acenou para que o ônibus parasse, mas o motorista passou por eles. O

Sr. Fish gritou-lhe que parasse, mas ele gritou em resposta e seguiu em frente.

O exército estava esperando por eles em plena força alguns quilômetros adiante, provavelmente informado de que o ônibus passara pelo grupo de soldados. O motorista foi obrigado a parar, pois agora os soldados se postaram no meio da estrada, apontando seus rifles.

Um sargento entrou no ônibus e arrancou o motorista lá de dentro, apontando uma pistola para sua cabeça.

Agora estamos metidos numa encrenca, pensou Paul.

A cena era quase engraçada. O motorista não estava absolutamente intimidado. Gritava tão alto e tão furiosamente quanto os soldados.

O Sr. Fish, Ilman e alguns dos misteriosos passageiros saltaram do ônibus e começaram a conversar. Acabaram apaziguando os militares. O motorista foi literalmente jogado de volta no interior do ônibus, mas nem isso foi suficiente para lhe arrefecer o ânimo.

Enquanto se afastava, ele ainda gritava pela janela e sacudia o punho para os soldados.

Chegaram a Van ao final da tarde.

Foram para o prédio da municipalidade, apresentando-se à polícia local. Os mal-encarados guarda-costas desapareceram como neve derretida. A polícia preencheu diversos formulários e depois escoltou- os até o aeroporto.

Quando estavam embarcando no avião, Ilsman foi detido por um guarda: tinha uma pistola 45 num coldre debaixo do braço. Parecia que até mesmo na Turquia, os passageiros não tinham permissão para entrar em aviões com armas de fogo. Mas Ilsman exibiu suas credenciais e o problema foi resolvido.

Rashid também foi detido. Estava carregando o latão de gasolina com o dinheiro dentro e é claro que líquidos inflamáveis não podiam ser levados para o avião. Ele disse aos guardas que o latão continha óleo de bronzear para as esposas dos americanos e eles acreditaram.

Estavam todos no avião. Simon e Coburn, com a cessação do efeito das pílulas estimulantes, acomodaram-se confortavelmente e em poucos segundos estavam dormindo.

Enquanto o avião taxiava e decolava, Paul sentiu-se tão exultante como se aquela fosse a sua primeira viagem de avião.

Recordou como, na prisão em Teerã, ansiara em fazer as coisas mais comuns, como entrar num avião e ir embora. Elevar-se pelas nuvens agora proporcionou-lhe algo que há muito tempo não experimentava: uma sensação de liberdade.

3

Segundo os regulamentos peculiares de viagem aérea na Turquia, o avião fretado não podia ir para qualquer lugar em que houvesse um vôo de carreira disponível. Assim, eles não podiam voar diretamente para Istambul, onde Perot aguardava; tinham de descer em Ancara e ali trocar de avião.

Enquanto esperavam pelo outro avião, eles resolveram alguns problemas.

Simons, Sculley, Paul e Bill entraram num táxi e seguiram para a embaixada americana. Era um longo percurso através da cidade. O ar era escuro, com uma tonalidade marrom, um cheiro forte.

— O ar é ruim aqui — comentou Bill.

— É carvão com alto índice de enxofre — explicou Simons, que vivera na Turquia na década de 50. — Eles nunca ouviram falar de controles de poluição.

O táxi parou diante da embaixada dos Estados Unidos. Bill olhou pela janela e sentiu o coração disparar: havia um jovem e bonito fuzileiro naval de sentinela, metido num uniforme impecável.

Isso era a América

Pagaram ao motorista. Ao entrarem, Simons perguntou ao soldado:

— Tem uma oficina aqui na embaixada, soldado?

— Tem, sim, senhor.

O fuzileiro deu-lhe a direção. Paul e Bill foram para a seção de Passaportes. Tinha no bolso as fotografias especiais que Boulware

trouxe dos Estados Unidos. Aproximaram-se do balcão e Paul disse:

— Perdemos nossos passaportes. Deixamos Teerã com alguma pressa...

— Ah, sim...

Parecia até que o funcionário estava esperando por eles.

Tiveram de preencher formulários. Um funcionário mais graduado levou-os para uma sala particular e disse-lhes que queria alguns conselhos. O consulado americano em Tabriz estava sendo atacado por revolucionários e talvez os funcionários tivessem de escapar da mesma forma que Paul e Bill. Eles descreveram o caminho que haviam percorrido e os problemas encontrados. Saíram de lá alguns minutos depois, cada um levando um passaporte americano, válido por 60 dias. Paul olhou para o seu e disse:

— Já viu alguma coisa tão bonita em toda a sua vida?

Simons esvaziou a gasolina do latão e tirou o dinheiro nos sacos de plástico. A confusão era total. Alguns dos sacos haviam-se rompido e as notas estavam cobertas de gasolina. Sculley começou a limpar o dinheiro, arrumando em pilhas de 10.000 dólares: havia 65.000

dólares e mais uma quantia equivalente em riais.

Enquanto ele fazia isso, um fuzileiro entrou. Vendo aqueles desgrenhados e barbados, ajoelhados no chão, contando uma pequena fortuna em notas de 100 dólares, ele deixou escapar uma exclamação de espanto. Sculley disse a Simons:

— Acha que devo explicar a ele, coronel?

Simons grunhiu:

— Seu companheiro no portão já sabe o que está acontecendo, soldado.

O fuzileiro bateu continência e saiu.

Eram 11 horas da noite quando eles foram chamados para embarcar no vôo para Istambul.

Passaram pela verificação final de segurança, um a um. Sculley estava logo na frente de Simons. Olhando para trás, ele viu que o guarda queria que Simons mostrasse o que havia dentro do envelope em suas mãos.

O envelope continha todo o dinheiro retirado do latão de gasolina. Sculley murmurou:

— Mas que merda!

O soldado espiou o conteúdo do envelope, encontrando os 65.000 dólares e quatro milhões de reais... e a confusão se desencadeou no mesmo instante.

Vários soldados sacaram suas armas, um deles gritou, oficiais se aproximaram correndo.

Sculley viu Taylor, que tinha 50.000 dólares numa pequena bolsa preta, abrindo caminho pela multidão em torno de Simons, murmurando:

— Com licença, por favor, com licença...

À frente de Sculley, Paul já passara pela barreira de controle.

Sculley pôs os seus 30.000 dólares nas mãos de Paul, depois virou-se e tornou a passar pela barreira.

Os soldados estavam levando Simons para ser interrogado.

Sculley seguiu-o, junto com o Sr. Fish, Ilsman, Boulware e Jim Schwebach. Simons foi conduzido para uma pequena sala. Um dos oficiais virou-se, viu cinco homens entrando e perguntou, em inglês:

— Quem são vocês?

— Estamos todos juntos — disse Sculley.

Sentaram-se e o Sr. Fish conversou com os oficiais. Depois de algum tempo, ele disse:

— Eles querem ver os documentos que provam que você trouxe este dinheiro para o país.

— Que documentos?

— Você é obrigado a declarar toda moeda estrangeira em seu poder quando entra na Turquia.

— Ora, ninguém nos perguntou nada!

Boulware interveio:

— Sr. Fish, explique a esses palhaços que entramos na Turquia por um pequeno posto de fronteira, onde os guardas provavelmente não sabem o bastante para ler formulários e não nos pediram para preencher qualquer um. Mas teremos o maior prazer em fazê-lo agora.

O Sr. Fish argumentou mais um pouco com os turcos. Simons acabou tendo permissão para partir, com o dinheiro. Mas os soldados anotaram seu nome, número do passaporte e descrição. E Simons foi preso no instante em que desembarcou em Istambul.

À três horas da madrugada de sábado, 17 de fevereiro de 1979, Paul e Bill entraram na suíte de Ross Perot, no Sheraton de Istambul.

Foi o maior momento na vida de Perot.

A emoção aflorou dentro dele enquanto abraçava os dois. Ali estavam eles, vivos e bem de saúde, depois de todo aquele tempo, de todas aquelas semanas de espera, de decisões impossíveis e riscos terríveis. Ele olhou para os dois rostos radiantes. O pesadelo estava terminado

O resto da equipe entrou na suíte atrás deles. Ron Davis estava de brincadeira, como sempre. Tomara emprestadas as roupas quentes de Perot, que fingira estar preocupado em tê-las de volta. Agora, Davis tirou o chapéu, o casaco e as luvas, jogando no chão dramaticamente e dizendo:

— Aqui está, Perot! Pode ficar com as suas malditas coisas!

Sculley finalmente entrou e informou:

— Simons foi preso no aeroporto.

A exultação de Perot se dissipou.

— Por quê? — indagou ele, consternado.

— Estava levando muito dinheiro num envelope e por acaso revistaram-no.

Perot ficou furioso.

— Mas que diabo, Pat! Por que ele estava levando tanto dinheiro?

— Era o dinheiro que escondemos no latão de gasolina, O problema...

Perot interrompeu-o:

— Depois de tudo o que Simons fez, por que deixá-lo correr um risco desnecessário? E agora entenda uma coisa, Pat. Vou partir ao

meio-dia. Se Simons não estiver fora da prisão até lá, você terá de ficar nesta maldita Istambul até conseguir soltá-lo!

Sculley e Boulware reuniram-se com o Sr. Fish. Boulware disse:

- Precisamos tirar o Coronel Simons da cadeia.
- Haverá necessidade de pelo menos dez dias...
- Não me venha com essa! — protestou Boulware, bruscamente.
- Perot não engolirá tal história. Quero tirá-lo da cadeia agora.
- Mas são cinco horas da manhã!
- Quanto? — insistiu Boulware.
- Não sei. Muitas pessoas sabem do incidente, tanto em Ancara como em Istambul.
- Que tal cinco mil dólares?
- Por esse dinheiro, eles venderiam até as próprias mães.
- Ótimo — disse Boulware. — Então vamos resolver logo o problema.

Fish deu um telefonema e depois disse:

- Meu advogado vai encontrar-se conosco na prisão, perto do aeroporto.

Boulware e o Sr. Fish embarcaram no velho carro todo amassado do turco, deixando Sculley para pagar a conta do hotel.

Foram para a prisão e se encontraram com o advogado. Entrando no carro, o advogado comunicou:

— Tenho um juiz a caminho. E já falei com a polícia. Onde está o dinheiro?

Boulware disse:

— Está com o prisioneiro.

— Como assim?

— Entre na prisão e saia com o prisioneiro. Ele lhe dará os cinco mil dólares.

Era um absurdo, mas o advogado conseguiu. Entrou na prisão e saiu poucos minutos depois, em companhia de Simons. Entraram no carro.

— Não vamos pagar nada a esses palhaços — disse Simons. —

Esperarei um pouco. Eles vão ficar falando até se cansarem e dentro de poucos dias me soltarão.

— Por favor, Bull, não crie dificuldades agora. Dê-me o envelope.

Relutantemente, Simons entregou o envelope. Boulware tirou cinco mil dólares e entregou ao advogado, dizendo:

— Aqui está o dinheiro. Dê um jeito em tudo.

E o advogado deu um jeito.

Meia hora depois, Boulware, Simons e Fish foram conduzidos ao aeroporto num carro da polícia. Um policial pegou seus passaportes e conduziu-os através do controle de passaporte e da alfândega.

Quando saíram na pista, o carro da polícia estava ali esperando-os, a fim de conduzi-los ao Boeing 707.

Embarcaram no avião. Simons olhou para as cortinas de veludo, os estofamentos de pelúcia, os aparelhos de TV e os bares. E não pôde se conter:

— Mas que merda é essa?

A tripulação estava a bordo, esperando. Uma aeromoça aproximou-se de Boulware e perguntou:

— Aceita um drinque?

Boulware sorriu.

O telefone tocou na suíte do hotel de Perot e Paul por acaso atendeu. Uma voz disse:

— Alô?

Paul disse:

— Alô?

— Quem está falando?

Desconfiado, Paul indagou:

— Com quem deseja falar?

— Paul?

Paul reconheceu a voz de Merv Stauffer.

— Merv!

— Tenho alguém aqui que quer falar com você, Paul.

Houve uma pausa e depois uma voz de mulher disse:

— Paul?

Era Ruthie.

— Ruthie!

— Oh, Paul!

— Como vai, meu bem? O que está fazendo?

— O que acha que estou fazendo? — Ruthie chorava enquanto falava. — Estou esperando por você!

O telefone tocou. Antes que Emily pudesse atender, alguém pegou a extensão no quarto das crianças. Um momento depois, ela ouviu uma menina gritar:

— É papai! É papai!

Ela correu para o quarto.

Todas as crianças estavam pulando de alegria, disputando o telefone.

Emily ainda se conteve por um ou dois minutos, mas depois arrancou o fone das crianças.

— Bill?

— Emily!

— Puxa, como você parece bem! Eu não esperava que parecesse... Oh, Bill, como você está bem!

Em Dallas, Merv começou a anotar uma mensagem em código de Perot.

Pegue... o...

Ele estava agora tão familiarizado que podia transcrever o código enquanto ouvia.

código... e...

Ele ficou aturdido, porque nos últimos três dias Perot estivera pressionando-o por causa do código. Perot não tinha paciência para usá-lo e Stauffer tinha de insistir, dizendo:

— É assim que Simons quer, Ross.

Agora que o perigo passara, por que Perot começara subitamente a usar o código?

enfie... onde...

Stauffer adivinhou o resto e desatou a rir.

Ron Davis ligou para a copa e pediu ovos com bacon para todos.

Enquanto comiam, Dallas tornou a ligar. Era Stauffer. Pediu para falar com Perot.

— Ross, estamos outra vez no *Times Herald* de Dallas.

Seria outra piada?

Stauffer continuou:

— A manchete da primeira página diz: “Homens de Perot escaparam. Fuga foi por terra.”

Perot sentiu que o sangue começava a ferver.

— Pensei que estávamos abafando a história!

— E bem que tentamos, Ross. Mas parece que as pessoas que possuem ou administram o jornal não são capazes de controlar o

editor.

Tom Luce entrou na linha, furioso.

— Ross, esses filhos da puta estão dispostos a liquidar a equipe de resgate, destruir a EDS e metê-lo na cadeia só para serem os primeiros a publicar a história. Explicamos as conseqüências a eles, mas isso não fez a menor diferença. Devemos processá-los quando tudo isso acabar, não importa quanto tempo leve ou quanto custe...

— Talvez — disse Perot. — Tome cuidado ao comprar uma briga com gente que compra tinta em barril e papel por tonelada.

Quais são as chances dessa notícia chegar a Teerã?

— Não sabemos. Há muitos iranianos no Texas e a maioria vai saber. Ainda é muito difícil obter uma ligação telefônica para Teerã, mas já conseguimos duas vezes e assim eles também podem.

— E se eles conseguirem...

— Então Dadgar vai descobrir que Paul e Bill escapuliram entre seus dedos.

— E pode se decidir a capturar reféns alternativos — disse Perot, friamente.

Ele estava revoltado com o Departamento de Estado por vazar a história, furioso com o *Times Herald* de Dallas por publicá-la e irritado porque não se podia fazer coisa alguma.

— E a Equipe Limpa ainda está em Teerã — murmurou ele.

O pesadelo ainda não terminara.

QUATORZE

1

Ao meio-dia de sexta-feira, 16 de fevereiro, Lou Goelz ligou para Joe Poché e disse-lhe que levasse o pessoal da EDS para a embaixada dos Estados Unidos, naquela tarde, às cinco horas. A distribuição das passagens e a conferência de bagagem seriam efetuadas na embaixada durante a noite e poderiam partir num vôo de evacuação da Pan Am na manhã de sábado.

John Howell estava nervoso. Sabia, por intermédio de Abolhasan, que Dadgar ainda estava ativo. E não sabia o que acontecera com a Equipe Suja. Se Dadgar descobrisse que Paul e Bill haviam escapado ou se simplesmente desistisse de procurá-los e resolvesse prender outros reféns, a Equipe Limpa estaria em perigo. E

qual o melhor lugar para efetuar as prisões que não o aeroporto, onde todos tinham de se identificar com a apresentação do passaporte?

Ele se perguntou se era sensato para o grupo embarcar logo no primeiro vôo disponível. Afinal, segundo Lou Goelz, haveria uma sucessão de vôos. Talvez devessem esperar e ver o que acontecia com o primeiro grupo de evacuados, se havia alguma busca pelo pessoal da EDS. Pelo menos saberiam de antemão qual o procedimento. Mas o mesmo aconteceria com os iranianos. A vantagem de embarcar no primeiro vôo era a de que tudo estaria provavelmente confuso, o que poderia ajudar Howell e a Equipe Limpa a escaparem sem serem percebidos. Ao final, ele concluiu que o primeiro vôo era o melhor, mas mesmo assim permaneceu apreensivo.

Bob Young sentia a mesma coisa. Embora Young não mais trabalhasse para a EDS no Irã — estava baseado no Kuwait — ali estivera quando o contrato com o Ministério da Saúde fora

negociado, encontrara-se pessoalmente com Dadgar e seu nome podia constar de alguma lista nos arquivos dele.

Joe Poché também era favorável ao primeiro vôo, embora não falasse muito a respeito — ele quase não falava muito a respeito de qualquer coisa. Howell achava-o pouco comunicativo.

Rich e Cathy Gallagher não tinham certeza se queriam deixar o Irã. Declararam firmemente que, independente do que o Coronel Simons dissera, Poché não estava no “comando” deles e que tinham o direito de tomar suas próprias decisões. Poché concordou, mas ressaltou que se eles resolvessem correr todos os riscos ali, com os iranianos, não deveriam contar com Perot para enviar outra equipe de resgate para buscá-los, se fossem metidos na cadeia. Ao final, os Gallaghers também resolveram partir no primeiro vôo.

Naquela tarde, todos verificaram seus documentos, destruindo tudo o que se referia a Paul e Bill.

Poché deu 2.000 dólares a cada um, meteu 500 dólares em seu próprio bolso e escondeu o resto do dinheiro nos sapatos, 10.000

dólares em cada. Estava usando sapatos emprestados de Gayden, um tamanho maior, a fim de acomodar o dinheiro. Também tinha no bolso um milhão de reais, que planejava dar a Lou Goelz para entregar a Abolhasan, que usaria o dinheiro para pagar os últimos salários aos empregados iranianos remanescentes.

Poucos minutos antes das cinco horas, eles estavam-se despedindo do caseiro de Goelz quando o telefone tocou. Poché atendeu. Era Tom Walter, que disse:

— Temos as pessoas. Está me entendendo? Temos as pessoas.

— Já entendi.

Todos entraram no carro, Cathy carregando seu *poodle*, *Buffy*.

Poché sentou-se ao volante. Não falou aos outros da mensagem enigmática de Tom Walter.

Estacionaram numa rua transversal, perto da embaixada, onde deixaram o carro. Ficaria ali até que alguém resolvesse roubá-lo.

Howell não experimentou qualquer alívio da tensão enquanto se encaminhava para a embaixada. Havia pelo menos mil americanos na área da embaixada, mas havia também dezenas de guardas revolucionários armados. A embaixada era supostamente território americano, inviolável, mas obviamente os revolucionários iranianos não davam a menor importância a essas sutilezas diplomáticas.

A Equipe Limpa foi conduzida para uma fila. Passaram a maior parte da noite esperando na fila. Entraram em fila para preencher formulários, entraram em fila para entregar seus passaportes, entraram em fila para a conferência da bagagem. Todas as malas foram levadas para uma sala imensa e depois os evacuados tiveram de encontrar pessoalmente sua bagagem e talões de visto. E depois entraram em fila para abrir as malas e permitir que os revolucionários as examinassem.

Não houve uma única mala que eles não verificassem.

Howell soube que haveria dois aviões, ambos 747 da Pan Am.

Um iria para Frankfurt, o outro para Atenas. Os evacuados eram organizados pela empresa aérea, mas as pessoas da EDS foram incluídas no pessoal da embaixada que estava de partida. Seguiriam no vôo para Frankfurt.

Às sete horas da manhã de sábado, eles foram embarcados nos ônibus que os conduziram ao aeroporto.

Foi uma viagem infernal.

Dois ou três revolucionários armados embarcaram em cada ônibus. Ao passarem pelos portões da embaixada, eles viram uma multidão de repórteres e equipes de televisão: os iranianos haviam decidido que a fuga dos americanos humilhados seria um acontecimento da televisão mundial.

O ônibus foi sacolejando pela estrada para o aeroporto. Perto de Poché estava um guarda de 15 anos. Ele permanecia de pé no corredor, balançando com o movimento do ônibus, o dedo no gatilho do rifle. Poché notou que a arma estava destravada.

Se ele tropeçasse...

As ruas estavam repletas de pessoas e veículos. Todos pareciam saber que aqueles ônibus continham americanos e o ódio era palpável.

As pessoas gritavam e sacudiam os punhos. Um caminhão encostou ao lado, o motorista inclinou-se pela janela e cuspiu no ônibus.

O comboio foi detido várias vezes. Áreas diferentes da cidade pareciam estar sob o controle de grupos revolucionários diferentes; cada grupo tinha de demonstrar a sua autoridade detendo os ônibus e depois dando permissão para que prosseguissem.

Levaram duas horas para percorrer os 10 quilômetros até o aeroporto.

A cena ali era caótica. Havia mais câmaras de televisão e repórteres, além de centenas de homens armados circulando, alguns usando fragmentos de uniformes, alguns orientando o tráfego, todos assumindo o comando, todos com uma opinião diferente sobre o lugar para onde os ônibus deveriam ir.

Os americanos finalmente entraram no terminal, às nove e meia.

O pessoal da embaixada começou a distribuir os passaportes que haviam recolhido durante a noite. Cinco estavam faltando: os de Howell, Poché, Young e dos Gallaghers.

Depois que Paul e Bill haviam entregado seus passaportes à embaixada para a salvaguarda, em novembro, esta se recusara a devolvê-los sem comunicar à polícia. Seriam tão traiçoeiros ao ponto de fazer alguma coisa agora? Subitamente, Poché abriu caminho pela multidão, segurando cinco passaportes.

— Encontrei-os numa prateleira por trás do balcão — disse ele.

— Acho que foram postos lá por acaso.

Bob Young viu dois americanos segurando fotografias e esquadrinhando a multidão. Para seu horror, eles se encaminharam para o pessoal da EDS. Aproximaram-se de Rich e Cathy Gallagher.

Seria possível que Dadgar tomasse Cathy como refém?

Os homens sorriram e disseram que estavam com uma parte da bagagem dos Gallaghers.

Young relaxou.

Amigos dos Gallaghers haviam recolhido algumas malas do casal no Hyatt, pedindo àqueles dois americanos que as levassem ao aeroporto e tentassem entregá-las aos donos. Eles concordaram, mas não conheciam os Gallaghers pessoalmente... o que explicava as fotografias.

Fora um falso alarme, mas mesmo assim aumentou a ansiedade deles.

Joe Poché resolveu verificar se podia descobrir alguma coisa.

Afastou-se e localizou um agente da Pan Am.

— Trabalho para a EDS — disse Poché. — Os iranianos estão procurando por alguém?

— Estão, sim — respondeu o agente. — Procuram por dois homens.

— Mais alguém?

— Não. E a lista de detenção já tem várias semanas.

— Obrigado.

Poché voltou e informou aos outros.

Os evacuados estavam começando a se encaminhar para a barreira por onde alcançariam o salão de partida. Poché disse:

— Sugiro que nos separemos. Assim não ficaremos parecendo um grupo... e mesmo que um ou dois tenham problemas, os outros poderão passar. Serei o último. Assim, se alguém ficar para trás eu também ficarei.

Bob Young olhou para a sua valise e viu que tinha uma etiqueta de bagagem dizendo "William D. Gaylord".

Ele sofreu um momento de pânico. Se os iranianos vissem aquilo, certamente pensariam que ele era Bill e o prenderiam.

Ele sabia como acontecera. Sua própria valise fora destruída pelos revolucionários que haviam invadido e depredado os quartos no Hyatt. Mas duas ou três malas haviam ficado intactas e Young tomara uma emprestada. Era aquela.

Ele arrancou a etiqueta e meteu-a no bolso, tencionando livrar-se dela na primeira oportunidade.

Todos passaram pelo portão de "Só Passageiros".

Tiveram de pagar em seguida a taxa de utilização do aeroporto.

Poché achou graça, pensando: os revolucionários devem ter chegado à conclusão de que a taxa do aeroporto era a única coisa boa que o Xá introduzira.

A fila seguinte era para o controle de passaporte.

Howell chegou à mesa ao meio-dia.

O guarda verificou meticulosamente a sua documentação de saída e carimbou-a. Olhou para a fotografia no passaporte, comparou-a com o rosto de Howell. Finalmente comparou o nome no passaporte contra uma lista que tinha na mesa.

Howell prendeu a respiração.

O guarda devolveu o passaporte e acenou-lhe para que passasse.

Joe Poché foi o último a passar pelo controle. O guarda fitou-o com uma atenção redobrada, comparando o rosto com a fotografia, pois Poché usava agora uma barba vermelha. Mas ele também acabou tendo permissão para passar.

A Equipe Limpa estava com um ânimo jovial no salão de partida. Estava tudo acabado, pensou Howell, agora que haviam passado pelo controle de passaporte.

Às duas horas da tarde eles começaram a passar pelos portões.

Havia ali, normalmente, uma revista de segurança. Desta vez, além de procurar por armas, os guardas estavam confiscando mapas, fotografias de Teerã e grandes somas de dinheiro. Mas ninguém da Equipe Limpa perdeu o dinheiro. Os guardas não revistaram os sapatos de Poché.

Além dos portões, uma parte da bagagem estava empilhada na pista. Os passageiros tinham de encontrar suas malas e abri-las para verificar, antes que fossem embarcadas no avião. Nenhuma das

malas da Equipe Limpa fora selecionada para aquele tratamento especial.

Eles embarcaram em ônibus e foram levados através da pista para o lugar em que os 747 estavam esperando. As câmaras de televisão também estavam ali.

Ao pé da escada havia outra conferência de passaporte. Howell entrou na fila de 500 pessoas que aguardavam para embarcar no avião que seguiria para Frankfurt. Mostrava-se menos preocupado que antes.

Parecia que ninguém estava à sua procura.

Ele embarcou no avião e se acomodou. Havia diversos revolucionários armados a bordo, tanto na cabine de passageiros como na cabine de vôo. A cena tornou-se confusa, quando pessoas que deveriam ir para Atenas descobriram que estavam no avião para Frankfurt. E vice-versa. Todos os lugares foram ocupados, depois os lugares dos tripulantes,.. e ainda havia gente sem ter onde se acomodar.

O comandante ligou o sistema de alto-falantes e pediu a atenção de todos. O avião ficou mais quieto.

— Os passageiros Paul John e William Deming queiram, por favor, se identificar.

Howell sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. John era o nome do meio de Paul Chiapparone. Deming era o nome do meio de Bill Gaylord. Eles ainda estavam procurando por Paul e Bill.

Era evidente que não se tratava de uma mera questão de nomes numa lista no aeroporto. Dadgar ainda se mantinha firmemente no controle e seus homens estavam implacavelmente determinados a encontrar Paul e Bill. Dez minutos depois, o comandante tornou a falar pelo sistema de alto-falantes:

— Senhoras e senhores, ainda não localizamos Paul John e William Deming. Fomos informados que não podemos decolar até que esses dois sejam localizados. Se alguém a bordo sabe do paradeiro deles, queira por favor nos comunicar.

Essa não!, pensou Howell.

Bob Young lembrou-se subitamente da etiqueta de bagagem que tinha no bolso, com o nome de "William D. Gaylord": Foi ao banheiro e jogou-a no vaso.

Os revolucionários tornaram a avançar pelo corredor do avião, pedindo os passaportes. Conferiram cada um cuidadosamente, comparando a fotografia com o rosto do dono.

John Howell pegou um livro que trouxera da casa dos Dvoranchiks e tentou ler, num esforço para parecer despreocupado.

Era Dubai, um romance de Robin Moore sobre intrigas no Oriente Médio. Não podia se concentrar numa história assim, pois a aventura que estava vivendo nada devia à ficção. Daqui a pouco, pensou ele, Dadgar vai compreender que Paul e Bill não estão neste avião. E o que ele fará então? Ele é determinado demais. E também muito esperto. Que maneira perfeita de se efetuar uma conferência de passaporte... no avião, quando todos os passageiros estão sentados e não podem se esconder! Mas o que ele fará em seguida? Entrará pessoalmente no avião, avançando pelos corredores, verificando cada um. Ele não conhece Rich, Cathy ou Joe Poché... mas vai reconhecer Bob Young. E vai reconhecer a mim!

Em Dallas, T. J. Marquez recebeu um telefonema de Mark Ginsberg, o assessor da Casa Branca que tentara ajudar a resolver o problema de Paul e Bill. Ginsberg estava em Washington, controlando a situação em Teerã. Ele disse:

— Cinco dos seus homens estão num avião parado na pista do aeroporto de Teerã.

— Isso é ótimo! — exclamou T. J.

— Não é tão bom assim. Os iranianos estão procurando por Chiapparone e Gaylord e não querem deixar o avião decolar até encontrá-los.

— Oh, diabo!

— Não há controle de tráfego aéreo no Irã e assim o avião tem de decolar antes do cair da noite. Não temos certeza do que vai acontecer, mas não resta muito tempo. Seu pessoal pode ser retirado do avião.

— Não podem deixar que eles façam isso!

— Ficarei em contato com você.

T. J. desligou. Depois de tudo aquilo por que Paul, Bill e a Equipe Suja haviam passado, a EDS terminaria agora com mais funcionários seus numa prisão em Teerã? Não dava nem para pensar a respeito.

Eram seis e meia da manhã em Dallas, quatro horas da tarde em Teerã.

Ainda restavam duas horas de luz do dia. T. J. pegou o telefone.

— Ligue-me com Perot.

— Senhoras e senhores — disse o comandante — Paul John e William Deming não foram localizados. O homem no comando em terra vai efetuar outra conferência de passaporte.

Os passageiros resmungaram.

Howell se perguntou quem seria o homem em comando.

Dadgar? Podia ser um dos homens de Dadgar. Alguns deles conheciam Howell, outros não.

Ele espiou pelo corredor.

Alguém entrou no avião. Howell observou atentamente. Era um homem num uniforme da Pan Am.

Howell relaxou.

O homem foi avançando lentamente pelo avião, conferindo cada um dos 500 passaportes, fazendo uma identificação rosto-fotografia, depois examinando as fotografias e carimbos, a fim de determinar se não estavam adulterados

— Senhoras e senhores — disse outra vez o comandante — eles resolveram verificar a bagagem. Se ouvirem o seu número ser chamado, queiram por favor se identificar.

Cathy estava com todas as etiquetas de bagagem em sua bolsa.

Enquanto os primeiros números eram chamados, Howell observou que ela verificava suas etiquetas. Tentou atrair a atenção dela e fazer sinal para que não se identificasse. Podia ser uma armadilha.

Mais números foram chamados, mas ninguém se levantou.

Howell calculou que todos haviam chegado à conclusão de que era melhor perder a bagagem a correr o risco de ser desembarcado daquele avião.

— Senhoras e senhores, por favor, identifiquem-se quando os números forem chamados. Não precisarão deixar o avião, mas apenas entregar as chaves para que as malas possam ser abertas e revistadas.

Howell não se sentiu tranqüilizado. Ficou olhando para Cathy, ainda tentando atrair a atenção dela. Mais números foram chamados, mas ela não se levantou.

— Senhoras e senhores, temos boas notícias. Entramos em contato com a sede da Pan Am na Europa e recebemos permissão para decolar com um excesso de passageiros.

Houve aclamações cansadas.

Howell olhou para Joe Poché. Poché estava com o passaporte no peito, recostado na poltrona, os olhos fechados, aparentemente dormindo. Joe deve ter gelo nas veias, pensou Howell.

Era inevitável que houvesse muita pressão sobre Dadgar, à medida que o sol descia para o horizonte. Não podia deixar de ser evidente que Paul e Bill não estavam no avião. Se mil pessoas fossem desembarcadas e escoltadas de volta à embaixada, as autoridades revolucionárias teriam de passar outra vez por toda aquela confusão, no dia seguinte. Alguém lá em cima não podia deixar de se levantar e proclamar “Não é possível!”.

Howell sabia que ele e o resto da Equipe Limpa eram certamente culpados de crimes agora. Haviam sido coniventes com a fuga de Paul e Bill. Não importava que os iranianos chamassem isso de conspiração ou cumplicidade, dessem qualquer outro nome, o fato é que era contra a lei. Ele repassou mentalmente a história que todos haviam combinado contar, se fossem detidos. Haviam deixado o Hyatt na manhã de segunda-feira e ido para a casa de Keane Taylor. (Howell queria contar a verdade e indicar a casa de Dvoranchik, mas os outros ressaltaram que isso poderia causar problemas por causa da senhoria de Dvoranchik, enquanto a senhoria de Taylor vivia em outra casa.) Passaram a segunda e terça-feira na casa de Taylor e depois foram para a casa de Lou Goelz na tarde de terça-feira. Desse ponto em diante, contariam apenas a verdade.

A história não protegeria a Equipe Limpa. Howell sabia perfeitamente que Dadgar não se importava se os reféns eram culpados ou inocentes. Às seis horas, o comandante anunciou:

— Senhoras e senhores, temos permissão para decolar.

As portas foram fechadas e o avião começou a se movimentar poucos segundos depois. Os passageiros sem assentos foram instruídos pelas aeromoças a sentarem no chão. Enquanto taxiavam, Howell pensou: Certamente não poderíamos ser detidos agora, mesmo que houvesse ordens para isso...

O 747 aumentou a velocidade pela pista e decolou.

Mas ainda estavam no espaço aéreo iraniano. Os iranianos podiam enviar seus caças a jato... Pouco depois, o comandante anunciou:

— Senhoras e senhores, acabamos de deixar o espaço aéreo iraniano.

Os passageiros saudaram a notícia, cansados.

Conseguimos, pensou Howell.

Ele tornou a pegar o livro.

Joe Poché levantou-se e foi falar com o chefe dos comissários de bordo.

— Há alguma possibilidade do comandante enviar uma mensagem para os Estados Unidos?

— Não sei. Escreva a sua mensagem e falarei com ele.

Poché voltou à sua poltrona, pegou papel e caneta. Escreveu: Para Merv Stauffer, Forest Lane, 7171, Dallas, Texas.

Pensou por um minuto na mensagem. Recordou o lema de recrutamento da EDS: "Águias não voam em bandos — é preciso encontrá-las uma de cada vez." E escreveu:

As águias voaram para seu ninho.

2

Ross Perot queria se encontrar com a Equipe Limpa antes de voltar aos Estados Unidos. Estava ansioso em reunir todos, a fim de poder vê-los e tocá-los, ficar absolutamente certo de que se encontravam seguros e bem. Contudo, na sexta-feira, em Istambul, ele não pôde confirmar o destino do vôo de evacuação que tiraria a Equipe Limpa de Teerã. John Carlen, o piloto do Boeing 707

arrendado, encontrou a solução para o problema:

— Os aviões de evacuação devem passar sobre Istambul.

Ficaremos na pista até eles passarem, entraremos em contato pelo rádio e perguntaremos.

Ao final, isso não foi necessário: Stauffer telefonou na manhã de sábado e informou a Perot que a Equipe Limpa estaria no avião para Frankfurt.

Perot e os outros deixaram o Sheraton ao meio-dia e foram para o aeroporto, ao encontro de Boulware e Simons, que já estavam no avião. Partiram ao final da tarde.

Quando estavam no ar, Perot ligou para Dallas; com o rádio especial, era tão fácil quanto telefonar de Nova York. Falou com Merv Stauffer:

— O que está acontecendo com a Equipe Limpa?

— Recebi uma mensagem — respondeu Stauffer. — Veio do quartel-general europeu da Pan Am. Diz apenas: “As águias voaram para seu ninho.”

Perot sorriu. Estavam todos a salvo.

Perot deixou a cabine de comando e voltou para junto de seus homens. Contemplou-os atentamente. Seus heróis pareciam esgotados.

No aeroporto de Istambul, ele mandara Taylor à loja *duty-free* para comprar cigarros, bebidas e alguma coisa para comer. Taylor gastara mais de mil dólares. Todos serviram-se de um drinque para comemorar a fuga da Equipe Limpa, mas ninguém estava com ânimo de beber. Dez minutos depois, todos estavam sentados nos estofamentos de pelúcia com os copos ainda cheios. Alguém começou um jogo de pôquer, mas logo acabou.

A tripulação do 707 incluía duas lindas aeromoças. Perot mandou que elas abraçassem Taylor e depois tirou uma fotografia.

Ameaçou mostrar a foto à mulher de Taylor, Mary, se Taylor alguma vez lhe causasse problemas.

A maioria estava cansada demais para dormir, mas Gayden voltou ao quarto luxuoso e deitou-se na cama imensa. Perot ficou um pouco irritado. Ele achava que Simons, que era o mais velho e parecia completamente esgotado, deveria ficar com a cama.

Mas Simons estava conversando com uma das aeromoças, Anita Melton. Era uma loura sueca exuberante, na casa dos 20 anos, com um senso de humor burlesco, uma imaginação delirante e uma propensão para o bizarro. Era muito divertida. Simons reconhecia uma alma irmã, alguém que não se importava com o que os outros pudessem pensar, uma pessoa individual. Gostou dela. E descobriu que era a primeira vez, desde a morte de Lucille, que se sentia atraído por uma mulher.

Ele voltara à vida.

Ron Davis começou a se sentir sonolento. Concluiu que a vasta cama era suficiente para caber dois. Assim, foi para o quarto e deitou-se ao lado de Gayden. Gayden abriu os olhos.

— Davis? — disse ele, incrédulo. — Que diabo está fazendo na cama comigo?

— Não se preocupe — disse Davis. — Agora pode dizer aos seus amigos que já dormiu com um negro.

Ele fechou os olhos. Enquanto o avião se aproximava de Frankfurt, Simons lembrou que ainda era responsável por Paul e Bill.

Sua mente voltou a se concentrar no problema, projetando as possibilidades de ação inimiga. Ele perguntou a Perot:

— A Alemanha possui algum tratado de extradição com o Irã?

— Não sei. — Perot recebeu o olhar de Simons. E acrescentou:

— Mas vou descobrir.

Ele ligou para Dallas e pediu para falar com Tom Luce, o advogado.

— Tom, a Alemanha tem um tratado de extradição com o Irã?

— Tenho noventa e nove por cento de certeza que não.

Perot comunicou a Simons, que disse:

— Já vi homens mortos porque tinham noventa e nove por cento de certeza que estavam seguros.

Perot disse a Luce:

— Vamos ter cem por cento de certeza. Tornarei a ligar para você dentro de poucos minutos.

Eles pousaram em Frankfurt e foram para um hotel no complexo do aeroporto. O recepcionista alemão parecia muito curioso e anotou meticulosamente os números de todos os passaportes. Isso aumentou a apreensão de Simons.

Todos se reuniram no quarto de Perot, que ligou novamente para Dallas, falando desta vez com T. J. Marquez.

— Falei com um advogado internacional de Washington e ele acha que há um tratado de extradição entre o Irã e a Alemanha —

disse T. J. — Comentou também que os alemães são extremamente legalistas em casos assim; se receberem um pedido para a prisão e extradição de Paul e Bill, provavelmente vão atender.

Perot repetiu tudo isso a Simons.

— Não vamos correr qualquer risco a esta altura dos acontecimentos — declarou Simons. — Há um cinema com três salas de projeção ao nível do porão neste aeroporto. Paul e Bill podem se esconder lá... Onde está Bill?

— Foi comprar pasta de dentes — disse alguém.

— Jay, vá chamá-lo.

Coburn saiu. Simons continuou:

— Paul vai para uma sala, com Jay. Bill vai para outra, com Keane. Pat Sculley fica de guarda no lado de fora. Ele compra entrada, a fim de poder entrar a qualquer momento e falar com os outros.

Era interessante, pensou Perot, observar os interruptores virarem e as engrenagens entrarem em funcionamento, com Simons passando de um velho relaxado num avião para assumir novamente o papel de líder de comandos.

— A entrada para a estação ferroviária fica no porão, perto do cinema — continuou Simons. — Se houver algum sinal de problema, Sculley tira os quatro homens do cinema e todos seguem de trem para o centro. Alugam um carro e seguem para a Inglaterra. Se nada acontecer, vamos buscá-los no cinema quando chegar o

momento de embarcarmos no avião. Muito bem, vamos nos aprontar.

Bill estava lá embaixo, na área das lojas. Trocara algum dinheiro e comprara pasta de dentes, uma escova e um pente. Decidiu que uma camisa nova o faria sentir-se humano outra vez e foi trocar mais algum dinheiro. Estava parado na fila do balcão de câmbio quando Coburn bateu em seu ombro.

— Ross quer falar com você no hotel.

— Para quê?

— Não posso falar aqui. Você precisa voltar.

— Só pode ser gozação.

— Vamos logo embora!

Foram para o quarto de Perot, que explicou a Bill o que estava acontecendo. Bill não queria acreditar. Pensara que estava absolutamente na moderna e civilizada Alemanha. E não pôde deixar de se perguntar: *Será que algum dia ficaria completamente a salvo?*

Será que Dadgar o perseguiria até o fim do mundo, jamais descansando enquanto Bill não voltasse ao Irã ou fosse morto?

Coburn não sabia se havia de fato alguma possibilidade de Paul e Bill correrem qualquer risco ali em Frankfurt, mas conhecia o valor das precauções meticulosas de Simons. Muito do que Simons planejava, ao longo das últimas sete semanas, dera em nada: o ataque à primeira prisão, a idéia de seqüestrar Paul e Bill de uma prisão domiciliar, a fuga pelo Kuwait. Mas também algumas das emergências que Simons previra haviam acontecido, quase sempre as que pareciam mais remotas: a Prisão Gasr fora invadida pelos revolucionários e Rashid estava lá; a estrada para Sero, que Simons e Bill haviam reconhecido com tanto cuidado, acabara se

convertendo no caminho de fuga; até mesmo a exigência de que Paul e Bill decorassem todas as informações constantes de seus passaportes falsos demonstrara ser crucial, quando o homem de sobretudo preto comprido começara a fazer perguntas. Coburn não precisava de qualquer persuasão: tudo o que Simons dizia estava certo para ele.

Desceram para o cinema. Havia três filmes em exibição, dois pornográficos e Tubarão II. Bill e Taylor entraram na sala de Tubarão II. Paul e Coburn foram assistir a um filme sobre as virgens nuas dos Mares do Sul.

Paul ficou olhando fixamente para a tela, entediado e cansado. O filme era alemão, embora o diálogo não tivesse muita importância. *O que podia ser pior, pensou ele, do que um mau filme de terceira categoria?* Subitamente, ele ouviu um ronco alto. Olhou para Coburn.

Coburn estava profundamente adormecido, roncando.

Quando John Howell e o resto da Equipe Limpa pousaram em Frankfurt, Simons já estava com tudo preparado para uma partida imediata.

Ron Davis estava no portão de chegada, esperando para tirar a Equipe Limpa da fila e conduzir a todos para outro portão, onde o Boeing 707 estava estacionado. Ralph Boulware observava de alguma distância; assim que visse o primeiro membro da Equipe Limpa aparecer, ele desceria para o cinema e avisaria a Sculley para chamar os outros. Jim Schwebach estava na área cercada da imprensa, onde os repórteres aguardavam os evacuados americanos. Estava sentado ao lado do escritor Pierre Salinger (que não sabia o quão perto estava de uma história realmente boa) e fingia ler um anúncio de móveis numa revista alemã. A missão de Schwebach era de seguir a Equipe Limpa de um portão para outro

apenas para certificar-se de que não havia ninguém atrás deles. Se houvesse algum problema, Schwebach e Davis prontamente provocariam um distúrbio qualquer. Não teria muita importância se fossem presos pelos alemães, pois não havia motivo para que fossem extraditados para o Irã.

O plano funcionou perfeitamente. Só houve um contratempo: Rich e Cathy Gallagher não queriam ir para Dallas. Não tinham amigos ou família lá, não sabiam qual seria o seu futuro, não sabiam se o cachorro *Buffy* teria permissão para entrar nos Estados Unidos, não queriam embarcar em outro avião. Despediram-se e foram tomar as suas próprias providências.

O resto da Equipe Limpa — John Howell, Bob Young e Joe Poché — seguiu Ron Davis e embarcou no Boeing 707. Jim Schwebach seguiu-os. Ralph Boulware chamou os outros e todos embarcaram no avião para o vôo de volta aos Estados Unidos.

Merv Stauffer, em Dallas, telefonara para o aeroporto de Frankfurt e encomendara comida para o vôo. Pedira 30 refeições superluxo, incluindo peixe, galinha e carne de vaca; seis bandejas com frutos do mar, com molho, rábano e limão; seis bandejas de *hors-d'oeuvre*; seis bandejas de sanduíches de presunto e queijo, rosbife, peru e queijo suíço; seis bandejas com legumes ao molho de vinagrete; três bandejas de queijos, pães e biscoitos; quatro bandejas de doces de luxo; quatro bandejas de frutas frescas; quatro garrafas de conhaque; 20 *Seven-Ups* e 20 *ginger ales*; 10 sodas e 10 tônicas; 10

litros de suco de laranja; 50 pacotes de leite; quatro galões de café fresco, em garrafas térmicas; uma centena de jogos de talheres de plástico, consistindo em faca, garfo e colher; seis dúzias de pratos de papelão, em dois tamanhos; seis dúzias de copos de plástico; seis dúzias de xícaras de plástico; dois pacotes de cigarros Kent, Marlboro, Kool e Salem Light; e duas caixas de chocolate.

Houve um mal-entendido e os fornecedores do aeroporto entregaram a encomenda em dobro.

A decolagem foi retardada. Houve uma tempestade inesperada, a pista ficou congelada e o Boeing 707 foi o último da fila para a partida, pois os vôos comerciais tinham prioridade. Bill começou a ficar preocupado. O aeroporto fecharia à meia-noite e talvez tivessem de deixar o avião e voltar ao hotel. Bill não queria passar a noite na Alemanha. Queria solo americano sob os seus pés.

John Howell, Joe Poché e Bob Young contaram a história do vôo de saída de Teerã. Tanto Paul como Bill ficaram estarecidos por saberem como Dadgar estava implacavelmente determinado a impedir que eles deixassem o país.

Finalmente o avião foi descongelado... mas o motor número 1

não quis pegar. O Comandante John Carlen descobriu que o problema estava na válvula de arranque. O mecânico Ken Lenz saltou do avião e manteve a válvula aberta manualmente, enquanto Carlen acionava o motor.

Perot levou Rashid à cabine de comando. Rashid nunca voara até o dia anterior e queria ficar com a tripulação. Perot disse a Carlen:

— Vamos fazer uma decolagem realmente espetacular.

— Não há problema.

Carlen taxiou pela pista e decolou a fim de efetuar uma subida íngreme.

Na cabine de passageiros, Gayden estava rindo. Acabara de saber que depois de seis semanas na prisão, em companhia apenas de homens, Paul fora obrigado a ficar assistindo a um filme pornográfico.

Achou muito engraçado. Perot abriu uma garrafa de champanha e propôs um brinde:

— Aos homens que declararam o que iam fazer, depois partiram e fizeram.

Ralph Boulware tomou um gole do champanha e sentiu um calor de satisfação espalhar-se por seu corpo. *É isso mesmo*, pensou ele. *Declaramos o que íamos fazer, depois saímos e fizemos.*

Absolutamente certo.

Ele tinha outro motivo para estar feliz. O aniversário de Kecia seria na próxima segunda-feira. Ela faria sete anos. Em todas as suas ligações para casa, Mary dizia:

— Volte a tempo para o aniversário de Kecia.

Parecia que ele ia conseguir. Bill começou finalmente a relaxar.

Agora, pensou ele, só um vôo me separa da América, de Emily e das crianças. Agora estou seguro.

Ele já se imaginara a salvo antes, quando chegara ao Hyatt, em Teerã, quando cruzara a fronteira para a Turquia, quando decolara de Van e quando aterrissara em Frankfurt. Estivera enganado em todas as ocasiões.

E estava enganado agora.

3

Paul sempre fora apaixonado por aviões e agora aproveitou a oportunidade para sentar-se na cabine de comando do Boeing 707.

Quando o avião sobrevoava o norte da Inglaterra, ele percebeu que o Comandante John Carlen, o engenheiro de vôo Ken Lenz e o primeiro-oficial Joe Fosnot estavam tendo problemas. Com o piloto automático ligado, o avião começou a derivar, primeiro para a esquerda e depois para a direita. A bússola não funcionava e o sistema automático de navegação giroscópica estava irregular.

— O que significa tudo isso? — perguntou Paul.

— Significa que teremos de efetuar um vôo manual por todo o Atlântico — respondeu Carlen. — Mas não podemos fazer isso... é extenuante demais.

Poucos minutos depois, o avião ficou gelado, depois muito quente. O sistema de pressurização estava falhando.

Carlen baixou o avião.

— Não podemos cruzar o Atlântico a esta altitude — disse ele a Paul.

— Por que não?

— Não temos combustível suficiente... um avião consome combustível demais em baixas altitudes.

— E por que não podemos voar mais alto?

— Não poderíamos respirar lá em cima.

— O avião tem máscaras de oxigênio.

— Mas não há oxigênio suficiente para a travessia do Atlântico.

Nenhum avião carrega tanto oxigênio.

Carlen e seus tripulantes mexeram nos controles por mais algum tempo. Finalmente, Carlen suspirou e disse:

— Pode pedir a Ross para dar um pulo aqui, Paul?

Paul foi chamar Perot. Carlen disse:

— Sr. Perot, acho que devemos pousar em algum lugar o mais depressa possível.

Ele explicou novamente por que não podiam cruzar o Atlântico com um sistema de pressurização defeituoso. Paul disse:

— John, eu lhe ficaria eternamente grato se não tivéssemos de pousar novamente na Alemanha.

— Não se preocupe — tranquilizou-o Carlen. — Seguiremos para o aeroporto de Heathrow, em Londres.

Perot foi avisar aos outros o que estava acontecendo, Carlen entrou em contato pelo rádio com o Controle de Tráfego Aéreo em Londres. Era uma hora da madrugada e ele foi informado que Heathrow estava fechado. Explicou que era uma emergência.

Concederam permissão para o pouso.

Paul tinha dificuldade em aceitar. Um pouso de emergência, depois de tudo por que ele passara!

Ken Lenz começou a despejar combustível, a fim de reduzir o peso máximo de carga do avião.

Londres comunicou a Carlen que havia nevoeiro sobre o sul da Inglaterra, mas no momento a visibilidade era de um quilômetro em

Heathrow. Quando Ken Lenz fechou as válvulas de descarga de combustível, uma luz vermelha que deveria se apagar insistiu em permanecer acesa.

— Uma das válvulas não quer fechar — informou Lenz.

— Não posso acreditar que isso esteja acontecendo — murmurou Paul, acendendo um cigarro.

Carlen disse:

— Pode me dar um cigarro, Paul?

Paul fitou-o com uma expressão de surpresa.

— Você me disse que tinha parado de fumar há dez anos.

— Apenas me dê um cigarro sem comentários, está bem?

Paul acendeu um cigarro para ele e disse:

— Agora estou realmente apavorado.

Paul voltou à cabine de passageiros. As aeromoças estavam mantendo a todos ocupados, guardando bandejas, garrafas e malas, nos preparativos para o pouso de emergência.

Paul foi para o quarto. Simons estava estendido na cama.

Barbeara-se com água fria e havia pedaços de esparadrapo em todo o rosto. Ele estava profundamente adormecido. Paul não o acordou, mas perguntou a Coburn:

— Simons sabe o que está acontecendo?

— Claro. Mas disse que não sabia pilotar um avião e por isso não havia nada que pudesse fazer... e que o melhor nas circunstâncias

era tirar um cochilo.

Paul sacudiu a cabeça, aturdido. *Como Simons podia manter a calma?*

Ele voltou à cabine de comando. Carlen estava controlado como sempre, a voz calma, as mãos firmes; mas aquele cigarro preocupava Paul.

Dois minutos depois, a luz vermelha se apagou. A válvula de descarga fechara.

Aproximaram-se de Heathrow numa nuvem densa e começaram a perder altitude. Paul olhava para o altímetro. Enquanto baixava para 200 metros e depois 150, ainda não se podia avistar coisa alguma lá fora, além do nevoeiro cinzento turbilhante.

A situação ainda era a mesma a 100 metros. E depois, subitamente, eles saíram da nuvem e lá estava a pista, bem na frente, acesa como uma árvore de Natal. Paul deixou escapar um suspiro de alívio.

O avião pousou e os carros de bombeiros e ambulâncias prontamente avançaram pela pista, as sirenes ligadas. Mas foi um pouso perfeito.

Rashid ouvira falar de Ross Perot por vários anos. Perot era o multimilionário, o fundador da EDS, o mago dos negócios, o homem que sentava em Dallas e despachava gente como Coburn e Sculley pelo mundo inteiro, deslocando-os como se fossem peças de xadrez.

Fora uma experiência e tanto para Rashid conhecer o Sr. Perot e descobrir que ele era apenas um ser humano de aparência comum, um tanto baixo e surpreendentemente cordial. Rashid entrara no quarto de hotel em Istambul e o homenzinho de sorriso grande e nariz adunco simplesmente estendera a mão e dissera:

— Oi! Sou Ross Perot!

Rashid apertara a mão estendida e respondera:

— Oi! Sou Rashid Kazemi!

Nada poderia ser mais natural. Desde aquele momento que Rashid se sentira, mais do que nunca, um homem da EDS. Mas no aeroporto de Heathrow ele foi bruscamente lembrado de que não era.

Assim que o avião parou, foi invadido por um bando de guardas do aeroporto, inspetores alfandegários e agentes de imigração, que começaram a fazer perguntas. Não gostaram do que viram: vários homens sujos, mal-encarados, malcheirosos, barbados, carregando uma fortuna em moedas diversas, a bordo de um avião espantosamente luxuoso. À sua maneira britânica, eles disseram que isso era altamente irregular, para falar o mínimo.

Contudo, depois de uma hora ou pouco mais de interrogatório, eles não conseguiram encontrar qualquer indício de que os homens da EDS fossem contrabandistas de tóxicos, terroristas ou membros da OLP. E como possuíam passaportes dos Estados Unidos, os americanos não precisavam de vistos ou qualquer outra documentação para entrar na Inglaterra. Foram todos admitidos... com exceção de Rashid. Perot foi falar com o agente de imigração:

— Não há razão para que você deva saber quem eu sou, mas meu nome é Ross Perot. Mas se quiser me verificar, talvez com a alfândega americana, creio que vai concluir que pode confiar em mim.

Eu teria muito a perder se tentasse contrabandear um imigrante ilegal para a Inglaterra. Assumirei a responsabilidade pessoal por esse rapaz.

Deixaremos a Inglaterra em 24 horas. Pela manhã entraremos em contato com as autoridades do aeroporto de Gatwick e depois partiremos no vôo da Braniff para Dallas.

— Receio que não será possível, senhor — disse o agente de imigração. — Esse cavalheiro terá de permanecer sob a nossa guarda, até ser embarcado em outro avião.

— Se ele ficar, eu também ficarei — declarou Perot, categórico.

Rashid ficou aturdido. Ross Perot estava disposto a passar a noite no aeroporto ou talvez numa cela de prisão, ao invés de deixar Rashid entregue à própria sorte! Era inacreditável. Se Pat Sculley ou Jay Coburn fizessem tal oferta, Rashid ficaria grato, mas não surpreso.

A oferta, no entanto, partia nada menos de Ross Perot! O agente de imigração suspirou.

— Conhece alguém na Grã-Bretanha que possa afiançá-lo, senhor?

Perot vasculhou a memória. *Quem eu conheço na Inglaterra?*

— Acho que não... espere um instante!

Mas é claro! Um dos maiores heróis da Inglaterra fora seu hóspede em Dallas duas vezes. Perot e Margot haviam sido hóspedes em sua casa na Inglaterra, um lugar chamado Broadlands.

— Conheço Earl Moutbatten, da Birmânia.

— Vou falar com meu superior — disse o agente, deixando o avião em seguida.

Ele demorou a voltar. Perot disse a Sculley:

— Assim que sairmos daqui, você está encarregado de nos arrumar lugares na primeira classe no vôo da Braniff para Dallas pela manhã.

— Está certo.

O agente de imigração voltou, comunicando a Rashid:

— Posso lhe dar 24 horas na Inglaterra.

Rashid olhou para Perot. *Puxa vida, pensou ele, que cara sensacional para se trabalhar!*

Eles foram para um hotel chamado Post House, perto do aeroporto. Perot ligou para Merv Stauffer, em Dallas.

— Merv, temos um homem aqui com um passaporte iraniano e sem visto americano... creio que você sabe de quem estou falando.

— Claro que sei.

— Ele salvou vidas americanas e não quero que seja incomodado quando chegarmos aos Estados Unidos.

— Darei um jeito.

— Sabe quem deve procurar. Resolva tudo, está bem?

— Certo.

Sculley acordou a todos às seis horas da manhã. Teve de arrancar Coburn da cama. Coburn ainda estava sofrendo os efeitos posteriores das pílulas que Simons lhe dera para ficar acordado.

Estava mal-humorado e exausto, não se importava de pegar ou não o avião.

Sculley providenciara um ônibus para levá-los ao aeroporto de Gatwick, que ficava a duas horas de viagem de Heathrow. Ao saírem, Keane Taylor, que estava se esforçando com um recipiente de plástico que continha dezenas de garrafas de bebidas e pacotes de cigarros, que comprara no aeroporto de Istambul, disse:

— Ei, alguém pode me dar uma ajuda para carregar esse negócio?

Ninguém disse nada. Todos embarcaram no ônibus.

— Então que se danem! — exclamou Taylor.

E ele deu tudo ao porteiro do hotel. No caminho para Gatwick, souberam pelo rádio do ônibus que a China invadira o Vietnã do Norte. Alguém comentou:

— Essa será a nossa próxima missão.

— Isso mesmo — disse Simons. — Podemos ser lançados entre os dois exércitos. Não importa para que lado atiremos, estaremos certos.

No aeroporto, andando por trás de seus homens, Perot notou que as pessoas recuavam, deixando-os passar. Percebeu subitamente como todos estavam com uma aparência terrível. A maioria não tomava um bom banho nem fazia a barba há vários dias. Vestiam as roupas mais estranhas, mal-ajustadas e sujas. E provavelmente também não estavam cheirando muito bem.

Perot pediu para falar com o chefe do serviço de passageiros da Braniff. Era uma empresa de Dallas e Perot já voara com eles para Londres em diversas ocasiões. Assim, a maioria do pessoal o conhecia.

Ele perguntou ao agente:

— Posso alugar todo o salão superior do 747 para o meu pessoal?

O agente estava olhando aturdido para os homens. Perot sabia o que ele estava pensando: o grupo do Sr. Perot geralmente consistia em empresários bem vestidos e discretos, e agora ali estava ele com o que parecia ser um bando de mecânicos que estivera trabalhando num motor particularmente sujo. O agente disse:

— Não podemos alugar o salão, senhor, por causa dos regulamentos aéreos internacionais. Mas creio que os outros passageiros não vão incomodá-los muito se os seus companheiros forem para o salão.

Perot compreendeu o que ele estava querendo dizer. Ao embarcar, Perot disse a uma aeromoça:

— Quero que esses homens tenham tudo o que quiserem neste avião.

Perot passou e a aeromoça virou-se para sua colega, espantada.

— Quem diabo ele é?

A colega informou.

O filme programado era *Embalos de Sábado à Noite*, mas o projetor não estava funcionando. Boulware ficou desapontado. Já havia visto o filma, mas esperava poder vê-lo novamente. Em vez disso, sentou-se e passou a conversar sobre trivialidades com Paul.

Quase todos os outros subiram para o salão. Mais uma vez, Simons e Coburn trataram de se acomodar da melhor forma possível e caíram no sono.

No meio do Atlântico, Keane Taylor, que há algumas semanas vinha carregando cerca de um quarto de milhão de dólares e distribuindo esse dinheiro a torto e a direito, resolveu de repente fazer um levantamento do que ainda lhe restava.

Estendeu uma manta no chão do salão e começou a recolher o dinheiro. Um a um, os outros membros da equipe foram tirando maços de notas dos bolsos, botas, chapéus, jogando tudo no chão.

Uns poucos outros passageiros de primeira classe haviam subido para o salão, apesar da aparência repulsiva do grupo do Sr. Perot. Mas agora, quando aquele bando malcheiroso e sinistro, barbudo, com gorros de lã e botas sujas, espalhou pelo chão várias centenas de milhares de dólares e começou a contar, os outros passageiros prontamente desapareceram. Poucos minutos depois, uma aeromoça subiu ao salão e foi falar com Perot:

— Alguns passageiros estão pedindo para informarmos à polícia sobre o seu grupo. Poderia descer para tranquilizá-los?

— Terei o maior prazer.

Perot desceu para a cabine de primeira classe e apresentou-se aos passageiros nas primeiras poltronas. Alguns já tinham ouvido falar dele. Perot começou por lhes contar o que acontecera com Paul e Bill.

Enquanto ele falava, outros passageiros se adiantaram para escutar. Os tripulantes da cabine pararam de trabalhar e ficaram perto.

Depois, os tripulantes da classe econômica também se aproximaram.

Não demorou muito para que se formasse uma pequena multidão.

Começou a ocorrer a Perot que aquela era uma história de que o mundo gostaria de tomar conhecimento.

Lá em cima, a equipe estava fazendo uma última brincadeira com Keane Taylor.

Enquanto recolhia o dinheiro, Taylor deixara cair três maços de notas, cada um com 10 mil dólares. Bill meteu-os no bolso, furtivamente.

Como não podia deixar de acontecer, a conta saiu errada. Todos se sentaram no chão, reprimindo o riso, enquanto Taylor contava tudo de novo.

— Como pode estar faltando 30 mil dólares? — disse Taylor, furioso.
— Mas isso é tudo o que temos! Talvez eu não esteja pensando direito. Que diabo há comigo?

A esta altura, Bill subiu para o salão e perguntou:

— Qual é o problema, Keane?

— Estão faltando 30 mil dólares e não sei o que fiz com esse dinheiro.

Bill tirou os três maços de notas do bolso.

— É isso o que está procurando?

Todos riram efusivamente.

— Dê-me isso! — berrou Taylor, furioso. — Gaylord! Eu gostaria de tê-lo deixado na prisão!

Todos riram ainda mais.

4

O avião baixou para o pouso em Dallas.

Ross Perot estava sentado ao lado de Rashid e lhe dizia os nomes dos lugares pelos quais estavam passando. Rashid olhava pela janela, aturdido com a terra plana e marrom, com as estradas largas que se prolongavam em linha reta por quilômetros e quilômetros.

América.

Joe Poché estava se sentindo muito bem. Sentira-se da mesma forma quando era capitão de um time de rúgbi em Minnesota, ao final de uma partida muito difícil, que haviam conseguido vencer. A mesma sensação lhe ocorrera quando voltara do Vietnam. Integrara uma boa equipe, sobrevivera, aprendera muita coisa, amadurecera.

Agora, tudo o que ele queria para tornar-se perfeitamente feliz eram algumas roupas limpas.

Ron Davis estava sentado ao lado de Jay Coburn.

— O que você vai fazer agora para ganhar a vida, Jay?

Coburn sorriu.

— Não sei.

Seria estranho, pensou Davis, sentar de novo atrás de uma mesa.

Ele não tinha certeza se a perspectiva o atraía.

Lembrou-se subitamente de que Marva estava agora com três meses de gravidez. Já devia estar começando a aparecer. Ele tentou imaginar a aparência dela com a barriga estufada.

Sei o que preciso, pensou ele. Preciso de uma Coca. Em lata.

De uma máquina. Num posto de gasolina. E galinha frita.

Pat Sculley estava pensando: *Nunca mais quero saber de táxis cor de laranja.*

Sculley estava sentado ao lado de Jim Schwebach: estavam juntos outra vez, a dupla baixa, mas perigosa, sem ter disparado em qualquer pessoa, durante toda a aventura. Haviam conversado sobre o que a EDS poderia aprender com o resgate. A companhia tinha outros projetos em países do Oriente Médio e estava se estendendo para o Extremo Oriente. Haveria uma equipe de resgate permanente, um grupo de homens sempre treinados e preparados, a fim de efetuar operações secretas em países distantes? Não, concluíram eles; aquela fora uma situação singular. Sculley sabia que não queria passar mais tempo em países primitivos. Em Teerã, ele odiara a provação matutina de se espremer num táxi laranja com dois ou três outros passageiros mal-humorados, a música persa saindo aos berros pelo rádio do carro, a discussão inevitável com o motorista pelo preço da corrida. *Onde quer que eu trabalhe em seguida, o que quer que faça, vou para o escritório sozinho, em meu próprio carro, um automóvel americano bem grande, com ar-condicionado e música suave. E quando entrar no banheiro, ao invés de me agachar num buraco no chão, encontrarei um lindo e maravilhoso vaso americano, todo branco.*

Quando o avião pousou, Perot lhe disse:

— Você será o último a desembarcar, Pat. Quero que espere até que os outros passem por todas as formalidades e resolva os problemas que surgirem.

— Está certo.

O avião parou. A porta foi aberta e uma mulher apareceu.

— Onde está o homem?

— Aqui — disse Perot, apontando para Rashid.

Rashid foi o primeiro a desembarcar.

Perot pensou: *Merv Stauffer já resolveu esse problema.*

Os outros desembarcaram e passaram pela alfândega.

No outro lado, a primeira pessoa que Coburn viu foi o atarracado Merv Stauffer, de óculos, sorrindo de orelha a orelha.

Coburn abraçou e apertou Stauffer, emocionado. Stauffer meteu a mão no bolso e tirou a aliança de Coburn.

Coburn ficou comovido. Deixara a aliança guardada com Stauffer. Desde então, Stauffer fora a base de toda a operação, sentado em Dallas, com um telefone grudado no ouvido, fazendo tudo acontecer. Coburn falara com ele quase todos os dias, transmitindo as ordens e pedidos de Simons, recebendo informações e conselhos. Ele sabia melhor do que ninguém como Stauffer fora importante, como todos haviam contado com ele para fazer qualquer coisa que fosse necessária. Mas apesar de tudo o que acontecera, Stauffer ainda se lembrara da aliança de casamento.

Coburn meteu-a no dedo. Pensara muito em seu casamento, durante as horas vazias em Teerã. Agora, no entanto, tudo desaparecera de sua mente e aguardava ansiosamente o encontro com Liz.

Merv disse-lhe que deixasse o terminal e embarcasse num ônibus que estava esperando lá fora. Coburn seguiu a orientação.

Deparou com Margot Perot no ônibus. Ele sorriu, trocou um aperto de mão. E depois, subitamente, o ar ficou repleto de gritos de alegria, com quatro crianças incontrolavelmente excitadas se

jogando em cima deles: Kim, Kristi, Scott e Kelly. Coburn riu e tentou abraçar a todas ao tempo.

Liz estava de pé atrás das crianças. Coburn desvencilhou dos filhos, gentilmente. Seus olhos se encheram de lágrimas. Abraçou a mulher, incapaz de falar.

Quando Keane Taylor entrou no ônibus, a mulher não o reconheceu. O marido normalmente elegante usava um blusão laranja imundo e um gorro de tricô. Ele não fazia a barba há uma semana e emagrecera oito quilos. Taylor ficou parado diante dela, imóvel, por vários segundos, até que Liz Coburn disse:

— Mary, não vai dizer alô a Keane?

E no instante seguinte os filhos dele, Mike e Dawn, agarraram-no. Era o dia do aniversário de Taylor. Ele estava fazendo 41 anos. E

foi o aniversário mais feliz de sua vida.

John Howell viu a mulher, Angela, sentada na frente do ônibus, atrás do motorista, com Michael, de 11 meses, no colo. O menino estava de jeans, com uma camisa listrada de rúgbi. Howell pegou-o e disse:

— Oi, Michael! Lembra-se do papai?

Ele sentou-se ao lado de Angie e passou o braço pelos ombros dela. Era um tanto incômodo, no banco do ônibus, Howell normalmente era tímido demais para demonstrações públicas de afeição. Mas ele continuou a abraçar Angie, porque era maravilhoso fazê-lo.

Ralph Boulware foi recebido por Mary e pelas meninas, Stacy e Kecia. Pegou Kecia no colo e disse:

— Feliz aniversário!

Tudo estava como deveria ser, pensou ele, ao abraçá-las. Fizera o que deveria fazer, a família estava ali, onde deveria estar. Ele sentia que provara alguma coisa, quanto menos não fosse para si mesmo.

Durante todos aqueles anos na força aérea manipulando instrumentos ou sentado num avião observando as bombas caírem, ele nunca sentira que sua coragem fora posta à prova. Seus conhecidos tinham medalhas por luta em terra, mas ele sempre experimentara a sensação constrangedora de que tivera um papel muito fácil, como o cara nos filmes de guerra que serve a comida no café da manhã, antes de os soldados de verdade partirem para o combate. Ele sempre se perguntara se teria coragem de fato. Agora, ele pensou na Turquia, como ficara retido em Adana, a viagem sob a nevasca naquele maldito Chevy 64, a mudança de pneu no escuro, com os filhos do primo do Sr. Fish. Pensou também no brinde de Perot aos homens que disseram o que iam fazer e depois saíram e fizeram. E soube da resposta. Ele tinha mesmo coragem.

As filhas de Paul, Karen e Ann Marie, estavam usando saias quadriculadas iguais. Ann Marie, a menor, agarrou-o primeiro. Ele pegou-a no colo, apertou-a com força. Karen já estava muito grande para que ele também a pegasse no colo, mas abraçou-a com igual força.

Por trás delas estava Ruthie, sua menina maior, toda vestida em tons de mel e creme. Ele beijou-a, por muito tempo, com muita força, depois contemplou-a. Não poderia parar de sorrir, mesmo que quisesse. Sentia que estava derretendo por dentro. Era a melhor sensação que já experimentara.

Emily estava olhando para Bill, como se não acreditasse que ele estivesse realmente ali. E ela murmurou:

— Puxa, como é bom tornar a vê-lo, amor!

O ônibus ficou um tanto quieto, enquanto ele a beijava. Rachel Schwebach começou a chorar.

Bill beijou as meninas, Vicki, Jackie e Jenny, depois olhou para o filho. Chris estava crescendo, no terno azul que ganhara no Natal. Bill já vira aquele terno antes. Podia lembrar-se de uma fotografia de Chris, parado diante da árvore de Natal, no terno novo. Era a fotografia que ficara por cima do beliche de Bill, numa cela de prisão, há muito e muito tempo, tão longe... Emily não parava de tocá-lo, como a certificar-se de que ele estava realmente ali.

— Você parece maravilhoso...

Bill sabia que sua aparência era absolutamente horrível. E

murmurou:

— Eu a amo.

Ross Perot entrou no ônibus e perguntou:

— Está todo mundo aqui?

— Meu papai não está! — disse uma vizinha chorosa.

Era Sean Sculley.

— Não se preocupe — disse Perot. — Ele já vem. É o nosso homem encarregado de ajeitar tudo.

Pat Sculley fora detido por um agente da alfândega e convidado a abrir sua valise. Estava levando todo o dinheiro. Vários outros agentes foram chamados e levaram Sculley a uma sala, para ser interrogado.

Os agentes pegaram diversos formulários. Sculley começou a explicar, mas eles não queriam ouvir., queriam apenas preencher os formulários.

- O dinheiro é seu?
- Não. Pertence à EDS.
- Já o tinha quando deixou os Estados Unidos?
- A maior parte.
- Quando e como deixou os Estados Unidos?
- Há uma semana, num 707 particular.
- Para onde foi?
- Para Istambul e depois para a fronteira iraniana.

Outro homem entrou na sala e indagou:

- É o Sr. Sculley?
- Isso mesmo.
- Lamento profundamente que tenha sido incomodado assim.

O Sr. Perot está à sua espera lá fora. — Ele virou-se para os agentes.

- Podem rasgar esses formulários.

Sculley sorriu e saiu. Não estava mais no Oriente Médio. Aquilo era Dallas, onde Perot era Perot.

Sculley entrou no ônibus e viu Mary, Sean e Jennifer. Abraçou-os e beijou-os, perguntando depois:

- O que está acontecendo?
- Há uma pequena recepção para vocês — disse Mary.

O ônibus começou a andar, mas não foi muito longe. Tornou a parar alguns metros adiante, em outro portão. Entraram novamente no aeroporto e foram conduzidos a uma porta em que estava escrito Sala Concorde.

Quando eles entraram, mil pessoas se levantaram, aclamando e aplaudindo.

Alguém estendera uma imensa faixa que dizia:

JOHN HOWELL, PAPAÍ NÚMERO 1

Jay Coburn ficou espantado com o tamanho da multidão e sua reação. O ônibus fora uma excelente idéia, proporcionando aos homens a oportunidade de se encontrarem com suas famílias em particular, antes de entrarem ali. Quem teria promovido tudo aquilo?

Stauffer, é claro.

Enquanto atravessava a sala, ele foi apertando as mãos estendidas em sua direção, ouvindo as pessoas dizerem “Como é bom vê-lo de novo! Seja bem-vindo de volta!” Coburn não podia conter o sorriso. Lá estava David Behne, lá estava Dick Morrison, os rostos se misturando, as palavras se fundindo num grande e caloroso Alô.

Quando Paul e Bill entraram, com suas mulheres e filhos, as aclamações aumentaram ainda mais.

Ross Perot, parado lá na frente, sentiu as lágrimas aflorarem a seus olhos. Estava mais cansado do que em qualquer outra ocasião de sua vida, mas também sentia-se imensamente satisfeito. Pensou em toda a sorte e todas as coincidências que haviam permitido o resgate: o fato de que conhecia Simons, de Simons estar disposto a aceitar a missão, da EDS ter contratado veteranos do Vietnam, de eles estarem dispostos a ir, do sétimo andar saber como fazer coisas pelo mundo inteiro por causa de sua experiência com a campanha

dos prisioneiros de guerra, de T. J. ter conseguido alugar um avião, da multidão revolucionária ter invadido a Prisão Gars...

E ele pensou em todas as coisas que poderiam ter saído erradas.

Recordou o provérbio: "O sucesso tem mil pais, mas o fracasso é órfão." Dentro de alguns minutos, ele contaria àquelas pessoas um pouco do que acontecera, como Paul e Bill haviam sido resgatados.

Mas seria difícil pôr em palavras os riscos assumidos, o custo terrível se a operação desandasse e tudo terminasse nos tribunais. Ou ainda pior. Perot recordou o dia em que deixara Teerã, como pensara supersticiosamente em sua sorte como areia escoando numa ampulheta. Subitamente, tornou a ver a ampulheta e toda a areia já escorrera. Ele sorriu para si mesmo, pegou a ampulheta imaginária e virou-a. Simons inclinou-se e falou no ouvido de Perot:

— Lembra-se de que me ofereceu pagamento?

Perot jamais esqueceria. Quando Simons exibia seu olhar gelado, qualquer um congelava.

— Claro que lembro.

— Está vendo isso? — disse Simons, acenando com a cabeça para a multidão.

Paul se aproximava deles, com Ann Marie no colo, atravessando a multidão de amigos a aclamar.

— Estou, sim.

— Pois é o meu pagamento.

E Simons deu uma tragada em seu charuto. A sala finalmente se aquietou e Perot começou a falar. Ele chamou Rashid, passou o braço pelos ombros do jovem iraniano.

— Quero que conheçam um dos elementos mais importantes da equipe de resgate. Como disse o Coronel Simons, Rashid pesa apenas pouco mais de 60 quilos, mas tem uma tonelada de coragem.

Todos riram e tornaram a bater palmas. Rashid olhou ao redor.

Muitas e muitas vezes pensara em ir para a América. Mas nem mesmo em seus sonhos mais delirantes imaginara que poderia ter uma recepção assim!

Perot começou a contar a história. Escutando, Paul sentiu-se estranhamente humilde. Não era um herói. Os outros eram os heróis.

Ele era um privilegiado. Porque pertencia ao melhor grupo de homens que podia existir no mundo.

Bill contemplou a multidão e avistou Ron Sperberg, grande amigo e colega por anos. Sperberg estava usando um grande chapéu de cowboy.

Estamos de volta ao Texas, pensou Bill. Aqui é o coração dos Estados Unidos da América, o lugar mais seguro do mundo. Eles não podem nos alcançar aqui. Desta vez, o pesadelo está realmente terminado. Estamos de volta. Estamos salvos. Estamos em casa.

Epílogo

Jay e Liz Coburn se divorciaram. Kristi, a segunda filha, a emotiva, preferiu viver com o pai. Coburn foi promovido a gerente de recursos humanos da EDS Federal. Em setembro de 1982, ele e Ross Perot Junior tornaram-se os primeiros homens a dar a volta ao mundo num helicóptero. O aparelho que usaram está agora no Museu Nacional do Ar e Espaço, em Washington. Seu nome é *Spirit of Texas*.

Paul tornou-se *comptroller* da EDS e Bill tornou-se o diretor de marketing do Medicaid, na Divisão de Assistência Médica.

Joe Poché, Pat Sculley, Jim Schwebach, Ron Davis e Rashid continuaram a trabalhar para a EDS, em diversas partes do mundo. A mulher de Davis, Marva, teve um menino, Benjamin, a 18 de julho de 1979.

Keane Taylor tornou-se o gerente regional da EDS na Holanda, trabalhando junto com Glenn Jackson. Gayden continuou a ser o presidente da EDS World e, assim, o chefe de Taylor.

John Howell tornou-se sócio da firma de advocacia de Tom Luce, Hughes & Hill. Angela Howell teve outra filha, Sarah, a 19 de junho de 1980.

Rich Gallagher deixou a EDS a 1º de julho de 1979. Era do leste e nunca se sentira plenamente integrado na EDS. Lloyd Briggs e Paul Bucha, que também eram do leste, deixaram a companhia na mesma ocasião.

Ralph Boulware também largou a EDS.

Lulu May Perot, a mãe de Ross Perot, morreu a 3 de abril de 1979.

Ross Perot Junior formou-se na universidade e foi trabalhar com o pai, no outono de 1981. Nancy Perot fez a mesma coisa um ano depois. O próprio Perot continuou a ganhar cada vez mais dinheiro.

Suas propriedades imobiliárias se valorizaram, a companhia petrolífera descobriu novos poços produtivos, a EDS obteve mais e maiores contratos. As ações da EDS, avaliadas em 18 dólares quando Paul e Bill foram presos, valorizaram seis vezes mais, quatro anos depois.

O Coronel Simons morreu no dia 21 de maio de 1979, depois de uma sucessão de ataques cardíacos. Nas últimas semanas de sua

vida teve como companheira constante Anita Melton, a exuberante aeromoça do Boeing 707. Foi um relacionamento estranho e trágico.

Nunca se tornaram amantes, no sentido físico, mas eram apaixonados.

Viveram juntos no chalé de hóspedes da casa de Perot em Dallas. Ela ensinou-o a cozinhar e Simons iniciou-a no jogging, controlando seus tempos com um cronômetro. Ficavam muito de mãos dadas. Depois que Simons morreu, seu filho Harry e sua mulher Shawn tiveram um filho, a que deram o nome de Arthur Simons, Junior.

A 4 de novembro de 1979 a embaixada dos Estados Unidos em Teerã foi novamente invadida por revolucionários iranianos. Desta vez eles ficaram com reféns. Foram 52 americanos mantidos prisioneiros por mais de um ano. Uma missão de resgate organizada pelo Presidente Carter teve um final ignominioso, nos desertos da região central do Irã.

Mas não se pode deixar de ressaltar que Carter não contou com a ajuda de Bull Simons.

Apêndice

TRIBUNAL DISTRITAL DOS ESTADOS UNIDOS PARA O

DISTRITO NORTE DO TEXAS, DIVISÃO DE DALLAS

ELECTRONIC DATA SYSTEMS CORP. DO IRÃ

versus

ORGANIZAÇÃO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DO GOVERNO DO

IRÃ, O MINISTÉRIO DA SAÚDE E BEM-ESTAR SOCIAL DO

GOVERNO DO IRÃ, O GOVERNO DO IRÃ N° CA3-79-218-F

(Trechos das Conclusões)

Nem a EDSCI nem qualquer pessoa por sua conta promoveu o contrato ilegalmente. Não houve qualquer prova de suborno de alguma autoridade ou emprego dos réus, a fim de garantir o contrato.

Também não foram apresentadas provas que sugerissem a existência de fraude ou corrupção pública na obtenção do contrato (...) O preço do contrato não foi exorbitante. Em vez disso, as provas mostraram que o preço foi razoável e de acordo com as quantias cobradas pela EDS a outros por serviços similares. O preço não se comparava desfavoravelmente com as quantias cobradas por outros na indústria de previdência social, por serviços similares (...) A falha da OPS e do ministério em apresentar aviso por escrito de não-aceitação das faturas sem pagamento foi indesculpável e por isso constituiu uma quebra do contrato. A designação do Dr. Towliati para a OPS, como diretor-executivo em exercício, não podia ser uma justificativa. Não encontro qualquer evidência de que os serviços do Dr. Towliati tenham influenciado o processo de aprovação das faturas.

Também não encontro qualquer evidência de que o Dr. Towliati tenha se desempenhado de maneira imprópria em sua função de revisar o desempenho, nos termos do contrato. Contudo, as provas mostraram que o ministério e a OPS tiveram amplas e contínuas oportunidades de controlar o desempenho da EDSCI. Além disso, não encontro provas concretas de fraude ou de que a EDSCI tenha conspirado com alguém para obter aprovação ilegítima, para pagamento de suas faturas ou para recusar aos réus uma justa oportunidade de avaliar o desempenho da EDSCI nos termos do contrato (...)

A EDSCI não violou materialmente as suas obrigações de desempenho pelos termos do contrato; ao contrário, a EDSCI teve um desempenho substancialmente de acordo com a descrição e

prazos de seus deveres, em todas as fases, até 16 de janeiro de 1978, a data do encerramento do contrato (...)

A indenização pelo contrato não se justifica pelas alegações dos réus, sem base em provas, de que a EDSCI obteve o contrato por fraude, suborno ou corrupção pública. Especificamente, as provas não demonstraram que o relacionamento da EDS com o Grupo Mahvi fosse ilegal. A execução e o desempenho da EDS nos termos do contratos não violaram nenhuma lei iraniana (...) A querelante introduziu uma pletora de provas, mostrando o fato e o resultado de seus serviços: depoimentos dos que administraram e executaram os sistemas de processamento de dados, evidências fotográficas ilustrando aspectos das funções de preparações dos dados, assim como relatórios conjuntos elaborados pela EDSCI e o ministério de benefícios sendo alcançados do contrato. Não houve provas concretas que permitissem rejeitar tudo isso (...) *(Trecho do Julgamento Fina!)*

É ORDENADO, DECIDIDO e DECRETADO que a querelante Electronic Data Systems Corporation do Irã tenha e recupere dos réus, o Governo do Irã, a Organização de Previdência Social do Governo do Irã e o Ministério da Saúde e Bem-Estar Social do Governo do Irã, conjuntamente e em separado, a quantia de 15 milhões, 177 mil e 404

dólares, mais dois milhões, 812 mil e 251 dólares como juros de prejulgamento, mais um milhão, 79 mil e 875 dólares como honorários de advogado, mais juros por todas essas quantias, na taxa de nove por cento ao ano, a partir desta data, mais todos os custos judiciais (...)

Agradecimentos

Muitas pessoas ajudaram, conversando comigo por horas a fio, respondendo a minhas cartas, lendo e corrigindo esboços deste livro.

Por sua paciência, franqueza e colaboração bem disposta, agradeço especialmente aos seguintes:

Paul e Ruthie Chiapparone, Bill e Emily Gaylord; Jay e Liz Coburn, Joe Poché, Pat e Mary Sculley, Ralph e Mary Boulware, Jim Schwebach, Ron Davis, Glenn Jackson; Bill Gayden, Keane Taylor, Rich e Cathy Gallagher, Paul Bucha, Bob Young, John Howell,

“Rashid”, Kathy Marketos; Lloyd Briggs, Tony Dvonranchjk; T. J.

Marquez, Tom Walter, Tom Luce; Merv Stauffer, para quem nada é incômodo demais; Margot Perot, Bette Perot; John Carlen, Anita Melton; Henry Kissinger, Zbigniew Brzezinski, Ramsey Clark, Bob Strauss, William Sullivan, Charles Naas, Lou Goelz, Henry Precht, John Stempel; Dr. Manuchehr Razmara; Stanley Simons, Bruce Simons, Harry Simons; Tenente-Coronel Charles Krohn, no Pentágono; Major Dick Meadows, General Robert McKinnon; Dr.

Walter Stewart, Dr. Harold Kimmerling.

Como sempre, fui ajudado por dois incansáveis pesquisadores Dan Starer, em Nova York, e Caren Meyer, em Londres.

Fui também ajudado pela extraordinária equipe de telefonistas da sede da EDS em Dallas.

Mais de uma centena de horas de entrevistas gravadas foram transcritas por Sally Walther, Claire Woodward, Linda Huff, Cheryl Hibbitts e Becky DeLuna.

Agradeço finalmente a Ross Perot, sem cuja espantosa energia e determinação não apenas este livro, mas também a aventura que é o seu tema teriam sido impossíveis.

Bibliografia

Beny, Roloff: Persia, Bridge of Turquoise (Thames & Hudson) Carter, Jimmy: Keeping Faith — Memoirs of a President (Collins) Forbis, William H: Fall of the Peacock Throne (McGraw-Hill) Ghirshman, R: Iran (Pinguin)

Graham, Robert: Iran (St Martin's Press)

Helms, Cynthia: An Ambassador's Wife in Iran (Dodd, Mead) Keddie, Nikki R: Roots of Revolution (Yale University Press) Ledeen, Michaci and William Lewis: Debacle: The American Failure in Iran (Knopf)

Maheu, René and Bruno Barbey: Iran (Editions J.A.) Pahlavi, Mohammad Reza: Answer to History (Stein & Day) Roosevelt, Kermit: Countercoup (McGraw-Hill)

Schemmer, Benjamin F: The Raid (Harper & Row) Stempel, John D: Inside the Iranian Revolution (Indiana University Press)

Sullivan, William H: Mission to Iran (Norton)